



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

ALEXANDRE MAGNO MACIEL COSTA E BRITO

**PRÁTICAS DO ESPAÇO NAS NOITES DE BRASÍLIA:
uma homotranscartografia do centro do Distrito
Federal (1970-2000)**

Brasília, março de 2024



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

ALEXANDRE MAGNO MACIEL COSTA E BRITO

**PRÁTICAS DO ESPAÇO NAS NOITES DE BRASÍLIA:
uma homotranscartografia do centro do Distrito
Federal (1970-2000)**

ORIENTADORA: PROFA. DRA. ANA FLÁVIA MAGALHÃES PINTO

Tese de doutorado apresentada ao Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília para obtenção do título de doutor em História, na área de concentração em História Social

Brasília, março de 2024

**PRÁTICAS DO ESPAÇO NAS NOITES DE BRASÍLIA:
uma homotranscartografia do centro do Distrito Federal (1970-2000)**

Banca Examinadora

Profa. Dra. Ana Flávia Magalhães Pinto – PPGHIS/UnB
Orientadora

Profa. Dra. Lauri Miranda Silva – Seduc/RO
Membra

Prof. Dr. Rodrigo de Azevedo Weimer – Apers/UFRGS
Membro

Prof. Dr. Daniel Barbosa Andrade de Faria – PPGHIS-UnB
Membro

Prof. Dr. Elias Ferreira Veras – PPGH-UFAL
Suplente

Prof. Dra. Mariléa de Almeida – HIS/UnB
Suplente

Perdi-me do nome,
Hoje podes chamar-me de tua
Dancei em palácios
Hoje danço na rua
Vesti-me de sonhos
Hoje visto as bermas da estrada
De que serve voltar
Quando se volta para o nada
Eu não sei se um Anjo me chama
Eu não sei dos mil homens na cama
E o céu não pode esperar
Eu não sei se a noite me leva
Eu não ouço o meu grito na treva
O fim quer me buscar
Sambei na avenida
No escuro fui porta-estandarte
Apagaram-se as luzes
É o futuro que parte
Escrevi o desejo
Corações que já esqueci
Com sedas matei
E com ferros morri

Pedro Abrunhosa

Dedico esta tese a Danny Wonderful, Bethynha Surfistinha e M@na Vida, cujas histórias restauram a minha esperança de poder seguir vivo na cidade nervosa, Brasília.

AGRADECIMENTOS

Quero compartilhar minha profunda gratidão com a minha amada família, cujo apoio diário e paciência foram verdadeiros alicerces ao longo desta jornada de doutorado. Em especial a minha mãe, que, sem o seu amor eu não estaria vivo.

À minha irmã Stefânia, que sempre me incentivou a trilhar esse caminho.

Meu pai, agora residente em Aruanda (como costumava dizer quando alguém partia), merece um reconhecimento especial por me transmitir coragem e a valiosa lição de perseverança.

Ao Rafa meu irmão, por me ensinar e me inspirar tantas vezes. A gente forma uma bela dupla de historiadores babadeira. Amo você.

À minha cunhada, dona das mais belas palavras, desde quando era minha aluna.

Às minhas queridas amigas do Bonde: Thaís Lopes Rocha, Stephane Ramos da Costa, Fernanda Britto Pinheiro Cerqueira, Janira Sodré Miranda, Mariana de Mesquita Santos, Ana Paula Oliveira Lima, Keila Vila Flor Santos e Leonor Soares Costa.

À amiga e pesquisadora Sara Wagner York, pela sua presença em minha vida, tal qual uma luz que me indica um caminho, um norte, uma saída.

À Edlene Silva, que foi minha orientadora durante o mestrado e início do doutorado, sua importância em minha vida transcende os limites da universidade, é um amor que perdura no tempo.

Ao meu grande amigo e irmão Fábio Valeriano, expesso minha gratidão não apenas pelo carinho, mas também pela significativa contribuição em todas as etapas desse desafiador processo. Meu irmão de vida!

E não posso esquecer de mencionar minha comadre historiadora, Nelcilene Santos Gama, cujas sabedorias fundamentais fortaleceram meu caminho até aqui e por ter confiado meu amado afilhado dando outro sentido a minha vida.

Ao Rodrigo (Índia), à Cristyan, à M@na Vida, à Danny Wonderful e à Bethynha Surfistinha, expesso minha gratidão por confiarem em mim ao compartilharem suas vidas, revelando uma cidade muitas vezes não percebida.

Um agradecimento especial à Prof^a Dra. Ana Flávia Magalhães Pinto, minha atual orientadora e amiga, por sua competência inigualável, doçura e compreensão, fundamentais na construção desta tese.

À Rede Brasileira de Historiadoras/es LGBTQIA+, agradeço pelo trabalho inspirador que oferece aos pesquisadores.

Reconheço com apreço a Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal por permitir minha licença durante os quatro anos deste doutorado.

Ao Sinpro-DF, minha gratidão por sempre me apoiar em participações em eventos acadêmicos.

Por fim, ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília – PPGHIS-UnB, meu agradecimento por ser um ambiente de aprendizado no qual conquistamos crescimento acadêmico, a cada desafio superado em forma de oportunidade de amadurecimento.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Capitão Gay (à esquerda) e Carlos Suely (à direita).....	15
Figura 2 aids: morte e estigma.....	25
Figura 3 “Eles escolheram a pior foto” do Cazuzá.....	27
Figura 4 Kátia recebe a coroa de Miss Brasília Boneca 1978, boate New.....	44
Figura 5 Quadro explicativo sobre os riscos de violência, exclusão e morte a partir dos recortes de Gênero, Identidade de Gênero, Leitura Social, Raça/Etnia e Classe Social.....	56
Figura 6 O superintendente tem razão.....	68
Figura 7 O superintendente não tem razão.....	68
Figura 8 Travestis em perigo: “Operação de Limpeza” em São Paulo, no ano de 1980.	76
Figura 9 – “Todo mundo na parede!”: “Operação de Limpeza” em São Paulo, no ano de 1980.....	76
Figura 10 Recorte do retrato de Luizinho extraído da reportagem.....	87
Figura 11 Mapa do Setor Comercial Sul (SCS).....	91
Figura 12 Parque da Cidade nos Anos 1980.....	95
Figura 13 Ortofotografia do Conjunto Nacional de Brasília.....	104
Figura 14 Ortofotografia do Setor de Diversões Sul (SDS) – CONIC.....	114
Figura 15 <i>New Aquarius</i> : deslumbramento, charme e luxo.....	116
Figura 16 “ <i>Hello Broadway</i> ”.....	122
Figura 17 Bonecas: luxo, arte e erotismo.....	122
Figura 18 “A guerra das Estrelas”.....	122
Figura 19 “Miss Brasília Boneca 78”.....	122
Figura 20 “Estrelíssima Rogéria”.....	125
Figura 21 “Morre uma estrela”.....	126
Figura 22 Senhoras e senhores, com vocês o Cine Ritz!.....	138
Figura 23 “O barco do sexo” e muita sacanagem no intervalo.....	138
Figura 24 “Solar das taras proibidas” e “A chupeta erótica”.....	141
Figura 25 Nunca mais vocês terão medo de montar: “Loucas por cavalos”.....	141
Figura 26 “AIDS furor do sexo”.....	143
Figura 27 Jhonny Alcantara: um dos maiores bailarinos do momento.....	146
Figura 28 Agora é a vez dele mostrar o seu balanço.....	146

Figura 29 Fachadas do Cine Atlântida e Teatro Dulcina nos anos 1980.....	150
Figura 30 Ortofotomapa do Plano Piloto de Brasília	155
Figura 31 Cruzeiro Center.....	182
Figura 32 Ortofotomapa do Setor Militar Urbano.....	187
Figura 33 Ortofotomapa Cruzeiro Center.....	187
Figura 34 Ortofotomapa do Parque da Cidade Dona Sarah Kubitschek.....	189
Figura 35 Ortofotomagem Estacionamento 3 do Parque da Cidade.....	190
Figura 36 Ortofotomapa do Estacionamento 3 do Parque da Cidade.....	190
Figura 37 Ortofotomagem do Estacionamento 4 do Parque da Cidade.....	191
Figura 38 Ortofotomapa do Estacionamento 4 do Parque da Cidade.....	19
Figura 39 Ortofotomagem do Pavilhão de Exposições do Parque da Cidade.....	194
Figura 40 Ortofotomagem do Pavilhão de Exposições do Parque da Cidade.....	194
Figura 41 Ortofotomapa do Nicolândia Center Park, Parque da Cidade.....	195
Figura 42 Ortofotomagem do Nicolândia Center Park.....	196
Figura 43 Nicolândia Center Park.....	197
Figura 44 Ortofotomapa do Setor Comercial Sul (SCS).....	198
Figura 45 Ortofotomagem do Setor Comercial Sul (SCS).....	199
Figura 46 Ortofotomapa do CONIC ou Setor de Diversões Sul (SDS)	200
Figura 47 Ortofotomagem do CONIC ou Setor de Diversões Sul (SDS).....	201
Figura 48 Ortofotomapa da Rodoviária do Plano Piloto	202
Figura 49 Ortofotomagem do Conjunto Nacional.....	203
Figura 50 Ortofotomagem da Rodoviária do Plano Piloto	203
Figura 51 Ortofotomagem Setor de Diversões Sul (SDS) – CONIC.....	204
Figura 52 Seria apenas um pé de manga?.....	213
Figura 53 Ortofotomagem CONIC.....	238
Figura 54 Ortofotomagem Hotel <i>Bonapart Bluepoint</i>	238
Figura 55 Ortofotomagem Setor Comercial Sul (SCS).....	253
Figura 56 Ortofotomagem Via S 2 Leste.....	254
Figura 57 Via S2.	254
Figura 58 Ortofotomagem Via S 2 Leste.....	264
Figura 59 Homotranscartografia; Rotas que se encontram e se cruzam (adaptação).....	269

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 Visão geral da ocupação da área central de Brasília por gays e travestis.....	266
Tabela 2 Regiões inseridas a partir dos relatos de M@na Vida (Cruzeiro e Esplanada dos Ministérios).....	266
Tabela 3 Espaços compartilhados entre gays e travestis.....	267
Tabela 4 Espaços de vivências de travestis a partir dos relatos de Danny Wonderful e Betinha Surfistinha.....	268

RESUMO

A presente tese de doutorado em História Social buscou construir uma homotranscartografia, visando refletir e explicar como as práticas cotidianas de travestis e gays ressignificaram e incorporaram novos sentidos ao centro do Plano Piloto de Brasília, Distrito Federal, durante as décadas de 1970, 1980 e 1990. Para sua construção, realizou-se a análise de textos legais, de publicações do *Correio Braziliense* e a condução de entrevistas com três travestis, Ágatha Cristyan Danny Wonderful e Bethynha Surfistinha, e um homem gay conhecido por M@na Vida, que desempenharam papéis importantes nessa região da cidade. As reflexões presentes neste estudo buscaram questionar os sentidos e significados negativos que frequentemente afetavam essas pessoas, suas reivindicações territoriais, experiências e histórias, submetendo-as à violência simbólica e à violação de seus direitos fundamentais. As experiências compartilhadas pelas pessoas entrevistadas, que se tornaram ainda mais intensas a partir dos diálogos com as histórias de Cassandra, Charla Le Clerry, Sara, Ernesto Alfredo, Morgana, Savana, Carla Facão, entre tantas outras pessoas, possibilitaram a compreensão da dinâmica construtiva do novo desenho e processo de ocupação e ressignificação do espaço em Brasília. O diálogo estabelecido com essas fontes foi enriquecido por meio da interlocução com diversos aportes teóricos, com destaque para as “práticas do espaço ou espaços praticados”, de Michel de Certeau; as “territorialidades itinerantes”, conforme definidas por Néstor Perlongher; além dos conceitos de “estigma e comportamento desviante”, formulados por Gilberto Velho, bem como diversos trabalhos publicados por membros das duas comunidades. Desta forma, a presente tese busca ser uma contribuição à consolidação e afirmação da História da População LGBTQIA+ no Brasil, bem como uma história do DF para além das baixas expectativas muitas vezes impostas à chamada história regional.

PALAVRAS-CHAVE: Travestis, Gays, Espaço, Territorialidades, Brasília.

SPACE PRACTICES ON NIGHTS IN BRASÍLIA: a homotranscartography of the center of the Distrito Federal (1970-2000)

ABSTRACT

The present doctoral thesis in Social History sought to construct a homotranscartography, aiming to reflect and explain how the daily practices of transvestites and gays resignified and incorporated new meanings to the center of the Plano Piloto of Brasília, Distrito Federal, during the 1970s, 1980s and 1990s. For its construction, it was carried out the analysis of legal texts, publications of the *Correio Braziliense* and the conduction of interviews with three transvestites, Ágatha Cristyan, Danny Wonderful and Bethynha Surfistinha, and a gay man known as M@na Vida, who played important roles in this region of the city. The reflections presented in this study sought to question the negative senses and meanings that frequently affected these people, their territorial claims, experiences and histories, subjecting them to symbolic violence and the violation of their fundamental rights. The experiences shared by the people interviewed, which became even more intense from the dialogues with the stories of Cassandra, Charla Le Clerry, Sara, Ernesto Alfredo, Morgana, Savana, Carla Facão, among many other people, made it possible to understand the constructive dynamics of the new design and process of occupation and resignification of space in Brasília. The dialogue established with these sources was enriched through dialogue with various theoretical contributions, with emphasis on the "practices of space or practiced spaces", by Michel de Certeau; the "itinerant territorialities", as defined by Néstor Perlongher; in addition to the concepts of "stigma and deviant behavior", formulated by Gilberto Velho, as well as several works published by members of the two communities. In this way, this thesis seeks to be a contribution to the consolidation and affirmation of the History of the LGBTQIA+ Population in Brazil, as well as a history of the Federal District beyond the low expectations often imposed on the so-called regional history.

KEYWORDS: Transvestites, Gays, Space, Territorialities, Brasília.

PRATIQUES SPATIALES LES NUITS A BRASÍLIA: une homotranscartographie du centre du Distrito Federal (1970-2000)

RÉSUMÉ

La présente thèse de doctorat en histoire sociale a cherché à construire une homotranscartographie, visant à réfléchir et à expliquer comment les pratiques quotidiennes des travestis et des gays ont resignifié et incorporé de nouvelles significations au centre du Plano Piloto de Brasília, Distrito Federal, au cours des années 1970, 1980 et 1990. Pour sa construction, il a été réalisé l'analyse de textes juridiques, les publications du *Correio Braziliense* et la réalisation d'entretiens avec trois travestis, Ágatha Cristyan, Danny Wonderful et Bethynha Surfistinha, et un homosexuel connu sous le nom de M@na Vida, qui a joué un rôle important dans cette région de la ville. Les réflexions présentées dans cette étude ont cherché à interroger les sens et les significations négatives qui ont fréquemment affecté ces personnes, leurs revendications territoriales, leurs expériences et leurs histoires, les soumettant à la violence symbolique et à la violation de leurs droits fondamentaux. Les expériences partagées par les personnes interviewées, qui sont devenues encore plus intenses grâce aux dialogues avec les histoires de Cassandra, Charla Le Clerry, Sara, Ernesto Alfredo, Morgana, Savana, Carla Facão, entre autres, ont permis de comprendre l'impact constructif dynamique de la nouvelle conception et du processus d'occupation et de resignification de l'espace à Brasília. Le dialogue établi avec ces sources s'est enrichi d'un dialogue avec diverses contributions théoriques, en mettant l'accent sur les « pratiques de l'espace ou espaces pratiqués », par Michel de Certeau ; les « territorialités itinérantes », telles que définies par Néstor Perlongher ; en plus des concepts de « stigmatisation et de comportement déviant », formulés par Gilberto Velho, ainsi que plusieurs ouvrages publiés par des membres des deux communautés. De cette manière, cette thèse cherche à être une contribution à la consolidation et à l'affirmation de l'histoire de la population LGBTQIA+ au Brésil, ainsi qu'une histoire du District fédéral au-delà des faibles attentes souvent imposées à la soi-disant histoire régionale.

MOTS-CLES : Travestis, Gays, Espace, Territorialités, Brasília.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO 1 – Cidade Nervosa	13
1.1 O historiador como sujeito histórico e sujeito da escrita.....	13
1.2 aids: do medo à luta.....	18
1.3 A regra aqui é viver!.....	31
1.4 Sujeitos da Análise: gays e travestis.....	37
CAPÍTULO 2 – CIDADE ESCANCARADA: GAYS E TRAVESTIS NA CIDADE EM MOVIMENTO	59
2.1 Mictórios, bares e chicletes: pegação e sociabilidade na rodoviária do Plano Piloto de Brasília.....	62
2.2 Setor Hoteleiro Sul (SHS): onde tudo acontece!.....	82
2.3 A noite no Setor Comercial Sul (SCS): <i>trottoir</i> e enfrentamento no centro da capital	91
2.4 Parque da Cidade Sarah Kubitschek: da Floresta dos Sussurros ao Castelo de Grayskull	94
2.5. Cruzeiro da Alegria	98
2.6 Setor Militar Urbano: o lado quente das Forças.....	100
CAPÍTULO 3 – CIDADE DIVERSÃO: DO CONJUNTO NACIONAL AO CONIC, UM CURTO CAMINHO ATÉ O “BURACO QUENTE”	104
3.1 Fome, desfile e banheirão: o roteiro da pegação no Conjunto Nacional de Brasília.....	104
3.2 Setor de Diversões Sul (SDS) – SDS: onde tudo começa!.....	110
CAPÍTULO 4 – CIDADE DESVIADA, CIDADE TRANSVIADA.....	155
4.1 O babado é ser livre	156
4.2 O desejo transforma a cidade.....	178
CAPÍTULO 5 – CIDADE OUSADIA: TRAVESTILIZANDO O CENTRO DO DISTRITO FEDERAL	207
5.1 As travestis e a arte de costurar a cidade.....	207
5.2 Flanando com Danny Wonderful	208
5.3 “Escreva aí: Quero que me chame de Bethynha Surfistinha!”	229
5.4 Considerações sobre a arte de cortar, costurar e vestir-se de cidade.....	248
CONSIDERAÇÕES FINAIS: HOMOSTRANS CARTOGRAFANDO O CENTRO DO DISTRITO FEDERAL.....	260
FONTES.....	271
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	273
ANEXOS	284
Parecer 4.923.776 do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) – Plataforma Brasil.....	285
Entrevistas	289

INTRODUÇÃO

Esta tese de doutorado é sobre vidas e por essa razão escolhi algumas canções sobre Brasília para me guiar nesse momento, quase que num passeio nessa aura utópica que circunda as representações sobre essa cidade. Muitas das palavras a serem registradas nas próximas linhas se aproximavam aos ideais incorporados ao seu projeto inicial, algo repensado por Lúcio Costa anos depois à aprovação do seu projeto, sobretudo por perceber o caráter transformador imputado pela presença dos “verdadeiros brasileiros”.

Ainda que em muitos momentos, especialmente na primeira parte do trabalho, quando trato das representações negativas sobre gays e travestis nas páginas do *Correio Braziliense*, em que experimentavam as dores ao ocuparem as ruas do centro capital – projetada para que não existissem ruas – não seria possível, na condição de um pesquisador Brasiliense, nascido no Planalto Central na década de 1970, esquecer a dimensão do sonho que trouxe a família dos meus avós maternos, juntamente com minha mãe, que deixaram para trás o estado da Paraíba, em busca do sonho de uma vida melhor quando essas terras ainda eram Goiás.

Esse mesmo desejo de construir uma história, fez com que meu pai deixasse o estado do Maranhão e partisse rumo ao centro do país, onde tudo era cerrado, mas que parecia transbordar em esperança. Eu venho do encontro entre a Paraíba, Maranhão e Goiás, cujo resultado é Brasília. Jackson do Pandeiro, em sua canção “Rojão Brasília”, traz impressões muito próximas às das pessoas que aqui chegaram:

O Brasil está construindo mais uma grande cidade
Que antigamente foi sonho e hoje é realidade
Está ficando povoado, todo o meu Brasil central
Riqueza próprias e glória, trouxe a nova capital

A gente vê em Brasília, estradas que não têm fim
Pergunta para o candango e ele responde assim
Aquela vai pra São Paulo, Rio Grande e Paraná
A outra pra Pernambuco e essa vai pro Pará

Vai cortando a mata virgem que nem o sol penetrou
Ligando de Norte a Sul, nosso Brasil, nosso amor
O planalto é tão lindo que a gente tem a impressão
Que bem ali, bem pertinho, o céu encosta no chão

É, quem tiver de malas prontas pode ir que se da bem
Leve todos os cacarecos, leve seu xodó também
Esse conselho é pros homem, porque mulher lá não tem¹

¹ PANDEIRO, Jackson do; VALE, João do. *Rojão de Brasília*. Universal Music Ltda: 2016. Spotify.

A canção de Jackson do Pandeiro reflete esse sentimento com maestria da mesma forma que as pessoas projetaram a impressão sobre o Plano Piloto como um dos lugares mais importantes da capital do Brasil. Brasília, além de centro administrativo do país, foi pensada por Lúcio Costa como uma cidade planejada para o trabalho, cultura e moradia, algo que passava pelo sonho das pessoas. Porém, a realidade sempre se impõe, e com Brasília não foi diferente, principalmente quando pensamos na distância entre a cidade planejada e cidade vivida, onde o cotidiano superou o projeto, algo sentido pelo próprio Lúcio Costa que em tom quase que reconciliador, descreveu o centro do Plano Piloto, em 1991, décadas após seu projeto ter vencido o “Concurso Nacional do Plano Piloto da Nova Capital do Brasil”, como um lugar de trânsito, movimento e passagem. Sobre a rodoviária, o urbanista disse:

Eu caí em cheio na realidade, e uma das realidades que me surpreenderam foi a Rodoviária, à noite. Eu sempre repeti que essa Plataforma Rodoviária era o traço de união da metrópole, da capital, com as cidades-satélites improvisadas da periferia. É um ponto forçado, em que toda essa população que mora fora entra em contato com a cidade. Então eu senti esse movimento, essa vida intensa dos verdadeiros brasilienses, essa massa que vive nos arredores e converge para a Rodoviária. Ali é a casa deles, é o lugar onde se sentem à vontade. Eles protelam, até, a volta e ficam ali, bebericando. Eu fiquei surpreendido com a boa disposição daquelas caras saudáveis. E o “centro de compras”, então, fica funcionando até meia noite... Isto tudo é muito diferente do que eu tinha imaginado para esse centro urbano, como uma coisa requintada, meio cosmopolita. Mas não é. Quem tomou conta dele foram esses brasileiros verdadeiros que construíram a cidade e estão ali legitimamente. É o Brasil... E eu fiquei orgulhoso disso, fiquei satisfeito. É isto. Eles estão com a razão, eu é que estava errado. Eles tomaram conta daquilo que não foi concebido para eles. Então eu vi que Brasília tem raízes brasileiras, reais, não é uma flor de estufa como poderia ser, Brasília está funcionando e vai funcionar cada vez mais. Na verdade, o sonho foi menor que a realidade. A realidade foi maior, mais bela. Eu fiquei satisfeito, me senti orgulhoso de ter contribuído².

O projeto vencedor vislumbrou uma Brasília funcional, ao mesmo tempo em que, por meio de esboços, apresentou a nova cidade – capital do Brasil – como "a menina dos olhos da modernidade brasileira". Ainda que ocupasse no imaginário social a ideia de um quebra-cabeça perfeito, no qual todas as peças se encaixavam, algo distante da realidade, já que a própria organização espacial operava a exclusão e os privilégios sobre a cidade, Brasília se erguia a partir de seu Plano Piloto e trazia em si a esperança de prosperidade e a possibilidade do encontro entre o centro, a periferia e seus moradores.

Ainda que fosse possível a sociabilidade entre seus diversos segmentos sociais em seus múltiplos espaços, a cidade se apresentava como algo intocável e milimetricamente medida em

² Trecho de entrevista de Lúcio Costa em 1984, em plena Plataforma Rodoviária. CANEZ, Ana Paula; SEGAWA, Hugo. *Brasília: utopia que Lúcio Costa inventou. Arquitextos*, São Paulo, ano 11, n. 125.00, Vitruvius, out. 2010. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/11.125/3629>. Acesso em: setembro de 2023.

sua projeção. Lúcio Costa não imaginava que ali no seu projeto estava posta uma Brasília-contradição, e, que, não havia poesia capaz de esconder a fronteira existente entre estabelecidos e marginais, entre o centro e a periferia, e que populações excluídas criariam sua própria Brasília por meio de suas identidades, necessidades materiais e políticas. Segundo Robert Pechman,

Todos os afetos estão na cidade. Ódio, paixões, vergonhas, compaixões, ressentimentos, desejos. Quanto mais a cidade puder absorver esses afetos, mais densamente humana ela vai se tornando. E quanto mais complexos forem esses afetos e mais variada a rede de relações humanas e sociais, tanta maior elaboração será necessária à decodificação de seu sistema de valores e à sua representação. Assim, felizes ou infelizes, pouco importa dividi-las nessas duas categorias, o que conta mesmo é se as cidades conseguem cancelá-las³.

Essa construção cotidiana da cidade se deu a partir do movimento imputado pela presença das pessoas que vinham de toda parte e que fizeram de cada um dos lugares, seus espaços de reconhecimento e interações sociais. Nesse sentido, movimento foi a primeira palavra que me veio a mente para pensar na apropriação e ressignificação dos espaços urbanos de Brasília. Mesmo se tratando de um simples substantivo, ele parece traduzir as principais substâncias que compunham as histórias do centro do Distrito Federal.

Segundo o *Priberam*, dicionário da Língua Portuguesa, a palavra movimento significa: 1. Ato ou efeito de mover ou de mover-se; 2. Deslocação; 3. Mudança de lugar ou de posição; 4. Evolução; 5. Agitação; 6. Animação; 7. Revolta; sedição; 8. Giro; 9. Marcha (dos corpos celestes); 10. Marcha (de tropas); 11. Gesto, Ademane. Quando olhamos para o centro do Distrito Federal, não é exagero afirmar que os significados atribuídos ao verbete “movimento” alcançaram as histórias de gays e travestis na ocupação e transformação de alguns espaços da capital.

Partindo desse ponto, a cidade planejada dava lugar a uma cidade apropriada e com novos sentidos. O centro do Plano Piloto então passou a ser um lugar ocupado, também, por gays e travestis, que na medida em que se estabeleciam nesses lugares, na maioria das vezes durante a noite, os transformavam. Essa mudança de sentidos passa pelo que Michel de Certeau denominou “prática dos espaços” ou “lugares praticados”. Sobre isso ele afirma:

Práticas estranhas ao espaço “geométrico” ou “geográfico” das construções visuais, panópticas ou teóricas. Essas práticas do espaço remetem a uma forma específica de “operações” (“maneiras de fazer”), a “uma outra espacialidade” (uma experiência “antropológica”, poética e mítica do espaço) e a uma mobilidade opaca e cega da cidade

³ KUSTER, Eliana, PECHMAN, Robert. *O chamado da cidade: Ensaio sobre a urbanidade*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014, p. 127.

habitada. Uma cidade transumante, ou metafórica, insinua-se assim no texto claro da cidade planejada e visível⁴.

Transumante, palavra que significa migração, contribui para a compreensão das transformações vividas por Brasília. Por isso a importância de se pensar a pluralidade de significados sobre o movimento migratório, tanto no sentido de ocupação da capital por aquelas pessoas que vinham de outras regiões do país quanto daquelas que vinham de vários pontos do Distrito Federal ocupar o centro à noite, mudando cotidianamente as configurações desses espaços através de suas “territorialidades itinerantes”, que segundo Néstor Osvaldo Perlongher, “não se subscreve a uma fixidade residencial [...] e que tem a ver com certa persistência ou insistência do nomadismo urbano”⁵. Mesmo retornando à sua dinâmica de funcionamento todas as manhãs, as vivências noturnas precisavam ser consideradas, pois se incorporavam ao lugar como um “acontecimento urbano” que fazia parte da realidade da cidade, como define Pechman:

Ora, por acontecimento urbano estou entendendo mais do que uma simples irrupção da novidade espetacular, própria da cotidianidade, no tecido da cidade. Estou entendendo, por acontecimento urbano, aquilo que vem do cotidiano, mas que se articula com o repertório da cidade, ou seja, aquilo que cai no imaginário da cidade e passa a fazer parte das histórias que a cidade conta. Melhor dizendo, é acontecimento urbano aquilo que, ao cair em solo urbano, germina e floresce, se legitimando enquanto fator urbano e passando a fazer parte do repertório do sujeito a cada experiência em que ele é convidado a mobilizar sua subjetividade, que está completamente entrelaçada às “objetividades” da vida pública⁶.

Por outro lado, havia uma reação severa da sociedade, que estigmatizava e alimentava o imaginário social e midiático brasileiro com afirmações de que esses territórios eram lugares violentos, imundos, redutos de marginais e perversos, marcando-os pela má fama. Essas associações constam nos registros dos documentos oficiais da ditadura e nas matérias veiculadas por jornais de grande circulação, com destaque ao *Correio Braziliense*.

Se por um lado os registros apresentavam uma espécie de depreciação de grupos minoritários, por outro me traziam o desejo de decifrá-los, escutar as vozes dos sujeitos e perceber detalhes subjetivos das relações entre as pessoas e a cidade. Muitos desses detalhes se encontravam no “não dito”, mas que a partir do diálogo cuidadoso, da imaginação histórica, pareciam gritar.

⁴ CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: Artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009, p. 159.

⁵ PERLONGHER, Néstor Osvaldo. *Territórios Marginais*. In: MAGALHÃES, Maria Cristina Rios (Org.). *Na sombra da cidade*. 1. ed. São Paulo: Editora Escuta, 1995, p. 93.

⁶ KUSTER, Eliana, PECHMAN, Robert. *O chamado da cidade: Ensaio sobre a urbanidade*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014, p. 128.

Não se trata aqui de uma ficção sobre a história dessas pessoas, mas de cruzamentos feitos a partir dos indícios indicados pelas fontes, como por exemplo: período, aspectos culturais, vivências e outras evidências. Quando penso nessas narrativas produzidas nas lacunas dos documentos escritos, as evidências produzidas pelos contextos e a experiência de quem narra esses fatos, recorro uma passagem descrita por Walter Benjamin que diz o seguinte:

A experiência que passa de boca em boca é a fonte a que recorreram todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos. Entre os últimos existem dois grupos que se interpenetram de múltiplas maneiras. A figura do narrador só se torna plenamente tangível se tivermos presentes ambos esses grupos. “Quem viaja tem muito a contar”, diz o povo, e com isso imagina o narrador como alguém que vem de longe. Mas também escutamos com prazer o homem que ganhou honestamente sua vida sem sair do seu país e que conhece suas histórias e tradições⁷.

Esta intensidade que sentimos durante a leitura de alguns documentos – algo que pertence a relação individual entre o historiador e sua pesquisa –, ou até mesmo na escuta exaustiva das entrevistas, encontra eco nas palavras de Arlete Farge:

O encontro com os seres falantes no coração dos arquivos de polícia suscita de fato alteração. Alteração, nos dois sentidos do termo: sedento de sentido; transformado por outrem. E essas duas operações conduzem a novas pesquisas, a novas posturas: trata-se então, na organização mesmo lacunar dessas falas em face do poder, de ler os deslocamentos que cada um tenta inventar para si mesmo e para aqueles que o cercam. Acontece por vezes que outra maneira de organizar o mundo aí se ensaie; a partir de então é preciso dizê-la, interpretá-la – não para provar o que já se sabe sobre as classes pobres ou populares, mas para mostrar, com apoio da prova, como essas mesmas classes populares traçam algo de outro, de alhures, de diferente, de improvável (tornado provável, já que existente)⁸.

A presença de gays e travestis no centro da Capital foi e é considerada uma ameaça à moral e aos bons costumes, mas também aos interesses empresariais, como os do mercado imobiliário, gerando especulações, campanhas higienistas e operações policiais com intuito de expulsar essas pessoas do lugar. É a partir desse prisma que se constituiu tais narrativas nos jornais.

Em virtude das representações construídas e alimentadas pela sociedade, esta tese buscou apresentar outras percepções desses espaços praticados da cidade, diferente daquela feita pela mídia, documentos policiais e oficiais, que estigmatizavam e criavam estereótipos

⁷ BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e história da cultura*. São Paulo: Braziliense, 2012, p. 214.

⁸ FARGE, Arlete. *Lugares para a história*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011, 64.

sobre gays e travestis, habitantes de um território alvo de preconceitos e fobias que permitiam e incentivavam a constante violação dos direitos fundamentais desses indivíduos.

O centro de Brasília à noite era um lugar em que as experiências de exclusão produziam sociabilidades marcadas pela migração e pelo trabalho. Travestis por exemplo, traziam histórias de múltiplas repressões e violações, porém, na medida em que insistiam na ocupação desses territórios, transformavam suas próprias vidas por meio de constantes combates e resistências aos ditames patriarcais, racistas, classistas e transfóbicos. Não se trata de uma romantização da resiliência, mas de uma constatação de que a insistência em permanecerem vivas mesmo com todas as opressões tornaram esses territórios espaços fortalecidos e que persistem até os dias atuais, ainda que com novas características.

Embora esta tese lance um olhar para as décadas de 1970 a 1990, uma das inspirações para a sua construção está no presente: Ágatha Cristyan. Trata-se de uma travesti residente em Arapoanga, à época bairro de Planaltina, e hoje, ambas são Regiões Administrativas do Distrito Federal. Após o término de seu relacionamento de dois anos, ela assumiu sua identidade feminina e começou a “vestir-se como mulher⁹”, conforme suas próprias palavras. Diferentemente de outras travestis, optou por não realizar transformações corporais, como o uso de hormônios femininos ou silicone industrial aplicado por outras travestis conhecidas como “bombadeiras” ou “fadas madrinhas”.

A decisão de assumir-se como travesti estava cercada de dificuldades e violências, incluindo agressões verbais, físicas e simbólicas. Lembro-me de suas palavras: “Sofremos muito, principalmente nas ruas. Experimentei perseguições, violência física e xingamentos verbais; tudo isso era muito doloroso¹⁰”. Sua história me fez refletir sobre a importância dos locais de sociabilidade na construção da identidade travesti e homossexual. No caso de Ágatha, esse local era o Parque da Cidade – bar “Barulho” –, espaço bastante frequentado por gays e travestis no Distrito Federal.

As informações trazidas por ela me soavam como uma chave para compreender como as transformações individuais se entrelaçavam com interações coletivas, principalmente pensando em identidades travestis e homossexuais. Ao descrever sua experiência no Parque da Cidade e seu deslocamento de Planaltina até o centro do Plano Piloto, percebi que ali havia uma dinâmica estruturada de ocupação, ressignificação e vivências de grupos minoritários no coração de Brasília. Nesse momento, como estava desenvolvendo um projeto inicial que

⁹ Trecho da entrevista concedida por CRISTYAN, Ágatha. Entrevista I. [02-2022]. Entrevistador: Alexandre Magno Maciel Costa e Brito. Brasília, 2022. Arquivo MP3 (18m28s).

¹⁰ Idem.

posteriormente resultaria nesta tese de doutorado, comecei a visualizar a organização e construção de abordagens teóricas e metodológicas que permitissem compreender como os espaços de sociabilidade desses grupos se configuravam no centro de Brasília.

Da mesma forma, suas palavras me orientaram a pensar a prostituição no centro de Brasília sob a perspectiva do trabalho e da sobrevivência, algo muito evidente, posteriormente, nas entrevistas com Danny Wonderful e Bethynha Surfistinha. Ao lembrar o início de sua atuação nas ruas, ela conta que começou em Planaltina e, a partir de 2012, mudou-se para o Setor Comercial Sul (SCS), nas proximidades das Lojas Americanas e em frente ao Pátio Brasil, intermediada por Danny Wonderful. Entretanto, a sua permanência ali foi breve, pois a sua constituição física a colocava em desvantagem na competição, como ela mesmo disse: “meu corpo era natural e não dava para competir com as outras¹¹”, o que nos demonstra que os homens preferiam as “travestis bombadas”, que possuíam implantes de silicone, seios volumosos e que fossem ativas. Sobre esse aspecto, ela afirma: “A maioria dos homens só querem ativas e eu sou passiva”¹².

Essa fala tem um ponto de convergência às narrativas trazidas por Bethynha Surfistinha sobre a utilização de recursos materiais que auxiliam em suas montagens, embora ambas tenham percepções diferenciadas sobre o reconhecimento de si, e por essa razão as perspectivas relacionadas às vivências encontraram caminhos distintos. Não se trata de uma contradição entre as experiências, mas de entendermos que não existia uma única forma de construir-se travesti, algo que interfere na sua relação com a cidade e os próprios grupos. De toda forma, Ágatha Cristian, além de servir de inspiração, foi um ponto central que me levou a Danny Wonderful e Bethynha Surfistinha, ambas travestis que compartilharam suas histórias e vidas para a existência desta pesquisa de doutoramento.

Sobre Danny Wonderful e Bethynha Surfistinha, utilizarei novamente a canção de Jackson do Pandeiro para pensarmos essa ligação de Brasília com o restante do país: “A gente vê em Brasília, estradas que não têm fim. Pergunta para o candango e ele responde assim: aquela vai pra São Paulo, Rio Grande e Paraná, a outra pra Pernambuco e essa vai pro Pará”. De forma bastante afetiva, o cantor nos mostra que a capital funcionou e funciona como uma espécie de *hub* que conecta todo o país. É como se a cidade fosse o ponto central de uma encruzilhada que alcança todas as direções, o que lhe confere a condição do movimento e caminho. São esses caminhos que trouxeram à Brasília Danny Wonderful, ao deixar Governador Mangabeira,

¹¹ Trecho da entrevista concedida por CRISTYAN, Ágatha. Entrevista I. [02-2022]. Entrevistador: Alexandre Magno Maciel Costa e Brito. Brasília, 2022. Arquivo MP3 (18m28s).

¹² Idem.

cidade localizada no interior da Bahia, e Bethynha Surfistinha, que partiu de Belém do Pará, Região Norte, e enfrentou dezoito dias de estrada pedindo carona.

Outra questão fundamental a esta tese diz respeito recorte temporal, que compreende as décadas de 1970 a 1990. Essa delimitação cronológica se deu por alguns fatores: o fluxo migratório associado às possibilidades de trabalhos voltados à construção da cidade de Brasília e à transferência da capital, algo que fortaleceu a migração interestadual, fundamental ao estabelecimento da cidade nas primeiras décadas; a expansão dos espaços de sociabilidade homossexual a partir dos anos de 1970, concomitantemente às transformações da cena cultural no Brasil e que refletiram em mudanças nos centros urbanos.

O centro de Brasília, para além das práticas cotidianas de comércio e trabalho, nas quais foi idealizado, caracterizou-se, também, como lugares de “pegação” e de prostituição. A prostituição se difere da “pegação”, ainda que essas fronteiras não sejam rígidas, pelo fato da primeira estar voltada a comercialização do sexo, facilmente identificada nesses locais (destacando-se as travestis e michês); a pegação está ligada às relações casuais, não necessariamente vinculadas ao comércio, mas ligadas às aventuras sexuais.

Se, por um lado, estes lugares são considerados perigosos a partir do olhar conservador de grande parcela da sociedade, como nos lembra Pechman – “a rua prostituída, o comércio da carne humana, os cochichos, os olhares furtivos, a negociação do sexo, não deixam dúvidas de quanto a rua pode contaminar a cidade com sua sexualidade”¹³ –; por outro, a resistência daquelas pessoas que ressignificaram esses espaços, mostraram todos os dias que a “rua é ainda a única possibilidade de a cidade continuar a ser o lugar do convívio, da diferença, da hospitalidade, do acolhimento, e no limite, da vida em sociedade”¹⁴.

Nessa perspectiva, é preciso que os discursos morais e conservadores a respeito dessas categorias que fortemente habitavam o imaginário da sociedade como seres humanos abjetos dêem lugar às histórias de existência e de luta. Para isso é necessário compreender a origem dessas pessoas, os caminhos percorridos até chegarem nesses territórios, quando começaram a se prostituir ou frequentar lugares de sociabilidade homossexual, sua relação com outras pessoas que compartilham dos mesmos lugares e enfrentamentos. Essas experiências certamente contrapõem os outros referenciais sobre estes grupos, como os apresentados nas páginas do *Correio Braziliense* e em outras publicações e entrevistas.

¹³ KUSTER, Eliana, PECHMAN, Robert. *O chamado da cidade: Ensaios sobre a urbanidade*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014, p. 125.

¹⁴ Idem, p. 150.

As memórias da comunidade LGBTQIA+¹⁵ precisam ser incorporadas pela historiografia, porque esses sujeitos sociais que compõem determinados segmentos negligenciados tiveram e têm importância na construção da sociabilidade e da identidade de nossas cidades. A força dessa ocupação e ressignificação espacial está presente na memória e no imaginário dos moradores locais e são reproduzidas de forma preconceituosa para as novas gerações.

A contestação dessas narrativas que historicamente jogam contra estes grupos minoritários tem alcançado ressonância, e uma maneira eficaz de fortalecer esse processo é por meio das próprias pessoas compartilhando suas vivências e experiências nos lugares que habitavam. As vozes destas pessoas têm o poder de revelar o que viveram nesses espaços, incluindo seus sonhos, amarguras, tristezas e alegrias. Ao mesmo tempo que compartilham suas histórias, também destacam os usos e abusos dos discursos preconceituosos presentes nas instituições estatais na vida cotidiana. Além disso, elas nos apresentam suas estratégias de enfrentamento e mostram como a cidade funcionava a partir das perspectivas de quem estava imerso nesses espaços, uma visão oposta ao senso comum, àquela encontrada nos documentos oficiais, assim como nas páginas do *Correio Braziliense*.

Assim, é preciso perceber que as narrativas se localizavam nas calçadas, terminais rodoviários, cruzamentos, conjuntos comerciais, banheiros públicos, cinemas, boates, entre as árvores, em meio ao trânsito, algo que exigiu na construção dessa tese um olhar diferente. Esse cuidado e essas percepções ganham força a partir dos diálogos e orientações que sempre me chamaram à atenção às subjetividades, pluralidades e limites teóricos. O historiador Rodrigo de Azevedo Weimer, em seu artigo sobre homossexualidade masculina na vila de Santa Luzia (Porto Alegre), na década de 1950, traz uma orientação metodológica que nos ajuda no diálogo com as fontes históricas, onde ele afirma: “É de fundamental importância situar historicamente

¹⁵ De acordo com os movimentos sociais: A sigla LGBTQIA+, atualmente utilizada, segue a seguinte lógica de significados: LGB se refere à orientação sexual do indivíduo: Lésbica, Gays e Bissexuais. A outra parte, formada pela sigla TQIA diz respeito ao gênero: Transexuais, Transgêneros, Queer, Intersexo e Assexual. O símbolo de “mais” (+) que aparece no final da sigla é utilizado como forma de incluir outras identidades de gênero e orientações sexuais que não se encaixam no padrão cisheteronormativo estabelecido pela sociedade. Compreendo que se trata de anacronismo o emprego da sigla LGBTQIA+ para se referir às travestis e gays no período referente às décadas de 1970 à 1990, tendo em vista que essa terminologia surgiu apenas nas últimas décadas. Entretanto, optei por utilizá-la devido ao seu potencial político inclusivo, que ao utilizar o sinal de adição aponta para a possibilidade da pluralidade quando pensamos em orientação sexual e identidade de gênero.

os padrões comportamentais de gênero, isto é, subtrair às práticas daquele local e temporalidade aquilo que lhes é peculiar¹⁶.

O esforço de compreensão das dinâmicas de ocupação e construção de novos sentidos, das percepções relacionadas às vivências de travestis e gays nos veios urbanos e no entendimento das construções e afirmações de representações negativas de homossexuais e gays na imprensa, com destaque ao *Correio Braziliense*, passam pelos seguintes referenciais teóricos que apuram a minha visão sobre a cidade: O estudo de Michel de Certeau sobre “práticas do espaço ou espaços praticados”; de Néstor Perlongher acerca das “territorialidades itinerantes”; e do antropólogo Gilberto Velho, com suas abordagens sobre “estigma e comportamento desviante”.

Ressalto que, embora esse aporte teórico tenha me acompanhado durante a construção da tese para se pensar em questões como práticas do espaço, representações e formulações de outros caminhos metodológicos como a construção de uma homotranscartografia do centro do Distrito Federal, são as vivências de travestis e homossexuais que possibilitaram a existência desta tese. Elas foram captadas a partir das narrativas que compõem as fontes escritas e por meio das entrevistas que trazem a cidade e suas dinâmicas de funcionamento pelas próprias palavras de pessoas que viveram estes lugares.

Para além desses autores, por diversas vezes recorri às publicações de Bruna Benevides, Sayonara Naider, Luísa Marilac, Thiffany Odara, Megg Rayara, Sara Wagner York, Valeria Barcellos, todas travestis. Se, por um lado, aqueles pensadores me possibilitaram compreender dinâmicas de ocupação, territorialidades e noções de estigma e desvio; por outro, foi a partir dos posicionamentos analíticos das travestis, todos registrados em publicações, que a dimensão dessas vidas se traduziu dentro dessa perspectiva de cidade levantada por esta tese. Elas tinham propriedade para falar de si e sobre o grupo social ao qual pertencem.

No decorrer da pesquisa, na medida em que eu examinava as reportagens do *Correio Braziliense*, dialogava com trabalhos escritos por pessoas LGBTQIA+ e me aprofundava na construção do trabalho, percebi a necessidade de elaborar uma homotranscartografia. Trata-se de um mapeamento do centro do Distrito Federal a partir das experiências de M@na Vida, Danny Wonderful e Bethynha Surfistinha, algo detalhado na segunda parte da tese. É preciso afirmar aqui, que a primeira parte da tese é fundamental para se pensar esse esforço de

¹⁶ WEIMER, Rodrigo. de Azevedo. *Homossexualidade masculina na “vila” Santa Luzia: comportamentos não-normativos e alegações para expulsão (Porto Alegre, década de 1950)*. *Revista Aedos*, [S. l.], v. 11, n. 24, p. 32–48, 2019. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/aedos/article/view/92319>. Acesso em: 24 jan. 2024.

cartografar a cidade tendo em vista a grande quantidade de informações contidas na documentação.

Por fim, a estrutura da seguinte tese obedece a organização a seguir: A primeira parte é composta pelos três primeiros capítulos: 1 - Cidade nervosa; 2 - Cidade escancarada: gays e travestis na cidade em movimento; e 3 - Cidade Diversão: do Conjunto Nacional ao CONIC, um curto caminho até o “buraco quente”. Aqui abordo uma visão da cidade, captada na maioria das vezes a partir do olhar do outro, presente nas publicações do *Correio Braziliense* durante as décadas de 1970 e 1980. Essa primeira parte contribuiu para o registros dos espaços habitados por gays e travestis no centro do Plano Piloto em suas diversas possibilidades de ocupar e ressignificar a cidade, assim como na construção ou reforço de uma representação desses grupos, levando em consideração as noções de estigma e desvio.

A segunda parte, composta pelos capítulos “Cidade desviada, cidade transviada” e “Cidade ousadia: travestilizando o centro do Distrito Federal”, é resultado de três entrevistas com pessoas que viveram suas histórias no centro de Brasília nos anos 1990: M@na Vida (gay brasileiro), Danny Wonderful (travesti baiana) e Bethynha Surfistinha (travesti paraense). Considero esse momento das entrevistas o coração deste trabalho por vários motivos: são pessoas que falaram de si sem nenhuma reserva, ou seja, se abriram à esta pesquisa trazendo vivências de dentro dos espaços; possibilitaram um mapeamento dessas regiões a partir de uma ocupação em movimento, já que traziam nuances tanto das experiências quanto dos deslocamentos, o que permitiu a elaboração do que denomino homotranscartografia do centro do Distrito Federal.

Que as páginas a seguir nos permitam pensar uma outra história para Brasília, o Distrito Federal e o Brasil, do caos à esperança, para além do “traço do arquiteto”, “como o azul sem manchas do Planalto Central”, onde todos, todas e todes possam se reconhecer no horizonte mais lindo desse planeta.

CAPÍTULO 1 – CIDADE NERVOSA

Eu amo a rua. Esse sentimento de natureza toda íntima não vos seria revelado por mim se não julgasse, e razões não tivesse para julgar, que este amor assim absoluto e assim exagerado é partilhado por todos vós. Nós somos irmãos, nós no sentimos parecidos e iguais; nas cidades, nas aldeias, nos povoados, não porque soframos, com a dor e os desprazeres, a lei e a polícia, mas porque nos une, nivela e agremia o amor da rua – João do Rio¹⁷.

1.1 O historiador como sujeito histórico e sujeito da escrita

A escrita dessa tese não é apenas uma construção narrativa, mas também, uma abordagem das agências de gays e travestis em suas atividades cotidianas, as quais culminaram na ocupação e redefinição do centro do Plano Piloto de Brasília entre as décadas de 1970 e 1990. Não almejo apresentar aqui uma pesquisa sobre indivíduos negligenciados, mas sim sobre o protagonismo daquelas pessoas que afirmam sua existência por meio de uma luta constante pelo direito de viver e contar suas próprias histórias.

Neste jogo de confrontar esquecimentos e acolher lembranças, meus pensamentos se parecem com fios embaraçados. Há linhas que me levam a um tempo mais próximo, nas inúmeras madrugadas na boate *New Aquarius*, onde eu me descobria em comunhão com tantas outras pessoas que também viviam na clandestinidade. A dissidência se assemelhava ao errante, desviante e clandestino. Outras linhas mais ternas me trazem memórias da infância, quando eu ia com meu pai durante as férias escolares para seu trabalho no Setor Comercial Sul (SCS) de Brasília, no saudoso Edifício Ceará.

Começo este desenredo a partir de algumas memórias da minha infância, na década de 1980, sempre ligada ao meu pai, que me carregava para todos os lados, inclusive para o trabalho. Essas vivências ocorriam nas férias de verão, ou no recesso do meio do ano, quando a cidade vivia seu período de seca. Em qualquer uma das épocas, aquele lugar exalava cheiro de comida. No início da manhã, prevalecia o aroma do pastel, salgadinhos e café. Na medida em que as horas passavam, o tempo esquentava, o que tomava conta do ar era uma mistura de batata frita, carne e asfalto, pois havia restaurantes por toda parte. Assim que chegávamos no Setor Comercial Sul, meu pai subia para seu escritório e eu ia para a papelaria ao lado cobijar as lapiseiras.

Naquele período, ainda habitava em mim certa ingenuidade em razão da pouca idade, embora alguns impulsos da minha orientação sexual já fossem bem notórios, sobretudo porque

¹⁷ Rio, João do. *A alma encantadora das ruas: crônicas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 28.

eu tinha consciência dos meus desejos. No entanto, é importante ressaltar que, naquele contexto, eu não possuía entendimentos sobre certas questões relacionadas à sexualidade e à identidade de gênero nos espaços públicos. Dessa forma, compreensão sobre a cidade tinha como limite o olhar de uma criança, cujo entendimento abrangia apenas o que era reproduzido no senso comum.

Se eu ainda não percebia as marcas da presença de certos grupos na composição da cidade, nas relações sociais a convivência com o medo do olhar do outro me levava a certos lugares desconfortáveis, como o da não aceitação do que eu era. Essa negação do outro estava presente nas brincadeiras pautadas em valores considerados normais, em que homossexuais aparecem como seres abjetos. Este perfil violento era muito marcante na década de 1980, quando a sociedade recebia esse “outro” por meio de discursos de ódio, jocosos, reiteradamente danosos à vida e que provocavam feridas desde a infância.

As experiências que trago sobre este período são concomitantes aos primeiros relatos sobre a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (aids). Lembro-me como se fosse ontem: estava no escritório do meu pai, folheando o *Correio Braziliense*, quando me deparei com uma expressão que me assustou profundamente: “Câncer Gay”. Naquele momento, eu não entendia, mas isso seria apenas o começo de tempos extremamente dolorosos para indivíduos considerados diferentes em termos de identidade de gênero e sexualidade, especialmente homossexuais e travestis.

Se, por um lado, a difusão do preconceito ganhava contornos preocupantes – potencializado pelos discursos sobre a aids –, por outro, alguns setores da mídia, ainda que de forma recreativa, traziam discussões importantes. A palavra gay passou a fazer parte do meu vocabulário e autoconhecimento no ano de 1981, ao assistir ao personagem criado por Max Nunes e interpretada por Jô Soares, cujo nome era Capitão *Gay*. Ele se apresentava ao lado do seu parceiro Carlos Suely e trazia várias críticas à sociedade da época. Embora a personagem tivesse um perfil caricato, trouxe discussões importantes em um período conturbado em nossa história, os últimos anos da ditadura civil militar.

Entre essas discussões que desafiavam a norma sexual vigente vale ressaltar alguns pontos: era um super-herói gay, algo que subverte o senso comum tomado pela heterossexualidade; o parceiro do Capitão Gay, Carlos Suely, cuja construção do próprio nome desafiava o binarismo de gênero, trazia o masculino e o feminino ao mesmo tempo e afirmava ser 20% homem e 80% mulher. Outra curiosidade acerca das duas personagens é que elas representavam uma espécie de dupla dinâmica gay, com algumas semelhanças ao Batman e Robin, só que de forma esrachada.



Figura 1- Capitão Gay (à direita) e Carlos Suely (à esquerda)
Fonte: TV Globo (Divulgação)

Afora um quadro de humor, o que víamos na TV era um herói que se apresentava como defensores dos gays e que denunciava a opressão cometida contra este grupo. Ou seja, era uma crítica social sobre a estrutura e que trazia alguma influência na forma em que pensávamos nossa existência. João Silvério Trevisan, ao se referir ao sucesso do Capitão Gay, fez a seguinte afirmativa:

Era especialmente hilariante e, sem dúvida, irônico encontrar na vizinhança, como me aconteceu, grupos de garotinhos brincando, enquanto cantarolavam em conjunto o “Rock do Capitão Gay”, então um grande sucesso em disco. Atacado pelos moralistas (que acusavam o programa de fazer apologia do homossexualismo [sic]) e por certos militantes gueis¹⁸ (que detestavam ver as bichas como objeto de riso nacional), o Capitão Gay ironizava à direita e à esquerda, definindo-se a si mesmo como um “defensor das minorias, contra as tiranias”¹⁹.

O Capitão Gay também atravessou minhas vivências escolares e me ajudou a moldar meu autoconhecimento no que diz respeito à sexualidade, constantemente oprimida. Vale ressaltar aqui que as personagens seriam consideradas politicamente incorretas nos dias atuais, especialmente, pelo conteúdo e forma. No meu caso, como ainda eu era uma criança, não era

¹⁸ O vocábulo “guei” faz parte de uma estratégia política de abasileiramento do termo “gay” utilizado pelo autor João Silvério Trevisan em seu livro *Devassos no Paraíso*. É uma forma de caracterizar os homossexuais brasileiros dentro de um contexto histórico-cultural diferente do gay americano.

¹⁹ TREVISAN, João Silvério. *Devassos no Paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018, p. 293.

possível fazer esse tipo de leitura sobre a personagem. Era a primeira vez que eu via alguém defender causas que estivessem ligadas à homossexualidade, porque as opressões eu já conhecia, seja na rua ou escola. Quanto às outras crianças, elas foram ensinadas a zombar dos homossexuais como uma maneira de afirmar uma suposta superioridade, enquanto eu, por outro lado, estava começando a aprender que eu poderia me defender de ataques contra minha dignidade.

Essas experiências mostram como a homotransfobia se impõe em contextos gerais. Embora eu traga superficialmente minha experiência, elas dizem respeito a grande parte das pessoas LGBTQIA+. No que diz respeito a vida escolar, momento em que essas representações negativas impactam fortemente na construção das identidades, é comum observarmos os cruzamentos de opressões de gênero e raça dentro deste espaço. A sala de aula se torna um lugar que não cabe os ditos anormais: “olha o jeito que ele senta!”; “Essa mãozinha, não sei não!”; “Olha o cabelo do viado e ainda quer ser mulher!”; “Quem vai querer um viadinho desses com esse nariz?”.

Quando observamos as vivências das travestis na infância e adolescência, momento em que a maioria se constitui e se constrói enquanto sujeitos, os níveis de violências simbólicas e físicas são muito altos. Como suportar a pressão que vem do ambiente escolar? Como permanecer em um ambiente hostil, sarcástico e violento com gays efeminados e travestis? Essa estrutura nos leva a compreender o porquê de muitas delas abandonarem seus estudos, e, conseqüentemente, se encontrarem socialmente vulneráveis. Ademais, isso mostra que parte dessas raízes da opressão estão fincadas no chão da escola, onde se replica a permissão ao ódio e desprezo dessas pessoas.

Os anos 1970 e 1980 foram desafiadores para gays e travestis em vários setores da sociedade. Rememorar este período me ajuda a estabelecer conexões: os passeios com meu pai; o humor e as aprendizagens com Capitão Gay; as experiências na escola e tantas outras que não trago para essa narrativa. Mas algo que verifico a partir da minha experiência e da experiência de outras pessoas é que as identidades de gays e travestis se constroem em meio às tensões e na busca constante de um território capaz de aceitá-las.

Todos esses questionamentos mostram o quão arbitrária é a centralidade do modelo cisheteronormativo, que reproduz representações negativas de quem é enquadrado como “o outro”, “o diferente”, fortalecendo assim, um “cistema”²⁰ de violência e imposições. A

²⁰ CISTema é uma referência ao “sistema” cuja a cisgeneridade representa a norma. Nele se (re)produz as inúmeras opressões sobre as travestis. A autora Leticia Nascimento se refere a ele como “CISTema colonial moderno de gênero”. NASCIMENTO, Leticia. *Transfeminismo*. São Paulo: Sueli Carneiro; Jandaíra, 2021.

intelectual negra e travesti Thiffany Odara ao dialogar com a teoria de Paulo Freire traz uma percepção fundamental sobre “educação”, “desobediência” e “liberdade”. As suas palavras contrapõem o potencial normativo que historicamente segrega travestis:

Travestilizar é evidenciar os impactos da luta do movimento de travestis nas políticas educacionais que contrapõe e subverte todo processo de negação ao acesso e permanência de travestis e pessoas trans no ambiente educacional, tencionando o direito à educação que possa abarcar as pluralidades existentes na sociedade, proporcionando uma educação onde a prática da liberdade torna-se um ato de valentia gerando outras liberdades, no que tange ao processo educacional²¹.

A educação é um fator relevante na escrita dessa tese e está presente nas memórias sobre minhas vivências enquanto homossexual, bem como na de outras pessoas, o que impacta nossas trajetórias. Thiffany Odara ao propor “travestilizar a educação”, leva em consideração todos esses dilemas que cruzam a formação educacional, a vida social na escola e as estruturas sociais que marcaram estes grupos em todas as épocas. Mas é preciso ressaltar que, embora trate dos mecanismos de exclusão, não deixa de lado o protagonismo do movimento de travestis, algo caro a este trabalho.

As questões identitárias, especificamente aqui, as que dizem respeito à identidade de gênero, orientação sexual e expressão de gênero, são elementos potentes na construção da humanidade das pessoas, mas a forma como ela influencia cada indivíduo a tomar suas decisões ou se relacionar com vida em sociedade não é pautada no mesmo padrão. Ao pensar na educação que marca os corpos, nas opressões que fazem da escola um campo minado para gays e travestis e a vida em outros espaços, reflito sobre como essas linhas se conectam, por exemplo, às fontes escritas exploradas nesta pesquisa.

Em alguma medida, a leitura das reportagens me levou à seguinte indagação: o que fez o *Correio* se tornar um elemento indispensável quando acesso minhas memórias e alço episódios de homofobia e trauma? Foram as percepções advindas da minha sexualidade, caso contrário, os sentidos das matérias lidas na infância, como a que se referia ao “Câncer Gay”, poderiam passar despercebidos. Assim, a sexualidade não é apenas um detalhe que se encerra no próprio indivíduo, tendo em vista que ela se conecta a todo um universo e influencia sua percepção e leitura do mundo.

²¹ ODARA, Thiffany. *Pedagogia da Desobediência: travestilizando a educação*. Salvador-BA: Editora Devires, 2020, p. 95-96.

1.2 aids: do medo à luta

Ao observar o contexto das reportagens dos anos 1980, o difícil acesso ao jornal e até mesmo a minha idade, compreendo que não é usual que uma criança seja atingida emocionalmente por matérias sobre a aids. Em meu modo de pensar, acredito que o alvo dessas reportagens eram os adultos, pelo menos de forma direta, já que os impactos sobre as crianças vinham de “lambuja” – expressão muito utilizada pela minha geração e que significa “de quebra” –, através da educação. A minha orientação sexual serviu de fio condutor para que eu sentisse os impactos da matéria do *Correio Braziliense*.

Enquanto o *Correio Braziliense* agia por meio de produção simbólica, a escola, além de participar da produção subjetiva da homofobia²², agia de forma direta sobre minha vida. As duas situações eram artificialmente naturais, promoviam enquadramento violento e jocoso em relação à aids e às pessoas LGBTQIA+, produziam medo e assombramento. Isso está presente nos discursos normativos: há uma defesa de que a aids é culpa dos gays e travestis, que o natural é ser heterossexual e que a identidade de gênero é definida pelo sexo biológico. O jornal me trouxe o pavor da doença e a educação tentou criar em mim o medo do que eu era.

Mobilizar essas memórias e reposicioná-las num exercício de análise histórica sistemático que considere o material jornalístico do *Correio Braziliense* como fonte privilegiada figura, assim, como uma possibilidade de ampliação do alcance dos procedimentos teórico-metodológicos existentes. Isso confirma a importância da História e do seu dever ético com os fatos e seus desdobramentos sociais.

A postura conservadora e muitas vezes hostil do *Correio Braziliense* se dava nos momentos em que reforçava os estereótipos de homossexuais e travestis em suas matérias. Isso estava presente principalmente nos textos das reportagens e nas charges utilizadas. Reitero que a maneira que o jornal veiculou a aids reproduziu muitas vezes estigmas que resultaram no afastamento aos serviços de saúde, já que o diagnóstico positivo representava sentença de morte. As imagens veiculadas na imprensa traziam pessoas com seus corpos e olhares sofridos,

²² O uso anacrônico dos termos transfobia, homofobia e homotransfobia – expressões bem recentes – em muitos momentos dessa tese é proposital, sobretudo para entendermos os processos de violências, hierarquizações, exclusões e tentativas de silenciamentos sofridos por estes grupos. Por essa razão, as nomeações de tais práticas – transfobia, homofobia e homotransfobia –, ainda que pareçam inadequadas para certos períodos, nos ajudam a compreender, materializar e pensar historicamente essas violências. É preciso levar em consideração que os movimentos sociais, destaco a Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA), orientam sobre não usar a palavra homofobia como termo guarda-chuva para se referir às violências contra outros segmentos, especificamente aqui, travestis e transexuais, o que seria uma forma de apagamento e anulação das especificidades de cada grupo identitário.

cadavéricos, com feridas, pele sem brilho, poucos cabelos, em cadeira de rodas, corredores de hospitais, deprimidas e sozinhas. Era impossível não sentir medo dessa doença, porque o único destino que havia era a morte.

Eu entendo a importância da imprensa na luta contra regimes totalitários e na manutenção das democracias. Ainda assim, é preciso afirmar que o valor do seu papel informativo não significou isenção dos erros cometidos e suas consequências à vida. Tanto a imprensa quanto a democracia apresentavam suas contradições quando pensamos sobre as vidas de gays e travestis nas décadas de 1970, 1980 e 1990. Em ambas observamos a ausência do respeito, manutenção dos estigmas sobre estes grupos, ataque aos direitos básicos, falta de proteção e a desigualdade.

No que diz respeito à aids, afirmo sua importância ao entendimento do contexto em que esta pesquisa se debruça. A partir das matérias de jornal, revistas ou qualquer outro veículo de imprensa, ficavam evidentes as falhas da sociedade civil diante da própria doença, que foi usada contra travestis e gays, fomentou operações de limpeza territorial e tentativas de controle sobre essas vidas. Estes ataques partiam das igrejas, famílias, saúde pública, segurança pública, escolas, veículos de imprensa, comércio e demais lugares.

Os comportamentos sexuais de pessoas consideradas dissidentes das normas sexuais e de gênero, segundo o Estado, maculavam a sociedade e traziam o perigo da contaminação. Por outro lado, a luta contra aids mobilizou em todo o país grupos que se organizaram com o intuito de combater a discriminação social e a própria doença, além de promover acolhimento à comunidade LGBTQIA+.

Sem dúvidas, os protagonismos desses grupos, seus questionamentos e respostas diante da existência da aids foram essenciais na construção de políticas públicas de saúde e de reconhecimento social. Até os anos 1985, a sociedade acreditava que a doença só tinha relação com a comunidade homossexual e travesti, mas na medida em que as pesquisas avançavam por todo mundo, houve mudanças consideráveis de perspectiva em relação à contaminação, ou seja, todas as pessoas estariam sujeitas a adquirirem o vírus. As medidas profiláticas exigiram novos hábitos.

Se analisarmos o contexto histórico da emergência da aids, perceberemos que homossexuais figuravam como grande parte dos registros de pessoas contaminadas. Segundo o trabalho de Michael Pollak sobre essa pandemia, o grupo representava 60% dos casos registrados²³, o que simbolizava um grande impacto na vida dessa comunidade. Se por um lado

²³ POLLAK, Michel. *Os homossexuais e a AIDS: sociologia de uma epidemia*. São Paulo: Estação Liberdade, 1990, p. 12-13.

a doença resultava em algo devastador, por outro, impulsionou as lutas dos movimentos sociais diante das denúncias e demandas de pessoas vivendo com HIV. Essas questões ganharam espaço e importância nas últimas quatro décadas, revertendo em alguns avanços. O principal deles diz respeito ao reconhecimento da pessoa LGBTQIA+ como sujeito dos direitos humanos.

A retirada da homossexualidade da Classificação Estatística Internacional de Doenças e problemas Relacionados à Saúde (CID) pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em 1990 constituiu um marco fundamental. Em quatro décadas, o enfrentamento à aids e a luta por respeito já mobilizaram e seguem mobilizando diferentes gerações, promovendo possibilidades de afirmação de existência cotidiana antes empurradas para os subterrâneos da história.

A luta contra a aids mobilizou importantes movimentos sociais, os quais compreenderam a dimensão do problema não apenas sob a ótica da doença, mas também a partir do cruzamento de outras perspectivas, como raça e gênero. Neste contexto, é necessário destacar o papel desempenhado pelo grupo Adé Dudu no enfrentamento da dupla opressão enfrentada pelos homossexuais negros, uma interseção do racismo e homofobia. Em relação ao Adé Dudu, o historiador João Gomes Junior apresenta a seguinte síntese:

Há 40 anos, em março de 1981, surgiu em Salvador, na Bahia, o Adé Dudu, o Grupo de Negros Homossexuais. Com um nome originado no iorubá, significando “negro homossexual”, o grupo contou em sua fundação com diversos militantes do Movimento Negro como Tosta Passarinho, o jornalista Hamilton Vieira (que utilizava o pseudônimo Estêvão dos Santos), Ermeval da Hora e Wilson Bispo dos Santos, hoje Wilson Mandela. Contudo, este grupo que teve relevante atuação, nas palavras do próprio Wilson Mandela, contra as estruturas racistas e homofóbicas da sociedade e dos movimentos sociais por uma década, acabou caindo no ostracismo nos anos seguintes e quase não é lembrado nas narrativas históricas e discursos contemporâneos do Movimento LGBTI+ brasileiro, anteriormente Movimento Homossexual²⁴.

O debate proporcionado pelo Adé Dudu é fundamental para o período, principalmente por compreender como operava a estrutura do racismo e da homofobia em vários contextos, entre eles o contexto da pandemia da aids, que extravasava os limites da doença e impactava as representações sobre a homossexualidade, algo devastador entre homossexuais negros em função da opressão articulada.

Todavia, é preciso reconhecer que o impacto social da doença dividiu o peso deste fardo em partes assimétricas. Pessoas que não pertenciam à comunidade de gays e travestis não sofriam com a mesma intensidade o estigma do hiv/aids – por não terem suas imagens associadas à doença – e por essa razão suas vidas não eram modificadas. Isso se verifica nos

²⁴ GOMES JUNIOR, João. “40 anos do Adé Dudu: a história do Grupo de Negros Homossexuais”. *Coluna Nossas Histórias*, 30/06/2021. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/40-anos-do-ade-dudu-a-historia-do-grupo-de-negros-homossexuais/>. Acesso em: agosto de 2023.

anos 1980 com alteração das liberdades sexuais e aumento do controle e disciplina sobre a comunidade LGBTQIA+. A aids reproduziu e aprofundou dinâmicas de desigualdade social em todo o mundo, desde o tratamento até o cuidado com a dignidade humana.

Por outro lado, seu advento provocou uma verdadeira revolução entre homossexuais e travestis em seu processo de reinvenção e empoderamento. Isso significa dizer que as pessoas precisaram se reinventar nos aspectos de saúde, sociabilidades, relações interpessoais e na sua liberdade. Vale ressaltar que era diante de uma situação que causava instabilidade, inquietação e medo, porque a doença desde seu início serviu como uma forma de causar terror. Reafirmar o despreço pela história e existências de travestis e gays, em seus diversos recortes, entre eles o de raça, é uma forma de potencializar a culpabilização dessas pessoas pela transmissão da doença.

Uma das questões trazidas por Pollak dizia respeito ao perfil político dos meios de comunicação de massa sobre a aids, na medida em que essas questões relativas à doença estavam conectadas às demandas sociais (cobertura jornalística sobre a pandemia, causas, tratamentos e especulações). Dentro dessa questão política ele apresentava a construção da representação do “grupo de risco” (pessoas propícias a se contaminarem). Os dois trechos a seguir apontam elementos importantes acerca do papel da medicina, da imprensa, dos movimentos sociais e de quem utilizava ideologicamente a doença:

1) A expressão “grupo de risco” nasceu de observações epidemiológicas. Mas, enquanto categoria de construção da realidade social, a definição da aids e de seu contágio tornou-se objeto de concorrência científica e de lutas sociais conduzidas na maioria das vezes por intermédio dos meios de comunicação de massa.

2) A elevação constante da taxa da população atingida na França, que, dobrando cada onze meses, ultrapassara no final de 1988 o total de 6.000 pessoas, a existência de número considerável de portadores invisíveis do vírus (os soropositivos), a duração do mal e sua lenta disseminação para fora dos primeiros grupos atingidos poderiam gerar reações cada vez mais violentas e politizadas. Essa eventualidade, tornada plausível pelas iniciativas da Frente Nacional e observada em outros países, ocorreria no caso da desilusão crescente em relação a uma ciência médica triunfalista e impotente, e diante da ineficácia da informação sobre as mudanças de comportamento a serem realizadas e, portanto, sobre a evolução estatística da epidemia.

Mas grandes forças se opõem, nas sociedades industriais modernas, na seguinte evolução: os veículos de informação de massa, justamente, que transmitem quase imediatamente as notícias médicas, e a supremacia da opinião médica que querem utilizar a doença com fins ideológicos e morais²⁵.

Em meu modo de entender, a combinação de alguns elementos reforçava os estigmas da aids: imprensa, medicina e ideologias. É como se misturassem o papel da medicina e da

²⁵ POLLAK, Michel. *Os homossexuais ...* p. 186.

imprensa aos setores que utilizavam os mecanismos de opressão ideológica (Igreja, família, escola, sociedade). Isso gerava forte pressão sobre homossexuais e travestis que tinham suas vidas atreladas aos seguintes pontos: sexo, doença e punição. Essa tríade estava presente em falas dirigidas a estes grupos marginalizados e colocava em risco suas relações, estendendo seus ataques aos seus espaços de sociabilidade.

Com relação às considerações político-religiosas elaboradas por determinadas igrejas evangélicas sobre a aids, Perlongher destacou narrativas presentes nos discursos que alimentavam o arsenal de injúrias e violências contra homossexuais e travestis, com base no pecado e no castigo que vinha dos céus. Ele registrou que Testemunhas de Jeová pregavam que a aids era uma espécie de castigo à imoralidade. No mesmo viés ele lembrou que a Igreja Universal afirmava que “A aids é um tapa de Deus na cara dos homossexuais”²⁶, além de outros registros que vão no mesmo caminho.

Estas narrativas demonizavam e criminalizavam as sexualidades dissidentes, patologizavam as existências dos indivíduos e grupos a elas associados, culpabilizavam e autorizavam a eliminação dessas vidas. Mediante valores e ideologias conservadoras, a homofobia e a transfobia foram escudadas por instituições religiosas durante a pandemia de aids, mesmo que isso se chocasse com o imperativo da defesa da vida humana.

O termo “dissidência sexual” é uma contraposição ao termo “diversidade sexual”, que é bastante utilizado pela comunidade LGBTQIA+ ou para se referir a ela em seus estudos. Vale ressaltar aqui que não é apenas uma mudança na nomenclatura, mas, também, no seu sentido, especialmente do ponto de vista político. Sobre essa mudança da utilização de “diversidade sexual” para “dissidência sexual”, Felipe Rivas San Martin traz a seguinte explicação:

De início usamos a palavra “diversidade” quase como continuação do Comitê de Esquerda pela Diversidade Sexual, que foi o antecedente do CUDS [Coletivo Universitário de Dissidência Sexual]. O discurso da dissidência sexual começa a aparecer em 2005 também porque coincide com o fato do tema da diversidade sexual, nesse momento, começar a se tornar muito institucional, quando o termo “diversidade” parece ser demasiado normalizado, muito próximo do discurso de tolerância, demasiado multicultural e neoliberal. Por outro lado, tampouco nos interessava uma nomenclatura *queer* diretamente, pois estávamos muito preocupados com essas hierarquias norte-sul, na circulação dos saberes e pensando muito fortemente no local, na genealogia local das sexualidades críticas. O conceito de dissidência sexual nos retira dessa lógica multiculturalista inócua, neste momento já muito perto do discurso do Estado, e também não é simplesmente uma repetição de um discurso norte-americano do *queer*, de um discurso metropolitano hegemônico. Ao mesmo tempo, dissidência é pós-identitário

²⁶ PERLONGHER, Néstor. *O que é AIDS*. São Paulo: Editora Braziliense, 1981, p.58.

porque não fala de nenhuma identidade em particular, mas põe o acento na crítica e no posicionamento político e crítico²⁷.

Um dado importante de se levar em consideração é que Néstor Perlongher e Michel Pollak escreveram seus respectivos trabalhos no auge da pandemia, momento de maior dúvida sobre a aids. Ao trazerem expressões e impressões daquele tempo, deram testemunhos acerca de como se processavam o entendimento e a articulação discursiva de dois pontos de vistas fundamentais dentro do processo de exploração da doença: o religioso e o político.

Os anos 1980 não foram fáceis. As incertezas que tomaram conta de homossexuais e travestis no mundo inteiro tinham relações com as abordagens sobre a aids nos meios de comunicação. Mas é preciso levar em consideração que as pessoas não tinham pleno conhecimento da doença, incluo aqui os próprios meios de comunicação, algo modificado com o tempo. Sobre isso, dois fatores são primordiais no conhecimento dessa patologia e na medida que avançaram e geraram mudanças acerca da sua representação: prevenção e tratamento.

Ainda que a ciência estivesse trabalhando de forma incansável na luta contra a aids, o desespero provocado por ela se movimentava rapidamente. A possibilidade do contágio associada ao desconhecimento estavam presentes nos meios de comunicação de massa, como na matéria publicada no *Correio Braziliense*, em junho de 1983, intitulada “Síndrome Gay mata dois em Nova York”²⁸.

Essa publicação do *Correio Braziliense* trazia um desafio, que era compreender uma narrativa que partia do texto escrito e da imagem – ambos utilizados pelo jornal – e seus impactos sobre a sociedade. Ao me deparar com essa matéria a reação que tive foi travar, pois para mim era algo assustador a existência de expressões como “Câncer Gay” ou “Síndrome Gay”, para se referir à aids no início dos anos 1980.

Na época eu tive muito medo de continuar lendo a matéria, ou qualquer outra que se referisse à doença. Minha consciência se sentia culpada e eu achava que sofreria castigo por ter desejos por meninos. Hoje compreendo que essas abordagens era uma forma de regular os comportamentos. Elas deixavam muito em voga indivíduos que faziam parte do grupo de risco, a exemplo de gays e travestis. Naquele momento, era um temor fazer um exame de sangue para detectar se a pessoa estava ou não contaminada, tudo era muito escondido. A minha experiência pessoal no primeiro exame foi marcante, porque meu nome foi suprimido pelo posto de saúde

²⁷ COLLING, Leandro. *Que os outros sejam o normal: tensões entre movimento LGBT e ativismo queer*. Salvador: EDUFBA, 2015, p. 151.

²⁸ *Correio Braziliense*, n. 7398, 3 de junho de 1983, p. 8.

e substituído pelo número 656, sem contar que a divulgação do resultado levava quase quatro semanas. O início dos anos 1990 era assustador.

A reportagem do *Correio* falava sobre eventos de contaminação por parte de várias pessoas reclusas no sistema penitenciário “*Rikers Island*” em Nova York. A princípio a reportagem informava sobre a contaminação de um homem e uma mulher, citando também outras pessoas contaminadas naquele presídio. Embora tratasse de uma informação objetiva e corriqueira sobre uma doença, é preciso lembrar do contexto, anos 1980, quando ela representava algo fora do normal e que provocava grande temor. Isso estava presente na preocupação do presidente do sindicato dos empregados da penitenciária, James Sipe, que temia pelos seus funcionários.

Como reagir diante de uma doença cujos falecidos precisavam passar por quarentena para que não contaminassem outras pessoas, algo que estava diretamente ligado ao desconhecimento da aids? Quantas histórias e corpos pararam em uma vala comum? Quantas pessoas morreram na solidão? Quantas famílias não puderam velar seus entes? E quantas se recusaram a velar? São perguntas que não obteremos respostas, mas que são fundamentais para a compreensão daquele período.

No que diz respeito ao jornal, é preciso separar aqui dois pontos: o significado da matéria e as pessoas às quais ela se refere. Se por um lado, o conteúdo possuía um teor informativo, por outro lado, estigmatizava grupos que se encontravam desesperados diante dos dilemas da doença. Assim, não é possível desconsiderar o impacto do próprio título: “*Síndrome gay mata dois em Nova York*”.

O texto da matéria abordava informações acerca da preocupação com o contágio da doença entre as pessoas na penitenciária, algo recorrente naquele período. No entanto, a imagem escolhida pelo *Correio* tinha como foco destacar o aspecto devastador da doença. De alguma forma, elas se completavam. Ao contrário do corpo da matéria, ela representava um sentido desolador, já que implicava outras questões, estigma e preconceito, e esses dois elementos quando se juntam, os efeitos não são bons. O que não foi dito no texto, sobrou na imagem.



Figura 2 – aids: morte e estigma
Correio Braziliense, n. 07398, 3 de junho de 1983, p. 8.

Já faz algum tempo em que eu observo essa imagem, tentando captar elementos que passaram despercebidos. Este exercício de observação contribuiu para que eu pudesse, inclusive, nomeá-la, “aids: morte e estigma”. Embora não pudesse afirmar que a imagem se tratava de uma morte, é inegável sua presença nos sentidos que acompanhavam a doença. Mais do que o morrer, o estigma morava nos detalhes.

A leitura da imagem traz informações importantes sobre o período. As sobrancelhas bem alinhadas, os cílios alongados, os cabelos longos, a boca delineada como se usasse batom, tentavam aproximar a figura ao feminino. Mas, ao mesmo tempo, apresentava certa superficialidade, como se fosse uma boneca. O detalhe dos pés esticados como em posição do balé e as mãos com punhos dobrados eram marcadores da homossexualidade, já que compunham elementos que se associavam à frescura e à “viadagem”, segundo o senso comum.

Na medida em que ligamos todas essas representações dos homossexuais ou travestis à onomatopeia utilizada pelo jornal quando tentava reproduzir um som, “OH!”, o que se tinha era uma conotação de sofrimento, dor, desmaio ou morte. A partir desses detalhes fiquei me perguntando qual era o interesse de associar elementos que a sociedade acreditava fazer parte de certos grupos, mesmo em sofrimento, desespero ou morte? A resposta era simples: aniquilação simbólica desses corpos.

Quando me refiro aos corpos aqui, não se trata de um afastamento da pessoa, mas corpos entrelaçados em histórias, que trazem marcas profundas e uma série de registros que atravessam a dimensão biológica, como se fosse possível multiplicá-los. Há um trecho da obra de Michel

Foucault em que ele faz uma referência bastante contundente sobre o corpo e que de certa forma corrobora com a intenção da minha análise:

O corpo – e tudo o que diz respeito ao corpo, a alimentação, o clima, o solo – é o lugar da *Herkunft*: sobre o corpo se encontra o estigma dos acontecimentos passados do mesmo modo que dele nascem os desejos, os desfalecimentos e os erros; nele também eles se atam e de repente se exprimem, mas nele também eles se desatam, entram em luta, se apagam uns aos outros e continuam seu insuperável conflito.

O corpo: superfície de inscrição dos acontecimentos (enquanto a linguagem os marca e as ideias os dissolvem), lugar de dissociação do Eu (que supõe a quimera de uma unidade substancial), volume em perpétua pulverização. A genealogia, como análise de proveniência, está, portanto, no ponto de articulação do corpo com a história. Ela deve mostrar o corpo inteiramente marcado de história e a história arruinando o corpo²⁹.

A imagem, em meu ponto de vista, fazia parte de um discurso discriminatório e de um contexto, onde se apresentava de maneira grotesca um homem afeminado diante de um profissional de saúde, um “corpo inteiramente marcado de história” e arruinado por ela. Ela reforçava sobre gays e travestis estereótipos da frescura e histeria, como se em seus momentos de sofrimento ou até na hora da morte, se apresentassem de maneira “pintosa”³⁰. Este tipo de mensagem transformava em caricatura elementos que nos caracterizavam (gestos, forma de falar, vestir, entre outras coisas). Se a construção da realidade social passava pela imprensa, como pensar esses excessos de abusos?

É inegável que a homotransfobia recreativa era um dos artifícios mais eficazes na violência contra homossexuais e travestis. Ela trazia uma estrutura discursiva aparentemente simples e poderosa, que partia de brincadeiras que ridicularizavam e humilhavam, embora parecessem inofensivas. O grande perigo era que, quem as fazia, afirmava que se tratava de algo sem intenção de ferir e reivindicava o direito de utilizar este artifício. Essa era uma das razões que dificultavam seu combate e viabilizavam as violências, tendo em vista que eram toleradas e defendidas na sociedade. Assim, a charge cumpriu seu papel, informar de maneira sarcástica.

Este episódio apresentado pelo *Correio* aconteceu no início dos anos 1980, período marcado pelas dúvidas e incertezas que a doença provocava. Mas é preciso destacar, que durante toda aquela década, o que víamos era um acirramento discursivo sobre as pessoas que faziam parte dos grupos de risco e sobre a própria aids, especificamente, por parte da imprensa.

²⁹ FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. São Paulo: Graal, 2012, p. 65.

³⁰ A palavra pintosa é conhecida no meio LGBTQIA+ como bicha afetada; que dá pinta, que deixa transparecer, em seu comportamento, sua orientação sexual. Vale também para travestis que denunciam sua condição pela aparência física. Disponível em: ARAUJO, Gabriela Costa. *Bajubá: memórias e diálogos das travestis*. Jundiaí – SP: Paco Editorial, 2019, p. 103-104.

No Brasil, a exploração da imagem de figuras famosas vinha como uma bomba, já que retirava a doença do anonimato e pela primeira vez passava ser tratada como pública. Algumas figuras tiveram suas imagens muito exploradas pela mídia em função da doença: Cazuzza (cantor), Lauro Corona (ator), Sandra Bréa (atriz) e Henfil (cartunista). Essas pessoas foram vítimas da aids, mas, entre elas, o caso mais explorado foi do cantor Cazuzza.

Cazuzza, ou Agenor de Miranda Araújo Neto, nasceu no dia 4 de abril de 1958, no Rio de Janeiro e veio a falecer na mesma cidade em 7 de julho de 1990 com 32 anos de idade, vítima de uma pneumonia. Famoso por suas canções corajosas com teor político onde se misturavam revolta e amor, ia de um pólo a outro rapidamente. Ele não teve medo de mostrar sua cara, e por essa razão, sem hipocrisia, se sentia a vontade ao pedir que o Brasil fizesse o mesmo. Sua presença era potente, intrigante, explosiva e, ao mesmo tempo, terna. Ele desejava “ter uma bomba”³¹ e logo em seguida queria “a sorte de um amor tranquilo com sabor de fruta mordida”³².

A revista *Veja*, em abril de 1989, chegou às bancas do Brasil fazendo grande barulho. A sua capa estampava uma foto do cantor Cazuzza com o seguinte título: “Cazuzza: uma vítima da aids agoniza em praça pública”³³. A referida matéria escrita pelos repórteres Ângela Abreu e Alessandro Porro provocou uma comoção enorme, como se a revista anunciasse a morte do cantor. A reportagem, além de trazer a doença para perto dos leitores como se o Cazuzza fosse bem próximo, expôs uma percepção de como a sociedade tratava as pessoas contaminadas.

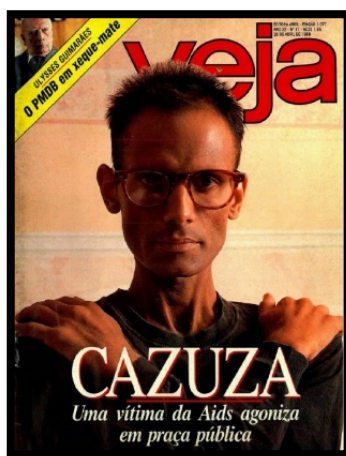


Figura 3 – “Eles escolheram a pior foto” do Cazuzza.
Revista *Veja*, Edição 1.077, 26 de abril de 1989.

³¹ CAZUZZA. Todo amor que houver nessa vida. Universal Music Ltda: 1988. Spotify.

³² CAZUZZA. O tempo não para. Universal Music Ltda: 1988. Spotify.

³³ Revista *Veja*, Edição 1.077 – 26 de abril de 1989

Aquela publicação parecia anunciar o tipo de enredo que revistas, jornais e outros veículos elaborariam sobre a aids. Os meios de comunicação – para o bem e para o mal – monopolizaram as informações sobre a doença. A *Veja* não economizou pólvora ao falar de Cazuzza e trouxe um conteúdo sensível e bélico sobre o momento vivido pelo cantor. Confesso que li essa reportagem 30 anos depois com a mesma intensidade de quando foi lançada, com o fígado. O trecho a seguir traz muito da voltagem utilizada pela revista ao descrever o momento em que o cantor vivia:

A cabeça do ex-integrante do Barão Vermelho continua funcionando exatamente como antes – inclusive quanto alterna subitamente raciocínios sensatos com delírios poéticos, gestos de extremo afeto com agressões gratuitas, acusações levianas com elogios generosos. O que está muito diferente é o corpo do astro. De 68 quilos, ele passou para 40. Seu bronzeado já não esconde as manchas que lhe marcam o rosto. Se ainda há dois meses ele frequentava a pista de dança do *People*, boate que é um dos templos da noite carioca, ele agora não consegue andar sozinho, tem dificuldade em colocar uma fita no gravador, se cansa quando fala seguidamente e precisa de auxílio para realizar necessidades fisiológicas³⁴.

Essa matéria causou forte reação em Lucinha Araújo, mãe de Cazuzza. Em entrevista concedida a Roberto Justos³⁵, ela revelou ter achado uma crueldade a forma que abordaram a doença do filho. Ela lembrou que ele estava morrendo, e mesmo assim, recebeu de forma cordial os repórteres do periódico. Sobre a capa, revelou que presenciou o momento em que a equipe da revista fotografou seu filho por diversas vezes. Segundo Lucinha, “eles escolheram a pior foto” e fizeram declarações do tipo: “Cazuzza não é nenhum Noel Rosa” e que iria morrer com as músicas dele.

Tanto a capa da revista *Veja* quanto a charge da matéria sobre a “Síndrome Gay” impactavam intensamente homossexuais e travestis, principalmente porque se associava a aids a essas pessoas. De toda forma, é possível afirmar que a *Veja* tinha o intuito de vender a dor do Cazuzza, e ela sabia que daria muito dinheiro, e certamente, naquela semana, capitalizou de forma disparada.

Ainda sobre o impacto desta capa, em sua tese de doutorado, o historiador Paulo Roberto Souto Maior Júnior, ao se referir a matéria da Revista *Veja* sobre o Cazuzza, traz a seguinte afirmação:

A fotografia constrói a textualidade de uma época e, quando aparece na capa da revista semanal mais vendida do país, produz diversos sentidos, no caso acima o de que a aids

³⁴ *Veja*. Editora Abril. Edição 1.077. Ano 22, n. 17, 26 de abril de 1989, p. 80.

³⁵ Trecho da entrevista concedida por Lucinha, mãe de Cazuzza a Roberto Justus, em seu programa Roberto Justus Mais, no R7. Disponível em: <https://recordtv.r7.com/roberto-justus-mais/videos/lucinha-araujo-fala-sobre-a-morte-de-cazuzza-e-a-crueldade-da-imprensa-10092018>. Acesso em: 07/04/2022.

tinha chegado aos famosos, integrando uma formação discursiva onde o *quem se é* é reduzido ao *o que se faz* no domínio de uma sexualidade punida por suas práticas, rompendo assim o laço do que significava se dizer homossexual antes da aids³⁶.

As palavras do autor levam-nos a uma série de reflexões sobre as simbologias que compunham as imagens veiculadas nos meios de comunicação, cujas marcas do tempo estavam fortemente registradas, como se nos atentassem às temporalidades, estruturas sociais, visões de mundo e às próprias representações negativas sobre os grupos dissidentes. A imagem sobre o Cazuzo não era apenas a de uma pessoa destruída pela aids, mas de um alerta de que se as pessoas se arriscassem por certos caminhos, os resultados seriam catastróficos.

Com relação ao *Correio*, o tipo de matéria alimentava a estrutura, algo comum entre os veículos de imprensa, mas que fragilizava homossexuais e travestis, afirmando direta ou indiretamente suas posições enquanto grupos de pessoas transgressoras. Ao pensar na condição nas quais estes grupos se encontram ou são submetidos, a professora Guacira Lopes Louro traz uma justificativa bastante detalhada:

Aqueles e aquelas que transgridem as fronteiras de gênero ou de sexualidade, que as atravessam ou que, de algum modo, embaralham e confundem os sinais considerados “próprios” de cada um desses territórios são marcados como sujeitos diferentes e desviantes. Tal como atravessadores ilegais de territórios, como migrantes clandestinos que escapam do lugar onde deveriam permanecer, esses sujeitos são tratados como infratores e devem sofrer penalidades. Acabam por ser punidos, de alguma forma, ou, na melhor das hipóteses, tornam-se alvos de correção. Possivelmente experimentarão o desprezo ou a subordinação. Provavelmente serão rotulados (e isolados) como “minorias”. Talvez sejam suportados, desde que encontrem seus guetos e permaneçam circulando nesses espaços restritos. Já que não se ajustaram e desobedeceram as normas que regulam os gêneros e as sexualidades, são considerados transgressores e, então, desvalorizados e desacreditados³⁷.

Com base nas questões elencadas por Louro, retorno à charge para refletir sobre como estes corpos interditados e vistos de longe sofriam com a espetacularização dos óbitos. Essa banalização ocorria por meio de desconhecimento da doença e pelo preconceito associado a ela. Ambos potencializaram a aversão que a sociedade tinha com essas vidas. Para isso, três palavras são fundamentais na relação forçada pela sociedade entre a aids, travestilidade e homossexualidade: punição, correção e abandono. Punição em relação ao pecado e crime contra

³⁶ MAIOR JÚNIOR, Paulo Roberto Souto. *A invenção do sair do armário: a confissão das homossexualidades no Brasil (1979-2000)*. 2019. 306 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, 2019, p. 138. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?poPup=true&id_trabalho=7634777. Acesso em: outubro de 2023.

³⁷ LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: ensaios sobre a sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica Editora; Argos, 2018, p. 80-81.

a moral e bons costumes; correção do desvio; e por fim, abandono aos seres cujas vidas não importam.

Os discursos religiosos, a falta de compaixão e o abandono eram mais recorrentes com as travestis. Elas estavam sempre expostas e na vanguarda, em outras palavras, linha de frente, não gozavam do subterfúgio do armário (de não assumir sua identidade e sua expressão de gênero). Por essa razão, eram vítimas de diversos crimes que partiam do Estado e da sociedade. Num *modus operandi* correlato ao racismo e ao machismo, a homotransfobia estrutural se soma às matrizes de dominação que organizavam nossas práticas de sociabilidade.

A negação da existência das travestis, neste sentido, não se limitava aos assassinatos, estando presente na negligência do Estado e seu aparato no que diz respeito aos cuidados. A charge da década de 1980 era um endosso ao distanciamento nos cuidados médicos e à falta de políticas públicas voltadas a um atendimento humanitário que evitaria constrangimento e pouco caso para com essas comunidades.

Da mesma forma que outros jornais do mundo, o *Correio Braziliense* durante os anos 1980 e 1990 por diversas vezes se ocupou em noticiar a aids em suas páginas. Em vários momentos corroborava com o caráter preconceituoso da doença em relação às pessoas portadoras. Ressalto que a linguagem utilizada nas chamadas das matérias além de aterrorizar, reforçou sobre gays e travestis a pecha de doentes. Outras vezes, ainda sobre a linguagem utilizada, o teor da matéria buscava satirizar a aids. Essa questão estava presente em uma citação feita por Ari Cunha, na coluna “Visto, lido e ouvido”, no dia 7 de julho de 1983: DOENÇA – Do Ceará, vem a informação de como está sendo chamado lá a síndrome gay: “catapora baitola”³⁸.

José de Arimathéa Gomes Cunha, conhecido como Ari Cunha, nasceu em 22 de julho de 1927, em Mondubim, Ceará. Fez carreira jornalística ocupando espaços de privilégio em vários jornais, entre eles o *Correio Braziliense*, pertencente aos Diários Associados, de que se tornou vice-presidente em 1990, cargo que ocupou até sua morte, em 31 de julho de 2018. Os Diários Associados são uma importante empresa fundada na década de 1920 pelo empresário e jornalista Assis Chateaubriand (1892-1968). Trouxe essas referências para pensarmos na importância do jornalista Ari Cunha para imprensa brasileira e como sua opinião repercutia na sociedade.

Ari Cunha compartilhou e endossou o humor pela via da ridicularização de quem era apontado como o outro, ou seja, o humor pela violência. Sabemos que esse fazer rir a partir de

³⁸ *Correio Braziliense*, n. 7432, 07 de julho de 1983, p. 3.

humilhação e deboche servia à naturalização de discriminações de raça, sexualidade, gênero, classe. Ressalto que isso acontecia porque havia uma autorização, um pacto silencioso – ou até mesmo anunciado – de diferentes segmentos da sociedade autorizando esse tipo de prática.

Ao destacar o suposto local de origem do comentário, o Ceará, Ari Cunha já antecipava expectativas de um preconceito regional que associava o Nordeste ao esdrúxulo, para assim legitimar o escracho. Por meio dessa linguagem é possível chamar de “catapora de baitola” o “Sarcoma de Kaposi” e rir da associação. Como explica o médico Drauzio Varella:

Sarcoma de Kaposi é um tipo de câncer que acomete as camadas mais internas dos vasos sanguíneos. Além das lesões na pele, podem surgir outras semelhantes nos gânglios, no fígado, nos pulmões e por toda a extensão da mucosa intestinal (provocando sangramentos digestivos) e dos brônquios. É comum também elas se instalarem na parte interna das bochechas, gengivas, lábios, língua, amídalas, olhos e pálpebras. A doença é rara em pessoas com o sistema imunológico íntegro, mas é uma complicação comum na aids³⁹.

A palavra baitola não precisa de tradução para os habitantes do Distrito Federal. Era parte do vocabulário deste território bastante marcado pela presença de nordestinos – com destaque aos cearenses que usam frequentemente o termo – que vieram para capital desde o período da construção de Brasília. Ao utilizar a expressão “catapora baitola”, se despejava preconceitos sobre uma comunidade já fragilizada pela aids a partir de categorias populares, reforçava a estigmatização e adjetivava a doença como um mal homossexual, como se estes grupos agravassem a síndrome.

Neste contexto, tanto a charge utilizada na matéria do *Correio Braziliense* quanto as formas como um dos seus principais jornalistas se referiam à homossexuais traziam elementos comuns: homotransfobia, misoginia, sexismo, racismo e desrespeito aos direitos humanos. Embora estes eventos tenham sido apresentados em momentos distintos e de formas diferentes (imagem, texto e ação policial), serviam de amostra de como funcionava as estruturas sociais homotransfóbicas.

1.3 A regra aqui é viver!

As estruturas sociais produziam violências recorrentes e isso alimentava entre gays e travestis sentimentos de desesperança e de impossibilidade de transformação. Porém, a resiliência e o protagonismo dessas comunidades, mesmo diante de um cenário desfavorável,

³⁹ Essa informação compõe uma matéria sobre Sarcoma de Kaposi publicada pelo Portal Drauzio Varella. Disponível em: <https://drauziovarella.uol.com.br/doencas-e-sintomas/sarcoma-de-kaposi/> Acesso em: 14/04/2021.

não impediram que desafiassem a sociedade e permanecessem firmes, o que demonstra suas forças enquanto sujeitos históricos.

As reflexões sobre estas vidas direcionam nosso olhar principalmente para a cidade “metafórica”, que recebiam outros significados a partir das pessoas, como é defendida por Michel de Certeau⁴⁰. Com relação à sua ocupação, lembro que estes espaços de sociabilidade que abrigavam as minorias possuíam dinâmicas próprias e distantes da condição de barbárie.

Logo, essas vivências impuseram um tipo de organização paralela a estes espaços, na maioria das vezes em períodos do dia bem definidos e que de certa forma, não se misturavam, salvo alguns espaços que acabavam se tornando mais híbridos. No caso do Conjunto Nacional de Brasília, CONIC e Cruzeiro Center, tinham horários de funcionamento definidos por serem estabelecimentos comerciais. Com relação às áreas públicas com perfis semelhantes ao do Setor Comercial Sul (SCS) e do Setor Hoteleiro Sul (SHS), as apropriações eram predominantemente no período da noite. A Rodoviária do Plano Piloto, em contrapartida, em razão de seu movimento constante, as presenças se davam a qualquer hora do dia e com dinâmicas mais flexíveis. Embora o Parque da Cidade se assemelhasse à rodoviária no que diz respeito aos horários, a presença destes grupos era intensa, diversa e em qualquer momento do dia.

Quando a gente observa as diferentes formas de estabelecimento das dinâmicas de funcionamento e apropriação do centro de Brasília em determinadas horas do dia, nos deparamos com o protagonismo destes grupos enquanto sujeitos que reescrevem a história local, dentro de um ambiente adverso e cheio de tensionamentos. Entre eles, destaco o conflito entre a cidade planejada, que desde o início não previa a presença dos referidos grupos, com a cidade transformada, que era a cidade apropriada de modo a receber suas presenças.

O centro do Plano Piloto era um dos lugares de maior destaque na capital do Brasil. Seu planejamento na década de 1960 tinha como objetivo trazer funcionalidade, melhor mobilidade e conectar o centro e a periferia por meio da Rodoviária de Brasília. Além de ser um núcleo comercial e de diversões bastante valorizado, era bem-conceituado na arquitetura moderna, com espaços voltados ao trabalho, desenvolvimento, deslocamento e à contemplação da paisagem da capital⁴¹.

⁴⁰ CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: Artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009, p; 159.

⁴¹ A reedição do Relatório de Lucio Costa para o Concurso Nacional do Plano Piloto da Nova Capital do Brasil, acompanhado do Edital do Concurso e da apreciação do júri para o Concurso Nacional do Plano Piloto da Nova Capital do Brasil, executada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - Iphan em parceria com a Secretaria de Estado de Cultura do Distrito Federal é um documento que traz as primeiras impressões e princípios que norteariam a concepção de Plano Piloto de Brasília. Embora, tradicionalmente explorado na História do

As narrativas sobre a capital do Brasil apresentavam a cidade com um ar de perfeição. No entanto, é importante considerar que elas não deram conta das múltiplas aspirações de cidade que atravessam Brasília e, por essa razão, tentaram encobrir outras realidades que se incorporavam gradualmente estes espaços. Os discursos sobre a cidade se apoiavam num ideal de perfeição, era fantasioso e tentava eliminar qualquer possibilidade que não atendessem essa utopia.

Ao observar a forma como Brasília era descrita é possível perceber que a maioria das falas sobre a cidade escamoteavam a arbitrariedade da desigualdade, posteriormente escancarada por quem cruzava a cidade todos os dias. Daí a importância de trazer o olhar das pessoas que saem das chamadas Cidades Satélites – agora denominadas Regiões Administrativas (RAs) – em direção ao centro. Essa presença periférica quebra com essa centralidade, mostra o dinamismo proveniente do outro enquanto presença, ao mesmo tempo em que nos apresenta um Plano Piloto com seus tensionamentos, algo comum nos grandes centros.

Mesmo para as pessoas que nasceram em Brasília e que já se acostumaram com o seu funcionamento e organização socioespacial, há momentos em que ela parece ser uma cidade morta ou abandonada. A divisão entre trabalho e moradia impõe ao Plano Piloto uma rotina aparentemente lenta e silenciosa, muito perceptível aos domingos e feriados. Enquanto as Regiões Administrativas do Distrito Federal fervem de possibilidades de diversão aos sábados e domingos, com pessoas se movimentando a todo o tempo, músicas em vários cantos da cidade, carros de som divulgando promoções do mercado e camelôs batendo de porta em porta e a molecada brincando nas ruas, o centro do Plano Piloto padece, basta olharmos para o Setor Comercial Sul (SCS) que durante a semana tem movimento frenético, mas se cala aos fins de semana durante o dia.

Se analisarmos os primeiros anos da capital, veremos que as primeiras gerações de migrantes, que viram em Brasília a oportunidade de concretizar seus sonhos, se depararam com o inesperado e sentiram um impacto muito maior de como a cidade funcionava, ou seja, viveram o contraste da cidade idealizada por Lúcio Costa. O antropólogo estadunidense James Holston, lembrou que essa geração cunhou o termo “brasilite”, que era uma descrição do “impacto de

Distrito Federal, ele serve a esta tese, unicamente como contraponto, ou seja, a cidade imaginada e concebida inicialmente por Lucio Costa tensionada pela cidade vivida, ocupada e ressignificada por gays e travestis (1970-1995). O seguinte documento está disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/lucio_costa_miolo_2018_reimpressao_.pdf. Acesso em: março de 2022.

Brasília sobre suas vidas como um trauma”, já que não desfrutavam dos prazeres da vida como nas ruas de outras cidades brasileiras⁴².

Holston quebrou com o discurso da utopia nas referências à Brasília e isso nos leva a refletir sobre a importância da guetização no atravessamento de uma estrutura rígida que segregava pessoas que não eram alinhadas aos padrões aceitos. Este sentimento de abandono dos que migraram para a capital se rompeu quando lançados em suas sociabilidades e transformaram estes lugares em territórios de sobrevivência e pertencimento.

Embora o autor não se refira às categorias nas quais esta tese se debruça, sua percepção e análise nos permitem refletir que a busca por espaço e acolhimento por parte de travestis e gays se aproximam a busca dos migrantes – sem desconsiderar as diferenças – que cotidianamente rompiam com as estruturas rígidas da cidade na medida que se movimentavam por ela. Essa movimentação resultou em espaços apropriados cobertos de novos sentidos: o gueto.

Quando me refiro às particularidades de cada um destes grupos, é importante salientar que os migrantes ao se instalarem na capital, de certa forma implantaram seus costumes em uma cidade que acabara de nascer, o mesmo acontece com os grupos considerados dissidentes, que viram em certos espaços do Plano Piloto a possibilidade de ocupação e ressignificação, ainda que de forma momentânea.

O movimento de travestis e gays na transformação da cidade é fundamental a esta pesquisa, que diferentemente dos migrantes, se apoiou em alguns pilares: no *trottoir*, das travestis; na sociabilidade das duas comunidades; e em formas de tomar a cidade como parte de suas experiências, seja por meio da diversão ou trabalho. O uso da palavra *trottoir* – muito presente nas fontes pesquisadas – nessa tese remetia ao sentido de prostituição a céu aberto, como por exemplo o que acontecia nas calçadas próximas às pistas no Setor Hoteleiro Sul (SHS) e Setor Comercial Sul (SCS). Ressalto que a prostituição é encarada como um elemento importante porque nos ajuda a compreender as múltiplas experiências e dinâmicas sobre o centro de Brasília.

É inegável que o *trottoir* tem impactos consideráveis sobre a cidade, pois além do caminhar que impõe ritmos diferenciados aos espaços, possui regras específicas de acordo com cada lugar, incorpora outros indivíduos a essa prática, além de alterar a forma como as pessoas encaram estes locais.

⁴² HOLSTON, James. *Cidade Modernista: uma crítica de Brasília e sua utopia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 31.

No Brasil, essa prática é historicamente combatida pelo Estado, sempre pressionado pela sociedade que se colocava contra ela em diversos momentos, a partir de várias operações realizadas com intuito de tirar de circulação travestis e mulheres que batalhavam⁴³ nas ruas.

Trouxe essas questões sobre o *trottoir* para entendermos melhor o que está envolvido nessa prática. Aqui, é importante pensar – com olhar novamente voltado ao centro de Brasília – que ele era um tipo de apropriação espacial que trouxe sentidos diferenciados ao centro da cidade durante as décadas de 1970 à 1990, e que contribuiu com a construção do gueto. Ressalto que quando me refiro ao centro da cidade, estou tratando de lugares específicos: Rodoviária do Plano Piloto, o Conjunto Nacional de Brasília (SDN), Setor de Diversões Sul (SDS), Setor Comercial Sul (SCS) e Setor Hoteleiro Sul (SHS), Parque da Cidade, Região Administrativa do Cruzeiro (RA) e Setor Militar Urbano.

Antes de pensarmos os espaços da capital, é fundamental o aprofundamento na ideia de gueto homossexual e na sua importância à sobrevivência destes indivíduos. Edward MacRae, um dos pioneiros nos estudos sobre homossexualidades no Brasil, trouxe as seguintes considerações sobre estes espaços:

Os sentimentos de culpa e pecado que oprimem o homossexual são constantemente repostos por fatores sociais que o levam a se ocultar, a ter medo do ridículo, da prisão, do desemprego, do ostracismo por parte de amigos e familiares. O gueto é um lugar onde tais pressões são momentaneamente afastadas e, portanto, onde o homossexual tem mais condições de assumir e de testar uma nova identidade social. Uma vez construída a nova identidade, ele adquire coragem para assumi-la em âmbitos menos restritos e, em muitos casos, pode vir a ser conhecido como homossexual em todos os meios que frequenta. Por isso é de maior importância a existência do gueto. Mais cedo ou mais tarde, acaba afetando outras áreas da sociedade⁴⁴.

De fato, os locais de sociabilidade traziam a sensação de segurança e pertencimento, pareciam livres da rejeição, mesmo com a presença constante do aparato opressor do Estado. Visto como um mundo à parte, nele havia possibilidades de encontros afetivos importantes à sobrevivência, ao contrário de outros lugares. O gueto era uma opção de acolhimento, embora não estivesse livre dos marcadores sociais: racismo, sexismo, misoginia, transfobia e homofobia. Ele reproduzia desigualdades espelhadas nas práticas vivenciadas em locais considerados “normais”.

Com relação ao gueto, é relevante lembrar que vários grupos frequentavam seus espaços de forma ativa e que havia certo hibridismo no que dizia respeito às pessoas e à estrutura do lugar. No caso do centro do Plano Piloto, ele contava com um comércio que se adaptava aos

⁴³ A expressão “batalhar” é comumente entendida como o ato de se prostituir.

⁴⁴ MACRAE, Edward. A construção da Igualdade: política e identidade homossexual no Brasil da “abertura”. Salvador: EDUFBA, 2018, p. 57-58.

diversos grupos, a depender da hora do dia: bares, boates, saunas, transporte, entre outros. É possível afirmar que o gueto homossexual em Brasília seguia o formato de outras regiões brasileiras, principalmente porque parte de seus frequentadores não se fixavam a estes locais.

Perlongher, por meio do conceito de territorialidades itinerantes, contribuiu na diferenciação do “*gay ghettos* à americana” em relação aos espaços de prostituição e sociabilidade homossexual em São Paulo⁴⁵. No caso do gueto americano, tinha-se a apropriação de cidades inteiras por LGBTQIA+ (serviços especializados, bancos e agências de turismo oferecidos a estes grupos). Isso se diferenciava do que era vivido no Brasil (a referência é São Paulo), em que estes espaços urbanos apropriados por travestis, michês e gays ocorriam geralmente durante a noite.

Nas noites de Brasília, a apropriação destes territórios por travestis e gays se assemelhava ao que acontecia em São Paulo, Rio de Janeiro e outros grandes centros no Brasil. Em todos estes lugares se verificava uma espécie de nomadismo, ou seja, espaços de ocupação transitórios em que se dava o processo de apoderamento e circulação. Na medida em que se compreende este funcionamento, sobretudo, a partir do conceito de Néstor Perlongher, a experiência do gueto se torna palpável. Sobre ele, Júlio Assis Simões lembra que:

Perlongher defendia a relevância de uma abordagem “territorial”, que permitiria representar mais adequadamente as categorias de autodefinição sexual como “pontos” dentro de redes circulatórias, numa relação de contiguidade e mesmo de mistura. Isso poderia ser verificado tanto nos espaços e trajetos percorridos pelos sujeitos quanto pela posição dos sujeitos em diversas relações, o que faz com que eles se qualifiquem e sejam qualificados de maneiras diferentes, conforme o lugar em que estejam, valendo-se de uma proliferação de categorias identitárias que colidem e tensionam entre si⁴⁶.

Este conceito explica o movimento dos corpos nas áreas urbanas (ocupação e desocupação permanente) e o porquê dos lugares de trânsito não serem voltados à moradia. Por outro lado, é preciso colocar em evidência como o Estado e sociedade reagiam, porque havia a especulação imobiliária voltada ao centro da capital. Os interesses econômicos resultaram em respostas quase sempre violentas contra essas pessoas consideradas dissidentes (sexo e gênero), para além de outras que habitavam lugares inimagináveis no centro da capital.

Os locais de sociabilidade apresentavam certa instabilidade. Se por um lado eram imprescindíveis às vivências, por outro reproduziam diversas agressões contra essas comunidades em alguns momentos. Destaco as violências do Estado, as que ocorriam no

⁴⁵ GREEN, N. James; TRINDADE, Ronaldo (Orgs.). *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo: Editora UNESP, 2005, p. 273.

⁴⁶ GREEN, N. James; TRINDADE, Ronaldo (Orgs.). *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo: Editora UNESP, 2005, p. 264-265.

interior destes espaços e as simbólicas, ambas presentes na marginalização, falta de proteção e segurança. Ainda assim, em meio a adversidade, o gueto era fundamental na vida de gays e travestis.

A importância do gueto está presente no artigo “Manifestações textuais (insubmissas) travestis”, de autoria de Sara Wagner York (Rio de Janeiro), Megg Rayara Gomes Oliveira (Paraná) e Bruna Benevides (Ceará). Em forma de um Manifesto Travesti, elas afirmam que “o gueto foi/é importante para nós. Ali aprendemos a nos ajudar e nos compreender como seres coletivos. Parem de ignorar ou sugerir que nossos ‘quilombos’ não tiveram importância para a nossa sobrevivência”⁴⁷. Elas evidenciam pontos fundamentais para sua percepção enquanto travestis e mulheres transexuais, algo que pode ser estendido a outros grupos: solidariedade entre seus pares e a compreensão coletiva das identidades que ocupam os espaços.

1.4 Sujeitos da Análise: gays e travestis

As inúmeras narrativas presentes na imprensa local, como as que serão apresentadas a seguir, traziam outras percepções sobre pessoas, espaços e territorialidades. São situações específicas em que travestis foram injustiçadas e tiveram a oportunidade de denunciar por meio de reportagens policiais do *Correio Braziliense*. No cotidiano essas matérias eram apresentadas de forma espaçada e acabavam diluídas em meio a tantas outras notícias, como foi o caso da matéria “Travestis denunciam os PMS do Venâncio⁴⁸: cobram proteção”⁴⁹, publicada em outubro de 1979, seguida de outras duas que repercutem o caso.

O clima em Brasília no mês de outubro é sempre muito agradável. É um período em que a seca fica para trás, quando as primeiras chuvas renovam as paisagens do cerrado, que há pouco eram tomadas pela beleza dos Ipês. Assim foi em 1979. Cassandra, possivelmente aproveitou a manhã de sol do dia 25, uma quinta-feira, para ir ao mercado comprar alguns produtos de beleza, já que a noite prometia.

Para algumas travestis, naquele período, a vida poderia ser assim: mercado, descanso, cuidado com a beleza e trabalho à noite. Cassandra, por exemplo, que era bastante vaidosa e

⁴⁷ YORK, Sara Wagner; OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes; BENEVIDES, Bruna. “Manifestações textuais (insubmissas) travesti”. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 28, n. 3, e75614, 2020, p. 9. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/D5Mthwz5BKtkhX8JTwgjJbd/?lang=pt>. Acesso em: junho de 2023.

⁴⁸ Venâncio é uma referência ao Edifício Venâncio, um dos prédios que compõem o complexo comercial conhecido como CONIC. Ele está situado nas proximidades da Rodoviária do Plano Piloto, entre o Conjunto Nacional de Brasília e o Setor Comercial Sul.

⁴⁹ *Correio Braziliense*, n. 6109, 26 de outubro de 1979, p. 17.

tinha espetáculo marcado, ir ao mercado e não comprar um belo esmalte Colorama vermelho e acetona estavam fora de cogitação. Suas unhas eram bem longas e, por certo, combinavam com cores mais fortes. Por essa razão, ela precisava de muito cuidado ao vestir certas roupas para não as desfiar. Sou capaz de imaginar ela vestida em um vestido prateado ainda mais destacado por um decote que valorizava suas costas bronzeadas. O figurino ainda fazia justiça às suas belas pernas, tendo um balanço combinado com o movimento do seu corpo.

O molejo de Cassandra chamava muito a atenção e provavelmente isso era algo que vinha desde sua adolescência. Certamente não aprendeu a dançar e dublar de uma hora para outra, o que me leva a acreditar que quando era mais nova não parava de fazer suas performances em frente ao espelho, numa demonstração de comprometimento com a sua arte. As pessoas empenhadas e organizadas, quando têm compromissos, se organizam com antecedência.

Cassandra passaria uma boa parte da tarde preparando o penteado da peruca que usaria em sua apresentação na *New Aquarius*, uma das principais boates do Distrito Federal, localizada no CONIC, no Setor de Diversões Sul (SDS), área central do Plano Piloto. Ela adorava fazer seus shows naquele lugar, pois dava certo status de estrela. Todas as vezes em que tinha alguma apresentação, o dia era frenético, cheio de trabalho e organização.

Nas noites de espetáculo, Cassandra poderia ir de táxi. Além da comodidade, recebia um bom desconto do motorista que tinha costume de fazer corridas para as travestis. Era um serviço que parecia tão especializado, que até havia lugar de pendurar o cabide com vestido para não amarrutar.

Era um dia comum, mas que prometia um final feliz. Como a maioria das pessoas que trabalhavam na noite com espetáculos, o sonho dela era ser famosa e conhecida por todos. Geralmente, pessoas com essa sede de *glamour*, desde muito cedo dizem que o mundo será pequeno para o seu brilho, e com ela não seria diferente. Essa vontade de encantar estava presente em cada apresentação, nos mais pequenos detalhes.

A beleza do seu espetáculo naquela noite foi algo extasiante. O público ficou agitadíssimo com seus movimentos sensuais e com a canção escolhida, *Hot Stuff*, um *hit* badalado da cantora Donna Summer. A boate, como de costume, estava tão quente, que houve até os mais ousadinhos que se arriscaram a tirar as camisetas e rodá-las no ar, rapidamente contidos pelos seguranças do Oswaldo, o empresário dono do pedaço. Depois de agitar o público, era a hora de colher os frutos como celebridade. Cassandra ficara por ali, sendo cortejada por todo mundo que passava. As batidas das músicas, as luzes do lugar, a fumaça e o

movimento dos corpos faziam com que as horas passassem tão rápido, que, sem perceber, já eram quase quatro horas da manhã.

Ela, então, foi até o camarim, pegou sua bolsa, não quis nem trocar de roupa, colocou apenas um casaco. Afinal, lá fora, fazia um frio danado naquela região durante a madrugada. Despediu-se do segurança, subiu as escadas e foi esperar a condução que a levaria para casa. Ela amava aquela rotina. A única coisa que não imaginava era que aquela noite linda fosse se transformar num verdadeiro inferno.

Parada na calçada, ela levou um susto com a chegada de policiais militares que faziam policiamento ostensivo naquela região. A princípio, achou que fosse apenas uma abordagem de rotina, quando na verdade era uma tentativa de extorsão. Não era a primeira vez que policiais tentavam ganhar dinheiro às custas de Cassandra, mas ela achou que ficaria tudo bem se não se dobrasse ao assédio, mas algo deu errado. A recusa em pagar uma taxa de proteção aos policiais provocou uma verdadeira fúria naqueles homens fardados. Eles começaram a empurrá-la de um lado para o outro e tentaram puxar sua bolsa. Foi quando ela começou a gritar: “Socorro! Socorro! Eles querem me roubar! Me ajudem, por favor!”

Algumas pessoas que andavam por ali, preferiram não fazer nada porque se tratava de policiais armados. Ela gritava de um lado de forma desesperada enquanto eles a xingavam de “bicha safada”. Foi quando chamaram a viatura para levá-la até a delegacia. Cassandra pensava que ia morrer. Aquela madrugada trouxe tantos elementos, do *glamour* ao desespero. Ela se sentiu muito confusa diante das violências, e se perguntava a todo tempo o porquê de tanto ódio.

No camburão escuro, sufocante, sentindo dores por todo o corpo, não havia outra coisa que passasse pela sua cabeça que não fosse justiça. Desesperadamente gritava que era honesta e que não merecia ser carregada daquele jeito. E no auge do sofrimento, chutava a porta do camburão e ouvia por parte dos policiais: “Cala a merda dessa boca, pederasta safado!”

De repente a viatura estacionou e seu motor foi desligado, o que causou mais tensão em Cassandra. Em seu relato ao *Correio Braziliense* ela diz: “Quase me arreventaram a golpes de cassetetes. Me levaram para o posto policial da Rodoviária. O agente de plantão deu cobertura para PMs e disse que tinha raiva de todas as ‘bichas do mundo’”⁵⁰.

Entre tantos ataques, me chama a atenção a denúncia sobre a recusa do atendimento médico por parte do Hospital de Base de Brasília. Essa negligência com a saúde de travestis e

⁵⁰ *Correio Braziliense*, n. 6109, 26 de outubro de 1979, p. 17.

pessoas transexuais, além de recorrente, faz parte de um tipo de violência bem específica contra essas comunidades. Bastante ferida, ela resolveu retornar às proximidades do CONIC.

O dia estava quase amanhecendo e por sorte encontrou um amigo taxista que a levou até sua casa. Ainda dentro do táxi, percebeu o roubo de sua peruca, cujo valor pago por ela era de Cr\$ 2.000,00. Ela estava tão sofrida que o motorista não quis cobrar a corrida: “Não se cobra por socorro, minha irmã!”. Durante a tarde, Cassandra foi atendida e medicada no Hospital Regional de Taguatinga.

O episódio violento sofrido por Cassandra apresenta o horror que é um ataque transfóbico em várias dimensões, que vão das violências simbólicas, passando pelo desprezo, até as questões que envolvem dinheiro, especialmente, por meio da extorsão. Neste caso específico, ela se recusou a pagar aos policiais a quantia de Cr\$ 100,00 e por isso teve sua bolsa com seus objetos pessoais e Cr\$320,00 apreendidos.

Vale ressaltar que mesmo ferida e com medo, ela procurou o *Correio Braziliense* na figura do repórter Mário Eugênio, para expor toda história, pois acreditava que ele a ajudaria a fazer justiça. O trecho a seguir faz parte do relato feito ao repórter:

Olha, Mário Eugênio, resolvi procurá-lo porque tinha quase certeza de que você me ajudaria. Você é a única pessoa que pode ajudar a mim e minhas colegas que vão ao Conjunto Venâncio. Não aguentamos mais de tanta exploração. Esses soldados estão nos assaltando há meses, estão, praticamente, obrigando a gente a trabalhar para eles. Isso é um absurdo. Em plena Capital Federal, em pleno centro da cidade ocorrem fatos dessa natureza e o Comando Geral da PM não toma uma providência para acabar com esses abusos⁵¹.

A denúncia feita por ela repercutiu na corporação, causou repúdio por parte de muitos policiais, embora, parte desqualificasse a denúncia. Muitos defendiam que “certas pessoas (como o homossexual Cassandra) não merecem crédito porque são capazes de denunciar qualquer um porque não tem nada a perder”⁵². A reportagem apontou que tanto o Alto Comando da PM quanto a Seção de Investigações Criminais da 1ª Delegacia de Polícia acompanhavam as investigações em torno do assunto. Informam ainda, que os policiais apontados pela vítima seriam ouvidos no inquérito instaurado pela Polícia Judiciária e pagariam pelos crimes de extorsão, excluídos ou não pela corporação como previsto.

A procura pelo repórter Mário Eugênio por parte de Cassandra para denunciar alguns policiais pode estar relacionada a eficiência com a qual o repórter investigava atos criminosos da própria polícia, bem como a grande audiência que ele alcançava a partir de seu trabalho na

⁵¹ *Correio Braziliense*, n. 6109, 26 de outubro de 1979, p. 17.

⁵² *Correio Braziliense*, n. 6110, 27 de outubro de 1979, p. 14.

Rádio, com o programa cujo nome era “*Gogó das sete*”, uma referência ao patrocinador, o Leite Gogó. Embora eu fosse uma criança ainda me lembro de um dos bordões utilizados por ele: “Meninos, eu vi”.

Embora muito jovem, Mário Eugênio demonstrava muita competência em investigações, refletindo assim na audiência dos seus programas. Essa competência fez com que criasse muitos inimigos, já que como repórter investigativo ele não se importava com a envergadura dos investigados, dos mais simples aos mais poderosos. Foi em uma dessas investigações em que denunciava arbitrariedades policiais e crimes do Esquadrão da Morte que Mário Eugênio foi assassinado com vários tiros na cabeça, aos 31 anos de idade, no dia 11 de novembro de 1984. Vale ressaltar que a Secretaria de Segurança Pública do Distrito Federal, a época, estava sob o comando do coronel Lauro Rieth⁵³.

Em razão do seu assassinato, o *Correio*, no dia 13 de novembro de 1984, trazia o seguinte título: “Mário levou 4 tiros pelas costas”. Em uns dos trechos dessa reportagem, o jornal faz a seguinte manifestação: “O Gogó das Sete foi ao ar ontem e o *Correio Braziliense*, à meia-noite de domingo, teve que parar suas rotativas e mudar sua primeira página para dar, como manchete do jornal, o seu mais triste furo de reportagem: Mataram Mário Eugênio”⁵⁴. Com certeza, este foi um dos casos de maior repercussão na história do Distrito Federal, especialmente, por se tratar de um repórter investigativo considerado tão eficiente na solução de crimes cometidos por policiais.

Certamente, Cassandra apostara que haveria uma repercussão negativa sobre o papel da polícia caso fosse amplamente divulgada pelo jornal e que resultaria em constrangimento e punição dos envolvidos. Essa aposta parece ter sido motivada pelas informações que ela possuía acerca da atuação jornalística de Mário Eugênio. Independentemente da repercussão, a leitura da matéria me traz a impressão de uma forma elegante, respeitosa e humana como a iniciativa de Cassandra foi registrada na reportagem. Isso desenha um ambiente de acolhimento humanizado, genuíno a alguém que estava pedindo socorro. Nesse sentido, Mário Eugênio faz o seguinte detalhamento:

Tímido, caminhando com dificuldade e com os braços e seios enfaixados devido aos ferimentos, Cassandra procurou nosso repórter. “Estou revoltada”, disse o artista com uma voz manhosa, embora com um sotaque moderado. A primeira vista, tem-se a

⁵³ *História Hoje: Assassinato do jornalista Mário Eugênio completa 32 anos*, Radioagência Nacional, Empresa Brasileira de Comunicações – EBC, em 11/11/2016. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/acervo/geral/audio/2016-11/historia-hoje-assassinato-do-jornalista-mario-eugenio-completa-32-anos/>. Acesso em: janeiro de 2024.

⁵⁴ *Correio Braziliense*, n. 07900, 13 de novembro de 1984, p. 16.

impressão de que trata-se de uma mulher, sensual. “Cassandra” é assim. Um travesti “de personalidade” e que é “gente igual às outras pessoas, que sofre, tem sentimentos como qualquer ser humano”. Estas foram suas palavras durante a entrevista, quando mencionava a perseguição dos PMs contra seus colegas que frequentavam o Conjunto Venâncio⁵⁵.

Entre as arbitrariedades da polícia, o roubo da peruca de Cassandra me levou a pensar várias questões e possibilidades para a sua ocorrência: uma forma de prejudicar Cassandra; ao notar que era uma peruca de qualidade, ela poderia render um bom dinheiro; ou até mesmo um ataque transfóbico pela representação que cabelos tinham na construção da feminilidade. Sobre esse último, no qual vou me ater, Marcos Benedetti, em seu livro “*Toda feita: o corpo e o gênero das travestis*”, trouxe uma abordagem sobre a importância dos cabelos, que pode colaborar com o aprofundamento da matéria analisada. Sobre isso, ele afirmou que:

Os cabelos também devem ser longos e bem cuidados, sempre com cortes femininos. Poucas travestis usam peruca. A peruca – que é chamada de *picumã* – é valorizada para a produção de um visual diferente, mas, quando utilizada como recurso de alongamento do cabelo (o que denota que quem a usa tem cabelos curtos), pode ser motivo de ridicularização para travesti, pois a equipara a uma *bicha-boy*).

O uso de tinturas e produtos (dês)colorantes nos cabelos é frequente entre as informantes. Elas se mantêm atualizadas sobre os cem detalhes ínfimos sobre as vantagens e desvantagens de cada um, preços e macetes de aplicação. Todos os produtos existentes no mercado são utilizados ou testados, dos mais modernos e com recursos tecnológicos avançados aos mais simples e tradicionais como o Hené Maru, um produto cremoso usado para alisar cabelos crespos, em geral por pessoas negras. Os cabelos podem variar na cor, na textura, no volume e na forma. Mas têm que ser compridos, o que algumas travestis conseguem “botando”, literalmente, um cabelo. Compram mechas longuíssimas e aplicam sobre o seu próprio cabelo por meio de técnicas específicas de entrelaçamento – *o interlace* – feitas em salões de cabeleireiros. Assim conseguem adquirir cabelos compridos de um dia para outro.

Observei também (esporadicamente) o emprego de apliques ou franjas postiças, para ressaltar determinada característica de alguma personagem. Mas as longas madeixas sempre são exibidas com muito orgulho e, ademais, fazem parte de um jogo de cena muito comum entre as “*monas*”: virar para o lado, jogando, antes do corpo, todo o cabelo, como a mostrar uma certa displicência (quase sarcástica) ou uma descompromissada superioridade sobre todos⁵⁶.

Em nossa sociedade, a construção da representação do feminino hegemônico passa pelos cabelos de forma contundente, algo que não seria diferente com as travestis. Esse longo caminho do tornar-se travesti – no sentido de construção da própria história e não como algo artificial, já que se trata de uma identidade – fica evidente quando Marcos Benedetti explora em sua etnografia o cuidado dispensado aos cabelos. Ressalto aqui que esse cuidado não é do

⁵⁵ Idem.

⁵⁶ BENEDETTI, Marcos Renato. *Toda feita: o corpo e o gênero das travestis*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005, p. 62-63.

dia para a noite e que consome grande parte do tempo dessas pessoas. É claro que o cuidado com os cabelos não é a única preocupação por parte das travestis, essa transformação passa pelo rosto, seios, bunda, pernas, unhas, roupas, gestos e tudo que possa colaborar com o que cada uma entende como ideal, porque ser travesti também passa pelas múltiplas possibilidades do tornar-se travesti.

Dentro de todo esse contexto, o cabelo representa um dos elementos mais importantes e visados, destaco a aqui, a auto-imagem, ou seja, na forma como as travestis se enxergam e se projetam no mundo e para o mundo. Isso não é uma novidade, a sociedade sabe muito bem da importância que eles têm para essas vidas, e é exatamente por essa razão, que os cabelos são atacados em determinados momentos, quando o interesse é humilhar ou destruir.

Ao se referir à Cassandra, Mário Eugênio usou a expressão “travesti de personalidade”, algo que concordo, principalmente se estiver ligado a resiliência, a coragem de seguir. Naquele mesmo ano a Boate *New Aquarius* promoveu o concurso de Miss Brasília Boneca de 79 e Cassandra ficou em quarto lugar. O jornal destacou que no momento do anúncio de sua colocação no concurso, algumas pessoas gritavam da plateia que ela já tinha um título: “Rainha dos PMs”. Isso era uma repercussão do episódio de violência e extorsão sofrido por ela e outras travestis.

Os espetáculos, como os protagonizados por Cassandra na *New Aquarius*, para além das ocorrências apresentadas no *Correio Braziliense*, aconteciam em várias regiões do Brasil. Entre liberdades e interdições, é preciso lembrar que durante os anos 1970 os shows com travestis em teatros e boates eram bastante procurados, mesmo se tratando de um período ditatorial, mas isso não significa que não houve contratempos e tentativas de proibição em diversas regiões do país. Em Curitiba, por exemplo, como apresenta o Acervo Bajubá, os bailes no Clube Operário enfrentaram ações por parte do Departamento de Polícia Federal, mesmo assim resistiram à tentativa de exclusão:

O concurso de travestis do Operário de 1968 a 1973 ocorreu, mediante requisição e autorização do Serviço de Censura e Diversões Públicas, do Departamento de Polícia Federal. Em 1974, o Departamento de Polícia Federal voltou a proibir o “baile de travestis” do Operário por pedido de uma entidade associativa de Brasília. Como forma de driblar à censura, Tatu alegava que o evento seria um “Concurso de Fantasias”, apresentando a inscrição de 30 pessoas, dentre elas oito seriam mulheres (cisgeneras) e os outros 22 nomes pertenceriam “também a mulheres [...] Angélica, Brigitte, Carmem Miranda, Diana, a Deusa do Amor e muitos outros. O presidente do Operário providenciou um mandado de segurança contra a medida, ameaçando inclusive realizar vários protestos e “uma passeata com cartazes na Boca Maldita”, caso não vença a questão na Justiça federal. Na mídia da década de 1970, a vitória da liberação do Baile dos “enxutos” foi relacionada como uma expressão do “*Gay Power*” brasileiro.

Entretanto, mesmo o baile tendo sido liberado, o concurso em si não foi realizado nem em 1974, nem 1975⁵⁷.

Os aspectos culturais permitiram que vários espaços ganhassem novos sentidos e oportunidades fossem criadas para além do viés econômico. O historiador James Green, em seu trabalho sobre a homossexualidade no Brasil do século XX, afirma que “o espaço público expandido para a sociabilidade homossexual aumentou as oportunidades para pessoas interagirem com outras que compartilhavam uma identidade”⁵⁸.

Essa movimentação artística que permeava o gueto se encontra registrada nas imagens da entrega de um prêmio no ano de 1978. Esse espaço da alegria também era lugar de realização e isso estava estampado no sorriso de Kátia ao receber o prêmio “Miss Brasília Boneca 1978”.



Figura 4 – Kátia recebe a coroa de Miss Brasília Boneca 1978, boate *New Aquarius*. Tadashi Nakagomi/ CB/D.A Press. Brasil. Brasília – DF

A cultura representava naquele período um fator essencial aos espaços de sociabilidade, sobretudo pelo fortalecimento das lutas pela resistência. Nesse caso específico, ela trazia elementos frequentemente atacados nas vidas de gays e travestis, com destaque à alegria, à

⁵⁷ O trecho faz parte do Arquivo Acervo Bajubá, cujo o título do texto é “Desfile de travestis no Clube dos Operários”. O texto é composto de um panorama dos desfiles de travestis em Curitiba a partir dos anos 1950 até a segunda metade dos anos 1980 e traz informações dos enfrentamentos políticos e resistência às opressões que partiam de setores conservadores do Estado, como por exemplo a Polícia Federal. Os eventos traziam a beleza e o glamour de travestis, bem como o protagonismo e organização política desse grupo, incluo aqui homossexuais, juntamente com outras pessoas da sociedade civil. É interessante quando o Acevo Bajubá traz textos como esse, sobretudo, ampliando nossa percepção de outras lutas políticas para além dos grandes centros, como Rio de Janeiro e São Paulo. Texto disponível em: <https://acervobajuba.com.br/desfiles-de-travestis-no-clube-dos-operarios/>. Acesso em: março 2022.

⁵⁸ GREEN, James Naylor. *Além do Carnaval: A homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: Editora UNESP, 2019, p.434.

celebração e ao afeto. Assim, o gueto, passa a cumprir seu papel na preservação das identidades, na resistência que parte da expressão cultural, nas expressões da alegria enquanto resistência e na própria educação que norteia essas pessoas. É um engano limitar o gueto aos espaços de entretenimento.

Em fevereiro de 1980, o *Correio Braziliense* publicou uma matéria cujo título era: “*Homossexual denuncia o golpe do cheque noturno*”⁵⁹. Segundo o jornal, esse caso aconteceu nas redondezas do Hotel Nacional, no Setor Hoteleiro Sul (SHS), centro do Plano Piloto, uma importante região da capital do Brasil, que conta com a presença constante da prostituição de travestis.

Apesar de o verão em Brasília não ser tão atrativo pelo fato de a cidade não possuir praias, muitas pessoas aproveitavam aquele período para conhecer a capital. Em momentos como aquele, a rede hoteleira fazia investimentos em serviços para receber uma grande demanda de turistas, tanto aqueles que buscavam algum lazer, descanso ou até mesmo trabalho. Assim, a movimentação nessa região ganhava um impulso enorme, inclusive no mercado do sexo. Mas isso não significa que apenas os turistas procuravam os serviços no local. Muita gente da região reconhecia que ali era um lugar certo para uma boa pegação.

No sábado, dia 24 de fevereiro de 1980, Charla Le Clerry passou a tarde se preparando para sua batalha diária naquela região. Como relatei sobre a rotina de Cassandra, é bastante comum entre as travestis que se prostituem utilizar o dia para alguns cuidados com o corpo. Elas cuidam dos cabelos, das unhas, tomam sol, cuidam uma das outras, para que durante as noites estejam inteiras na pista. E assim aconteceu com Charla.

Embora seja algo comum viver na defensiva quando se acessa lugares que podem trazer algum risco à segurança – refiro-me aos espaços de prostituição –, não se descarta a possibilidade de se fazer programas promissores. Assim, Charla não imaginava que naquele dia sofreria um golpe comumente aplicado nas noites brasilienses – “golpe do cheque noturno” –, mesmo não sendo uma novidade esse tipo de investida. De alguma forma isso fica claro quando ela combina um programa com José, funcionário do Banco Regional de Brasília (BRB).

Durante a discussão do preço, a própria negociação parecia um mecanismo de aproximação entre os dois, é como se construíssem uma confiança mútua, algo fundamental para que as partes saíssem realizadas. Sobre esse momento ela declarou ao *Correio*:

Sábado último, à noite, “eu fazia *trottoir* em frente ao Hotel Nacional, quando ele parou perto de mim. Eu lhe disse que era boneca e que meu caso era dinheiro. Tudo bem. Nós fomos fazer um “programa” no estacionamento do prédio do INPS. Foi um programa

⁵⁹ *Correio Braziliense*, n. 6229, 28 de fevereiro de 1980, p. 17.

superinteirado [...] Já de volta ao Hotel Nacional, após o “programa”, ele me perguntou quanto eu queria. Falei que era Cr\$ 2.000,00. Ele disse que era muito caro. Então lhe disse que caro é o custo de vida e a inflação. Aí ele concordou, mas só tinha Cr\$ 200,00 e assinou um cheque de Cr\$ de 1.800,00, dizendo que o cheque não teria problemas porque ele é bancário e que eu poderia descontá-lo numa boa⁶⁰.

A princípio, parecia não haver motivos para antever contratempos no desfecho dessa história. Charla descreve esse programa como superinteirado, ou seja, um programa que atendia às expectativas. Na verdade, isso é o que se espera de um acordo, que ele seja cumprido, algo que serve para o fechamento de um negócio, um acordo de paz ou um programa sexual entre uma travesti e um bancário no centro de Brasília. E assim transcorreu da melhor forma aquele encontro. Charla recebera parte do pagamento em dinheiro e a outra parte seria descontada diretamente na agência bancária.

No dia seguinte ao programa, ainda em sua casa, ela se arrumou em trajes masculinos já se prevenindo dos desafios que encontraria para resolver sua demanda. É bem possível que tenha imaginado a cena que viveria ao chegar na agência bancária em Sobradinho. Pelas escolhas feitas, ela não pretendia anunciar para todos e logo de imediato os motivos que a vinculavam ao bancário José e provavelmente não tenha utilizado seu nome social. Ocorre que, ao abordá-la no caixa, José fingiu desconhecer Cassandra. Nas palavras dela: “Ao invés de pagar meu dinheiro, ele alegou que não me conhecia, que sou doida, e ainda falou com o gerente”⁶¹.

Deve ter sido aí que ela foi levada a tornar públicos os seus motivos para estar ali. Mesmo assim, ela foi confrontada com outra reação negativa de outros funcionários do banco. Conforme registrado no *Correio Braziliense*: Ela queixa-se, ainda, de ter sido “destratada e humilhada” na agência bancária, acabando por ser expulsa pelo guarda de segurança, “porque José alegou que o cheque [era] roubado”⁶².

Os artifícios utilizados pelo bancário para se contrapor à queixa de uma pessoa como Charla incluía a acusação de roubo, algo considerado muito grave. Geralmente quando isso acontece, os homens se apresentam como vítima de uma travesti, que no momento recebia a acusação de oportunista. Tudo isso para não explicar por que justamente ele, heterossexual e funcionário de um banco reconhecido no Distrito Federal, seria alvo de uma injustiça daquela natureza. Essa estratégia pode ser vista como uma tentativa de anular a outra pessoa historicamente desacreditada pela sociedade.

⁶⁰ *Correio Braziliense*, n. 6229, 28 de fevereiro de 1980, p. 17.

⁶¹ *Correio Braziliense*, n. 6229, 28 de fevereiro de 1980, p. 17.

⁶² *Idem*.

Certamente a vida foi muito cruel com Charla, e por isso era preciso estar pronta para se defender a qualquer momento, mesmo que tivesse que cortar na própria carne com uma gilete guardada em baixo da língua. Em seu relato ao jornal ela traz a seguinte informação: “me cortei todinha com uma gilete, na porta do banco, para que a polícia viesse e o obrigasse a me pagar o cheque”⁶³. Isso mostra, que a sua ida ao banco foi unicamente para receber seu dinheiro, o artifício da automutilação compõem o enredo da injustiça sofrida.

A reação de Charla nos leva a considerar que não se tratava apenas do golpe ou calote, mas sim do anseio de defender seus direitos, entre eles, receber pelo seu trabalho. Ao refletirmos sobre esse episódio, somos instigados a entender como os efeitos da transfobia são letais para estes grupos. Embora todo o contexto do golpe nos revele essa dinâmica de opressão, sem dúvida, a sua reação no evento da automutilação representava o auge do desespero de alguém que clamava por justiça.

Quando olhamos para a maneira como o golpe se desenhou, percebemos a existência de uma estrutura anterior: primeiro você tinha um acordo, um programa aparentemente bacana em que as partes saíam satisfeitas, depois se descobriu que caíra em um golpe, e por fim, um desdobramento cujo resultado foi a violência e a opressão. A acusação de que ela seria doida, mentirosa e ladra certamente encaminhou o que aconteceria naquela agência bancária e posteriormente na denúncia feita ao jornal.

Esse termo “doida”, utilizado pelo caixa do banco, tem um potencial de desestabilizar uma pessoa. Comumente, homens utilizam termos como “loucura” e “histeria” para desqualificar o comportamento feminino. Com relação ao que aconteceu a Charla dentro da agência bancária, temos a misoginia em operação articulada com a homotransfobia. O outro ponto em destaque diz respeito ao roubo, que certamente fez Charla perder a cabeça, porque as pessoas não querem sofrer acusações, muito menos de forma leviana e a acusação do roubo para retirá-la do banco é uma dessas maneiras absurdas. Indignada, ela pediu que chamassem a polícia para o esclarecimento de toda a situação. Ela contou que não esperava uma acusação de ladra contra si e que esse tipo de golpe contra travestis e prostitutas sempre aconteciam.

Muitas vezes os golpes, segundo Charla, vinham de pessoas de níveis sociais bem altos. Ela lembra que “até diplomatas estão acostumados a agir dessa maneira”. No que diz respeito aos pagamentos, relatou que tinha mais de trinta cheques sustados e que o pagamento para bonecas e mulheres que se prostituem não eram bons⁶⁴. Todas essas questões elencadas por ela implicam viver no limite da própria existência, em meio a esforços – para além do silenciamento

⁶³ Idem.

⁶⁴ *Correio Braziliense*, n. 6229, 28 de fevereiro de 1980, p. 17.

– de mostrá-las e tratá-las como seres abjetos, o que justifica a norma e o controle. Muitas vezes sem medir as consequências que essas dores trarão, elas se firmam como uma marca das trajetórias das travestis.

É preciso reforçar que a acusação de roubo contra as travestis que se prostituem impõe o peso do estigma sobre elas, por isso uma reação tão forte diante dessa situação. Quando me refiro ao roubo, eu não estou dizendo que isso não possa ocorrer, até porque pode ocorrer com qualquer pessoa. O problema do estigma é que ele parece colar tão bem na imagem dos indivíduos considerados indesejáveis, que, mesmo não fazendo, se tornam indefensáveis as acusações. É fundamental reforçar que pessoas aproveitadoras se utilizam dessa vulnerabilidade que a estigmatização provoca, para orquestrar golpes e calotes acreditando que sairão impunes dessas situações.

Ressalto que nessa tese há o entendimento de que as questões que envolvem estigma fazem parte de uma forma de controle, ou seja, elas ultrapassam uma simples visão das marcas imputadas sobre gays e travestis e buscam compreender como elas funcionam dentro das estruturas. Nesse sentido, Erving Goffman faz a seguinte afirmação:

A estigmatização daqueles que têm maus antecedentes morais pode, nitidamente, funcionar como um meio de controle social formal; a estigmatização de membros de certos grupos raciais, religiosos ou étnicos tem funcionado, aparentemente, como um meio de afastar essas minorias de diversas vias de competição; e a desvalorização daqueles que têm desfigurações físicas pode, talvez, ser interpretada como uma contribuição e necessidade de restrição à escolha do par⁶⁵.

Charla relatou que muitos homens de Brasília usavam e abusavam das travestis. Que em muitos casos, depois que finalizavam os programas, as empurravam do carro sob a ameaça de porradas. Para situações como essa afirmou que se defenderia com o uso de uma gilete. Sobre isso, vale lembrar que a “lâmina” enquanto elemento narrativo está presente na construção da representação das travestis.

Não se trata de dizer que é o elemento principal, mas algo que se utiliza em defesa dessa vida, pelo menos em alguns momentos. É aí que esse elemento se agrega a essas histórias. No caso específico, a ameaça com a gilete se dá na possibilidade de defesa diante de uma injustiça ou perigo, salvo quando Charla se automutila para reivindicar a escuta no momento da opressão. Porém, há outros momentos diferentes em que se dá seu uso.

⁶⁵ GOFFMAN, Erving. Estigma – Notas sobre a manipulação da Identidade Deteriorada. Tradução: Mathias Lambert. Versão Original: 1891; Versão Digital, 2004, p. 108-109. Disponível em: https://www.mprj.mp.br/documents/20184/151138/goffman.erving.estigma_notassobreamanipulacaoidentidadedeteriorada.pdf. Acessada em: 28/07/2023.

O sangue possui uma simbologia muito intrigante, uma vez que, frequentemente, o das travestis e gays nesse período é encarado com receio em razão da pandemia de aids, provável narrativa utilizada por Charla dentro da agência bancária para que ninguém ousasse se aproximar.

Mesmo com todas as situações desfavoráveis, o desejo de justiça e de verdade em Charla era bastante forte e ultrapassava questões jurídicas, já que o Estado costumava não escutar pessoas que se prostituíam. Se elas fossem travestis, menos ainda. Geralmente, em determinados momentos entrava em jogo a defesa da dignidade e respeito, muitas vezes resolvidas com as próprias mãos⁶⁶.

Charla trouxe elementos interessantes sobre a prostituição naquele período, especialmente sobre os valores cobrados. Ela disse que dependendo do “cliente” o preço variava de Cr\$ 1.000,00 a Cr\$ 5.000,00. Quando a gente volta para o combinado entre Charla e o bancário, observamos que o valor cobrado não era o mais alto e, certamente, isso intensificava a sua revolta, tanto é que, no momento em que relatava os valores dos programas, fez a seguinte afirmação: “Por isso mesmo não vacilarei em processar o bancário José. A não ser que ele se assumia como um homem que fez ‘programa’ com uma boneca e me pague o que deve”⁶⁷.

A escrita da matéria em muitos momentos se referia à Charla Le Crerry a partir de algumas denominações masculinas: “o homossexual”, “atendido”, “nervoso”. Isso tem muito a ver com a dificuldade em lidar com determinados sujeitos sociais, com destaque às travestis. Esse uso do masculino, mesmo que pareça estranho, não era lido como um problema naquele contexto, pois as próprias travestis utilizavam o masculino para se referir a si próprias. As leituras feitas do presente, em certa medida, contaminam nosso olhar sobre as fontes, o que pode ser uma armadilha anacrônica na análise.

Luiz Morando, em sua pesquisa intitulada *Enverga, mas não quebra: Cintura Fina em Belo Horizonte*, traz uma profunda reflexão sobre a vida de Cintura Fina, travesti cearense que viveu em Minas Gerais e que até hoje ocupa o imaginário brasileiro. Ele traz uma explicação ao se referir ao jornal *Tribuna de Minas*, que considero importante e nos ajuda no entendimento de como essa representação da travesti é compreendida. Em duas palavras:

⁶⁶ Muitas vezes, quando encaminham travestis à delegacia por reagirem às injustiças ou violência física, não se considera a legítima defesa. O depoimento dos clientes que reiteradamente se colocam como vítimas é que tem o peso da verdade. Lembro que o encaminhamento à delegacia não representa o caso de Charla, pois ela foi levada pela polícia ao hospital e não traz reclamação sobre o tratamento dado pelos agentes nesse momento. É preciso considerar que muitos clientes consomem prostituição a partir de relações extraconjugais e ainda assim gozam de proteção e respeito em detrimento das violências sofridas por travestis.

⁶⁷ *Correio Braziliense*, n. 6229, 28 de fevereiro de 1980, p. 17.

O *Tribuna de Minas* ainda traz um elemento interessante: a identificação de Cintura Fina como homossexual. O uso desse termo para identificá-la atravessa toda a sua trajetória no discurso jornalístico. A forma “travesti”, com relação à Cintura, só passará a ser marcadamente utilizada nos anos 60. Naturalmente, existia a palavra “travesti” nos anos 50 (e nas décadas precedentes, claro), mas essa designação não estava ligada a formas de pensar uma identidade de gênero ou de fazer representar uma expressão da sexualidade, como fazemos hoje. A travestilidade estava associada a um desvio da saúde, psíquica/sexual de “homens” que se faziam passar por “mulheres”. Ou seja, adotavam vestimentas, acessórios, gestos, comportamentos, expressões atribuídos ao sexo feminino. Nesse sentido, estavam reunidos a um conjunto considerado marginal de pessoas que não correspondiam a um padrão cisheteronormativo, como nos referimos hoje. Em um contexto em que a discussão sobre a construção social do gênero não era feita com a centralidade atual, o debate girava em torno do reconhecimento do sexo colado a uma identificação estritamente binária: nasceu com pênis, é homem; nasceu com vagina, é mulher⁶⁸!

As palavras de Luiz Morando sobre a vida de Cintura Fina nos ajudam na compreensão das narrativas construídas sobre Charla, especialmente quando pensamos no entendimento da identidade travesti. Ao contrário do que se costuma presenciar em relação ao tratamento recebido por essas categorias, voltando nosso olhar para o jornal, o que fica para além da escrita da matéria “Homossexual denuncia o golpe do cheque noturno” é que Charla Le Clerry teve um atendimento humanizado e atencioso por parte do *Correio Braziliense*, dentro dos limites que a luta contra a transfobia alcançara à época. Ao menos, essa é impressão que tenho a partir da leitura que fiz sobre o episódio. Agora, mais uma vez fica evidente que a estrutura social organizada iria ferir e marcar corpos travestis como o de Charla. Na medida em que se utilizava a lente determinista do corpo biológico, orientação sexual e não por identidade de gênero, não havia outro resultado possível para essas pessoas que não fosse os recorrentes danos à vida, mesmo reconhecendo os limites das referências e formas do período.

Os prejuízos iam além do golpe sofrido e estavam imersos no que denominamos hoje transfobia estrutural. Não me refiro exatamente a individualidade de quem escreveu a matéria, mas pela forma como a sociedade produziu seus significados e localizou essas pessoas. É nesse sentido que vale a leitura estrutural que abarca todos os indivíduos, porém, em posições diferentes.

Essa matéria não era só sobre um golpe ou sede de justiça. Embora escrita por um jornalista homem cisgênero, a presença de Charla como denunciante nos encaminha a outros elementos importantes para o entendimento da perspectiva travesti. Por meio dessa denúncia,

⁶⁸ MORANDO, Luiz. *Enverga, mas não quebra: Cintura Fina em Belo Horizonte*. Uberlândia (MG): O sexo da Palavra, 2020, p. 47.

tanto a cidade (Hotel Nacional), a identidade do seu grupo (boneca), quanto a territorialidade se impuseram (à noite eu fazia *trottoir*).

A presença de Charla Le Clerry no centro do Plano Piloto ultrapassava a experiência da prostituição – ainda que seja um dado importante – quando reafirmava sua condição de sujeito que exercia autonomia sobre si na reivindicação do feminino: “uso esse nome [Charla Le Clerry] porque gosto, acho que todo travesti gosta de ter um nome feminino”⁶⁹.

Entre os anos 1970 e 1980, a utilização da expressão “boneca” era muito comum no Brasil, mesmo fora dos seus lugares de sociabilidade. Na narrativa sobre Charla, o termo em destaque significa travesti, porém, não é o único significado existente para a referida palavra. Ela é predominante em espetáculos, bailes, festas e eventos diversos no período do carnaval ou de forma recorrente durante o ano em muitas ocasiões. Várias pesquisas têm se debruçado no tipo de comunicação estabelecida dentro dessa comunidade, sobretudo pela sua importância para a compreensão desse universo.

Ronaldo Pires Canabarro e Marlise Regina Meyrer, ao pesquisarem sobre as construções discursivas da imagem de travestis, no jornal *Lampião da Esquina* (1978-1981), trazem a seguinte ponderação:

O termo boneca é utilizado para se referir às travestis ou às bichas (muito) afeminadas. Desconhece-se o surgimento do uso dessa palavra/gíria para designar pessoas em situação de desviados ou transviados. Observamos que o uso do termo tem a ver com a possibilidade de “montar-se”. Boneca, enquanto substantivo, define um brinquedo, geralmente de plástico, e que pode ser montado, recriado, do qual se pode trocar a roupa e deixá-la com outra aparência⁷⁰.

Elias Veras, por exemplo, ao analisar o romance de Manoel Amorim, “*Ilca*”, traz outros elementos sobre termo boneca utilizado no estado do Ceará, nos anos 1970:

Nesse contexto literário-histórico, a boneca representava um ideal de feminino caracterizado pela delicadeza, submissão, fragilidade e passividade; enquanto o bofe reproduzia certa compreensão do masculino marcada por um comportamento ativo, não apenas na prática sexual, mas na condução da relação amorosa⁷¹.

Outro elemento trazido por Elias Ferreira Veras, em sua análise sobre a obra “*Ilca*”, diz respeito à forma como se entendia o termo travesti na época em que o romance foi escrito, que “ainda não designava um sujeito, mas somente uma prática eventual”⁷², de montagem do

⁶⁹ *Correio Braziliense*, n. 6229, 28 de fevereiro de 1980, p. 17.

⁷⁰ CANABARRO, R. P.; MEYRER, M. R. *Travesti: textos-vestígios na construção de uma identidade - Jornal Lampião da Esquina (1978-1981)*. Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 12, n. 29, p. e0106, 2020. DOI: 10.5965/2175180312292020e0106.

⁷¹ VERAS, Elias Ferreira. *Travesti: carne, tinta e papel*. Curitiba: Appris, 2019, p. 49.

⁷² *Idem*, p. 46.

feminino no corpo masculino. Isso explica muito a associação do termo boneca ao período do carnaval. Uma coisa é maneira em que a sociedade que se baseia no essencialismo e no binarismo de gênero classifica as “bonecas”, principalmente, entendendo que são homens que se montam, por essa razão não são entendidas como sujeitos, talvez como personagem. Outra coisa é como essas pessoas se sentem.

Ao observar as informações que partem de pesquisas relacionadas ao termo boneca e os diversos contextos que expõem travestis, nota-se que as estruturas acabam se sobrepondo, independentemente do lugar. Tentei me aprofundar no termo boneca porque diz muito sobre a construção do ser travesti enquanto identidade. Com relação ao jornal *Correio Braziliense* e a utilização do “boneca” em suas reportagens, tendo a pensar que ele se encontra na fronteira entre a forma utilizada por Manuel Amorim e o conceito apresentado por Ronaldo Pires Canabarro e Marlise Regina Meyrer.

O termo “boneca” também é utilizado pelas próprias travestis ao se referirem ao seu grupo, como no caso que envolve a travesti Cassandra, que ao responder ao repórter Mário Eugênio sobre um questionamento relacionado à taxa de proteção cobrada por policiais, disse o seguinte: “Sabe, é assim: as ‘bonecas’ geralmente ficam circulando pelo Conjunto Venâncio, batalhando para sobreviver”⁷³.

Em sua dissertação de mestrado, Pedro de Lemos Macdowell lembra que no Setor Hoteleiro Sul (SHS) há intensa prostituição de travestis e que a busca por esse serviço é grande por parte dos hóspedes e funcionários públicos da capital⁷⁴. Essas referências (noite, *trottoir*, Hotel Nacional e programa) são importantes porque se cruzam na existência dessa comunidade. Vale ressaltar que essa região é bem próxima ao Setor Comercial Sul (SCS), o que faz com que estes espaços, na maioria das vezes durante à noite, abriguem a prostituição de travestis no centro da capital.

As matérias veiculadas pelo *Correio Braziliense* estão repletas de informações sobre a tensão que se instala nos guetos. Ela está presente nas lutas pela sobrevivência que esbarram nas violências cotidianas que se cruzam e que são quase sempre estruturais. Estes eventos não passam despercebidos na vida de quem ocupa estes espaços, pois produzem significados que fragilizam e marginalizam homossexuais e travestis. Larissa Pelúcio, a partir de um trabalho etnográfico, aborda questões relevantes ao entendimento dessas histórias e de suas construções

⁷³ *Correio Braziliense*, n. 6109, 26 de outubro de 1979, p. 17.

⁷⁴ MACDOWELL, Pedro de Lemos. O espaço degenerado : ensaio sobre o lugar travesti na cidade modernista. Orientadora: Rita Laura Segato. 2011. 99 f. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília (UnB), Brasília, 2011, p. 39. Disponível em <https://repositorio.unb.br/handle/10482/9499>. Acesso em: 06/06/2021.

narrativas: a rua, noite, pactos sociais, o corpo e a representação entre tantos outros. Em seu argumento:

A rua, irmanada à categoria noite, tem ameaças, mas também regras claras, ainda que tácitas. Oferece proteção a quem se integra às redes estabelecidas, as mesmas redes que punem com rigor os infratores. À racionalidade da rua/pista/avenida somam-se os rigores da noite: frio, violência, desafetos, rivalidades. Nos mesmos espaços e temporalidade em que se encontra afeto, amigos, um amor, diversão. Mesmo a prostituição, mencionada muitas vezes como um fardo, uma falta de opção – numa reprodução dos discursos morais hegemônicos –, aparece também como divertimento e valorização dos seus atributos físicos e eróticos⁷⁵.

Vários interesses atravessam a cidade e não é diferente daquilo que acontece com os espaços de sociabilidade no Distrito Federal. As intervenções do Estado sobre essas localidades na maioria das vezes são avalizadas por pautas de costumes e de segurança pública, que escondem os interesses econômicos e de empresários. Quando me refiro à atuação do Estado, é importante afirmar que nem sempre ela se deu por meio de grandes operações. Nesse sentido, a estrutura social exercia papel importante, porque havia uma ação cotidiana, especificamente da polícia, que se escondia atrás do discurso de proteção do local.

Essa série de violações que marcaram a vida da comunidade LGBTQIA+ está presente nos trabalhos da Comissão Nacional da Verdade (CNV), nas investigações sobre os crimes cometidos pelo Estado durante a ditadura civil militar no Brasil (1964-1985). Embora não tenha poder de punição, ela traz um lema fundamental na preservação da memória sobre as lutas por sobrevivência durante o período: “relembrar para que não se esqueça, para que nunca mais aconteça”.

Muitas das justificativas utilizadas pelos agentes do Estado para avaliar a operação no DF eram recorrentes quando se tratava de travestis na prostituição, em qualquer período da história. Geralmente se associava essas pessoas ao crime ou até mesmo ao descartável. Quando o Estado demonstrava essa percepção sobre estes grupos, o que sobrava, eram as ações truculentas, algo presente nas histórias de Cassandra e Charla Le Clerry. Elas não estariam de acordo com as normas sociais? Que riscos essas pessoas representavam à sociedade? Faço essas indagações já sabendo quais seriam as respostas: Cisheteronormatividade e transfobia associadas ao racismo e à misoginia.

⁷⁵ PELÚCIO, Larissa. *Abjeção e desejo: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de aids*. São Paulo: Annablume; FAPESP, 2009, p. 72.

A pesquisadora Megg Rayara destaca como estes corpos dissidentes eram apontados no tempo e os impactos sobre suas vidas, sobretudo quando lidos e marcados a partir das orientações sexuais e identidades de

gênero. Ela afirma:

O que esses termos dizem é que o relacionamento sexual e afetivo entre pessoas do sexo e do gênero masculino não é humano, não é honesto e, por isso, seus sujeitos não podem ser o centro e a margem, o lado de fora é sim um lugar. O lugar para quem expressa pecado, perigo, anormalidade, fragilidade física e emocional, inadequação a determinadas atividades profissionais, falta de caráter, propensão ao crime, dificuldade de conviver em sociedade etc⁷⁶.

Megg Rayara nos atenta para a dimensão humana e social da vida de travestis e homossexuais. Assim, ao observar a história de Cassandra e Charla Le Clerry, os tratamentos que elas receberam por parte de agentes do Estado e os riscos que foram submetidas, fica evidente a desumanização. É necessário reforçar que essa dinâmica não é exclusiva do ambiente de prostituição, porque não são todas as travestis que se prostituem, porém, experimentam tratamentos transfóbicos.

Há uma dimensão das histórias (trajetórias pessoais, desejos e medos) que precisam de consideração e que dizem respeito à constituição de sua humanidade, como afirmam Sara Wagner York, Megg Rayara Gomes de Oliveira e Bruna Benevides: “Não existe uma única forma de ser travesti. Temos travestilidades e possibilidades de ser travesti. Nenhuma é igual a outra (o experimento da opressão de gênero pode ou não ser constitutivo); não generalize”⁷⁷.

A construção dessas identidades (*gays* e travestis) passa por marcas profundas nas múltiplas relações sociais e nas experiências da opressão e submissão como artifício para esconder o desejo. Comumente meninos *gays* mais efeminados sofrem violência familiar de toda ordem e por parte de pessoas próximas de suas famílias. Ressalto que esse tipo de violência percorre por vários estágios da vida dessas pessoas e com maior intensidade na medida em que se aproxima do feminino. Luísa Marilac traz um relato importante sobre sua experiência e que se alinha a outras trajetórias:

Converti-me, então, em instrumento de prazer para adolescentes e homens adultos. O primeiro deles foi um rapazote de 18 anos que não podia me ver sem me sentar uma coça. Quanto menos entendia o desejo que sentia por mim, mais nos maltratava aos dois. Dia daqueles, porém, me empurrou para dentro do banheiro da escola durante o intervalo, corpo forçado contra o vaso, e me comeu como quem agride, porrada que acaba em gozo quente. Urrou que me mataria se eu abrisse a boca pra contar a alguém.

⁷⁶ OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. *Nem ao centro nem à margem: corpos que escapam às normas de raça e de gênero*. Salvador - BA: Editora Devires, 2020, p. 77.

⁷⁷ YORK, Sara Wagner; OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de; BENEVIDES, Bruna. “Manifestações textuais (insubmissas) travesti”... p. 9. Acesso em 15/06/2020.

E só pra garantir, me surrou de novo na saída da aula. Dali em diante, meu corpo partiu-se em dois fragmentos em profunda desobediência mútua. Enquanto no peito e no estômago me batiam o medo e o nojo daquele homenzinho desprezível, meu cu ansiava pelo calor novamente. Enquanto um pedaço cedia por medo, o outro entregava-se à luxúria do momento⁷⁸.

O período exato dessa experiência não consta em sua biografia, porém, parece tratar-se da sua adolescência no início dos anos 1990, em sua vida escolar. Essa é uma história que se identifica com a experiência que vivi na minha juventude. Isso é algo importante porque sugere certa atemporalidades à experiências de homossexuais e de travestis.

Quando nos deparamos com essas falas percebemos que sobreviver é um ato revolucionário para essas pessoas, que geralmente perdem suas vidas muito cedo. Na maioria das vezes a sociedade não atende suas demandas (não se esforça para isso), desrespeita a sua cidadania e ataca seus direitos. Tudo isso abre caminhos para que muitos homens se aproveitem dos gays, travestis e prostitutas, por entenderem que são pessoas desacreditadas e que suas vozes não serão escutadas.

A presença de corpos gays e travestis na construção narrativa da cidade ganha força na medida em que a pesquisa considera as suas percepções sobre o mundo. Isso encurta certas distâncias que são impostas, pelo fato de que a própria estrutura nos acostuma a tratar de longe certos grupos. Retorno ao manifesto travesti para pensar essa coparticipação: “Não falem de nossos nós, por nós e/ou sem nós”⁷⁹!

Isso já determina um caminho fundamental na análise e leitura de diversas fontes históricas utilizadas neste trabalho, que é a compreensão “a partir de um pensamento travesti”⁸⁰ e homossexual. Os episódios de violência que atacam a dignidade, respeito e o direito à vida de gays e travestis se alinham a outros marcadores sociais. Nesse sentido é importante que se apense à discussão o recorte racial. O marcador raça potencializa as violências e os ataques aos direitos dessas pessoas, ou seja, além da homotransfobia, tem-se a operação do racismo, ambos estruturais e destruidores. Os grupos organizados em defesa dessa comunidade há muito tempo vêm reforçando essas questões, como por exemplo o *Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2020*, publicado pela ANTRA:

⁷⁸ MARILAC, Luísa; QUEIROZ, Nana. *Eu, travesti: Memórias de Luísa Marilac*. Rio de Janeiro: Record, 2019, p. 32. Reproduzo aqui a apresentação de Luísa Marilac presente publicada em seu livro: “Luísa Marilac nasceu Minas Gerais, assumiu-se travesti aos 17 anos, experimentou a dor do tráfico sexual na Europa aos 20 e poucos e, desde então, viu a maioria de suas amigas morrerem por causa da prostituição, das cafetinas, do preconceito, das drogas, da AIDS e do suicídio. Alçou-se à fama depois que um vídeo seu viralizou no *YouTube* com o bordão “E disseram que eu estava na pior”. Desde então, dedica suas redes sociais ao combate do preconceito com humor e diálogo franco”.

⁷⁹ YORK, Sara Wagner; OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes; BENEVIDES, Bruna. 2020, p. 8.

⁸⁰ *Idem*, p. 01.

A estimativa de vida de uma pessoa trans é de 35 anos. Esta é uma média que vai diminuindo conforme os marcadores que constituem a pessoa se mostram presentes nas cicatrizes que ela carrega em seu corpo. Ser negra, mulher trans ou travesti, periférica ou favelada, do interior, faz esta média cair muito. Corpos trans não são apenas trans, são negros, gordos, de pessoas com deficiência, intersexo, pessoas vivendo com HIV+ e todas as outras identidades que carregamos. Esses marcadores nos expõem ao risco aumentado de violência, principalmente ao assassinato⁸¹.

O dossiê apresentado pela ANTRA traz ainda um quadro que colabora com essa percepção da influência dos marcadores como fatores de risco para o assassinato e isso contribui para que possamos refletir sobre os perigos de ser gay e travesti no Brasil.

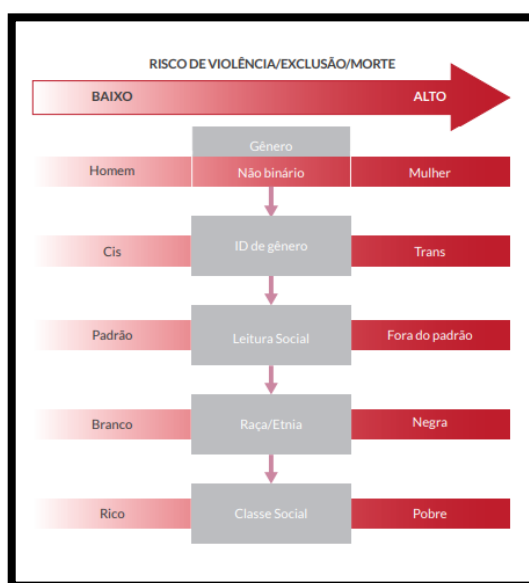


Figura 5 – Quadro explicativo sobre os riscos de violência, exclusão e morte a partir dos recortes de Gênero, Identidade de Gênero, Leitura Social, Raça/Etnia e Classe Social⁸².

As informações trazidas por Bruna Benevides escancaram as disparidades nos tratamentos quando observados alguns marcadores sociais. Na medida em que os marcadores sociais apontaram para mulheres, trans, fora do padrão, negra e pobre, a preservação da vida não foi garantida e isso implicou até na sua própria defesa. Com relação às travestis, ou até mesmo homossexuais que vivem em situações de fragilidade social, o fato de precisarem se defender durante toda a sua vida é algo desestimulante. É como se não tivessem o direito à dignidade, respeito e algo que parece não pertencer a sua existência, a justiça.

⁸¹ BENEVIDES, Bruna G.; NOGUEIRA, Sayonara Naider Bonfim (Orgs.). *Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2020*. São Paulo: Expressão Popular, ANTRA, IBTE, 2021, p. 47. Disponível em: <https://antrabrasil.files.wordpress.com/2021/01/dossie-trans-2021-29jan2021.pdf>. Acessada em: 01/07/2021.

⁸² BENEVIDES, Bruna G.; NOGUEIRA, Sayonara Naider Bonfim (Orgs.). *Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2020*. São Paulo: Expressão Popular, ANTRA, IBTE, 2021, p. 48.

Exigir da vítima uma resposta seria uma forma de colocá-la em situação de revitimização, que compreende negligência, imperícia ou omissão, afastando a possibilidade de que ela se sinta capaz de seguir em frente na reivindicação do que parece algo simples para um olhar cisgênero desatento. Esquecendo que o alvo que ela carrega, após uma denúncia, se torna ainda maior, pois esta ousou se apropriar de uma ferramenta que não foi pensada para ela. E que, por isto, não seria um direito seu usar da denúncia para qualquer reparação pelo mal que lhe acometera, visto que o processo de exigir respostas dela enquanto vítima a coloca como culpada por aquilo que lhe aconteceu. A pergunta que é feita à vítima ainda é “o que você fez para que isso acontecesse”⁸³?

Essa relação de poder estabelecida se dá por meio de uma estrutura cisheteronormativa compulsória, que se apoia para além de outras coisas, na noção de desvio. Trocando em miúdos: a sociedade enxerga travestis como homens e é a partir desse local são consideradas desviantes e dissidentes. A mesma lógica se aplica aos homossexuais que também ferem essa estrutura e se contrapõem ao padrão e todas as suas confusões relacionadas a identidade de gênero e orientação sexual.

Ambos sofrem opressões que vão dos múltiplos preconceitos até a morte, mas as violências que alcançam as travestis são mais devastadoras em várias dimensões. Presentes na falta de oportunidade, muitas dessas pessoas se encontram no não lugar, na marginalização, abandono, sem políticas de saúde e marcadas socialmente em várias opressões. Apesar das tentativas de homogeneização, é preciso entender que construir-se travesti não obedece a um único caminho, como abordado anteriormente em referência ao “Manifesto Travesti”.

Embora, em algum momento eu tenha me debruçado sobre a definição, importância ou os perigos que rondam o gueto, a narrativa principal parte das pessoas, suas vidas e suas experiências. Dessa forma, os espaços apropriados, ressignificados e construídos vão surgindo, não como uma cidade morta ou concreta, mas como uma cidade que abriga múltiplos sentidos. Entre eles destaco: dor, tristeza, alegria, desejos, amores, sonhos, decepções, ao mesmo tempo em que define quem terá algum direito sobre ela. Pechman traz uma consideração apropriada à leitura dessas fontes:

De poros abertos a cidade produz encontros que se traduzem, seja em convivialidades, seja em eróticas. Mas quando esses poros se fecham é a violência e o silêncio que se impõem, pois se o sujeito não pode exprimir seu direito à vida urbana, se o indivíduo não pode colocar em cena seu desejo e é obrigado a cancelar suas paixões, ele vai extrair seu direito à cidade sem o efeito narcotizante de qualquer anestesia. E isso, com certeza, vai doer muito na cidade⁸⁴.

⁸³ YORK, Sara Wagner; OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes; BENEVIDES, Bruna. 2020, p. 3.

⁸⁴ KUSTER, Eliana, PECHMAN, Robert. *O chamado da cidade: Ensaios sobre a urbanidade*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014, p. 128.

As narrativas do *Correio Braziliense* sobre travestis e homens gays nas diversas interações com a cidade apontam para o movimento urbano, políticas higienistas do Estado, desigualdades sociais e homotransfobia. Elas também apontam para a cidade que se transforma simbolicamente a partir da presença dessa comunidade em seus espaços. É nesse sentido que a Rodoviária do Plano Piloto aparece como um ponto de partida, ainda que essa caminhada se inicie para maioria das pessoas nas antigas Cidades Satélites. Não importa de onde elas venham, o que importa são a suas existências transformadoras. Jorge Larrosa lembra-nos que:

Nada restará de nossos corações. Cada uma de nossas partículas retornará a seu elemento. Mas nossas palavras traçaram um rastro, vibraram no ar, tocaram a outros. E o que vibra segue seu caminho, incita, se recarrega, se multiplica, cresce e continua. Transforma-se. Somente ouvido irá se transformar. O destino da palavra é se desintegrar quando chega a tocar o que é o mais sólido do que ela: a carne. Ao se desintegrar como se desintegra qualquer signo apenas cumpre sua incumbência, isto é, ao mostrar aquilo a que se dirige. Porém, de novo, a palavra, felizmente, é mais do que um signo: é uma força viva que se desfaz quando alcança a matéria que há de lhe dar nova forma. A palavra se encarna, seu destino é encarnar-se⁸⁵.

Por esse motivo é necessária atenção sobre os corpos em movimento que partem das periferias do Distrito Federal rumo às vivências muitas vezes caóticas do centro do Plano Piloto. Vale ressaltar que as fontes escritas, e aqui me refiro principalmente às pesquisadas no *Correio*, quando associadas às fontes orais, nos ajudam a compreender esse movimento. Por essa razão é preciso escutar cada uma dessas vidas, ou seja, é necessário a história, ouvir suas vivências, as palavras encarnadas, que dão sentido a essa cidade nervosa.

⁸⁵ LARROSA, Jorge. *Tremores: escritos sobre experiência*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018, p. 113.

CAPÍTULO 2 – CIDADE ESCANCARADA: GAYS E TRAVESTIS NA CIDADE EM MOVIMENTO

Eu sempre quis entender a cidade. Ainda na infância, minha mãe dizia que eu não parava de olhar para os lugares e que, todas as vezes em que via algo diferente, eu trazia um repertório de perguntas que eram complicadas de se responder. Nada me parava, nem as broncas por perguntar demais. Dessa forma, esse desejo pela cidade permaneceu e fez uma grande diferença quando eu já era um adulto e começara a frequentar, nos anos 1990, lugares que a gente denominava como “lugares entendidos”.

O termo entendido não existe por acaso. Ele traz em si um contexto e uma mudança de percepção sobre papéis sexuais. Na década de 1960, no Rio de Janeiro e em São Paulo, o antropólogo Peter Fry⁸⁶ observou a prevalência de um sistema classificatório cujas identidades sexuais masculinas se baseavam no binarismo heterossexualidade/ homossexualidade. Nesse sentido, ele traz como exemplo desse sistema o conceito de “entendido”, que emergiu nos anos 1970. Anteriormente a esse período, havia uma associação entre homossexualidade e passividade na relação sexual. Assim, o homem penetrado era aquele identificado como gay, e o homem que realizava a penetração não tinha sua identidade sexual questionada.

No entanto, com a introdução do termo “entendido” naquele período, a identidade sexual do “homem ativo” passa a ser questionada, pois os papéis de ativos e passivos dentro de uma relação entre homens são percebidos como características de homossexualidade. Sobre essa questão, ele faz a seguinte consideração:

Na década de 1960, [...] surge o termo “entendido”, que nomeia uma identidade nova e que vai lutar contra a tradicional divisão do mundo dos homens entre “bichas” e da hierarquia à igualdade “homens” do modelo hierárquico. O “entendido” é uma identidade que engloba todos os machos com uma orientação homossexual. Como o termo gay, ele vem substituir o termo médico legal, “homossexual”. A definição deste termo no Novo Dicionário Aurélio é reveladora: “Bras. Gir. Indivíduo que pratica o homossexualismo” (Ferreira, s/d: 536). É necessário frisar que o “entendido” não substitui a “bicha”. Correndo o risco de ser repetitivo, insisto que representa uma nova realidade social, uma nova taxinomia. Se na taxinomia antiga a divisão do mundo masculino foi feita na base da “atividade” e da “passividade”, agora essa divisão se dá na base da orientação sexual⁸⁷.

Lugares entendidos eram espaços frequentados por uma comunidade que naquele período era conhecida como GLS (Gays, Lésbicas e Simpatizantes). O impacto destes espaços na vida dessa comunidade, desde os primeiros momentos, provoca uma espécie de êxtase ou

⁸⁶ FRY, Peter. Para inglês ver: identidade e política na cultura brasileira. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

⁸⁷ *Ibidem*, p. 104-105.

catarse, talvez pela sensação de liberdade jamais sentida pela grande maioria das pessoas. Ao adentrar estes locais, era como se encontrássemos a possibilidade da felicidade, o direito ao afeto, a oportunidade de amar ou de sentir todas as nossas pulsões sem o medo de uma condenação, violência ou descaso. No que diz respeito à minha experiência, pela primeira vez eu encontrava um território que se parecia comigo e ao mesmo tempo eu me sentia parte dele.

Viver estes espaços depois de adulto, assim como na infância, me colocou diante de muitos questionamentos: que cidade é essa que inspira liberdade de poder ser e viver com pessoas cujas histórias se pareciam com as minhas? Que lugares eram estes que pareciam escondidos, e que de repente, no meio da noite, emergiam de dentro de uma cidade que já estava ali? De onde vieram essas pessoas com características tão diversas? Para iniciar a resposta aos questionamentos, resolvi chamar estes espaços de Cidade TransViada.

O significado da palavra TransViada para esta tese não está encapsulado no sentido de desviar o caminho ou como algo que se afasta da retidão ou da normalidade, embora haja uma referência às dissidências de sexo e gênero. Aqui ele comporta duas importantes comunidades, travestis e gays. Ao associar o vocábulo “cidade” à palavra “TransViada”, trazemos para esse contexto territórios construídos a partir das presenças e vivências destes grupos, ainda que muitas vezes pareçam negados.

O desafio de se pensar a cidade TransViada passa pela lembrança e pelo entendimento de como espaços de sociabilidade de gays e travestis se constituíram a partir das presenças dessas comunidades, suas apropriações e a construção de novos sentidos. Embora essas presenças e espaços não sejam novidades, é muito importante refletir como essas territorialidades comportam esse trocadilho – TransViada –, que parece estranha ou errada em sua grafia, a ponto de não ser reconhecida pelo corretor do meu editor de texto e muitas vezes, pela própria cidade.

Uma cidade TransViada não diz respeito apenas aos lugares. Demorei para entender que eu precisava primeiro olhar para as pessoas, escutar o não dito nas fontes, tecer um fio que possibilitasse chegar às suas vivências. Na medida em que eu lia a documentação, senti a necessidade de construir uma cartografia que permitisse olhar e ouvir as pessoas, entender seus passos dentro do centro do Plano Piloto entre as décadas de 1970 e 1990, ao mesmo tempo em que a cidade se tornava uma carne viva.

Só havia um jeito para compreender esta cidade TransViada em que vivo, homotranscartografando. Este é um exercício que me obriga a reposicionar os elementos que compõem esta tese, em que pessoas e suas vivências a partir de suas relações complexas se impõe sobre a cidade. Quando falo de relações complexas, me refiro à forma como viviam,

lutavam, resistiam, persistiam de modo que a cidade, em alguma medida, se reinventava a partir dessas pessoas, porque elas também eram a cidade.

Portanto, entendo a homotranscartografia como uma forma de reconhecer os espaços da cidade e processos a partir das múltiplas experiências de gays e travestis enquanto sujeitos históricos. Em seu texto “*Cartografar é acompanhar processos*”, Laura Pozzana de Barros e Virgínia Kastrup lembram que:

Sempre que o cartógrafo entra em campo há processos em curso. A pesquisa de campo requer a habitação de um território que, em princípio, ele não habita. Nesta medida, a cartografia se aproxima da pesquisa etnográfica e lança mão da observação participante. O pesquisador mantém-se no campo em contato direto com as pessoas e seu território existencial. [...] Diferente do método da ciência moderna, a cartografia não visa isolar o objeto de suas articulações históricas nem de suas conexões com o mundo. Ao contrário, o objetivo da cartografia é justamente desenhar a rede de forças à qual o objeto ou fenômeno em questão se encontra conectado, dando conta de suas modulações e de seu movimento permanente. Para isso é preciso, num certo nível, se deixar levar por esse campo coletivo de forças⁸⁸.

Só é possível “se deixar levar por esse campo coletivo de forças” se entendermos que esse “coletivo de forças” são as pessoas em suas vivências e que através de suas histórias se torna possível enxergar a cidade TransViada nos espaços elencados por esta tese. Neste capítulo, buscaremos, a partir da análise de documentos sobre os espaços da cidade ocupados por travestis e gays, construir uma linha narrativa que traga à luz territórios muitas vezes esquecidos, dinâmicas complexas de sociabilidades entre as pessoas que os habitam, suas vivências e as transformações que constantemente os moldam, algo verificado entre as décadas de 1970 e 1990.

Dessa forma, as abordagens a seguir visam a análise do contexto histórico, o que torna necessário incorporar elementos que transcendem fatos relacionados aos locais nos quais a pesquisa se direciona. Este capítulo é fundamental a essa primeira parte do estudo por se dedicar a análise das representações destes espaços enquanto ambientes de sociabilidade para travestis e gays.

Outro aspecto que merece consideração é que, nesta fase da construção d esta pesquisa, abordaremos uma perspectiva – ainda – externa em relação aos indivíduos e aos espaços, como se fôssemos conhecer a cidade, mapear essas presenças, identificar apropriações e novos sentidos a partir de informações contidas em documentos da imprensa ou em outras fontes. Isso difere da próxima etapa, em que traremos algumas entrevistas com pessoas que compartilharam

⁸⁸ PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana (Orgs.). Pista do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre (RS): Sulina, 2015, 56-57.

suas experiências em relação a cada um destes locais, algo que proporciona uma abordagem mais intensa, interna e detalhada.

Por fim, destaco o recorte espacial no qual nos debruçaremos nesse capítulo: Rodoviária do Plano Piloto de Brasília, Setor de Diversões Norte (SDN) ou Conjunto Nacional, Setor de Diversões Sul (SDS) ou CONIC, Setor Hoteleiro Sul (SHS), Setor Comercial Sul (SCS), Parque da Cidade Sarah Kubitschek, Cruzeiro Velho e Setor Militar Urbano.

2.1 Mictórios, bares e chicletes: pegação e sociabilidade na rodoviária do Plano Piloto de Brasília

Eu sempre fico intrigado com o movimento das rodoviárias das cidades grandes, aquelas da beira da estrada quando a gente viaja de ônibus, ou até mesmo do lugar que moro, que tem um bom movimento e oferece alguns serviços. Olho para as pessoas que circulam por ela e fico imaginando o que se passa em suas vidas, se o motivo para estarem ali é uma despedida, reencontro ou se estão de passagem.

A rodoviária sempre vai ser um lugar importante para o coração da cidade. Sim, coração! Se pararmos para observar, veremos que ela pulsa, não de forma igual durante todo o dia, pois há momentos em que tudo nela é acelerado, em outros, um arrastado contido, mas sempre em movimento. Ela nunca dorme completamente. Há sempre uma vida em trânsito.

Com a Rodoviária do Plano Piloto não é diferente. Para acessá-la você pode entrar pela plataforma superior ou inferior. Depende do lugar em que você está. Não dá nem para considerar que ela é subterrânea, porque quando descemos as escadas, logo nos deparamos com um lugar completamente aberto, que dá para ver até o horizonte. E isso a torna tão interessante, que chega a ser difícil de explicar essa dimensão espacial que ela traz.

Como toda rodoviária, ela tem cheiro de comida que se mistura com fumaça densa de óleo diesel que sai dos escapamentos dos ônibus. Esse ar pesado se potencializa nos horários de pico, quando seu movimento se torna frenético, especialmente no início da manhã ou no final da tarde.

Inaugurada no dia 12 de setembro de 1960, a Rodoviária do Plano Piloto se conecta a todos os lugares do Distrito Federal por meio das suas linhas de ônibus. Desde o ano de 2001, ela conta, também, com uma estação de metrô. Tudo isso faz com que ela se pareça com uma cidade bem movimentada, composta por uma população bem diversa. Na medida em que a noite cai e as horas avançam, a rodoviária vai mudando completamente, como se houvesse um

descanso. Nem todas as pessoas que se encontravam ali durante o dia estavam de passagem. Dessa forma, temos a rodoviária e seus habitantes.

Por ser tão plural, ela diz muito sobre a cidade. Construíram-se a partir dela várias narrativas, das mais utópicas até aquelas que tinham uma aproximação maior com sua realidade. Sobre o nascimento do terminal, Lúcio Costa escreve: “Na parte central da plataforma, porém disposto lateralmente, acha-se o saguão da estação rodoviária com bilheteria, bares, restaurantes etc., construção baixa, ligada por escadas rolantes ao “*hall*” inferior de embarque separado por envidraçamento do cais propriamente dito”⁸⁹.

Entendo que a forma como Lúcio Costa descreveu a rodoviária fazia parte de um projeto para um concurso e por essa razão parece algo tão distante. Isso não significa que o projeto não foi cumprido, mas que seu texto não alcança o que ela se tornou. O caráter transitório da Rodoviária é uma das suas principais características, especialmente porque se refere a qualquer pessoa que passa por ela todos os dias. James Holston, em seu estudo sobre Brasília, traz a seguinte perspectiva sobre ela:

O Terminal de Ônibus Interurbanos da Plataforma Rodoviária é um dos lugares mais animados da cidade e com certeza o mais popular, no sentido de reunir os trabalhadores que vêm das cidades-satélites. Seu vaivém de carros, ônibus e táxis, de um lado, e de trabalhadores, vendedores, trombadinhas e pregadores de todo tipo, de outro, apresenta uma série de atividades quase como a que se encontra em uma rua comum, e tende a espalhar-se até os limites (sem os transportes) dos setores de Diversões. [...] Seu caráter popular deve-se ao fato de ser o núcleo do sistema de ônibus interurbanos. Assim, é o ponto de desembarque dos migrantes que vão de ônibus para Brasília. Mais importante, é o ponto de baldeação de todos os ônibus, tanto os que ligam Brasília às cidades-satélites quanto os que têm seu percurso dentro do Plano Piloto⁹⁰.

James Holston capta uma sensação muito próxima da que a gente sente ao adentrar a Rodoviária do Plano Piloto, porque foca nas pessoas que constroem novos sentidos para o lugar. Ainda que não fale diretamente sobre novos sentidos, a pluralidade de gente que ocupa estes espaços, como apontado pelo autor, gera novas possibilidades para a estação. Essa intensidade trazida por Holston nos leva a algumas perguntas que podem nos ajudar a construir essa linha de raciocínio para o entendimento da sua ocupação: O que tem nesse lugar que possibilita tantas vivências diferentes? Seria a Rodoviária parte do gueto? O que faz da Rodoviária do Plano Piloto um lugar fundamental para a sociabilidade de gays e travestis?

Por trás desse movimento da rodoviária muitas realidades se desenharam em seu espaço, o que provocou certas rupturas com o seu projeto inicial. Entendo que isso explica o porquê da expressão “novos sentidos” quando me refiro ao lugar. Um passeio pelo seu interior ajuda na

⁸⁹ Relatório Lúcio Costa, 1957, p. 5

⁹⁰ HOLSTON, James. *Cidade Modernista: uma crítica de Brasília e sua utopia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 168.

observação dessas outras possibilidades. Não aqueles passeios apressados de quem tem hora marcada para o trabalho ou para embarcar para qualquer lugar específico, mas aquele que nos ajuda a desvendar o que normalmente não observamos.

É possível que esse caminhar e o olhar atento pelo terminal tragam novas possibilidades, já que várias dinâmicas estão inscritas em toda parte. Durante o horário de pico é quase impossível. Ainda assim, algumas questões se destacam. Entre elas, a pobreza. Várias pessoas moram ali, dormem nos banheiros, pedem esmolas nas filas, correm da polícia e não podem entrar no comércio instalado no terminal. E por falar em banheiro, outras possibilidades surgem, desde pessoas que dormem no local fugindo do frio, ainda que se submetam a imundice e o desprezo, até aquelas se aventuram nas práticas sexuais. A minha referência aqui é o banheiro masculino, em função de sua arquitetura, que permite que pessoas se observem nos mictórios e, em seguida, algumas vezes, se arrisquem nas cabines sanitárias.

Vale ressaltar que essa prática que ocorre em banheiros públicos (fazer banheirão) ocupa espaços significativos na vida de homossexuais, principalmente porque tem uma apelação erótica e subversiva muito grande. Elas trazem elementos fundamentais para a dinâmica da pegação e da sociabilidade homossexual, com destaque à sedução e ao medo de ser flagrado. Porém, é preciso abordar que esse mesmo banheiro, em que a subversão é uma das suas principais propriedades, impede a presença de travestis no seu interior.

Tanto na parede dos mictórios, quanto nos espaços internos das cabines sanitárias, o registro da presença da pegação é constante. Para além dos desenhos eróticos, frases, palavrões, há uma comunicação escrita que pode resultar em um encontro casual ou na possibilidade de não passar a noite sozinho. Isso não significa que as coisas terminem ali, o que dá ao banheiro apenas uma possibilidade de acesso, passageira, como o próprio movimento da rodoviária.

Se por um lado era possível a sociabilidade no terminal rodoviário, por outro, paradoxalmente, a estrutura de controle era bem rígida, algo que provocava muitos embates entre as pessoas que frequentavam o lugar, o poder público e, muitas vezes, comerciantes locais. No que diz respeito ao Estado e à administração local, havia investimentos em vigilâncias, perseguições e repressões. Essas medidas alcançavam diversos setores da rodoviária, desde os espaços de circulação, onde o *trottoir* era uma opção, nos mictórios, em busca do que era considerado sexo sujo até as lanchonetes locais. Tudo no intuito de transformar o terminal em um lugar civilizado, segundo os costumes vigentes.

É preciso afirmar aqui que a experiência da vigilância no exercício do controle de ações no terminal, não é algo exclusivo do agora. As matérias jornalísticas publicadas no *Correio Braziliense* nos anos 1970 apresentavam de forma enfática a realidade da Rodoviária do Plano

Piloto, só que a partir do ponto de vista da instituição. Assim, o exame dessas fontes, além de contribuir com o mapeamento da presença de homossexuais e travestis na Rodoviária do Plano Piloto, nos ajuda a entender os seus desdobramentos, ainda que seja a partir da instituição e do próprio jornal.

Em dezembro de 1975, o *Correio Braziliense* publicou uma matéria intitulada “Lei Seca da Rodoviária”⁹¹. Tratava-se de uma entrevista com o superintendente da Estação, Mário Caldeira. Naquele período, havia um contingente de aproximadamente 150.000 pessoas que circulavam de segunda à sexta-feira pelo terminal, rumo a vários lugares do Distrito Federal, o que tornava o trânsito do lugar bem caótico.

Naquele mês de dezembro, próximo ao natal, parecia que a cidade inteira queria fazer compras, já que a distância entre a rodoviária e o shopping Conjunto Nacional era bem curta. Assim, vale aquela máxima popular: quanto mais gente no lugar, mais problemas. E com toda certeza a rodoviária tinha os seus. Porém, a iluminação do Conjunto durante o mês de dezembro era um espetáculo à parte na capital e que podia ser acompanhado da Rodoviária. Escrita quatro anos depois, 1979, o saudoso cantor Renato Russo, lançou em 1987 a música “Faroeste Caboclo”, que trazia a seguinte impressão do lugar, principalmente para quem desembarcava em Brasília naquele período:

E João aceitou sua proposta
E num ônibus entrou no Planalto Central
Ele ficou bestificado com a cidade
Saindo da rodoviária, viu as luzes de Natal
Meu Deus, mas que cidade linda
No Ano Novo eu começo a trabalhar
Cortar madeira, aprendiz de carpinteiro
Ganhava cem mil por mês em Taguatinga⁹².

Renato Russo trouxe de forma tão bonita nesse trecho da canção, a partir da sua inspiração poética, tanto a beleza de Brasília no final do ano quanto a esperança depositada na cidade por aqueles que aqui chegavam cheios de planos de ter uma vida melhor, ainda que os anseios não se realizassem depois: “Meu Deus, mas que cidade linda!”

Tão próximo ao Conjunto Nacional e suas belezas de Natal, o terminal rodoviário tropeçava em suas contradições naquele período. Como certas questões moravam nos detalhes, o que ninguém contava era com a saída encontrada pelo superintendente da Rodoviária para

⁹¹ *Correio Braziliense*, n. 4730, 10 de dezembro de 1975, p. 14.

⁹² RUSSO, Renato. *Faroeste Caboclo*. EMI Brazil: 1987. Spotify.

resolver certas demandas do lugar: uma Lei Seca para conter a presença de grupos que, segundo ele, impediam que o lugar fosse adequado à comunidade. Era um terminal bastante frequentado pelas classes mais populares, que além do serviço de transporte público, encontravam nele a possibilidade de diversão.

Ali havia bares, lanchonetes, pastelarias, quase que um ponto de encontro para pessoas mais simples, sobretudo, durante a noite ou finais de semana. Certa vez, no início dos anos 1990, ouvi de uma mulher enquanto eu esperava o ônibus de madrugada, depois de uma noite na principal boate gay da cidade, a *New Aquarius*, a seguinte frase: “A rodoviária é tudo, o mundo passa por aqui”. Possivelmente ela era uma das frequentadoras que bebericavam nas lanchonetes do lugar, já que carregava em sua mão uma lata de cerveja.

O caráter multiúso da rodoviária era uma marca, principalmente no que dizia respeito ao comércio local. Em meados dos anos 1970, certamente, a existência do comércio trazia impactos econômicos, além do lazer para uma população que muitas vezes não tinha possibilidade de frequentar outros ambientes no centro da capital do Brasil. Nesse aspecto, o acesso facilitado tornava a rodoviária viável às sociabilidades: um lugar fácil de se chegar, comércio lotado, madrugada movimentada e cerveja gelada.

O início da reportagem que nos serve de fio condutor neste momento já apontava para o tipo de percepção que Caldeira tinha sobre esse espaço e como ele desejava agir. Tanto é que durante a entrevista ele interpelou o repórter com a seguinte argumentação: “Você deixaria sua mãe, sua irmã ou sua namorada irem à Rodoviária após as 10 horas da noite?⁹³”. Certamente o repórter não deixaria, pois comungava da mesma ideia que Caldeira, classificando naquele momento o lugar como um dos mais perigosos da cidade, antes mesmo das 10 horas da noite.

Outro fator que chama a atenção é a forma como ele se referia aos frequentadores da rodoviária depois de um certo horário, mostrando-se alinhado com o ponto de vista do superintendente. Ele dizia que era uma “estranha população noturna de mendigos, bêbados, prostitutas, pederastas e ladrões de toda espécie tornando insuportável o ambiente para quantos estão ali apenas em trânsito”.

O termo “estranha população” carregava uma carga de excludência, de gente que não pertencia ao lugar, como se fosse um objeto estranho que não pudesse estar ali. Por isso, o tratamento desumano. O que se percebe a partir daí é a tentativa de resolver as adversidades do local e não as incertezas das pessoas, e isso acabava tendo outros desdobramentos, como

⁹³ *Idem.*

comportamentos higienistas. O próprio repórter, ao passar a noite ali para escrever sua matéria, classificou o lugar como “mundo-cão”.

Se por um lado a rodoviária oferecia diversão e trabalho para uma camada mais simples da sociedade, por outro, ela também servia de abrigo. Para muitos, o destino parecia estancar a possibilidade de seguir outros rumos, assim, o terminal servia de abrigo, quase que definitivo. As madrugadas frias na rodoviária não eram fáceis para aquelas pessoas, que, de alguma forma, precisavam sobreviver. Havia famílias inteiras que se amontoavam naquelas noites com o objetivo de se aquecerem. Alimentar-se era algo incerto. Por isso, contavam com a solidariedade de quem podia dividir a comida, os restos dos salgados que sobravam das lanchonetes ou das moedas de alguém que se sensibilizava com a situação.

Muitas vezes, a única opção de garantir algum trocado, uma bebida para esquentar o sangue ou algo para forrar o estômago era lançar uma das filhas mais novas à prostituição. Os espaços abertos do lugar, seja em direção à Esplanada dos Ministérios, ou no caminho oposto à ela em direção à Torre de TV, embaixo dos viadutos e quase sempre nos banheiros sujos, pareciam ideais para uma transa rápida. Havia também aquelas pessoas que saíam dos bares espalhados pela plataforma que se aproveitavam da vulnerabilidade e, com míseros trocados, satisfaziam-se com meninos e meninas que perambulavam pelo local.

O movimento da rodoviária atraía gente de todos os segmentos. Essas pessoas buscavam todo tipo de aventura. Naquele período, o centro de Brasília era muito agitado. Muita gente saía das baladas e acabava dando uma esticada por ali, antes de pegar seu transporte. Era o caso de gays, travestis, michês – entre eles os soldados que moravam ou cumpriam suas horas no Setor Militar Urbano (SMU) – que depois de saírem do agitado Cruzeiro Center, se espalhavam pelas boates, bares e inferninhos no centro da capital, até terminarem sua noite nas possibilidades que a rodoviária oferecia: prostituição, pegação, alguns delitos ou só diversão.

É possível que algumas dessas pessoas, mesmo pensando em diversão, tenham saído dali com seus futuros esposos e esposas. Da mesma forma, suponho que aquele terminal tenha significado, para outras, o destino final. Tudo isso traduz a expressão dita pela moça na fila do transporte, que faço questão de repetir: “A rodoviária é tudo, o mundo passa por aqui”.

Quando a gente observa quem eram as pessoas que davam vida à Rodoviária do Plano Piloto, fica evidente o quanto a “Lei Seca da Rodoviária” foi ineficaz sob vários aspectos. Do ponto de vista do superintendente e da sociedade eles acreditavam que se estes grupos não fizessem parte daquele meio, os problemas estariam resolvidos. Ao atacar de forma equivocada e desumana as pessoas que são excluídas pela sociedade, como estratégia de ter a chancela da

população, ele provocou danos econômicos aos comerciantes, que tiveram seus negócios atingidos pela intervenção na estação rodoviária.

A “Lei Seca” mais parecia com uma caça às bruxas. A busca por culpados revelou uma série de abusos, já que imputava uma culpabilidade às pessoas que frequentavam ou viviam no terminal durante as noites. Um fato curioso nessa reportagem são as opiniões convergentes do jornalista e do superintendente, o que tornavam os ataques sobre a população da rodoviária cada vez mais ferozes.

Os recortes a seguir traduzem a forma como a administração da rodoviária, a sociedade e o próprio *Correio Braziliense* lidavam com as minorias que habitavam o lugar.

**O SUPERINTENDENTE
TEM RAZÃO**

- 1) A Rodoviária é a alma de Brasília e esta alma está sendo prostituída com a exibição ostensiva do “trottoir”, da pederastia, da vagabundagem.
- 2) É impossível fazer funcionar as máquinas de limpeza com a quantidade de chicletes lançados ao chão.
- 3) É um perigo andar na Rodoviária depois de uma certa hora da noite.
- 4) O GDF vai oferecer aos usuários da Rodoviária limpeza, conforto e segurança. É impossível assegurar esse ambiente sem um regulamento das atividades que se desenvolvem ali.

Figura 6 – O superintendente tem razão.
Correio Braziliense, n. 4730, 10 de dezembro de 1975, p. 14.

**O SUPERINTENDENTE
NÃO TEM RAZÃO**

- 1) Chope e cerveja nunca fomentaram crime em lugar nenhum. É poderia m ser proibidas a partir de certa hora.
- 2) Proibir a venda de chicletes não vai limpar a rodoviária. Uma campanha educativa, com os novos meios de comunicação que a Rodoviária terá, faria melhor efeito.
- 3) A prostituição, a pederastia, a gatunagem podem ser enfrentadas com medidas restritivas e policiais. Mas a Rodoviária é também um centro de atração de mendicância do país inteiro e nem a Superintendência, nem o GDF manifestaram, até aqui, qualquer projeto nesse sentido. Ou será que vamos também afogar os nossos mendigos?

Figura 7 – O superintendente não tem razão.
Correio Braziliense, n. 4730, 10 de dezembro de 1975, p. 14.

As narrativas utilizadas tanto para defender quanto para criticar a intervenção no espaço se alinhavam apenas no que diz respeito aos excluídos do terminal rodoviário. Para um desavisado, a impressão que se passava é que as pessoas circulavam o dia inteiro, num eterno vaivém, mascando seus chicletes já sem sabor e pisando nas gomas que são dispensadas.

Se o pensamento fosse esse, fazia sentido limpar a rodoviária, a começar pelas pessoas que representavam o que havia de mais imundo no lugar, segundo o pensamento do superintendente. Agora, se a intenção fosse transformar a rodoviária em um lugar descente, seguro e agradável, a primeira ação a ser tomada era se livrar das pessoas que representavam o que havia de mais perigoso, permissivo e imoral para o espaço, segundo a opinião do jornal e de parte da comunidade.

No primeiro quadro, cujo título é “O superintendente tem razão”, dois aspectos são fundamentais das análises propostas: “*trottoir*”, que é uma referência à prostituição e à “pederastia”, termo comumente usado para se referir aos homossexuais masculinos e travestis entre as décadas de 1970-1980. A associação da pederastia a estes grupos se dava porque designava a relação sexual entre essas pessoas (coito anal). Em muitos casos, ela vinha acompanhada da denominação “passivo”, aquele que era penetrado durante uma relação sexual entre indivíduos do mesmo sexo, ou “ativo”, aquele que penetrava.

Sobre o termo “pederastia”, Peter Fry faz uma abordagem elucidativa que nos ajuda a pensar o contexto da reportagem sobre a Rodoviária do Plano Piloto e a própria representação da homossexualidade naquele período:

O homossexual é definido como um personagem cujas características são dadas biológica ou socialmente, de tal maneira que ele assume as proporções de uma espécie de arquétipo natural, perpassando todos os tempos e culturas. A ciência médica, cuja legitimidade deriva da crença em que, ao longo de seu desenvolvimento, ela se aproxima cada vez mais das verdades absolutas, faz valer a sua maneira de definir o personagem que se chama uranista, pederasta e homossexual. Ele é descrito com toda a precisão como medíocre, sádico, paranóico, esquizóide e sujeito, portanto, a todas as formas de “correção”. Esse discurso é modificado pelos personagens por ele construídos; mas argumentei que o discurso de retorno é mais reformista que revolucionário. Assim, o mundo masculino divide-se em “homossexuais” e heterossexuais”⁹⁴.

A carga negativa que compõe o termo “pederastia”, enquanto forma jocosa e pejorativa para se referirem a essas comunidades, muitas vezes também estava atrelada a questões sociais, doenças, vadiagem, corrupção, marginalidade, discursos jurídicos, crimes e aberrações. O

⁹⁴ FRY, Peter. Para inglês ver: identidade e política na cultura brasileira. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982, p. 108.

historiador Benito Bisso Schmidt, em sua análise sobre a produção acadêmica e não acadêmica referente à história LGBTQIA+, ao se debruçar sobre a obra de James Green, observa que:

Ao analisar essa produção médico-legal no Rio de Janeiro e São Paulo, evidenciou que seus autores relacionavam a proliferação de práticas não pautadas pelas cisheteronormatividade como um processo histórico específico: a crise do “corpo social brasileiro” provocada pelos problemas relativos à urbanização, industrialização e modernização. Portanto, esses médicos juristas, aterrorizados com as ameaças à família, e, por consequência, à Nação, também situavam a *pederastia*, termo muito usado na época para se referir às relações homossexuais, em uma temporalidade, tentando explicá-la não só por razões congênitas e hormonais, mas também em função de um processo histórico. Suas teses – marcadas por preconceitos e estereótipos, e, cujas demonstrações empíricas são hoje facilmente refutáveis – não deixam de ser, por caminhos tortuosos, histórias das sexualidades dissidentes⁹⁵.

No segundo quadro, além de repetir as duas expressões, por sugestão do próprio jornal, o problema da presença de gays e travestis podia ser resolvido por meio de medidas restritivas e policiais. Esse tipo de viés autoritário atentava sobre a dimensão humana. As pessoas que se apropriaram dos espaços do terminal e que neste contexto estavam vinculadas às vivências noturnas – lembrando que ele era um espaço público –, de alguma maneira, tiveram que se reinventar para continuar existindo.

Elas não escolheram comer os restos, dormir no chão úmido fedido a urina daqueles que passaram apressadamente pela rodoviária, entregar seus corpos por migalhas e muitas vezes ali, fecundar, parir e morrer. Há também aquelas que queriam apenas rir, brincar, beber, sentir a vida passar na busca do encontro perfeito, da noite alegre, do descanso do trabalho puxado nas casas de família, na construção civil ou em qualquer outro lugar. A rodoviária para alguns era uma possibilidade de fazer qualquer coisa, para outros, era o compulsório, o fim da linha. Tudo, menos a sujeira da estação. Com relação aos gays e travestis, o que se subtrairiam dali, senão as suas próprias vivências. A pecha da pederastia era uma forma de justificar que eles não poderiam estar naquele lugar.

Nenhuma das palavras que foram usadas no jornal dava conta do que eram aquelas pessoas, suas vidas e histórias. Elas diziam muito mais sobre o superintendente, o repórter e a estrutura social. É interessante afirmar que o terminal também não cabia naquelas referências. Ele era muito maior. A presença das pessoas indesejáveis da rodoviária fizeram dele um espaço

⁹⁵ SCHMIDT, Benito Bisso. *História LGBTQI+ no Brasil: atravessamentos entre militância e produção acadêmica*. In: COLAÇO, Rita de Cassia, VERAS, Elias Ferreira & SCHMIDT, Benito Bisso (Organizadores). *Clio sai do armário: historiografia LGBTQIA+* São Paulo, SP: Letra e Voz, 2021. p. 21.

de sociabilidade e sobrevivência. Nesse sentido, ela sempre foi mais que um simples terminal de ônibus utilizado para acessar várias localidades do Distrito Federal.

A repercussão da matéria sobre a “Lei Seca da Rodoviária” continuava no dia seguinte na coluna assinada por Ari Cunha, “Visto, Lido e Ouvido”⁹⁶, por meio da qual o jornalista tecia várias críticas sobre as medidas tomadas no terminal. Ari Cunha mostrava-se insatisfeito com a proibição do consumo de bebidas alcoólicas, porém, reivindicava medidas mais enérgicas de moralização do lugar ao pregar que “a repressão deveria vir na mesma proporção da contravenção”. Nesse caso, os contraventores eram todas as vidas indesejáveis da rodoviária e contravenção aqui era simplesmente a existência dessas pessoas.

No primeiro momento, ao me deparar com o nome da operação divulgada no jornal, “*Lei Seca da Rodoviária*”, a primeira impressão que tive era de que se tratava apenas de uma proibição da venda de bebidas alcoólicas no lugar. Na medida em que nomeavam estes grupos, o que se percebe é um aprofundamento de um sistema excludente. Porque só a proibição da venda de cerveja e outras bebidas certamente teria impacto econômico e no uso do lugar, mas não na proporção especulada pela matéria.

Porém, essa defesa não era algo aleatório e tinha um propósito assumido claramente pelo jornalista: “moralizar para aumentar o status empresarial”. Em outras palavras, ele defendia os empresários e criticava o atual superintendente Caldeira. Até aí não havia problema algum, porque poderia ser considerada uma questão de opinião. O problema era o discurso de ódio que imperava sobre as vidas que não importavam e que faziam parte do cotidiano da Estação Rodoviária do Plano Piloto, em detrimento de todo o resto, na defesa dessa opinião.

O detalhe da truculência para conter a presença de “certas pessoas tidas como irresponsáveis” parecia agradar muitas pessoas. Sobre isso o repórter do *Correio* afirmou que “o ambiente melhorou muito , segundo depoimento de vários passageiros, depois que a atual superintendência aumentou o policiamento e principalmente depois dos sustos provocados pela Operação Arrastão, das Forças Armadas”.

A questão narrativa em que se coloca gays e travestis como se fossem iguais merece bastante cuidado nas análises sobre esse período. É preciso afirmar que estamos falando de duas categorias diferentes. Na década de 1960, não se utilizava o termo “travesti” para se referir a uma categoria identitária, ao contrário dos dias atuais. Mário Carvalho e Sérgio Carrara⁹⁷

⁹⁶ *Correio Braziliense*, n. 4731, 11 de dezembro de 1975, p. 6.

⁹⁷ CARVALHO, Mario; CARRARA, Sérgio. Em direito a um futuro trans?: contribuição para a história do movimento de travestis e transexuais no Brasil. *Sexualidad, Salud y Sociedad (Rio de Janeiro)*, p. 319-351, 2013, p. 322. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1984-64872013000200015>. Acesso em: 20/08/2023.

lembram que ele era usado frequentemente em contextos como “ter um travesti” ou “estar em travesti”, onde o “em travesti” descrevia a prática de homens vestindo roupas e trajes tipicamente associados ao gênero feminino, algo bastante comum em festas e concursos que na maioria das vezes tinha como seus organizadores as bichas.

Aqueles homossexuais que eram mais masculinizados – por diversos motivos, entre eles não é exagero afirmar que muitos não eram assumidos – não se sentiam confortáveis em adotar tal postura. Portanto, a expressão de gênero se balizava, em alguns momentos, na individualidade de cada um. Sobre essa questão, os autores também afirmam:

Apesar de existirem outras possibilidades de análise, uma hipótese que levantamos é a de que a construção do movimento com base em identidades coletivas, em detrimento de um movimento em torno da questão da homossexualidade, possibilitaria a entrada de travestis sem que seus estigmas “contaminassem” a identidade “homossexual” ou “gay”. Logo, é possível afirmar que a categoria identitária “travesti” é relativamente mais moderna que a categoria “homossexual”, não se tratando, portanto, de uma categoria tradicional ou pré-moderna como seríamos tentados a considerá-la. Melhor dizendo, é no âmbito das transformações por que passa a categoria “homossexual” nos anos 1970 que se projetam “gays”, de um lado, e “travestis”, de outro⁹⁸.

Assim, tanto as discussões acerca do termo “pederastia”, sobre as categorias travestis – iniciada no capítulo 1 – e gays, e, por fim, sobre o conceito de homossexual e entendido, se conectam para entendimento do contexto histórico relacionados ao período elencado por esta tese.

O *Correio Braziliense* trouxe em novembro do ano de 1975 – um mês antes da publicação da matéria sobre a Lei Seca da Rodoviária – uma reportagem intitulada “Operação ‘Arrastão’ mobiliza as 3 armas”⁹⁹. Segundo o jornal, a “Operação Arrastão” envolvia as Forças Armadas a Polícia Militar do Distrito Federal, o Juizado de Menores, DETRAN, Polícia Civil. Com intuito de fiscalizar de forma ostensiva, ela exigia documentação de todas as pessoas consideradas suspeitas de algum delito como tráfico, uso de Substâncias Psicoativas (SPA), roubos, furtos, além de coibir e punir a presença de soldados que transitavam por Brasília sem a permissão dos seus comandos.

Naquela noite, a região que compreendia o Conjunto Nacional, o Venâncio Júnior (o CONIC) e a Rodoviária do Plano Piloto se transformara em uma verdadeira zona de guerra. Havia polícia para todo lado. O grande número de prisões e averiguações agradou grande parte da população. Nem os ônibus ficaram de fora da revista, o que tornou o lugar intransitável.

⁹⁸ CARVALHO, Mario; CARRARA, Sérgio. *Em direito a um futuro trans?: contribuição para a história do movimento de travestis e transexuais no Brasil*. P.324.

⁹⁹ *Correio Braziliense*, n. 4400, 09 de novembro de 1975, p. 14.

Segundo o jornal, o objetivo principal dessa operação era manter a ordem do lugar, bem como a segurança e a tranquilidade. Naquele dia, a população ficou espantada com o aparato militar.

O centro de Brasília durante a noite já era bem movimentado naquele período. Por se tratar de uma sexta-feira em que as boates e bares contavam com grande movimentação, era certo que o Estado conseguiria alcançar seus objetivos: fiscalizar, prender e mostrar trabalho. Aqui, é importante destacar que não se tratava apenas de uma questão de segurança, mas também de um assunto de interesses políticos. Isso se deve ao fato de que o apoio da maioria da população, que tinha inclinações conservadoras, serviria como um respaldo para ações truculentas do Estado. Em outras palavras, isso é uma forma de fortalecer a luta contra os indesejados da sociedade, o que nos mostra o papel da retroalimentação dos estigmas sobre gays e travestis.

Foi uma noite complicada para quem tinha se preparado durante toda a semana exaustiva de trabalho, que buscava aproveitar a vida, ou até mesmo, ganhar algum dinheiro para garantir a sobrevivência. As travestis e os gays que estavam na Boate *New Aquarius*, que dependiam de ônibus e que precisavam se deslocar até a rodoviária enfrentaram sérios problemas, como o fato de terem que apresentar suas documentações aos policiais que trabalhavam na operação. Caso mostrassem a identidade com o nome de registro, certamente virariam chacota no mesmo momento, afora as outras violências. Agora, se elas estivessem sem os documentos ou se recusassem apresentá-los, a detenção seria certa. Nesse caso específico, o ditado popular “se correr o bicho pega, se ficar o bicho come!” encaixava-se perfeitamente.

Ressalto que o fato das travestis apresentarem documentação de registro ou provarem que possuíam emprego nem sempre as livravam da detenção durante essas operações no centro de Brasília. Muitas vezes, eram encaminhadas para as delegacias da redondeza para prestar depoimentos, com destaque à 1ª DP, e chegavam a apanhar dos policiais, algo trazido por Bethynha Surfistinha em sua entrevista, registrada no capítulo 5 desta tese.

Quando a gente observa a estrutura da operação e o que ela buscava, algumas questões ficam mais evidentes. A frequência dos soldados que buscavam diversão e disponibilidade para programas sexuais com gays a um só tempo geravam oportunidades para engordar os soldos desses, que eram baixos, bem como causavam sérios incômodos às Forças Armadas naquele período, auge da ditadura civil militar no Brasil (1964-1985). A presença dos grupos considerados dissidentes de sexo e gênero também traziam seus agravantes, segundo a visão do Estado, tendo em vista que confrontavam aquilo se definia como moral e bons costumes. Embora ela não se referisse diretamente aos grupos que batalhavam nos locais públicos, é preciso afirmar que havia um repertório de intolerância, denominado hoje como transfobia.

Afora o que é nomeado na matéria publicada em dezembro, há outros registros que nos permitem dizer que gays e travestis eram vistos como alvo da vigilância e perseguição da Operação Arrastão e, assim, perceber suas existências nesses jogos da segurança pública na Capital Federal. Essa presença estava embutida nos discursos que defendiam essas operações, “como uma luta contra a marginalidade” ou até mesmo com a “promessa de limpeza das ruas”. Assim, tanto a “Operação Arrastão” quanto a “Lei Seca da Rodoviária comungavam de uma mesma raiz autoritária.

Algumas questões revelaram-se bastante sensíveis, especialmente no que se referia aos discursos acerca da vadiagem, os quais detinham considerável impacto naquela ocasião. Ao ponderar sobre o fato de que o *trottoir* além de não constituir uma ocupação formal, não haver comprovação por meio da carteira de trabalho, os problemas relacionados aos documentos de identificação impunham inúmeros constrangimentos às travestis e prostitutas que circulavam na rua. Tudo isso fazia parte das justificativas para o recrudescimento na repressão direcionada a tais indivíduos.

Durante o período da ditadura civil militar no Brasil (1964-1985), as pessoas que praticavam o *trottoir*, em alguns momentos, contaram com o apoio dos “jornais independentes. Eles faziam parte de uma imprensa com sérias divergências em relação ao regime ditatorial e denunciavam as arbitrariedades e violências cometidas pelas forças de segurança. É o caso do quinzenário “Repórter”, que, em junho de 1981, trazia a seguinte matéria escrita pelo jornalista Rivaldo Chinem: “Tribunal autoriza caça aos travestis”¹⁰⁰. A denúncia, por certo, ia além do título:

Em São Paulo, prostitutas e travestis vivem clima de terror. Decisão recente do Supremo Tribunal Federal garante a polícia o direito de reprimi-los, partindo do princípio de que o *trottoir* é atentatório a moral e aos bons costumes “e fonte de constrangimento para transeuntes e residentes”. A decisão foi tomada com base num acórdão do desembargador Ítalo Galli, da 1ª Câmara Criminal do Tribunal de Justiça de São Paulo: – O *trottoir* é imoral. Se assim não fosse, a prostituta não se desnudaria na rua. E, se é imoral, a lei não pode proteger. Além disso, o *trottoir* é contravenção penal e vadiagem. É um meio ilícito de sobrevivência¹⁰¹.

Segundo o jornal, o juiz corregedor dos Presídios e da polícia, o desembargador Laércio Talli, questionou a decisão tomada a partir da seguinte declaração:

As prostitutas não são contraventoras. São infelizes que necessitam de compreensão acima de qualquer coisa. Claro, o *trottoir* acintoso tem que ser reprimido. Por exemplo,

¹⁰⁰ O jornal “Repórter”, pertence ao acervo do Arquivo Nacional, Coordenação de Documentos Escritos, Documentos do Executivo e do Legislativo, fundo Divisão de Segurança e Informações do Ministério da Justiça. [BR RJANRIO TT.0.MCP. AVU.528](#)

¹⁰¹ *Repórter*, nº 45, 3 a 16 de junho de 1981, p. 18.

quando a mulher está despida na rua ou com o busto de fora, tem que ser recolhida mesmo. Agora, dentro da normalidade da conduta, a polícia não tem o direito de combater as prostitutas. Se agir assim, está cometendo uma arbitrariedade¹⁰².

Entre declarações mais fortes e outras mais amenas sobre o *trottoir*, há o relato de uma prostituta cujo nome é Kátia, que batalhava na avenida Rio Branco em São Paulo, e que traz a seguinte afirmação: “Os tiras fazem da gente gato e sapato. Já tentei ser empregada doméstica, mas não deu pé”¹⁰³. Outra declaração dada foi a de uma travesti chamada Milla, que sobrevivia pelo *trottoir* havia três anos: “Para não ser preso eu dou dinheiro aos policiais. Mas não adianta, há uns sádicos que batem na gente mesmo quando pagamos”¹⁰⁴.

Um dos delegados que não quis se identificar na reportagem afirmou que só prendiam prostitutas e travestis no *trottoir* quando os casos envolviam roubo, o que ele denominava como “abraço de tamanduá”, quando se roubava a carteira de alguém sorrateiramente. Ele declarava que “a polícia não está preocupada com o *trottoir* porque sabe que há outros envolvidos no negócio, como os donos de motéis, os gigolôs e os advogados de porta de xadrez, que dão *habeas corpus* preventivo, no valor de Cr\$ 15 mil, para prostitutas e travestis”¹⁰⁵.

As declarações de Kátia e Milla não comprovam a ampla defesa alegada pelo policial. Ao mesmo tempo, o que ele dizia apontava para uma dinâmica que favorecia figuras masculinas mais sintonizadas com o repertório de masculinidades heteronormativas. Não se pode esquecer que as operações saíam da Delegacia Seccional do Centro e eram comandadas pelo delegado José Wilson Richetti.

Elas eram denominadas “Operação Limpeza” e agiam contra travestis, prostitutas e homossexuais. Um elemento bastante importante e que colabora com a afirmativa que faço sobre outros sujeitos que se incorporaram à rotina do *trottoir* era a presença de donos de motéis, gigolôs, advogados, o que mostra que existiam pessoas que lucravam com o *trottoir*, mais do que prostitutas e travestis nessas práticas.

Embora o delegado tente amenizar o que são essas operações, os registros fotográficos de Juca Martins¹⁰⁶ nos apontam para outra direção, que é da violência desmedida contra homossexuais e travestis. Seus registros mostram eventos de humilhação, pisadas, muitas delas

¹⁰² Idem.

¹⁰³ Idem.

¹⁰⁴ Idem.

¹⁰⁵ Idem.

¹⁰⁶ Manoel Joaquim Martins Lourenço nasceu em Portugal. Trabalhou como repórter fotográfico para os jornais Folha de São Paulo, Jornal da Tarde e Última Hora e para as revistas Placar, Quatro Rodas, Realidade, Veja, Visão e Isto É. Na década de 1970, foi diretor de arte e secretário gráfico do jornal Movimento, de oposição à ditadura militar. Em 1979, fundou, com Nair Benedicto, Ricardo Malta e seu irmão Delfim Martins, a Agência F4, de fotojornalismo. Disponível em: <https://ims.com.br/titular-colecao/juca-martins/>. Acesso em: 23/04/2022.

que usavam perucas tiveram seus acessórios arrancados. Esse tipo de violência organizada e institucionalizada era bastante recorrente em vários estados brasileiros. Sobre esse período, o portal “Olhar Imagem”¹⁰⁷ tem dado acesso a registros fotográficos como os reproduzidos nas Figuras 8 e 9:



Figura 8 – Travestis em perigo: “Operação de Limpeza” em São Paulo, no ano de 1980.
Fonte: Foto de Juca Martins. COPYRIGHT: Olhar Imagem.



Figura 9 – “Todo mundo na parede!”: “Operação de Limpeza” em São Paulo, no ano de 1980.
Fonte: Foto de Juca Martins. COPYRIGHT: Olhar Imagem.

¹⁰⁷ A fotos sobre as operações policiais comandadas pelo delegado José Wilson Richetti em que travestis são presas em São Paulo em 1980 pertencem ao portal “*Olhar Imagem*”. Disponível em: https://www.olharimagem.com/search?I_DSC=richetti&submit.x=27&submit.y=9&I_DSC_AND=t&_ACT=searh. Acesso em: abril de 2022.

Após quase três décadas, essas operações ganharam muita visibilidade através das investigações da Comissão Nacional da Verdade¹⁰⁸, que em seu volume II do *Relatório Final da Comissão Nacional da Verdade* discute a relação entre homossexualidade e subversão. Segundo o documento:

Durante todo o período da ditadura, as políticas de controle social e de repressão política adotaram, em muitos casos, um viés conservador em termos morais. O padrão de policiamento que ocorreu no centro da cidade de São Paulo entre 1976 e 1982 é exemplar do ponto de vista de como operou a repressão a setores LGBT. As polícias civis e militares estruturaram-se para tais operações, com respaldo da Secretaria de Segurança Pública sob comando do coronel Erasmo Dias. Além disso, o delegado Guido Fonseca elaborou estudos criminológicos de centenas de travestis, recomendando a contravenção penal de vadiagem como instrumento para o combate à homossexualidade. Ainda, durante o governo de Paulo Maluf (1979-1982), rondas de policiamento ostensivo intensificaram-se na área central da cidade, região sob o comando do delegado José Wilson Richetti, perseguindo claramente grupos vulneráveis e estigmatizados¹⁰⁹.

O teor das reportagens sobre a lei seca na rodoviária no *Correio Braziliense*; a Caça às travestis, no *Repórter*; e o *Relatório Final da Comissão Nacional da Verdade* evidencia que a “contravenção” parecia um conceito não apaziguado, tendo em vista que com a relação à lei seca na rodoviária e as operações comandadas por Richetti, o termo obedecia a um mesmo critério: aquela pessoa que não se alinhava às regras impostas, respondiam por contravenção. Algo que será rebatido pelo juiz Laércio Talli, que categoricamente afirmava que as prostitutas e as travestis – por compartilharem uma dinâmica comum – não eram contraventoras.

Os registros sobre as experiências vividas por travestis e gays em seus espaços de sociabilidade se assemelhavam, tanto em Brasília quanto em São Paulo naquele período. Ao tentar se criar uma imagem de que as minorias que circulavam pela cidade eram clandestinas e ilícitas, reforçava-se a ideia da contravenção.

O texto da Comissão Nacional da Verdade, especificamente sobre homossexuais e travestis, sinalizou para o fato de que essas estruturas que as oprimiam permaneciam inalteradas. Por outro lado, a luta pelo direito de ser, existir estavam presentes na resistência e nas estratégias que homossexuais e travestis encontraram na ocupação dos espaços da cidade.

¹⁰⁸ A criação da Comissão Nacional da Verdade se dá pela Lei 12528/2011 e sua instituição ocorreu em 16 de maio de 2012. A CNV tem por finalidade apurar graves violações de Direitos Humanos ocorridas entre 18 de setembro de 1946 e 5 de outubro de 1988. Conheça abaixo a lei que criou a Comissão da Verdade e outros documentos-base sobre o colegiado. Em dezembro de 2013, o mandato da CNV foi prorrogado até dezembro de 2014 pela medida provisória nº 632.

¹⁰⁹ Relatório da Comissão Nacional da Verdade. Volume II – Textos Temáticos, Ditadura e Homossexualidade, 2014, p. 307. Disponível em: <http://cnv.memoriasreveladas.gov.br/index.php>. Acesso em: 13/04/2022.

Sem dúvidas, esse protagonismo contribuiu para que essas comunidades ultrapassassem o regime ditatorial e continuassem se sociabilizando na Rodoviária do Plano Piloto. Essas experiências foram justamente o conteúdo humano da reportagem do *Correio Braziliense* “Rodoviária: o coração brega da capital da modernidade”, de 6 de dezembro de 1987¹¹⁰.

O que seria da Rodoviária se não fosse o encontro dessas pessoas com suas múltiplas vivências? A suas histórias foram fundamentais para uma dinâmica diferente daquelas que as instituições esperavam, principalmente as que pertenciam ao Estado. Enquanto, a classe média do Plano Piloto tinha pavor da realidade do terminal, a ponto de relatar ao jornal um “verdadeiro horror de ficar mais de meia hora na rodoviária”, o coração pulsante, as pessoas que ali transitavam diariamente insistiam em ocupar cada um de seus espaços.

As pessoas que vinham das cidades satélites faziam dos bares e lanchonetes pontos de encontro, já que não faltavam cerveja gelada, um bom chope e boa comida. Quando chegava o tempo frio, os caldos eram os queridinhos, pois aqueciam o corpo e renovavam as energias. Realmente não sei como o superintendente não se rendeu ao pastel com caldo de cana. Talvez ele tivesse investido em uma estrutura que permitisse que homens e mulheres pudessem usufruir em cada um dos espaços daquele lugar, já que a rodoviária deveria ser de todas as pessoas.

Um mundo de gente passava por ali todos os dias, provavelmente seja o motivo do título da matéria se chamar “Rodoviária: o coração brega da capital da modernidade”. Isso, aliás, é o que fica sugerido no trecho seguinte:

Por entre suas lanchonetes, lojas e restaurantes, bregas, passa diariamente um batalhão de homens e mulheres vestidos no melhor estilo *kitsch*, o que dá um ar de feira dominical. Desfilam botinhas da Xuxa calçando empregadas à busca de príncipes encantados; passeiam jeans stone *washed*, carregando soldados, fingindo-se de príncipes encantados para conseguirem emoções fugidias. É um verdadeiro caldeirão onde são ruminados desde romances a la Bárbara Cartland até intrigas, dignas de Fellini filmar. É um poço de breguice que, com certeza, Carlos Drummond de Andrade, se vivo estivesse, transformaria em poema¹¹¹.

Por ali também passavam os pregadores que tentavam salvar as almas do pecado, da luxúria e do demônio. Seus brados e cantigas se confundiam com os gritos dos vendedores de bombons e balas que faziam promoções de seus produtos. Os engraxates também disputavam o espaço para garantir a sobrevivência. Ao mesmo tempo em que o repórter classificou as pessoas como satélites das lanchonetes, disse que se tratava de uma fauna. Para além dessa alcunha infeliz, o que prevalecia naquela estação era a dimensão humana de cada pessoa.

¹¹⁰ *Correio Braziliense*, n. 9003, 06 de dezembro de 1987, p. 43.

¹¹¹ *Idem*.

A busca por uma boa aventura, um romance ou transa, muitas vezes colocavam as empregadas domésticas, os gays e soldados no mesmo espaço de sociabilidade. Cada um com sua caçada. Provavelmente os limites de atuação de cada um destes grupos era bem delimitado, o que demandava certa organização, mas não deixava de ser um espaço em disputa. Sobre essa busca frenética, Rubens Araújo, repórter do *Correio*, lembra que “No extenso corredor, cruzam-se empregadas, soldados e homossexuais tantas vezes quanto forem necessárias até que a conquista se efetue”¹¹².

Sempre havia aquelas pessoas que atravessavam o limite, o que poderia gerar algum desconforto ou até mesmo confusão. O local preferido para essas buscas era a passarela entre as plataformas superior e inferior¹¹³. Essa informação me fez lembrar que ali tem um famoso banheiro que os gays adoram fazer a pegação, a famosa prática do banheirão.

Mesmo não mencionadas na reportagem, as travestis também estavam ali. Como não se lembrar delas? Elas andam de ônibus, elas passavam por ali para acessarem outros espaços da capital, como o CONIC, o Setor Comercial Sul (SCS) e o Setor Hoteleiro. Elas também disputavam os espaços da plataforma, seja no *trottoir* noturno ou nos bares e lanchonetes. Provavelmente o jornal tenha se referido a elas como homossexuais, já que é um termo guarda-chuva para se referir às pessoas consideradas dissidentes de sexo e gênero naquele período. Com tantas possibilidades, a Rodoviária era não apenas o coração, mas também as artérias, já que, de certa forma, as pessoas que saem de dentro do terminal se deparam com o Conjunto Nacional e o CONIC, bem como os estacionamentos superiores. A rodoviária capilariza o centro nervoso da capital.

Em todos os espaços da rodoviária estes grupos coexistiam, ainda que a prática de respeito sólido e mútuo não fosse algo inabalável. A ocupação dos lugares de sociabilidade por grupos distintos é parte das dinâmicas do espaço, algo muito presente quando a gente observa lugares de interação social. Não podemos esquecer que os territórios possuíam regras, para além das institucionalizadas pela administração local. Sobre elas, destaque: não atravessar a paquera de alguém porque isso dá briga, ou até mesmo chamar a atenção para certas práticas de modo que atraísse a polícia ou seguranças do terminal. Quando infringidas, a possibilidade de tensão entre os grupos era imensa. Para quem anda por lugares de sociabilidade e pegação, essa regra é geral.

Nesse sentido, a forma como o jornal construiu sua narrativa que envolve gays, soldados e domésticas parece estancada da realidade das pessoas. Estes territórios, ainda que parecessem

¹¹² *Idem.*

¹¹³ *Idem.*

amenos, eram territórios em disputa. As pessoas que estavam ali investiam esforços e muitas vezes dinheiro. É inegável a existência do lazer e o desejo, mas havia também o jogo de interesses.

Há uma questão importante que precisa de observação e que diz respeito a certa figura central que transita nestes lugares e não traz o estigma da homossexualidade, porque encarna o papel do ativo: o michê. Eles são estes homens que participam de forma ativa das dinâmicas dos espaços através da prostituição, colaborando de forma direta com as dinâmicas da cidade. Estou enfatizando essa questão nesse momento do trabalho, embora sua figura atravessasse boa parte d esta pesquisa, porque espaços como a Rodoviária necessitam dessa abordagem, principalmente por tipos específicos de práticas sexuais nestes locais: como banheiro, abordagem em pistas e viadutos.

A presença de homens que participavam do mercado do sexo no centro da capital, algo relevante na compreensão da cidade, era constantemente cruzada pela participação ativa de militares. As práticas contínuas dessas figuras não eram apenas relacionamentos furtivos, eram também resistência, já que se arriscavam e desafiavam as normas impostas pelas forças armadas que em vários momentos tentaram coibir essas vivências. Para aprofundar sobre a presença dos michês nestes territórios, especificamente militares das Forças Armadas, trago um trecho de uma matéria escrita pelo repórter Pelágio Gondim, em março de 1983, extraído de uma compilação de documentos referente ao período da Ditadura Militar sobre a morte de Alexandre von Baumgarten, cujo principal acusado de seu extermínio era o general Newton de Oliveira:

Os “recos” e outros rapazes que vivem a noite naquele triângulo também têm os seus critérios. A preferência é pelos homossexuais amadurecidos, pois sabem que esses, ao contrário dos jovens, podem pagar uma cervejada prolongada, garantir um lugar para passar a noite, um “rango” melhorado e até algum dinheiro extra. Contudo, aceitam os mais novos quando os mais velhos não aparecem, pois, já é a garantia de algumas cervejas. A retribuição pode ocorrer no escurinho dos cinemas Karim e Venâncio, onde flagras dificilmente acontecem¹¹⁴.

Essa matéria é muito interessante e trazia informações sobre a rotina de militares que, para “engordar o soldo”, mantinham relações homossexuais por meio da prostituição em vários espaços do centro da capital, nesse caso específico: Conjunto Nacional de Brasília, Setor

¹¹⁴ Não foi possível identificar o jornal que consta essa matéria, já que o seu nome não é especificado no documento em nenhum lugar, embora o repórter responsável por ela – “Pelágio Gondim” – pertença ao quadro de funcionários do *Correio Braziliense*. Reforço que busquei todas as edições do mês de março de 1983 do *Correio*, porém sem sucesso. Essa matéria pertence ao seguinte Fundo: Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos - BR DFANBSB AT0. Disponível em: http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/br_dfanbsb_at0/0/0/0038/br_dfanbsb_at0_0_0_0038_d0001de0001.pdf. Acesso em: 17/04/2022.

Comercial Sul (SCS) e CONIC. Vale ressaltar que muitas vezes eles eram surpreendidos em meio aos programas, o que os levava a desistir, mas, quando não conseguiam fugir da patrulha, o recolhimento era certo.

Quando a gente faz uma conexão entre a matéria “Rodoviária: o coração brega da capital da modernidade”, que traz depoimentos de soldados que frequentam o local, com o trecho extraído do documento acessado no Arquivo Nacional, ficam evidentes as formas de apropriação dos espaços por soldados das Forças Armadas, com destaque à sociabilidade.

Essa questão colabora de modo a se pensar como as questões sociais, econômicas e culturais cruzavam os espaços do centro do Plano Piloto, não se tratando apenas da sociabilidade homossexual em si, mas de diversos fatores que eram agregados a estes espaços e que tinham potencial de desvalorização das vidas em vários sentidos. Essa depreciação se dava na comercialização destes corpos. A depender do local, isso era mais intenso, como no caso da Rodoviária, tornando-os mais baratos nos banheiros do terminal e na plataforma superior. Isso sugere como os espaços se inscreviam nas histórias da cidade, nas vidas e corpos das pessoas.

A partir das matérias apresentadas sobre a Estação Rodoviária do Plano Piloto fica evidente que existia um projeto institucional cujo interesse era criminalizar indivíduos e desocupar os espaços, questões muitas vezes defendidas pelo *Correio Braziliense*. Tanto as medidas tomadas pelo Estado quanto o teor das matérias se retroalimentavam dessas confusões que obedeciam às regras de certas estruturas.

Elas traziam elementos reais, com o intuito de conseguir adesão da sociedade, porém, de forma superficial, sem que ultrapassassem as bordas dos costumes e dos valores defendidos. O objetivo deste trabalho não é julgar essas populações, mas tentar entender como elas se apropriaram destes espaços. Por mais que essas formas utilizadas não parecessem usuais, elas existiam, o que demanda melhor compreensão.

No caso da Rodoviária, não encontrei no *Correio Braziliense* expressões como “pegação”¹¹⁵ de mictório” e “banheirão”, embora estivessem subtendidas tais práticas em algumas matérias. Faço referência a essas duas expressões por conta da importância que essa prática de sexo em banheiro público tinha na ocupação dos espaços. Segundo Perlongher, “o mictório ocupa o lugar mais baixo na categorização dos locais de engate homossexual [...] o

¹¹⁵ Pegação é uma gíria bastante usada por gays para se referirem aos locais e/ou atos libidinosos. Bolinagem, masturbação, coito anal. Prática de sexo sem envolvimento afetivo. Caçadas de cunho sexual e casual.

menos amoroso'; mas é também o mais perigoso, pois está sujeito a esporádicas irrupções policiais”¹¹⁶.

Embora o lugar não seja aparentemente adequado em vários aspectos, ele aponta como uma possibilidade espacial de vivências das subjetividades destes grupos. Algumas questões tornam estes lugares viáveis e desejáveis: voyeurismo, jogos de exibição nos mictórios, caçada, silêncio, masturbação, sexo nas cabines sanitárias e outras sociabilidades.

2.2 Setor Hoteleiro Sul (SHS): onde tudo acontece!

O olhar sobre o Plano Piloto, fragmentado em microespaços compostos por organizações e conexões, muitas vezes nos dá a sensação de múltiplas Brasília latentes. Porém, estes lugares se manifestam e se escancaram com suas realidades todos os dias. Talvez a conotação de que parte dessa cidade é invisível ou silenciada, especialmente em relação a gays e travestis, se dê por conta do estigma da abjeção sobre estes grupos. Para além das perspectivas sobre os espaços, o que podemos afirmar é que o despertar da cidade se dá a partir de cada passo dado sobre ela, histórias, interesses e vivências, ou seja, a cidade tem seus sentidos moldados a partir das múltiplas experiências dos grupos que a ocupam.

Esse caminhar sobre ela, como afirma Certeau, é um “espaço de enunciação” e essa “enunciação pedestre” carrega em si três características: o presente, o descontínuo e o “fático”¹¹⁷. Isso nos mostra que esses territórios e seus sujeitos são dotados de vários significados e ações, o que descarta essa ideia de não percepção ou silêncio, questões que anulariam a cidade.

Os lugares selecionados por esta pesquisa são descortinados com facilidade por uma pessoa comum ao caminhar pela cidade. Da plataforma superior da Rodoviária vê-se o Conjunto Nacional de Brasília, o CONIC e o Setor Hoteleiro Sul (SHS), todos eles ligados. Na medida em que se avança sobre esses territórios, outros se conectam, como no caso do Setor Hoteleiro Sul (SHS), que tem a Via S2 como limite para o acesso ao Setor Comercial Sul (SCS). Quando paramos para pensar a guetização desses espaços por meio do que chamo homotranscartografia de Brasília, essas conexões se mostram essenciais na compreensão territorial e dialética, em que a cidade nunca é a mesma.

¹¹⁶ PERLONGHER, Néstor. *O Negócio do Michê: a prostituição viril em São Paulo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987, p. 170.

¹¹⁷ CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: Artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009, p. 164.

Dentro dessa perspectiva de espaços conectados, não é de se estranhar que as trajetórias de gays e travestis passem pelo Setor Hoteleiro Sul (SHS) e se espalhem no centro da capital. De maneira significativa, os processos de apropriações espaciais não são homogêneos. Há lugares em que apenas um grupo predomina, de acordo com as atividades, interesses e outros fatores. Existem também aqueles espaços mais híbridos que permitem a coexistência dessas categorias, como é o caso do CONIC, onde essas comunidades se misturam de alguma forma, sem perder suas características, mesmo sob a tensão provocada pelo Estado e por alguns estabelecimentos.

Essa mistura não quer dizer união dos territórios. Um olhar desatento apreende o espaço como único, mas as vivências e as territorialidades esfacelam os espaços, dando a eles limites, códigos éticos moldados pelas próprias territorialidades. Isso possibilita a coexistência das diferenças, ao mesmo tempo em que reorganiza os limites de cada lugar.

As diferentes apropriações do Setor Hoteleiro Sul (SHS) obedecem a regras de ocupação determinadas pelos próprios grupos, de modo específico quando observamos homossexuais e travestis na dinâmica desse lugar. Isso se dá por conta de territorialidades bem definidas e marcadas por parte dessas pessoas, que estão sempre de passagem, mas que se somam ao lugar. Essa presença desafia a estrutura, subverte as normas e condutas morais, enfrenta as resistências historicamente organizadas e colocam seus interesses a frente de qualquer norma vigente. Não se trata de uma condução à barbárie, como afirmam agentes da discriminação, mas de um enfrentamento ao *status quo*, em nome da sobrevivência e da apropriação territorial.

Ocupação e regras de conduta dentro desses espaços são pontos importantes para se pensar esse duplo caminho, porém, não são os únicos que merecem observação. A palavra sociabilidade homossexual e travesti por meio dos estigmas na maioria das vezes está vinculada à prostituição. Isso acontece em razão das duras referências que se têm sobre essa prática. Esse reducionismo é um equívoco presente nas matérias jornalísticas que não privilegiam essas categorias, ou seja, insistem em falar sobre essas pessoas e não com elas.

Larissa Pelúcio faz uma ponderação importante sobre a rua ao trazer outros elementos para reflexão sobre quem ocupa estes lugares de prostituição:

A rua, irmanada à categoria noite, tem ameaças, mas também regras claras, ainda que tácitas. Oferece proteção a quem se integra às redes estabelecidas, as mesmas redes que punem com rigor os infratores. À racionalidade da rua/ pista/ avenida somam-se os rigores da noite: frio, violência, desafetos, rivalidades. Nos mesmos espaços e temporalidade em que se encontra afeto, amigos, um amor, diversão. Mesmo a prostituição, mencionada muitas vezes como um fardo, uma falta de opção – numa

reprodução dos discursos morais hegemônicos –, aparece também como divertimento e valorização dos seus atributos físicos e eróticos¹¹⁸.

Além de apontar as estruturas que compõem o funcionamento desses espaços, mais organizados que a sua apresentação em inúmeras matérias do *Correio Braziliense*, Pelúcio traz questões subjetivas da sociabilidade. Entre elas, destaco: amores, desafetos e a estética travesti de se integrar ao mundo. Essa plasticidade travesti assume vários papéis na vida dessas pessoas, que vão da construção e expressão do feminino até a movimentação no mercado do sexo. Em outros termos, essa estética se adapta às múltiplas interações sociais a partir desse corpo enquanto estratégia nas relações com o mundo.

Ainda sobre essas interações, mas de forma específica, na prática cotidiana, quando pensamos a ocupação do Setor Hoteleiro Sul (SHS), devemos levar em consideração o turismo, tendo em vista que ele interfere nas sociabilidades que se incorporam à sua rotina. São pessoas que vêm à Brasília com intuito de explorar seus pontos turísticos, outras a trabalho, e há aquelas que aproveitam a estada e buscam o mercado sexual nas proximidades dos hotéis.

Uma rápida caminhada pelo Setor Hoteleiro Sul (SHS) deflagra o *trottoir* noturno nas vias do centro da capital, da mesma forma que os anúncios do *Correio* estavam repletos da presença dessas pessoas e seus serviços. Não é apenas a presença desses grupos que define a dinâmica de funcionamento desses espaços. Como em qualquer outro lugar, essa localidade abriga um conjunto de forças, convergentes ou não, capazes de modular e acomodar de forma transitória o jogo de interesses que se estabelece ali.

Com relação à cidade, seus espaços são de disputa devido a própria precificação das relações, da rua, do corpo e do tempo. Mais do que socialização, a manutenção desses territórios implicava sobrevivência, trabalho, relações de exploração e conflitos, e por essa razão, a prostituição recebeu considerável destaque, muitas vezes guiadas pela construção narrativa por conta das fontes pesquisadas.

Por outro lado, é preciso enfrentar essa reflexão, porque parte das fontes pesquisadas reproduziam o estigma de que ser travesti era estar vinculada a essa atividade. Não se trata aqui de excluir ou romantizar a prostituição em relação ao grupo, tendo em vista que são predominantes nesses espaços, mas de agregar elementos importantes nas vivências dessas comunidades, incluindo o ato de se prostituir enquanto trabalho, elemento fundamental à sobrevivência dessas pessoas.

¹¹⁸ PELÚCIO, Larissa. *Abjeção e desejo: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de AIDS*. São Paulo: Annablume; FAPESP, 2009, p. 72.

A prostituição, embora rechaçada pela sociedade, movimenta mercado significativo no Brasil, e quando nos referimos às travestis não é diferente, porém, existem equívocos acerca do assunto. Há as que estão de forma compulsória, outras por livre escolha, existem as submetidas à cafetinagem.

Agora, uma coisa é pensar a identidade travesti e como ela é construída, e outra é pensar a prostituição e suas dinâmicas e possibilidades. Não dá para tratar as duas questões como se fossem as mesmas ou de forma a homogeneizar. Esse é um modelo de estratégia que contribui para a violência física, simbólica, anulação e eliminação dessas categorias, bem como de suas demandas.

A prostituição tem uma visibilidade grande nesse momento da pesquisa, porque foi uma das formas encontradas por estes grupos de se integrarem a essa parte da cidade e garantirem sua sobrevivência, algo corroborado pelas entrevistas. Por isso o esforço de se pensar os desdobramentos ocorridos na capital a partir da ocupação desses territórios como seus de direito.

Mesmo não discutindo as relações de poder que pousam sobre esses espaços, vale lembrar que o direito de ocupar é dado por meio de pagamento em dinheiro. Em outras palavras: as regras criadas para a cidade não valem na intervenção paralela dos territórios¹¹⁹. Por essa razão, são espaços em conflitos permanentes e que pesam de forma desproporcional sobre as histórias de travestis e de mulheres que se prostituem.

No ano de 1970 o *trottoir* já estava presente nas ruas do Setor Hoteleiro Sul (SHS). Naquele período algumas mulheres já ocupavam parte daquele espaço, a exemplo das redondezas do Hotel Nacional. O registro dessa prática consta em uma pequena nota cujo título era “Trottoir no Setor Hoteleiro”¹²⁰, publicada em fevereiro de 1970. Por essa razão, suponho que as foram as primeiras a ocuparem e intervirem naquela região por meio do comércio do sexo.

Certamente, a sobrevivência naquele período era muito mais difícil, levando em consideração que Brasília era uma cidade em construção. Elas aproveitaram a ausência de um policiamento ostensivo, o grande fluxo de turistas que circulavam no centro da capital e a clientela – boa parte formada por trabalhadores – que buscava alguma aventura.

¹¹⁹ Considero intervenção paralela dos territórios, as experiências da apropriação que não obedecem às regras impostas aos lugares. No Setor Hoteleiro Sul (SHS), por exemplo, essas experiências colocam travestis, a chamada sociedade civil organizada e as instituições (públicas ou não) em lados opostos. Esse tipo de organização social que coloca grupos dissidentes sexuais como inimigos, pessoas indesejadas é que dá sentido à dinâmica transfóbica da sociedade, que patologiza essas existências no senso comum, como lembra Gilberto Velho. VELHO, Gilberto. *Desvio e Divergência: uma crítica da patologia social*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979, p. 11.

¹²⁰ *Correio Braziliense*, n. 3126, 22 de fevereiro de 1970, p. 28.

A prostituição ali era uma atividade séria. Por isso, não dava para descumprir certas regras, com destaque para aquelas que se referiam aos limites dos espaços de atuação e a disputa por clientes. Por muitas vezes, tais questões geraram confusões enormes, e até mesmo, atos mais violentos. Suas presenças, segundo os comerciantes locais, tornavam o ambiente instável, o que poderia espantar clientes, turistas e a presença de famílias no local.

Nas edições pesquisadas do *Correio Braziliense*, não se evidenciou o compartilhamento do espaço no mercado do sexo entre travestis e prostitutas na região central de Brasília. No entanto, essa relação de interesses – o que gera certos conflitos e exigências – se manifestou nas entrevistas, como exemplificado por Danny Wonderful em seu relato no último capítulo dessa tese, ao se referir à cafetina chamada Kátia, juntamente com outras prostitutas que estavam sob seu domínio no Setor Comercial Sul (SCS).

E nessas dinâmicas, as divergências têm papel importante, especificamente aqui, na organização dessas atividades e delimitação territorial. Não é possível pensar a apropriação em territórios construídos na rua, sem levar em consideração os constantes desacordos, competições e choques de interesses, já que era a sobrevivência que estava em jogo.

Em junho de 1977, o *Correio Braziliense* trouxe uma matéria inusitada, cujo o título era “Driblou a segurança”. Naquele mês, o governo montou um forte esquema de segurança nas redondezas do Hotel Nacional. As pessoas que passavam por ali, a princípio, não sabiam o que estava acontecendo, embora desconfiassem que se tratava de algo sério e relevante. O motivo dessa movimentação era a visita da senhora Eleanor Rosalynn Smith Carter, esposa de Jimmy Carter, presidente dos Estados Unidos.

Tudo naquele momento era bem organizado, jornalistas e autoridades que chegavam ao local, se direcionavam à sala de imprensa montada para a cobertura da visita. Era gente se esbarrando, procurando o melhor lugar para capturar uma imagem, tudo sob o olhar atento da segurança. As revistas eram feitas de forma minuciosa, afinal, nada poderia sair errado com a visita da esposa do presidente da maior potência mundial. Apesar de tudo isso, entrou em jogo uma figura inesperada: Luizinho.



Figura 10 – Retrato de Luizinho extraído de reportagem do *Correio Braziliense*.
Correio Braziliense, n. 5250, 8 de junho de 1977, p. 40.

Luiz Carlos, mais conhecido nas redondezas como Luizinho, era uma figura que gostava muito de andar nos espaços mais frequentados do centro de Brasília, sendo o Setor Hoteleiro Sul (SHS) o seu favorito. Naquele dia, em razão de não ter conseguido a segunda via da passagem para retornar a Belo Horizonte, resolveu ir ao Hotel Nacional tentar ganhar algum dinheiro. À reportagem do *Correio*, Luiz declarou que tinha certeza que pintaria uma “bicha louca” e que era acostumado a transar com essas “dondocas” por aí¹²¹.

Luizinho era uma pessoa vaidosa, gostava de colocar uma roupa mais alinhada, um perfume doce que provavelmente tenha ganhado ou subtraído durante suas aventuras, cabelos pintados na cor caju e bigode penteados, além de trazer uma pulseira que servia de adorno aos seu pulso. Ele adorava causar uma boa impressão, o que lhe garantia um programa certo.

É importante ressaltar aqui que a construção da representação do michê não passava apenas pela busca de uma imagem que contribuísse com a atração de cliente, era preciso parecer viril, um homem de verdade, daqueles que geralmente os homossexuais procuram, embora Luizinho exagerasse um pouco na arrumação.

Ao chegar no Hotel e se deparar com aquela operação de guerra, Luizinho parou, observou e ficou pensando como faria para quebrar aquele esquema de segurança. Como era

¹²¹ *Correio Braziliense*, n. 5250, 08 de junho de 1977, p. 40.

um sujeito astuto, se aproveitou da distração das pessoas com o acontecimento e “conseguiu enganar os agentes secretos que vigiavam os arredores do local e roubou a Galeria de Arte Internacional”¹²². Ele achou que tivesse se dado bem e que a maré tinha mudado. E mudou, só que de uma forma que ele não esperava. “‘Luizinho’, deu bobeira e foi preso quando tentava trocar uns dólares com um funcionário do Hotel Nacional”¹²³. Sobre o motivo do roubo, ele fez o seguinte relato ao repórter:

Como a vida está difícil para se conseguir dinheiro, há muitos meses que vivo mantendo encontros amorosos com pederastas. Por cada relação consigo arrecadar cerca de Cr\$ 300.00 cruzeiros. Assim vou vivendo. E nas horas vagas roubo por aí, concluiu o *Call Boy* aparentemente triste porque um agente já estava ao seu lado para transportá-lo até o presídio do Núcleo de Custódia, onde encontra-se à disposição da Justiça Criminal de Brasília¹²⁴.

Ainda que a forma encontrada por ele não seja a adequada porque se enquadra em crime, o que se observa é que nem mesmo fortes esquemas de segurança são totalmente eficazes diante das estratégias de quem ocupa esses territórios marginais na busca de suas sobrevivências. Não se trata de uma especificidade do Luizinho, mas de grupos que ocupam esses territórios.

Outro fator interessante que chama a atenção na leitura dessa reportagem é o encantamento que ele provoca, algo presente na matéria. Até mesmo a foto escolhida pelo jornal buscou transmitir isso ao leitor. Sem dúvidas, a audácia era uma de suas grandes qualidades e isso está presente na frase que o jornal traz como destaque: “Luizinho: driblei os ‘Secretas’!”

Seguindo ainda a linha desses eventos internacionais, só que dessa vez com a visita do próprio Presidente dos Estados Unidos, em novembro de 1982, o *Correio Braziliense* publicou a seguinte matéria: “Ninguém vê, ninguém ouve, ninguém fala sobre a visita de Reagan: Um exército trabalha em silêncio”¹²⁵.

Mais uma vez, o Hotel Nacional transformou-se em um verdadeiro quartel-general, mas não foi o único lugar que teve sua rotina modificada para a visita do presidente dos Estados Unidos, Ronald Reagan. Os olhos voltados ao centro da capital movimentaram a rede comercial da redondeza, inclusive a sexual: bares, saunas, boates, casas de massagem, prostituição e demais serviços. A possibilidade de receber dólares com a chegada dos estrangeiros transformou a cidade em um centro agitado, mas nada igualitário, pois para garantir a segurança era preciso sempre se sacrificar alguns grupos considerados indesejáveis.

¹²² *Correio Braziliense*, n. 5250, 08 de junho de 1977, p. 40.

¹²³ *Idem*.

¹²⁴ *Idem*.

¹²⁵ *Correio Braziliense*, n. 7216, 28 de novembro de 1982, p. 60.

Foi dentro desse contexto que as operações policiais promoveram uma verdadeira “limpeza local”, o que demonstra novamente o perfil intolerante institucionalizado pelo Estado. Se por um lado havia algumas permissões de atuação, inclusive do comércio sexual, por outro havia uma tensão por parte daquelas excluídas das concessões: as travestis.

Uma simples pergunta pode nos ajudar a resolver esse impasse: Isso era permitido para todos os espaços? Claro que não! Essa é uma resposta objetiva que diz respeito ao poder do capital e da política, onde empresários mandavam, pois quem não tinha dinheiro e poder, vivia na clandestinidade. Nesse aspecto, o “*trottoir*” noturno foi duramente reprimido. Embora fique no ar essa motivação transfóbica, são as travestis que trazem essa impressão sobre o que seria uma “operação saneamento” na capital durante os dias da visita do presidente americano. Segundo o jornal,

Se depender da Secretaria de Segurança Pública, tudo vai transcorrer normalmente, principalmente se não houver excesso. Não há nenhum policiamento especial para a área, a não ser a ronda normal feita pela Polícia Militar e Polícia Civil, que, no entanto, deve ser mais ostensiva nesses dois dias. Na secretaria ninguém confirma, mas entre os travestis que fazem “*trottoir*” nas imediações do Hotel Nacional, corre o boato de que será acionada a Operação Saneamento. Ou seja, travesti que for apanhado fazendo ponto perto do hotel, vai para o Camburão¹²⁶.

O que levaria as travestis temerem uma “Operação Saneamento” senão o medo? Esse temor é fruto dos inúmeros enfrentamentos dessa comunidade na ocupação e ressignificação dos territórios. Isso mostra que elas se sentem vigiadas durante todo o tempo, como se a qualquer momento fossem sofrer alguma represália por parte da polícia.

A insistência em anular a existência, dignidade e a cidadania de travestis obedece a um projeto de opressão do Estado. Não é à toa o tratamento dispensado a elas, vistas como vagabundos e marginais (no masculino) e recolhidas da rua durante “operações de limpeza”, como se fossem uma espécie de “resíduos sólidos”. Jacques-Alain Miller, em seu texto “A máquina panóptica de Jeremy Bentham”, aponta para a forma como o Estado se coloca contra as comunidades consideradas “vagabundas”. Quando olhamos para as travestis, há um controle externo e um controle interno, enquanto mecanismo de vigilância e punição, como apresentado a seguir na estrutura do panóptico:

O vagabundo é o homem sem lugar, o nômade, é aquele que não pode ser levado em conta, rebelde ao cálculo, flutuante, frequentando os recantos sombrios que lhe oferece uma sociedade que infelizmente não é panóptica em toda sua superfície. É preciso recolher os vagabundos, fazer desaparecer essas faltas vivas de lógica¹²⁷.

¹²⁶ Idem.

¹²⁷ TADEU, Tomaz (Org.). *O Panóptico/Jeremy Betham*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008, p. 107.

Esse entendimento sobre o panóptico remete a como o Estado utiliza o poder de vigilância e controle para fazer desaparecer as pessoas que não se enquadram nos preceitos e exigências morais. O inimigo implantado na mente é capaz de disciplinar e castigar. Ele retroalimenta modelos de eliminação de vidas, calcados no sexismo e no racismo cotidiano. As perseguições constantes faziam com que travestis, no caso específico da matéria, conseguissem antever uma operação policial, identificar a eugenia por parte das instituições, o que permitia o enfrentamento.

Ocorre que, mesmo com as operações policiais violentas no centro da capital, a presença de travestis permanece predominante até os dias atuais. Considerando o recorte racial escamoteado nas páginas do *Correio*, é necessário entender que o racismo estrutural operava junto a esses outros marcadores (gênero e classe), de modo que parecesse não existir nas fontes pesquisadas a racialização social. É nesse silêncio que as pessoas têm suas existências atacadas todos os dias, o que inclui certas ausências nas matérias do jornal.

Os espaços ocupados eram espaços negados. Volto à “Operação Saneamento” para tratá-la como um discurso que afirma que aquele lugar não pertencia a estes grupos. Nesse sentido um questionamento me vem à cabeça: quanto vale uma travesti? Não me refiro aqui ao programa, mas a sua vida. Pensar a sua vida no limite, no não reconhecimento do seu direito à cidade – segurança, moradia, saúde, atenção básica, alimento, proteção do seu corpo, suas histórias, seus trabalhos –, a permanecer viva e não ser apagada, mesmo depois de morta. O Estado que investe na “Operação Saneamento” é o Estado que mata com o aval da sociedade e que condena ao esquecimento ou à impunidade.

No caso específico de gays, eles também ocupam estes lugares, porém, dentro de outro patamar. Muitas vezes, são em narrativas como a de Luizinho, ao se referir as “bichas loucas” que pagam por programas, que a figura do homossexual aparece em determinadas reportagens. Há um detalhe sobre as reportagens trazidas pelo *Correio Braziliense* que merece atenção, que é a forma como se posicionam gays em diversas matérias jornalísticas, quase sempre na condição do outro, o que retira seu protagonismo enquanto sujeito.

Por fim, vale ressaltar aqui que essa figura caracterizada como o “bicha louca”, traz muito dessa ideia do homossexual passivo, algo forte durante os anos 1970. Ao mesmo tempo, a figura do Luizinho, pelo menos em minha percepção, se apresenta com bastante fluidez em relação às questões de sexualidade, de alguma forma seria a figura do entendido, como apresentado por Fry em seus estudos.

2.3 A noite no Setor Comercial Sul (SCS): *trottoir* e enfrentamento no centro da capital

O Setor Comercial Sul (SCS), como apresentado no capítulo anterior, é fundamental na construção do gueto homossexual e travesti em Brasília. As trajetórias que se estabelecem nessa parte da cidade desde o início, ajudam na compreensão do que Certeau denomina “práticas do espaço”, um dos alicerces deste trabalho. As transformações do centro ao anoitecer, a sua ocupação espacial, as relações conturbadas com o poder público e as conexões estabelecidas na capital apontam para a capacidade que essa região tem em abrigar movimentos plurais.

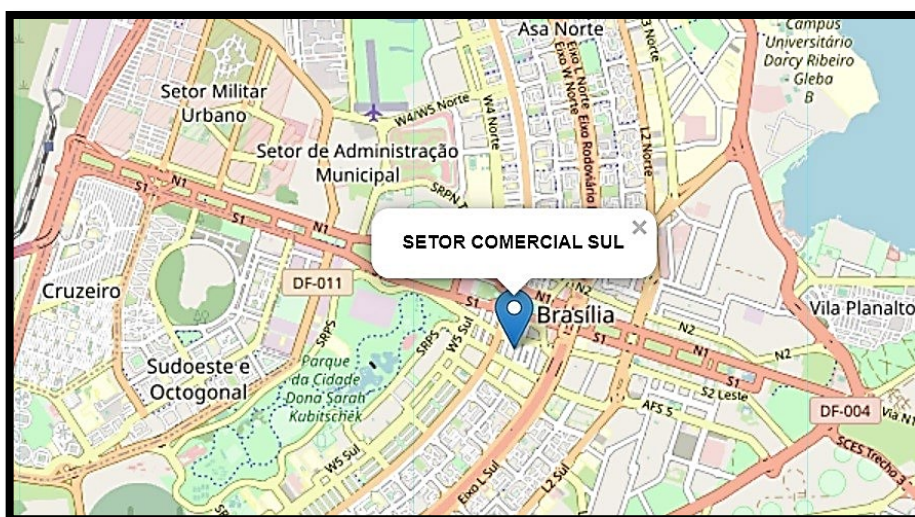


Figura 11 – Ortofotomapa do Setor Comercial Sul (SCS)¹²⁸
Fonte: Companhia de Planejamento do Distrito Federal (CODEPLAN)

Essas características fazem parte de um alargamento decorrente da guetização. Os movimentos dos corpos entre o Setor Comercial Sul (SCS), Setor Hoteleiro Sul (SHS) e W3 Sul conectavam de tal forma estes lugares que parecia não haver fronteiras que os limitassem. Assim ocorre com cada um dos espaços selecionados na construção da pesquisa corrente, algo que não deve ser compreendido como um atentado à cidade, mas como contribuição por parte das pessoas que, além de ocupar, se sociabilizam nesses espaços.

Nesse sentido, é interessante pensar em dois aspectos: como o Setor Comercial Sul (SCS) se organizou e como ele contribuiu para a ocupação dos locais de sociabilização de homossexuais e travestis. Trago para discussão os trabalhos de Pedro de Lemos Macdowell¹²⁹,

¹²⁸ O Mapa do Setor Comercial Sul (SCS) foi extraído do Site Brasília. Disponível em: <http://doc.brasilia.jor.br/Centro/Setor-Comercial-Sul-b-via-S2.shtml>. Acesso em: 14/06/2022.

¹²⁹ MACDOWELL, Pedro de Lemos. O espaço degenerado : ensaio sobre o lugar travesti na cidade modernista. Orientadora: Rita Laura Segato. 2011. 99 f. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Antropologia, Universidade

O espaço degenerado: ensaio sobre o lugar travesti na cidade modernista, e de Rogério Rezende e Luciana Saboia¹³⁰, *Brasília e o espaço público: projeto e cotidiano no Setor de Diversões Sul (SDS), o CONIC*.

Sobre a ocupação do centro do Plano Piloto por travestis, Pedro Lemos Macdowell faz o seguinte apontamento:

As travestis que se prostituem no Setor Comercial Sul (SCS) se concentram especialmente ao longo da Via S2, acompanhando a extensão da pista até o retorno que dá acesso ao piso inferior do edifício conhecido como CONIC, no Setor de Diversões Sul (SDS), e nas vias internas que formam o que elas chamam de “Quadrado”. O Quadrado é formado pelas vias que circundam Quadra 4, com as áreas de estacionamento localizadas entre esta e as vias S2 e S3, além do estacionamento localizado entre esta última via e a Quadra 5. Trata-se, portanto, de área nas imediações do Posto Policial Militar responsável pelo patrulhamento de toda a região¹³¹.

O trabalho de Macdowell ao se referir ao local em que travestis se prostituíam no Setor Comercial Sul (SCS) apontou de forma minuciosa como elas se organizavam nesse território. Ele traz elementos importantes que possibilitam dimensionar o movimento e ocupação espacial em toda sua extensão, tanto na parte central quanto na parte periférica dessa região. Nessa descrição há um elemento que chama a atenção, que é um posto da Polícia Militar do Distrito Federal. O que aproxima os policiais, para além das atividades de segurança, às vivências das travestis no local.

Com relação ao segundo trabalho, além de apontar como se deu a ocupação do Setor de Diversões Sul (SDS) por essas categorias, levando em consideração os baixos custos e a disponibilidade do espaço, mostra como outras partes da cidade se conectam ao Setor Comercial Sul (SCS). A estratégia utilizada por Rogério Rezende e Luciana Saboia, ao apresentarem o centro da capital conectado, reitera a necessidade de se pensar o espaço praticado enquanto teoria analítica sobre a cidade.

Isso colabora com compreensão da dinâmica espacial do Plano Piloto como urbe em contínuo movimento. Assim como no trabalho anterior, essa questão está presente em outros momentos da pesquisa, mas a abordagem sobre o Setor Comercial Sul (SCS) merece destaque, porque funciona como se fosse um órgão vital para a existência do gueto homossexual e travesti.

de Brasília (UnB), Brasília, 2011, p. 52. Disponível em <https://repositorio.unb.br/handle/10482/9499>. Acesso em: 02/02/2022.

¹³⁰ REZENDE, Rogério; SABOIA, Luciana. In: *Brasília e o espaço público: projeto e cotidiano no Setor de Diversões Sul (SDS), o CONIC*. In: VI Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Brasília, Universidade de Brasília - UnB, 2020, p. 9.

¹³¹ MACDOWELL, Pedro de Lemos. *O espaço degenerado : ensaio sobre o lugar travesti na cidade modernista*. Orientadora: Rita Laura Segato. 2011. 99 f. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília (UnB), Brasília, 2011, p. 52. Disponível em <https://repositorio.unb.br/handle/10482/9499>. Acesso em: 02/02/2022.

Nesse sentido, o percurso dessa homotranscartografia tem sua construção a partir do olhar dirigido aos seus andantes em profunda relação com os espaços públicos. Na medida que desenhava o roteiro dessa tese e o seu recorte espacial, percebi como alguns pontos da cidade serviam de artéria dentro do processo de ocupação. A via W3 Sul era um desses lugares que se equiparavam em importância à Rodoviária do Plano Piloto, porque servia de acesso aos espaços determinados por este trabalho. Se considerarmos essas vias como fronteiras rígidas, corremos o risco de retirar delas o caráter de trânsito e entrada. Mais que uma questão metodológica, é fundamental pensar nos seguintes binômios: movimentos e ocupações, lugares e territórios.

Ao tornar o *Correio Braziliense* como principal fonte escrita para traçar essa presença e ocupação do centro do Distrito Federal, alguns questionamentos me trouxeram inquietações e exigiram cuidado durante a análise. Com relação a essa questão, discorrerei sobre dois deles para pensar de forma metodológica a construção da pesquisa e a análise das fontes.

Há questões que são muito difíceis de serem encaradas de forma diferente, sobretudo, quando marginalizam e hostilizam gays e travestis. Mas em alguns momentos eu já consigo ponderar, por entender que o problema não diz respeito apenas ao jornal, mas ao tipo de leitura que faço, muitas vezes com o olhar do presente, e isso exige cuidado na análise. A segunda questão era refletir sobre os grupos que se apresentavam como aliados do jornal. Infelizmente esses elementos nos levam a concluir que os grupos que bancam despesas do jornal, através de propagandas, anúncios, editoriais e espaços significativos em reportagens, davam a última palavra.

Ao publicar matérias que apresentavam o centro da cidade como atrativo por meio de negócios lucrativos e empreendimentos imobiliários, o *Correio Braziliense* se mostrou aliado dessas grandes corporações. Para isso o jornal se associou a ideia de limpeza territorial que atacava de forma frontal as categorias que embasam esta pesquisa. Por mais que eu tente manter certo afastamento ao não analisá-lo como transfóbico, racista e elitista, os estigmas reforçados por ele não me dão outra opção que não seja mostrar esse posicionamento. Portanto, não se trata de uma análise, mas de uma constatação sobre o perfil do jornal.

Andar pelas ruas do centro do Plano Piloto é algo interessante, principalmente por causa da proximidade entre uma região e outra. Quando afirmo a que a Rodoviária contribuiu com a capilarização da região, é exatamente por essa razão. Isso faz com que os espaços se influenciem mutuamente. Como impedir que uma pessoa caminhe de um lugar para o outro? Como cessar as transformações que esses espaços vivenciam a partir da presença desses caminhantes?

As experiências dessas vidas nos lugares escolhidos para as suas sociabilidades diziam muito sobre o potencial que estes grupos tinham em transformar a cidade. Vale ressaltar que na

maioria das vezes viver plenamente suas histórias consistia em enfrentar a voracidade do mercado, que a todo tempo fazia manobras para retirá-las desses espaços. Como veiculado no *Correio*, em uma publicação em outubro de 1989 intitulada “Está acabando a estigmatização do pedaço”, a proximidade existente da rodoviária com o Setor Hoteleiro Sul (SHS) explicava o estigma desse setor da capital considerado por muitos como um lugar nobre”¹³².

A defesa de que alguns lugares interferiam na valorização dos hotéis da capital, quanto mais longe da rodoviária melhor, reforçava a marca de que aquelas pessoas frequentadoras noturnas eram as responsáveis por aquilo que acreditavam ser um caos para o lugar. É como se os grandes empreendimentos pudessem salvar a história do setor, tornando-os verdadeiramente saudáveis à população de bem. Sobre isso o jornal registrou que com o estabelecimento de mais um hotel de cinco estrelas, reverteriam a impressão de que aquele lugar era ruim. É como se pudessem retornar as experiências gloriosas abaladas durante os anos 1970-1980¹³³.

Com isso, o *Correio Braziliense* reforçou a representação negativa do espaço e das pessoas que nele habitavam, bem como seu compromisso com certos padrões sociais. Nesse caso específico, o recorte de classe interferiu diretamente nos posicionamentos do jornal sobre o centro da capital e sobre as categorias que o ocuparam, principalmente, no período da noite. Vale ressaltar que o recorte de classe não vinham isolados de outros marcadores como por exemplo, raça, gênero e sexualidade.

2.4 Parque da Cidade Sarah Kubitschek: da Floresta dos Sussurros ao Castelo de Grayskull

Outro local que faz parte dos espaços de sociabilidade homossexual no centro do Distrito Federal é o Parque da Cidade Sarah Kubitschek. Inaugurado em outubro de 1978, ele se destaca por sua imensa área verde, parques de diversões, pistas para atividades físicas e amplos estacionamentos. Essas características atraem grande quantidade de moradores do Distrito Federal e de visitantes da capital.

Aqui, me chama a atenção ao processo de construção da pesquisa quando nos deparamos com certas referências sobre Brasília, com destaque para aquelas que são construídas de forma a trazer um certo ar familiar à capital, ou até mesmo, de forma romantizada. Na medida em que aprofundamos nos processos de ocupação, outro perfil de cidade se torna visível, na maioria

¹³² *Correio Braziliense*, n. 9671, 15 de outubro de 1989, p. 71.

¹³³ *Idem*.

das vezes bem diferente do que apresenta a página governamental. Por essa razão reforço a importância da cidade vivida sobre a cidade idealizada, algo pertinente ao Parque da Cidade. Essas informações que valorizam o parque e dão certo ar familiar a ele são verdadeiras, mas não dizem tudo.



Figura 12 – Parque da Cidade nos Anos 1980
Agência Brasília, 13 de maio de 2021¹³⁴.

A matéria veiculada pelo *Correio Braziliense* em março de 2000¹³⁵, intitulada “Homens se arriscam em busca de sexo fácil na ‘Floresta dos Sussurros’”, indica que as práticas de pegação a céu aberto por gays e que ressignificaram o espaço desde o final dos anos 1970 persistiram. Elas ocorriam na extensa área verde próxima aos três estacionamentos. As pessoas estacionavam seus carros a qualquer hora do dia. Algumas chegavam acompanhadas e mantinham suas relações sexuais dentro dos veículos. Outras, sozinhas ou em grupo, iam direto para a floresta que assim batizada em referência ao lugar de árvores mágicas que protegem os rebeldes de Etheria contra os agentes da ditadura da Horda, no desenho animado *She-Ra, a princesa do poder*.

¹³⁴ As Imagens do Parque da Cidade extraídas da Agência Brasília. Elas fazem parte de uma parceria inédita entre a Secretaria de Esporte e o Arquivo Público do DF no resgate de documentos históricos da criação do espaço público de recreação. Disponíveis em: <https://www.agenciabrasilia.df.gov.br/2021/05/13/o-parque-da-cidade-de-40-anos-atras-em-um-rico-acervo/>. Acessada em: 13/06/2022.

¹³⁵ A matéria veiculada pelo *Correio Braziliense* intitulada “Homens se arriscam em busca de sexo fácil na ‘Floresta dos Sussurros’” traz um panorama sobre a pegação nos estacionamentos e na área verde Parque da Cidade, importante espaço de lazer do Distrito Federal, inaugurado em 1978. Disponível em: https://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/cidades/2018/01/27/interna_cidadesdf.656064/floresta-dos-sussurros-no-parque-da-cidade-e-motel-a-ceu-aberto.shtml. Acesso em: 05/04/2022.

Durante a noite o movimento era mais intenso, ainda que houvesse algum risco de roubo ou qualquer outro tipo de violência, a escuridão encorajava os usuários do lugar a se lançarem naquelas aventuras. Segundo a reportagem, “a atividade mais comumente observada é mesmo andarem aparentemente “ao acaso” entre as árvores, abordarem outro homem, fazerem sexo e irem embora”¹³⁶.

Andar pelo parque no fim de uma balada sempre foi uma opção interessante, era como se os roteiros convergissem. Os vários acessos ao parque sempre facilitaram a sua ocupação e, por essa razão, o local se tornou um excelente atrativo por atender múltiplos interesses, especialmente aqueles ligados aos desejos da comunidade LGBTQIA+. O fato de o parque oferecer a possibilidade de sociabilidade a céu aberto fez com que se tornasse o queridinho da moçada, que vinha de todas as direções, geralmente no fim das noitadas. Para aquelas pessoas que saíam em busca de aventuras furtivas, sexo ao ar livre (ou dentro dos carros), um encontro mais romântico, ficar na tranquilidade com a turma, e até mesmo, caminhar de forma solitária, o Parque tinha lugar para todo mundo.

A primeira vez que acessei o espaço durante à noite foi no início dos anos 1990. Fui com um amigo que disse que me levaria a um lugar que eu nunca mais esqueceria: a “Floresta dos Sussurros”. E aqui estou, mais de 30 anos depois, rememorando aquele momento, tentando encontrar outros registros de memória a seu respeito. Eu me lembro que antes de andar entre as árvores, praticamente recebi um tutorial de como deveria agir. Não era uma regra específica ou norma do lugar, mas o que eu deveria fazer quando estivesse dentro do bosque: “Deixe seus olhos se acostumarem com o breu. Daí você poderá ver o que acontece na floresta. Cuidado!” – disse o meu amigo.

Logo que a escuridão deixou de ser um problema aos olhos, comecei a enxergar a movimentação no lugar. Era gente caminhando de uma árvore a outra, sexo para todos os lados, alguns sussurros que pareciam se espalhar lentamente pelo lugar. Tudo se ouvia na floresta, até mesmo os nossos passos em meio à folhas e capins. Quando voltei ao estacionamento, não sabia nem o que falar, apenas observava a gargalhada do meu amigo que dizia: “Falei para você que a floresta era um mundo à parte!”

Quem viveu a infância na década de 1980 capta facilmente que o nome dado à floresta é uma referência ao desenho animado *She-Ra, a Princesa do Poder*. A maneira como a

¹³⁶ PONTES, Diego. *Percursos sobre o corpo e a cidade*. Cadernos NAUI Vol. 4, n. 6, jan-jun 2015, p. 66. Disponível em: <https://nauipaginas.ufsc.br/files/2016/03/Percursos-sobre-o-corpo-e-a-cidade.pdf>. Acesso em: 05/04/2022.

comunidade LGBTQIA+ passa a denominar o lugar, além de criativa, demarca suas experiências e territorialidades. Assim nem o castelinho do Parque da Cidade ficou de fora das novas referências, batizado como Castelo de *Grayskull*, inspirado no desenho animado *He-Man* e os Defensores do Universo. Para muitas pessoas ele era um local ideal para um sexo rápido e outras práticas, como uso de alguma droga, o que tornava um lugar arriscado.

Esse tipo de mudança na forma de se referir é bem comum nas dinâmicas de apropriação territorial. Como observado por James Green para o Rio de Janeiro, “Bolsa de Valores” é a praia gay localizada em frente ao Hotel Copacabana. Essa apropriação aconteceu em meados dos anos 1950¹³⁷. No centro de Fortaleza, Ceará, o “Palácio dos Frangos” é uma referência ao Edifício Jalcy, localizado na Avenida Duque de Caxias. Essa observação é feita por Elias Ferreira Veras em sua abordagem sobre o romance de Manoel Amorim, autor de *Ilca* (1971) e *Nós, eles, Nós* (1972)¹³⁸.

É interessante observar como que essas camadas de sentidos atribuídas pela comunidade LGBTQIA+ a espaços do Parque da Cidade parecem improváveis quando observamos as maneiras como esse equipamento público de lazer foi projetado e apresentado para a sociedade. A exemplo do que registra o jornalista Roberto Azevedo, na matéria “Poucos conhecem o parque da cidade”, de 16 de junho de 1983, os aspectos técnicos e as expectativas de uma ocupação impessoal que são priorizados para enquadrar aquele território:

O parque da cidade foi construído para preservar o local e a vegetação, transformando a área num dos “pulmões de Brasília”. Nos seus 4 milhões e 200 mil metros, existem cerca de 36 mil árvores ornamentais, 7 mil frutíferas e 1200 palmeiras, totalizando 44.200 árvores plantadas. Outro objetivo do parque: ele funciona diariamente como principal área de recreação de toda a população metropolitana. [...]

No centro do parque, a praça das fontes se destina a grandes concentrações públicas. Sua forma é circular, com cerca de 36.000 metros quadrados, e em toda a sua extensão é circundado por canteiros escalonados que formam uma moldura para as quedas d’água, repuxos luminosos e cinco espelhos d’água¹³⁹.

Ocorre que essas informações sobre a estrutura física do parque já permitem desconfiar que, como aconteciam em vários outros parques do Brasil e do mundo, favoreciam múltiplas possibilidades de apropriação territorial. Quando a gente volta o olhar para a “Floresta dos Sussurros” é interessante pensar como a comunidade, especialmente gays, viu na imensa área verde do parque a possibilidade de viver suas experiências como se o lugar fosse destinado a

¹³⁷ GREEN, James Naylor. Além do carnaval: A homossexualidade masculina no Brasil do século XX. São Paulo: Editora Unesp, 2019, p. 273.

¹³⁸ VERAS, Elias Ferreira. *Travesti: carne, tinta e papel*. Curitiba: Appris, 2019, p. 44.

¹³⁹ *Correio Braziliense*, n. 7411, 16 de junho de 1983, p. 17.

essas sociabilidades. Essa mesma potencialidade explica os usos e significados atribuídos à “Praça das Fontes”, onde, conforme a matéria do *Correio Braziliense* do ano de 2000, homossexuais inventaram o “Sofá da Hebe”, “um conjunto de banquinhos ao lado da praça das Fontes. É onde os homossexuais ficam batendo papo”¹⁴⁰ Essas novas denominações, além de ressignificar o lugar, acabam se tornando um código, que muitas vezes não é acessado por pessoas que não participam da rede de sociabilidade de travestis e gays.

A forma como a sociedade se relaciona com a sexualidade é permeada de tabus e relação de poder (sexismo, homotransfobia, essencialismo) que sustentam que não haja espaços que recebam as dissidências sexuais e, muito menos, a possibilidade que seus direitos à cidade sejam garantidos. Mas a agência dos sujeitos subverte, ao menos em parte, essas interdições. Ao mesmo tempo, como argumenta Pechman: “a rua é ainda a única possibilidade de a cidade continuar a ser o lugar do convívio, da diferença, da hospitalidade, do acolhimento, e no limite, da vida em sociedade”¹⁴¹.

2.5. Cruzeiro da Alegria

A Região Administrativa do Cruzeiro está diretamente ligada à construção e ao desenvolvimento de Brasília. Fundada oficialmente em 30 de novembro de 1959, reúne passado e presente, principalmente quando pensamos a história da capital do Brasil. Considerado como um lugar que oferece excelente qualidade de vida e com localização privilegiada próxima ao centro do Plano Piloto, algo importante para sua população, tendo em vista a facilidade de deslocamento e acesso a diversos pontos da cidade.

Ela também possui um dos centros comerciais mais tradicionais do Distrito Federal, o Cruzeiro Center. Inaugurado em 1975, é uma das áreas comerciais de grande destaque e atende aos mais diversos segmentos daquela região. Desde o início sobressaiu-se pelo movimento dos seus bares que reunia uma diversidade de pessoas nos fins de tarde e durante os finais de semana.

Outro ponto relevante sobre o Cruzeiro e que tem a ver com o aspecto cultural, é o fato de ser o berço do samba em Brasília, tudo isso graças à Associação Recreativa Cultural Unidos do Cruzeiro (ARUC). Além do samba, a ARUC em toda a sua história sempre se mostrou

¹⁴⁰ CARONE, Carlos. *Videos revelam sexo explícito à luz do dia no Parque da Cidade*. Metrópoles. 2018. <https://www.metropoles.com/distrito-federal/videos-revelam-sexo-explicito-a-luz-do-dia-no-parque-da-cidade>. Acesso em junho de 2023.

¹⁴¹ *Idem*, p. 150.

comprometida com a realização de eventos que envolvessem música, dança entre tantas outras manifestações culturais. Nesse sentido, a ARUC é uma fonte de respeito às tradições culturais e diversões, tornando assim, a região do Cruzeiro, também, como o lugar da pluralidade.

Sua proximidade aos quartéis do Setor Militar Urbano (SMU) influenciou o movimento nesta localidade, principalmente naquilo que dizia respeito aos militares que costumavam frequentar os bares da região. Em seu trabalho, James Holston lembra que “o Cruzeiro Novo e Cruzeiro Velho são principalmente os locais de residência para militares subalternos. Oficiais de escalão médio e superior moram em outro lugar, a maior parte em superquadras vinculadas aos ministérios das Forças Armadas. De alguma forma, isso evidencia um dos motivos da presença de militares de baixa patente em espaços como o Cruzeiro Center, a ARUC e outras localidades no centro da Capital.

Por todas essas questões elencadas, o Cruzeiro tem relevância quando a gente pensa em apropriação e ressignificação do centro da capital do Brasil por gays e travestis. Além da localização, o serviços oferecidos pelos bares da região, contribuiu para que estabelecesse vários tipos de sociabilidade, desde a investidas sexuais de gays até a construção de relações de afeto e amizade entre frequentadores.

Com relação aos eventos proporcionados pela ARUC, sem dúvidas, o samba foi um grande fio condutor para que gays e travestis de várias localidades do Distrito Federal ocupassem esse centro movimentado da cidade, assim como o Cruzeiro Center, que reunia uma população diversa todos os dias. Vale mencionar que muitas dessas aventuras no centro da cidade iniciavam nesses locais e se estendiam até o Parque da Cidade e às localidades que fazem parte do recorte espacial dessa tese.

Sobre a alegria promovida pela ARUC por meio do carnaval, o *Correio Braziliense*, em sua edição do dia 1 de setembro de 1982, cujo título da matéria era “Escola de samba apela ao Governo”, trouxe uma série de reivindicações a respeito de apoio governamental à escola. Havia uma reclamação por parte do diretor da ARUC que, a falta de definição sobre o terreno prejudicava a agremiação e que caso pudessem comprá-lo seria possível realizar diversas melhorias no local, como por exemplo, a cobertura de toda a área. Uma estrutura melhor permitiria à escola obter mais financiamento para o carnaval.

Essa primeira parte da matéria demonstra uma certa força por parte da ARUC no que diz respeito à dinheiro, porém a esta tese, a informação sobre o carnaval tem um peso maior, já que diz respeito às movimentações da agremiação em torno dos preparativos da festa. Sobre isso, o presidente Hélio diz:

Acho que o carnaval desse ano será muito bom porque já conta com um grande incentivo do GDF que foi retornar os desfiles para a W3. Com isso as alas estão tendo uma grande movimentação e pessoas que não desfilaram no ano passado voltaram com força total. Acredito que o carnaval desse ano seja um dos melhores que já fizemos. E para que esse a nossa agremiação se saia bem, estamos ativando nossos ensaios e o Botequim da ARUC, todos os sábados à tarde, com muito samba e muita descontração.¹⁴²

Sua fala mais se parece com um chamamento à grande festa. Ao mencionar a ativação dos ensaios, que de certa forma reúne as pessoas para celebração da escola, e convite ao Botequim da ARUC, aos sábados à tarde, nos aponta para eventos cuja presença de gays e travestis era bem efetiva. Carnaval sem gays e travestis seria bem estranho.

2.6 Setor Militar Urbano: o lado quente das Forças

Muitos soldados depois de um dia exaustivo nos quarteis da cidade, ou naqueles finais de semana de folga se aventuravam nas possibilidades que o centro de Brasília oferecia. Nesse sentido, eles passavam a compor e participar da ocupação da cidade nas primeiras décadas da capital. Os “recos”, como são conhecidos até os dias atuais, quando vistos nos ambientes de sociabilidade de homossexuais e travestis, eram rapidamente identificados como garotos de programa e por essa razão, ocuparam páginas do *Correio* e dos documentos expedidos pelas Forças Armadas, em diversas ocasiões, mesmo na ditadura civil militar (1964-1985).

O imaginário homossexual construiu sobre a figura do militar de baixa patente a imagem de homem verdadeiro, viril, forte e de boa pegada. Fato digno de nota, nos locais especificados pelo recorte espacial do trabalho, a presença desses indivíduos pode ser mapeada. Essa presença era repleta de sentidos na medida em que esses corpos se misturaram aos lugares, de garotos de programa até usuários de entorpecentes, ou até mesmo, traficantes. Quando isso acontecia, o braço forte do Estado, não tinha dó.

Podemos perceber isso nos soldados de baixa patente que frequentavam o Cruzeiro Center, o samba da ARUC, que perambulavam na Rodoviária do Plano Piloto e que se lançava em relações furtivas e baratas nas imediações do terminal ou até mesmo nos banheiros imundos do local. Temos também aqueles que se apresentavam de forma mais profissional e que desfilavam na praça de alimentação do Conjunto Nacional, nos banheiros do shopping e estacionamentos. Mais adiante ao anoitecer, caminhando pela plataforma superior da Rodoviária em direção ao Setor Hoteleiro Sul (SHS), Setor Comercial Sul (SCS) e Parque da

¹⁴² *Correio Braziliense*, Edição 07129 de 01/09/1982, p. 14.

Cidade, havia aqueles que batalhavam na rua. Ao fim e ao cabo, terminavam suas noites nos bares, boates e saunas onde o público homossexual era majoritário, antes de retornarem ao Setor Militar Urbano (SMU) ou para suas casas.

Se por um lado a sensualidade era fundamental na construção da representação da imagem desse militar, por outro, a sua presença atraiu a repressão e os olhares mais odiosos do Estado em todo o Brasil. Operações policiais de toda ordem, humilhação a homossexuais e travestis, violência desmedida em nossos locais de convívio e a reprodução de estigmas que nos marcaram como pessoas sujas, perigosas e dispensáveis.

Essas operações que perseguiram homossexuais e travestis não estavam apenas ligadas aos discursos de limpeza do território, ou até mesmo na busca daqueles “soldadinhos escapulidos”¹⁴³ apresentados na edição do jornal *Lampião da Esquina*, importante veículo de comunicação gay, que circulou entre os anos 1978-1981.

A localização do Setor Militar Urbano¹⁴⁴ contribuiu para que a presença de soldados fosse efetiva no centro do Plano Piloto, com destaque às imediações do Cruzeiro Center, importante comércio local do Cruzeiro. Vale ressaltar que o SMU está localizado nas proximidades do Plano Piloto, o que facilitou o deslocamento de soldados em busca de dinheiro proveniente de programas sexuais, diversão e Substâncias Psicoativas (SPA). Muitas pessoas relacionam a presença militar em ambientes de pegação aos baixos salários pagos pelas Forças Armadas, mas não pode ser resumida à questão financeira, já que agrega outros elementos como: afeto, desejo, performance, cultura, poder, entre tantos outros aspectos.

É preciso levar em consideração que por trás dessas operações não havia apenas questões referentes aos desejos sexuais de gays e travestis, sobretudo, quando o período em questão era a ditadura civil militar. Um evento que traduz essa minha afirmação é a “Operação Primavera”, atribuída ao general Newton Cruz, que negou veemente qualquer participação ou existência da mesma. Essa operação faz parte do enredo do caso Alexandre von Baumgarten. Em setembro de 1985, o *Correio Braziliense*, em matéria assinada por seu correspondente Geraldo Lopes, traz a seguinte informação:

O general Newton Cruz é o primeiro indiciado no inquérito que apura o sequestro e morte do jornalista Alexandre von Baumgarten, com base no reconhecimento feito pelo

¹⁴³ *Lampião da Esquina*, n. 29, 1980, p. 5.

¹⁴⁴ Segundo publicação da Prefeitura Militar de Brasília, o Setor Militar Urbano (SMU) é um bairro da região administrativa de Brasília, onde se encontra a maior parte dos quartéis do Exército Brasileiro na cidade de Brasília. Em destaque, o Quartel-General do Exército (QGEx), o Comando Militar do Planalto (CMP), a 11ª Região Militar, Organizações Militares Operacionais e a Prefeitura Militar de Brasília (PMB). além dos PNR (Próprios Nacionais Residenciais) onde residem integrantes do Exército Brasileiro e seus familiares. Disponível em: <http://www.pmb.eb.mil.br/index.php/component/content/article?id=84>. Acesso em: 09/02/2022.

bailarino Claudio Werner Polila, o “Jiló”. A decisão do delegado Ivan Vasques em indiciar o general Newton Cruz, partiu da comprovação de que Polila não sofreu influência da televisão, já que no período em que Newton Cruz mais apareceu no vídeo, “Jiló” estava fora do país. Acusado da coautoria de um triplo homicídio, Newton de Oliveira Cruz, ex-comandante Militar do Planalto é o primeiro general do país a ser indiciado com base no Código de Processo Penal. Na próxima semana, Ivan Vasques vai reinquirir Newton Cruz, quando os autos do inquérito apontando-o como coautor das mortes de Alexandre Baumgarten, sua mulher Janete Hansen e o do barqueiro Manoel Pires Valente deverão ser enviados¹⁴⁵.

Claudio Werner Polila, o “Jiló”, era um bailarino homossexual que eles consideravam como travesti e a principal testemunha do assassinato do jornalista. Por isso entrou na mira dos assassinos. É nesse contexto que entra a “Operação Primavera”. Durante aquele período o próprio General Newton Cruz tentou se defender por meio de nota à imprensa¹⁴⁶. Ele negou de forma veemente que não havia nenhuma “Operação Primavera”, como noticiara alguns jornais a respeito dele.

Nesta mesma nota assinada por Luiz Eduardo, Comandante do “Comando Militar do Planalto” CMP, usada, também, para defender o General Newton Cruz e a si mesmo dessas acusações referentes à operação, ele diz que teria ordenado, no ano anterior, “diretamente ao tenente Ricardo de Paula Avelino, de quem seria padrinho, o levantamento dos travestis em Brasília”¹⁴⁷. Para isso ele descrevia algumas atividades da Polícia do Exército. Ele esclarece que:

- a) As atividades da Polícia do Exército, referentes ao levantamento de dados sobre o relacionamento de militares, particularmente soldados conscritos, com homossexuais e com o tráfico de tóxicos, são rotineiras e repetem-se anualmente, visando preservar a instituição das consequências nocivas de tal procedimento.
- b) As ações da Polícia do Exército não visam, nestes casos, captura de homossexuais e traficantes, mas, sim, dos militares que com eles se relacionam.
- c) O desencadeamento dessas atividades é normalmente coordenado pelo Batalhão de Polícia do Exército de Brasília (BPEB) e por serem atividades de rotina – não dependem de ordem expressa do Comando Superior para a sua execução.
- d) Não há, no Comando Militar do Planalto, qualquer registro de que tenha sido alterado, pelo gen. Div. R/1 Newton Araújo de Oliveira e Cruz, o referido procedimento rotineiro¹⁴⁸.

A denominada “Operação Primavera” tinha como objetivo tentar prender a principal testemunha contra o General Newton Cruz, o que resultou na perseguição de homossexuais e

¹⁴⁵ *Correio Braziliense*, n. 8204, 17 de setembro de 1985, p. 14.

¹⁴⁶ *Correio Braziliense*, n. 8243, 26 de outubro de 1985, p. 15.

¹⁴⁷ *Idem*.

¹⁴⁸ *Correio Braziliense*, n. 8243, 26 de outubro de 1985, p. 15.

travestis no centro do Distrito Federal. Nesse sentido, ela traz elementos importantes a esta pesquisa quando pensamos em territórios ocupados.

Essa operação aconteceu em espaços apropriados e ressignificados por homossexuais e travestis; marcava de forma consistente a presença de militares nos locais de sociabilidade homossexual e travesti devido a proximidade entre o Setor Militar Urbano (SMU) e os três principais centros comerciais da capital naquele momento (Cruzeiro Center, CONIC e Conjunto Nacional de Brasília); e por fim, se estrutura na narrativa preconceituosa de que essas categorias representavam perigo à sociedade, especialmente às Forças Armadas.

Vale ressaltar que para tentar salvar a pele de um general acusado de assassinato, criou-se uma operação policial para levantar a presença de todas as travestis com nome, endereço e fotografia de cada uma dessas pessoas, submetendo à opressão e violação de seus direitos. A marginalização dessas pessoas e a construção de uma representação negativa delas pareciam autorizar todo o tipo de violência e desmando do Estado. Mesmo representando a parte mais frágil dessa estrutura, há algo que fazia com que essas pessoas resistissem e persistissem na apropriação, o que trazia novos sentidos à cidade por meio de suas experiências. Essas pessoas eram protagonistas dentro desse processo de construção contínua da cidade.

Nesse sentido, ainda que em posição diferente daquelas vividas por homossexuais e travestis, os militares que se aventuravam no centro da capital também contribuíram com as transformações da cidade. Se por um lado a imprensa trouxe a presença dessas pessoas para o campo do comércio, do ilícito ou da desobediência, por outro, é possível que muitos se lançaram a esses locais, levados pelo desejo, sentimentos e outros interesses considerados proibidos.

As abordagens feitas neste capítulo sobre a Rodoviária do Plano Piloto, Setor Hoteleiro Sul (SHS), Setor Comercial Sul (SCS), Parque da Cidade Dona Sarah Kubitschek, Cruzeiro e Setor Militar Urbano (SMU) nos ajudam a traçar linhas importantes para pensarmos na construção de um homotranscartografia do centro do Distrito Federal. O trabalho neste capítulo, em sua maior parte foi feito de forma desmembrada, sem a preocupação de construir uma conexão entre os locais selecionados, embora aconteça eventualmente. Nesse sentido, me ative apenas aos diálogos com as fontes documentais, o que envolve minha experiência em alguns espaços, para uma construção narrativa que refletisse a presença de gays e travestis nesses territórios, algo que terá sua continuidade no Capítulo 3, que finalizará a primeira parte da tese.

CAPÍTULO 3 – CIDADE DIVERSÃO: DO CONJUNTO NACIONAL AO CONIC, UM CURTO CAMINHO ATÉ O “BURACO QUENTE”

O elemento diversão no coração do Plano Piloto, especialmente no contexto das interações sociais, tem grande importância para a formação da identidade de homossexuais e travestis. Assim, esse capítulo tratará de setores fundamentais a essas vivências: Setor de Diversões Norte (SDN) ou Conjunto Nacional de Brasília (CNB), e o Setor de Diversões Sul (SDS), popularmente conhecido como CONIC. Mesmo se tratando de lugares tão próximos e pertencentes ao mesmo período, eles apresentavam muitas diferenças, seja em relação ao público frequentador, seja na apropriação desses espaços por gays e travestis durante as décadas de 1970 a 1990.

Para além de uma descrição ou até mesmo uma comparação entre o CONIC e o Conjunto Nacional de Brasília (CNB), vale ressaltar a importância desses locais enquanto espaços de encontro e diversões da capital do Brasil, suas localizações privilegiadas e arquitetura. Olhar esses espaços a partir das apropriações, perceber seus impactos na construção de identidades, nos ajuda a decifrar detalhes muitas vezes despercebidos sobre a cidade.

3.1 Fome, desfile e banheirão: o roteiro da pegação no Conjunto Nacional de Brasília



Figura 13 – Ortofotografia do Conjunto Nacional de Brasília¹⁴⁹.
Fonte: Companhia de Planejamento do Distrito Federal – CODEPLAN

¹⁴⁹ Disponível em: <http://geoservico.homologacao.codeplan.df.gov.br/>. Acesso em: 24/08/2023.

Entre os locais trabalhados por esta tese, o Conjunto Nacional de Brasília (CNB) é o mais próximo da Rodoviária do Plano Piloto. Essa proximidade fez com que se tornasse um dos lugares mais populares da capital, garantindo acesso facilitado à comunidade local. O antropólogo James Holston em referência ao acesso à essa região, afirma que:

O destino dos três setores no centro deste espaço valorizado instrumentalmente – os setores de Diversões Norte e Sul e o terminal de ônibus – mostra porque o planejamento modernista proscree a existência de um espaço como a praça pública, com suas várias utilizações e várias classes sociais. Com os setores de Diversões, a intenção de Lúcio Costa era sem dúvida oferecer um lugar para as atividades heterogêneas, associadas com a vida nas ruas e nas praças¹⁵⁰.

Ele faz uma clara referência a essa tríade composta pelos Setores de Diversões Norte (SDN) e Sul (Conjunto Nacional e CONIC) e a Rodoviária do Plano Piloto, como apresentado na ortofotoimagem, o que corrobora com a ideia de proximidade, acesso e diversidade, algo presente no projeto escrito por Lúcio Costa. São informações importantes, porque para a maioria das pessoas do Distrito Federal, o Conjunto Nacional parece estar ligado apenas a uma questão empresarial e não para aquilo que foi pensado para Brasília ou dentro de um projeto maior de cidade.

O Conjunto Nacional, além de sua relevância do ponto de vista econômico, representa um valor cultural para sociedade, algo que também passa despercebido pelo cidadão comum, que na maioria das vezes o reconhece apenas como espaço de diversão e consumo. Sobre esse histórico, o shopping traz as seguintes informações:

O projeto do Plano Piloto, desenvolvido pelo arquiteto e urbanista Lúcio Costa, previa, no coração da capital do Brasil, além de uma ampla rodoviária, a implantação dos setores de Diversões Norte (SDN) e Sul (SDS), com seus letreiros luminosos. Idealizada pelo artista plástico Athos Bulcão, a fachada do Conjunto Nacional também é um dos marcos da construção de Brasília. À noite, suas luzes podem ser vistas a quilômetros de distância. Esse belo cartão postal faz parte do projeto do Plano Piloto de Brasília, tombado pela UNESCO como Patrimônio Histórico e Cultural da Humanidade. Primeiro Shopping de Brasília e o segundo shopping do Brasil, o Conjunto Nacional foi construído em três etapas, prontas respectivamente em: 1971, 1974 e 1977. É considerado um marco e símbolo cultural da cidade¹⁵¹.

Durante muito tempo o Conjunto foi o queridinho da sociedade brasiliense porque não havia espaços que se equiparassem em termos de diversões e acesso, por isso o grande fluxo de frequentadores que traziam novas possibilidades de vivências ao local quando acessavam seus

¹⁵⁰ HOLSTON, James. *Cidade Modernista: uma crítica de Brasília e sua utopia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 167.

¹⁵¹ O trecho extraído da página do Conjunto Nacional de Brasília, foi escrito em razão do seu aniversário de 49 anos. Disponível em <https://www.conjuntotonacional.com.br/shopping-conjunto-nacional>. Acesso em: julho de 2021.

múltiplos espaços. Outra imagem bastante explorada desse setor de diversões era o perfil familiar, que, de certa forma, alimentava uma narrativa mais amena e afetuosa que funcionava como um chamado às compras, algo bem presente nas suas propagandas na TV local.

Essa percepção de lugar harmônico que partia do senso comum quando se referia ao centro comercial, escondia vários tensionamentos e contradições, entre elas destaco: por trás da imagem familiar havia uma legião de pessoas que acessavam o lugar para uma boa pegação ou até mesmo para a prostituição; a sua proximidade à Rodoviária, algo colocado como uma das vantagens de acesso ao shopping, não significou acesso para muitas pessoas, ou seja, havia os indesejados do Setor de Diversões Norte (SDN), que tinham no máximo acesso à sua fachada, algo de caráter discriminatório e eugenista.

Essa é uma tensão típica entre o projeto de cidade e o seu cotidiano. Trago novamente esse ponto para pensarmos como a apropriação e os novos entendimentos se deram sobre esses espaços, especialmente quando a gente observa a presença e atuação da comunidade LGBTQIA+. Vale ressaltar que a pegação no Conjunto Nacional não se limitava ao seu interior, estendendo-se pelo estacionamento, como aponta documentos referentes à Operação Primavera¹⁵², em setembro de 1983, sobre um flagrante de um soldado do Exército brasileiro em companhia de um homossexual cujo nome era João. Ele aparecia fardado em foto da investigação, debruçado sobre a janela do carro (um Fiat 147), próximo ao motorista, em uma posição corporal comum nas abordagens sobre a prostituição.

Embora estejamos pensando na forma como o Conjunto Nacional se adequou às sociabilidades de gays, havia algo nesse documento que ultrapassava esse limite, que era a aproximação de dois mundos aparentemente controversos, porém bem mais próximos do que se imaginava: homossexuais e militares. Refiro-me à aparente distância entre estes grupos em razão da imagem conservadora que pairava sobre militares. A questão espacial desenhada nesse evento nos mostra como os espaços se conectavam, especificamente nesse contexto, Setor Militar Urbano, Esplanada dos Ministérios (com destaque aos ministérios militares) e Conjunto Nacional de Brasília, por meio das pessoas e suas territorialidades.

O Conjunto Nacional trazia a marca da sociabilidade homossexual, mais precisamente da pegação em banheiros, praça da alimentação e estacionamentos. É claro que estes grupos ocupavam diversos espaços importantes do *shopping*, mas a abordagem que interessa a esta pesquisa diz respeito àquelas que são específicas às territorialidades de gays e travestis.

¹⁵² Arquivo Nacional – Ministério da Justiça e Cidadania - FUNDO: Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos, BR DFANBSB AT0.0.0.38 - título - Dossiê.

Essas relações estabelecidas por meio da pegação na área interna e externa do *shopping* ainda são rotineiras e compõem os discursos sobre o Setor de Diversões Norte (SDN), como na máxima que diz que “o banheiro do Conjunto é pegação garantida”. Muitas vezes, homens se ofereciam em um verdadeiro desfile na praça de alimentação e terminavam nos mictórios, ainda que o lugar fosse repleto de áreas interessantes à paquera, a exemplo do último pavimento do prédio.

Durante a minha adolescência, por volta da segunda metade dos anos 1980, eu era um frequentador assíduo do Conjunto Nacional de Brasília. O acesso era interessante para quem morava em minha região, havia cinemas, uma praça de alimentação interessante e bom comércio, por isso era muito frequentado. Mas depois que passei a frequentar lugares “entendidos”, expressão comum à época, que percebi as práticas de “banheirão” e a grande presença de garotos de programas na praça de alimentação e estacionamentos.

Esses homens que se ofereciam nos espaços do *shopping* eram uma espécie de machos *prêt-à-porter*, ou seja, prontos para usar. Aqui a gente pode pensar em dois tipos de vínculo: o primeiro seria uma aventura furtiva entre homens sem fins comerciais; o segundo seria prostituição em local público. Uma curiosidade sobre essas figuras diz respeito a construção de suas imagens, que se aproximavam do perfil típico de jovens militares, másculos e viris.

Dentro dessa perspectiva, é possível afirmar que esses estereótipos são culturalmente construídos no Brasil, como nos aponta o historiador estadunidense James Green ao problematizar a construção da imagem do “homem verdadeiro” nas vivências homossexuais:

Até muito recentemente, quando um incipiente movimento político de gays e lésbicas começou a desafiar os estereótipos reinantes, a média dos brasileiros confundia homossexualidade masculina com efeminação. Segundo antropólogos, a preponderância dessa ideia é resultado do sistema de gênero brasileiro, hierarquicamente estruturado, que divide os homens que se envolvem em atividades homoeróticas em duas categorias – o homem (o homem “verdadeiro” e o bicha). Essa oposição binária espelha as categorias de gênero predominantes e definidas heterossexualmente, o homem e a mulher, nas quais o homem é considerado o participante “ativo” numa relação sexual, e a mulher, por ser penetrada, o elemento “passivo”¹⁵³.

A partir das considerações trazidas por Green, é possível afirmar que os michês na maioria das vezes fazem a performance desse “homem verdadeiro” e se recusam em ser denominados homossexuais. Colaborando com essa ideia do homem de verdade, Néstor

¹⁵³ GREEN, James Naylor. Além do carnaval: A homossexualidade masculina no Brasil do século XX. São Paulo: Editora Unesp, 2019, p. 37-38.

Perlongher discorre sobre a construção imagética dos michês antes de se lançarem às paqueras, sobretudo, para facilitar na sua identificação:

Os michês mais experientes recomendam o uso do tênis e não de sapatos ou mocassins, *jeans* preferentemente desbotados (incluindo às vezes a colocação de uma calça por cima de outra, para apresentar “pernas de jogador de futebol”), chegando até à colocação de apósitos sob a braguilha para ressaltar a protuberância genital, verdadeiro fetiche do negócio¹⁵⁴.

Verifica-se aí, que temos um lugar ressignificado, mas que nem todos que frequentam conseguem ler seus signos. É importante ponderar que, quando se trata de gays mais efeminados, essa presença se torna explícita, especialmente por conta do estigma construído sobre essa categoria, e sem dúvida esse é um dos motivos dos marcadores sociais atribuídos a estes grupos se estenderem aos locais que eles frequentam.

Um michê pode passar despercebido, um gay afeminado não. Essa questão é um indicativo que fragiliza homossexuais e os tornam mais vulneráveis às violências, pois é como se trouxessem a marca da “viadagem”. O fato de fragilizar homossexuais não significa que o estereótipo deve ser entendido como errado ou impróprio, o que nos leva a compreender que isso diz muito mais sobre a estrutura do que sobre as categorias de homossexuais e travestis. Embora essa concepção resista até os dias atuais, vale lembrar que existe uma discussão parelha à essa nos capítulos anteriores – muito restrita aos homossexuais –, quando trazemos a categoria “entendido” na desestabilização desse jogo de marcadores.

Sobre essas percepções de quem ocupa esses espaços, isso nos mostra que existe um sistema de comunicação entre as partes e que muitas vezes passa despercebido por quem não tem envolvimento nessa trama. Se utilizarmos a praça de alimentação do Conjunto Nacional como base – mas poderia ser qualquer outra —, notaremos que as paqueras ocorrem em meio às famílias e outros grupos que estão ali para se alimentar e, portanto, muitas vezes não percebem a dinâmica dessa sociabilidade. Outro fator relevante sobre esse espaço é que essas paqueras acontecem durante todo o dia, mas que no final da tarde e início da noite se tornam mais intensas.

O que se observa nesses lugares de sociabilidade é quase um funcionamento em rede, só que cada um com suas especificidades: o Conjunto Nacional com sua pegação intensa entre garotos de programas e gays na praça da alimentação, enquanto os banheiros pegam fogo em seus mictórios. Já o CONIC, a pluralidade é bem maior porque agrega vários tipos de ambientes

¹⁵⁴ PERLONGHER, Néstor. *O Negócio do Michê: a prostituição viril em São Paulo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987, p. 163.

e pessoas, com sua arquitetura interna que mais se parece com um labirinto feito para se perder, ou melhor, se achar em meios aos inferninhos.

Agora, se o interesse for um *trottoir*, basta uma caminhada ao anoitecer ou um passeio de automóvel nas calçadas do Setor Comercial Sul (SCS) ou Setor Hoteleiro Sul (SHS). As relações comerciais e até mesmo as aventuras furtivas sem fins lucrativos atravessam a prática do desejo nesses territórios, o que demanda certa organização e comunicação. Caso não aconteça o cumprimento das regras do lugar a tensão se instala, lembrando que são territórios em disputa.

Mesmo sendo uma atividade conhecida no Distrito Federal, a prostituição e a sociabilidade homossexual no Conjunto Nacional ocupam pouco espaço na imprensa, salvo quando relata alguma operação policial no local. A razão disso está nas questões comerciais que podem ser afetadas pela exploração na mídia e pelo fato de o *shopping* ter uma característica menos popular que a Rodoviária e suas imediações. Nesse sentido, é preciso levar em consideração a importância das memórias das travestis e gays para falar desse espaço como território da cidade TransViada nas décadas de 1970 a 1990.

Vale ressaltar que a presença do Conjunto Nacional de Brasília permanece viva nos sites de pegação, inclusive nos relatos de frequentadores dos banheiros. Na busca de compreender melhor essa prática pude constatar no aplicativo como se dava a indicação do local: “banheiros do subsolo próximo ao piano e as lojas de colchões”. Em um rápido diálogo, um usuário de codinome Thiago 225, ao perguntar se o local ainda funciona e em qual horário, obteve a seguinte resposta do usuário denominado Agente Coelho: “Todo dia tem sim... O lance está bem discreto. Muitos seguranças na área. Mas só rola exibição mesmo”¹⁵⁵.

É muito importante afirmar aqui que as práticas do “banheirão” não são iguais. O que nos leva a entender que as relações praticadas nos banheiros do Conjunto Nacional e nos mictórios da Rodoviária são marcadamente diferentes, tanto no público quanto na estrutura. Se levarmos em consideração que os banheiros da rodoviária muitas vezes servem até de dormitório para as pessoas que se encontram abandonadas nesses espaços, o que não inviabiliza a caçada.

É exatamente esse termo – “caçada” – que dá nome ao site e aplicativo *Cruising*, que é uma expressão que pode ser entendida como pegação ou caçada, que denomina sexo grátis,

¹⁵⁵ O seguinte diálogo foi extraído de uma página de pegação cujo nome é *Gays-Cruising*. Embora os diálogos sejam informais, trazem em a dinâmica que envolve essas regiões de paquera no DF. Disponível em: https://www.gays-cruising.com/pt/cruising/banheiros_conjunto_nacional_brasilia_brasil_18320. Acessada em 19/07/2021.

consensual e anônimo em locais públicos, algo bem comum nesses espaços da capital. Quando a gente pensa nas dinâmicas estabelecidas no Conjunto Nacional é preciso levar em consideração que se trata de um lugar majoritariamente ocupado por gays e michês, já que a presença de travestis comumente não orbita nesses espaços, a não ser que seja para o consumo na praça de alimentação ou em lojas. Nas sociabilidades em lugares como estes, ficariam muito fragilizadas, a começar pelo simples uso dos banheiros para suprirem suas necessidades fisiológicas.

3.2 Setor de Diversões Sul (SDS) – SDS: onde tudo começa!

A calçada que liga o Conjunto Nacional (Setor de Diversões Norte (SDN), o CONIC (Setor de Diversões Sul (SDS) e a Rodoviária do Plano Piloto possui 760 metros. Sua localização privilegiada conta com uma das visões mais bonitas da cidade, a Torre de TV, monumento que representa a pluralidade cultural da capital do país. Caminhar por essa calçada é ter a oportunidade, também, de apreciar Brasília. No sentido oposto a ela, temos a Rodoviária, seguida de mais uma grande calçada que liga o Teatro Nacional e ao antigo *Touring Club* do Brasil, edifício com projeto de Oscar Niemeyer, cuja visão é a Praça dos Três Poderes. Em Brasília, o horizonte é uma festa em qualquer época do ano.

Essa conexão entre Rodoviária, o Conjunto Nacional e o CONIC, para além do trânsito cotidiano, traz uma função importante na ocupação da cidade, sobretudo, por homens que se aventuram com outros homens. A predominância dos michês ao cair da tarde todos os dias traz esse movimento ao local há décadas. Por essa razão, tal presença parece incorporada ao lugar, da mesma forma o repúdio a ela por parte do Estado, como mostra a edição de outubro de 1980 do jornal *Lampião da Esquina*:

No sábado 21 de setembro, Brasília teve sua noite cortada ao menos por volta das 24 horas, a Rodoviária e o Setor de Diversões Sul (SDS) (que forma o que se poderia chamar de “coração da cidade”, não fosse Brasília feita apenas de avenidas paralelas que nascem e desembocam no cerrado) foram invadidos e tomados pela polícia que conseguiu, em pouco mais de uma hora, dar uma inesquecível demonstração de força.

De certa forma, isto não chega a ser exatamente extraordinário. É justamente nesta parte da cidade que se reúnem os travestis, os michês, as prostitutas e seus fregueses. Além disto, nos fins de semana, todos, obrigatoriamente, passam por ali, os que apenas vão aos cinemas, os que desfilam por horas sem fim nas passarelas que ligam a asa sul à asa norte, os soldadinhos escapulidos dos quartéis e que buscam guarida por uma noite, os operários da construção civil e a classe média com dinheiro para gastar. Todos eles frequentam as mesmas boites (a *Aquarius*, com uma clientela homossexual e, praticamente ao seu lado, *Bataklan*, que apresenta moças a *go-go*) e os mesmos bares

que, sem exceção, não disfarçam o ar de botequim e que têm, sempre, todas as mesas ocupadas¹⁵⁶.

A presença de militares, denominados pelo *Lampião* como “soldadinhos escapulidos dos quartéis”, traz duas questões que merecem reflexão: a prostituição masculina e as constantes operações policiais no local. Verifica-se aqui que a dinâmica entre prostituição e operações obedeciam à seguinte lógica: a presença dos soldados, segundo à corporação, manchava a reputação das Forças Armadas, por outro lado, as batidas policiais coíbiam e restituíam a ordem. É evidente que existia constrangimento de ambos – policial em serviço e o outro na prostituição – quando se encontravam nesse território.

Esse choque momentâneo do encontro seria pior se travestis e gays reconhecessem algum agente de segurança durante a blitz (por travestis e gays), e isso é era um dos grandes motivos de tensão para soldado que frequentavam o lugar. Eu mesmo já presenciei situações semelhantes na Boate *New Aquarius* nos anos 1990, durante uma operação da Polícia do Exército (PE). Era madrugada de sábado e a boate transbordava de tanta gente quando os frequentadores identificaram o militar em serviço e de forma uníssona começaram a gritar seu nome: “Pedro! Pedro! Pedro!”. Não demorou muito, a fila de soldados se retirou do local, entre gritos, piadas e muito constrangimento. Possivelmente outros policiais também se divertiam às escondidas nessa região, por isso o medo, hora de bater em retirada.

É claro que policiais não são os únicos trabalhadores que frequentavam o lugar, tendo em vista que existia uma expansão urbana da jovem capital naquele momento, com apenas vinte anos de inaugurada. O que não faltava à cidade eram trabalhadores, já que o movimento no centro do Plano Piloto era muito intenso. Se analisarmos esse fluxo de homens, possivelmente concluiremos que muitos deles tinham perfis de “homens verdadeiros” e, portanto, ocupavam espaços consideráveis tanto nas vivências quanto nas preferências de muitos homossexuais.

As fontes pesquisadas não trouxeram informações específicas sobre esses trabalhadores que gastavam seu dinheiro no mercado de sexo, como no caso de operários da construção civil, mencionados pelo *Lampião* e que são muito presentes no imaginário homossexual, por compor a imagem da virilidade. Embora seja apenas uma referência à presença, o que indica apenas uma possibilidade de participação nos espaços de sociabilidade de gays e travestis no centro da cidade, é preciso afirmar que muitos deles vinham para o centro da capital em busca de sobrevivência, já que, nas primeiras décadas, Brasília era um verdadeiro canteiro de obras e muitos desses trabalhadores da construção civil já eram moradores da cidade. Sobre esse

¹⁵⁶ *Lampião da Esquina*, Edição 29, 1980, p. 5.

período a Companhia de Planejamento do Distrito Federal (CODEPLAN) traz as seguintes informações:

Os anos 1980 iniciaram com redução significativa nas taxas de crescimento da população, caindo para 8,15% a.a. A construção civil deixou de ser o principal foco das migrações para o DF, mas a década representava a continuidade e a consolidação da transferência dos órgãos públicos. A população mais que dobrou atingindo 1.176.908 habitantes com os homens, tendo a menor participação relativa em relação às mulheres, que agora superavam os 51% do total¹⁵⁷.

Para além da presença desses trabalhadores no imaginário de homossexuais, alguns pontos me levam a acreditar que essa presença atravessa a possibilidade desses arranjos entre grupos. Em meu ponto de vista, nos anos 1980, Brasília era uma cidade que não oferecia muitas opções de diversão para as camadas mais pobres. Assim como as empregadas domésticas que dormiam no serviço e aproveitavam os domingos para se divertirem no centro da capital, os operários, em alguma medida, se lançavam nessa mesma dinâmica, como afirma o *Lampião*, ao dizer que eles iam gastar seu dinheiro nessa região da capital.

Dessa forma, penso que é uma possibilidade que eles possam ser clientes de travestis, gays e prostitutas; que se divertiam nas relações furtivas no centro da capital, ou até mesmo que se vendiam para ganhar um extra. Embora o trabalho reflita sobre histórias de grupos específicos, o que se observa é que a dinâmica da cidade insere várias outras personagens nessa trama, nesse caso, operários da construção civil.

A região apresentada no *Lampião* é a Rodoviária, e o operário é um trabalhador pobre que não dispõe de muitos recursos para a diversão. É importante que se diga que ele é apenas parte dessa composição e apropriação da capital, já que existem tantos outros indivíduos. A própria estrutura social nos diz muito sobre os múltiplos estratos que compõem estes lugares em vários momentos do dia. A partir daí, percebe-se que a cidade se organiza de várias maneiras, com outros códigos de conduta, e de alguma forma, pronta para receber novos sujeitos que se aventuram em seu cotidiano e desafiam a própria ordem vigente. É essa pluralidade de pessoas que desafia essa ordem e imprime um novo ritmo à vida urbana. Michel de Certeau afirma que:

no discurso, a cidade serve de baliza ou marco totalizador e quase mítico para as estratégias socioeconômicas e políticas, a vida urbana deixa sempre mais remontar

¹⁵⁷ Esse trecho foi extraído de uma publicação da revista Demografia em Foco 7. Ela traz informações relevantes sobre a realidade do Distrito Federal a partir de temas como: indicadores de desigualdade social; indicadores sociodemográficos prospectivos; renda da população; mortalidade; fecundidade; e dinâmica migratória. CODEPLAN. Demografia em foco 7: evolução dos movimentos migratórios para o Distrito Federal: 1959-2010. Brasília, 2013, p. 39-40.

àquilo que o projeto urbanístico dela excluía. A linguagem do poder “se urbaniza”, mas a cidade se vê entregue a movimentos contraditórios que se compensam e se combinam fora do poder panóptico. A Cidade se torna o tema dominante dos legendários políticos, mas não é mais um campo de operações programadas e controladas. Sob os discursos que a ideologizam, proliferam as astúcias e as combinações de poderes sem identidade. Legível, sem tomadas apreensíveis, sem transparência racional – impossíveis de gerir¹⁵⁸.

Fiz essas considerações antes de adentrar os territórios do CONIC em virtude das características e da importância que essa região tem para a construção dessa homotranscartografia. A razão pela qual utilizo territórios “no plural” para me referir a esse centro comercial é que ele abriga o que há de mais diverso na cultura urbana do Distrito Federal. Isso fica bastante perceptível quando pareado ao Conjunto, pois ambos são fundamentais ao centro do Plano Piloto enquanto espaços de sociabilidade voltados aos gays e às travestis. Porém, quando vistos separadamente, o CONIC se destaca por trazer a marca da popularidade e da subversão. Sobre o CONIC, em artigo publicado na revista da CODEPLAN, Sérgio Ulisses Jatobá discorre:

Já o centro comercial, instalado no Setor de Diversões Sul (SDS), conhecido como “CONIC”, procurou traduzir as diretrizes propostas no Relatório do PPB¹⁵⁹, mas o resultado em quase nada se pareceu ao ali descrito. No entanto, o fato de não ter sido implantado como um *shopping center* propiciou a instalação de lojas populares, igrejas, cinemas, boates, teatros, sedes de sindicatos, livrarias e bares. Uma mistura que gera a frequência eclética e democrática no mesmo local de prostitutas, religiosos, intelectuais, artistas e trabalhadores. Isso deu ao “CONIC” uma característica menos elitista, cultuado como um espaço urbano mais autêntico e livre, em contraponto ao local controlado e praticamente privatizado do *shopping center* do Setor de Diversões Norte (SDN). Os dois espaços, contudo, mesmo sem atender ao originalmente proposto cumprem sua função gregária, cada um a seu modo¹⁶⁰.

As afirmações trazidas por Jatobá refletem a diversidade do CONIC, porém, é preciso ponderar aquilo que ele denomina como frequência democrática. A desigualdade social atravessa a realidade do Setor de Diversões Sul (SDS), algo imperativo nesse local. Portanto, o aspecto democrático tem seu limite no acesso e na presença de grupos dissidentes.

Nessa perspectiva, os estigmas que recaem sobre o CONIC e seus frequentadores são incontornáveis. Ao analisarmos separadamente gays e travestis de outros grupos, as marcas da desigualdade se aprofundam em grande parte dessa comunidade, especificamente travestis. E nesse aspecto, o autor reproduziu uma armadilha recorrente: escamotear as tensões vivenciadas no lugar mediante um discurso de coexistência pacífica entre os grupos.

¹⁵⁸ CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano...*, p. 161.

¹⁵⁹ A sigla PPB significa Relatório do Plano Piloto de Brasília.

¹⁶⁰ JATOBÁ, Sérgio Ulisses. *As quatro escalas do Plano Piloto no planejamento urbano de Brasília*. Codeplan, Brasília em Debate, Brasília, nº 11, p. 25, agosto, 2015. <http://www.Codeplan.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/03/Bras%C3%ADlia-em-Debate-11.pdf>. Acesso em: 26/07/2021.

Assim, Jatobá não considerou em seu texto alguns pontos fundamentais: a tensão provocada pela presença das igrejas evangélicas e seus discursos de ódio que reforçavam os inúmeros estereótipos apresentados por este trabalho; a forma que muitos empresários se manifestavam contra estes grupos, alegando que ofereciam riscos ao lugar; a polícia que exercia controle a partir da coerção; entre tantos outros.

De todo modo, as reflexões sobre o texto publicado pela CODEPLAN nos permitem continuar nesse caminho de reconhecimento do espaço diverso que representa o Setor de Diversões Sul (SDS), ainda que de forma superficial. Por essa razão, compreendendo esse espaço caótico que é o CONIC, em que sua singularidade está na pluralidade, adentro a história desse lugar com a seguinte pergunta: como você apresentaria o CONIC?

A população do DF compreende o CONIC de forma emblemática por causa do estigma da homossexualidade, que talvez seja a principal impressão que se tenha sobre o lugar. Por conta disso, é comum a utilização de expressões que envolvam o espaço para caracterizar pessoas como gays ou travestis: “vai para o CONIC”. Elas agem sem conhecimento da sua história e sem perceber o quanto ele é importante – para além do gueto – como espaço público que respira cultura urbana e enquanto parte do projeto da capital.

Visto por fora, é quase impossível compreender sua dimensão, inclusive como a sua estrutura se organiza. Quando nos deparamos com a grandeza que é esse complexo, fica mais fácil de compreender como se dá a sua ocupação e como a pluralidade se difundiu por cada parte desse lugar. Sobre a forma como é estruturado o CONIC, a imagem a seguir nos ajuda a desvendar parte dessa arquitetura.



Figura 14 – Ortofotografia Setor de Diversões Sul (SDS) – CONIC¹⁶¹
Fonte: Companhia de Planejamento do Distrito Federal – CODEPLAN.

¹⁶¹ Disponível em: <http://geoservico.homologacao.codeplan.df.gov.br/>. Acesso em: 24/08/2023.

Eduarda Aun, em seu trabalho *O avesso de Brasília ao avesso: o manual colaborativo de ocupação do CONIC*, apresenta o Setor de Diversões Sul (SDS) de forma muito minuciosa e em paralelo ao Conjunto Nacional (CNB), como se fosse um guia de bolso. Ela explora aspectos históricos, o que colabora de forma direta com esta tese. Sobre a localização deste espaço, Eduarda Aun lembra que:

Dividido em dois quarteirões, o Setor de Diversões é composto pela porção norte, o Conjunto Nacional e pela porção sul, mais conhecido como CONIC. Vendido, projetado e construído de uma só vez como um único edifício, o Conjunto Nacional resultou em uma implantação mais uniforme e integrada, funcionando como um *shopping center*. Já o CONIC foi dividido em 18 lotes, construídos separadamente, mantidas públicas as áreas de circulação entre eles. Assim, mesmo as áreas públicas – meros corredores de circulação com áreas mais largas – foram construídas separadamente, o que causou problemas de integração entre os edifícios do setor e as praças vizinhas, formando desníveis e obstáculos¹⁶².

Uma observação que merece destaque é a abordagem de Eduarda Aun ao apresentar o setor de diversões. De forma predominantemente técnica, ela não explora elementos simbólicos. No entanto, a forma como descreve o complexo nos incita a refletir sobre as transformações desse espaço ao longo do tempo, especificamente em seus processos de apropriação pela comunidade LGBTQIA+, o que lhe rendeu estigmatizações por parte da população do Distrito Federal.

Sobre a estigmatização, há uma explicação trazida por Gilberto Velho em seu texto – “Estigma e comportamento desviante” – que pode contribuir com o entendimento do ponto de vista que as pessoas têm em relação a esse espaço. Há uma marginalização do Setor de Diversões Sul (SDS) e por isso as pessoas que frequentam o CONIC constituem no que Velho denomina “um símbolo de estigma”¹⁶³, ou seja, vistas a partir do mesmo olhar lançado aos espaços estigmatizados.

Essas associações entre territórios e sujeitos são comuns nas construções discursivas sobre territórios frequentados por dissidentes sexuais e de gênero. Assim, o CONIC passa a ser visto como um lugar de bichas e travestis, da mesma forma que o Setor Comercial Sul (SCS) e Setor Hoteleiro Sul (SHS), a depender do horário, são pontos de prostituição e de marginais indesejáveis. É interessante ressaltar que as pessoas alimentam esse universo de representações

¹⁶² AUN, Eduarda. *O Avesso de Brasília ao Avesso: manual colaborativo de ocupação do Conic*; 2015; Trabalho de Conclusão de Curso; (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade de Brasília, p. 117. Disponível em: https://issuu.com/eduardaun/docs/caderno_o_avesso_do_avesso_eduarda. Acesso em julho em 2021.

¹⁶³ VELHO, Gilberto. *Desvio e Divergência: uma crítica da patologia social*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979. p. 43.

sem ao menos conhecer os espaços, elas apenas reproduzem algo que retroalimenta esse universo simbólico.

As pessoas conhecem muito pouco sobre o Setor de Diversões Sul (SDS). O primeiro engano é achar que CONIC é o nome oficial do lugar, quando, na verdade, era o nome da construtora responsável pela obra. Ainda sobre isso, paira um outro engano recorrente, pois as pessoas pensam que o Setor de Diversões Sul (SDS) é um único prédio, mas são catorze edifícios. Isso traz um certo espanto quando observamos a imagem anterior extraída da CODEPLAN, primeiro pela sua grandiosidade, e por fim pelas múltiplas possibilidades de ocupação desse espaço. Provavelmente a imagem que se tem é a da fachada, frontal ou posterior, a depender do local em que a pessoa está.

Para pensar o CONIC como espaço praticado enquanto território homossexual e travesti, é importante que se entenda como se construiu sua ocupação entre os anos 1970 e 1990. De modo semelhante às outras abordagens, buscarei além das matérias veiculadas no *Correio Braziliense*, informações sobre estabelecimentos comerciais que atraíram estes grupos: boates, bares, teatros e cinemas.

Por fim, abordarei os elementos que deram origem às tensões que compõem experiências vividas por essa comunidade dentro desses espaços, com ênfase nos impactos causados pelos agentes do Estado e por setores mais conservadores da sociedade, explorando, assim, narrativas que se estabeleceram ao longo do tempo no seio desses ambientes.

3.2.1 *Let the Sun Shine in*¹⁶⁴: A boate *New Aquarius* e a construção da identidade travesti e gay no DF

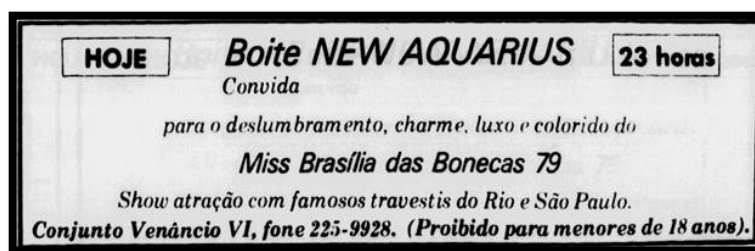


Figura 15 – *New Aquarius*: deslumbramento, charme e luxo. *Correio Braziliense*, n. 06127, 14 de novembro de 1979, p. 27.

¹⁶⁴ “*Aquarius/Let the Sunshine In*”, cuja tradução é “Deixe a luz do sol entrar”, trata-se de uma junção de duas canções do musical *Hair*, compostas por James Rado, Gerome Ragni e Galt MacDermot. Lançada em maio de 1969 como primeiro *single* de *The Age of Aquarius*, quarto álbum da banda estadunidense *The Fifth*. A boate *New Aquarius* tocava essa canção todas as noites na hora do encerramento, como se fosse um chamado de volta à vida cotidiana. Quando tocada, as pessoas deixavam a boate, subiam a escadaria e se deparavam com o relógio do Banco de Brasília, o dia havia amanhecido.

A *New Aquarius*, primeira boate gay de Brasília, fez parte da construção identitária do gueto homossexual no Distrito Federal entre 1974 e 1998. Localizada no subsolo do Edifício Acropol (um dos prédios do CONIC) e próxima ao Cine Ritz (cinema pornô), trazia como atrações performances e dublagens de travestis, além dos badalados *gogo boys*. Inaugurada em 1974 pelo empresário Oswaldo Gessner, sua excelente localização no centro da capital democratizou o acesso, principalmente pela proximidade à Rodoviária do Plano Piloto.

“Um mundo particular”, assim foi denominada a boate *New Aquarius* por Pelágio Gondim, repórter especial do *Correio Braziliense*, em matéria veiculada no dia 30 de janeiro de 1983¹⁶⁵, em razão da escolha da Rainha do Carnaval Gay em Brasília, cuja vencedora foi a travesti Taquinha, seguida por Diana Power (2º lugar) e Kátia (3º lugar). Segundo Pelágio, a boate era uma espécie de gueto que servia de proteção ao universo gay em Brasília, considerado por muitas pessoas como um risco aos padrões moralizantes da sociedade.

A proteção na qual o repórter se refere, diz respeito à liberdade de ser quem é, juntamente com outras pessoas, como se não houvesse um mundo opressor fora daquele espaço no qual se celebra e se desfruta de uma certa liberdade. Esse é um dos pontos que dá sentido ao que o jornalista se refere como gueto, lugar de experiências comuns compartilhadas no que diz respeito às identidades e territorialidades.

A *New Aquarius* era uma boate que fervia aos finais de semanas e imprimia um movimento frenético à entrada do CONIC, já que pessoas vinha de todos os lados: do Setor Comercial Sul (SCS), Rodoviária, Eixo, Setor Hoteleiro Sul (SHS) e de lugares inimagináveis desse labirinto chamado CONIC, o que mostra essa conexão entre o centro e os vários lugares do Distrito Federal.

Essa característica de badalação, como no dia da festa que escolheria a Rainha do Carnaval Gay de Brasília em 1983, além de um evento “bafônico”, também apresentou “seus babados e confusões”, especialmente depois do resultado do concurso, quando a turma da Kátia, a vice-campeã do concurso, não aceitara a vitória de Taquinha, o que gerou mais de dez minutos de vaia após a divulgação da vencedora.

O concurso de rainha do carnaval não foi o único daquela noite, houve também o Concurso de Fantasia “Gala Gay”, que segundo aquela edição do jornal, apresentou as seguintes categorias e seus vencedores:

Originalidade – 1º Francis Taylor, com “O Palhaço”; 2º Daniel, com “Pomba Gira, Rainha”; 3º Nelson Miranda, com “Garrincha, Alegria do Povo”. Categoria Luxo – 1º

¹⁶⁵ Correio Braziliense, Edição 07277, 30 de janeiro de 1983, p. 24.

Gina Le Fleur, com “Star Light”; 2º Michele, com “Galo Imperial”; 3º Gigi, com Viúva Negra”¹⁶⁶.

Desde o início da noite, do lado de fora, a quantidade de carros trazia uma noção do que viraria aquele lugar. O CONIC estava “bombando” de tanta gente. Fico imaginando a barulheira daquele povo animado e eufórico para os concursos e para uma noite de luxo e *glamour*, que contava com os shows de Francis Taylor e Mônica Kendal. Com relação ao Francis Taylor, em matéria publicada no *Metrópoles*, Sérgio Maggio¹⁶⁷ traz a seguinte lembrança:

Há quem não se esqueça de Francis Taylor, artista que deu uma esquentada na noite de Brasília dos anos 1970. Ele dublava impensáveis canções para a noite gay como O Ébrio, de Vicente Celestino; Para Não Dizer que Não Falei das Flores, de Geraldo Vandré, Sonho de um Palhaço, de Antônio Marcos, e Aplausos, de Nelson Ned. Mudava de roupa e se maquiava no palco. Era, como se diz nos dias de hoje, um arraso¹⁶⁸.

E por conta de figuras tão ilustres no cenário gay de Brasília, como Francis Taylor, havia gente espalhada por todos os lugares, das escadas aos bares locais. Certamente havia muito brilho nas roupas, uma mistura de perfume e fumaça de cigarro no ar, gente bebendo e gritando: “nhaim bunita!”, “hei mona, cê tá boa?”; “que babado é esse, quiridã?”. A descrição a seguir feita pelo *Correio Braziliense* traz em alguma dimensão, o espírito das noites aquarianas, mesmo fora da boate.

Em meio a rostos masculinos suaves ou grosseiramente maquiados, sobressaíam-se vastos bigodes. De quando em quando, esses bigodes se encontravam, ora em cumprimentos carinhosos, ora em beijos cinematográficos. Em menor escala, algumas jovens masculinizadas acariciavam outras de corpos bem femininos. Bichas, sapatões e travestis, enfim, se consumiam, sem dar maiores atenções aos forasteiros atraídos por aquele amor diferente¹⁶⁹.

Dentro da boate, os corpos se roçavam, ora por exibicionismo, ora por puro prazer, quadris se balançavam, gente se desmunhecava por todo lado, enquanto o samba tomava conta do lugar. Pelágio fala dos forasteiros que matavam sua curiosidade sobre aquele mundo particular. Tentei me colocar no lugar dessas pessoas que não faziam parte do público homossexual, meio que no *voyeurismo* eventual. Entre o espanto dos primeiros momentos e a

¹⁶⁶ Correio Braziliense, Edição 07277..., p. 24.

¹⁶⁷ Sérgio Maggio é jornalista, diretor e dramaturgo do Criaturas Alaranjadas Núcleo de Criação Continuada. Autor dos livros Rumo ao Planeta Gargalhada, um perfil biográfico da Cia. de Comédia Os Melhores do Mundo, e Conversas de Cafetinas, com o qual ganhou o Prêmio Jabuti de Literatura.

¹⁶⁸ O matéria intitulada “Primeira boate gay do DF, New Aquarius, vive no imaginário do brasiliense” traz informações importantes sobre a boate New Aquarius e seus momentos inesquecíveis no cenário LGBTQIA+ brasiliense. Disponível em: <https://www.metropoles.com/tipo-assim/primeira-boate-gay-do-df-new-aquarius-vive-no-imaginario-brasiliense>. Acessada em: 04/04/2022.

¹⁶⁹ Correio Braziliense, Edição 07277..., p. 24.

inteiração oferecida por aquele local, quantos não saíram acompanhados dali? Assim eram as noites na *New Aquarius*.

Para quem saía de Planaltina-DF como eu, que frequentava a boate nos anos 1990, havia o Corujão, uma linha cujo último ônibus partia por volta de 1:15 da manhã para o Plano Piloto. Mesmo não tendo uma parada no local, os motoristas permitiam que saltássemos nas proximidades do Setor de Diversões Sul (SDS). Esse é um dado relevante à existência do gueto, tendo em vista que íamos à Aquarius com certa frequência e por isso as relações de proximidade com motoristas e cobradores eram comuns. Porém, havia vezes em que voltávamos e o cobrador era um evangélico famoso aqui na região, por pregar o Evangelho de forma bélica o tempo inteiro.

Ele era uma daquelas figuras que falavam sem parar e aos brados, com a Bíblia em punho e o dedo e riste. Lembro-me até hoje de algumas de suas palavras: “Seus falsos sodomitas, arrependam-se ou vão para o inferno, pederastas passivos”. Nem sempre se ouvia calado o que ele gritava, mas sempre com bom humor, até porque já se passavam das 7 horas da manhã e estávamos “todas mortas”. Geralmente quem revidava aos ataques do cobrador era a “finada Marquinhos Vamp”¹⁷⁰, como é conhecida por muitos de nós. Ela levantava, desfilava no corredor do baú, jogava seus cabelos e mandava um beijo para o cobrador, como quem dizia: Linda! Bonita! Aceita, mona! Ríamos muito até bater o cansaço de vez e chegar a nossa parada, onde descíamos amarrotadas, acabadas, com cheiro de fumaça e gelo seco, mas felizes.

É importante ressaltar que nossas vivências enquanto dissidentes periféricos, em certos momentos são viabilizadas por nossas redes de sociabilidade e solidariedade. Nesse aspecto, quando me refiro às experiências de gays e travestis de periferia, em alguma medida reforço que esse recorte de classe é um dado fundamental da construção da nossa identidade.

A experiência de não morar ou pertencer ao centro carrega um peso importante em nossas histórias e se apresenta como uma marca quando nos misturamos a esses espaços muito bem definidos e estruturados. Se o nosso gueto (enquanto território homossexual e travesti) nos dá a sensação do encontro com o igual e, ao mesmo tempo, revela a constante tensão com a cidade, por que ele reproduz grande parte dessas estruturas que nos rejeita?

Essa é uma questão que carece de reflexão sobre lugar e território na dinâmica dos espaços públicos das cidades e por isso não é interessante ignorar as múltiplas barreiras e

¹⁷⁰ Marquinhos Vamp era uma figura muito conhecida em Planaltina-DF, sobretudo, por ser extravagante no que diz respeito à sua homossexualidade. Era um gay assumido e bastante extrovertido, mas que teve sua vida interrompida em uma briga de bar. Em minha trajetória, especialmente nas vivências homossexuais e de sobrevivência enquanto homem gay, sem dúvida, além da amizade, ele influenciou de forma direta a minha construção identitária. Se estivesse vivo, com certeza estaria participando diretamente dessa tese.

demarcações. Apesar das relações de poder atravessarem espaços de sociabilidade de dissidentes sexuais, é fundamental manter a existência desses espaços, sobretudo porque são redutos de resistência aos efeitos da segregação. Angelo Serpa ao analisar a apropriação dos espaços públicos das cidades faz a seguinte afirmação:

Se o espaço público é o espaço do encontro de diferentes e os territórios são, muitas vezes, espaços de iguais, juntos, mas separados por limites e barreiras simbólicas, então, um parque público em Paris ou uma praia de Salvador, por exemplo, são só aparentemente acessíveis a todos. Todo mundo parece estar ali com todo mundo, porém, de fato, está todo mundo ali, mas com seus limites e barreiras muito bem demarcados uns em relação aos outros: ler esses limites e barreiras em um domingo ensolarado é uma aula muito educativa sobre como o território representa hoje exatamente o contrário da ideia de espaço público¹⁷¹.

Fora do “nosso lugar”, os territórios de interação social, o que prevalece é o perigo. Essa é uma questão que se explicita quando se atravessa a fronteira do gueto, como apresentado na experiência de Cassandra e Charla Le Clerry. A primeira diz respeito ao autoritarismo policial e a segunda ao tratamento violento recebido por Charla dentro de uma agência do Banco Regional de Brasília (BRB). Vale ressaltar que a ocorrência que envolve Cassandra acontece exatamente após sua saída da Boate *New Aquarius*, enquanto esperava um táxi na área externa do CONIC.

Essas violências refletem a dinâmica entre a cidade e os “corpos transgressores da heteronormatividade”, como denomina Joseli Maria Silva:

Os transgressores da norma geral estabelecida são fadados a severas punições, construídas pelas táticas eficazes e sutis de interdição. Do ponto de vista objetivo e legal, a sociedade brasileira não pode mais perpetrar a punição física pela “ordem” do Estado. Mas as penalidades são praticadas, e elas respondem por inúmeras mortes de pessoas consideradas “anormais”¹⁷².

No entanto, as dinâmicas que residem nesses espaços não se resumem à violência ou tensões. Eles produzem outros efeitos na sociedade, com destaque às questões culturais. Por essa razão, busco dialogar com as fontes nas suas diferentes possibilidades de reflexão, seja na construção da representação negativa desses grupos e/ou na construção da resistência.

Os primeiros anos de Brasília são concomitantes ao período que João Silvério Trevisan denomina como “nosso boom guei”. Esse período corresponde aos anos 1970. Embora o Brasil enfrentasse naquele momento o auge da ditadura civil militar, vivia-se um período de liberação

¹⁷¹ SERPA, Angelo. Por uma Geografia dos espaços vividos: Geografia e Fenomenologia. São Paulo: Contexto, 2019, p. 69.

¹⁷² SILVA, Joseli Maria (Org). Geografias subversivas : discursos sobre espaço, gênero e sexualidades. Ponta Grossa, PR : Todopalavra, 2009, p. 141.

sexual, algo levantado por esta pesquisa em alusão à pandemia de aids. É importante que se diga que essas exteriorizações dos desejos ecoam de forma significativa, para além da questão cultural, a partir de uma perspectiva social, mas é a partir da cultura que a defesa da homossexualidade ganha fôlego e ultrapassa limites do conservadorismo de então. Sobre esse período, Trevisan pondera:

A partir de meados da década de 1970, o amor homossexual começou a furar barreira da censura ditatorial e dos setores mais reacionários, para chegar até as capas de revistas de circulação nacional – caso da *Isto É*, que dois anos antes da *Time* apresentou em sua capa duas mãos masculinas ternamente enlaçadas, ilustrando matérias sobre o tema. Os anúncios comerciais também não ficaram atrás. Uma campanha publicitária dos perfumes Rastro fez veicular, em três páginas inteiras de várias revistas semanais, lindíssimas fotos de três casais – respectivamente, um homem e uma mulher, duas mulheres, e dois homens, acompanhados da frase: “Para contatos irresistíveis de primeiro, segundo e terceiro graus”. Bem significativa foi a situação criada, na época, em torno de um anúncio para televisão, no qual a excelência de certo creme de leite consistia no fato de ser realmente fresco. Durando não mais do que quinze segundos, esse comercial jogava com a dubiedade linguística da palavra “fresco”. Enquanto um afetadíssimo mordomo aristocrático agitava uma garrafa do tal creme de leite, ouvia-se ao fundo um coro feminino gritando “fresco”. Ao invés de se ofender com a gritaria, o mordomo se empertigava, cheio de mudo orgulho, até descobrir que o coro fazia, na verdade, o elogio do creme de leite e não uma referência a ele. Francamente decepcionado, o mordomo saía de cena, cheio de indignação¹⁷³.

Com relação à Boate *New Aquarius*, fica evidente o desbunde e uma espécie de mimese do que acontecia nos palcos do Rio de Janeiro e de São Paulo. Embora pareça uma comparação forçada, é importante que se leve em consideração as características de Brasília, que nesse período vivia um momento importante da construção de sua identidade, que mais se parecia com uma mistura de várias regiões, resultado do processo migratório elencado anteriormente.

Dessa forma, é possível afirmar que as sociabilidades vividas no gueto vão além das relações, encontros, arranjos e pegações. Estes lugares também provocavam nostalgia às pessoas que vinham de outras regiões. Com relação à comunidade LGBTQIA+, o *Lampião da Esquina* compartilhou a seguinte referência: “há o passeio público. Os altos da Rodoviária (centro de Brasília) já foram devidamente classificados por algum carioca saudoso: há a Urca, a Penha e a Lapa. De lá, é certo que se saia acompanhado”¹⁷⁴.

Esse trecho extraído do *Lampião* traz um lado intrigante da guetização e que diz respeito à ressignificação da cidade, em que a Rodoviária deixava de ser apenas um terminal e se transformara em espaço de vivências plurais e também no espaço da nostalgia, lembrando que

¹⁷³ TREVISAN, João Silvério. *Devassos no Paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018, p. 279-280.

¹⁷⁴ LAMPIÃO DA ESQUINA, Edição 02, 1978, p. 4

Brasília era tão jovem naquele momento e que muita gente vinha de outros lugares. Isso fez com que espaços de sociabilidade muitas vezes se tornassem espaços de saudade, algo que se aplica aos vários tipos de relações.

Nesse contexto, a pesquisa sobre a Boate *New Aquarius* desempenha um papel significativo em relação à percepção do local, à construção narrativa e à própria abordagem metodológica deste estudo. Ao examinarmos fontes, como matérias jornalísticas mais densas e entrevistas, emergem impressões da sociedade em relação ao espaço. Ao explorarmos relatos sobre o período ou sobre a boate, destaca-se a memória afetiva. Quando direcionamos nossa atenção para questões relacionadas aos costumes, segurança pública e outras pautas conservadoras, sobressaem a homotransfobia, o conservadorismo e as tensões com a segurança pública. Já ao abordarmos tópicos ligados à diversão e à cultura, frequentemente nos deparamos com uma visão festiva da Aquarius, algo evidenciado em anúncios veiculados pelo próprio estabelecimento no *Correio Braziliense*. Este aspecto é de suma importância, porque ultrapassa o público almejado pela boate, já que traz uma narrativa sobre si mesma.

Para colaborar com essa afirmação, trouxe alguns recortes de propagandas da boate extraídos do *Correio Braziliense* em edições do final da década de 1970, que correspondem aos seus primeiros anos.



Figura 16 – “Hello Broadway”.
Correio Braziliense, n. 05231B, 20 de maio de 1977, p. 29.



Figura 17 – Bonecas: luxo, arte e erotismo.
Correio Braziliense, n. 05599, 28 de maio de 1978, p. 37.



Figura 18 – “A guerra das Estrelas”.
Correio Braziliense, n. 05682, 19 de agosto de 1978, p. 39.



Figura 19 – “Miss Brasília Boneca 78”.
Correio Braziliense, n. 05751, 27 outubro de 1978, p. 29.

A perspectiva de *glamour* apresentada nos recortes colabora com o ar festivo da New Aquarius, que busca atrair cada vez mais pessoas a frequentarem seu espaço, algo presente nas festas temáticas, shows e espetáculos. Diante de um cenário como esses, a desigualdade social se sobressai, porque é uma realidade voltada ao consumo. Dentro dessa perspectiva, o recorte de classe atravessa violentamente a comunidade de gays e travestis contam apenas com o dinheiro da passagem e da entrada da boate.

Com relação às propagandas, a boate trazia um perfil de casa de espetáculo muito parecido com o que se tinha no Rio de Janeiro, São Paulo e Nova York. Mesmo que a realidade local fosse bem distante do teor dos anúncios, havia uma construção discursiva potente que atravessava os nossos locais de sociabilidade. Não se trata de considerar o anúncio enganoso, pois era unicamente uma identificação do perfil fantasioso escolhido para a propaganda. Talvez fosse uma forma de transcender a realidade vivida fora dos espaços de sociabilidade, historicamente marcados pela solidão, abandono e violência, ao mesmo tempo em que atendia ao mercado, que visava apenas o lucro e a exploração, como mencionado.

O caráter de espetáculo presente no anúncio se alinhava ao contexto dos anos 1970, principalmente, por meio da propagação do viés performativo das expressões artísticas e identitárias. Essas vivências que partiam dos espaços de sociabilidade atravessaram diversos setores da sociedade, da política às artes. No que diz respeito ao mundo artístico, a expansão dessas manifestações estavam atreladas ao sucesso dos programas de TV. Entre os programas destaque o *Fantástico*, que por diversas vezes apresentou o grupo Secos e Molhados, cujo vocalista era Ney Matogrosso, um grande expoente da Música Popular Brasileira (MPB), que, em 1975, lançou no programa o clipe “América do Sul”¹⁷⁵, visto em vários cantos do mundo. Outros programas que exploravam a cena cultural do período, e que possuíam grande audiência nos anos 1970, eram o *Programa Flávio Cavalcanti*¹⁷⁶ e o *Programa Hebe Camargo*¹⁷⁷, na extinta TV Tupi.

¹⁷⁵ O clip foi ao ar no dia 29 de junho de 1975 no programa Fantástico, da emissora Rede Globo e se encontra disponível no seguinte endereço: <https://www.youtube.com/watch?v=FkufleS5fPw>. Acesso em: março de 2022.

¹⁷⁶ Segundo Maurício Stycer, colunista da UOL, Flávio Antônio Barbosa Nogueira Cavalcanti, conhecido como “Flavio Cavalcanti (1923-1986), foi um dos grandes apresentadores de programas de auditório da televisão brasileira entre as décadas de 1950 e 1980. Conseguiu conquistar muita fama e alguma fortuna na mesma época em que os dois maiores da história, Chacrinha e Silvio Santos, também brilhavam”. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/mauricio-stycer/2022/01/23/folha-flavio-cavalcanti-sabia-deixar-seu-espectador-na-ponta-da-cadeira.htm>.

¹⁷⁷ Segundo a Revista Caras, “Hebe Maria Monteiro de Camargo Ravagnani, mais conhecida somente como **Hebe Camargo** foi uma apresentadora, cantora, radialista, humorista e atriz brasileira. Com a excelência na carreira, ganhou o título de Rainha da Televisão Brasileira”. Disponível em: <https://caras.uol.com.br/perfil/hebe-camargo.phtml>. Acesso em: 06/04/2022.

Durante os anos 1970, os programas de auditório estavam em alta em todo o país. O sucesso de audiência proporcionou uma oportunidade para que estes grupos difundissem suas experiências identitárias e artísticas. Esse período é concomitante à ditadura civil militar brasileira. Mesmo com o desgaste da imagem do regime, a censura às diversões públicas estava cada vez mais rígida. Ainda assim, com todos esses obstáculos, a cultura marginal de gays e travestis conseguiu se propagar de forma excepcional. MacRae assevera que,

Um dos aspectos marcantes da contestação cultural da década de 1970, e da glorificação da marginalidade como maneira de questionar os valores autoritários que permeavam a cultura brasileira, foi uma aparente explosão da homossexualidade, que se manifestava através de fenômenos como: a crescente visibilidade da população adepta a práticas homossexuais, a exploração comercial que se deu em torno desse novo público e o desenvolvimento de uma moderna subcultura gay, fenômenos que interagiam e eram interdependentes. Algumas dessas manifestações atingiam um público maior. Não se pode deixar de mencionar a importância que tiveram para a cultura brasileira como um todo as propostas de “androgínia” presentes nos trabalhos de Caetano Veloso, Gilberto Gil, Dzi Croquettes, Secos e Molhados, Ney Matogrosso, além de ídolos internacionais da juventude como Alice Cooper, David Bowie, Lou Reed, Mick Jagger e outros¹⁷⁸.

Como apresentado por MacRae, essas personalidades tinham grande influência naquele período, e de alguma forma, foi algo absorvido pelo cenário entendido do Distrito Federal. A presença da travesti Rogéria no corpo de jurados do Miss Boneca de 1978, além de trazer empoderamento para a boate, reforçava a importância do próprio concurso que qualificaria a vencedora para a disputa do Miss Brasil da categoria.

Rogéria era uma figura ilustre e influente dentro e fora da comunidade. Naquele período ela fazia sucesso em todo o país com a peça *Alta Rotatividade*, que estava em cartaz no Cine Karim Criança e na Boate Privê do Eron Brasília Hotel¹⁷⁹. O fato de ela participar de um evento na Boate *New Aquarius* trazia ao lugar um status de glamour, usando um termo bem apropriado para o imaginário local.

¹⁷⁸ MACRAE, Edward. *A construção da igualdade: Política e identidade homossexual no Brasil da “abertura”*. Salvador: EDUFBA, 2108, p. 107.

¹⁷⁹ Trecho extraído da Edição 05752 do Correio Braziliense, 28/10/1978, página 31. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=028274_02&pasta=ano%20197&pesq=Miss%20Boneca&pagfis=112140. Acessada em: 19/08/2021.

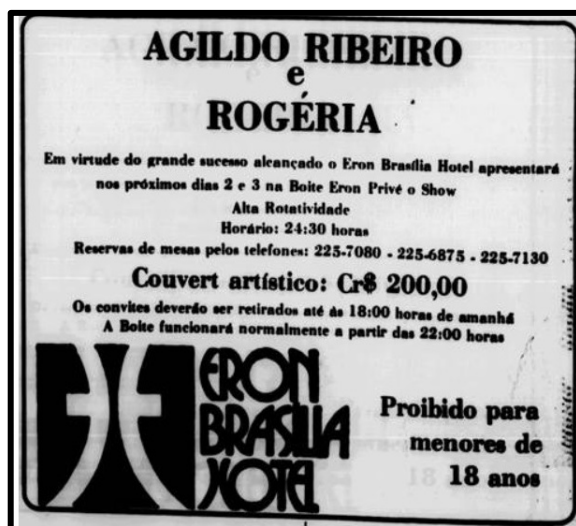


Figura 20 – “Alta Rotatividade”
Correio Braziliense, n. 05756, 01 de novembro de 1978, p. 8.

Rogéria se intitulava a “Travesti da Família Brasileira”, e certamente isso se deu por conta dos programas de TV, que a tornaram bastante popular. Considerada uma pessoa alegre, carismática e de gênio forte, atuou em vários setores da cultura brasileira, da maquiagem aos palcos, passando pelo carnaval e com forte influência na TV, algo não usual para travestis no Brasil. Suas passagens por Brasília foram marcantes, como relata o ator e humorista Agildo Ribeiro:

Neste tempo todo, aconteceram histórias inesquecíveis. Numa noite, numa das apresentações numa boate em Brasília, a Rogéria sentou no colo do general Golbery! Tinha um número com interação com a platéia. Eu disse: Você viu no colo de quem você sentou? Ela não sabia. Disse que estava escuro, escolheu o primeiro colo que viu! Ficou pálida, depois morreu de rir. No dia seguinte, quem estava na platéia de novo? O general! O teatro te possibilita esses momentos democráticos também. Ali não era o político importante. Era apenas público, querendo se divertir. Depois, o próprio Golbery colocou-se no seu lugar e nos convidou para ir até a mesa dele depois do show. Nós conversamos educadamente, ele nos elogiou e falou muito do meu pai, um grande brasileiro¹⁸⁰.

Por quase quatro décadas após aquele espetáculo em Brasília, Rogéria seguiu influenciando a cultura LGBTQIA+ no Brasil, ainda que muitas pessoas não concordassem com seus posicionamentos, já que era parte “da família brasileira”, é inegável a sua grande colaboração no aspecto cultural dos segmentos de gays e travestis, seja nos bailes, teatro, cinema, novela e outros espaços. Sempre cantando, dançando, atuando, polemizando, assim ela conseguiu seu reconhecimento em todo país.

¹⁸⁰ ASSIS, Wagner de. Agildo Ribeiro: o capitão do riso. São Paulo, 2007, p. 136. Disponível em: <https://aplauso.imprensaoficial.com.br/edicoes/12.0.813.214/12.0.813.214.pdf>. Acesso em: janeiro de 2024.



Figura 21 – “Morre uma estrela”
Fonte: Vitrine Filmes, 2017¹⁸¹.

Sobre essa questão, o cantor Filipe Cato lembra que:

com seu imenso carisma, Rogéria fez uma carreira de sucesso, tanto no Brasil quanto no exterior e não só atuou como atriz, do jeito que sonhou, como ganhou prêmios por seu trabalho. Fez parte de grandes musicais, foi dirigida por Jô Soares (que falou dela de forma muito carinhosa em sua autobiografia), por Bibi Ferreira, foi cantora, apresentadora de programas na TV, fez cobertura de bailes de Carnaval, enfim, foi uma verdadeira estrela do show *business* brasileiro. Sua mãe sempre presente e a apoiando, só trazia mais alegria para essa grande artista que com sua personalidade e sua capacidade imensa de superação deixou sua marca nas artes.

Em agosto de 2017, Rogéria precisou se internar em um hospital, na Barra da Tijuca, para se tratar de uma infecção urinária. Chegou a ter alta, mas sentiu-se mal de novo e voltou ao hospital cerca de um mês depois, vindo a falecer em setembro, de infecção generalizada¹⁸².

A presença da Rogéria naquele Miss Boneca 1978 tinha muita a ver com a forma como a boate se apresentava por meio das propagandas. Esse perfil glamuroso reforçou a característica do espaço como cultural, porém extravagante. Expressões como “luxo”, “arte”, “erotismo”, “charme” e “beleza” traziam à *New Aquarius* um status de riqueza econômica que na verdade não existia, mas que era algo importante enquanto construção discursiva.

¹⁸¹ Homenagem da Vitrine Filmes à Rogéria por razão do seu falecimento. Essa imagem é mesma da propaganda do “Divinas Divas”, filme de Leandra Leal, Disponível em: <https://www.facebook.com/vitrinefilmes/photos/a.183941448341575/1472278966174477/>. Acessada em 30/03/2022. Segundo o canal do filme no *Facebook*, “Divinas Divas (2016) é um documentário musical de longa-metragem para salas de cinema. O filme resgata a trajetória de oito artistas pioneiras: Rogéria, Jane Di Castro, Divina Valéria, Camille K, Fujika de Halliday, Eloína dos Leopardos, Marquesa e Brigitte de Búzios foram os primeiros homens que se travestiram de mulher nos palcos cariocas nos anos 1960, quando o Brasil vivia sob rígida ditadura militar”.

¹⁸² O trecho foi extraído da página Filipe Catto [Em foco]

Os anos 1970 consolidaram a *Aquarius* como espaço importante voltado predominantemente a gays e travestis nas noites de Brasília, porém, foi na década seguinte que ela viveu seu principal momento. Destaco o fortalecimento dos espaços culturais e comerciais no CONIC e a transição democrática como os principais elementos naquele período. A evidência desse crescimento está presente na quantidade de inserções da boate no *Correio Braziliense*: propagandas dos espetáculos, vagas de emprego, cultura, matérias sobre o estabelecimento, citações sobre o lugar ou como ponto de referência.

Seus anúncios traziam expressões que reforçam sua autorrepresentação e aproximação cultural dos grandes centros (Rio de Janeiro, São Paulo e Nova York). Na medida em que se aproximava da redemocratização e com o aumento exponencial de acesso a TV a boate ganhava mais popularidade e acentuava seu perfil glamouroso. Sobre a TV no Brasil durante o século XX, Othon Jambeiro afirma:

Não obstante a vastidão do país, desde 1980 a televisão alcançou a totalidade do território brasileiro. Contudo, dada a conhecida desigualdade de renda entre seus habitantes, até o final do século cerca de 15% das residências não possuíam aparelho de TV. Enquanto o rádio passou a ser predominantemente local e regional, a televisão tornou-se, desde os anos 70, o veículo nacional por excelência, atingindo todas as categorias de audiência¹⁸³.

Se por um lado a boate não ocupou os espaços televisivos, por outro, é a partir de suas influências que molda sua presença nas noites de Brasília durante aquele período. Essa questão potencializa a forma como a boate se apresenta, com destaque às influências da cultura estadunidense, algo recorrente em outros circuitos culturais no Brasil.

Aquela máxima popular que diz que “a primeira vez a gente nunca esquece” resume o dia em que conheci a famosa Boate *New Aquarius*. Fiquei completamente extasiado com o que vi. Eu sabia que ela existia, mas não tinha a mínima noção qual era a localização dela, a única informação que eu tinha que era no CONIC, mais nada. Assim como a maioria das pessoas eu tinha a convicção de que o CONIC era um espelho, meio que abandonado, do Conjunto Nacional, o que me levava a pensar que era apenas um prédio, ledor engano. Eu e um amigo saímos de Planaltina, com o coração acelerado, porque parecia que a gente ia cometer um crime, e por essa razão saímos escondidos, ou seja, vivíamos na clandestinidade, o que tornaria aquela madrugada ainda mais intensa.

A gente entrou pelos fundos do CONIC e a impressão que tenho hoje, quando tento rememorar aquele momento, é que eu estava no cenário de um filme, composto por boates,

¹⁸³ JAMBEIRO, Othon. A TV no Brasil do século XX. Salvador: EDUFBA, 2001, p. 107.

becos, fumaça, penumbra, gente diferente e uma mistura de músicas bem confusa. Era uma longa caminhada até chegar na Aquarius. Nós havíamos acessado a boate pelo lugar errado. Naquele dia não tinha uma festa específica, mas eu me lembro que na entrada a gente foi surpreendido por uma travesti da casa, com seus cabelos cheios de cachos, uma pele negra com tom meio dourado e um sorriso lindo, ela era imensa. Ao olhar para a gente ela proferiu as seguintes palavras: “carne nova no pedaço”.

Se eu tivesse que resumir a primeira noite na Aquarius, acho que catarse seria uma boa palavra. Realmente, era muito difícil entender o que acontecia ali, as primeiras horas dentro da boate eram de pura adrenalina, o ambiente era muito sedutor e isso contribuiu para que eu fosse capturado. Na medida em que fui pesquisando sobre a boate nas edições do *Correio Braziliense*, algumas coisas que passaram despercebidas naquele momento ganharam sentido. Entre elas, destaco a forma como a boate organizava seu espaço, e aqui me refiro especificamente às temáticas das festas. Naquele período eu não tinha muita noção do que era a boate, salvo nas histórias contadas por alguns amigos, mesmo assim eu não tinha a dimensão.

O *set list* era composto basicamente por *house music*, estilo musical que se propagou no fim dos anos 1980 e pela década seguinte inteira. Os temas se alinhavam àquela batida musical eletrizante, escolhida a dedo. As temáticas das festas veiculadas no *Correio Braziliense* davam o tom do que era a *New Aquarius* e da influência estadunidense desde os anos 1970. Viviam-se a era das discotecas. As chamadas das festas, em meu ponto de vista, eram uma profusão de tesão, sedução, *glamour*, riqueza, brilho e beleza. Algo que eu desfrutava – com festa temática ou não – apenas com o dinheiro da entrada, um *drink* de cortesia chamado “Madonna” – uma mistura de gim com outras bebidas – e a passagem de volta para casa.

Todas essas coisas faziam parte da construção da identidade da boate, mas a audácia das propagandas das festas, sem dúvida alguma, era o grande “boom”. Como a por exemplo, a festa que teria mais glamour e riqueza que a cerimônia do Oscar, algo impensável, mas que parecia mexer muito com a imaginação das pessoas. Assim a boate explorava esses desejos ao longo dos anos: ““Aquarius” tem Noite do Oscar” (junho de 1980)¹⁸⁴; “Greta Star” (junho de 1984)¹⁸⁵; “Uma noite em Hollywood” (outubro de 1984)¹⁸⁶. Outras temáticas também tomaram conta do lugar e elas também estavam repletas de “beleza, poder e riqueza”, ao menos nos nomes das festas: “Glamour Gay” (junho de 1982)¹⁸⁷; “Rainha Gay” será escolhida no dia 28 -

¹⁸⁴ Correio Braziliense, Edição 06348, 27 de junho de 1980, p. 18.

¹⁸⁵ Correio Braziliense, Edição 07767, 13 de junho de 1984, p. 21.

¹⁸⁶ Correio Braziliense, Edição 07882, 26 de outubro de 1984, p. 27.

¹⁸⁷ Correio Braziliense, Edição 07038, 02 de junho de 1982, p. 21.

I noite de Gala Gay (janeiro de 1983)¹⁸⁸; “Miss Gay” (janeiro de 1985)¹⁸⁹; “Uma noite na Broadway” (outubro de 1988)¹⁹⁰. Uma coisa que não faltou e que revirava a mente de gays e travestis era a imagem do “homem de verdade”. Sem medo de errar, a boate emplacou festas como a “Noite do Cowboy” (setembro de 1981)¹⁹¹.

Essa coisa de criar temas glamourosos para as festas da boate não era algo exclusivo dela, o que evidencia a influência da vida noturna do Rio de Janeiro com seus bailes carnavalescos, famosos concursos de fantasias e shows com travestis nos anos 1950. A explosão cultural em torno do universo “entendido” era algo anterior à inauguração da nova capital do Brasil e que posteriormente, influenciaria na construção dessas identidades. Sobre essas manifestações culturais, James Green afirma:

No início dos anos 50, a tática de tomar conta do espaço nos bailes carnavalescos e de organizar blocos para desfilar travestidos pelas ruas da cidade desdobrou-se em algo novo. Os empresários do entretenimento começaram a visar os homossexuais para seus bailes a fantasia, anunciando sua presença nos eventos e incentivando o comparecimento de travestis. O desejo de alguns empresários de investir nesse mercado específico devia-se, em parte, ao crescimento da subcultura homossexual no Rio de Janeiro no período posterior à Segunda Guerra Mundial, bem como à expansão econômica que ampliou o número e o poder aquisitivo da classe média¹⁹².

Destaco três fatores que marcaram a influência dos EUA no universo de homossexuais e travestis no Brasil, especificamente em seus espaços de sociabilidade: economia, cultura e política. Eles estavam presentes nas referências que orientam esses territórios: música, dança, moda, estilo de vida, perfil identitário e formas de viver. O primeiro era a dependência econômica brasileira, já que eram espaços moldados pelo modo de produção capitalista (sociedade de consumo), a falsa sensação de liberdade e uma profunda desigualdade social. O segundo dizia respeito à influência cultural exercida sobre o Brasil. Nesse sentido, a arte, enquanto manifestação dessas identidades dissidentes contribuiu com a ampliação e seu fortalecimento. Por fim, tínhamos a questão política. Nela estava presente a contestação à ordem política vigente, modelos estabelecidos sobre sexualidades, identidades e expressões de gênero. Esses desejos por mudanças ultrapassaram muitas vezes a polarização existente entre esquerda e direita, trazendo à baila, em alguns momentos, questões relativas à sexualidade, raça e classe.

Ao observar essas manifestações durante a ditadura civil-militar no Brasil, encontramos: Gilberto Gil, Caetano Veloso, Ney Matogrosso, Ângela RoRo, Leci Brandão, Luiz Melodia,

¹⁸⁸ Correio Braziliense, Edição 07269, 22 de janeiro de 1983, p. 13.

¹⁸⁹ Correio Braziliense, Edição 07976, 29 de janeiro de 1985, p. 16.

¹⁹⁰ Correio Braziliense, Edição 09323, 26 de outubro de 1988, p. 25.

¹⁹¹ Correio Braziliense, Edição 06794, 24 de setembro de 1981, p. 43.

¹⁹² GREEN, James Naylor. Além do carnaval [...] 2019, p. 355.

Simone, Marina Lima, entre outras tantas. Essas pessoas, de alguma forma, dominaram o cenário artístico nacional, trouxeram representatividade e encontraram espaços na TV e Rádio. Embora suas existências fizessem parte desse universo contestador e dissidente, destaco Ney Matogrosso por romper totalmente com o modelo heteronormativo e Leci Brandão, por ser uma mulher negra do samba assumidamente lésbica.

João Silvério Trevisan em sua pesquisa traz uma afirmação que considero importante para fortalecer o argumento que desenvolvo neste trabalho:

Concomitante a esses gestos que contestavam a esquerda e a direita, o princípio da década de 1970 viu surgir os *Dzi Croquettes*, um grupo teatral *sui generis*, que buscou embaralhar os padrões de gênero masculino e feminino em suas apresentações. Dentro do mesmo espírito antropofágico e paródico de devorar para tornar seu, esse grupo se inspirou no *The Cockettes* de San Francisco, na Califórnia, grupo também formado por anárquicos homens-mulheres, cujo nome derivava da denominação popular em inglês para o membro masculino – algo como “As caralhetes” em português. Fazendo irônica referência à sua identidade paródica, o cáustico *coquette* abraçou-se no debochado croquete, em homenagem àquele popularíssimo bolinho que aproveita tudo quanto é resto de carne, sem esquecer que no gueto guei brasileiro “croquete” era um dos inúmeros termos para designar o pênis¹⁹³.

O texto do Trevisan colabora na compreensão das referências utilizadas pela Aquarius em propagandas veiculadas no *Correio Braziliense*, ratificando assim, a influência estadunidense sobre a sua autoimagem. A partir disso entendo que seu sucesso por três décadas na noite de Brasília foi resultado das estratégias utilizadas, que de forma assertiva construiu uma referência de excelência do estabelecimento – ainda que fosse no imaginário –, e, não menos importante, se conectou com o desejo de sociabilidade de gays e travestis.

Se pararmos para analisar o que contribuiu com a longevidade da boate, perceberemos algumas questões que interferiram no seu funcionamento e na conexão com outros lugares. Nesse sentido, merecem destaque: o baixo custo no acesso (entrada e localização); espetáculos e festas; propagandas que atraíam clientes de passagem na capital; teatro, cinemas e bares do CONIC.

De todo modo, é preciso reconhecer seu papel social no encorajamento de homossexuais a saírem do armário, algo resultante da sociabilização que fortalece indivíduos a partir da sua relação com a comunidade. Quando olhamos por esse prisma, notamos que a Aquarius cumpre seu papel enquanto gueto, o que não invalida alguns momentos em que travestis foram tratadas de forma discriminatória pelo estabelecimento.

¹⁹³ TREVISAN, João Silvério. *Devassos no Paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018, p. 272.

Em 8 de abril de 1984¹⁹⁴, o *Correio Braziliense* publicou uma matéria sobre tratamentos diferenciados recebidos por travestis em determinados estabelecimentos comerciais do CONIC.

Uma das atrações da “*Aquarius*” são os shows que acontecem nos finais de semana, protagonizados pelo que o proprietário da casa, Oswaldo Gessner, classifica de ator transformista. Na verdade, trata-se de alguns dos mais famosos travestis da cidade. São profissionais, artistas como qualquer outro, com carteira de trabalho assinada e tudo. Eles não ficam por aí fazendo confusão, ou trottoir pelas ruas. Dão duro no palco, fazendo números de mímica ou dança. Esses têm total guarida na *Aquarius*. Os outros não, pois são indesejáveis. Com Oswaldo concorda Joel Monteiro, dono da “*Le Bateau*”, outra conhecida boate do Setor de Diversões Sul (SDS). Ele também proíbe a entrada de travesti em seu estabelecimento e explica porque: “Eles aprontam com os clientes da boate, quando ficam bêbados. Aí se tornam completamente inconvenientes e até mesmo perigosos. Aqui não entram, a não ser os que fazem show. Assim mesmo, quando termina o show eles vão embora. Esses que fazem show são direitos, não perturbam o ambiente”¹⁹⁵.

A reportagem “Enquanto as opiniões divergem, os travestis batalham na chuva” mostra como algumas estruturas são reproduzidas nesses locais de sociabilidade. Há um detalhe interessante sobre essa matéria, que são entrevistas concedidas pelas travestis que batalham na redondeza. Digo que é um detalhe interessante, embora não seja algo excepcional porque já ocorreu em outros momentos. Mas a participação direta desses grupos atende uma perspectiva política de falar “com” e não “sobre”, o que no meu ponto de vista, revela a prestação de um bom serviço aos leitores naquele momento e principalmente para as travestis que tiveram a oportunidade de apresentar suas narrativas diante discurso excludente dos proprietários da *New Aquarius* e da *Le Bateau*.

Mais uma vez, os estigmas que marcam as travestis que se prostituem, ultrapassavam a cisheteronormatividade, já que partiam de lugares que se sustentavam pelas presenças dessas categorias. As justificativas utilizadas pelo Oswaldo Gessner se tornam piores porque se trata de alguém que fatura com essa comunidade. Sua fala era reacionária e excludente, mesmo ao elogiar a funcionária travesti, classificando-a como “um artista transformista”, o que invisibilizava a sua identidade, em nome do lucro. Com relação a essa questão essa visão sobre travestis, como um personagem, ainda é muito comum. De forma mais abrupta, o proprietário classificava as que não faziam parte do meio artístico da boate como “indesejáveis”.

Se por um lado havia opiniões carregadas de preconceitos, por outro, existiam opiniões que divergiam do seu posicionamento e que merecem consideração, como é o caso do garçom Pedro Cavalcanti, do “Bar Capita”, local muito frequentado pelas travestis, aos sábados e

¹⁹⁴ Correio Braziliense, Edição 07702, 08 de abril de 1984, p. 27.

¹⁹⁵ Correio Braziliense, Edição 07702... p. 27.

domingos, após as 22 horas. Ele discorda de forma veemente da postura dos donos da “*New Aquarius*” e da “*Le Bateau*”:

Os travestis são pessoas como as outras. Todo mundo precisa de se divertir e procura os lugares onde isso é possível. Aqui eles são bem recebidos. Chegam, bebem, dançam, namoram, mas nunca fazem confusão. Pagam direitinho e não criam problemas. Estão sempre comprando ficha para máquina de música. Gostam de ouvir músicas quentes, embora tenham alguns que preferem músicas lentas, para dançar agarradinho¹⁹⁶.

A matéria ainda traz a opinião de algumas travestis sobre essa não aceitação, bem como a defesa da prostituição como sobrevivência.

Educação é uma virtude que todos os travestis afirmam possuir. “Duquesa”, 26 anos, que “batalha” nas proximidades das Lojas Americanas, no SCS, não deixa por menos: “Esse papo de que travesti é violento, que travesti apronta, é coisa de homossexuais decadentes. Sou fina e trato muitíssimo bem meus clientes. Tenho família, moro com meus pais, lá no Gama, e eles me aceitam numa boa. Para Marlene, 25 anos, que mora “na faixa das 400”, com “uma colega” e é manicure particular, a educação deve prevalecer em sua profissão e também na hora da “batalha”. Ela explica porque exercer ao mesmo tempo as duas “profissões”: “Na batalha eu faturado muito mais. Por cada programa, dependendo do cliente, eu tiro de 10 a 20 mil cruzeiros. Tem uns espertos que na hora de pagar, querem enrolar a gente. Como têm medo de escândalo acabam pagando o combinado”. [...] Musa, 23 anos, que tem como maior desejo uma viagem à Paris: “Não participo desses concursos aqui em Brasília não. Acho o nível fraco. Prefiro desfilhar minha beleza na rua, batalhando. Tenho uma ótima freguesia. Muita gente bacana me procura. Eles chegam, param o carro, procuram saber quanto a gente cobra e convida para entrar no carro. Aí vamos geralmente para o apartamento deles ou para o motel. Se tudo correr como combinado, tudo bem. Se não, eles se dão mal. Mas não tem essa de travesti assaltar clientes. Quem entra nessa baixaria é travesti pobre. Não é meu caso, que só transo com pessoas da alta sociedade. Mas por que os jornais não dão manchete para os que roubam bilhões do povo? Por que se preocupam tanto com travestis?”¹⁹⁷.

Quando deixamos de lado a romantização dos espaços de sociabilidade, percebemos que a sua construção não se dá pelas mãos dos empresários, ainda que seus estabelecimentos sejam direcionados às travestis e homossexuais. Em outras palavras, não é a voz identitária que se manifesta, mas a voz do mercado. Volto meu olhar à “prática do espaço” de Certeau para afirmar que a guetização é fruto da nossa apropriação e ressignificação territorial. Na medida em que os corpos dissidentes tomam para si uma cidade que os rejeita e suplantam o concreto armado, asfalto, banheiro, cinema ou qualquer outro espaço, é o gueto que pulsa.

Não se trata aqui do gueto romântico, onde gays e travestis vivem seus momentos de liberdade e felicidade. Esse espaço ocupado, também é espaço de disputa, lugar na pista,

¹⁹⁶ *Idem.*

¹⁹⁷ *Idem.*

clientela e sobrevivência. As dinâmicas de marginalização impostas sobre as dissidências sexuais fundamentadas na eugenia e na pior das hipóteses, aniquilação. Mesmo sem citar quem são as travestis que estão batalhando, é possível concluir que para além do recorte de classe e gênero, há o marcador de raça. Com toda certeza temos o racismo embutido nesses discursos de ódio, uma vez que muitas dessas pessoas eram negras.

O *Correio Braziliense*, praticamente, não mencionou a questão racial em suas matérias sobre a comunidade homossexual e travestis nas décadas de 1970 a 1990. Quando observamos fotos referentes ao período, as pessoas negras aparecem em grande número, o que nos leva a entender que existe um embranquecimento da informação que é resultado da invisibilidade no registro jornalístico sobre essas comunidades. Com relação ao discurso de ódio racista, encontrei um registro no *Correio Braziliense* na edição do dia 14 de agosto de 1982, cujo título era “Assassino confessa mas implica mulher do morto”.

Tratava-se do assassinato de Ernesto Alfredo Fontes Sette, encontrado morto e com vários ferimentos, no Ribeirão do Torto¹⁹⁸. Segundo o jornal,

A 2ª Delegacia já conseguiu provas, através de vários depoimentos, que Ernesto era homossexual, tendo sido amante de um “gigolô” apelidado “Carlão”, bastante conhecido na boate gay “Aquarius”. Existem depoimentos na Delegacia da Asa Norte confirmando que Elizabeth ficou revoltada ao tomar conhecimento, há vários meses, que o marido era homossexual e chegou a lhe pedir desquite. Em um dos depoimentos consta que “quando Beth soube que o marido era pederasta passivo se desesperou, entrou em pânico, ora dizendo que ia entregá-lo no Tribunal Maçônico do qual fazia parte; ou que pediria o desquite por não suportar a vergonha de ser trocada por um negro; ou que mesmo deveria desaparecer, porque o desquite só lhe traria prejuízos¹⁹⁹”.

A questão racial trazida para jogo no depoimento da mulher, é um dos três elementos importantes: descobrir que o marido é homossexual passivo, que foi traída pelo esposo com outro homem e que ele era negro, o que aumentara a ira da mulher fazendo com que ela pedisse ao colega de trabalho para executá-lo. Tudo isso aponta o quanto o marcador raça define posições sociais dentro da sociedade naquele período, embora não apresentado diretamente nas fontes pesquisadas.

Com relação essa matéria, a princípio, não me ative aos detalhes do crime, que segue a mesma linha de crimes passionais, por isso o enfoque se deu na identificação dos elementos “raça” e “racismo” na Boate *New Aquarius*. Ainda assim, esse trecho da matéria trazia outros

¹⁹⁸ Unidade Hidrográfica Santa Maria/Torto é formada pelos córregos Milho Cozido e Vargem Grande, afluentes do Santa Maria que, por sua vez, é afluente do Córrego Três Barras e esse, após sua confluência com o Ribeirão Tortinho, forma o Ribeirão do Torto, que desemboca diretamente no Lago Paranoá.

¹⁹⁹ *Correio Braziliense*, Edição 07111, 14 de agosto de 1982, p. 15.

elementos, como, por exemplo, o papel do “ativo”, que não foi enquadrado como homossexual, algo bem comum no entendimento da sociedade. Não seria Carlão um michê?

Essa primeira matéria trazia um limite na compreensão de quem era Carlão, o que me fez continuar a busca sobre esse episódio. Para minha surpresa essa história não se encerrou ali, com a prisão de Carlão, por crime que não estava relacionado à morte de Ernesto, algo apresentado na publicação do dia 20 de setembro de 1982 – “‘Carlão’ é preso e polícia revela seus antecedentes”.

A princípio, ele foi preso por ser amante de Ernesto, e o fato de a viúva mentir que desconhecia a condição sexual do marido fez com que os holofotes da investigação se voltassem ao Carlão, cujo nome era “Renato de Souza”. Sobre o relacionamento com o amante ele confessa: “Eu transei com Ernesto sim, mas não foi por amor: ele me pagava comida e bebida, me dava vida boa, dinheiro”²⁰⁰.

Confirmando como a questão racial potencializou o enredo desse assassinato, o *Correio* traz o seguinte detalhe: “De acordo com o resultado das investigações realizadas pelo agente Iracildo, também da 2ª Delegacia, o motivo do crime foi pelo fato de “Madame Sette” ter descoberto que o marido era homossexual. A fúria da viúva aumentou mais ainda quando soube que o amante de Ernesto era um “negrão”, questão confirmada quando a matéria traz como se deu a descoberta do relacionamento extraconjugal de Ernesto:

“Madame” viu “Carlão” – Cerca de 20 dias antes do assassinato de Ernesto, “Madame Sette” procurou sua amiga Lisieux de Maria Bittencourt, no Sesi, e convidou-a intensamente para ajudá-la a seguir o marido e descobrir com quem ele estava saindo. Chegando ao “Paradão”, em frente à Galeria dos Estados, ponto exclusivo de gays, homossexuais e “gigolôs”, “Madame Sette” e Lisieux viram, de dentro do carro, Ernesto abrir a porta de sua Variant para receber um “crioulo”, de cabelos tipo “*black power*”, que era na verdade seu amante, Renato de Souza, o “Carlão”. Nesta mesma noite, completamente fora de si, “Madame Sette”, jurou para amiga acabar com o marido. [...] Dias depois Ernesto foi encontrado morto, com a cabeça esmagada, à margem do rio Torto, perto da Granja do Torto²⁰¹.

Carlão foi preso por participar de assalto e tinha uma condenação. Por isso, ele confessara ao investigador que era apenas cúmplice. Mas não adiantou, foi preso: “Da delegacia da Asa Norte o maior “gigolô” de homossexuais que já frequentou a “boca do lixo” no Conjunto CONIC e a boate gay Aquarius foi levado para o presídio, onde está cumprindo pena”²⁰².

A experiência com racismo atravessa essa narrativa de forma bem contundente. Essa matéria é um desdobramento de uma assassinato desvendado por motivos passionais, mas a

²⁰⁰ *Correio Braziliense*, Edição 07148, 20 de setembro de 1982, p. 7.

²⁰¹ *Idem*.

²⁰² *Correio Braziliense*, Edição 07111, 14 de agosto de 1982, p. 15.

mandante do crime é tratada a todo tempo como “Madame Sette”, enquanto o amante do marido por ser negro, não envolvido no crime, é denominado a todo tempo como marginal e criminoso. Ser negro é um fator fundamental para que recaísse sobre as costas dele o discurso de ódio. Seria um erro não levar em consideração que Carlão não tenha sido vítima de racismo ou que o marcador racial não tenha influências sobre as narrativas construídas sobre ele e sobre os locais de sociabilidade homossexual, algo pulsante nesse contexto.

Não é exagero afirmar que essa realidade vivida no Distrito Federal é semelhante a outras experiências da comunidade LGBTQIA+ em várias regiões do Brasil. Nesse sentido, Thifany Odara – mulher transgênera, educadora social e yalorixá do Terreiro Oyá Matamba de Kakurucá no bairro de Portão, em Lauro de Freitas – ao trazer em seu trabalho a fala potente de Keila Simpson – travesti, PresidenTRA da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (Antra) – nos apresenta a forma como o racismo e transfobia operam na cidade de Salvador:

Na entrevista, Keila Simpson destaca o quanto foi doloroso vivenciar diversas experiências de exclusão social no Pelourinho (até a década de 1990 chamado de Maciel, local conhecido por ser reduto de profissionais do sexo, travestis, e pessoas em situação de uso de drogas). Ela fala das dificuldades de sair à rua durante o dia, isso se tornava caro para as travestis, pois as diversas opressões sociais as condicionavam a serem vistas como criminosas. Com isso, a violência física e a perseguição policial feita pela guarnição de jogos e costumes era uns dos agravos sociais para além da epidemia de AIDS²⁰³.

O relato de Keila Simpson nos mostra como a noite tem um papel preponderante na vida das travestis, mesmo com todos os seus perigos. Como viver outras expectativas se o dia foi roubado? Se fora das experiências noturnas essas vidas são fragilizadas? É preciso dizer que as estruturas atravessam cada segundo – contado no relógio – da vida de uma travesti. Ainda que homossexuais que acessam o gueto estejam imbricados com as experiências noturnas, eles contam com possibilidades de viver uma vida paralela, onde os privilégios não são negados. Esses arranjos muitas vezes passam pela experiência de se protegerem no “armário”.

As vivências travestis trazidas por Keila Simpson se irmanam com as histórias das travestis veiculadas nas páginas do *Correio Braziliense*. Todas essas narrativas revelam uma estrutura social construída para manter essas pessoas à margem da sociedade, mesmo quando observamos a realidade do gueto, o lugar que deveria ser o da proteção e aceitação. No caso dos gays, levando em consideração a matéria sobre o Carlão, um homem negro, fica evidente o

²⁰³ ODARA, Thiffany. *Pedagogia da Desobediência: travestilizando a educação*. Salvador-BA: Editora Devires, 2020, p. 34-35.

quanto essa mesma estrutura se organizava para torná-lo uma pessoa desacreditada, algo que embasava o tipo de tratamento dispensado pelo jornal ao se referir a ele.

3.2.2 Cine Ritz

É difícil falar sobre a história do CONIC sem passar pelo Cine Ritz (1986-2009) e suas contribuições em termos de economia, cultura e lazer. A diversidade de frequentadores em seus 23 anos de história integrou pessoas e grupos que influenciaram na composição da sociabilidade de homossexuais e travestis, como um tempero picante adicionado ao local. Picante porque atendia desejos presentes nas aventuras furtivas e misturavam grupos antagônicos que interagiam nesse movimento do gueto.

Ao examinar as dinâmicas de funcionamento que compunham essa área do CONIC, destaco um aspecto preponderante que é a capacidade de transmutar em convivência eventuais diferenças que, em circunstâncias normais, gerariam tensões, ainda que esse processo nem sempre fosse bem-sucedido. Isso está registrado em muitos momentos desta pesquisa quando trazemos a presença de policiais fora do horário de serviço, militares, trabalhadores da construção civil e outras pessoas.

Nesse aspecto, é importante que se diga que o fortalecimento do Cine Ritz na cena cultural do gueto estava atrelado à possibilidade de interação de diversos grupos entrelaçados nessa narrativa erótica da cidade. Nathália Novais Chagas, em sua pesquisa intitulada *Libertinagem projetada: livro-reportagem sobre a história das salas de cinema pornô do DF*, traz elementos importantes sobre essa pluralidade que compõe o Cine Ritz. Ela afirma que:

O local atraía todo tipo de gente, pessoas de classe mais baixa, prostitutas, travestis, militares, homens casados e solteiros. “O cinema era o ponto de encontro para quem estava a procura de sexo”, conta Isaías. De acordo com Marcello, muitos soldados do Exército também se prostituíam no local. “Geralmente a abordagem acontecia dentro do cinema e depois as pessoas iam para outro lugar fazer o que quisessem”. Os frequentadores ganharam fama de depravados e pervertidos, segundo alguns comerciantes que trabalhavam próximo ao Ritz, e as mulheres que trabalhavam e frequentavam eram chamadas de prostitutas.

Com a proximidade entre as pessoas, a masturbação não poderia ser consumada no dia de apresentação de Márcia Ferro, enquanto estavam sentados nas cadeiras. A prática era recorrente no cinema, mas discreta aos olhares dos espectadores, e os homens geralmente traziam revistas para cobrir a calça ou faziam movimentos cautelosos. Caso alguém notasse, espectadores e lanterninhas impediriam o ato²⁰⁴.

²⁰⁴ CHAGAS, Nathália Novais. *Libertinagem projetada: livro-reportagem sobre a história das salas de cinema pornô do DF*. 2013. 35 f. Monografia (Livro) (Bacharelado em Comunicação Social) – Universidade de Brasília - UnB, Brasília, 2013, p. 28-29. Disponível em: <https://bdm.unb.br/handle/10483/6472?mode=full>. Acesso em: 26/08/2023.

Sua inauguração foi divulgada de forma ampla no *Correio Braziliense* com intuito de criar expectativas sobre o mais novo espaço cultural da capital. Por essa razão o tipo de abordagem veiculada no jornal mesclava o que o cinema poderia vir a ser e oferecer, bem como sua narrativa erótica que atrairia homens de todos os lugares do Distrito Federal. O fato de ser um estabelecimento acessível aos bolsos mais populares e oferecer serviços mais apelativos bastante consumidos por homens que curtem “sacanagem”²⁰⁵ contribuiu com a diversidade de frequentadores em suas sessões.

Em uma matéria intitulada “Pornografia na tela e ao vivo”, o *Correio Braziliense* expôs a seguinte descrição:

Depois da Semana Santa, Brasília vai ganhar uma atração dos diabos: o Cine Ritz, cujo compromisso é mostrar no palco as mesmas sacanagens exibidas nas telas da maioria dos cinemas da cidade. Ele vai funcionar no local mais adequado do Plano Piloto para esse tipo de proposta: o Setor de Diversões Sul (SDS), no espaço onde um dia existiu o Superama, que também tinha uma programação dedicada aos filmes pornôs e de Karatê²⁰⁶.

Algumas questões quando nos referimos ao Cine Ritz sobre às expectativas que giravam em torno dele podem ser atribuídas às propagandas dos filmes e shows que seriam apresentados. Com relação à inauguração do cinema, houve ampla divulgação nas páginas do *Correio Braziliense*, principalmente por meio de chamadas recorrentes, informações importantes sobre o lugar e com destaque aos espetáculos denominados “*Strip-Show*”²⁰⁷.

Tratava-se de um espaço multiúso que compreendia cinema e palco para apresentações (*shows, striptease, performances*). Destaco também, a chamada publicada um dia antes da inauguração, que além de trazer as informações já veiculadas, apresentava o filme que daria início o caminho do Cine Ritz no cenário cultural erótico da capital: *O barco do sexo* (1980).

²⁰⁵ Segundo o Dicionário Michaelis online, a palavra “sacanagem” é um Substantivo Feminino (SF) que significa: 1 VULG Ato, dito ou comportamento de sacana; sacanice. 2 COLOQ Atitude maliciosa ou perversa; maldade. 3 VULG Ato imoral ou devasso; devassidão, libertinagem. 4 VULG Ato ou efeito de masturbar-se. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/sacanagem/> Acesso em: 06/10/2021. Ela é uma palavra bastante utilizada para se referir a pornografia, como por exemplo: filme pornográfico = filme de sacanagem; revista pornográfica = revista de sacanagem. No caso específico sobre o Cine Ritz, grande parte das pessoas se referiam a ele como uma “cinema de sacanagem”, tanto pelos filmes quanto pelos espetáculos de sexo ao vivo e *striptease*.

²⁰⁶ *Correio Braziliense*, Edição 08389, 25 de março de 1986, p. 24.

²⁰⁷ *Correio Braziliense*, Edição 08404, 10 de abril de 1986, p. 22.



Figura 22 – Senhoras e senhores, com vocês o Cine Ritz! *Correio Braziliense*, Edição 08384, 20 de março de 1986 p. 26.



Figura 23 – “O barco do sexo” e muita sacanagem no intervalo. *Correio Braziliense*, Edição 08404, 10 de abril de 1986, p. 22.

O filme que abre a série histórica de muita “sacanagem” daquele que se tornaria o principal cinema pornô de Brasília prometia esquentar o ambiente, pois além da apresentação do “O Barco do Sexo”, haveria um *Strip-Show*, que era uma novidade para esse tipo de ambiente. Ao pesquisar sobre as informações da película, vi que não havia participação de travestis e seu enredo era muito parecido com o que é apresentado comumente em outras obras. Segundo o site *Free Ones*, trata-se de um filme de alta produção, produzidos entre os anos 1980 e 1990 e com a seguinte descrição:

Dezoito das garotas mais bonitas de *Penthouse*, *Chic* e *Hustler* dão as boas-vindas a você a bordo do cruzeiro de sua vida! Uma tripulação só de mulheres atende a seus clientes abastados, que são enviados a bordo deste transatlântico de luxo por seus maridos ricos que querem que elas fujam e relaxem. Dois jovens embarcam disfarçados de mulheres. O que acontece a seguir, quando o navio sai do porto, irá surpreendê-lo completamente. Este sexo *blockbuster* é mais úmido do que a água ao seu redor²⁰⁸.

No dia 25 de março de 1986, dois dias após a primeira propaganda do Cine Ritz, o *Correio Braziliense* veiculou a seguinte matéria: “Pornografia na tela ao vivo”²⁰⁹. A publicação trouxe de forma despojada e, ao mesmo tempo entusiasmada, a mais nova sensação da cidade, afirmando que o compromisso da sala “é mostrar no palco as mesmas sacanagens exibidas nas

²⁰⁸ A descrição do filme *O Barco do Sexo* (*Sexboat*) foi extraída de um site cujo nome é *Free Ones*. Trata-se de um canal em que se aluga filmes para assisti-los online. A plataforma também oferece a possibilidade de aquisição de todos os seus conteúdos de forma ilimitada para assinantes, *Stream for Life*. Disponível em: <https://www.freeonesondemand.com/dispatcher/movieDetail?genreId=101&theaterId=14343&movieId=36475&locale=pt>. Acesso em: 05/04/2022.

²⁰⁹ *Correio Braziliense*, Edição 08389, 25 de março de 1983, p. 24.

telas da maioria dos cinemas da cidade”²¹⁰. Seu proprietário afirma que esse modelo de atração era algo comum no Japão, antes mesmo de se proliferar para outros lugares no Brasil (São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte).

No primeiro momento, o Cine Ritz traz para esta pesquisa a possibilidade de se pensar o encontro de grupos antagônicos na sociabilidade homossexual e de travestis no espaço do CONIC. Essa questão está cristalizada no entendimento deste trabalho, especialmente na tentativa de desvendar a apropriação e ressignificação dos espaços, especificamente o CONIC, que é tão presente no imaginário popular do DF.

Na medida em que estabeleço diálogo com essas fontes, algumas questões postas, de certa forma, ratificam essa minha percepção. Se no início eu forço essa relação do cinema com a comunidade LGBTQIA+, em seguida as fontes me apresentam como o estabelecimento pensa essa relação: mais voltada à disputa comercial do que do ponto de vista identitário. Segue o trecho da reportagem:

Instalado no Setor de Diversões Sul (SDS), o Cine Ritz não vai concorrer apenas como os cinemas ali existentes. Vai roubar também um pouco da clientela de boates como a *New Aquarius*, reduto gay; a Bataclan, que faz o gênero “mundo cão”; e a *La Bohême*, que tenta elevar o nível exibindo artistas da noite que já pisaram em palcos internacionais do gênero, inclusive no Japão. O preço do ingresso ainda não foi definido. Como cinema, o proprietário terá de praticar o preço determinado pela SUNAB²¹¹: 20 cruzados congelados. Mas como não será apenas um cinema, pois no intervalo de cada sessão haverá shows de *strip-tease*, o dono certamente vai querer cobrar mais do fiel público do cinema pornô. Mas aí há, porém, um problema: essa plateia fiel é constituída, em sua grande maioria, por recrutas, comerciários e homossexuais de baixa renda – sem renda, portanto, para pagar alto pela novidade²¹².

A sociabilidade em determinados ambientes trazia um estigma profundo, como se operassem na clandestinidade. O trecho do *Correio Braziliense*, ao abordar a Superintendência Nacional de Abastecimento (SUNAB), contrastava essa ideia de lugares clandestinos ao apresentar o Cine Ritz como espaço legalizado, sujeito a obrigações fiscais perante o Estado. Isso não significa, porém, que essa característica fosse aplicável a todos os lugares de interações sociais. Áreas a céu aberto, como praças públicas, parques e viadutos e outros espaços como praças de alimentação e áreas de tráfego intenso, todos contribuem para a sociabilização. No

²¹⁰ *Idem*.

²¹¹ SUNAB (Superintendência Nacional de Abastecimento) criada pela Lei Delegada nº 4, de 26 de setembro de 1962, alterada pelo Decreto nº 56.452, de 9 de junho de 1965, e reestruturada pelo Decreto nº 75.730, de 14 de maio de 1975. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/superintendencia-nacional-de-abastecimento-sunab>. Acesso em: 07/10/2021.

²¹² *Correio Braziliense*, Edição 08389, 25/03/196, p. 24)

entanto, a suas dinâmicas são distintas daquelas encontradas em bares e boates voltados para públicos específicos.

A matéria apresentou um perfil utilitarista do Estado na relação com o gueto, que difere das informações abordadas por esta pesquisa na maioria dos documentos consultados. Essa perspectiva está relacionada à sua incorporação como consumidor, porém, esse não é o foco da tese. Aqui me tenho a outros aspectos das vivências que dão sentido a estes lugares e, ao mesmo tempo, em que aponto a construção da representação negativa das pessoas e seus espaços de convivência.

A exemplo disso, destaco a abordagem sobre os recrutas e homossexuais de baixa renda e a especulação por parte do jornal, se eles terão ou não dinheiro para acesso ao local. Essa especulação por parte do *Correio Braziliense*, mais uma vez, mostra como ele lida com estes lugares considerados marginais, sobretudo, em uma operação de desvalorização das pessoas e suas histórias em seus espaços de interação: “Brasília apenas ganhará mais uma sala de pornô brega. Com uma diferença: pornô brega ao vivo e em cores e fora da tela”²¹³.

Por outro lado, é importante perceber que essa diversidade no interior do CONIC altera de forma considerável a dinâmica dos lugares de sociabilidade homossexual e de travestis. Para além do juízo feito pelo *Correio Braziliense* ao se referir à *New Aquarius*, Bataclan, La Bohême e posteriormente o Cine Ritz, o que se pode afirmar é que havia certa intersecção entre esses espaços quando se considera a presença da comunidade de dissidentes sexuais e outras pessoas que não pertenciam aos grupos em questão. A noite no Setor de Diversões Sul (SDS) apresentava conexões inimagináveis.

Em matéria publicada no dia 27 de março de 1986, mais uma vez o *Correio Braziliense* colocou o Cine Ritz no radar do jornal, gerando expectativas sobre sua inauguração:

Puritanos de todos os quadrantes deste Planalto Central, arrepiem-se. Não-puritanos, deliciem-se. Brasília ganha brevemente um cinema que intercalará filmes de sexo explícito com strip-tease, ao vivo. No melhor modelo dos cinemas da Boca do Lixo, Avenida São João/Ipiranga em São Paulo. [...] Ainda não temos detalhes se o show será apenas de *strip-girls* ou se abrirá espaço aos *strip-boys*. Aguardemos²¹⁴.

Da mesma forma que a *New Aquarius* se espelhava em lugares como São Paulo e Rio de Janeiro na construção narrativa de sua imagem, o Cine Ritz parecia seguir o mesmo caminho, espelhando-se em cinemas dessas regiões, como apontado pelo *Correio*. Essas questões têm a

²¹³ *Idem*, p. 24.

²¹⁴ *Correio Braziliense*, Edição 08391, 27 de março de 1986, p. 19.

ver com a pouca idade da capital que construía naquele período suas marcas próprias. Nesse sentido, os grandes centros acabavam servindo de modelo.

De todo modo, é quase impossível ser indiferente a sua presença na cena cultural da cidade, principalmente naquilo que ela provoca nos “puritanos” e “não-puritanos” com seus conteúdos e formas. Inicialmente, ao que tudo indica, a partir das primeiras incursões no cenário cultural de Brasília e presentes nas páginas do *Correio Braziliense*, o cinema tinha uma programação bem heteronormativa e apelativa, sem a presença direta das temáticas que envolvessem a comunidade de gays e travestis, pelo menos de forma direta.

Essa questão está presente nas duas incursões a seguir: Os filmes *Solar das taras proibidas* (1984) e *Loucas por cavalos* (1986). Elas seguem o mesmo padrão dos filmes eróticos mais tradicionais – algo que agrada a maior parte do público, como apresentado nas chamadas a seguir e suas respectivas descrições:



Figura 24 – “Solar das taras proibidas” e “A chupeta erótica”. *Correio Braziliense*, n. 08418, 24 de abril de 1986, p. 26.

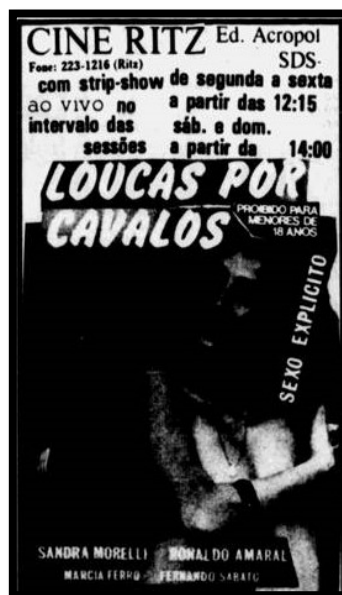


Figura 25 – Nunca mais vocês terão medo de montar: “Loucas por cavalos” *Correio Braziliense*, n. 08793, 9 de maio de 1987, p. 20.

“Solar das taras proibidas” – É a história de cinco mulheres e uma tia ninfomaníaca que recebe dois sobrinhos para passar uma temporada em seu solar, em Petrópolis. Na verdade, porém, os rapazes não são sobrinhos, mas sim massagistas contratados pelo caseiro a mando da tia. Enquanto as coisas acontecem no solar, as cinco mulheres sofrem uma chantagem, em consequência da estranha morte de um homem desaparecido no passado, tido pela imprensa como vítima da tia, a maior suspeita. A verdade que se procura estabelecer, então, é que o homem morrera durante um ato sexual com a tia ninfomaníaca. Ao pedir socorro a um delegado amigo, tudo na base do fingimento, a tia megera volta a ser inocentada, enquanto o chantagista acaba preso e os

dois falsos sobrinhos simplesmente vão embora. A tia resolve programar novamente outros 'sobrinhos' com o caseiro...²¹⁵.

“Loucas por Cavalos” – O gato de estimação da família narra os acontecimentos e comportamentos bastante singulares de seus donos. Primeiramente, ele fala da loucura de sua proprietária – uma jovem e bonita moça de 20 anos, de temperamento ciclotímico, sempre alternando riso e choro, sem nenhum motivo aparente. Mas a mulher tem um sério problema que leva seu marido a brigar com ela quase todos os dias. Ela delira e fala nos sonhos. O marido desconfia de sua felicidade. Pressionada, a mulher conta – ela sonha com cavalos. Novas brigas. A mulher passa a ter alucinações. Enquanto fala com o marido, enxerga-o com cabeça de cavalo. Ri de sua própria loucura. Seus sonhos eróticos continuam. Certa noite, após um intenso sonho erótico com cavalos copulando, acorda e depara com seu marido dormindo ao seu lado, munido da cabeça de cavalo, com dois olhos transmitindo uma luminosidade sinistra. Ela acorda gritando. Mas tudo não passou de um sonho, de uma visão aterradora. Confessa seu sonho ao marido e revela também seu segredo – a perda da virgindade aos 13 anos, montando a cavalo na fazenda de seu tio. Narra que, quando o cavalo correu ela sentiu medo, e depois, segurança, pois sentiu que o cavalo gostou dela e, cavalgando, com seu órgão raspando no couro suado do cavalo, sentiu a estranha sensação de que estava molhada e notou que era sangue, tinha perdido a virgindade. A partir desse dia, ela passou a ser assolada por uma série de visões terroríficas. Certa noite, ao chamar seu marido para jantar, não o encontrou em nenhum lugar da chácara. Penetra no bosque, já fora da chácara. De repente, a estranha figura do homem-cavalo (do sonho) se materializa, assustando-a com seus olhos brilhantes. Foge desesperada. Passa a ser perseguida pela figura. É socorrida por um casal de namorados que estava dentro de um carro. É levada até sua casa, onde encontra seu marido lendo jornal tranquilamente. A partir deste dia, é assolada por essa visão. Certo dia, ouve um som estranho vindo do bosque. Encontra seu marido procurando desesperadamente livrar-se da cabeça de cavalo que, inexplicavelmente, aderiu e não quer mais sair. Ele usou essa artimanha para assustá-la, para livrá-la de seus sonhos malucos. Estava terrivelmente enciumado. E assim, ele é obrigado a conviver com a cabeça postiça de cavalo. Feitiço contra o feiticeiro. E quanto à mulher, nunca mais teve sonhos com cavalos. Encheu-se de cavalos, e não suporta ter que viver com alguém com uma cabeça de cavalo. Daí, seus ataques de loucura²¹⁶.

Ainda que as produções obedecessem ao universo erótico heterossexual em um país considerado campeão em consumo de pornografia, muitos homens saíam do cinema prontos para qualquer tipo de aventura. Considerando a localização do cinema, o público frequentador do CONIC, as possibilidades eram inúmeras, algo que fazia esses ambientes inflarem de um público diverso. Esse é um exemplo real de que os interesses se cruzavam no Setor de Diversões Sul (SDS) e seus inferninhos, onde todo mundo saía lucrando, desde um programa, até uma transa com alguém que estivesse disponível.

²¹⁵ Descrição do filme “Solar das taras proibidas”. Disponível em: <https://filmow.com/o-solar-das-taras-proibidas-t94553/>. Acesso em: 05/04/2022.

²¹⁶ Descrição do filme “Loucas por cavalos”. Disponível em: <http://bcc.gov.br/cartazes/450985#>. Acesso em: 05/04/2022. As informações contidas no site pertencem à seguinte obra: SILVA NETO, Antonio Leão da. Dicionário de filmes brasileiros : longa-metragem. Apresentação Frederico Botelho; prefácio Rubens Ewald Filho. São Paulo : A. L. da Silva Neto, 2002. 943 p. Incl. bibliografia e índice por ano de lançamento ou produção.

O universo empresarial com toda sua experiência, muitas vezes não se apega a questões que normalmente consideramos relevantes, sobretudo porque seu foco é ganhar dinheiro. Para isso, se precisar mudar seu perfil enquanto estratégia, o fará sem nenhum tipo de reserva. Porém, é preciso considerar que as temáticas dos filmes não dizem respeito apenas às inclinações das salas de cinema, mas ao próprio público consumidor e ao tipo de contexto vivido pela sociedade.

Ao pesquisar os anúncios do cinema no *Correio* observei que nem mesmo a pandemia da aids /hiv ficou de fora da telinha. O que me despertou a atenção foi a audácia de trazer para a programação a seguinte película: *AIDS, furor do sexo explícito*. Antes de pesquisar a obra, fiquei me perguntando como o fator aids compôs o enredo do filme ou como se excitar com um tema tão pesado para aquele período. Outro ponto que me parecia provável, e ao mesmo tempo preocupante, era de que havia uma estratégia de defesa de que o sexo no modelo heteronormativo era seguro e, portanto, livre da transmissão do hiv.



Figura 26 – “AIDS furor do sexo”. *Correio Braziliense*, n, 08572, 18 de setembro 1986, p. 26.

Ao observar o anúncio do filme e da “delirante orgia de sexo”, fica evidente as formas que o mercado cinematográfico utilizava para atrair seus espectadores. Nesse sentido a película em questão – *AIDS furor do sexo explícito* – apresentava um conteúdo completamente diferente de outros filmes, principalmente, por trazer ao jogo uma temática que ultrapassava as expectativas de quem procurava os tão badalados “filmes de sacanagem”, que é a contaminação pelo hiv.

Além das dúvidas geradas pela propaganda do filme, sua sinopse o apresentava de forma bem superficial, mesmo com o peso de sua temática:

Rapaz contrai aids e tenta descobrir, através de flashbacks, quem o contaminou. Filme feito para aproveitar o surgimento da doença no Brasil. De qualquer forma, trazia alguma informação, numa época em que ninguém sabia direito o que estava acontecendo²¹⁷.

Embora eu não consiga afirmar se foi uma estratégia, tendo a acreditar que a forma utilizada na elaboração da sinopse foi para que não tivesse um efeito contrário ao esperado, que seria a baixa no público de filme, que poderia se assustar com as informações que eram consideradas sensíveis para o período. Se por um lado a obra atraiu muitas pessoas ao cinema, por outro gerou debates. Segundo Dionys Melo dos Santos, ao se referir à película:

Outro filme produzido em paralelo a obra de David Cardoso explora os desdobramentos da aids no contexto nacional, *Aids: furor do sexo explícito* (Victor Triunfo pseudônimo de Fauzi Mansur, Brasil, 1985). Ele apresenta um enredo simples onde, após uma orgia, um homem passa a investigar como contraiu aids. O filme curiosamente conta com a atriz travesti Patrícia Petri, a mesma que protagoniza *Novas sacanagens do viciado em c...*, em um papel de destaque. Mais uma vez ao longo da película será possível observar uma constante associação entre aids e sexo não heteronormativo²¹⁸.

É inegável que o mercado não tem limites na busca por dinheiro, o que demonstra falta de responsabilidade com a vida humana. A estrutura que dilacera homossexuais e travestis e desqualifica suas vidas é a mesma que lucra com suas existências, sobretudo, no consumo de pornografia, lembrando que o Brasil é recordista nesse mercado. Com relação ao longa-metragem, é preciso lembrar que o ano de 1986 remete ao auge da pandemia de aids e que a sua mensagem não era apropriada para uma emergência sanitária.

Esse era um tipo de serviço que desinformava, estigmatizava a comunidade de gays e travestis, retroalimentava o preconceito advindo da doença e vendia a mensagem de uma orgia como segura, sobretudo, por não ter gays e travestis. Não consigo dimensionar o que isso provocou no público frequentador do Ritz, ou até mesmo em pessoas que foram contaminadas

²¹⁷ Disponível em: <https://www.clubedocolecionador.com/produtos/aids-furor-do-sexo-explicito/>. Acesso em: 30/04/2022.

²¹⁸ A pesquisa a seguir discute a presença de travestis e transexuais brasileiras na pornografia audiovisual e os desdobramentos negativos sobre suas feminilidades. Entre as obras trabalhadas por ela, está o filme *Aids o furor do sexo explícito*. SANTOS, Dionys Melo dos. *As travestis no cinema da Boca do Lixo e na pornografia digital*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Sociologia, UFSCAR - Universidade Federal de São Carlos. São Carlos - São Paulo, p. 181, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/11583/SANTOS%2c%20D.M.%20AS%20TRAVESTIS%20NO%20CINEMA%20DA%20BOCA%20DO%20LIXO%20E%20NA%20PORNOGRAFIA%20DIGITAL.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 13/10/2021.

pela doença e que de repente tiveram curiosidade para ver a abordagem do filme. Acredito que não deva ter abalado seus fins comerciais, já que o grande interesse de quem procurava o Cine Ritz era o consumo de pornografia e encontros furtivos, em alguns casos.

Definitivamente o conteúdo dos filmes e espetáculos apresentados no Cine Ritz não tinha como base as vivências de homossexuais e travestis (com poucas exceções). Agora, isso não significa que não exerciam impactos nas sociabilidades desses grupos, com destaque ao centro de Brasília. Isso se deu pelo fato de que a grande parte das pessoas que se relacionava com homossexuais e travestis vivia sob a máscara da heteronormatividade. Em outras palavras, a busca pelos chamados “homens verdadeiros, como citado por esta pesquisa, ou busca por relações casuais – sacanagem – conectavam o cinema ao universo dos “espaços entendidos”, como afirmado anteriormente. Sobre as exceções relacionadas à comunidade de homossexuais e travestis nos espetáculos, a presença do bailarino Jhonny Alcantara (também grafado como Jone) causou um certo espanto na plateia e mereceu destaque no *Correio Braziliense* – “Homem: a isca para o filme pornô”²¹⁹.

Uma apresentação que causou furor e espanto, mas que conquistou a simpatia da maioria que frequentava o lugar – uma plateia majoritariamente masculina –, que entre gritos de descontentamento que partia de alguns e aplausos da maior parte, parecia aprovar a performance cheia de rebolados do bailarino. Esse rebolado desafiou as masculinidades, se colocou como algo relevante em um ambiente visto como machista e foi bastante importante enquanto presença homossexual no principal palco de *strip-tease* da capital.

²¹⁹ Correio Braziliense, Edição 08793, 09 de maio de 1987, p. 19.

CINE RITZ Antigo Superama
 SDS-
 Ed. Acropol

Fone: 223-1216 (Ritz)
 com strip-show
 ao vivo no
 intervalo das
 sessões

Ed. Acropol
 de segunda a sexta
 a partir das 12:15
 sáb. e dom.
 a partir da 14:00
 o primeiro em Brasília

NOVO SHOW
 Em curta temporada

Jhonny Alcantara

**Um dos maiores
 bailarinos do momento**

**EMOÇÕES SEXUAIS DE
 UM CAVALO**

DE: Sady Baby e Renato Alves
 Com: Mokerley, Sofia Brumer, Priscila
 Presley, Luana, Débora Kerley
 ator convidado: Pedro de Lara
 Participação especial do cavalo "RADAR"

Figura 27 – Jhonny Alcantara: um dos maiores bailarinos do momento. *Correio Braziliense*, n. 08579, 2 de outubro de 1986, p. 30.

CORREIO BRAZILIENSE
APARTE
 Brasília, sábado,
 9 de maio de 1987 19

CINE RITZ

No Ritz a dose pornográfica cresce de filme para filme. Agora o atrep tease das "meninas" é temperado com o baile erótico de um "belo rapaz"

CINE RITZ apresenta
SEXO DÓIDO

CINE RITZ apresenta
EU ADORO ESSA COBRA

CINE RITZ apresenta
ERÓTICO 1987

CINE RITZ apresenta
A TAPA DO TÓRNO

Grec!

PLAUSO

Figura 28 –Agora é a vez dele mostrar o seu balanço. *Correio Braziliense*, n. 08793, 9 de maio de 1987, p. 19.

Sobre isso, o jornal registra a seguinte consideração:

Agora, o Cine Ritz tem outra novidade: homem. Um “belo rapaz” em trajes sumários – apenas uma malha apertadíssima – ressaltando o órgão sexual que ninguém vê, sobe ao palco para fazer uma sessão de autêntico contorcionismo que dura exatos quinze minutos e no final, acaba aplaudido pelos homens mais machos do planeta. Dentro do Ritz, todos, sem exceção, se consideram a raça pura do machismo²²⁰.

A fama e alta procura pelos filmes eróticos oferecidos pelo Cine Ritz não foram suficientes para evitar que, em 2009, após várias denúncias, a sala fosse fechada pela polícia sob a alegação da falta de alvará de funcionamento, porém, ela continua em pleno funcionamento na memória do CONIC. Essa é lembrança mobilizada em reportagem do *Jornal de Brasília* em 2015:

Aos poucos, porém, o local foi caindo em decadência. Com mudanças constantes no trabalho e diminuição dos valores das apresentações, os próprios profissionais do espaço, como as strippers, foram abandonando o cinema. Segundo relatos, após isso, a prostituição se tornou o carro-chefe da sala. O problema tomou tal proporção que, em 2009, lembram comerciantes do CONIC, “alguém denunciou o dono do Ritz, e a polícia fechou a sala com a justificativa de ser por falta de alvará”²²¹.

Se por um lado, o Setor de Diversões Sul (SDS) do Plano Piloto sofreu estigmatizações equivocadas que partiram da população do DF, por outro, fomentou reflexões a respeito do seu funcionamento e apropriação. A forma como a vida se organizou nos espaços prediais do complexo imprimiu um ritmo muitas vezes caótico. Esse caos a que me refiro não parte de um julgamento depreciativo, mas da maneira como o CONIC abrigou as diferenças e como elas interferiram nas vivências que se instalaram ali. Embora questões ligadas a pluralidade, descaso e vivências façam parte do levantamento sobre a Aquarius e o Cine Ritz, é necessário destacar que elas retornam de forma recorrente na abordagem desses espaços.

Em um trabalho publicado no “VI Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo” no ano de 2020, Rogério Rezende e Luciana Saboia colaboram com a compreensão daquilo que chamo de caos. Ao pontuar algumas características do local, ajudam-nos na aproximação do que facilitou a prática do espaço dentro do CONIC.

Nesse aspecto, é preciso reiterar a localização privilegiada, tanto por ser central quanto pelo fácil acesso, em um espaço que poderia ser o mais caro de Brasília, mas que não se apresentou dessa forma. Esse é um dos pontos paradoxais relacionados ao Setor de Diversões Sul (SDS). Acerca disso, a dupla de pesquisadores afirma:

²²⁰ Idem.

²²¹ *Jornal de Brasília*, Edição Digital, 21 de abril de 2015, <https://jornaldebrasil.com.br/brasil/Conic-sexo-drogas-e-deus/>. Acesso em: 15/05/2022

Na parte sul do CONIC encontra-se o Largo da Boêmia, local historicamente ocupado por atividades boêmias e sexuais de Brasília. Esta “vocação” acompanha a própria história da construção da cidade, quando a região definida entre o SD (Setor de Diversões), Setor Hoteleiro Sul (SHS) e Setor Comercial eram utilizados como ponto de prostituição. Com o subaproveitamento dos solos do CONIC, a baixa qualidade, difícil acesso, e conseqüentemente baixos aluguéis favoreceram a ocupação por prostíbulo, casas de massagem, sauna gay, boates e bares. Atualmente grande parte dos estabelecimentos, como cabines de exibição de filmes eróticos, cinemas pornográficos, bares, boates e prostíbulo que funcionavam nesta parte do CONIC foram fechados pela administração de Brasília. Atualmente, as opções de entretenimento adulto estão restritas a um espaço de festas, uma sauna gay e alguns botequins²²².

Alguns pontos presentes no texto de Rogério Rezende e Luciana Saboia nos aproximam do entendimento sobre o papel do CONIC em relação à sociabilidade homossexual e travesti no centro da capital: a marca da boemia e atividades sexuais; o território como lugar de prostituição; e os baixos valores dos aluguéis como facilitador da instalação de prostíbulo, casas de massagens, sauna gay, boates e bares.

Esses fatores, de alguma forma, servem de conexões entre os espaços e territorialidades, como no caso do Cine Ritz e sua interferência no gueto LGBTQIA+. Nesse prisma, aspectos como “atividades sexuais” e “território como lugar de prostituição” devem ser entendidos como estruturas que definem quem é quem e quais lugares devem ocupar.

Perlongher, ao pensar esses territórios, traz uma visão do gueto muito difícil de ser percebida e compreendida por aquelas pessoas que não fazem parte desses grupos de dissidentes sexuais e não frequentam esses espaços. Ele usa o paradoxo fuga e captura como forma de simbolizar esses territórios. Segue sua percepção:

Duplo mecanismo: por um lado, as “áreas de perdição e vício das grandes cidades” – que preocupavam já a Park, que se propunha a “entender as forças que em toda cidade grande tendem a desenvolver esses ambientes isolados nos quais os impulsos, as paixões, e os ideais vagos e reprimidos se emancipam da ordem moral dominante” – poderiam ser lidas como uma espécie de ponto de fuga libidinal, onde “as paixões, instintos e apetites, incontrolados e indisciplinados”, os “impulsos selvagens”, reprimidos ou sublimados na ordem urbana da normalidade, encontrariam vazão. Simultaneamente, esses desejos proscritos, desterrados do corpo social, seriam reconhecidos, classificados, controlados, “reterritorializados”, na válvula de escape da “região moral”.

Esse duplo movimento de “desterritorialização” a respeito da ordem moral e familiar dominante, e de “reterritorialização” no “código-território” do gueto homossexual, esta inscrição na “desordem organizada” (*Bataille*) da “territorialidade perversa” (Deleuze e

²²² REZENDE, Rogério; SABOIA, Luciana. In: *Brasília e o espaço público: projeto e cotidiano no Setor de Diversões Sul (SDS), o CONIC*. In: VI Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Brasília, Universidade de Brasília - UnB, 2020, p. 9.

Guattari), se exprime também nas próprias trajetórias existenciais dos sujeitos envolvidos no meio²²³.

A partir das palavras de Perlongher, temos o desenho do gueto, nossa fuga e nossa captura, uma área que nos liberta e que em seguida nos encarcera. Não se trata de negar a importância desses territórios, mas de compreender que eles não são só ressignificados por nós. Há outras forças que divergem, impondo um movimento dialético da cidade. Na medida em que estes lugares são apropriados por travestis e homossexuais, a cidade cuida de conter o avanço desses grupos.

Entre os artificios utilizados destaco: falta de alvará; presença de igrejas neopentecostais; e a ação policial e outras estruturas do Estado que dizem proteger as pessoas de bem e de moral ilibada. Faço esse questionamento para mostrar que o Setor de Diversões Sul (SDS) não é essa liberdade toda. Até o momento vimos isso com a Boate *New Aquarius* e o Cine Ritz, o que reitera a existência de um tipo de estrutura que age contra esses espaços e seus públicos.

Assim como Perlongher destaca essa dual experiência – fuga e captura – da guetização do espaço, observa-se um processo semelhante de ressignificação territorial. Isso ocorre à medida que transformamos o lugar do perigo em um espaço de sobrevivência e encontro, ou seja, o próprio gueto. Esse fator não está ligado apenas ao prazer, mas à própria construção da identidade.

Ainda sobre o gueto, o autor utiliza o conceito de “região moral” para se pensar as territorialidades que estão à margem da sociedade e que de alguma forma, mesmo ocupando espaços urbanos comuns, preservam suas identidades e suas formas de operar no mundo.

Marginais de todas as espécies - bichas, gays, michês, travestis, prostitutas, trombadinhas, cafetões e simples transeuntes - instalam suas tendas noturnas na “região moral”. É interessante destacar que, apesar da “dignidade homossexual”, o gueto gay (e os pontos de michês que o bordejam) se inscreve – territorial e historicamente – no campo da marginalidade, guardando face a outras variantes uma relação não de confusão, mas de contiguidade. Assim, pontos de prostitutas e travestis podem ser contíguos a pontos de gays e michês, mas raramente se misturam²²⁴.

Essa percepção da contiguidade em relação a ocupação da cidade por travestis e gays em muitos momentos, mostra como os territórios possuem marcações rígidas e quase sempre não percebidas por quem não faz parte dos referidos grupos. Na medida em que conhecemos

²²³ PERLONGHER, Néstor. *O Negócio do Michê: a prostituição viril em São Paulo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987, p. 185-186.

²²⁴ PERLONGHER, Néstor. Antropologia das sociedades complexas: identidade e territorialidade, ou como estava vestida Margaret Mead. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 8, n. 22, 1993, p. 89-97.

essas vivências, a leitura das fontes documentais passam a nos oferecer outras possibilidades de compreensão.

3.2.3 Faculdade de Artes Dulcina de Moraes

A Faculdade Dulcina, inaugurada em março de 1982, foi fundamental para a cena cultural do CONIC, pois agregou ao espaço uma diversidade de pessoas: artistas, gente da educação e da política, entre outros movimentos sociais. Trata-se de uma instituição de ensino que, além da formação profissional no campo das artes, contribuiu de forma direta à produção cultural no Distrito Federal. Segundo a própria instituição:

A Faculdade de Artes Dulcina de Moraes, criada e mantida pela Fundação Brasileira de Teatro – FBT, é fruto do sonho e do compromisso da atriz Dulcina de Moraes com a formação de artistas e arte-educadores no Brasil. A faculdade, com mais de 25 anos de atuação, foi criada em 07 de março de 1982, em Brasília, [...] Assim como a faculdade, sua criação foi um empreendimento de Dulcina e de seu marido, o também ator Odilon Azevedo. À frente de seu tempo, Dulcina mantinha especial preocupação com a formação e profissionalização dos artistas. Em 1955 realizou o primeiro Congresso de Ensino de Teatro, com importantes nomes de nossa cultura. No ano seguinte solicitou ao Ministério da Educação e da Cultura autorização para funcionamento da Academia de Teatro, que tinha como objetivos promover a formação, a especialização e aperfeiçoamento do pessoal do teatro, em todas as modalidades funcionais, e constituir um centro de estudos e de divulgação da cultura teatral brasileira. Em 1956, ainda na cidade do Rio de Janeiro, a Academia passa a oferecer os cursos de formação do ator, formação de diretor cênico, de cenógrafos, de crítico de arte e de escritor teatral, ao lado de cursos de aperfeiçoamento, especialização, além dos cursos avulsos e de extensão cultural²²⁵.



Figura 29 – Fachadas do Cine Atlântida e Teatro Dulcina nos anos 1980²²⁶.
Fonte - Acervo FBT

²²⁵ Dulcina de Moraes – Faculdade de Artes. Disponível em: <https://dulcina.art.br/history/>. Acesso em: janeiro de 2024.

²²⁶ Disponível em: <https://www.portalconteudo.com.br/post/acervo-raro-de-dulcina-de-moraes-e-da-funda%C3%A7%C3%A3o-brasileira-de-teatro-%C3%A9-revelado>. Acesso em: agosto de 2023.

A presença da Faculdade Dulcina no Setor de Diversões Sul (SDS) é central na compreensão desse espaço, principalmente, quando a gente pensa no público LGBTQIA+ ou naquele que compartilha com ele espaços de sociabilidade, porque são mais libertários, e por isso, menos conservadores. De qualquer forma, a própria *New Aquarius*, contava com a clientela formada por estudantes. Eu me lembro que no início dos anos 1990, muita gente saía do Dulcina e já ficava pelo CONIC esperando a boate abrir.

Outra questão, que carrega algum sentido, é que muitas pessoas que ingressaram na faculdade, se deram conta de sua existência, porque conheceram o espaço da boate anteriormente. Isso tem a ver com a exploração do Setor de Diversões Sul (SDS), bem como dos encontros proporcionados pela sociabilidade local. Daí não considero exagero pensar em espaços interseccionais por conta das identidades e suas apropriações territoriais, algo que a própria estrutura organizacional do espaço permitia.

A localização da faculdade Dulcina é muito interessante, ela se situa atrás de uns do prédios (Edifício Eldorado) que compõe a fachada do complexo, quando a gente olha para o CONIC pelo lado de fora, frontalmente. A disposição da fachada tem a seguinte formação: Edifício Baracat, Edifício Eldorado e Edifício CONIC, exatamente nessa ordem da esquerda para a direita, ou seja, a faculdade tem acesso rápido aos vários pontos do lugar. É inegável o que representa “Dulcina de Moraes” para Brasília e isso está presente nas expectativas que a construção do teatro trouxe para capital. O *Correio Braziliense*, em sua publicação do dia 24 de abril de 1980, trouxe uma matéria escrita por Yolanda Jordão que sintetizava esse sentimento:

Mais uma manifestação de amor e interesse por esta nossa cidade foi a que nos proporcionou esta grande artista Dulcina de Moraes, inaugurando o seu, o nosso teatro. Teatro esse, construído pedra por pedra primeiramente pela sua imaginação, a sua vontade e energia e, ao fim, nesse esforço prodigioso que não deixa de nos surpreender numa mulher de aparência tão frágil. Assim foi: ela quis, decidiu e agiu. Com toda a tenacidade que lhe é particular, firmeza e grandiosa ambição construiu, quase eu diria, com suas próprias mãos, o Teatro Dulcina. Os nossos parabéns, pois, por essa realização que veio enriquecer Brasília²²⁷.

Como apontado anteriormente, os espaços de sociabilidade homossexual e travesti se conectavam às diversas expressões de cultura. Se por um lado, a televisão se mostrou uma grande aliada nas vivências desses grupos durante aqueles anos, por outro, quando pensamos na cena cultural vivida no CONIC, o teatro e a educação apresentaram sua força porque

²²⁷ Correio Braziliense, Edição 06284, de 24 de abril de 1980, p. 13.

comungavam de uma expectativa de liberdade e enfrentamento à estrutura. Assim, o Dulcina não poderia ficar de fora dessa reflexão sobre o espaço, pois incorporava elementos importantes às dinâmicas locais: enfrentamentos aos temas importantes a essas categorias, pensamento libertário, coragem, arte e diversão em um espaço considerado “boca do lixo” do Distrito Federal. Viva Dulcina de Moraes!

É irrefutável a importância dessas fontes pesquisadas no Acervo do *Correio Braziliense* da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional para a construção de uma homotranscartografia da área central do Plano Piloto. Além de ajudar a mapear a presença e os novos significados do centro de Brasília a partir do processo de guetização, elas trazem o discurso hegemônico cisheteronormativo que norteia nosso entendimento sobre a colaboração desse jornal na afirmação das representações negativas de homossexuais e travestis no Distrito Federal.

Esse primeiro momento da pesquisa não encerra o entendimento dessas dinâmicas de apropriação e elaboração dos novos significados e usos dos espaços da cidade, muito menos a importância que estes grupos têm para história do Distrito Federal. É inegável o quanto as fontes analisadas foram fundamentais para compreensão dos territórios e territorialidades, tendo em vista que a leitura contrapelo fizeram com que vozes ecoassem. As reflexões e análises feitas até o momento ganham outra propriedade diante dos tensionamentos provocados pelas entrevistas colhidas.

Parte dessas categorias estudadas aqui não contaram com a escuta sensível da sociedade e por isso não puderam falar sobre suas relações com as transformações da cidade. Não levaram em consideração seus sonhos, não escutaram seus dramas, não deram ferramentas para que pudessem sobreviver. O que se percebe em alguns momentos é uma espetacularização da miséria e dos dramas, que se mostram mais intensos quando se trata de travestis.

É preciso se atentar, também, que o recorte de raça, na maioria das vezes é ignorado pelo *Correio Braziliense*, como se essas categorias presentes no jornal fossem formadas apenas por pessoas brancas. Esse silenciamento é uma operação de uma estrutura discriminatória que tenta impedir que essas discussões existam. Por isso, não é demais afirmar que se trata de questões estruturais arraigadas em nossa cultura e não apenas de um evento isolado.

Uma forma de romper com essas bases que atentam sobre estes grupos considerados dissidentes de sexo e gênero é considerar a importância das suas vozes, ou seja, compreender que essas pessoas têm autoridade para falarem de si. Daí a importância dos depoimentos de M@na Vida, Danny Wonderful e Bethynha Surfistinha sobre suas vivências no centro da capital do Brasil. Suas experiências, registradas na segunda parte desta tese em diálogo com diversos mapas do local, darão corpo à construção de uma homotranscartografia do centro do

Distrito Federal, além de apresentar um perfil de Brasília muitas vezes estranho ao senso comum.

CAPÍTULO 4 – CIDADE DESVIADA, CIDADE TRANSVIADA

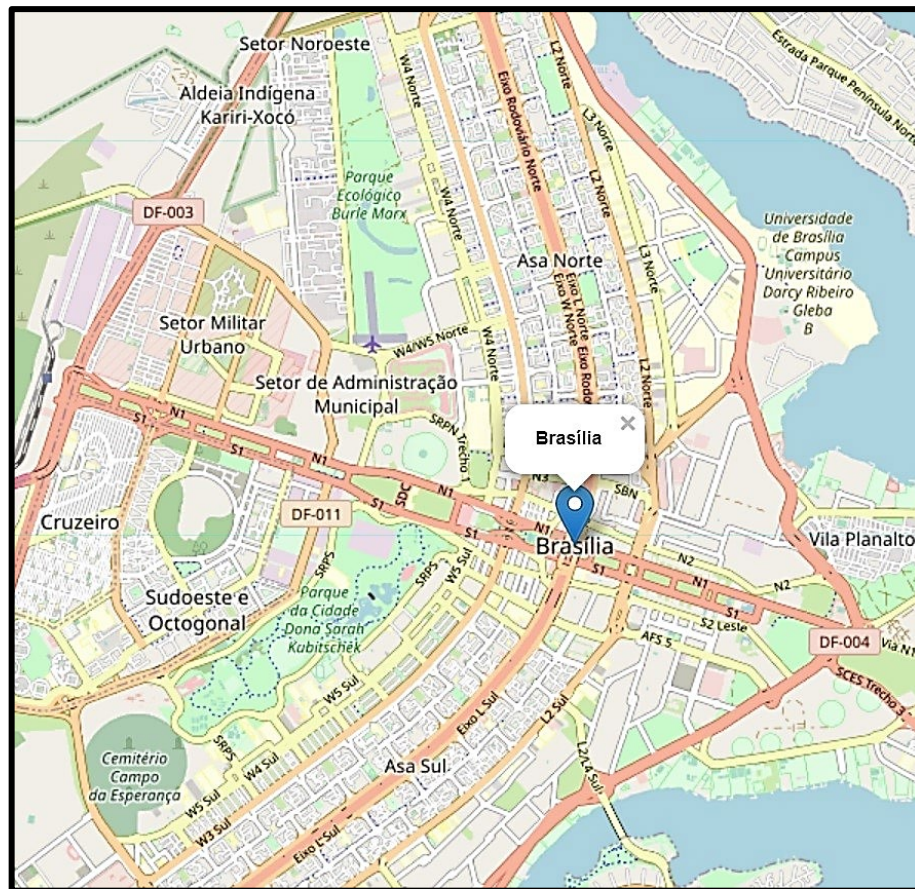


Figura 30 – Ortofotomagem do Plano Piloto de Brasília
Fonte: Companhia de Planejamento do Distrito Federal – CODEPLAN

Em parte significativa desta tese, estive às voltas com matérias do *Correio Braziliense* a fim de mapear e buscar compreender a presença de gays e travestis na ocupação e transformação do centro da capital do Brasil entre as décadas de 1970 e 1990. A forma como a cidade se desenhou nessa fase da pesquisa apontou caminhos interessantes em várias direções. As perspectivas retóricas balizadas em cisheteronormatividade e o próprio binarismo de gênero estavam diretamente conectados a forma como se concebiam esses espaços em determinados momentos do dia, especialmente, à noite.

Ao articular vestígios dispersos provenientes dessas e outras fontes históricas, foi possível avançar sobre a aparente superficialidade dos textos publicados no periódico. Isso preencheu um vácuo entre minha perspectiva e o objetivo que buscava atingir nesta tese sobre o entendimento acerca da apropriação e resignificação dos locais que constituem o centro da capital, como parte do processo de construção do espaço.

Neste capítulo, busco avançar – por meio das memórias de um homem gay – na compreensão da apropriação do centro do Distrito Federal a partir de suas vivências cotidianas

nos mais diversos lugares. Suas narrativas servirão de caminho para entendermos como se deram as práticas dos espaços em suas diversas particularidades.

4.1 O babado é ser livre

A fome come o medo. O medo do silêncio atordoa as ruas. O medo ameaça: Se você amar, vai pegar aids. Se fumar, vai ter câncer. Se respirar, vai se contaminar. Se beber, vai ter acidentes. Se comer, vai ter colesterol. Se falar, vai perder o emprego. Se caminhar, vai ter violência. Se pensar, vai ter angústia. Se duvidar, vai ter loucura. Se sentir, vai ter solidão – Eduardo Galeano²²⁸.

Essa é uma história que vem de longe, bem antes da gente. Embora remonte os anos 1990, ela nos mostra um caminho construído no centro do Distrito Federal há pelo menos duas décadas. Ainda que muitas vezes a sociedade encare como algo sem importância, é preciso que se registre que experiências como a de M@na Vida compõem memórias que precisam permanecer vivas, porque são sujeitos históricos, impactaram um vasto território e com uma diversidade imensa de apropriações.

Meu encontro com M@na Vida ocorreu em sua casa, no dia 23 de setembro de 2022²²⁹, uma sexta-feira, dia de Oxalá. Como havíamos combinado, cheguei em sua residência pontualmente às 16 horas e, para minha surpresa, estava lá um homem altíssimo, com mais de 1,90 metros de altura, cabelos longos, unhas vermelhas, pernas torneadas e todo vestido de branco. Ele parecia uma articulação entre o masculino e o feminino, alguém que transitava facilmente entre os dois lados. Ele me recebeu com um sorriso e disse: “Vida, vamos entrando que o babado aqui vai ser fortíssimo”²³⁰. Logo pegou uma garrafa de café, um cinzeiro, acendeu um cigarro, apontou para uma foto na parede e comentou: “Que criança mais linda! Eu era tão novinho nessa foto!”²³¹.

Suas palavras estavam cheias de ternura e traziam um tom saudosista, como se quisesse buscar na memória aquele tempo. Era tudo que eu precisava. Abriu-se o portal. Não havia

²²⁸ GALEANO, Eduardo. *As palavras andantes*. Porto Alegre: L&PM, 2007, p. 154.

²²⁹ M@na Vida desempenha um papel crucial na elaboração desta pesquisa, acompanhando-me em várias ocasiões durante as entrevistas. Sua oferta para colaborar foi valiosa, uma vez que possui uma vasta experiência nos espaços dedicados à comunidade LGBTQIA+ no DF. A entrevista, agendada com antecedência, ocorreu em sua residência no dia 23 de setembro de 2022, proporcionando um ambiente agradável para a preparação e execução. Apesar de um roteiro prévio de perguntas, o diálogo fluiu de maneira natural. Utilizamos um equipamento de gravação digital (gravador Tascam DR05X), microfones de lapela (Boya) e celular. O registro de seu depoimento teve uma duração de 1 hora, 18 minutos e 43 segundos.

²³⁰ Trecho da entrevista concedida por VIDA, M@na. Entrevista II. [09-2022]. Entrevistador: Alexandre Magno Maciel Costa e Brito. Brasília, 2022. Arquivo MP3 (1h18m43s).

²³¹ Idem.

momento mais adequado para se visitar as lembranças. Em seguida, ele se voltou para o outro canto da sala, deu um longo trago em seu cigarro, soltou uma gargalhada e me perguntou: “Você não vai dar um oi para Ela?”²³².

Ele se referia a um pequeno altar, que na verdade era um nicho composto por quatro espaços. Em cada um deles havia uma taça, uma garrafa de cachaça, moedas e cigarros. O primeiro, localizado na parte superior, era o único que tinha um pequeno cristal vermelho com a forma de obelisco. Maria Molambo estava representada ali: no vermelho, na garrafa de Chora Rita - cachaça muito popular entre os brasileiros -, nas moedas e na fé.

Desde a infância, aos 10 anos de idade, em 1990, o centro do Plano Piloto era pequeno para ele. Do Cruzeiro até a rodoviária, explorava todos os espaços que podia. Não havia quem segurasse aquele menino. As práticas de sociabilidade homossexual estavam inscritas em sua vida cotidiana e em sua própria identidade. Ao contrário do que acontece com outras crianças e adolescentes, ele não titubeava ao assumir quem era, o que interferiu diretamente em sua apropriação da cidade, tanto no que diz respeito à diversão quanto no próprio mercado sexual, pois já se arriscava em alguns programas.

Naquele momento, apesar da pouca idade, já trabalhava na gráfica do seu pai, mas o dinheiro recebido era para cuidar da sua mãe e irmãos, porque o gasto na pegação vinha das baladas incansáveis pela cidade. Sobre essa questão, faz o seguinte relato:

Como eu trabalhava, o dinheiro que meu pai me pagava como salário, eu ajudava a minha família, pois ele era separado da minha mãe. Eu cuidava dela e dos meus irmãos com esse salário. O da pegação era o que eu recebia de programa. O dinheiro das bebidas era o que os meus machos pagavam. Sempre usei o dinheiro separadamente. O que era do trabalho era para fazer o que a minha família necessitava, o da baixaria era para a pegação. Era o que a noite me proporcionava, e na época não era pouco²³³.

Embora suas palavras transmitam confiança, o que pode sugerir a inexistência de problemas ao descrever suas experiências no Cruzeiro e no centro do Plano Piloto, sua relação com seu pai era extremamente conflituosa. Sua sexualidade, em certa medida, representava uma barreira na relação paterna, ao contrário de sua mãe, que sempre compreendeu que seu filho deveria trilhar o próprio caminho. Esse aspecto nos ajuda a compreender sua postura tão determinada como um homem gay afeminado, ao se apropriar daquela região de forma tão relevante.

²³² Idem.

²³³ Trecho da entrevista concedida por VIDA, M@na. Entrevista II. [09-2022]. Entrevistador: Alexandre Magno Maciel Costa e Brito. Brasília, 2022. Arquivo MP3 (1h18m43s).

Ao falar de sua mãe, Zilda, falecida em 2016, ele menciona que ela era sua maior protetora, alguém que o resguardava do mundo e das outras pessoas: “Ela se foi, mas ficou todo o ensinamento que me deu. Eu levo para a vida. Enquanto eu estiver aqui, eu vou lembrar dela todos os dias”²³⁴. Em nossas conversas cotidianas, ele reforça que, tanto a vida quanto a morte da mãe tornam os obstáculos menores, porque ali se misturam o amor maior e alegria – a presença materna –, e a maior dor, a partida. Parte do que aprendeu com ela diz respeito a sua profissão de cabeleireiro, onde atua desde os 11 anos de idade.

Ao ouvi-lo falar sobre isso, fica evidente quem é essa figura que se lança de forma tão intensa e voraz na cidade, como se ela fosse pequena e incapaz de apresentar qualquer perigo, algo diferente da realidade. Como ele mesmo afirmou após a entrevista: “Eu era um menino viado que não tinha medo de nada”. Sobre suas aventuras pela cidade, ele conta que geralmente elas ocorriam no final da tarde ou no início da noite, horário mais adequado para explorar cada canto do Cruzeiro ou adentrar a floresta do Parque da Cidade, conhecida como “Floresta dos Sussurros”, abordada no Capítulo 2.

Sobre esses percursos e territórios, ele nos mostra a importância do Cruzeiro nas descobertas e construção de sua identidade, bem como a centralidade do lugar, que permitia acesso aos espaços voltados a homossexuais:

O Cruzeiro é onde realmente começa a minha história, porque uma pessoa com 11 anos de idade não sabe nada da vida ainda. Lá foi onde eu aprendi praticamente tudo, foi a minha escola. Tudo era de fácil acesso: homem, bebida e transporte. Comecei cedo. De 11 para 12 anos, eu já virava a noite na rua, início da década de 90. Eu morava no Cruzeiro Center, era um ponto bem específico para quem queria viver à noite, viver a vida e fazer descobertas. Ali foi tudo, muitas novidades, onde eu comecei realmente a ter interesse por homens, a me identificar como gay. Não foi fácil até me aceitar, mas quando me aceitei... Porque o Cruzeiro sempre era nosso ponto de encontro para poder ir para os outros lugares, para sair para uma boate, que geralmente abria tarde. Então, a gente já começava a beber e a curtir no Cruzeiro. De lá, antigamente, íamos de táxi, ônibus, mas muitas vezes a gente ia a pé e fazia o percurso bebendo, se divertindo, conhecendo gente. De lá, íamos para todo canto. Era fácil ir para todo canto²³⁵.

Esse caminhar no Cruzeiro Center²³⁶ e a partir dele tinha uma relação muito forte com os *trottoirs*, haja vista que muitas vezes o percurso oferecia alguns programas. É interessante pensar aqui como essa região era repleta de oportunidades e estava diretamente ligada aos espaços para quem quisesse um relacionamento furtivo. Em relação a isso, ele faz uma

²³⁴ Idem.

²³⁵ Trecho da entrevista concedida por VIDA, M@na. Entrevista II. [09-2022]. Entrevistador: Alexandre Magno Maciel Costa e Brito. Brasília, 2022. Arquivo MP3 (1h18m43s).

²³⁶ O Cruzeiro Center é uma área de grande fluxo comercial no Cruzeiro Velho,

referência aos soldados dos quartéis daquela proximidade, tanto para uma aventura 0800 (gratuita) quanto para um PG (programa).²³⁷

O que torna relevante a presença de militares nas práticas sexuais no tocante às vivências homossexuais no centro da capital do Brasil, para além das práticas do espaço, é pensar como as dinâmicas de funcionamento da cidade se alteravam a partir do controle que vinha dos quartéis e da proibição da presença desses homens nessas atividades. Nesse sentido, os espaços de convivência, comerciais ou não, para gays, travestis e michês, na visão dos órgãos do Estado, grande parte deles era considerada “área vermelha”.

A respeito do funcionamento do Cruzeiro Center e sobre a participação de militares no lugar, ele faz a seguinte indagação:

Ai, deixa eu me lembrar. Geralmente final de tarde, quase 6 horas. Os barzinhos já estavam enchendo, era o horário que os militares, as pessoas, as empregadas domésticas, o povo que procurava um movimento ali quando saía do serviço. Dali, em torno de umas 2 da manhã, a gente já ia para outros locais, mas ali era frenético. A nossa diversão maior era o Cruzeiro Center. Era perigoso no sentido de que ali era uma área e zona proibida, área vermelha para eles. Devido os programas, bebidas, acesso às drogas, eles não podiam frequentar, mas, como eles andavam em grupo... Em termos de violência, naquele período não existia como hoje. A gente se divertia muito. Sempre tinha batida policial: “Todo mundo para parede”. E não tinha essa história de porque é gay não ia ser revistado. Naquela época não existia isso de passar por uma revista feminina. Para eles, era todo mundo homem, quando tinha que apanhar, apanhava todo mundo. A polícia batia em todo mundo, chamava os capitães, tenentes para pegarem os militares. Era um corre-corre, mas a gente se divertia.²³⁸

Reforçando o movimento migratório constante na história de Brasília, que foi mencionado na tese em vários momentos, muitos desses “recos” vinham de outros estados. Inicialmente, a tendência era pensar em suas presenças em locais como a Praça de Alimentação do Conjunto Nacional de Brasília (CNB), a Rodoviária, o CONIC e o Setor Comercial Sul (SCS). No entanto, a relevância atribuída por M@na Vida ao Cruzeiro Center nos direciona para outras possibilidades e espaços, especialmente para os riscos enfrentados pelos soldados ao se aventurarem em áreas próximas ao Setor Militar Urbano.

De acordo com M@na Vida, as experiências compartilhadas não se limitavam apenas ao Cruzeiro Center. Ele aponta que outros lugares na região também recebiam frequentemente travestis e gays, demonstrando como essa população movimentava a cidade. Essa informação

²³⁷ Desde o início do projeto desta tese, tenho defendido a importância da presença de militares nos locais de sociabilidade homossexual para compreender as dinâmicas desses espaços. Em alguns momentos essa defesa pareceu algo forçado, mas que se confirmou durante as entrevistas com Danny Wonderful, Betinha Surfistinha e Binh@. Essas conversas permitiram traçar um panorama mais claro e fluído sobre o papel dos militares nesses contextos sociais específicos.

²³⁸ Trecho da entrevista concedida por VIDA, M@na. Entrevista II. [09-2022]. Entrevistador: Alexandre Magno Maciel Costa e Brito. Brasília, 2022. Arquivo MP3 (1h18m43s).

complementa a compreensão do contexto migratório, evidenciando a amplitude das vivências e interações nessas localidades, tendo em vista que muitas pessoas não eram naturais do Distrito Federal. Assim, as experiências relatadas por M@na Vida expandem a visão sobre a diversidade e a dinâmica social presentes no Plano Piloto, especificamente na região do Cruzeiro, revelando a intensidade desses fluxos e suas repercussões na cidade, como no trecho da entrevista a seguir:

Vamos dizer assim... Era praticamente uma feira livre de cultura, de conhecimento, de aprendizado. Muito pagodeiro, muitos grupinhos de pessoas que se reuniam para dançar e para beber. Tudo que a gente queria ali a gente encontrava, desde o alimento à putaria. Estávamos focados não na comida, mas na putaria, e a gente conseguia muita. No carnaval era maravilhoso, pois tinha a ARUC – Associação Recreativa Cultural Unidos do Cruzeiro – no Cruzeiro Velho. Quando começavam os ensaios, a gente tocava o terror. Todo mundo brincava, todo mundo se divertia. Não tinha essa história de não pular o Carnaval. A gente queria ir porque sabia que ia ter o que a gente gostava. A gente ia atrás onde tivesse. Fora do Carnaval, a ARUC, por exemplo, movimentava aquele espaço com samba, misturava as pessoas. Era um clube e funcionava o ano todo. Tinha treinamento para o pessoal de futebol, tinha academia aberta ao público, tinha eventos todo final de semana. Era um ponto de encontro. Também era conhecido entre a gente como um ponto de encontro de pegação²³⁹.

O destaque dado à ARUC é relevante, principalmente por causa do acolhimento oferecido a estes grupos. Ao incorporar homossexuais e travestis, os espaços se tornavam muito mais acolhedores, reduzindo consideravelmente a tensão que a condição de “clandestino” impunha a esses indivíduos. M@na Vida nos relata que naquele ambiente as travestis podiam se divertir com tranquilidade, sem enfrentar incômodos.

No entanto, isso não significava que não existiam limites, e em alguns momentos os territórios falavam mais alto. Como M@na Vida explica: “com relação aos grupinhos, se não quiséssemos estar com travestis por sermos gays, pois algumas delas implicavam conosco por sermos afeminados, nós separávamos nossos grupos, mas sempre com respeito”. Ou seja, vários grupos podem coexistir no mesmo espaço, mas ainda assim com seus próprios limites e peculiaridades.

Ao sair do Cruzeiro e percorrer a pé o Plano Piloto, a experiência era como uma festa, mesmo que significasse caminhar mais de 10 km até a entrada do Parque da Cidade. O trajeto em si proporcionava algumas aventuras, a começar pelas abordagens de motoristas que circulavam por lá em busca de algum tipo de “diversão”, às vezes oferecendo carona até o interior do parque. Tudo isso impulsionava a dinâmica do local, que se caracterizava por uma apropriação da cidade a céu aberto, com movimento constante, especialmente devido à sua vasta área. Quanto ao Parque da Cidade, M@na Vida relata com grande entusiasmo:

²³⁹ Idem.

Eu sempre frequentei todos os lugares do Parque da Cidade. A Floresta dos Sussurros era um lugar maravilhoso e tinha uma pegação muito boa. O bar Pirraça também, lá os gays eram bem tratados e tinha muitos militares. Então a gente se divertia. Deixa eu ver, o barzinho chamado Gibão, o Alpinus, que tinha música ao vivo. Eu curtia muito! De lá a gente ia pro Fortaleza, ou virávamos a noite ali, ou a gente ia pra Rodoviária, pro CONIC, ia para a boate *New Aquarius*²⁴⁰.

M@na Vida destaca que o “Sofá da Hebe” era um ponto muito procurado por aqueles que buscavam se envolver em atividades íntimas no parque. Até os dias atuais, ele continua sendo alvo de críticas intensas em razão das práticas de apropriação que ocorrem no local. A sua reputação associada a promiscuidade e perigo para a vida, decorrente de eventos violentos ocorridos lá, levou o site Metrôpoles, em 2018, a publicar uma reportagem abordando esses aspectos:

Os encontros, em geral, não são agendados, mas aparentemente casuais. Os frequentadores circulam de carro pelo local, em busca de uma companhia que os agrade. Os sinais são conhecidos, seguem o seguinte padrão: um carro encosta no outro, os vidros estão abaixados, e as portas, semi-abertas. É a senha para o encontro, que pode ocorrer dentro do veículo ou do lado de fora, em cima do capô, na grama, ou agarrando-se aos troncos das árvores. No espaço, existem ainda bancos de concreto apelidados de “Sofá da Hebe”. Os assentos sem nenhum conforto também funcionam de apoio para a pegação²⁴¹.

A descrição feita pelo jornal revela que certos tipos de vivências persistiram ao longo do tempo, e isso se relaciona à presença marcante de pessoas como M@na Vida. É importante ressaltar que, mesmo sendo um espaço arriscado, ele desperta um entusiasmo peculiar em seus frequentadores, algo semelhante ao que ocorria nos banheiros públicos, porém agora ao ar livre, a qualquer hora do dia e de maneira explícita. Muitas das relações estabelecidas estão ligadas à prostituição, enquanto outras são resultado de encontros casuais. O que podemos afirmar é que esses homens não se preocupavam se havia ou não pessoas observando, como se o Parque da Cidade lhes proporcionasse o anonimato.

Ainda em relação ao Parque da Cidade, outros locais são mencionados nas narrativas de M@na Vida, como a antiga Piscina de Ondas e o Castelinho. Sobre este último, ele afirma que o Castelinho, também conhecido como “Castelo de *Grayskul*”, funcionava como um hotelzinho. Era um lugar escuro e compartimentado, onde as pessoas entravam com seus

²⁴⁰ Trecho da entrevista concedida por VIDA, M@na. Entrevista II. [09-2022]. Entrevistador: Alexandre Magno Maciel Costa e Brito. Brasília, 2022. Arquivo MP3 (1h18m43s).

²⁴¹ Disponível em: <https://www.metropoles.com/distrito-federal/videos-revelam-sexo-explicito-a-luz-do-dia-no-parque-da-cidade>. Acesso em: 20/06/2023.

parceiros, se envolviam em intimidades e depois retornavam ao bar, já que a noite não tinha fim.

O funcionamento interno do parque tem mobilizado bastante curiosidade. De fato, a maneira como se entrava nele possuía uma dinâmica bastante específica, principalmente porque a vida ali já começava nas suas margens. Nesse sentido, ao me responder sobre os estacionamentos, M@na Vida evidencia detalhes dessa dinâmica:

Quem passa próximo ao Parque da Cidade e vê os estacionamentos não imagina o que acontece neles. Porém, quem frequenta sabe o que acontece. Ou seja, são muitos gays. Atrás de aventura, caçando, procurando parceiro ou até mesmo indo rir dos que já estão lá procurando alguma coisa. Sempre diferenciado. Quem frequenta o parque da cidade a pé nos estacionamentos geralmente sai com pedestre. Quem está de carro geralmente costuma sair com quem também está de carro, até pela segurança. Muitos se aventuram, descem dos carros e vão para Floresta atrás aquilo que procuram²⁴².

A forma como M@na Vida relata suas experiências no parque, nos transmite uma sensação de algo interminável, como se a temperatura aumentasse a cada incursão no local. Essa percepção persiste ao abordar a "Floresta dos Sussurros", outro ponto relevante a esta tese ao considerarmos as práticas dos espaços do Parque da Cidade. Este local destaca-se não apenas pela sua popularidade entre frequentadores, mas também pelas oportunidades que proporciona em termos de encontros sexuais. Em relação a essa área específica, ele compartilha a seguinte narrativa:

Querendo ou não, continua a mesma coisa, praticamente, até hoje. A diferença daquela época para hoje é que antes era mais escondido. A gente fazia as coisas com medo do que podia acontecer. Hoje em dia já não existe mais esse medo, mas imagina você entrar num local que você praticamente não vê ninguém se você passar perto, e quando você entra, tem mais de 100 pessoas passeando ou caçando uma sacanagem, e você encontra! Caminham para todo lado. Inclusive, você vê pessoas que são mais corajosas, se expondo realmente peladas, outros passam excitadas na sua frente, te cumprimentam já perguntando: “O que você quer?”, “O que você curte?”. Essa é a forma de abordagem. Até hoje é um lugar que gays tomam conta, até hoje é dominado por gays, independente de ser feminino ou masculino, ou se rotular com outras coisas, continua sendo um ambiente gay. Raramente você vê um hétero 100% naquele lugar, praticamente não existe. Se fosse hétero não estaria ali procurando alguma coisa, correndo risco na madrugada e se expondo, muitas vezes se escondendo com seu parceiro para não ser visto por outra pessoa que te conhece²⁴³.

A prostituição na Floresta dos Sussurros também é mencionada como parte da dinâmica. Em meio às ofertas, havia quem oferecesse seu preço, cabendo à outra decidir se aceitava ou

²⁴² Trecho da entrevista concedida por VIDA, M@na. Entrevista II. [09-2022]. Entrevistador: Alexandre Magno Maciel Costa e Brito. Brasília, 2022. Arquivo MP3 (1h18m43s).

²⁴³ Trecho da entrevista concedida por VIDA, M@na. Entrevista II. [09-2022]. Entrevistador: Alexandre Magno Maciel Costa e Brito. Brasília, 2022. Arquivo MP3 (1h18m43s).

não a proposta. Tudo acontecia naquele lugar. Há um fator que torna a Floresta diferente da grande maioria dos espaços, especialmente após o anoitecer. A escuridão do local lembra os *dark rooms* das boates, onde ocorre um tipo de pegação no breu, sem controle e praticamente sem resistência.

Assim como provoca uma espécie de êxtase, o quarto escuro também representa um perigo, já que as pessoas não sabem com quem estão se envolvendo. Enquanto o *dark room* faz parte de um tipo de arquitetura voltada para essa vivência homossexual nas boates, a floresta do parque passa por uma ressignificação a partir de sua apropriação, especialmente por gays.

Se perguntarmos a um urbanista o que é a floresta do parque, muito provavelmente ele recuperará a finalidade de sua construção, os tipos de árvores e a destinação para a qual se criou o lugar. Agora, se fizermos a mesma indagação a um gay sobre ela, algo presente na fala de M@na Vida, há bem mais chances de a resposta evidenciar a condição de espaço praticado, de território voltado para os diversos tipos de sociabilidade do grupo. Esse confronto entre as múltiplas utilizações das regiões do Parque da Cidade, com ênfase à Floresta dos Sussurros, torna evidente como as ações das pessoas sobre estes lugares implicaram a construção de seus novos sentidos.

Suas narrativas sobre o parque evidenciam as contradições da cidade. Por um lado, o parque parece proporcionar a liberdade de andar de mãos dadas, trocar afeto e ser quem se é. No entanto, por outro lado, também apresenta inúmeros perigos, como ataques de grupos que disseminam ódio, roubos, assassinatos e diversas outras formas de violência. Esses comportamentos, vistos como expressões de liberdade dos homossexuais embora aparentassem ser atos de coragem por parte dessas pessoas ou até mesmo uma demonstração de que o lugar era seguro, por diversas vezes acabavam resultando em vulnerabilidade, especialmente para os mais corajosos. Eventualmente, um simples passeio muitas vezes era interrompido pela violência, algo que a mídia relatou em várias ocasiões e que foi testemunhado por M@na, que viu pessoas perderem a vida em vários locais do Parque da Cidade.

Ainda sobre os perigos do parque, por parecer um lugar sem algum controle, principalmente quando observamos as práticas mais arriscadas da sociabilidade homossexual, ele apresenta um tipo de ação recorrente por parte do Estado. M@na Vida conta que a Polícia do Exército (PE) realizava várias operações no local, com os bares sendo os principais alvos, a fim de capturar indivíduos desavisados, o que gerava muitos conflitos. Duas frases ditas por ele

chamaram minha atenção: “o Parque da Cidade não dorme”²⁴⁴ e “Brasília não dorme”²⁴⁵. Segundo M@na Vida, a qualquer hora do dia, os gays se aventuravam ali, desde uma simples caminhada até encontros mais ousados à luz do dia, alguns mais discretos, outros mais intensos, algo que incomodava as forças de segurança.

Em razão da presença dos militares, o parque mais parecia uma praça de guerra. Nesse momento eu o pergunto se a Polícia do Exército ia até o local. Ao que ele responde:

Às vezes, sim. Os locais que eles mais iam eram o Pirraça e Barulho. Era onde eles sabiam. Eles queriam encontrar de tudo, porque do contrário, teriam que andar muito. Ficava longe dos ônibus, então eles não se arriscavam, porque a gente tinha um hábito que estragar os ônibus para eles não irem mais buscar ninguém ou não conseguirem levar os que eles pegassem. Esvaziar pneu, isso era uma coisa de bicha nova²⁴⁶.

Ao se referir como “bicha”, M@na Vida me leva a refletir como ressignificamos certos xingamentos e colocamos uma carga de força sobre eles. Uma coisa é você se denominar como tal e entre os seus pares se tratarem dessa maneira, outra é você ouvir de pessoas que não fazem parte do seu grupo e utilizam como meio de ofender. Sobre essa segunda hipótese, Megg Rayara Gomes de Oliveira faz a seguinte ponderação:

A bicha nasce do discurso. Antes mesmo de adquirirmos consciência do potencial repressivo que esse termo tenta impor, ele é lançado como um torpedo que tenta um aniquilamento. Um grito que ecoa do outro lado da rua ou no pátio da escola, um desenho tosco na parede de um banheiro público, uma pregação religiosa: “Bicha!”²⁴⁷.

M@na nos mostra em sua declaração que, para além da desobediência, havia uma rede de solidariedade e proteção entre as “bichas” e esses frequentadores, que muitas vezes avisavam sobre chegada dos ônibus da PE: “quem tinha carro botava os machos dentro porque eles não podiam revistar, quem não tinha carro saía correndo porque eles não tinham como correr atrás de todo mundo. Era uma diversão, uma ferveção”. Ele segue dizendo que “era nós contra o Estado, ou você se impõe ou Estado te come”.

Em seguida, eu lhe pergunto sobre a frequência das travestis no Parque da Cidade, porque no imaginário da sociedade elas estão condicionadas ao Setor Comercial Sul e CONIC, algo equivocado. M@na Vida explica que:

²⁴⁴ Trecho da entrevista concedida por VIDA, M@na. Entrevista II. [09-2022]. Entrevistador: Alexandre Magno Maciel Costa e Brito. Brasília, 2022. Arquivo MP3 (1h18m43s).

²⁴⁵ Idem.

²⁴⁶ Idem.

²⁴⁷ OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. *Seguindo os passos “delicados” de gays afeminados, viados e bichas pretas no Brasil*. In: CAETANO, Marcio; JUNIOR, Paulo Melgaço da Silva (Org.). *De guri a cabra-macho: masculinidades no Brasil*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2018, p. 132.

As travestis frequentavam o parque da cidade, lindas! Muito bem maquiadas. Com peito do lado de fora. Se sentiam livres! Porém, a perseguição sempre existiu. Tem quem admire, que é o meu caso, mas tem quem critique, né! Era o que mais acontecia. [...] É no ambiente aonde elas eram cortejadas por gays, militares e pela polícia também²⁴⁸.

A forma como M@na apresenta o Parque da Cidade traz uma ideia de um lugar que está sempre em ebulição a qualquer hora do dia e, certamente, a presença das travestis tornava o lugar ainda mais diverso. Vale lembrar que se trata de um lugar lindo, de fácil acesso, com estacionamentos e bares, próximo a Setor Comercial Sul e Setor Hoteleiro Sul, e acima de tudo, aberto.

No seu caso, quando o dinheiro acabava – por ser um gay bem afeminado – buscava outros lugares para levantar grana, como o Setor Comercial Sul (SCS) e Setor Hoteleiro Sul (SHS). A presença de gays em alguns lugares poderia gerar conflitos com as travestis, mas M@na Vida tinha um bom trânsito entre as principais cafetinas²⁴⁹: Savana e Carla Facão. O fato de não ser uma filha de nenhuma delas o isentava de pagamentos por programas, dívidas de moradia, proteção ou outras obrigações, ainda que tivesse que seguir a cartilha do lugar à risca. Sobre essa condição, ele curiosamente assim se definiu: “Sou um gay alforriado”²⁵⁰.

Ao contrário do Parque da Cidade, a região que compreende o Setor Comercial Sul e Hoteleiro era um espaço com maior controle por parte das travestis durante a noite, quando o fluxo de procura por serviços sexuais é muito grande. Por essa razão, M@na Vida evitava adentrar certos espaços fortemente delimitados por elas, uma forma de não criar problemas e atrapalhar o *trottoir* das meninas.

Por respeitar essas delimitações espaciais, ele dificilmente utilizava as garagens, pois sabia que as travestis frequentavam esses espaços. Nesse contexto, um homem gay seria visto como uma espécie de intruso, embora tivesse um bom trânsito entre elas. É importante destacar que essas delimitações espaciais eram controladas pelas cafetinas. Mesmo que M@na Vida considerasse esses locais ideais para encontros casuais, preferia entrar em um carro e sair dali para evitar possíveis problemas.

O relato sugere que as regras para acessar os lugares de sociabilidade eram variáveis. Isso significava que ele não podia frequentar certos espaços por não ser reconhecido como uma travesti, sendo identificado como homem, a exemplo das garagens. Ao mesmo tempo, como

²⁴⁸ Trecho da entrevista concedida por VIDA, M@na. Entrevista II. [09-2022]. Entrevistador: Alexandre Magno Maciel Costa e Brito. Brasília, 2022. Arquivo MP3 (1h18m43s).

²⁴⁹ O contexto da cafetinagem será aprofundado nos capítulos 5 e 6, por meio das entrevistas de Danny Wonderful e Bethynha Surfistinha.

²⁵⁰ Trecho da entrevista concedida por VIDA, M@na...

um homem gay afeminado, se sentia constrangido e, de alguma forma, fragilizado, como era o caso das saunas. Como se fosse desejado por uns, por ser jovem e delicado, e odiado por outros, por atrapalhar suas pegações. Não havia proibições explícitas, porém, ainda que de forma subjetiva, isso fazia parte do entendimento do funcionamento do lugar.

Ao falar das cafetinas, ele faz uma descrição bastante interessante sobre as duas, principalmente, sobre o respeito que elas impunham nos seus espaços de atuação. Atravessar os limites que eram fortemente delimitados era confusão na certa. Há uma questão que me chama a atenção: ao mesmo tempo em que ele apresentava o perfil afetuoso na sua relação com elas, em contrapartida, entre as duas – juntamente com as meninas que comandavam – era guerra. Por isso o cuidado ao transitar ali, ele era um corpo estranho naquele lugar, ainda que parecesse integrado.

No caso de Savana, uma travesti negra e ex-militar, M@na Vida lembra: “Todo mundo tinha medo e respeito. Ela tinha atitude, tinha coragem de bater”. Essas características revelam como se construíram as representações e as relações de poder das travestis que assumiam a cafetinagem no centro do Plano Piloto. Sua presença demonstrava força e, por isso, as pessoas evitavam o embate.

Ainda sobre Savana, ele lembra que suas formas eram diferenciadas – “de peito, para época – e muito alta, só de você olhar, você já tinha medo dela”. Ela recrutava as gays novas para servir, buscar bebida, para ir atrás do homem para ela e pra ganhar dinheiro [...]. Por isso é que ficou essa situação de cafetinagem”²⁵¹.

Essa subserviência era uma forma de adquirir confiança entre as travestis. Para alguns gays afeminados, essa relação representava um espaço para vivenciar o processo de transição corporal e se assumirem como travesti. Vale dizer, até mesmo porque esse é o caso de M@na Vida, que os significados e os processos de transição eram diversos. Embora se vestisse de forma “bem feminina”, com maquiagem, unhas pintadas, cabelos longos e roupas ousadas, ele, por exemplo, por falta de interesse – algo que sempre comenta – não fez uso de hormônios e silicone industrial, o que não o impediu de transitar entre o feminino e o masculino nessas ocasiões que remontam o início da década de 1990.

A vida na rua, ainda que oferecesse perigo, servia para muita aprendizagem e experimentações, principalmente, com as amigas travestis. A partir disso, eram modulados múltiplos níveis de intensidade de relação com a cidade como espaço para a elaboração das próprias existências dessas pessoas como sujeitos. Ou seja, não estamos falando de espaços

²⁵¹ Trecho da entrevista concedida por VIDA, M@na. Entrevista II. [09-2022]. Entrevistador: Alexandre Magno Maciel Costa e Brito. Brasília, 2022. Arquivo MP3 (1h18m43s).

permitidos, mas apropriados. Isso nos leva a crer que a força dessas vivências é que possibilitaram apropriações tão sólidas no centro do Distrito Federal, mesmo em meio a um ambiente repleto de conflitos. Richard Parker, no capítulo “Contornos do mundo gay urbano”, traz a seguinte reflexão:

Pode-se interpretar esse processo social/sexual de várias maneiras. Ele pode ser interpretado como uma reprodução da opressão e da dominação da vida sexual tradicional. Neste sistema, a discriminação constante da homossexualidade e do desvio sexual de modo geral proíbe qualquer possibilidade de um espaço socialmente legítimo para entretenimento, festividade, socialização, participação e assim por diante, entre homens que fazem sexo com homens. Esse sistema literalmente expulsa essas interações para o perigoso mundo das ruas, onde podem ser realizadas de modo clandestino e com a ameaça constante de violência física ou verbal por parte dos espectadores ofendidos, a polícia, ou grupos que desejam purificar a sociedade para os cidadãos respeitáveis. [...] A criação de um mundo de corpos e prazeres homoeróticos exatamente nesses espaços sociais em que existe tal possibilidade deve ser ainda mais impensável. São a persistência e a resistência diante da opressão sexual que definem o homossexualismo [*sic*] como inaceitável e ofensivo²⁵².

Muitas vezes, observar a dinâmica da cidade como mero espectador faz com que a gente não enxergue como se constroem as relações de grupos aparentemente antagônicos. Essa é uma questão bastante evidente na construção da tese, quase em um movimento circular. Inicialmente, realizei uma leitura das fontes escritas, com destaque especial para o *Correio Braziliense*. Posteriormente, explorei as fontes orais por meio de entrevistas, o que me permitiu identificar pontos nas reportagens que passaram despercebidos em uma primeira análise.

Aqui me refiro aos gays e travestis que se irmanam nos pontos de batalha, ou seja, pontos de prostituição. E isso me faz rever uma reflexão sobre os gays no centro da cidade, sobretudo, porque em diversos momentos tratei suas presenças como mera diversão. Porém, quando eu escuto as palavras de M@na Vida percebo o quanto existe uma parcela significativa de homossexuais que se aproximam da travestilidade, com hábitos muito parecidos e que se apropriam dos espaços juntamente com as travestis.

Como pude testemunhar e agora me posicionar nessa reflexão, há homossexuais que no início de suas transições corpóreas são vistos como gays e não como travestis. Muitos deles ocuparam os espaços do Setor Comercial Sul (SCS) e Setor Hoteleiro Sul (SHS), seja na condição de trabalho, seja na condição de pegação ou diversão. Essa proximidade com as travestis, como no caso de M@na Vida, sugere, de certa forma, como os territórios são construídos e como as pessoas se constroem a partir de outras informações resultantes do

²⁵² PARKER, Richard. *Abaixo do Equador: culturas do desejo, homossexualidade masculina e comunidade gay no Brasil*. Rio de Janeiro: Record, 2002, pp. 100-101.

convívio no interior desses grupos e territórios ocupados. A prática dos espaços naquela região tem importância para essas vidas e, de forma relevante, para as pessoas que posteriormente ocuparam esses espaços.

Acompanhando os percursos que foram se desenhando nos relatos de M@na Vida, ele também frequentava os “infernhos” do CONIC. Ia para lá quando saía do Setor Comercial Sul ou do Setor Hoteleiro Sul. Gostava muito de ficar na região do Sinuca e da *New Aquarius*. Embora fosse menor de idade, ele circulava livremente por todos estes lugares, já que tinha uma rede de afeto e solidariedade muito grande com travestis, michês, promoters e seguranças do estabelecimento. Essa movimentação facilitada é ressaltada nesse trecho da conversa:

Inclusive, eu trabalhei na *New Aquarius*. Com 12 anos, eu praticamente morava no CONIC. Eu ajudava na boate, e como sempre fui grandão, pois naquele momento tinha um corpo grande, me passava por um adolescente de 17 ou 18 anos. Eu entrava e como conhecia o dono e os promoters, andava em tudo lá dentro. Para mim era normal. Mas eles barravam as novinhas e não deixavam entrar com medo da polícia fechar o ambiente. Eu me escondia no escritório. Eu sempre vivi dentro da boate. Lá era diversão, mas os programas faziam parte, programas sempre! O cliente pagava bebida, pagava entrada sem saber que eu trabalhava no ambiente. Então, gerava dinheiro que vinha para mim²⁵³.

Para as novinhas que não conseguiam entrar na boate, a noite não estava perdida, tal como M@na Vida me fez enxergar com mais nitidez. Além das várias opções que o CONIC oferecia durante as noites, a porta da boate também era uma festa. Muita gente se reunia ali como se fosse um ponto de encontro. Outras adoravam assediado ou bater papo com os seguranças da boate, ou até mesmo com as travestis que ficavam na entrada recebendo a clientela local, as famosas *hostess*.

Elas eram funcionárias da boate e agiam como se fossem recepcionistas, porém, sua função ia muito além, porque davam um toque de elegância e *glamour* ao local, se comunicavam o tempo todo com as pessoas que estavam do lado de fora, quase que um show à parte, é como se anunciassem o que ia acontecer naquele lugar. É muito comum sua presença em boates voltadas ao público LGBTQIA+. M@na conta que adorava o “Buraco Quente” porque era um lugar muito divertido e todo mundo se misturava ali. Por ser no subsolo, essa região da *New Aquarius* oferecia certa proteção contra a polícia, que nem sempre descia para averiguar:

Lá era um refúgio. Se a polícia corresse atrás da gente, a gente corria para o buraco porque eles não desciam. Ficava esperando a gente sair pra poder nos pegar, porque era

²⁵³ Trecho da entrevista concedida por VIDA, M@na. Entrevista II. [09-2022]. Entrevistador: Alexandre Magno Maciel Costa e Brito. Brasília, 2022. Arquivo MP3 (1h18m43s).

muita gay. Não tinha como agredir uma na frente de todas. Aí começavam as guerras, voava a garrafa, voava cadeira. Todas enfrentando o Estado, não é? Porque para sair na rua já era uma confusão, para pegar um transporte vestido de mulher, num período que ninguém escutava falar certas coisas sobre gays. Para a gente se impor, poder passar na rua, num grupinho, mesmo num ambiente que fosse nosso, de cabeça erguida, era difícil²⁵⁴.

É muito significativa a sua fala sobre a força de um grupo, além de ser uma questão que reforça o poder do gueto na proteção das pessoas que o integram. Esse ponto corrobora com uma ideia já apresentada nesta tese e que diz respeito à importância do gueto para as travestis, incluindo aqui os gays, na construção do “eu” que pertence a um coletivo na garantia de sua sobrevivência. Isso ficou muito explícito na fala de M@na Vida desde o início da sua entrevista.

Nos inferninhos ele conheceu muitas travestis e mostrou o quanto havia ajuda mútua entre as pessoas, principalmente, porque muitas não tinham passado por uma transição corpórea, não tinham feito aplicação de silicone industrial e hormônios, algo comum naquele período. As ajudas vinham desde as roupas, cabelos, até na maquiagem. Era preciso que se sentissem belas e prontas para a noite. Isso nos mostra que as experiências nesses espaços também são compostas de solidariedade, cuidado e afeto, o que não deixa de ser um alimento à resistência.

As suas palavras revelam que a ferveção na cidade parecia não ter fim. É interessante como ele narra a sua trajetória que começa no Cruzeiro, passa pelo Parque da Cidade, adentra o Setor Comercial Sul (SCS) e Setor Hoteleiro Sul (SHS), em seguida nos apresenta os inferninhos do CONIC até chegar na Rodoviária do Plano Piloto. Geralmente, isso acontecia ao amanhecer, mas nem sempre as coisas acabavam ali. Sobre o momento em que saía da boate e deixava o Setor de Diversões Sul (SDS), ele faz o seguinte relato:

Tinha um relógio gigante no prédio do BRB, que mostrava a hora em que a gente sabia que tinha que ir embora. Já tinha virado a noite, aquele sol batendo no rosto. De lá, a gente ia embora ou ia pra Esplanada dos Ministérios ficar bebendo. A Esplanada era para a gente poder completar a nossa *vibe*. Lá, a gente era livre. Os moradores de rua não andavam naquele lugar naquele período, mas as gays andavam. A Esplanada sempre foi protegida por militares. Tanto nos ministérios quanto nos quartéis, havia muitos deles conhecidos e outros desconhecidos. Nenhum passava batido. Todo mundo queria alguma coisa, todo mundo procurava alguma coisa²⁵⁵.

Os espaços que representavam o poder da República – lugar altamente controlado naquele período – também foram apropriados pela presença da comunidade LGBTQIA+.

²⁵⁴ Idem.

²⁵⁵ Trecho da entrevista concedida por VIDA, M@na. Entrevista II. [09-2022]. Entrevistador: Alexandre Magno Maciel Costa e Brito. Brasília, 2022. Arquivo MP3 (1h18m43s).

Assim, os relacionamentos furtivos entre gays e militares, segundo as palavras de M@na Vida, eram frequentes, principalmente com os que estavam de serviço nos ministérios pertencentes às Forças Armadas.

Essa interação entre grupos antagônicos pelas regras oficiais do jogo, de certa forma, rompia com certas estruturas de controle, como já comentado. Porém, com uma diferença: no primeiro momento, mostramos os militares que frequentavam os espaços predominantemente apropriados por gays e travestis. Agora, o que verificamos é a presença de homossexuais nos espaços em que militares atuavam, como se desviassem a cidade. As práticas do espaço resultavam na subversão do que é considerado norma, padrão ou destinação inicial dos lugares.

Havia dias em que a ida para a Esplanada não acontecia e o destino final era a Rodoviária do Plano Piloto. A história no terminal não era muito diferente das práticas sexuais ou de sociabilidade do restante da cidade. Segundo ele:

A Rodoviária era um babado! A gente tinha que bater boca com os passageiros em fila, um monte de gente pra pegar ônibus e quando a gente passava, que descíamos as escadas, já começavam a gritar. A festa do povo da Rodoviária eram as gays. A maior parte das vezes a gente fazia pegação, outras vezes era só discussão na hora de comer o pastelão da Viçosa. Viçosa é Viçosa, né meu amor!?²⁵⁶.

A rodoviária não era central apenas no que dizia respeito à cidade, mas também nas experiências de quem vivia as possibilidades que o Plano Piloto oferecia: travestis, gays e michês. Do enfrentamento ao “cistema”²⁵⁷ às pegações, uma parte considerável das pessoas que viviam a noite no centro de Brasília e que moravam nas cidades-satélites passavam por ali. Vale ressaltar que elas, geralmente, eram de uma classe social mais baixa, aumentando, assim, os estigmas do lugar.

É importante lembrar que as pessoas não se limitavam a utilizar os espaços apenas para voltarem para suas casas depois de certa hora. Muitas delas estavam ali para a diversão, já que havia bares, pessoas e banheiros para pegação. Assim como a cidade não dormia, segundo as palavras de M@na Vida, a Rodoviária do Plano Piloto também não parava. Ela oferecia muitas coisas parecidas com o que se encontrava nos inferninhos. Um dos locais destacados por ele é a pegação no banheiro situado no mezzanino.

²⁵⁶ A Viçosa é uma pastelaria muito importante para a história do DF. Inaugurada em 1960 na rodoviária do Plano Piloto, se tornou famosa pelos deliciosos pasteis acompanhados por um caldo-de-cana bem gelado, com seus preços acessíveis, algo que a fez cair no gosto da comunidade em geral que circulava pelo terminal todos os dias. Seu fundador foi Sebastião Gomes, conhecido como Tião Pedreiro.

²⁵⁷ CISistema é uma referência ao “sistema” cuja a cisgenderidade representa a norma. Nele se (re)produz as inúmeras opressões sobre as travestis. A autora Leticia Nascimento se refere a ele como “CISistema colonial moderno de gênero”. NASCIMENTO, Leticia. *Transfeminismo*. São Paulo: Sueli Carneiro; Jandaíra, 2021.

O mezzanino era um local de grande movimento no terminal e por isso facilitava as interações entre os homossexuais que buscavam algum tipo de relação furtiva com seus frequentadores. Segundo as informações disponibilizadas pelo site Brasília sobre sua estrutura:

O mezzanino com 3 lados em vidro foi projetado como ligação entre as plataformas térreas dos lados leste (linhas urbanas) e oeste (interestaduais), inicialmente separadas pelo trânsito de ônibus. Constituiu um dos primeiros centros de comércio e serviços no centro da cidade — restaurante, lanchonetes, livraria, papelaria, barbearia, farmácia, cine-foto, *souvenirs* etc. A ligação com as plataformas térreas e superiores deveria distribuir-se entre as escadarias principais, as escadas rolantes laterais e os elevadores²⁵⁸.

O fato de ser próximo ao banheiro masculino facilitava que alguém fosse arrastado para o seu interior. O termo arrastar é bem comum entre gays quando se referem a uma pegação bem sucedida. M@na Vida nos conta que “fazer banheirão” naquela região era um verdadeiro “babado” e que acontece até os dias atuais, mesmo com todas as tentativas de controle.

Quando você entra no banheiro, que você olha e acha que as pessoas estão mijando, eles estão se excitando para que você veja que eles estão excitados. Aí, cabe a você ir lá, investir ou não. Você não tem como fazer suas necessidades à vontade. Você é sempre observado. Ou é observado, ou está observando, ou está praticando alguma coisa! [...] Eu fazia a esperta. Ia para fora com a pessoa e me mandava para outro lugar²⁵⁹.

Ele continua sua explicação sobre as relações sexuais no lugar:

Entravam na cabine e adeus, mas ao diabo também, porque quando a polícia pegava ou os guardinhas da Rodoviária, era cacete, era vergonha! Todo mundo sabia o que você estava fazendo, porque eles não deixavam vestir roupa e retiravam do banheiro do jeito que você tava na hora do ato. Imagina aquele monte de gente na Rodoviária, pegando ônibus para ir trabalhar e você saindo pelado porque estava fazendo pegação no banheiro, era babado²⁶⁰.

As interações entre gays e seus parceiros sexuais nos banheiros promoveu um desvio nas suas funções. Enquanto prática desviante em relação ao padrão estabelecido, fazer a “linha banheirão”, considerada uma prática suja, mobilizava esforços para barrá-la, o que se dava fundamentado na marginalização das pessoas e grupos envolvidos. Sobre a prática de banheirão, Néstor Perlongher em sua obra sobre michês em São Paulo faz a seguinte abordagem: “O fato de ser uma prática sexual fortemente ‘despersonalizada’, desenvolvida num

²⁵⁸ As informações extraídas sobre o mezzanino da Rodoviária do Plano Piloto pertencem ao site Brasília. Disponível em: <http://doc.brazilia.jor.br/Rodoviaria/plataforma-Rodoviaria-Brasilia-Mezzanino-lojas-servicos.shtml>. Acesso em: 07/06/2023.

²⁵⁹ Trecho da entrevista concedida por VIDA, M@na. Entrevista II. [09-2022]. Entrevistador: Alexandre Magno Maciel Costa e Brito. Brasília, 2022. Arquivo MP3 (1h18m43s).

²⁶⁰ Idem.

rigoroso silêncio, não impede que certas formas de sociabilidade se desenvolvam em torno da exibição masturbatória nos mictórios públicos”²⁶¹.

A reação muitas vezes enérgica, tanto por parte da polícia quanto por parte da administração da Rodoviária do Plano Piloto, aumentava os estigmas sobre os homossexuais, uma verdadeira “cruzada moralista”²⁶², termo utilizado por Gilberto Velho ao se referir às ações contra grupos desviantes, vistos como responsáveis por desordem e péssimos hábitos. Fato é que a prática de banheirão se situava entre a excitação e o medo. Sendo assim, mesmo com todo o controle exercido sobre ela e seus praticantes, seguiu sendo exercida numa demonstração de apropriação e construção de sentidos para o principal terminal rodoviário do Distrito Federal.

Não se trata aqui de optar por um julgamento moralmente negativo ou uma defesa acrítica acerca de questões sensíveis, mas de lidar com a constatação acerca do alto grau de violência e exposição que se expressava por ações simbólicas e violências físicas. Essa é uma preocupação do próprio M@na Vida, que, após o flerte, deixava o banheiro e ia para outros lugares como estacionamento, plataforma superior ou os bares locais.

Em sua análise sobre os perigos que representava o lugar, ele não se coloca na condição de vítima ingênua. Em vez disso, evidencia a agência necessária à resistência desses grupos marginalizados durante esses episódios de violência ou diante do potencial de: “Todo mundo corria risco e todo mundo representava um risco, pois quem mexeu com uma, mexeu com todas, mexeu com um, mexeu com todos”²⁶³.

Sobre o mezzanino, é preciso me valer de mais algumas linhas para evidenciar que a presença de gays, travestis e michês não se limitava à pegação, pois era um lugar de diversão, encontro e descanso. Por conta do comércio, não havia proibição de venda de bebidas alcoólicas. Portanto, uma parada ali era mais do que providencial. Todo mundo, de alguma maneira se misturava, lembrando que se tratava de um lugar central na capital e bastante popular entre as pessoas que não pertenciam à classe média ou alta do Distrito Federal. Tanto era assim que as idas de M@na Vida ao mezzanino não necessariamente resultavam em encontros: “Às vezes dava certo alguma coisa, mas na maior parte das vezes era só para a gente poder tentar curar um pouco da bebida da noite e depois ir embora. Ali já estávamos acabadas”²⁶⁴.

²⁶¹ PERLONGHER, Néstor. *O Negócio do Michê: a prostituição viril em São Paulo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987, p. 172.

²⁶² VELHO, Gilberto. *Desvio e Divergência: uma crítica da patologia social*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979, p. 121.

²⁶³ Trecho da entrevista concedida por VIDA, M@na. Entrevista II. [09-2022]. Entrevistador: Alexandre Magno Maciel Costa e Brito. Brasília, 2022. Arquivo MP3 (1h18m43s).

²⁶⁴ Trecho da entrevista concedida por VIDA, M@na. Entrevista II. [09-2022]. Entrevistador: Alexandre Magno Maciel Costa e Brito. Brasília, 2022. Arquivo MP3 (1h18m43s).

Outro lugar frequentado por ele é o Conjunto Nacional de Brasília. Pelo fato de ser o principal *shopping* popular do Distrito Federal naquele período, a movimentação era intensa, além de contar com uma excelente localização, algo já explorado nesta tese. Para M@na Vida não era diferente, já que explorava cada canto do centro da capital em suas investidas por diversão e encontros. Sem reservas, ele descreve a dinâmica da pegação que começava na praça de alimentação do Conjunto Nacional de Brasília:

Se eu fosse passar na praça de alimentação, quem estivesse ali procurando uma aventura iria me observar, se levantar e me procurar, ou até mesmo me convidar a sentar e assim começava a pegação, que era bem discreta. Porém, muito frequente e forte. Toda hora tinha alguém querendo alguma coisa. Como a gente andava e já conhecia, sabia a mesa de quem a gente podia ir e onde ficava mais fácil encontrar alguém querendo alguma coisa²⁶⁵.

O passeio na praça de alimentação se assemelhava a uma preliminar, pois é de lá que se originavam os encontros. A descrição feita por M@na Vida evidencia os termos da presença de gays, michês e homens que buscavam apenas uma aventura, tornando aquele lugar vibrante à medida que anoitecia. Quando eu lhe perguntei sobre banheiros específicos para esses encontros depois dos flertes e abordagens, ele me contou que:

Alguns pontos eram mais fáceis para a gente, exemplo: perto da loja Ponto Frio, no subsolo do Conjunto, pois todos os banheiros na parte de baixo – do subsolo – eram de pegação. Quem queria frequentar um banheiro sem, ia nos próximos ao cinema e à praça de alimentação. O restante, quanto mais longe fosse das lojas mais importantes, era pegação²⁶⁶.

Afora esses locais no Conjunto que já seriam mais óbvios, porque equivalente aos da rodoviária, havia outros onde essas práticas também aconteciam. Iniciadas em abordagens durante um passeio nas áreas do *shopping*, os encontros incluíam também os estacionamentos, como nos lembra M@na Vida no trecho a seguir:

No estacionamento acontecia muita pegação. Só que ali era mais complicado, porque estávamos num local em que a gente não tinha como se defender tanto. Ali, vamos dizer assim: você entrava num carro, às vezes um parente ou um amigo passava e olhava. Como a gente tinha medo de comentários, evitava. Tudo na época era mais escondido. Eu não tinha medo, mas a pessoa que andava comigo tinha. Então eu acabava protegendo-a. Às vezes eu me escondia. O ruim de ser conhecido é isso: quem vê a pessoa com você vai deduzir o que quer. E, no caso, eu não ligava por mim. Às vezes eu protegia a pessoa que estava comigo. Se falava muito que se fosse visto com viado, você era zoado no trabalho e pelos amigos. Às vezes chegava até a sua família. No meu caso, como a minha família sabia o que eu fazia e o que eu era, não tinha problema. Mas

²⁶⁵ Idem.

²⁶⁶ Idem.

eu sempre zelei pela vida dos outros e os protegi. Se saísse com as outras e rolassem comentários, eram com coisas delas²⁶⁷.

Ao se referir aos estacionamentos, M@na Vida nos mostrou que as dinâmicas se alteravam de forma considerável na medida em que as pessoas caminhavam de um ponto a outro. Ou seja, as ações que começavam dentro do *shopping* e terminavam nos estacionamentos exigiam tipos de cuidados para ambas as partes. Talvez a mudança mais contundente seja a exposição dos encontros, principalmente para as pessoas lidas como heterossexuais, mas que no anonimato se relacionavam com outros homens. Serem flagradas por pessoas próximas, na companhia de gays, poderia representar um grande problema. M@na Vida lia sua atitude como expressão de empatia e cuidado, a fim de evitar transtornos futuros para os seus parceiros, ainda que fossem resultado de uma pegação.

Não é demais recapitular que a área externa do Conjunto Nacional de Brasília também era um ambiente controlado e de vigilância naquele período, inserido nos anos da ditadura civil militar (1964-1985). À época, as forças militares perseguiram soldados que se aventuravam naquela região, algo recorrente no centro da capital. Muitos desses homens que procuravam parceiros eventuais, tanto para programas quanto para relações furtivas, começavam suas abordagens na Praça de Alimentação ou banheiros e terminavam dentro dos carros. O encontros frequentemente aconteciam em lugares distantes dali, o que tornava a atividade perigosa.

Medo e coragem são categorias que acompanhavam a comunidade LGBTQIA+, algo presente nas falas de M@na Vida, ainda que narre sua história com tom mais recreativo. Porém, isso não significava que não houvesse sensibilidade e afeto em suas vivências no centro do Distrito Federal. Ao refletir sobre as inúmeras experiências, ele nos conta:

A princípio, foi onde eu me descobri. Para mim, era o quintal da minha casa, onde eu me sentia segura, onde eu podia ser eu mesma. Então as coisas importantes eram: fiz muitos amigos, algumas pessoas daquela época eu convivo até hoje, entendeu? Tive meus relacionamentos, foi lá que encontrei alguns parceiros que eu cheguei a morar com eles. Sempre foi para mim foi construtivo. Mas também já vi muitas pessoas, que para elas ali não foi um bom lugar. Porque era a nossa carência. Então a gente procurava muita das vezes o carinho que a gente não tinha de um familiar. A gente criava um novo ciclo, a gente ia atrás, todo mundo se abrigava no colo de outro. Às vezes nem era programa sexual, às vezes era conversar com o cliente que ele pagava para a gente, mas a gente também conseguia desabafar com ele, o que a gente queria, a dificuldade que a gente passava no momento, como a gente estava se sentindo naquele período. Toda a vida é uma troca de carinho²⁶⁸.

²⁶⁷ Trecho da entrevista concedida por VIDA, M@na. Entrevista II. [09-2022]. Entrevistador: Alexandre Magno Maciel Costa e Brito. Brasília, 2022. Arquivo MP3 (1h18m43s).

²⁶⁸ Trecho da entrevista concedida por VIDA, M@na. Entrevista II. [09-2022]. Entrevistador: Alexandre Magno Maciel Costa e Brito. Brasília, 2022. Arquivo MP3 (1h18m43s).

Essa visão terna da cidade e dos lugares de pegação é bem distante das representações construídas a partir de matrizes cisheteronormativas. Quando me refiro à representação negativa construída sobre estes grupos, estou apontando as primeiras impressões que tive ao ler as matérias do *Correio Braziliense* e outros documentos. As abordagens dadas por M@na Vida ao se referir a estes lugares, a partir de uma experiência que vem de dentro – que é a potência do sujeito histórico – e não como mero espectador, revela as relações de afeto e companheirismo criadas na resistência e na própria sobrevivência.

Outra percepção apontada por ele sobre pegação e programas sexuais tinha a ver com a solidão de parte das pessoas que frequentavam esses ambientes. Era senso comum que a sociedade não conseguia ultrapassar as fronteiras da sexualidade e da marginalidade quando se referia aos inferninhos, becos, garagens e outros lugares de sociabilidade. Essa visão – presente nas narrativas – que se originava no interior dos espaços era capaz de confrontar o senso comum, porque expressava a experiência, além de transmutar apetite sexual em diálogo franco sobre os problemas da vida, relacionamentos furtivos em amizade e diversão em amparo. Para ele, todos aqueles lugares representavam o quintal de sua casa, tanto pela rotina que suas experiências impunham quanto pela distância, tendo em vista que morava no Cruzeiro naquele período.

Ele nos mostra a importância do gueto na construção de si ao falar do quanto ele foi fundamental nas suas descobertas. A prática do espaço tem muito dessa questão, que é a transformação dos lugares em território, ao mesmo tempo em que ele também se transformava. Não deixa de ser um processo dialético vivido pela cidade e pelo sujeito histórico que é o protagonista de toda essa dinâmica.

M@na Vida trouxe ainda uma dimensão que ainda não pode ser explorada nesta tese quando pensamos em ocupação e transformação dos espaços, por meio dos registros produzidos pelo *Correio Braziliense*, que é a presença da religiosidade. Ele frequentou casas de Umbanda e Candomblé e traz isso como elemento explicativo de sua experiência. Ele, um homem de Oxóssi com Iansã, compartilhou conosco sua experiência de encontrar apoio na religião. Além disso, enfatizou a sua conexão a outros laços familiares dentro dessa prática espiritual no Candomblé. Ter um pai e uma mãe de santo, avô e avó de santo, tios e tias de santo, bem como irmãos e irmãs de santo, é algo de que se orgulha. Essas relações familiares no contexto religioso foram apresentadas como essenciais para sua vivência e fortalecimento do seu senso de comunidade e pertencimento, sobretudo por ser uma pessoa sozinha. Embora distante do terreiro nos últimos tempos, a sua fé parece inabalável, algo presente em cada palavra.

Nestes espaços, segundo seu relato, havia gente de várias casas de Umbanda e Candomblé. O centro do Distrito Federal não era apenas um lugar apropriado por pessoas consideradas de sexualidade dissidente ou desviante, mas também de manifestação de fé. Nesse caso específico, havia oferendas nas encruzilhadas, nas árvores, nos bambuzais do Parque da Cidade, na beira dos asfaltos. Muitas dessas pessoas que frequentavam esses espaços também cultuavam seus santos e Orixás ali. Como diz M@na Vida, “era nossa energia”.

Para enfrentar todos os dias aquela realidade desafiadora, era necessário um grande cuidado, especialmente pela ausência de proteção do Estado. Contudo, aquelas pessoas não se sentiam desamparadas, pois criavam ou encontravam conforto na fé. É importante destacar que suas experiências religiosas eram moldadas de acordo com suas necessidades pessoais, embora também existissem encontros com outros indivíduos que compartilhavam das mesmas crenças.

Não é surpreendente que uma parte significativa de gays e travestis estivesse ligada a religiões de matrizes afro-brasileiras ou tivesse afinidades com elas. Isso se deve ao acolhimento, à empatia e ao respeito às individualidades encontrados nesses espaços considerados sagrados. Se considerarmos suas trajetórias de vida, segundo M@na Vida, muitas delas tiveram que se afastar de seus núcleos familiares para viverem plenamente suas histórias, devido a falta de aceitação, ameaças e violências de várias formas. No entanto, paradoxalmente, muitas delas eram responsáveis pelo sustento de suas famílias.

Sobre a questão familiar, ele fala com propriedade por conta dos conflitos vividos na relação com seu pai, algo mencionado no início da nossa conversa. Mas os depoimentos sobre a mãe são cobertos de afeto e ternura, como na passagem a seguir:

Ela sabia que era o que eu queria, não me criticava. Não é porque ela não gostava, mas ela fazia. Ela respeitava a minha vontade na época. Se era aquilo que eu queria, e se eu estava me sentindo bem, era o que ela fazia por mim. Meu primeiro brinco, meu primeiro furo na orelha quem fez a minha mãe! Eu, com 12 anos de idade, minha mãe colocou a argola, tirou da orelha dela e furou a minha. Já me aceitava como um filho gay. Em vista de algumas mães que querem cortar a orelha do filho porque não é uma menina, a minha me deixava me vestir e ser o que eu queria. Minha primeira *lingerie* foi minha mãe que me deu, comprou as dela e deu a minha. Engraçado! Eu falo engraçado, porque para mim é engraçado, é diferente que eu nunca vi uma mãe chegar com uma *lingerie*, dar para um filho vestir uma peça feminina. Não naquela época! Hoje pode ser que tenha, mas a minha, para aquela época, era moderna²⁶⁹.

As falas sobre a sua ligação coma figura materna, ainda que pareça fugir do escopo da pesquisa, reforçam a humanidade dessas pessoas que na maioria das vezes não é reconhecida ou respeitada. Esse ponto está presente em todas as entrevistas e diz muito sobre a formação

²⁶⁹ Trecho da entrevista concedida por VIDA, M@na. Entrevista II. [09-2022]. Entrevistador: Alexandre Magno Maciel Costa e Brito. Brasília, 2022. Arquivo MP3 (1h18m43s).

cidadã de cada uma dessas pessoas, porque, de alguma maneira, se relaciona com a chegada e as vivências no centro do Plano Piloto.

Outra questão delicada trazida por ele diz respeito às mortes de gays e travestis. M@na Vida reitera o que dizem as pesquisas sobre assassinatos desses grupos e ressalta o requinte de crueldade e ódio. Ele mesmo já foi contratado para lavar um apartamento completamente sujo de sangue devido a uma série de facadas desferidas contra uma travesti assassinada por um michê. No Brasil, as vidas de gays e travestis sempre estão por um fio.

Após o período em que viveu no Cruzeiro, ele morou em Taguatinga, Cidade Ocidental e atualmente vive em Planaltina, desde 1997. Ele se tornou uma pessoa mais caseira, continua trabalhando com cabelos, porém, tem uma vida muito menos agitada do que tinha na sua adolescência e nos primeiros anos de sua vida adulta. A gente sempre imagina que as práticas do espaço estão relacionadas apenas às vivências locais, algo refutado pelas pessoas entrevistadas. No caso específico de M@na Vida, essas vivências trouxeram-lhe uma base sólida para cada uma de suas conquistas, o que lhe confere um status de sobrevivente, quando observamos a quantidade de gente que teve sua vida ceifada durante sua trajetória.

As entrevistas revelaram como as violências atravessavam as vivências de gays e travestis no centro de Brasília, ao mesmo tempo em que mostravam como elas foram determinantes para a ocupação dos espaços. Com relação à M@na Vida, nossa conversa se alternava entre as alegrias esfuziantes de um jovem gay na região do Plano Piloto e a imersão em seus dramas pessoais, muitas vezes ocultos pela rotina. Em um determinado momento, enquanto discutíamos sobre os comentários que enfrentamos simplesmente por sermos quem somos, ele lembrou um momento impactante. Esse momento talvez explique por que ele se apropriou da cidade como uma extensão de si mesmo, ou como uma companheira inseparável durante o tempo em que frequentou cada um desses lugares:

Das coisas que ouvi, o que meu pai me disse foi que mais me doeu. Durante uma discussão que tivemos, ele disse que daquele dia em diante eu não seria mais filho dele. Me senti abandonada por ele, mas acolhida pelo mundo. Foi um divisor para mim, o momento em que tive que tomar minhas próprias atitudes na vida. Agora vai ser do meu jeito, já que não tem mais como ser do dele. Foi nesse momento que eu realmente tomei as rédeas da minha vida e comecei a realizá-la²⁷⁰.

Quando a gente observa cuidadosamente a narrativa de M@na Vida, percebe que ao se referir aos lugares, ele está fazendo uma referência às pessoas, porque a sua aprendizagem e sobrevivência vêm da sociabilidade estabelecida em cada contexto vivido. Em suas palavras:

²⁷⁰ Trecho da entrevista concedida por VIDA, M@na. Entrevista II. [09-2022]. Entrevistador: Alexandre Magno Maciel Costa e Brito. Brasília, 2022. Arquivo MP3 (1h18m43s).

“Se você consegue sobreviver na rua, você sobrevive em qualquer lugar”. É dentro da sociabilidade que se estabelece, segundo ele, a aprendizagem.

Ele atribui a sua sobrevivência aos ensinamentos cotidianos absorvidos a partir da amizade com as travestis: “Com elas aprendi a maldade da rua, a bondade da rua, a me defender, a ter coragem. Tudo foi ensinado por elas. Para não apanhar, eu tinha que bater. Hoje eu sei me defender. Porque elas me ensinaram, a rua me ensinou”. Não se trata apenas de regras que determinam a dinâmica de funcionamento do espaço, mas também de como sobreviver aos perigos que essas regiões oferecem às pessoas que frequentam. Assim como M@na Vida, é mais que provável que muitas pessoas encarem esses ensinamentos como fundamentais a existência.

4.2 O desejo transforma a cidade

Em seus relatos, M@na Vida descreve suas vivências no centro de Brasília, que contrastam com a imagem de uma cidade fria, burocrática e segregada, sustentada pela ideia de planejamento e modernidade. Essa imagem oficial do Plano Piloto, difundida internacionalmente, não reflete a diversidade e a complexidade das experiências de grupos historicamente marginalizados, como os gays e as travestis. Esse tipo de visão interfere em suas trajetórias, dificulta o acesso às políticas públicas – quando existem – e fere suas cidadanias, o que aumenta o risco para a existência dessas pessoas.

Nesse sentido, afirmo que as experiências de M@na Vida, não de forma isolada, mas dentro de uma coletividade, subverteram as normas e os sentidos impostos pelo projeto urbanístico oficial. A partir daí, buscaremos apreender essa nova organização que se dá por meio das “práticas do espaço” ou “espaços praticados”, para pensarmos em uma homotranscartografia do centro do Distrito Federal.

M@na Vida nos revelou uma outra dinâmica de funcionamento da cidade, a partir da perspectiva de um jovem gay que por mais de uma década ocupou e participou do processo de resignificação de diversos espaços públicos, como o Cruzeiro, Setor Militar Urbano, Parque da Cidade, Setor Comercial Sul (SCS), Setor Hoteleiro Sul (SHS), CONIC, Conjunto Nacional de Brasília (CNB), Rodoviária de Brasília e Esplanada dos Ministérios. E não é exagero afirmar que experiências como as relatadas por ele trouxeram um novo desenho à cidade, que eu intitulo de “Cidade desviada, cidade transviada”.

A própria construção do título do capítulo nos aponta para uma ressignificação simbólica do termo “desvio”, algo muito comum entre essas categorias. Se o senso comum impõe uma carga negativa às pessoas consideradas desviantes por fugirem aos padrões e exigências, essas pessoas usam essa marca para imprimirem a diferença, o que não significa dizer que não haja o desejo pelo respeito e que não buscam equidade. Portanto, o jogo com as expressões “desviadas” e “transviadas”, além da contraposição do modelo, de mudança de rotas, nos faz pensar em algo que está em movimento.

Como trazido nas narrativas de M@na Vida, a cidade era bastante pequena diante do seu desejo de desbravá-la, mesmo que aparentemente as condições não fossem adequadas, em razão das distâncias percorridas. Entre um ponto e outro, na maioria das vezes caminhando, ele tecia sua história no centro do Distrito Federal. Vale ressaltar que além das intervenções provocadas pela presença da comunidade LGBTQIA+, a cidade se conectava através dessas pessoas. Portanto, é preciso considerar que essas sociabilidades, no caso específico de M@na Vida e seus amigos, provocaram alterações das dinâmicas sociais estabelecidas a priori.

Diferentemente de Danny Wonderful e Bethynha Surfistinha, com quem construo o quinto capítulo, M@na Vida frequentava o centro do Plano Piloto saindo do Cruzeiro. Essa região recebia um considerável fluxo de pessoas provenientes de diversas localidades do país. Isso ocorria devido aos ônibus que chegavam e partiam para outros estados a todo momento. É importante destacar que a história dessa região se vincula fortemente à construção da capital do Brasil e, por isso, desde o início, era um espaço muito procurado pelas pessoas.

Sobre sua importância, a Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios (PDAD) referente ao ano de 2018 traz as seguintes informações:

A Missão Cruls, em 1894, instalou acampamento na atual região do Cruzeiro às margens do córrego do Brejo, atual Córrego do Acampamento. A área do Cruzeiro, conhecida como Cruzeiro Velho, começou a ser implantado em 1959, com nome oficial de Setor de Residências Econômicas Sul – SRES e projeto urbanístico elaborado pela equipe de Lúcio Costa, agregado ao Plano Piloto. Na década de 1970, foi implantado o Cruzeiro Novo, denominado oficialmente Setor de Habitações Coletivas Econômicas Sul – SHCES, com blocos de apartamentos de 4 e 5 pavimentos. A Área Octogonal Sul foi implantada na década de 1980. O nome da Região Administrativa foi motivado pela proximidade com o cruzeiro onde foi celebrada a primeira missa da capital, em 3 de maio de 1957. Em 1987, o conjunto urbanístico de Brasília, que inclui o Cruzeiro, foi declarado Patrimônio Cultural da Humanidade pela UNESCO, com o princípio fundamental de preservar a concepção das 4 escalas urbanas: monumental, residencial, bucólica e gregária²⁷¹.

²⁷¹ A Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios (PDAD) 2018, foi organizada pelo Governo do Distrito Federal a partir da Companhia de Planejamento do Distrito Federal (CODEPLAN) e Secretaria de Fazenda, Planejamento, Orçamento e Gestão do Distrito Federal, no ano de 2019. Disponível em: <https://www.codeplan.df.gov.br/wp-content/uploads/2020/06/Cruzeiro.pdf>. Acesso em: 12/07/2023.

É interessante trazer essa concepção oficial do Cruzeiro para pensar como as intervenções que partem de diversos grupos impõem sobre estes lugares a qualidade de espaços. Quando as pessoas interagem entre si em determinados contextos, outras dinâmicas de funcionamento se instalam. Isso revela que a capacidade que homossexuais e travestis tinham de ler a cidade foi fundamental para tornar essa região adequada às suas subjetividades, desejos e sociabilidade.

Outro fator que me chamou a atenção nas falas de M@na Vida foi como o Cruzeiro, além de sua proximidade, pelas conexões estabelecidas por essas categorias, fortaleceu a apropriação espacial do centro do Plano Piloto. Reforço que não se tratava apenas do Cruzeiro Center, pensando como ponto de partida de um menino gay que se lançava nas suas aventuras, ou até mesmo de outros estabelecimentos comerciais ou clubes, mas da forma como agregou em suas vivências grupos com pensamentos antagônicos. Quanto a isso, refiro-me mais especificamente aos militares.

Vale destacar que essa diversidade forçou um outro tipo de movimento à cidade, que por mais que tivesse uma organização aparentemente sólida, acabou por absorver essas mudanças, incorporando-as ao seu cotidiano. Isso não significa que os tensionamentos não existiram, eles só não foram capazes de deter esse movimento imposto por homossexuais e travestis, tanto que continuam até os dias atuais.

Ao observar as narrativas trazidas por M@na Vida e os lugares que frequentou, teremos uma noção da dimensão espacial alcançada por estes grupos na apropriação e construção de sentidos na área central do Distrito Federal. O ponto de partida será o Cruzeiro Center, assim como traz o registro da entrevista. Os outros espaços elencados por ele são: Setor Militar Urbano, representado pelo Quartel General do Exército Forte Caxias; Parque da Cidade, representado pelos estacionamentos 3 e 4, como ponto de entrada para a Floresta dos Sussurros; Setor Comercial Sul (SCS); Setor Hoteleiro Sul (SHS); CONIC; Conjunto Nacional; Rodoviária de Brasília e Esplanada dos Ministérios.

Nesse primeiro momento, aponto estes lugares nos mapas apenas para uma visualização espacial e reconhecimento dos espaços como forma de apresentar essa imensa região na qual ele se lançava em seu cotidiano. Outro ponto que deve ser levado em consideração é que não existe um percurso fixo nas suas andanças, o que sugere que M@na Vida podia partir de onde morava para qualquer um desses lugares.

Não existe apenas uma forma de ocupar a cidade e isso se refletia em suas andanças. Os lugares apresentados possuem dinâmicas diferentes de funcionamento e isso fez com que ele

usasse diversas estratégias de se posicionar diante deles. A pouca idade não representou barreiras para que se lançasse em suas aventuras, contribuindo assim para que a cidade e seus espaços se tornassem adequados para vivências de pessoas com perfis semelhantes.

Essas transformações, por certo, fazem parte de esforços coletivos ao longo do tempo. Por isso a importância dos grupos e suas interações, seja entre eles próprios, seja nas relações furtivas – pagas ou não – ou até mesmo na construção social do afeto com seus pares. De tal sorte, as leituras das ortofotoimagens exigem que se leve em consideração os contextos de suas ocupações. Neste caso específico, as narrativas trazidas por M@na Vida.

Ao observar as localizações registradas nas imagens, verifica-se que o planejamento urbano do Plano Piloto foi um dos principais pontos que contribuíram com as práticas dos espaços naquela região, algo favorecido pelo projeto urbanístico da capital. É provável que gays e travestis tenham entendido isso na prática de movimentação pela cidade, sobretudo no que diz respeito aos comércios, quarteis, hotéis, espaços abertos da capital, entre tantos outros lugares. Essas pessoas entendiam como a cidade funcionava, conheciam as particularidades de cada lugar, por essa razão suas apropriações estão mais próximas de algo estratégico do que aleatório.

4.2.1 Cruzeiro Center: onde tudo começou

O Cruzeiro Center, inaugurado em 1975, representava um local muito importante à cidade, desde a sua localização – Cruzeiro Velho –, na região central do Distrito Federal, até o forte comércio que influenciava no fluxo de gente que passava ali todos os dias, tanto para trabalhar quanto para consumir. No caso específico de gays, e aqui incluo o M@na Vida, os bares eram os que mais influenciavam na sociabilidade homossexual. Eles atraíam pessoas de várias vertentes, desde aquelas que procuravam uma simples diversão, como uma cerveja gelada no fim de tarde, até aquelas pessoas que iam para estabelecer algum tipo de contato mais íntimo, como no caso das pegações.



Figura 31 – Cruzeiro Center

Fonte: Administração Regional do Cruzeiro, 2023.

Essa movimentação era cotidiana, ou seja, todos os dias aqueles espaços estavam em ebulição. Eles atendiam aos vários tipos de desejos das pessoas frequentadoras. No que diz respeito às apropriações de homossexuais, alguns detalhes chamam muito a atenção, entre eles destaque os tipos de interesses de homens que procuravam homens para se relacionarem. Havia aqueles vinculados ao mercado do sexo, uma referência direta aos michês; os que viviam as casualidades e que, mesmo não sendo homossexuais, se aventuravam sem nenhum tipo de questionamento moral; os que buscavam um relacionamento mais concreto; e aqueles como M@na Vida, que viviam de forma intensa praticamente tudo que aqueles lugares ofereciam.

Portanto, essa profusão de desejos impactava a dinâmica do local, pois não passava despercebida pelos sujeitos que todos os dias estavam ali por algum motivo. O depoimento de M@na Vida nos mostra essa centralidade e ferveção vivida no Cruzeiro Center: “Cruzeiro sempre era nosso ponto de encontro para poder ir para os outros lugares [...] Então, a gente já começava a beber e a curtir no Cruzeiro”²⁷². Se pegarmos o universo simbólico das pegações, essa localidade passa a ser compreendida de outra maneira, pois existe algumas categorias que alimentam a imaginação dos gays, porque trazem um forte apelo viril, como por exemplo, militares e trabalhadores braçais, seja da construção civil, seja de oficinas mecânicas.

²⁷² Trecho da entrevista concedida por VIDA, M@na. Entrevista II. [09-2022]. Entrevistador: Alexandre Magno Maciel Costa e Brito. Brasília, 2022. Arquivo MP3 (1h18m43s).

Sobre essas questões, Francisco Ramos de Farias ao pesquisar sobre as práticas sexuais de garotos de programa – “prostituto viril que presta serviço, quase sempre, a homens”²⁷³ – traz impressões que corroboram com as ideias aqui defendidas:

Nesse cenário, os atores encontram-se para estabelecer contratos informais, visando à obtenção de satisfação: o garoto de programa, do dinheiro, e o cliente, do sexo. Contudo, há, nesse espaço, tensões, devido sua configuração ser a de uma territorialidade móvel, em fluxo constante, em razão das negociações do corpo em cifras econômicas. O que é mostrado para aluguel e o que é pago não é simplesmente um corpo qualquer, mas um corpo marcado por insígnias que, convencionalmente, sinalizam a masculinidade: dorsos produzidos em academias de ginásticas remontando aos tipos gregos de outrora; posturas corporais típicas; gestos que retratam modos de ser supostamente viris, copiados de trabalhadores da construção civil, estivadores, militares, caminhoneiros, entre outros²⁷⁴.

A representação das masculinidades em espaços como o Cruzeiro Center exerce uma influência significativa na construção das sociabilidades locais, especialmente porque não se limita apenas àqueles que oferecem serviços sexuais ou buscam relações furtivas, mas também envolve o perfil da grande maioria dos homossexuais que idealizam um padrão de homem extremamente viril. Essa dinâmica, onde homens gays e homens em busca de encontros sexuais se reúnem, tem um impacto significativo na região do Cruzeiro Velho.

Ao voltarmos nossos olhares para os anos 1970, pensando na construção da capital, isso fica muito explícito, já que ali era próximo das garagens e a movimentação de gente era muito intensa, algo que perdura até os dias atuais. No que diz respeito aos quarteis, várias questões levavam os soldados a se sociabilizarem nesses espaços. Desde o desejo até por questões econômicas, já que muitos não eram da capital e o soldo era baixo. Ou seja, envolver-se com gays nessa região era uma forma lucrativa e divertida de sanar questões financeiras, algo muito comentado entre homossexuais em nossas conversas informais durante o período que eu frequentava a New Aquarius e o subsolo do CONIC.

M@na Vida, muitas vezes de forma sutil, destaca o papel do Cruzeiro Center enquanto ponto de referência para sociabilidades de homossexuais e travestis. Vale considerar que muitas pessoas que frequentavam a região não estavam apenas de passagem, ao contrário dos outros espaços estudados, mas moravam perto ou até mesmo no próprio conjunto comercial. Isso já mostra uma diferença na forma de se relacionar com a cidade, já que pertenciam ao lugar.

²⁷³ FARIAS, Franciso Ramos. *Atividades secretas em noites sombrias: memórias do universo dos garotos de programa*. R. Inter. Interdisc. INTERthesis, Florianópolis, v.10, n.1, p. 344-368, Jan./Jul. 2013, p. 344. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/view/1807-1384.2013v10n1p344>. Acessada em: 25/07/2023.

²⁷⁴ FARIAS, Franciso Ramos, p. 347.

Os bares locais, que atendiam a vários segmentos, ofereciam a oportunidade de uma boa pegação ou sociabilização, mas se diferenciavam de outras localidades e seus inferninhos subterrâneos em vários aspectos, como a facilidade de acesso, o horário de funcionamento e o grau de estigmatização, quando comparamos, por exemplo, ao Setor Comercial Sul (SCS). Foi dentro desse contexto que pessoas como M@na Vida se integraram ao local e realizaram seus desejos. Vale lembrar que ele era muito jovem na época, como ele mesmo disse durante a entrevista. Isso significa dizer que alguém que estava entrando na adolescência, caso se interessasse, conseguiria facilmente se inserir nesses espaços, o que nos leva a entender que o comércio local não impunha tantas barreiras às pessoas, especialmente às mais jovens.

M@na Vida percebera que ser um garoto afeminado lhe trazia boas relações, mas somente em territórios bem definidos. Se pegarmos como referência os bares, apesar de haver uma organização que atendesse à pluralidade da sua clientela, as territorialidades estabelecidas se impunham sobre sua espacialidade, como no caso dos michês, das travestis e dos próprios homossexuais, que para reduzirem certos conflitos evitavam atravessar fronteiras de atuação delimitadas por estes grupos, já que eram espaços em disputa.

A proximidade com os quartéis facilitava a presença de soldados na região, mas também permitia a fiscalização das Forças Armadas, que consideravam o lugar uma “área vermelha”, impondo restrições à presença dos recrutas, que nem sempre obedeciam, ou seja, pagavam para ver. É interessante notar que ao desobedecerem as ordens do comando e insistirem em frequentar os lugares, criaram um comportamento de resistência.

Essa insistência em permanecer nesses locais dava outros sentidos ao lugar. Não estou levando em consideração se eles estavam ali para se prostituírem ou cometerem delitos como tráfico, pequenos roubos, entre outros, mas pelas existências e práticas que se alinhavam a outras por uma série de interesses, resultando em mudanças na dinâmica espacial.

Com relação a esse assunto, M@na Vida narrou de maneira muito interessante, sempre de forma relacional, pois não se tratava de algo em que ele fosse apenas um espectador, mas como um atuante bastante frequente. De certa forma ele nos mostra que a prática do espaço passava por uma relação orgânica entre aqueles grupos e os lugares que eles ocupavam. Embora isso não mude o projeto no qual se destina boa parte desses espaços públicos e privados, há certa adequação da sua rotina para receber essas pessoas, principalmente por parte de estabelecimentos comerciais, que contam com o consumo da comunidade LGBTQIA+.

Assim, quando a sociabilidade envolve consumo, ela passa a contar com características diferenciadas, para o bem e para o mal. Se, por um lado, naquele período, integrava de alguma forma estes grupos; por outro, em muitos momentos ela trazia marcadores que resultavam em

opressão, estigmatização e controle: racismo, elitismo, homotransfobia, entre tantos outros. Esses marcadores sociais determinavam quem podia ou não estar ali.

Com relação ao Cruzeiro Velho, mais precisamente o Cruzeiro Center, M@na Vida não trouxe nenhum evento constrangedor por parte dos responsáveis e frequentadores dos estabelecimentos comerciais, mesmo sendo adolescente. Porém, são ocorrências bastante comuns em qualquer ambiente que envolva essa diversidade de pessoas, com destaque às existências de gays e travestis.

A exemplo de situações constrangedoras, temos como referência uma matéria do *Correio Braziliense*²⁷⁵, em entrevista com o dono da *New Aquarius*, onde ele relatava que travestis que faziam *trottoir* não eram bem-vindas à boate, algo semelhante às interdições de certos grupos no Conjunto Nacional de Brasília. Esse tipo de declaração corrobora com a ideia de controle, exclusão e marginalização.

Ainda que houvesse essas barreiras, M@na Vida permaneceu em seus processos de investidas pela cidade. Sua experiência no Cruzeiro Velho, em que destaca a oferta de diversões no Cruzeiro Center, as rodas de samba na ARUC, os encontros nos bares e como os grupos interagiam naqueles lugares, nos dão a dimensão de como essas pessoas tomavam esses espaços para si. Ao reconhecê-los como parte integrada, eles viviam intensamente e de forma incansável, ainda que de passagem.

Sobre a importância do Cruzeiro no contexto da história do Distrito Federal, a Agência Brasília trouxe em 30 de novembro de 2011 a seguinte abordagem: “Cruzeiro, local de muitas histórias”. Trago para esta tese duas referências de lugares centrais nas narrativas de M@na Vida e que receberam destaque nessa reportagem, a Associação Recreativa Cultural Unidos do Cruzeiro (ARUC) e o Cruzeiro Center.

Berço da Aruc – Uma pioneira muito conhecida no Cruzeiro por ter fundado a Aruc é a enfermeira aposentada Ivone de Araújo Eduardo, 80 anos. Então servidora pública, ela chegou no Distrito Federal acompanhando seu marido, que trabalhava no Ministério da Fazenda e foi convocado para prestar serviço no Planalto Central na época da construção de Brasília. Dona Ivone, como é mais chamada, veio do Rio de Janeiro para um lugar ainda desconhecido. [...] Dona Ivone era, até o ano passado, presidente da Ala das Baianas da escola de samba. Por motivos de saúde, ela deixou o cargo, mas continua fazendo parte da escola. Ela também inaugurou o primeiro Posto de Saúde do Cruzeiro. Em 1998, como homenagem pela sua história, ela recebeu do Governo do Distrito Federal um quiosque em frente à sua casa, onde passa a tarde vendendo salgadinhos e bebidas.

Cruzeiro Center - Cruzeiro Center é a área comercial de maior movimento do Cruzeiro Velho. Contemplada com variados empreendimentos, atende bem as expectativas dos moradores, tanto em quesito de lazer quanto com produtos considerados indispensáveis

²⁷⁵ Correio Braziliense, Edição 07702, 08 de abril de 1984, p. 27.

no dia a dia. Na hora de fechar negócio, a segurança, a tranquilidade e o bom atendimento são as referências apreciadas pela clientela, que aquece com êxito o comércio local²⁷⁶.

Além de ser berço da ARUC, a mais vitoriosa escola de samba do Distrito Federal, a região do Cruzeiro foi fundamental na construção de Brasília, já que abrigara migrantes que vieram de todas as partes do país e que viram na capital a esperança de alcançarem uma vida melhor. A intensidade relatada por M@na Vida na região do Cruzeiro Center passa por essa diversidade que ocupou essa região nos primeiros anos de Brasília, dando uma característica mais festiva ao lugar. A reportagem nos ajuda a perceber, embora não trate da presença de travestis e homossexuais, como esse território foi propício para as interações sociais da comunidade LGBTQIA+, além da referência de quem veio antes de M@na Vida e que pavimentou essa possibilidade do seu pertencimento.

Ao construirmos um diálogo entre a matéria veiculada, as narrativas de M@na Vida e as experiências de seu grupo nessa região, torna-se possível compreender como se operam essas transformações de lugares em espaços que abrigam diversos territórios. Transformados, eles passam a compor o que chamo de homotranscartografia, porque não se trata de um mapeamento cuja origem seria a minha visão sobre essa cidade, embora ela também exista, mas de uma cartografia que parte das experiências de homossexuais e travestis na cidade. São essas pessoas que narram essas cidades quando falam de suas vidas.

O processo de compreensão das dinâmicas de apropriação e ressignificação espacial está mais fortemente vinculado às experiências de gays e travestis do que aos próprios lugares em si. O exemplo do Setor Militar Urbano (SMU) ilustra fortemente esse aspecto. Embora os quartéis não se encaixem nesse mapeamento como locais de práticas ou apropriações, a presença de soldados nesses espaços de sociabilidade suscitava diversas possibilidades de análise, afetando diretamente seu funcionamento.

²⁷⁶ Disponível em: <https://www.agenciabrasilia.df.gov.br/2011/11/30/cruzeiro-local-de-muitas-historias/>. Acesso em: julho de 2023.

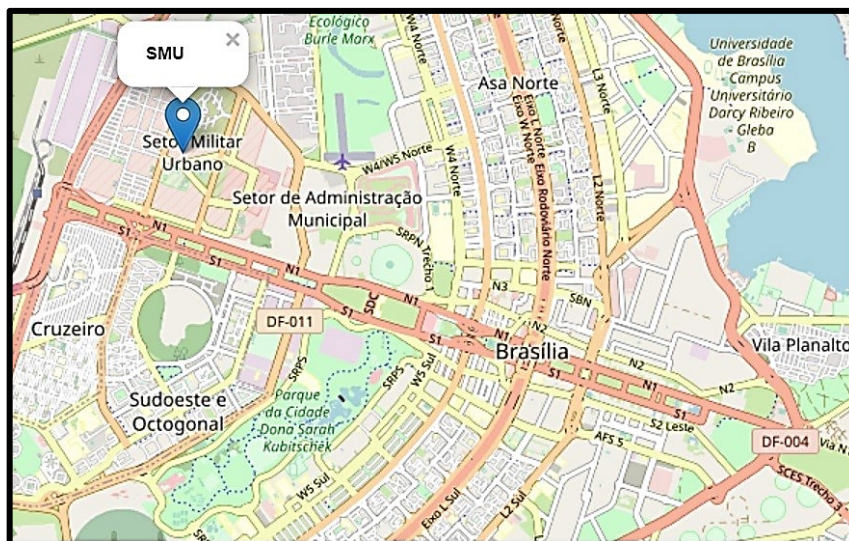


Figura 32 – Ortofotomapa do Setor Militar Urbano
 Fonte: Companhia de Planejamento do Distrito Federal (CODEPLAN)

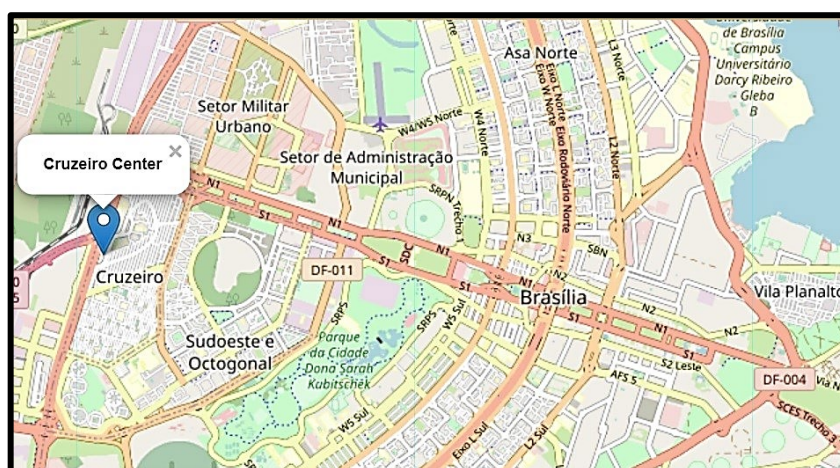


Figura 33 – Ortofotomapa Cruzeiro Center
 Fonte: Companhia de Planejamento do Distrito Federal (CODEPLAN)

Nesse contexto, as relações de poder institucional que cotidianamente buscavam reprimir a presença desses indivíduos, também impactavam a existência de suas sociabilidades por meio de interdições, operações policiais e uso excessivo de força, como examinado nesta tese. Entretanto, as informações fornecidas por M@na Vida em sua entrevista apresentam um contraponto evidente às fontes de pesquisa. Enquanto homossexuais e travestis transformavam estes lugares em espaços de convivência, diversão e construção de suas identidades, as Forças Armadas os convertiam em lugares restritos e perigosos, como as mencionadas “áreas vermelhas”.

M@na Vida nos mostra que a presença dele e de seu grupo demandava certa habilidade – especialmente porque essa região era disputada –, mas que também propiciava parcerias,

como no caso de enfrentamento ao Exército durante as perseguições aos homossexuais, travestis e soldados. Embora estivessem constituindo territorialidades diferentes, eles se uniam em estratégias de autoproteção diante das investidas das Forças Armadas e de outros setores do Estado, algo que não aparece na documentação do *Correio Braziliense*, mas com forte presença nas narrativas de M@na.

Sem dúvidas, a presença de soldados ligados ao comércio do sexo ou em busca de alguma *affair* interferiu na temperatura do lugar, pois representava um atrativo a mais para aqueles homossexuais que buscavam aventuras furtivas, pagas ou não, com esses homens. Isso demonstra, para além das sociabilidades estabelecidas por estes grupos, outro aspecto que fazia do Cruzeiro Center um lugar tão diverso.

O que M@na Vida faz com suas narrativas é nos mostrar algo oculto em boa parte dos documentos consultados sobre a cidade. Nesses, é como se homossexuais e travestis não fizessem parte – enquanto sujeitos – das memórias do Distrito Federal. Ainda que estampem os estigmas sobre estes grupos e lugares, não dão conta do que significa as experiências de gente como M@na.

Quando a gente observa as medidas tomadas pelas Forças Armadas que se envolvem em verdadeiras capturas aos seus soldados na região central do Plano Piloto, fica evidente o peso do estigma sobre as categorias consideradas anormais. De alguma forma, aqui tento descrever o *modus operandi* das Forças Armadas: Era preciso livrar esses militares do mal da imoralidade, embora paguem um preço pela desobediência. Mas como justificar o abuso do poder sobre a comunidade LGBTQIA+ instalada nessa região? Erving Goffman, em seu trabalho “Estigma - notas sobre a manipulação da identidade”, faz a seguinte consideração:

Pode-se tomar como estabelecido que uma condição necessária para a vida social é que todos os participantes compartilhem um único conjunto de expectativas normativas, sendo as normas sustentadas, em parte, porque foram incorporadas. Quando uma regra é quebrada, surgem medidas restauradoras; o dano termina e o prejuízo é reparado, quer por agências de controle, quer pelo próprio culpado²⁷⁷.

Nesse sentido, a não aceitação da pluralidade é vista como uma quebra de regras, o que justifica, de alguma forma, as ações policiais no Cruzeiro Velho e em outras partes do Distrito Federal. É inegável que o estigma sobre homossexuais e travestis carregava um peso decisivo naquele período, quando pessoas como M@na Vida deveriam viver sob a mais absoluta

²⁷⁷ GOFFMAN, Erving. Estigma – Notas sobre a manipulação da Identidade Deteriorada. Tradução: Mathias Lambert. Versão Original: 1891; Versão Digital, 2004, p. 108-109. Disponível em: https://www.mprj.mp.br/documents/20184/151138/goffman.erving.estigma_notassobreamanipulacaoidentidadedeteriorada.pdf. Acessada em: 28/07/2023.

obediência ou, em caso mais extremos, não existir. A pressão sobre estes grupos parecia ser tão grande, aqui me refiro a toda uma vida, que houve casos em que pessoas se autocondenavam como forma de correção ou suposto alinhamento.

O fato de não desejar se enquadrar no estabelecido como “normal” me parece algo determinante para que ele tenha tomado a cidade como parte de si de forma tão incisiva. Por outro lado, não demonstrou nenhuma disposição ou interesse de agir de forma diferente, o que demonstra ausência de alguma culpa ou responsabilidade. M@na Vida conhecia a linguagem da rua e isso foi um grande facilitador na construção de uma rede na qual ele pode atravessar vários espaços, inclusive com os militares.

Ao trilhar o caminho determinado por ele em sua narrativa, outro espaço apresentado e que traz particularidades à apropriação da cidade é o Parque da Cidade.

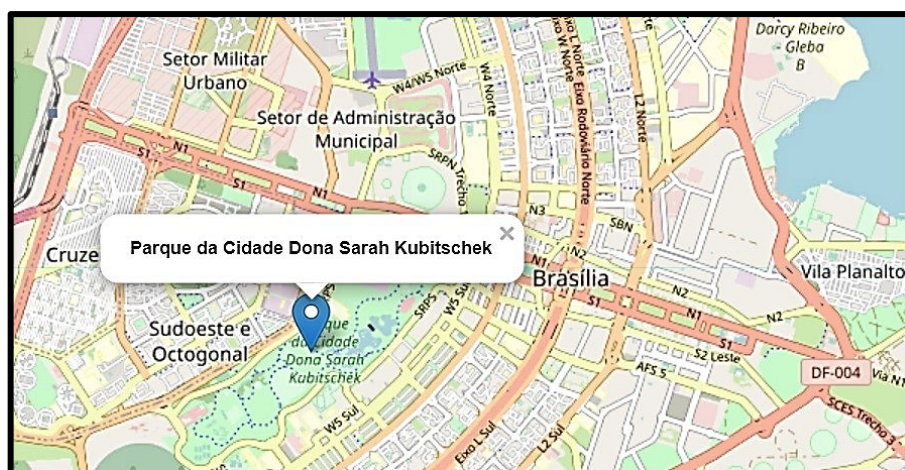


Figura 34 – Ortofotomapa do Parque da Cidade Dona Sarah Kubitschek
Fonte: Companhia de Planejamento do Distrito Federal (CODEPLAN)

As sociabilidades vividas nessa área contavam com uma característica muito presente em outros parques pelo mundo, a saber, os encontros a céu aberto, de forma ocasional ou não. Com seus 420 hectares de área, em pleno coração do Plano Piloto, ele é um dos maiores da América Latina.

Uma das vantagens trazidas pelo parque é o fato de ser aberto e gratuito, algo que facilitava a presença de pessoas dos mais variados estratos sociais. M@na Vida se beneficiou muito dessas características, sendo ele um rapaz muito jovem, que viveu sua adolescência de forma agitada em lugares considerados entendidos, e que, mesmo trabalhando, não contava com muitos recursos. Que lugares poderiam oferecer essa liberdade, espaços belíssimos, que não fosse o Parque da Cidade? Nessa proporção, nenhum.

Ali, especificamente homossexuais encontraram a possibilidade de viver e construir suas identidades. Mesmo com todos os perigos que o lugar oferecia, como apresentado por M@na Vida, sua organização trazia uma sensação de liberdade, já que oferecia vários tipos de diversões e uma estrutura capaz de receber qualquer público e com seus diversos interesses. No caso dele, lugares como os estacionamentos 3 e 4, a própria floresta do parque, seus banheiros e uma boa pista de caminhada, que praticamente dava acesso a qualquer ponto do parque, independentemente da hora, era o que necessitava para seu *trottoir*, um passeio relaxante e descomprometido junto aos amigos.

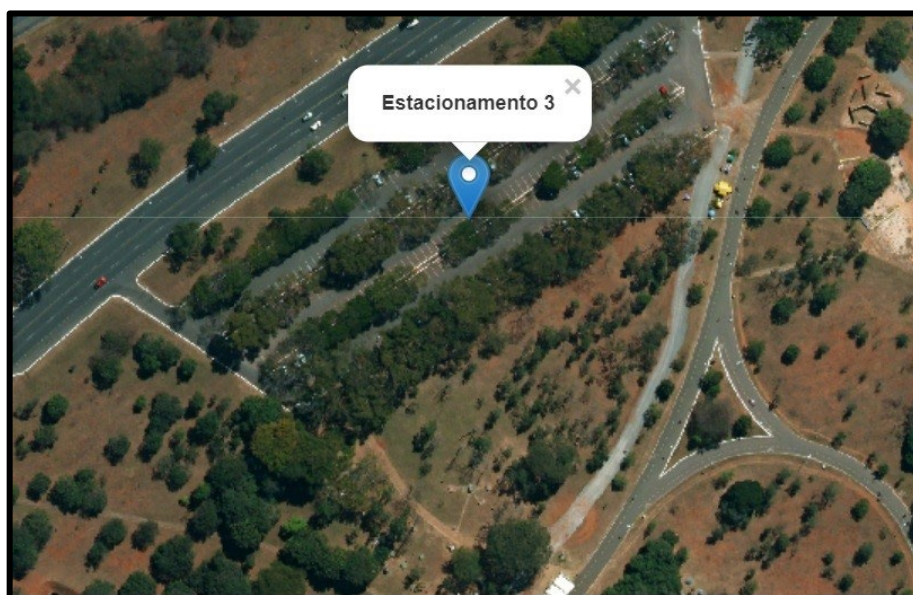


Figura 35 – Ortofotomagem Estacionamento 3 do Parque da Cidade.
Fonte: Companhia de Planejamento do Distrito Federal (CODEPLAN)

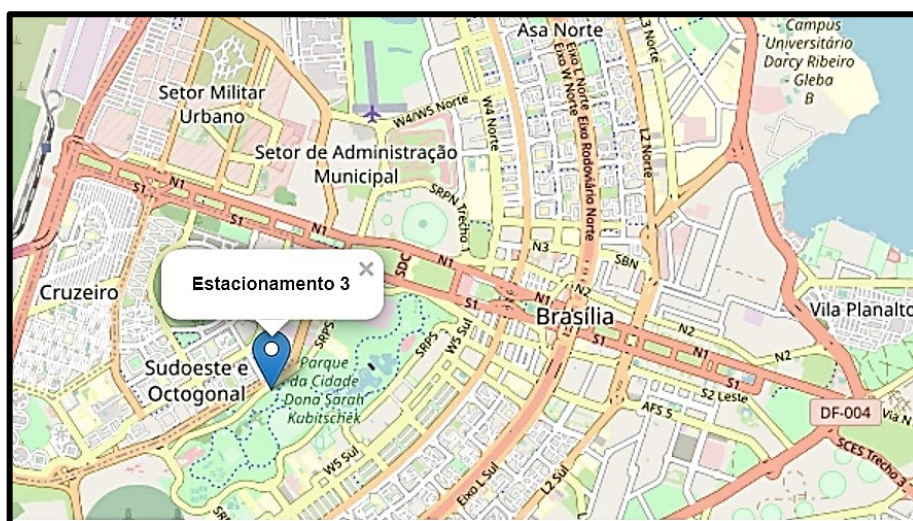


Figura 36 – Ortofotomapa do Estacionamento 3 do Parque da Cidade
Fonte: Companhia de Planejamento do Distrito Federal (CODEPLAN)

Entre o conjunto de locais alcançado nesta tese, o Parque da Cidade se apresenta como o mais diverso. Observo que não é a simples presença de homossexuais e suas investidas em qualquer parte do lugar que o torna com características específicas da comunidade LGBTQIA+. Além do contexto que pode ser variado, a frequência também é um fator relevante. No caso do Parque da Cidade, soma-se a estrutura e a oferta de possibilidades, que eram imensas.

Nesse sentido, voltando às experiências de M@na Vida, alguns lugares – quase que fixos –, carregavam com mais força os elementos dessa apropriação. Assim, algumas delas resultavam em maior ressignificação para estes grupos, porque no primeiro momento, serviam de ponto de encontro, ainda que se dispersassem depois, mas a frequência, como dito anteriormente, fazia com que se tornassem lugares marcados.

Vale ressaltar que o Parque da Cidade possui 13 estacionamentos, porém, trago como referência o estacionamento 3 e 4 em razão da Floresta dos Sussurros. Embora não pareça a sua identificação nos mapas, ela está localizada na área verde atrás do estacionamento 4, como apontado na imagem aérea do lugar. É no meio dessa densa vegetação que homossexuais procuram outros homens para se aventurarem a qualquer hora do dia, porém, durante as noites o fluxo seja muito maior por conta da ausência de luz.

Ainda que não existisse barreiras para M@na Vida – por conta do seu atrevimento e bom humor – para adentrar todos esses locais, a distância percorrida por ele entre o Cruzeiro Center e o Parque da Cidade era muito grande para os que vinham a pé, mas depois que estava dentro do parque, ele praticamente esquecia de tudo, só se interessava em viver.



Figura 37 – Ortofotograma do Estacionamento 4 do Parque da Cidade.
Fonte: Companhia de Planejamento do Distrito Federal (CODEPLAN)

A imagem nos mostra o quanto era robusta a vegetação da Floresta dos Sussurros (marcada com um círculo amarelo). Para quem vinha do Estacionamento 4, era um pulo até chegar em meio às árvores. Nota-se que existia uma pista de caminhada que também dava acesso à floresta, algo que permitia que outras pessoas que viessem de outros pontos do parque acessassem o local. Se por um lado ele oferecia atrativos para todas as pessoas, também oferecia a possibilidade que a sociabilidade pudesse acontecer de forma mais discreta. Ou seja, muita gente descia no Estacionamento 3 e usava a pista de caminhada até as “sombras quentes” da floresta.

Eu me lembro que a movimentação de carros no Estacionamento 4 era imensa durante todo o dia, assim, havia um aumento no fluxo de frequentadores durante a hora do almoço e na boca da noite, em outros momentos, como pela manhã, havia uma pequena queda na intensidade, mas não acabava. O lugar, atualmente, é bem próximo à Região Administrativa Sudoeste/Octogonal, setor bastante valorizado no Distrito Federal e que em muitos momentos abriu guerra contra as vivências nos Estacionamentos e no bosque do parque. O mapa reproduzido na Figura 38 aponta localização desse estacionamento em relação à Região Administrativa citada.

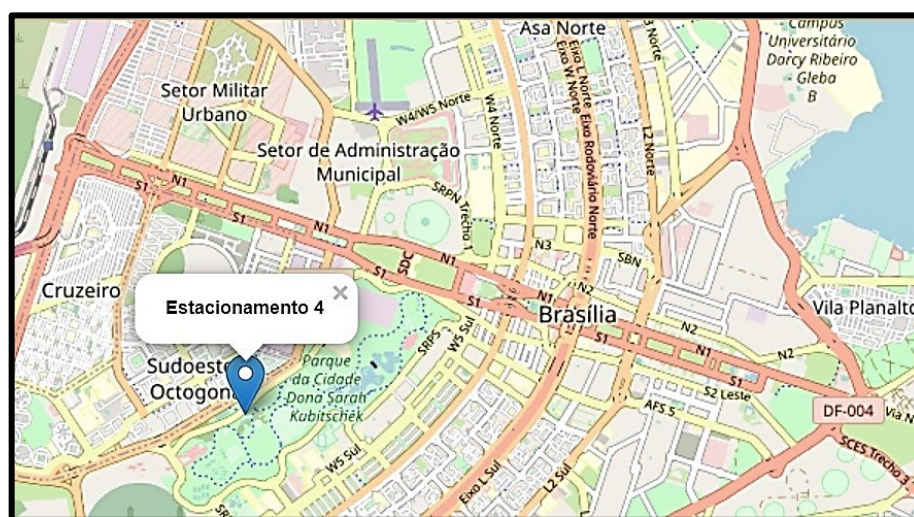


Figura 38 – Ortofotomapa do Estacionamento 4 do Parque da Cidade
Fonte: Companhia de Planejamento do Distrito Federal (CODEPLAN)

Além do Estacionamento 4, outros pontos bastante procurados por homossexuais aventureiros são os estacionamentos próximos ao Pavilhão de Exposições do Parque da Cidade. Nas proximidades desse pavilhão temos, além dos estacionamentos, os famosos “Sofás da

Hebe”, que, embora a maioria das matérias jornalísticas explorem apenas o sexo a céu aberto naquela localidade, eles serviram de ponto de encontro para uma boa resenha.

Como apresentado anteriormente nesse capítulo, M@na Vida adorava esse lugar e isso é algo presente em sua narrativa, porque não era voltada apenas à pegação, mas a uma interação com seus pares, com pessoas que ele realmente tinha afeto e amizade. Tanto é que muitas pessoas que viveram esse período junto a ele permaneceram em seu ciclo de amizade. M@na Vida e seus amigos se fortaleceram na experiência coletiva, para não serem engolidas pelo sistema. Tomar estes lugares como seus tem a ver com a astúcia da comunidade LGBTQIA+ na compreensão e na relação com o centro do Distrito Federal, especialmente porque não se referiam a locais exclusivos para esse tipo de sociabilidade. Isso ressalta a importância de reconhecer que a prática do espaço envolve, inclusive, o desejo de sentirem parte cidade.

Essa insistência não se limitava a esses espaços, tendo em vista que grande parte da comunidade LGBTQIA+ tem se visto obrigada a confrontar a falta de aceitação em relação às suas identidades, práticas e vivências. No caso de M@na Vida, as vivências homossexuais. Apesar disso, a cidade tem se transformado nesse movimento de insistência pela vida. Esse desafio implica em viver para além dos espaços convencionais, que na maioria das vezes interdita essas existências: família, trabalho, igrejas, entre tantos outros locais. Portanto, a experiência das ruas e esquinas é moldada e definida por essas agências particulares que se irmanam formando uma coletividade.

As características do parque, especialmente em sua amplitude, quando observado o Pavilhão de Exposições, evidencia como a vivência de rua encontra brechas no projeto da cidade. Essa referência à vivência de rua diz respeito exatamente aos grupos dissidentes, porque, de certa forma, são eles que tomam o lugar e apresentam as contradições da estrutura urbana.

As Figuras 39 e 40 – a primeira mais ampla e a segunda cujo destaque é o estacionamento do Pavilhão de Exposições – oferecem uma visão detalhada da região, enriquecendo a narrativa de M@na Vida, um conhecedor local que guarda memórias intensas de sua adolescência e juventude.



Figura 39 – Ortofotografia do Pavilhão de Exposições do Parque da Cidade.
Fonte: Companhia de Planejamento do Distrito Federal (CODEPLAN)

Na medida que se observa a existência de um grande estacionamento, árvores, pista de caminhada, bancos de concreto e um lago, a ideia que se tem é de um lugar de difícil controle de vigilância e com equipamentos interessantes à diversão. O que se vivia ali era um grande e complexo paradoxo nas apropriações e ressignificações dos espaços, porque ao mesmo tempo em que trazia a sensação de segurança, ele apresentava o perigo. De fato, muitas pessoas já foram assassinadas no local. Todavia, isso não impediu que estes grupos continuassem frequentando o parque. É muito interessante observar a imagem do pavilhão, tendo em vista que ela apresenta as possibilidades de se escapar de um lugar ao outro rapidamente, o que torna a região propícia a certas vivências.

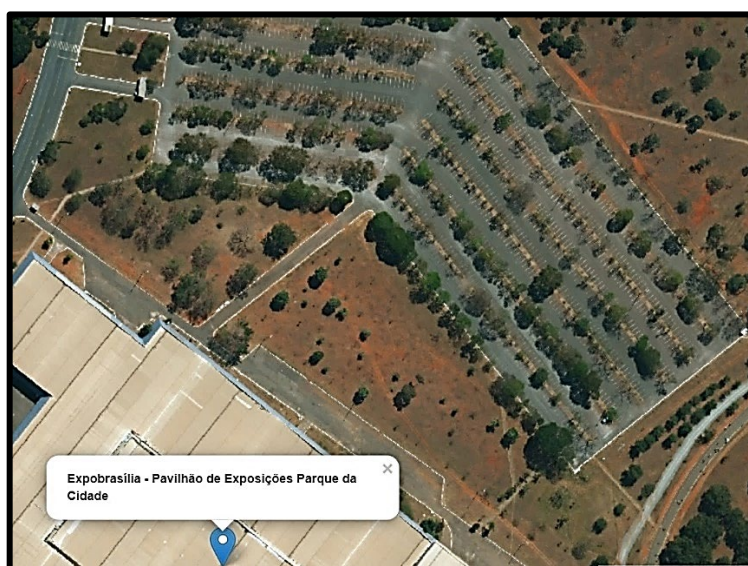


Figura 40 – Ortofotografia do Pavilhão de Exposições do Parque da Cidade.
Fonte: Companhia de Planejamento do Distrito Federal (CODEPLAN)

As proximidades do Nicolândia Center Park, inaugurado em 1978, representam outra região bastante acionada pela comunidade LGBTQIA+. A procura do lugar se dá por conta de sua localização próxima Avenida W-3 Sul²⁷⁸, por ser arborizado, com amplos estacionamentos, pista de caminhada, banheiros públicos, proximidades com laguinho e ao Castelinho do Parque da Cidade, conhecido como “Castelo de Grayskull”.

A W-3 Sul é fundamental para pensarmos as sociabilidades de homossexuais e travestis nessa região, como mencionado anteriormente, pois oferecia acesso ao Setor Comercial Sul (SCS), Setor Hoteleiro Sul (SHS) e Parque da Cidade. Para quem desejasse acessar o local pelo Estacionamento 13, próximo ao Nicolândia, bastava descer no atual Shopping Pátio Brasil, passar pelo Shopping Venâncio 2000 e seguir até ao parque.

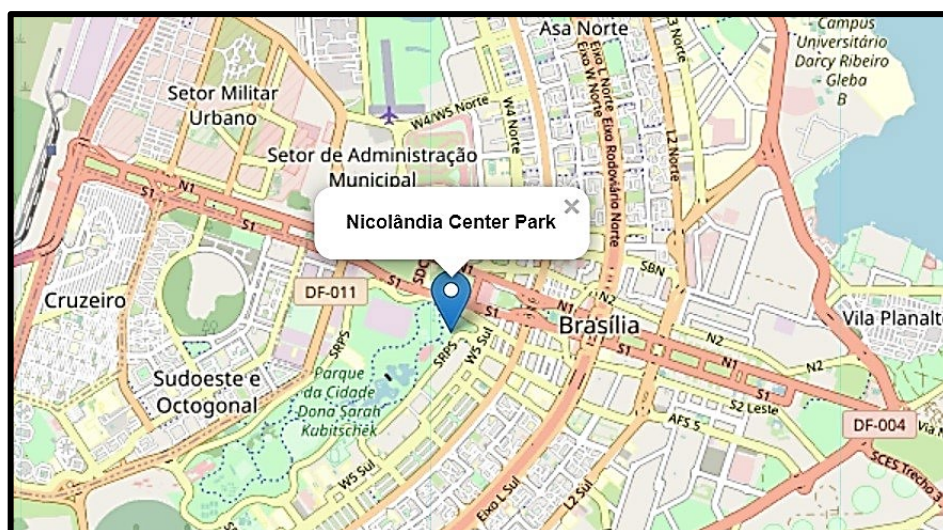


Figura 41 – Ortofotomapa do Nicolândia Center Park, Parque da Cidade
Fonte: Companhia de Planejamento do Distrito Federal (CODEPLAN)

²⁷⁸ A W3 Sul é uma importante avenida localizada na região sul do Plano Piloto de Brasília. A designação W-3 Sul surgiu nas pranchetas dos construtores, por ser a terceira via, em afastamento, a oeste do Eixo Rodoviário de Brasília. É uma via secundária (60 km/h), com inúmeros acessos dos dois lados – vias locais, entrada e saída de estacionamentos e, até, de garagens residenciais (em algumas quadras "700") – todos de menor prioridade. Na ausência de semáforo (ou nos horários de piscar-alerta), a prioridade é sempre da W-3. Disponível em: <http://doc.brazilia.jor.br/Vias/via-W3-sul-Avenida.shtml>. Acesso em: 09/08/2023.

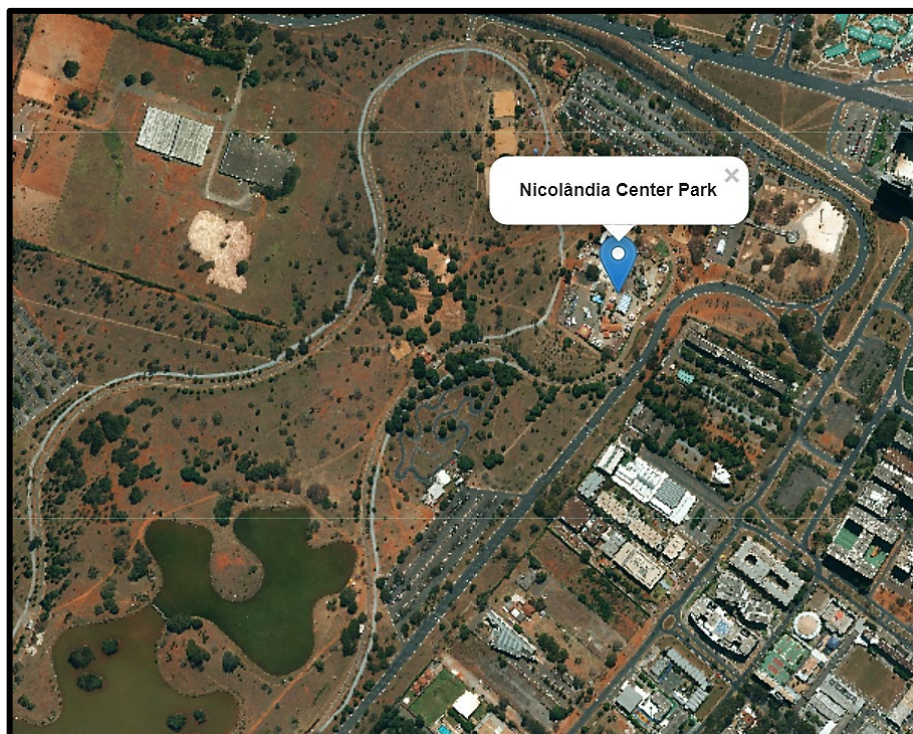


Figura 42 – Ortofotomapa do Nicolândia Center Park.
Fonte: Companhia de Planejamento do Distrito Federal (CODEPLAN)

A beleza do parque sempre atraiu uma grande quantidade de frequentadores de todos os espectros sociais. A utilização das ortofotos²⁷⁹ favorece alcançar uma dimensão maior dos caminhos trilhados por M@na Vida e ao mesmo tempo em que nos apresentou os acessos aos espaços, uma grande colaboração do ponto de vista técnico enquanto localização.

Imagine sair junto com M@na pelo acesso do Nicolândia Center Park e trazer à mente uma imagem marcante do Parque da Cidade. Essa imagem aguçaria nosso olhar para a região e serviria como uma introdução ao lugar a quem ainda não teve a chance de conhecê-lo. Além disso, ela oferece uma compreensão inicial sobre porque as vivências homossexuais floresceram por todo aquele espaço.

Transformar o Parque da Cidade em seu refúgio, portanto, também foi uma forma de ressignificar a cidade para continuar vivo. Em uma de nossas conversas após a entrevista, M@na Vida lembrou que aquela área verde, para além do que oferecia – pegação e diversão – , era um lugar de cura para sua alma: “Chorei incontáveis vezes a não aceitação do meu pai, sobretudo pelo uso excessivo de drogas e seu comportamento violento, me escondi do mundo

²⁷⁹ A CODEPLAN disponibiliza o serviço WMS (Web Map Service) das ortofotos do Distrito Federal. <http://geoservico.homologacao.codeplan.df.gov.br/>

e das dores. Caminhei, respirei e me senti amparado. O parque me acalentava sempre que a dor vinha”²⁸⁰.

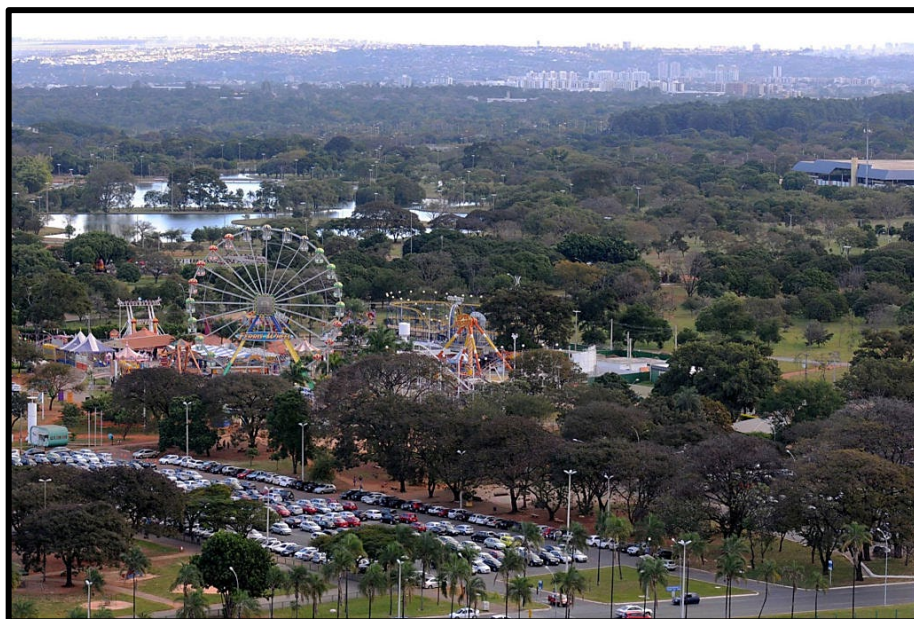


Figura 43 – Nicolândia Center Park²⁸¹
Fonte: Renato Araújo/Agência Brasília

Seguindo o trajeto construído na entrevista, ao sair do Parque da Cidade, M@na Vida caminhava em direção Setor Comercial Sul (SCS). Nesse percurso, as relações construídas com o lugar tinham dinâmicas diferentes, seja pela própria estrutura como era organizado, seja por ser um território onde as travestis exerciam hegemonia. Se no Parque da Cidade, ele vivia intensamente e da forma como bem entendia, no Setor Comercial as regras eram bem mais rígidas.

²⁸⁰ Trecho da entrevista concedida por VIDA, M@na. Entrevista II. [09-2022]. Entrevistador: Alexandre Magno Maciel Costa e Brito. Brasília, 2022. Arquivo MP3 (1h18m43s).

²⁸¹ Disponível em: <https://agenciabrasilia.df.gov.br/wp-conteudo/uploads/2016/12/ppps-parque-cidade-renato-araujo-agencia-brasilia.jpg>. Acesso em: 09/08/2023.



Figura 44 – Ortofotomapa do Setor Comercial Sul (SCS)
Fonte: Companhia de Planejamento do Distrito Federal (CODEPLAN)

As apropriações espaciais por homossexuais nessa região existem na medida em que há permissões para que eles possam se estabelecer ali. A proximidade com travestis pode ser entendida como uma questão facilitadora, algo presente nas narrativas de M@na. Mesmo com toda intimidade que mantinha com as meninas que batalhavam no local, sua presença não poderia atrapalhar os programas daquelas que tinham o direito de estar ali, tendo em vista que elas pagavam por isso às cafetinas, como afirmado anteriormente.

Embora seja uma região bem menor que o Parque da Cidade, os prédios e garagens serviam como verdadeiros labirintos e motéis a céu aberto. Ao contrário de Danny Wonderful e Bethynha Surfistinha, como veremos, o tipo de apropriação espacial estabelecida por gays é bastante fragmentada e, no que diz respeito ao Setor Comercial Sul (SCS), é bem passageira. Isso imprime um movimento menos intenso do que em outras localidades. Nesse sentido, M@na Vida praticamente não criou uma relação tão profunda com o Setor Comercial quanto a estabelecida com o Cruzeiro Center, de onde partia, e com Parque da Cidade, onde se embrenhava na maior parte do tempo.

Ainda assim, manteve relações de afeto nessa região que era dominada por travestis. Não por acaso, atribui parte de seu aprendizado à convivência com algumas delas, independentemente de quem eram suas cafetinas. Esse passe livre no local permitiu que muitas vezes conseguisse dar suas escapulidas mais marotas e se aventurasse em algum programa, o que lhe rendia alguns trocados fundamentais para o resto da noite no CONIC. Mesmo sendo um lugar visado, controlado e proibido por alguns setores – “áreas vermelhas” –, a disposição

dos prédios servia como aliada para uma pegação no local ou para um “atendimento”²⁸² fora dali: estacionamentos, parques, motéis ou em outras áreas.



Figura 45 – Ortofotografia do Setor Comercial Sul (SCS).
Fonte: Companhia de Planejamento do Distrito Federal (CODEPLAN)

Ele reforçou em seu depoimento que toda a organização do Setor Comercial Sul (SCS) durante a noite era algo posto pelos grupos que dominavam a região, uma referência às cafetinas, e por essa razão, era necessário bastante cuidado para não quebrar a confiança. Quando observamos esse emaranhado de prédios, fica evidente as particularidades do espaço. Ao contrário das travestis, gays tinham mobilidade maior no centro do Plano Piloto, já que na grande maioria das vezes não estavam vinculados ao trabalho, mas às sociabilidades, algo que permitia ir e vir a qualquer momento sem grandes preocupações, porém, respeitando os limites do lugar.

A visão de M@na Vida corrobora com as entrevistas dadas por Danny Wonderful e Bethynha Surfistinha sobre a vida no Setor Comercial Sul (SCS). Ocorre que, por mais que ele estivesse imerso no universo das travestis, as experiências vivenciadas por elas apresentavam particularidades porque não se tratava de uma apropriação aventureira do espaço, mas de sobrevivência, algo encarnado em corpos e identidades.

²⁸² Atendimento significa transa.



Figura 46 – Ortofotomapa do CONIC ou Setor de Diversões Sul (SDS)
Fonte: Companhia de Planejamento do Distrito Federal (CODEPLAN)

Por sua vez, quanto ao Setor de Diversões Sul (SDS) ou CONIC, M@na nos mostrou que sua vivência naquela região, além de intensa, era um misto de badalação e trabalho, já que acessava com facilidade a Boate *New Aquarius*, mesmo sendo menor de idade. Nenhum dos inferninhos do “Buraco Quente” passou despercebido por ele. Mais do que no Parque da Cidade e no Setor Comercial Sul (SCS), uma das características que fizeram diferença nas noites badaladas do local era a quantidade de bares e boates. Boa parte das pessoas que frequentavam os inferninhos saía dali completamente colocadas – leia-se, bêbadas.

M@na Vida acessava o CONIC pela parte superior (marcada com uma tarja amarela na Figura 47), o mesmo caminho de quem sai do Setor Comercial Sul (SCS) em direção à rodoviária. Ali era um lugar que desde o início da noite o tipo de movimentação ia se modificando. Aquele vai e vem de pessoas saindo do trabalho ia dando lugar a uma legião de bichas e algumas travestis, que ficavam jogando papo fora e “dando um *close*” na frente do complexo até a boate *New Aquarius* abrir. Outra parte significativa delas entrava por trás, porque o foco eram os inferninhos. Do lado de dentro havia um outro tipo de movimentação frenética por conta dos bares, lanchonetes, saunas, sindicatos, galerias, cinemas, com destaque ao Cine Hitz e Teatro Dulcina de Moraes. Essa diversidade de gente tornava o CONIC uma bomba, aos finais de semana.



Figura 47 – Ortofotografia do CONIC ou Setor de Diversões Sul (SDS).
Fonte: Companhia de Planejamento do Distrito Federal (CODEPLAN)

Quando M@na Vida nasceu, aquele lugar já pegava fogo há muito tempo, não era à toa a sua intensa presença no *Correio Braziliense*, seja nas propagandas da boate, Cine Hits ou em matérias anteriormente apresentadas por esta tese sobre os inferninhos. No caso do Setor de Diversões Sul (SDS), o destaque dado ao CONIC, como apresentado, tinha conotação mais negativa, como se fosse um lugar esquecido, maltratado, violento e mal frequentado. Em outros momentos o que estava em voga era a questão cultural, porque a movimentação de artistas e estudantes dividindo a Faculdade Dulcina e os shows na Boate *New Aquarius* faziam com que o lugar respirasse cultura.

Havia uma espécie de reinvenção do CONIC. Aqui me refiro às pessoas que agregavam suas histórias ao lugar, transformando-o em seus territórios. A resposta à liberdade que parecia reinar naquela região foi a desativação do Cine Atlântida, uma das salas de cinema mais importantes da capital e que comportava 1200 pessoas. O que era antes um espaço de diversão tornou-se a Igreja Universal do Reino de Deus no ano de 1995. Assim, na visão de muitas pessoas, o Setor de Diversões Sul (SDS) passava a abrigar o “céu” e o “inferno” lado a lado: bichas, travestis, garotos de programa e crentes se esbarrando no mesmo lugar. Sobre isso, Lila Foster, uma das redatoras da revista *Cinética*, traz a seguinte memória:

O Cine Atlântida ficava num ambiente menos familiar, o CONIC (no irônico SDS, Setor de Diversões Sul), um dos poucos lugares em Brasília onde se pode sentir a convivência dos “opostos”: sindicatos, igrejas, sex shops, sinucas, danceterias, lojas de material fotográfico, escolas de teatro, escritórios. Não foi à toa que José Eduardo Belmonte escolheu este espaço como cenário-personagem do seu filme *Subterrâneos*. Para quem vive no Plano Piloto (leia-se classe média) são poucos os espaços visualmente caóticos e o Cine Atlântida ficava no meio desta “confusão”. Era o cinema que, quando saíamos

e já estava escuro, o passo era mais apressado – como se fosse necessário fugir do não planejado, de tudo que não é reto e visualmente acessível²⁸³.

Embora o trecho da matéria trate sobre o que era o Atlântida, os aspectos referentes ao Setor de Diversões Sul (SDS) se sobressaíam, o que corrobora com o entendimento das múltiplas formas de práticas do espaço naquela região. Se pegarmos a narrativa de M@na Vida sobre a intensidade que era o lugar, fica evidente o quanto o CONIC era diverso e reunia praticamente todas as formas de sociabilidade para homossexuais e travestis no mesmo complexo.

O fato de estarem ali de passagem já aponta para uma característica defendida por Néstor Perlongher sobre a ocupação do gueto à brasileira, uma espécie de nomadismo. M@na deixava o CONIC com o dia já claro e caminhava até a rodoviária. Ao trazer esse aspecto em sua entrevista, ele confirmou como a disposição espacial, aqui pensando em três importantes setores – Setor de Diversões Sul (SDS) e Norte e Rodoviária –, contribuiu com as vivências desses grupos.

Se observarmos cuidadosamente as imagens, perceberemos a centralidade que a Rodoviária apresenta na estrutura do Plano Piloto de Brasília. A disposição dos espaços nessa região foi uma facilitadora para investidas de travestis e homossexuais, como M@na Vida. Porém, é na prática do espaço que essas territorialidades se incorporaram a estes lugares, tomando-os como seus, e isso não deixa de ser uma reivindicação sobre a cidade.

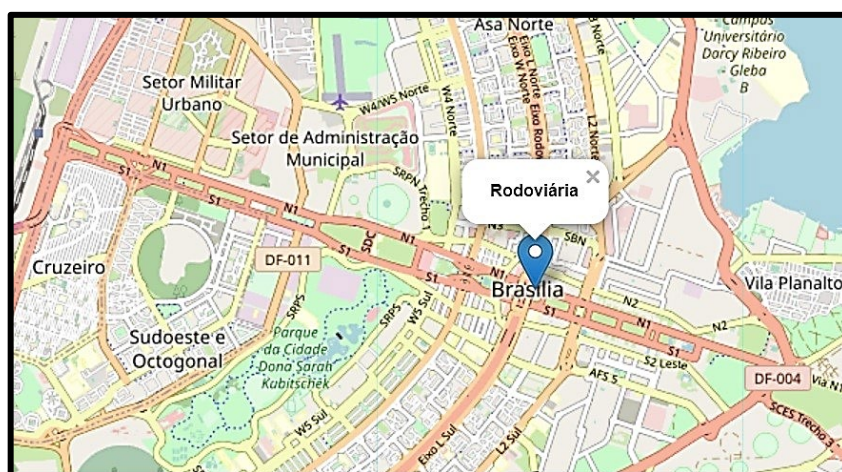


Figura 48 – Ortofotomapa da Rodoviária do Plano Piloto.
Fonte: Companhia de Planejamento do Distrito Federal (CODEPLAN)

²⁸³ Cinética é uma revista de cinema e crítica, cuja fundação se deu em 2006. Ela traz um panorama importante sobre as salas de cinema e suas localizações. No que diz respeito, ao Atlântida, fica muito evidente a intensidade e diversidade do lugar durante o período abordado pela tese. Disponível em: <http://www.revistacinetica.com.br/redacao.html>. Acesso em: 12/08/2023.

As Figuras 49, 50 e 51, a seguir, representam espaços bastante próximos, mas com apropriações tão díspares. Se o CONIC, como nos mostra M@na Vida, é o inferninho onde tudo acontece, o Conjunto Nacional de Brasília se destaca pela prática do banheirão e pegações na praça de alimentação do Shopping, mas é na Rodoviária que as margens se encontram e tomam conta do centro. O terminal oferece vários tipos de sociabilidades, inclusive, para públicos cuja presença não é permitida em lugares como o Conjunto Nacional ou as boates do CONIC.



Figura 49 – Ortofotografia do Conjunto Nacional.
Fonte: Companhia de Planejamento do Distrito Federal – CODEPLAN



Figura 50 – Ortofotografia da Rodoviária do Plano Piloto.
Fonte: Companhia de Planejamento do Distrito Federal – CODEPLAN



Figura 51 – Ortofotografia Setor de Diversões Sul (SDS) – CONIC
Fonte: Companhia de Planejamento do Distrito Federal – CODEPLAN

Seria a Rodoviária do Plano Piloto o lugar mais democrático para homossexuais, travestis e michês? Se levarmos em consideração a facilidade de acesso ao espaço, sim. As práticas sexuais e sociabilidades de gays, travestis e michês possibilitaram que a rodoviária não se resumisse a um terminal onde as pessoas embarcam e desembarcam todos os dias. Essa expansão no sentido se dá a partir da própria prática do espaço, porque não é uma simples operação de se renomear um lugar, mas como algo que passa a ser lido de outra forma, principalmente para se adequar às experiências e desejos de quem ocupa, explora e ressignifica.

Quando observamos as palavras de M@na Vida em sua entrevista, o que encontramos é um relato profundo de quem viveu cada um desses territórios. Um fator importante a ser destacado diz respeito a uma espécie de memória local capaz de imputar regras de convivência, presença e atuação, ou seja, a prática dos espaços ali era bem anterior a sua chegada.

Essa memória local se dá por meio de uma ocupação persistente, desobediente, insurgente e ativa. Muitas das transformações profundas vivenciadas ali residem nos detalhes que passam despercebidos, algo presente nas palavras de M@na Vida enquanto parte desses espaços. É importante entender que a sua relação com cada um dos lugares citados não era de exterioridade, mas de forte intimidade e isso pode ser visto em suas jornadas pelo centro da capital.

Essa relação íntima com a cidade é de uma abrangência significativa e que perpassa uma dimensão espacial do Plano Piloto: abrange desde os encontros na região do Cruzeiro, até as diversas oportunidades que surgem no Parque da Cidade. As manifestações incluem as estratégias de exploração do Setor Comercial Sul (SCS), um território dominado por travestis;

as passagens pelos inferninhos e boates do CONIC em suas noites quentes e agitadas; os *closets* infinitos e pegações no Conjunto Nacional, seja na praça de alimentação ou nos banheiros; por último, mas não menos importante, a Rodoviária, que deveria marcar o término de uma longa jornada noturna, mas que frequentemente se transformava no palco para viver tudo novamente.

CAPÍTULO 5 – CIDADE OUSADIA: TRAVESTILIZANDO O CENTRO DO DISTRITO FEDERAL

“O sonho dela é viver bem velha
E cantar bem alto
Fazendo surgir
Toda beleza que na vida impera
No corpo marcado de uma travesti”
(Renna)²⁸⁴

5.1 As travestis e a arte de costurar a cidade

Neste capítulo, busco de forma mais orgânica compor as percepções sobre a prática do espaço a partir das entrevistas realizadas com “Danny Wonderful” e “Bethynha Surfistinha”, ambas travestis e que construíram suas trajetórias no centro da capital do Brasil na década de 1990. As histórias a seguir trarão a esta tese, uma espécie de arremate, porque ao preencher algumas lacunas sobre a cidade e suas dinâmicas, permitirão uma visão de dentro de cada espaço constituído a partir de suas presenças, bem como a de outras pessoas pertencentes ao seu grupo, que ganharão corpo nesta tese por meio de suas memórias.

Suas palavras são fundamentais na conclusão dessa homotranscartografia do centro do Distrito Federal, sobretudo por trazer a possibilidade do olhar e da vivência travesti em uma dinâmica transformadora da cidade. Ainda que sejam apropriações diversas, as experiências de M@na Vida associadas às experiências de Danny Wonderful e Bethynha Surfistinha rompem os limites de algumas regiões e desvelam microespaços ressignificados.

Durante esse processo, muitas vezes me veio a lembrança de minha avó em sua velha máquina de costura ou até mesmo cingindo a mão, juntando retalhos, muitos deles esquecidos. Costurar é juntar duas ou mais partes de um tecido utilizando agulha e linha. As palavras de Danny e Bethynha tinham esse poder de juntar, algumas vezes separar, cortar, desfazer, descosturar, arrematar, até que ficasse pronto.

²⁸⁴ Trecho extraído da canção *Lamento de Força Travesti*, interpretado por Renna Costa. Ela é atriz, poeta, realizadora audiovisual, arte-educadora e transativista. Sobre a composição, é uma canção escrita pela travesti joinvillense, Helen Maria, e traz dados verídicos sobre a violência que atinge a comunidade travesti. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=03rqrtILoy4&t=3s>. Acesso em: 16/05/2023.

Esse processo de costura é complexo e cansativo, basta olharmos para essas trajetórias que atravessaram noites e dias, ano após ano, em uma luta constante pela sobrevivência e por sonhos que pareciam impossíveis. Tudo isso para que a gente pudesse agora se vestir de suas palavras.

5.2 Flanando com Danny Wonderful

A primeira entrevista para a escrita da tese foi com Danny Wonderful, uma travesti bastante conhecida no centro de Brasília, cuja trajetória se deu no Setor Comercial Sul (SCS), na primeira metade dos anos 1990. Nosso encontro aconteceu em seu apartamento, onde fui recebido com muito afeto e cordialidade. Era uma dessas noites quentes, típicas do Planalto Central do Brasil durante o período da seca. Ao chegar em sua casa fiquei maravilhado com cada detalhe cuidadosamente pensado por ela na organização do seu lar. Era impossível não se sentir a vontade ali.

Antes mesmo de começar a entrevista, os detalhes do seu apartamento, suas fotos e o apreço com todas as coisas que compunham aquele cenário, já revelavam quem era Danny Wonderful e como ela se posicionava no mundo. Não esqueço suas gargalhadas ao apresentar cada cômodo da casa, tudo ali tinha uma história vinculada ao caminho trilhado, cujo ponto de partida era a cidade de Governador Mangabeira, no estado da Bahia, até sua chegada à Planaltina, Região Administrativa (RA) do Distrito Federal – denominada naquele período como Cidade Satélite – no início dos anos 1990.

Sua presença ocupava os espaços da casa como uma extensão de si. Seu rosto e corpo pareciam desenhados, cabelos na altura dos ombros e um vestido colado que ressaltava as marcas de bronzeamento que davam ainda mais brilho à sua pele preta. Seus lábios perfeitamente torneados, sobrancelhas bem-feitas, o que trazia destaque aos seus olhos. A sua estatura elevada, para além de sua natureza forte, dizia muito sobre seu posicionamento diante do mundo e tornava aquela presença ainda maior. Tudo isso em torno de um espaço organizado para receber meus equipamentos que gravariam nosso diálogo. Ela me acolheu em sua casa, permitiu que eu me sentasse à sua mesa e me tranquilizou: “Aceita uma água, meu bem?²⁸⁵”. Desfilou até a cozinha e me serviu água gelada em um copo de alumínio, daqueles que ficam suados devido a temperatura.

²⁸⁵ Trecho da entrevista concedida por WONDERFUL, Danny. Entrevista IV. [09-2022]. Entrevistador: Alexandre Magno Maciel Costa e Brito. Brasília, 2022. Arquivo MP3 (57m54s).

O encontro com Danny foi intenso, especialmente pelo carinho com que recebeu a proposta da pesquisa. O fato de conhecer profundamente o centro do Distrito Federal e se expressar de maneira objetiva a respeito de suas vivências, contribuiu com a condução da entrevista, algo parecido com um par que dança de forma leve e equilibrada. Essa força imposta pela vivência, trouxe a este momento um misto de emoção e nervosismo, como se a pessoa a ser entrevistada fosse eu. Essa interação começa com a nossa longa risada na hora de colocar o microfone de lapela naquele vestido colado, com flores estampadas, que valorizava de forma contumaz as marcas do bronzeamento e o volume dos seus seios com formas bem definidas.

O seu corpo trazia as marcas de sua história. Ela lembra que nem sempre ele foi assim – uma referência a feminilidade das formas –, mas que já era algo concebido em sua mente, porque desde muito nova trazia essas inquietações. O desejo de transformação alimentado por Danny, embora inscrito em seu corpo, se conectava a diversos interesses: afetivo, familiar, social, econômico, entre outros. Neste sentido, quando observamos sua trajetória, nota-se que ela mais se parece com uma imagem espelhada do movimento migratório que se realizava naquela vida, entre o vivido no interior da Bahia e sua mudança para a capital.

Corpo e cidade, de alguma forma, se misturavam naquele enredo. Este tipo de deslocamento para Brasília faz parte da história da capital, principalmente, pela imagem construída de que aqui seria um lugar de oportunidades, o que estimulou a migração. Com Danny não foi diferente ao deixar toda uma vida para trás, atravessar o estado da Bahia e sair em busca de tudo que idealizava. O desejo era maior que o medo e que os perigos que poderia enfrentar. Esses deslocamentos me lembram muito uma passagem de “*Grande Sertão: Veredas*”, no que diz respeito às travessias:

Ah, tem uma repetição, que sempre outras vezes em minha vida acontece. Eu atravesso as coisas – e no meio da travessia não vejo! – só estava era entretido na ideia dos lugares de saída e de chegada. Assaz o senhor sabe: a gente quer passar um rio a nado, e passa; mas vai dar na outra banda é num ponto muito mais em baixo, bem diverso do em que primeiro se pensou. Viver nem não é perigoso?²⁸⁶.

As considerações feitas por Riobaldo, protagonista – narrador-personagem – da obra citada acima têm muito a ver com essa coisa de atravessar a vida, seus perigos e os processos vividos no caminho. O depoimento de Danny diz muito sobre isso, por se tratar de um processo revolucionário em sua existência, que vai além do deslocamento da Bahia à capital do Brasil.

²⁸⁶ ROSA, Guimarães João. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2001, p. 51.

Por essa razão começo pensar o processo de construção de si apresentado por Danny Wonderful como a travessia, exatamente como narrado por Riobaldo.

As vivências no centro da capital ocorreram antes da sua transição em 1994. A tranquilidade na qual ela relata a experiência de acessar esses espaços em um período em que ela ainda se reconhecia como gay, me chamou muito a atenção. O que denotava um processo transicional de dentro para fora, segundo ela, mas cheio de amor-próprio. A mudança de estado estava vinculada diretamente a essa transição, já que o desejo de ser e ter outro corpo fizeram com que ela viesse à Brasília em busca da realização de seus desejos mais importantes.

Ela recorda que naquele momento do florescimento de Danny Wonderful, alguns ataques foram desferidos (aqui utilizo “florescer” como algo que já existia, latente, mas que foi tomando corpo e forma na medida em que se abria a esse processo de mudança e construção). Especialmente um deles parece ter sido muito relevante, porque partia de alguém próximo e questionava de forma vil essa feminilidade cada vez mais a florada. A expressão usada, muito comum entre gays, foi a seguinte: “bicha poc, pão com ovo”. Ela se sentiu humilhada, desacreditada e preterida pelo peso das palavras, além da decepção decorrente do afeto que nutria pela pessoa a quem considerava amiga. Mesmo com tantos entraves ultrapassados durante a vida, esse episódio recebeu um destaque em sua narrativa, razão pela qual ela demonstrava tristeza ao recuperar esse fato.

É preciso que se diga que a trajetória das travestis, para além da heteronormatividade, esbarra nos ataques transfóbicos de outros segmentos da comunidade LGBTQIA+, ou seja, alvejadas pelo que a gente pode considerar fogo amigo. Talvez não pareça correta e expressão “fogo amigo”, mas justifico o uso por se tratar de categorias que deveriam de alguma forma se irmanarem. Essas questões atentam sobre a busca de suas realizações e que geram sucessivas barreiras nos mais diversos setores da sociedade.

Rapidamente, Danny em sua narrativa, supera esse momento mais tenso com uma bela gargalhada, o que me conduziu para um outro lugar, que certamente não era o da fragilidade e do silenciamento, mas de alguém que tinha um foco naquilo que desejava tanto, que era realizar sonhos que trazia desde a época em que morava na Bahia. Essa disposição – uma referência aos sonhos – não era fácil e demandava enorme energia vital.

Ela relatou que a prostituição era muito cansativa e que muitas vezes não ia ao Setor Comercial Sul (SCS) porque precisava repousar. Isso traz uma característica à batalha naquele local que dificilmente a sociedade leva em consideração, que é o trabalho exaustivo das travestis para garantirem o seu sustento e outras realizações pessoais. Sem dúvidas, esse é um dos detalhes da apropriação do centro do Distrito Federal que diferencia travestis dos outros

segmentos, como por exemplo, a comunidade homossexual. A raiz da presença das travestis, me refiro à grande maioria, era a sobrevivência, ou seja, uma apropriação a partir do trabalho, no caso da maioria dos gays, estava muito mais ligada à diversão e sociabilidade.

O mundo acadêmico nos traz certos vícios, principalmente o de utilizar definições que enquadrem as pessoas. E isso foi algo desmontado por Danny quando pedi que definisse o que era ser travesti. Com toda certeza eu esperava que ela fosse me dizer algo parecido com o que a gente encontra nos manuais. Ela me diz que “ser travesti é a pessoa entrar e sair, saber respeitar os espaços dos outros e os outros respeitarem nossos espaços”²⁸⁷. Essa fala nos devolve o questionamento sobre o fato de não precisarmos dizer o que significa a cisheteronormatividade, porque não é colocada em xeque ou como pessoas desacreditadas, o que é uma clara demonstração de algum privilégio.

Essa humanidade inquestionável que reivindica respeito, presente em cada palavra de Danny, se apresenta como um pilar de sustentação e coragem de alguém que viveu por mais de 22 anos nos espaços do Setor Comercial Sul (SCS). Sua experiência no centro do Plano Piloto aponta para dois pontos quase que antagônicos, quando a gente considera juventude e maturidade: o medo que ronda estes lugares, tendo em vista a atuação do Estado na relação com o “outro” e a falta de segurança, algo que tornara preocupante, depois de tanto tempo ali; e o olhar para o passado, em que a juventude sublimava todos esses perigos.

A vida no Setor Comercial Sul (SCS) durante as madrugadas – trabalho, sobrevivência e diversão – reposicionava o espaços da cidade, onde as fronteiras entre o Setor Comercial e o Setor Hoteleiro praticamente não existiam. Tudo era Setor Comercial Sul (SCS). Ao invés de linhas cartográficas que dividiam a cidade ou limites espaciais reconhecidos como únicos pelas pessoas, tínhamos a presença pujante de travestis, gays e michês, que a partir de suas atuações, apresentavam outras estruturas organizacionais. Provavelmente, a grande maioria não se dava conta do que significava esses reposicionamentos. Novamente, esse é o sentido da travessia, ou seja, quem está no caminho, simplesmente vive.

Essa questão está muito presente em sua narrativa, como se esfacelasse a estrutura estabelecida a partir de outros sentidos que a existência dos grupos davam ao espaço. Esse esfacelamento e reconstrução está presente tanto nas palavras de Certeau quando afirma que “A linguagem do poder se urbaniza, mas a cidade se vê entregue a movimentos contraditórios que se compensam e se combinam fora do poder panóptico”²⁸⁸, quanto no depoimento de Danny

²⁸⁷ Trecho da entrevista concedida por WONDERFUL, Danny. Entrevista IV. [09-2022]. Entrevistador: Alexandre Magno Maciel Costa e Brito. Brasília, 2022. Arquivo MP3 (57m54s).

²⁸⁸ CERTEAU, Michel de. *A cultura no plural*. Campinas, SP: Papirus, 2012, p. 161.

Wonderful quando recupera memórias, inclusive antes da sua chegada no Setor Comercial Sul (SCS), sobre o que é viver e suas táticas de resistências na ocupação do espaço.

Chama a atenção a forma como ela recupera a história do local para apresentar os 22 anos de Setor Comercial Sul (SCS) e como foram (re)desenhados e (re)significados no *trottoir*, principalmente, pelas travestis. Essa é uma espécie de negação dos limites presentes nos mapas de Brasília, que não dão conta do que é o lugar quando olhamos para a presença dessas vidas e como a memória atua sobre a preservação da própria estrutura espacial. Podemos pensar a partir dessa lógica, que a cidade está submetida a um processo dialético, não na sua estrutura concreta, já que existe uma preservação, mas no seu uso, apropriação e construção de sentidos.

Vale ressaltar que todo esse processo dialético não é concebido como tal por essas categorias – e não deveria – porque está vinculado a nossa leitura e entendimento sobre os espaços e suas dinâmicas de funcionamento. Ainda que Danny não continue trabalhando no Setor Comercial Sul (SCS), a narrativa sobre suas experiências vêm de dentro e de forma visceral, como alguém que está na travessia e que perpetua de alguma forma o passado da capital do Brasil. A cidade precisa desta memória para existir, da mesma forma que a gente precisa dessa memória para reconhecer a cidade.

O que Danny faz em seu relato é destrinchar a cidade em detalhes que passam despercebidos às pessoas que não comungam das experiências travestis. Ela faz isso de forma tão cuidadosa que dá a sensação de que estamos caminhando junto a ela em uma dessas noites de trabalho.

Olha, eu gostava de ficar ali do lado do SENAC, em frente ao Bonaparte Hotel, é porque eu não sei o número das quadras até hoje. Eu sei que tem as quadras 1, 2 e 5. Ficava ali do lado do SENAC, depois eu descia e ia para um pé de manga que ficava em frente ao Bonaparte, depois para o lado do Riviera Brasília Hotel, ou também lá atrás, nas Lojas Americanas e no Museu dos Correios. No quadrado (...) antigamente era quadrado, não sei como é que se chama hoje²⁸⁹.

Com relação ao pé de manga – situado no canto direito da imagem a seguir, paralelamente ao Bonaparte Hotel –, é necessário considerar a importância de sua localização, situado entre o Bonaparte e um posto de gasolina cujo o movimento é muito grande, o que facilitava a batalha naquele lugar. Ele é um ponto de referência, com valor simbólico no que diz respeito às travestis que batalham próximo ao Bonaparte, quando pensamos nas

²⁸⁹ Trecho da entrevista concedida por WONDERFUL, Danny. Entrevista IV. [09-2022]. Entrevistador: Alexandre Magno Maciel Costa e Brito. Brasília, 2022. Arquivo MP3 (57m54s).

performances da prostituição: do caminhar, da abordagem e da parada sob suas copas que diminuía a intensidade da luz.



Figura 52 – Seria apenas um pé de manga?
Google, fevereiro de 2020.

Em suas palavras, como caminhos trilhados, é possível perceber a ausência de fronteiras entre o Setor Comercial Sul (SCS) e Setor Hoteleiro Sul (SHS), o que mostra na prática uma outra organização possível ao lugar, como novas formas de localização naquela região. O mesmo acontece na relação estabelecida entre mim e Danny, que parecia não haver fronteiras predeterminadas, num diálogo quase que professoral. Havia ali um cuidado e ao mesmo tempo esforço em me apresentar a cidade e suas dinâmicas.

Ao acionar suas memórias, nos momentos de maior tensão, a sua mudança na feição era perceptível. Como por exemplo, nos percalços impostos pelo Estado em sua presença no Setor Comercial Sul (SCS). Um desses momentos de tensionamento é quando ela recorda a existência de um posto policial nas imediações do Bonaparte e da proximidade que tinham com alguns agentes de segurança que ali trabalhavam. Essa aproximação se dava de várias formas: sociabilidade, programas, entre outras questões. Isso é importante porque explica o arrefecimento das relações com o Estado, que não permitia que seus agentes se envolvessem com as travestis. Esse desconforto por partes dos mais conservadores e intolerantes da Segurança Pública do Distrito Federal resultava na maioria das vezes em violência.

Aquela localidade era considerada uma área vermelha – referência aos militares das Forças Armadas – cuja significação era de lugar proibido para militares frequentarem em razão da prostituição, da frequência de travestis e prostitutas. Em suas palavras:

Tinha arrastão no Setor Comercial toda quinta e sexta. Chegava aquele monte de policiais no camburão, numa van ou ônibus, pegava a gente, todas travestis e putas, botava dentro do camburão e ia para a 1ª DP. Fui várias vezes para fazer ficha. A gente tinha identidade, mas perguntavam se a gente estava sem documento. Entendeu? Mas com ou sem documento, eles nos levavam²⁹⁰.

O Setor Comercial Sul (SCS), por diversos momentos trazia a sensação de medo. As necessidades mais imediatas de subsistência faziam com que Danny sublimasse o temor e os perigos da rua. A batalha demandava muita disposição e superação do cansaço. Assim, como em um ritual cotidiano, acessar esses locais exigia certa preparação e cuidado. Danny começava a se arrumar às 17 horas: maquiagem, chuca²⁹¹, creme no corpo, papel higiênico, lubrificantes e camisinha. Tudo impecavelmente preparado para o trabalho. Esses cuidados não eram os únicos, pois se referem ao momento da saída. Somam-se a eles, arrumação dos cabelos, unhas, bronzeamento – no caso de Danny –, escolha da roupa e todas as outras atividades domésticas. O dia era bem pequeno para ela, tudo isso para estar impecável para o trabalho.

Por volta das 18h30, já arrumada e pronta para a batalha, saía de sua casa em Planaltina e ia em direção ao ponto de ônibus. A linha utilizada por ela era a 600, que cortava todo o centro do Plano Piloto, passando pela Asa Norte, centro e Asa Sul. Geralmente ela descia no Setor Comercial Sul (SCS) e se dirigia ao lugar de atuação. Esse deslocamento – seja do lugar em que morava até o centro de Brasília ou na volta para casa – era muito tenso, pois causava desconforto que gerava o medo de agressões verbais e físicas. Ela conta que isso era algo mais frequente no início: “aquele povo te xingando, com cara feia e você calada”²⁹², até que se tornasse conhecida pelas pessoas que embarcavam nessa mesma linha e horário cotidianamente.

Em uma dessas viagens, foi deixada na estrada, em um posto policial que se localizava na BR-020, próximo ao Posto Colorado. Naquele dia, em decorrência de uma discussão dentro do ônibus e sua recusa de deixar o lugar, foi obrigada pela Polícia Militar do Distrito Federal a pegar uma outra condução. Sem reservas, lembra que nessa ocasião se encontrava alterada e bêbada, ou seja, “colocada”, como se diz entre as travestis.

Por conta de seu temperamento, algumas vezes explosivo, ficou conhecida pelos usuários do transporte como “Nervosa”. Se no início as relações com os passageiros eram mais tensas, com a convivência, as coisas se tornaram amenas, e até mesmo, afetuosas. De forma

²⁹⁰ Trecho da entrevista concedida por WONDERFUL, Danny. Entrevista IV. [09-2022]. Entrevistador: Alexandre Magno Maciel Costa e Brito. Brasília, 2022. Arquivo MP3 (57m54s).

²⁹¹ Segundo o *Pequeno Vocabulário Pajubá Palmense*, o termo “chuca” tem o seguinte significado: S. 1. Limpeza do ânus por dentro com água. 2. Lavagem intestinal feita antes do sexo anal. Este é um procedimento é comum entre gays e travestis. Disponível em: <https://editorascienza.com.br/ebook/pajuba.pdf>. Acesso em: 25/05/2023.

²⁹² Trecho da entrevista concedida por WONDERFUL, Danny. Entrevista IV. [09-2022]. Entrevistador: Alexandre Magno Maciel Costa e Brito. Brasília, 2022. Arquivo MP3 (57m54s).

bem humorada e em meio a umas boas risadas ela descreve essa situação: “Depois de anos, quando eu ia e voltava: ‘Nossa, chegou a Nervosa!’”. Tinha um rapaz que vendia as bebidas dentro do ônibus. Os bofes já me davam bebida: ‘Toma nervosa!’”. Opa! cheguei aonde eu queria”²⁹³.

Ainda sobre questões ligadas ao álcool, Substâncias Psicoativas (SPA) e violência, me impressiona a coragem que Danny Wonderful tem ao lidar com esses assuntos, especialmente, porque eles “depõem” contra sua vida quando levamos em consideração o universo conservador e normativo. A grande diferença é que ela consegue contextualizar essas vivências e ao mesmo tempo refletir sobre o que considera certo ou errado, o que demonstra maturidade e conhecimento sobre as estruturas sociais. Quando a gente pensa a cidade, considerando a existência das pessoas que a ocupam, não de forma isolada, mas dentro de um contexto, se torna mais visível a incorporação dos sentidos a ela. Desta forma, os caminhos trilhados por Danny – dentro e fora – traduzem como se dão os movimentos internos em territórios como o Setor Comercial Sul (SCS).

O trajeto entre a sua casa em Planaltina e o Setor Comercial Sul (SCS) levava mais de uma hora naquele horário. A ida era sempre mais tranquila porque o cansaço era menor. O tempo da viagem permitia certas reflexões sobre a vida, o que justificava a batalha. Danny lembrava de seus sonhos e desejos e o porquê se entregava de forma tão obstinada às vivências no Plano Piloto. Cheia de orgulho e amor próprio, ela nos conta:

Pra você vê, quando eu cheguei aqui em Brasília, eu falei: Eu vou comprar uma casa na Bahia. Como Brasília me acolheu, hoje em dia eu amo, comprei aqui. Entendeu, tenho meu carro, minha casa. Então, sonho realizado, mas eu tinha esse sonho de ter, mas foi realizado. Graças a Deus e com sucesso²⁹⁴.

Qualquer pessoa que viesse a ler esse depoimento isoladamente o trataria como um grande incentivo, como se fosse uma ode ao trabalho, aquelas bem capitalistas: “Deus ajuda quem cedo madruga”; “O trabalho dignifica o homem!”; “Não deixe de lutar pelos seus sonhos!”. Mas quando se trata de uma travesti, de pele preta, nordestina, periférica e que se prostitui, os comentários não seriam estes, e possivelmente, a sua presença no Setor Comercial Sul (SCS) perderia a condição de “trabalho”.

Esse é um processo de marginalização embasado em vários tipos de opressão: transfobia, racismo, xenofobia, elitismo e tantos outros marcadores. Desconsiderar os caminhos

²⁹³ Idem.

²⁹⁴ Trecho da entrevista concedida por WONDERFUL, Danny. Entrevista IV. [09-2022]. Entrevistador: Alexandre Magno Maciel Costa e Brito. Brasília, 2022. Arquivo MP3 (57m54s).

trilhados por ela é uma forma de aniquilação da sua existência, como diria o cantor Caio Prado: “A placa de censura no meu rosto diz: Não recomendado à sociedade. A tarja de conforto no meu corpo diz: Não recomendado à sociedade”²⁹⁵. Ainda assim, em movimento a contrapelo, Wonderful se impôs e se realizou. Ressalto aqui, a maneira corajosa como faz isso e como fala sobre esse chegar tão longe.

Era envolvente ouvir sua voz grave – algo que ela diz não querer mudar e que não a atrapalhava em nada – dizendo: “o tempo foi generoso comigo”. Ela se refere a todas as mudanças que ocorreram em sua vida, mesmo não mudando a voz. Isso demonstra que as relações com a cidade, especificamente no caso das travestis que atuam no centro da capital, estão também conectadas aos desejos que são comuns na sociedade: possuir um lar, automóvel, conforto, possibilidades de ajudar a família, entre tantas outras coisas. Se isso é comum, quando a gente pensa em questões sociais, o que as tornam diferentes quando dizem respeito às travestis?

A experiência de Danny Wonderful – enquanto travesti que se prostitui – traz uma perspectiva de dentro do centro do Plano Piloto capaz de mostrar como os conflitos atravessam o lugar em suas múltiplas relações. A sua narrativa apresenta uma organização que depõem contra a existência desses grupos e nos ajuda a compreender a transfobia estrutural e institucionalizada em cruzamento com o racismo. Vale ressaltar que, se por um lado havia a mão dura do Estado, por outro a sobrevivência aos ataques dava-se por uma série de estratégias.

Ela relata alguns problemas com a polícia nas proximidades do Hotel Bonaparte. Havia um policial que sempre usava violência contra elas, o que levava as meninas a acompanharem a escala do seu plantão. É interessante aqui lembrar que elas não tinham acesso aos documentos que traziam essa escala, mas a observação cuidadosa que mantinham sobre a rotina da polícia, servia de base para acompanharem a presença do agrupamento. Isso nos mostra que a rotina do Setor Comercial Sul (SCS) não passava despercebida aos olhos das travestis, e servia, também, de base para organização do seu tempo. A partir da observação da escala policial, elas acabavam montando uma escala para si também. O dia do plantão, especificamente desse policial, era o dia que elas utilizavam para o descanso, ou seja, não iam para o Setor Comercial Sul (SCS), ficavam em suas casas.

Ainda que relate com bom humor esse episódio, lembra que nem tudo dava certo na vida de uma travesti, principalmente quando errava a escala daquela figura, o que resultava em

²⁹⁵ O seguinte trecho pertence à canção “Não Recomendado”, composta pelo artista Caio Prado no ano 2014 para o álbum “Variável Eloquente”. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=G5AR0TQNu_w. Acesso em: 14/05/2023.

desassossego em suas vidas. Em certa ocasião, Danny Wonderful não prestou atenção na escala do dia e acabou entrando numa verdadeira enrascada. Ao fazer seu *trottoir* no interior do Setor Comercial se deparou com a presença inesperada daquele policial tão temido no setor. Isso aconteceu próximo a uma garagem, local conhecido como “Buraco do Rato”. Naquele dia, as coisas não ficaram boas e o clima de tensão tomou conta do lugar. Eis o que me contou:

Era sexta feira, umas 10 horas da noite quando chega esse policial, em uma van: “Vocês! Vocês!”. Nossa, deu uma cassetada na minhas pernas que o silicone mondrongou, até hoje. [Pergunto onde havia acontecido] Na garagem que a gente descia pra fazer programa, no Setor Comercial Sul, no “Rato”, no “Buraco do Rato”. Pois é, estou lá, ficando com o cliente, quando eu olho pra cima, quem está descendo? Esse policial e outro magro que também odiava travestis e que não gostava que a gente descesse nas garagens para fazer programa. Aí ele me pegou, me bateu, eu fui em cima dele na época. Nossa, eu sei que apanhei tanto, me deu tanta paulada no corpo. Acho que ele pensa que o fato dele ser a lei, tinha o poder de fazer isso²⁹⁶.

É como se Danny tivesse se encontrado com um monstro. Encurralada, não conseguiu fugir daquela situação. A violência policial foi tão grande, que além dos machucados por todo o corpo, ainda houve um, cujas marcas persistem até hoje, presentes em seu silicone “mondrongado”²⁹⁷ na região próxima aos glúteos. Ali, no meio do Setor Comercial Sul (SCS), ainda que se mostrasse forte, chorou sem que tivesse ninguém para defendê-la. Ela me disse que o que mais a deixava desanimada e ofendida era que o policial, enquanto representante da lei, deveria protegê-la e não proferir ataques brutais contra sua dignidade e seu corpo.

Esses enfrentamentos durante a batalha no centro da capital eram rotineiros e não vinham apenas por parte da polícia, mas, também, das violências e golpes sucessivos dados por clientes. O caso apresentado por Danny ratifica o modo como a estrutura funcionava e, em alguma medida, repete aquilo que já foi mostrado nessa tese ao analisar matérias do *Correio Braziliense*, como por exemplo, receber pagamentos com cheques sem fundos. Esse tipo de golpe contra quem se prostituía era uma prática rotineira no Setor Comercial e resultava em prejuízo e constrangimento. A sua sorte era a gerente que cuidava de sua conta em uma agência bancária em Planaltina. Sobre isso ela faz o seguinte relato:

E quantas vezes minha gerente de Planaltina me ligava para falar o negócio do cheque e até dinheiro falso, quando tinha aqueles envelopes que a gente colocava lá! A gerente ligava para

²⁹⁶ Trecho da entrevista concedida por WONDERFUL, Danny. Entrevista IV. [09-2022]. Entrevistador: Alexandre Magno Maciel Costa e Brito. Brasília, 2022. Arquivo MP3 (57m54s).

²⁹⁷ Mondrongo é uma referência à palavra “mondrongo”. Em sua dissertação de mestrado, Nilson Tadeu traz a seguinte referência ao termo: como “travesti em que o silicone “caiu”; travesti cujo corpo foi deformado pelo silicone. ALONSO, Nilton Tadeu de Queiroz. *Do Arouche aos Jardins: uma gíria da diversidade sexual*. (Dissertação) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Língua Portuguesa, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, p. 99, 2005. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/14308/1/NiltonAlonso.pdf>. Acesso em: 25/05/2023.

dizer que tinha cédula falsa. Ainda bem que ela já me conhecia. Ela me via em Planaltina, ela já sabia do que eu trabalhava. Eu falava para ela: olha, amiga, esse dinheiro quem me deu foi o cliente. O cheque quem me deu foi o cliente e eu nem sabia que era falso²⁹⁸.

Em outros casos, os clientes se recusavam a pagar o programa, expulsavam do veículo por meio de uso da força, ameaças, facas e arma em punho. Não havia segurança naquele lugar e por muito pouco, ela não teve sua vida ceifada, como na noite em que levou um tiro, cujo disparo veio da arma de um traficante durante uma briga. Ainda assim, ela disse que ele “era um rapaz até de boa, tranquilo, mas doidão de drogas”²⁹⁹. Isso ocorreu próximo à Pollyelle do Setor Comercial Sul (SCS). No meio dessa confusão, ele acabou acertando mais de uma pessoa, porém, no caso de Danny, foi mais grave, pois teve seu intestino grosso perfurado por bala.

Perguntei sobre o medo de morrer: “Pior que não, porque quando a gente está nessa vida, a gente não sente nada. Não, você não vê nada. [...] só dá vontade de tomar água”³⁰⁰. Ela havia falado também sobre uma facada que recebera em uma daquelas noites que estava na batalha. Danny conta que ela e uma amiga tinham saído com dois rapazes para um programa, só que no meio da situação aconteceu algo fora do previsto. Sua amiga queria o dinheiro do acompanhante e isto gerou um problema, porque além de tudo, resolveu brigar com o outro rapaz que estava com Danny. Na tentativa de apartar aquela confusão, restou-lhe uma facada na mão. O ferimento não foi algo sério, mas incomodou bastante por ser no meio do trabalho. Sobre o ocorrido ela traz uma expressão importante ao se referir aos conflitos e perigos no Setor Comercial Sul (SCS): “Mas é vida de rua. Tem um ditado que diz que a rua ensina as coisas”.

Ouvindo Wonderful, imediatamente, me veio uma passagem da obra *A alma encantadora das ruas*, do escritor João do Rio:

A rua faz as celebridades e as revoltas, a rua criou um tipo universal, tipo que vive em cada espectro urbano, em cada detalhe, em cada praça, tipo diabólico que tem, dos gnomos e dos silfos das florestas, tipo proteiforme, feito de risos e de lágrimas, de patifarias e de crimes irresponsáveis, de abandono e de inédita filosofia, tipo esquisito e ambíguo com saltos de felino e risos de navalha, o prodígio de uma criança mais sabida e cética que os velhos de setenta invernos, mas cuja a ingenuidade é perpétua, voz que dá o apelido fatal aos potentados e nunca teve preocupações, criatura que pede como se fosse natural pedir, aclama sem interesse, e pode rir, francamente, depois de ter conhecido todos os males da cidade, poeira d’oiro que se faz lama e torna a ser poeira – a rua criou o garoto!

Essas qualidades nós as conhecemos vagamente. Para compreender a psicologia da rua não basta gozar-lhe as delícias como se goza o calor do sol e o lirismo do luar. É preciso ter espírito vagabundo, cheio de curiosidades malsãs e os nervos com um perpétuo

²⁹⁸ Trecho da entrevista concedida por WONDERFUL, Danny. Entrevista IV. [09-2022]. Entrevistador: Alexandre Magno Maciel Costa e Brito. Brasília, 2022. Arquivo MP3 (57m54s).

²⁹⁹ Idem.

³⁰⁰ Idem.

desejo incompreensível, é preciso ser aquele que chamamos *flâneur* e praticar o mais interessante dos esportes – a arte de flunar. É fatigante o exercício?³⁰¹.

O modo de vida de Danny Wonderful se conecta com as palavras de João do Rio ao trazer as contradições da rua e seu caos cotidiano, tanto no que diz respeito à diversidade que ocupa esses espaços, os tensionamentos gerados por múltiplos interesses e as experiências que acomodam vida e morte, medo e coragem, dor e felicidade. A “arte de flunar” tem uma coisa do errante, vadio, da vagabundagem e do próprio *trottoir* que movimenta e dá vida ao centro do Plano Piloto durante às noites. Não se trata aqui de pensar esse *flâneur* como algo pejorativo ou do ponto de vista do estigma, mas como uma interface característica do Setor Comercial Sul (SCS), que abriga, ainda que de forma momentânea, elementos tão contraditórios, ao levar em consideração o período da noite.

Quando perguntei como se organizava essas apropriações espaciais do centro da capital, especificamente a região que abrange o que entendemos como Setor Comercial Sul (SCS), Setor Hoteleiro Sul (SHS) e CONIC nos anos 1990, ela me trouxe um panorama sobre a cafetinagem no local. Ela recuperou a história de duas travestis que comandavam o Setor Comercial Sul (SCS) e que mantinha uma guerra constante: Savana e Carla Facão, as mais antigas do setor. Ela conta que: “Quem mandava era a Savana. A Carla Facão, inclusive, eu descia para ela. Eram as cafetinas. Havia brigas constantes entre elas. Savana não queria que as bichas da Carla descessem, e por isso, dava aquela confusão toda, tiro ou facada”³⁰².

A rotina de quem batalhava para Carla Facão era intensa e muitas vezes cansativa, devido os deslocamentos. Todos os dias ela descia no Bandeirante e depois ia para o Setor Comercial. Os domínios de Carla em áreas de prostituição no Distrito Federal eram grandes – Núcleo Bandeirante, Setor Comercial e Taguatinga – e isso fazia com que as meninas comandadas por ela tivessem que fazer programa nos três lugares. Já a Savana, não. Sua área de atuação era exclusivamente o Setor Comercial Sul (SCS). Esse ponto de interseção – Setor Comercial Sul (SCS) – colocava os dois grupos em conflitos constantes, ou seja, a guerra entre Carla Facão e Savana não tinha trégua e envolvia todas as meninas que estavam sob seus comandos.

Ouvir Wonderful é um grande aprendizado sobre a cidade. Ao se referir à “Feira do Cu”, localizada na Rodoviária do Plano Piloto, ela corrige um equívoco cometido no projeto inicial da tese, que afirmava que sua localização era no Setor Comercial Sul (SCS). O lugar recebeu

³⁰¹ RIO, do João. *A alma encantadora das ruas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 30-31.

³⁰² Trecho da entrevista concedida por WONDERFUL, Danny. Entrevista IV. [09-2022]. Entrevistador: Alexandre Magno Maciel Costa e Brito. Brasília, 2022. Arquivo MP3 (57m54s).

esse nome por causa dos michês que atuavam na estação. Vale ressaltar que as práticas sexuais não se resumem à prostituição masculina, tendo em vista a utilização de outros espaços, a exemplo dos banheiros, que são famosos quando o quesito é pegação. De todo modo, o ponto central para este trabalho é a apropriação e a mudança de sentido que se dá a partir da atuação de cada grupo, o que nos remete às práticas dos espaços defendidas por Michel de Certeau.

A presença de michês e gays que se aventuravam nessa região provocava reações ostensivas por parte do Estado, que respondia com operações policiais comandadas pelas Forças Armadas no centro do Plano Piloto, principalmente, pela Polícia do Exército (PE), a fim de acabar com esse tipo de movimentação, algo que resvalava sobre as travestis, pois em alguns momentos eram espaços conjugados. Essa questão corrobora com a ideia de que não eram apenas as travestis que sofriam perseguições na região central, mas também, esses homens. Ainda sobre as práticas sexuais masculinas e encontros furtivos, Danny lembra que o Setor Comercial Sul (SCS) era uma “área vermelha” – denominação dada pelas próprias Forças Armadas – em que militares não podiam circular por conta da prostituição. É uma espécie de outro do outro contra a cidade.

Suas palavras apresentam uma das facetas da sociedade de controle cujo domínio tem a marca masculina, cisgênero, heterossexual e branca. Sobre essa questão vale as considerações feitas por Monique Wittig:

Sim, a sociedade hétero é baseada na necessidade do diferente/outro em todos os níveis. Ela não funciona econômica, simbólica, linguística ou politicamente sem esse conceito. Essa necessidade do diferente/outro é ontológica para todo o conglomerado de ciências e disciplinas que chamo de pensamento hétero. Mas o que é o diferente/outro senão o dominado? Pois a sociedade heterossexual é a sociedade que não oprime somente lésbicas e homens gays, mas também oprime muitos diferentes/outros, oprime todas as mulheres e muitas categorias de homens, todos os que estão em posição de serem dominados. Constituir a diferença e controlá-la é um “ato de poder, já que é essencialmente um ato normativo. Todo mundo tenta mostrar o outro como diferente. Mas nem todo mundo consegue. É preciso ser socialmente dominante para isso³⁰³.

Para colaborar com a discussão trazida por Monique Wittig sobre a dominação masculina, trago a ideia de imagens de controle defendida por Patricia Hill Collins, ao se referir às mulheres negras, para em seguida pensarmos como isso se aplica às travestis. Em uma entrevista coordenada por Nadya Araújo Guimarães, ao responder sobre imagens de controle, ela traz a seguinte reflexão:

E As mulheres negras de há muito têm observado como as imagens de controle da feminidade negra, que refletem intersecções de gênero, raça e sexualidade, causam um

³⁰³ WITTIG, Monique. *O pensamento hétero e outros ensaios*. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2022, p. 63.

poderoso efeito negativo sobre as suas vidas. Mas muitas das discussões sobre a violência de gênero contra as mulheres negras têm como alvo as práticas sociais mais amplas, por exemplo, uma cultura do estupro na qual homens brancos atacavam sexualmente mulheres negras na maior impunidade; outras vezes, minimizavam a violência cometida pelos seus parceiros íntimos, filhos, pastores e membros da comunidade. A imagem de controle da mulher negra forte aconselha as mulheres negras a negligenciar a violência cometida pelos homens negros, em nome de protegê-los do racismo. Mas será que isso é suficiente? Ou será um modo de eludir a difícil questão de que lidar com a violência requer examinar o modo pelo qual todas as partes envolvidas reproduzem e são afetadas pelas imagens de controle?³⁰⁴

Quando pensamos em imagens de controle relacionadas às travestis, percebemos o quanto afetam a suas vidas, algo que impossibilita sua ascensão, o acesso às políticas públicas que poderiam reduzir a vulnerabilidade social e o próprio respeito cotidiano. É como se pudessem ser apenas vinculadas às experiências de violência, perigo e abjeção por parte, principalmente, pelas categorias ditas hegemônicas da sociedade.

Essas reações por parte das polícias – sejam das Forças Armadas ou não – podiam até inibir a presença de travestis e michês naquela região por meio da truculência e opressão, mas não foram capazes de estancar de forma definitiva esse movimento da cidade. Pelo fato de não existir apenas uma única forma de sociabilidade, os grupos de alguma maneira se reorganizam de acordo com o contexto. Por isso essas presenças se dão a partir de práticas diferenciadas, seja a céu aberto, seja em lugares fechados, nas cabines dos banheiros, lugares escuros, entre tantos outros.

Na medida em que Danny narra essa profusão de presenças e acontecimentos no centro da capital, acaba nos dando uma certa medida dessas apropriações e ressignificações. Ela lembra da prática do “banheirão”, abordada em diferentes momentos desta tese. Explica que essas ações mais ousadas dentro das cabines e mictórios dos banheiros públicos, especificamente, na Rodoviária do Plano Piloto, vinham dos gays. Muitos se concentravam naquela região para fazer pegação, principalmente porque o Setor Comercial Sul (SCS) era um espaço onde travestis predominavam.

Os michês também traziam essa delimitação de atuação dentro desses territórios, o que indica espaços bem definidos. Segundo ela nos relata, a partir de sua boa relação com esses garotos de programa que batalhavam na região da rodoviária, eles sempre afirmavam que aquela região era deles. Essa bolha é furada de forma menos conflituosa na medida em que os vínculos entre travestis e michês se tornavam mais estreitos. Essas cordialidades, que em alguns

³⁰⁴ Guimarães, N. A., & Acciari, L. (2021). Entrevista com Patricia Hill Collins. *Tempo Social*, 33(1), 287-322/323, p. 305. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ts/article/view/174340>. Acesso em: fevereiro de 2024.

momentos foram estabelecidas, nos remetem aos laços de amizade e camaradagem de categorias que de certa forma disputavam espaços no centro de Brasília.

Se por um lado reafirmo que estes grupos interferiam nas dinâmicas dos locais onde atuavam, por outro não podemos deixar de pensar que as características do lugar também colaboraram para que essas intervenções não fossem uniformes. No caso da rodoviária, por exemplo, em que havia a predominância dos michês e gays, sua função na cidade fazia com que outras categorias acessassem o seu interior em razão do fluxo de pessoas que transitam ali cotidianamente. Ela funcionava como uma espécie de *hub*, que permitia a conexão com a maioria dos espaços da cidade. É nesse ponto que podemos entender que em determinados momentos pessoas de grupos diferentes e que disputavam os espaços da região acabavam se encontrando.

Ainda que o Setor Comercial Sul (SCS) e a Avenida W3 Sul, no sentido de acesso ao centro de Brasília, possuisse essa característica de *hub* – concentrador –, a rodoviária conseguia aglutinar um número maior de pessoas, como se fosse um espaço fechado. Por isso a proximidade entre as pessoas no seu interior ou em direção a ela era mais evidente. Esse detalhe me faz voltar à fala de Danny quando traz uma relação mais próxima aos michês, que se dava pela sua necessidade de acessar a rodoviária em alguns momentos para retornar a Planaltina.

Algumas vezes a minha narrativa pode levar ao entendimento que estou tratando de duas cidades diferentes, por isso entendo a importância de justificar que uso os termos cidade concebida, cidade apropriada e ressignificada para pensar em territorialidades, em que grupos de variados espectros sociais e vivências, interferem direta ou indiretamente nas dinâmicas de funcionamento dos espaços durante o dia. Brasília é uma cidade mutante.

As regras de ocupação nas regiões do Setor Comercial Sul (SCS) também traziam uma certa rigidez. Danny nos conta que cada travesti tinha um ponto definido onde batalharia pela sua sobrevivência. Isso não quer dizer que essas regras não fossem violadas em algum momento, pois havia as mais afrontosas que não respeitavam muito os limites predeterminados, o que provocava muitas tensões entre os grupos. Essas tensões aumentavam na medida em que as horas passavam e algumas ficavam colocadas, ou seja, quando bebiam ou usavam outras substâncias, o que era algo comum.

Ainda que fosse fácil acessar o centro da capital, fica evidente que algumas pessoas praticamente tinham seu acesso negado a certos espaços. Ela reforça uma ideia trabalhada anteriormente sobre o Conjunto Nacional de Brasília que possui localização privilegiada, principalmente pela proximidade da rodoviária, mas que segregava algumas pessoas. Sobre a praça da alimentação do *shopping*, ela afirma categoricamente que não era um lugar para as

travestis. Quando eu perguntei se ela acessava a praça da alimentação do Conjunto Nacional para a batalha ou pegação, Danny Wonderful fez a seguinte declaração:

Não, eu ia lancher. Eu observava que geralmente eram os gays que predominavam naquele lugar. Entendeu? Eu vejo muitos gays indo para o banheiro. A gente observa os olhares e eles indo atrás dos bofes. Os bofes também gostam. Ali naqueles lugares, nós travestis não podemos entrar no banheiro masculino³⁰⁵.

Aqui, ela nos mostra que a organização desses lugares de pegação excluía travestis dessa prática, já que os banheiros representavam uma espécie de barreiras explícitas. Quando se referiu ao banheiro feminino, cuja exploração era constante nos infíndáveis discursos transfóbicos, ela fez o seguinte relato: “Às vezes há pessoas que olham assim e nos olhares delas já estão falando: o que essa pessoa está fazendo aqui dentro?”³⁰⁶. Em seguida, ela recupera uma memória escolar que traz as marcas dessa opressão: “Igual quando estudava, eu às vezes ficava segurando o xixi pra não poder ir ao banheiro, para não ver a reação das mulheres”.

O banheiro talvez seja um dos lugares que torna mais explícita a estrutura social que exclui travestis e transexuais. Ao escutar Wonderful me lembrei da experiência de Valeria Barcellos em um texto cujo título é: “Professora, eu posso ir ao banheiro?”. Assim como Danny, ela a apresenta a perversidade que alimenta a estrutura transfóbica da sociedade:

Me lembro muito dessa pergunta – Professora, eu posso ir ao banheiro? –, nos idos anos 1980 e 1990 quando eu, criança e adolescente, levantava a mão constrangida no meio da aula. Muitas vezes esse pedido, que em outros casos nem era ouvido pelos colegas, na minha vez se tornava uma diversão: “vai fazer xixi sentado ou em pé?”, “vai no banheiro de guri ou de guria?”.

Me lembro quantas vezes cheguei ao ponto de quase urinar na roupa com medo de pedir pra ir ao banheiro. Medo esse que, às vezes, tinha muita razão de ser. Uma vez que tomei um soco no estômago de um colega por estar, segundo ele, olhando demais no banheiro. Outra vez foi o contrário: um menino mostrou sua genitália, oferecendo, como se eu quisesse ou estivesse ali para isso.

Quando, depois da transição, comecei a usar o banheiro feminino, os constrangimentos não pararam. Comentários do tipo “ah tu não precisas papel né, tu tens pau!” ou “agora é essa palhaçada, tá na hora de inventar um banheiro pra essa gente”!. Ledo engano pensar que isso mudaria. E lá me viu eu, mais uma vez evitando ir ao banheiro pra evitar constrangimento³⁰⁷.

Da mesma forma em que o banheiro em algum momento se apresenta como o lugar da segregação e do enfrentamento à cidade, como no caso das travestis, em outros, ele também é

³⁰⁵ Trecho da entrevista concedida por WONDERFUL, Danny. Entrevista IV. [09-2022]. Entrevistador: Alexandre Magno Maciel Costa e Brito. Brasília, 2022. Arquivo MP3 (57m54s).

³⁰⁶ Idem.

³⁰⁷ BARCELLOS, Valeria. Você me conhece porque tem medo ou tem medo porque me conhece? São Paulo, SP: Monocó Literatura LGBTQ+, 2020, p. 149.

lugar da “pegação de mictório”, prática considerada a mais baixa na atividade sexual entre homens, com risco de invasões policiais ou de seguranças do local. Com relação aos michês, Néstor Perlongher afirma que “os michês de mictório têm o *status* mais baixo na escala social do negócio”³⁰⁸. Distante de qualquer avaliação moral, a prática de “banheirão” também tem uma função social, enquanto espaço do encontro, tendo em vista que poucos lugares acolheriam tais desejos considerados dissidentes.

Danny lembra de um período que remete a sua chegada à Brasília no início dos anos 1990, antes da sua transição. Essa marcação temporal – antes ou depois da transição – é um fator relevante, para além das realizações pessoais, porque representa contextos que possibilitam acessos diferentes a certos espaços de sociabilidade. Em outras palavras, as mudanças no corpo e no próprio comportamento exigem outras estratégias, entre elas, a mudança de território. Sobre esse tempo ela discorre:

Pois é, eu ia ao banheiro da Rodoviária quando chegava e quando eu saía do trabalho, ali da 716 norte. Eu ia caminhando por ali, caçando, não é? Porque a gente quando é gay, a gente caça demais. Eu ia para a Rodoviária e ficava olhando. Eu tinha um rapaz que era encarregado da Rodoviária e eu ficava com ele dentro do banheiro³⁰⁹.

A dinâmica da rodoviária não tinha importância apenas no funcionamento da cidade, mas na construção das identidades, que passa de forma contundente pelas relações estabelecidas dentro dos espaços. É como se a cidade se aproximasse das pessoas. Eu não falo aqui de uma cidade pronta, acabada e encerrada em si, mas de uma cidade que se constitui a partir dessas presenças. Assim, o banheiro ganha outro sentido, da mesma forma as plataformas da estação e o movimento de pessoas.

O que fica evidente na fala de Danny é que a rede de afetos – ou não – se constrói nesse caminhar. Ao transitar tantos anos nesses territórios, Danny e outras meninas se tornavam conhecidas e isso era uma espécie de integração ao cotidiano do centro do Plano Piloto. Ela traz como exemplo as vivências no Setor Comercial Sul (SCS), sobretudo, quando se refere aos servidores da INFRAERO que comentavam suas aventuras durante seu trabalho. Havia certa cumplicidade, respeito e bom diálogo com funcionários de empresas estabelecidas ali. Eram universos diferentes que se encontravam, se comunicavam e se acolhiam mutuamente, e muitas vezes, até ofereciam proteção:

³⁰⁸ PERLONGHER, Néstor Osvaldo. O negócio do michê. São Paulo: Editora Braziliense, 1987, p. 171.

³⁰⁹ Trecho da entrevista concedida por WONDERFUL, Danny. Entrevista IV. [09-2022]. Entrevistador: Alexandre Magno Maciel Costa e Brito. Brasília, 2022. Arquivo MP3 (57m54s).

A prática da vida no Setor Comercial Sul (SCS) era dentro do carro, na rua, nas garagens, em hotel. Tinha uns amigos meus que trabalhavam ali na INFRAERO. Então eles falavam: Nossa, Danny! Eu vi o cara te pegando de jeito, hein! E tinha vez que ele dizia: Nossa! Eu vi tu pegando o cara de jeito. Aí eu ficava morrendo de vergonha³¹⁰.

O teor das falas de Danny Wonderful localiza as “batalhas” como meio de sobrevivência que vai além dos fetiches que se criam em torno das profissionais do sexo. Inclusive, a própria Danny traz a expressão “práticas da vida”, o que não me permitiria o entendimento de algo que não estivesse ligado à sobrevivência ou a entrega da sua própria força vital. Por essa razão, recupero o sentido do termo “batalha” enquanto luta e combate, o que me possibilita pensar novos sentidos à prostituição.

Ainda sobre essas aproximações com outros trabalhadores – taxistas, servidores dos prédios, cobradores do transporte público, militares, entre outros –, Danny traz a possibilidade de se pensar o entorno das práticas sexuais no Setor Comercial Sul (SCS) como o lugar da amizade, afeto, cordialidade, diálogo, solidariedade. Infelizmente, essas questões não são consideradas pela sociedade ou pelo próprio Estado, que a todo o tempo busca interditar esses locais como forma de proibir que travestis que se prostituem possam circular pelas suas vias. As memórias de Danny percorrem vários lugares e situações. Algumas mais alegres, outras de profunda tristeza e desespero. Ao falarmos sobre Jéssica, uma travesti muito conhecida aqui em Planaltina, ele me conta: “Lembro-me sim, da finada Jéssica (Lobo Mau), que morava em Planaltina. Ela Foi assassinada, eu não vi o corpo, mas eu tenho lembranças dela. É isso, aquele corpão bonito. Nunca esqueci, quando eu andava nas boates no Setor Comercial. Eu acho que é de tanto eu apanhar dessas bichas que me dá revolta, entendeu?

lá do Conic, que ela chegava com aquela saia curta, descendo as escadas”³¹¹. Eu também tenho uma lembrança interessante dela, toda vestida de rosa bem clarinho, roupa super decotada, todos seus contornos expostos, com uma sombrinha em harmonia com todo o resto, o que lhe dava uma aparência de boneca. Era de parar o trânsito. Morreu jovem e de maneira trágica. Nesse momento nossos olhares entristecidos se cruzaram. Rapidamente ela retoma o fôlego e parte para assuntos mais amenos.

Danny Wonderful lembra de quando frequentava o CONIC (“Sinuca, a New Aquáriu e vários outros lugares) e o “Floresta”, bar próximo à Galeria dos Estados. Nesses espaços havia a certeza de diversão e programas garantidos. Se para muitas pessoas, o acesso ao Setor de

³¹⁰ Trecho da entrevista concedida por WONDERFUL, Danny. Entrevista IV. [09-2022]. Entrevistador: Alexandre Magno Maciel Costa e Brito. Brasília, 2022. Arquivo MP3 (57m54s).

³¹¹ Trecho da entrevista concedida por WONDERFUL, Danny. Entrevista IV. [09-2022]. Entrevistador: Alexandre Magno Maciel Costa e Brito. Brasília, 2022. Arquivo MP3 (57m54s).

Diversões Sul (SDS) durante as noites representava perigo, para ela era o lugar da diversão, encontro e trabalho.

É muito interessante como ela constrói a linha de sua vida, confesso que as vezes me senti surpreendido, como no momento em que revelou que já foi cafetina no Setor Comercial Sul (SCS). Sobre isso ela nos diz:

... no Setor Comercial. Eu acho que é de tanto eu apanhar dessas bichas que me dá revolta, entendeu? Ali (no Setor Comercial Sul (SCS)), logo quando eu cheguei, era horrível: “você não vai ficar aqui”. Ai elas falavam: “não, é porque você paga pra Carla Facão”. Até as próprias putas: “você não vai ficar aqui”. Tinha uma tal de Kátia (cafetina), uma mulher de Sobradinho. Aí eu to no lugar que ela ficava, né? Ali no SENAC, perto da pista, tinha um banquinho. Kátia ficava ali com as putas dela. Quando dava 10, 11 horas da noite, ela ia embora e eu descia. Mas tinha vezes que eu ia pra lá, aí ela dizia: “olha Buceta [outro apelido como Danny era conhecida], pode sair daqui, procure seu lugar”. Aí eu descia mais pra baixo e ficava numa descida que dava acesso à garagem dos Correios. Aí fica ali de boa...³¹².

O Setor Comercial Sul (SCS) tem uma forte representação na vida de Danny Wonderful. Ali experimentou a dor, medo, tensões com o Estado e até a própria morte. Ela não traz em suas palavras o perfil de vítima, abandonada ou fraqueza. A resiliência é coberta de cicatrizes internas ou, até mesmo, no próprio corpo furado por bala ou faca. Ainda assim, ela se refere ao Setor Comercial Sul (SCS) como o lugar onde encontrou as oportunidades que tanto buscava.

A batalha não era uma brincadeira ou uma simples opção. Em um país tomado pelas desigualdades sociais, racismos, transfobia, sobreviver talvez tenha sido a palavra de ordem. Como realizar sonhos e construir uma vida com tantas barreiras? Danny seguiu seu caminho.

Ao mostrar os resultados das suas batalhas no centro do Plano Piloto, ela assume que tomou as decisões certas, mesmo que em alguns momentos compreenda que os caminhos não foram os melhores, mas que faria algumas coisas diferentes se tivesse oportunidade. Ela não estava falando sobre sua transição, seu trabalho no Setor Comercial Sul (SCS), porque entende a importância de tudo isso para a sua vivência enquanto travesti. Neste momento ela fazia um pequeno panorama de sua vida social, que justificava suas escolhas ou caminhos percorridos, embora não precisasse justificar nada a ninguém:

De doméstica, fui trabalhar no Norte Grill, era R\$ 170,00 o salário. Foi bom! É bom porque eu tenho uma história pra contar, se eu preciso desse valor. Onde que uma doméstica vai dar conta de pagar aluguel? Entendeu? De pagar aluguel, pagar as contas todas e juntar dinheiro para comprar um apartamento, comprar casa, fazer casa para sua mãe. Com certeza, não tem como³¹³.

³¹² Idem.

³¹³ Trecho da entrevista concedida por WONDERFUL, Danny. Entrevista IV. [09-2022]. Entrevistador: Alexandre Magno Maciel Costa e Brito. Brasília, 2022. Arquivo MP3 (57m54s).

A desigualdade social, a segregação e a falta de oportunidades que propagam miséria são elementos que podem lançar as pessoas à prostituição. Isso não significa que seja o único caminho. No caso específico de Danny Wonderful, todos esses elementos fazem muito sentido porque são parte da sua construção como cidadã. Durante toda entrevista, ela afirmava que buscava respeito, que exigia ser respeitada em todos os espaços que pudesse habitar, dentro e fora do Setor Comercial Sul (SCS). Isso me remete a um momento da nossa conversa em que ela aponta para sua casa como se quisesse mostrar que tinha um lar. Ela realmente tinha um lar... As duras noites no Setor Comercial Sul (SCS) trouxeram a possibilidade de suas realizações e, por essa razão, ela trata com tanta importância aquele lugar.

Às perspectivas que dão forma a esta tese, Danny trouxe um caminho viável de pesquisa, principalmente, na sua forma de olhar, viver e sentir a cidade. Ela se reconhece na história daquele lugar e as pessoas daquele lugar também se reconhecem em sua história, certamente. Ela usa sua experiência no cuidado com outras pessoas, o que nos mostra que a dura batalha não retirou sua capacidade de se emocionar, se preocupar e ser empática. Com relação ao uso de Substâncias Psicoativas (SPA), ela diz:

Não uso não! Mas já usei. O Setor Comercial para mim foi uma escola, um aprendizado. Igual eu falo para minha amiga que mora aqui: cara, o Setor Comercial sai de você, mas você não sai do Setor Comercial. Você acha que vai ganhar tudo no grito? Não é assim que se toca, seja educada, seja fina, já estamos velhas. Entendeu? Ela fica puta comigo e diz: “Você já aprontou?”. Sim, já aprontei. Estou acabando de te falar que eu não sou santa, não fui santa no passado, mas é uma coisa que eu não quero mais na minha vida³¹⁴.

As experiências de Danny a conduziram para um outro caminho da vida: mais empoderada, realizada e feliz. Ela conseguiu tudo o que queria e que havia se proposto em realizar quando deixou a Bahia e veio para o Planalto Central. Hoje, ela é reconhecida na região central da capital por “Buceta”, apelido que ganhara na batalha. Em uma das nossas conversas após a entrevista – mais uma vez com aquela gargalhada que jamais vou esquecer – ela me disse: “Se tentarem encontrar a Danny, dificilmente acharão pelo nome. Lá, eu sou Buceta, fiz história naquele lugar. Causei. Ali tem história! Você chega ali e pergunta quem é Buceta, todo mundo te informa. Porque ali eu tenho uma história. Eu tenho uma história”³¹⁵.

Da mesma forma que os lugares se transformam a partir da relação com as travestis, elas, enquanto sujeitos históricos, também ganham novos sentidos, especialmente entre seus

³¹⁴ Idem.

³¹⁵ Trecho da entrevista concedida por WONDERFUL, Danny. Entrevista IV. [09-2022]. Entrevistador: Alexandre Magno Maciel Costa e Brito. Brasília, 2022. Arquivo MP3 (57m54s).

pares. Isso nos indica um movimento cíclico de transformação constante nesse caldeirão chamado Setor Comercial Sul (SCS), ou seja, a prática do espaço não constrói sentidos apenas sobre os lugares, mas também em relação aos sujeitos, o que explica a força da presença de Danny Wonderful no Setor Comercial Sul (SCS) entre as travestis.

Danny Wonderful peitou – literalmente – a sociedade e ocupou os espaços que queria. Fez a vida – nos mais variados sentidos – e é dona de uma história linda. Trouxe uma ideia do Setor Comercial Sul (SCS) que eu não imaginava. Me fez ver uma cidade que eu tanto procurava e entender como era a constituição desses espaços. Nenhuma leitura feita durante esse processo foi capaz de traduzir tão bem e de forma tão generosa como os registros do encontro com ela.

Em alguns momentos do nosso encontro eu pude recuperar as inúmeras vezes que passei por ali, seja na infância, como trago no início dessa tese, seja na vida adulta, quando eu atravessava o Setor Comercial Sul (SCS) durante as madrugadas ao sair do Parque da Cidade. Eu costumava dividir e entender a cidade como quem segue a rota de um mapa, como se ela estivesse pronta. Danny me reposicionou, trouxe outra direção ao meu olhar e me fez entender um outro desenho daquele lugar.

Uma travesti preta, linda, poderosa, potente, dona de uma sagacidade infinita e que traz as marcas de sua história em seu corpo. Não se trata de um elogio, de uma visão externa às vivências de Danny, ou até mesmo discursos que promovam a autopiedade, mas de uma reprodução da forma como ela se comunicou comigo, me apresentou sua vida, sua casa, suas dores e alegrias. Por tudo isso é que Danny estufa o peito, levanta a cabeça e diz: eu sou feliz e me amo muito.

5.3 “Escreva aí: Quero que me chame de Bethynha Surfistinha!”

Após a entrevista com Danny Wonderful tive uma grata surpresa. Ainda na sala de sua casa, enquanto eu guardava os equipamentos utilizados em nossa conversa, ela me disse que tinha uma amiga que poderia participar da minha tese de doutorado. Naquele mesmo dia, entrou em contato com Bethynha, que prontamente disse estar disposta a colaborar com a pesquisa. Poucos dias depois eu a procurei, expliquei do que se tratava meu trabalho, e a partir daí, ajustamos nosso encontro, que aconteceu no final de setembro de 2022.

Era uma tarde chuvosa de domingo, daquelas boas de ficar em casa embaixo dos cobertores, mesmo assim, Bethynha já me esperava na porta de sua residência, que praticamente dividia o espaço com um bar. De cabelos molhados, calça Jeans, camiseta e sem nenhuma maquiagem, sua imagem parecia uma fronteira entre o masculino e o feminino, algo que pude compreender no decorrer de sua fala. Após buscá-la, nos dirigimos para a casa de um amigo em Planaltina, que havia preparado um espaço para que pudéssemos ficar à vontade. Foi exatamente o que aconteceu, a conversa com Bethynha fluiu de forma amena, emocionante e cheia de informações importantes ao desenvolvimento da tese. Suas palavras durante nossa entrevista provocaram reflexões profundas sobre a relevância das pessoas e suas vivências no coração da capital.

Em nossa sociedade é comum, mas ao mesmo tempo cruel, negligenciar o fato de que elas possuem um passado e toda uma história. Assim, o início de uma entrevista é quase sempre caótico, principalmente por despertar tão rapidamente essas reflexões e por não saber exatamente que memórias você precisará acionar. Em alguns momentos a gente acaba misturando presente e passado, até que uma linha se construa. Segundo Jeanne Marie Gagnebin:

A rememoração também significa uma atenção precisa ao presente, em particular a estas estranhas ressurgências do passado no presente, pois não se trata somente de não se esquecer do passado, mas também de agir sobre o presente. A fidelidade ao passado, não sendo um fim em si, visa a transformação do presente³¹⁶.

Bethynha nasceu em 1971, no estado do Pará. Ela traz com muita força a miscigenação, já que, seu pai era descendente de espanhóis, cujos avós vieram para o Brasil fugindo da guerra. Ao contrário do seu pai, sua mãe era genuinamente brasileira, uma mulher indígena do estado do Pará. Seus traços indígenas são fortes, como o de muitas pessoas da região de Belém, por essa razão, de forma bem divertida diz que as pessoas sempre perguntam se ela é “descendente

³¹⁶ GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2014, p. 55.

de índio” e a resposta em seguida é: “eu tenho traços indígenas, mas corre sangue europeu nas minhas veias”³¹⁷.

Sobre sua descendência indígena ela diz que é um traço muito importante e que chama muito a atenção entre as pessoas:

Eu brinco com o pessoal que sou de uma tribo que já está bem e que tenho o maior orgulho da minha mãe. Um dia eu estava numa parada gay e chegou um casal – que eu não sei se era um casal hétero – que brincava dizendo que nunca tinha visto um índio *gay*, me davam um abraço e tiravam fotos comigo³¹⁸.

A despeito do que essas palavras que partem do casal podem parecer, o que devemos levar em consideração são os traços ancestrais trazidos por ela e que nos remetem à força dos povos originários, que muitas vezes têm sua sexualidade anulada em várias narrativas, aqui me refiro à presença desses grupos na comunidade LGBTQIA+. Essas questões no decorrer das falas de Bethynha ficam muito evidentes quando pensamos nos caminhos que a trouxeram até o Setor Comercial Sul (SCS). A forma detalhada como traz sua vida para a entrevista, em alguma medida, nos diz que direção seguir.

Bethynha se considera alegre, feliz e capaz de suprir todas as suas necessidades. A timidez, ainda bem aparente, deixa de ser um problema em sua vida quando passa a se relacionar com outras pessoas. Essa é uma referência à infância e adolescência, quando as nossas características, de alguma forma, falam mais alto, por isso o medo de que nos descubram. Timidez e medo acabam se confundindo nesse momento da vida. Sobre esse período, Bethynha traz as seguintes memórias:

Devido eu não poder me auto declarar – ser gay – dentro da minha casa, eu tinha muito medo do preconceito. A partir do momento em que eu fui vivenciando com outras pessoas, foi que eu comecei a entender que era isso que eu queria. Eu fui criando mais coragem para assumir minha sexualidade, dizer que eu era gay. Então dentro da minha casa [...], sendo o caçula da família, uma das pessoas mais paparicadas, as atenções eram para mim. Eu sentia que meu pai era um machista. Não sei se era algo que eu estava entendendo como certo ou errado, mas o meu pai era mulherengo. Os pais são os primeiros que sabem o que o filho é. Não queriam assumir, não queriam enxergar que o filho era gay. Meu pai faleceu. Então, eu estava com 14 anos, mas quando a minha mãe faleceu, estava com 8 anos³¹⁹.

A perda da mãe na infância e do pai no início da adolescência foram momentos importantes na vida de Bethynha para a tomada de decisões. Isso não quer dizer que estivesse

³¹⁷ Trecho da entrevista concedida por SURFISTINHA, Bethynha. Entrevista III. [09-2022]. Entrevistador: Alexandre Magno Maciel Costa e Brito. Brasília, 2022. Arquivo MP3 (1h44m03s).

³¹⁸ Idem.

³¹⁹ Trecho da entrevista concedida por SURFISTINHA, Bethynha. Entrevista III. [09-2022]. Entrevistador: Alexandre Magno Maciel Costa e Brito. Brasília, 2022. Arquivo MP3 (1h44m03s).

só no mundo, mas a própria vida tomou seus rumos. As primeiras experiências no mundo LGBTQIA+ foi por intermédio da irmã de sua cunhada que a convidou para conhecer um bar gay. Sobre esse momento, ela diz: “Quando chegamos ao bar gay, pronto, senti uma liberdade³²⁰”. Naquele dia, Bethynha conheceu um rapaz e teve seu primeiro contato com esse universo, especificamente, com um espaço de sociabilidade homossexual, que para ela foi algo transformador. O acesso aos locais possibilitam a construção de uma rede de afeto, solidariedade e vivências, algo mencionado em referência à importância do gueto na vida da comunidade LGBTQIA+.

Após esse episódio, Bethynha se encorajou para assumir sua sexualidade. Até então todos a chamavam de Betinho³²¹. Tornou-se cliente assídua do bar e passou a viver todas as histórias que pudesse. Sem que a irmã soubesse, usava suas roupas. Mas não se produzia em casa, pegava sorrateiramente as peças e vestia na rua. Ali, conheceu outras meninas que se prostituíam e se integrou a um ciclo de amizades formado por gays e travestis. A primeira pessoa que se deparou com Bethynha foi seu cunhado, que a encontrou na rua com suas amigas. Diante da pressão, foi o momento adequado para se assumir. Graças aos conselhos de Cláudia, uma amiga da família, suas irmãs se sentiram confortáveis e acolheram Bethynha enquanto homossexual, ao contrário dos irmãos que foram reticentes.

Bethynha, ainda menor de idade, fez sua mochila e foi morar com um amigo gay que trabalhava em um restaurante. Os dois formavam uma dupla pronta para a “caça”. Na casa do amigo encontrou tudo, inclusive maquiagens. Sempre após o horário de trabalho, saíam para o mundo. Seu amigo ensinou tudo sobre a pegação. Sua primeira relação sexual ocorreu por meio de uma outra “bicha”, que o apresentou para um rapaz, foi algo que a deixou muito empolgada. As noites de Belém ficaram pequenas para Bethynha e ainda mais quentes, tanto na pegação quanto na construção das suas redes de amizade no universo LGBTQIA+, que aumentara consideravelmente.

Foram nessas noites paraenses que ela conheceu Sara, uma jovem travesti bastante conhecida na capital. Com livre trânsito entre as travestis de Belém, uma nova rede de afeto e solidariedade, outras possibilidades se apresentaram para ela, com destaque ao seu processo de transformação e de autoconhecimento. No início ela queria se montar, se hormonizar, algo

³²⁰ Idem.

³²¹ Embora não seja adequado o uso do nome masculino quando nos referimos às travestis, já no início da conversa, antes da entrevista, Betinha me pediu que registrasse exatamente como era conhecida antes da transição a fim de dar sentido a suas narrativas, sobretudo, porque não representava a ela uma ofensa ou violência. No caso de Danny Wonderful a questão da masculinidade aparece como forma de destacar a transição ou contexto de ocupação de espaços, sem trazer seu nome masculino, como no caso do banheiro da Rodoviária do Plano Piloto, quando ainda se reconhecia como gay.

impulsionado pela presença e beleza das travestis, mas havia algo que não se encaixava em suas vidas: Belém se tornara pequena para o tamanho dos seus desejos. Esse tipo de sentimento e euforia sentido por ela é muito comum quando acessamos e nos envolvemos com nossos guetos.

Em um desses *trottoirs* noturnos Sara faz o seguinte convite, diga-se de passagem, soou como uma intimação: “Bethynha, vamos embora para São Paulo? [Prontamente, ela respondeu]: “Vou pegar minha pensão e vamos embora³²²”. Já de partida, Bethynha achava que iam de ônibus, porque poderia contar com o dinheiro da pensão que estava perto de ser finalizada por causa dos seus 18 anos, quando Sara informou que elas iriam de carona:

Nós chegamos no posto e perguntamos: você está indo para onde? Maranhão! Leva a gente? Subimos no caminhão e fui deixando tudo para trás, Belém, Pará, fomos embora. Eu saí sem nada, com a cara e a coragem, sem documento, sem nada! Nem com certidão, nem nada! Deixei a minha família para trás. Vamos! Chegamos no Maranhão, Açailândia, a primeira cidade que nós paramos³²³.

A chegada em Açailândia trouxe alguns problemas, principalmente, por se recusarem a ter algum tipo de relacionamento sexual com um determinado caminhoneiro. Por se sentir preterido, a reação dele foi péssima. Elas sentiram o baque dessa atitude, pois não conseguiam deixar a cidade naquele momento. Bethynha nos conta que: “Ele começou a falar para os caminhoneiros que não nos levassem, não dessem carona, porque a gente não valia nada e que não nos conhecia”³²⁴. O espalhamento dessa notícia fechou as portas a elas naquele lugar. Graças à informação dada por um borracheiro, puderam mudar de estratégia e foram para a BR (rodovia), pegaram carona e pararam na capital do Goiás, Goiânia.

Sara fez um programa com um caminhoneiro e se mandaram para Anápolis, em seguida Brasília, até que receberam uma carona até o Guará – Região Administrativa (RA) do Distrito Federal – denominada naquele período como Cidade Satélite – no início dos anos 1990. Até então o motorista não tinha percebido que elas eram travestis, mas depois de constatar, não viu nenhum problema, seguiu viagem. No Guará, dormiram na marquise de um prédio, onde teve acolhimento por parte de uma senhorinha que havia dito que quando chegasse da igreja, levaria um café da manhã.

A princípio, elas não acreditavam no retorno da senhora, mas foram surpreendidas. Assim que chegaram os alimentos, comeram muito. Nesse instante da entrevista demos boas gargalhadas, porque Bethynha narra a seguinte lembrança: “Fica aqui para o almoço, que meus

³²² Trecho da entrevista concedida por SURFISTINHA, Bethynha. Entrevista III. [09-2022]. Entrevistador: Alexandre Magno Maciel Costa e Brito. Brasília, 2022. Arquivo MP3 (1h44m03s).

³²³ Trecho da entrevista concedida por SURFISTINHA, Bethynha. Entrevista III. [09-2022]. Entrevistador: Alexandre Magno Maciel Costa e Brito. Brasília, 2022. Arquivo MP3 (1h44m03s).

³²⁴ Idem.

filhos vão chegar! Uma olhou para a outra, é melhor a gente ir embora, a gente vai ter que ir embora. A gente não sabe a reação dela, que é uma senhorinha, a dos filhos, o que eles vão falar”³²⁵. Certamente, queriam evitar qualquer constrangimento, pela possibilidade dos filhos não terem o mesmo sentimento de benevolência que a mãe. Sara e Bethynha agradeceram e seguiram seu caminho.

Sara sugeriu que as duas fossem para a rodoviária de Brasília, mais uma vez conseguiram carona com um rapaz que ia seguir viagem. Ela conta que Sara era muito despachada e que durante esse momento ela aprontou mais uma: “Minha amiga viu as mexericas do rapaz, tinham dois sacos. Ela conversando e chupando o tempo todo”³²⁶. Esses momentos foram muitos interessantes para essa entrevista, porque além nos dar fôlego, emplacaram um certa leveza. Foram 18 dias de viagem desde que deixaram o estado do Pará. O primeiro sentimento de Bethynha e Sara ao chegarem em Brasília, na rodoviária do Plano Piloto, foi de felicidade e encantamento. As luzes do Conjunto Nacional pareciam anunciar um novo momento.

Mas, nem tudo era beleza, porque as duas estavam com fome na rodoviária do Plano Piloto, seus corpos estavam cansados e sujos. Nesse momento, ela se recorda de ter dito a Sara: “Mulher, a gente tem que arrumar alguma coisa para comer. Então pedimos na lanchonete”³²⁷. Receberam aqueles salgados dormidos e aliviaram a fome. O primeiro banho foi nos chafarizes próximos à Torre de TV. Sentiram o frio. A diferença entre o clima do Pará e de Brasília era gritante. Ela não soube me dizer o mês em que chegaram, pelas características do clima, parece ser julho ou agosto de 1990.

Bethynha conheceu um rapaz que era garoto de programa que a levou para uma pensão, onde pôde tomar um banho, se alimentar e dormir. Com a ida de Bethynha para a pensão, Sara ficou pra trás pela primeira vez. No reencontro, contou a Bethynha que havia feito um programa no Setor Bancário Norte³²⁸ – área que compõe o centro do Plano Piloto – e com o dinheiro recebido, presenteou sua amiga e seguiram juntas mais uma vez.

Na Rodoviária do Plano Piloto, avistou umas travestis descendo do ônibus que vinham do Valparaíso – cidade do estado de Goiás que faz parte do entorno do Distrito Federal – e perguntaram onde era o ponto de prostituição. Uma delas quis saber de onde elas vinham,

³²⁵ Idem.

³²⁶ Trecho da entrevista concedida por SURFISTINHA, Bethynha. Entrevista III. [09-2022]. Entrevistador: Alexandre Magno Maciel Costa e Brito. Brasília, 2022. Arquivo MP3 (1h44m03s).

³²⁷ Idem.

³²⁸ Embora o Setor Bancário Norte não faça parte da relação de lugares selecionados para esta pesquisa, é importante ressaltar que a sua localização é bastante privilegiada na capital. Muito próximo da Rodoviária e do Conjunto Nacional de Brasília.

Bethynha respondera que era de Belém e ouviu a seguinte resposta: “Vamos com a gente! Vamos levá-las para o ponto! Se ganharem alguma coisa, levaremos vocês para onde a gente mora³²⁹”. Foi então que Sara disse: “Bicha, amarra a blusa³³⁰”. Esse pedido para que Bethynha amarrasse a blusa era uma forma de evidenciar certa feminilidade e afastar sua imagem masculina. Depois disso, foram para o Setor Comercial Sul (SCS). Bethynha então comenta com Sara: “A gente estava no ninho das cobras e não sabíamos³³¹”.

Naquela noite fizeram programa e ganharam dinheiro, mas quando amanheceu, segundo Bethynha, as “bichas” estavam todas bêbadas. Esse momento de aproximação é muito interessante porque, antes do convite de acompanhá-las ao ponto de prostituição, uma delas perguntara se as duas bebiam, porque se fizessem algum programa iriam tomar um “otizinho”³³² para comemorarem. Bethynha e Sara pegaram as bolsas que estavam escondidas em um buraco e se mandaram para o Valparaíso com as outras meninas, em meio à gritaria, xingamentos e atraques.

As meninas que tinham convidado Bethynha e Sara para irem ao Valparaíso, como estavam muito “colocadas”, depois de uma noite agitada no Setor Comercial Sul (SCS), dormiram no ônibus. Como as duas não conheciam nada, ficaram desesperadas. O ônibus chegou no Valparaíso e voltou para o Plano Piloto e nada delas acordaram. Aos poucos a cidade se desenhava na história de Bethynha e Sara. Cada deslocamento, equivocado ou não, era uma forma de traduzir, reconstruir e reinventar a cidade. Logo, retornaram ao Valparaíso, para uma casa cujo domínio estava nas mãos de Morgana, sua primeira cafetina.

Esse primeiro encontro revela parte do universo das travestis, principalmente no que envolve o ambiente de trabalho e suas exigências para a batalha. O fato de ter uma aparência masculinizada, com leve toque feminino, gerava desconfiança se daria certo ou não sua estada naquela casa. Essa insegurança fez com que recebessem apenas um quarto para ficar com a sua amiga Sara, ao contrário das outras, onde cada menina possuía o seu. Caso não conseguisse faturar, Sara teria que pagar as duas diárias. Bethynha pegou a manha da prostituição, fazia programa várias vezes ao dia, e por isso, conquistou seu espaço junto à Morgana e às outras travestis.

Deixou o cabelo crescer, mas como era magra e não fazia uso de hormônios e silicone, contou com a ajuda das outras companheiras de batalha para remediar essa situação. Elas

³²⁹ Trecho da entrevista concedida por SURFISTINHA, Bethynha...

³³⁰ Idem.

³³¹ Idem.

³³² Oti, segundo a tradição Iorubá significa cachaça, marafo. Palavra muito comum entre travestis. Disponível em: <https://www.traducirportugues.com.ar/2011/02/diccionario-yoruba-portugues.html>. Acesso em: 17/04/2023.

preparavam alguns enchimentos com espuma e modelavam um sutiã para dar um formato de seios. Outra peça usada por ela era uma espécie de canga – muito parecida com uma toalha –, em que ela amarrava no corpo, como se fosse uma saia. Ela dizia: “Gente, eu quero um quadril! E as ‘bichas’ diziam: Vamos preparar um quadril para o ‘viado’. Eles fizeram e fiquei parecendo uma sereia”³³³. Esse método para dar formas femininas à Bethynha chama-se “*pirelli*”³³⁴.

O processo de transformação no qual Bethynha se submeteu me chamou muito atenção. Muitas vezes as pessoas pensam nos indivíduos, aqui me referindo à comunidade LGBTQIA+, como gente solitária, sem laços. Na medida em que ela traz os procedimentos de sua transformação, fica cada vez mais evidente que a sua transição também é coletiva, ou seja, extrapola os limites do corpo, porque existe a presença das outras pessoas dentro desse processo de construção da feminilidade.

Sobre o *pirelli*, conta que no período quente era insuportável e as esponjas ficavam grudando: “gente, que calor infernal é esse?”³³⁵. Por outro lado, segundo Bethynha, uma das vantagens de usá-lo era não precisar dos hormônios ou silicone industrial. Ela não poupava recursos externos para sua transformação, como quem quisesse dizer que cada uma joga com o que tem e com o que quer. Ela faz o seguinte registro:

Como eu era bem magrinha – eu era mais do que eu já sou –, eu botava algumas quatro ou cinco calças, umas por cima das outras, pra dizer para os homens que era aquele corpo. Quando tirava a roupa, ficava aquele grilo. Tinha homem que ficava olhando: ‘que diferença!’. Tinham homens que olhavam, mas que queriam bichas novinhas, viam pelo rosto. Tinham uns que iam pelo rosto, por queriam aquela juventude, né? Outros iam pelo corpo. Você sabe que tem homens que tem tesão por siliconadas³³⁶.

Quando nos deparamos com a mobilização de outras travestis para que Bethynha pudesse se lançar a batalha, o que se percebe é um processo de transformação aberto, escancarado e solidário. Isso não significa a ausência de contratempos ou de certa resistência por parte desses grupos, mas no caso dela foi algo que não causou grande impacto.

Rafael França, em sua pesquisa no Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, da Universidade Estadual do Norte-Fluminense (UENF), a partir do Ateliê de Estudos de Gênero (ATENGEN), cujo título é “*As aparências enganam? A arte de fazer-se travesti*”, traz

³³³ Trecho da entrevista concedida por SURFISTINHA, Bethynha. Entrevista III. [09-2022]. Entrevistador: Alexandre Magno Maciel Costa e Brito. Brasília, 2022. Arquivo MP3 (1h44m03s).

³³⁴ *Pirelli* - Enchimento que *drag queens* e transformistas usam nas meias-calças para dar forma e aparência femininas ao culote. Disponível em: <https://memoria.cidarq.ufg.br/uploads/r/t0tio/3/9/39118/ECO-PCUL-5-6.pdf>. Acesso em: 02/05/2023.

³³⁵ Idem.

³³⁶ Trecho da entrevista concedida por SURFISTINHA, Bethynha. Entrevista III. [09-2022]. Entrevistador: Alexandre Magno Maciel Costa e Brito. Brasília, 2022. Arquivo MP3 (1h44m03s).

uma abordagem resultado de sua pesquisa com travestis em Campos de Goytacazes, que se aproxima muito do que nos trouxe Bethynha sobre a construção de si e como ela se integrou à estrutura. Sobre isso, ele argumenta

Ao refletir sobre esse processo de construção de si, realizado pelas travestis, percebe-se que não há uma regra que determine todas as transformações empreendidas. Todavia, pode-se notar que um discurso comum que permeia tanto a fala de muitas das travestis de Campos, quanto de outras regiões do país. Tomados em paralelo, esses discursos indicam que há alguma linearidade nesse processo que vai, muitas vezes, da assunção da homossexualidade (para si ou para família), até a adoção de uma performance feminina considerada mais completa. Em grande parte destas trajetórias identifica-se a fase de *pintosa*³³⁷ deixar o cabelo crescer, usar brincos, maquiagem, batons, pintar as unhas. É claro que este não é roteiro seguido por todas as travestis, mas por outro lado é interessante observar que a maior parte das entrevistadas partilhou de um discurso semelhante.³³⁸

No caso dos michês, como apresentado nesta tese a partir da pesquisa de Perlongher, a transformação destes homens potencializavam suas virilidades, procedimentos muitas vezes escamoteados porque afetariam até a própria imagem (o potencial imagético do viril). Isso não quer dizer que não haja a participação de outros membros desse grupo. Como diz Rafael França, não existe apenas um roteiro. Penso que a virilidade para o universo dos michês, por estar associada ao tamanho do pênis, se relaciona a uma fragilidade masculina, daí uma construção quase que individual e escondida, ao contrário da dinâmica de construção de si no caso das travestis, coberta de inúmeras particularidades.

No que se refere à batalha, Bethynha trabalhou para Morgana por aproximadamente oito anos, indo todos os dias para o Setor Comercial Sul (SCS). Morgana era muito conhecida no centro do Plano Piloto, frequentava o “*Inferninho*”, a “*New Aquarius*”. Mesmo se mudando para Europa, o seu nome tinha certo poder naquela região, bastava dizer que trabalhava para ela, ninguém no Setor Comercial Sul (SCS) ousava causar algum entrave. Quando estava no Brasil, se ela enchesse o carro de bicha e saísse do Valparaíso em direção ao Plano Piloto, o ataque era certo.

Na região do Setor Comercial Sul (SCS), Bethynha trabalhou nas proximidades do Hotel Nacional, dos Correios, na rua do Hospital de Base. Esta última foi a que ela mais gostou. Naquela época, ela não bebia e não usava nenhum tipo de droga. Nos conta que o Setor Comercial Sul (SCS) recebia gente de todos os lugares e considerava o local como uma “mina

³³⁷ Pintosa: Bicha afetada, que dá pinta. Outro termo semelhante é o *dar close*, que significar *dar pinta*. Disponível em: <https://memoria.cidarq.ufg.br/uploads/r/t0tio/3/9/39118/ECO-PCUL-5-6.pdf>. Acesso em: 02/05/2023.

³³⁸ SANTOS, Rafael Gonçalves dos. *As aparências enganam?: a arte do fazer-se travesti*. Curitiba: Editora Appris, 2015, p. 129.

de ouro”. Havia aquelas que “davam a Elza”³³⁹, porque muita gente que tinha dinheiro (Euros e Dólar) frequentava o lugar.

As travestis ocuparam boa parte daquele lugar, como por exemplo as garagens, que segundo Bethynha serviam de motel a céu aberto. Elas caminhavam ou iam de carro durante o atendimento, o que dependia muito da disponibilidade do cliente. Da mesma forma que Danny Wonderful, Bethynha faz referência a um pé de manga que servia de local para se fazer um programa. Um ponto curioso, pelo fato de trazer algum risco, eram os atendimentos próximos ao posto policial. Se por um lado, em alguns momentos a proximidade parecia um lugar de proteção, por outro, era uma ameaça, caso os PMs não dessem razão a elas em certas situações. Ou seja, o posto policial era um lugar de muita instabilidade para travestis naquela região e inspirava pouca confiança.

Quando elaborei o projeto de doutorado eu tinha uma visão linear – quase um andar nas bordas – de como os lugares se interligavam, ou seja, eu imaginava uma caminhada de ponto a ponto para se pensar essa cidade apropriada e ressignificada. Na medida em que Danny e Bethynha me contavam como elas entendiam esses locais, eu já conseguia visualizar o caminho feito por dentro, como por exemplo, como se dava o deslocamento a pé, do Setor Comercial até a rodoviária ou até o CONIC.

Não se trata aqui de um simples caminhar no interior dessa região ou o acesso a esses espaços, mas de perceber como essas rotas se alinhavam às estratégias de ocupação. É a cidade vivida a partir de outra perspectiva espacial. O deslocamento propiciava o *trottoir*, rota de fuga em momentos que precisavam se proteger, atalhos e tantas outras coisas. Isso tem importância à pesquisa porque nos ajuda a olhar diferente.

Se pegarmos o CONIC no início da pesquisa, tínhamos a perspectiva da fachada, sua localização privilegiada, a calçada, depois adentramos a partir de boates ou bares, mas era algo muito selecionado. Danny Wonderful e Bethynha Surfistinha apontaram para outra passagem, mais subterrânea, pelos fundos do complexo (linha amarela no mapa a seguir indicando “parte de trás”), com acesso à outros espaços que muitas vezes sequer sabíamos que existiam. Isso tudo faz parte da dinâmica de ocupação e construção de novos sentidos.

Elas se deslocavam da região do Setor Comercial Sul (SCS) – de qualquer parte dele – e desciam rumo ao Setor de Diversões Sul (SDS). Vale ressaltar que não existia um caminho definido, ou seja, cada uma escolhia a rota a seguir. O interessante aqui é observar como

³³⁹ Elza: Roubo; Dar a Elza: roubar. Outro termo semelhante utilizado é Alibete: roubo; elza. Disponível em: <https://memoria.cidarq.ufg.br/uploads/r/t0tio/3/9/39118/ECO-PCUL-5-6.pdf>. Acesso em: 03/05/2023.

ocupavam a região a partir desse caminhar por dentro dos territórios, como indica as imagens a seguir.



Figura 53 – Ortofotografia CONIC.

Fonte: Companhia de Planejamento do Distrito Federal - CODEPLAN



Figura 54 – Ortofotografia Hotel Bonaparte Bluepoint.

Fonte: Companhia de Planejamento do Distrito Federal - CODEPLAN

Tudo isso tem a ver com o nosso olhar viciado sobre a cidade, que limita nosso entendimento do que são os espaços, nossa exterioridade com relação ao universo das travestis, como se as suas histórias estivessem limitadas à calçada. Daí a importância de se pensar em espaços, palavra tão explorada por esta tese. Segundo Michel de Certeau:

Em suma, o espaço é um lugar praticado. Assim a rua geometricamente definida por um urbanismo é transformada em espaço pelos pedestres. Do mesmo modo, a leitura é o espaço produzido pela prática do lugar constituído por um sistema de signos – um

escrito. [...] Num exame das práticas do dia a dia que articulam essa experiência, a oposição entre “lugares” e “espaço” há de remeter, sobretudo, nos relatos, a duas espécies de determinações: uma, por objetos que seriam no fim das contas reduzíveis ao estar-aí de um morto, lei de um “lugar” (da pedra ao cadáver, um corpo inerte parece sempre, no Ocidente, fundar um lugar e dele fazer a figura de um túmulo); a outra, por operações que, atribuídas a uma pedra, a uma árvore ou a um ser humano, especificam “espaços” pelas ações de sujeitos históricos (parece que um movimento sempre condiciona a produção de um espaço e o associa a uma história). Entre essas duas determinações, existem passagens, como o assassinato (ou a transformação em paisagem) dos heróis transgressores de fronteiras e que, culpados de terem atentado contra a lei do lugar, restauram-no por seu túmulo; ou então, ao contrário, o despertar dos objetos inertes (uma mesa, uma floresta, uma personagem do ambiente) que, saindo de sua estabilidade, mudam o lugar onde jaziam na estranheza do seu próprio espaço³⁴⁰.

A teoria trabalhada por Certeau elucida, ainda que de forma muito técnica em alguns momentos, a mudança de percepção sobre o que é lugar e espaço. Sem a presença de Bethynha, Danny Wonderful e outras tantas pessoas, o pé de manga seria apenas uma árvore e o CONIC apenas um lugar. Suas presenças e ações transformam lugares e coisas em espaços praticados, ou seja, eles ganham sentidos a partir de sujeitos históricos e suas vivências cotidianas. Não se trata apenas de dinâmica de funcionamento, mas de uma operação que dá significados que interferem sobre a vida do local em questão.

Bethynha conta que adorava o “*Inferninho*”, parte subterrânea do CONIC e um outro bar “chic” – segundo suas palavras – conhecido como “Sinucão”. Os espaços internos do CONIC eram bem aproveitados por elas, principalmente, na época de pagamentos dos “recos”. Da mesma forma que Danny, ela lembra que aquela localidade era considerada “área vermelha”, e por essa razão, muitas operações aconteciam por ali: “você sabia que era uma área vermelha e que eles não podiam estar frequentando ali? Só que eles iam escondidos. O ônibus ia atrás deles (aqui se refere ao ônibus da Polícia do Exército), mas eles sempre se escondiam. A gente escondia eles. Era muito maravilhoso”.

O “*inferninho*” citado por Wonderful e Bethynha me causou certa curiosidade, sobretudo, pela importância dada ao lugar durante as duas entrevistas. Ao buscar matérias no *Correio Braziliense* que pudessem colaborar com as informações obtidas sobre o local, três delas me chamaram a atenção: “Vistoria não viu a pior parte”; “SDS também promove sua feira”; “Medo da aids”³⁴¹.

A primeira delas, em fevereiro de 1985, tratava de problemas estruturais nos prédios que formavam o Setor de Diversões Sul (SDS), principalmente, as situações precárias de segurança. Sobre esse caso, há a seguinte menção: “Entre eles, merecem destaque o ‘Acropol’,

³⁴⁰ CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009, p. 151-152.

³⁴¹ *Correio Braziliense*, n. 08755, 31 de março de 1987, p. 04.

‘Venâncio Júnior’ e ‘Venâncio IV’. [...] São nestes blocos que funcionam a maior parte dos ‘Inferninhos’, boates e até saunas e casas de massagens duvidosas”³⁴².

A segunda reportagem, em 9 de maio de 1986, que trata de uma feira de arte, traz uma referência a alguns lugares que compõem esse “Inferninho”. Sobre isso, segue o jornal:

O Setor de Diversões Sul (SDS) consegue agradar aos gostos de gregos e troianos. Ao mesmo tempo que conta com quatro ‘Inferninhos’ (*La Bohème, Le Batoh, Batklan e Aquarius*) além do Cine Ritz que, diariamente, no intervalo das sessões, leva ao público shows ao vivo de striptease³⁴³.

Por fim, a terceira reportagem, em 31 de março de 1987, traz um dos assuntos mais delicados das últimas décadas, que é a sobre a pandemia de AIDS.

O medo da AIDS está reduzindo em mais de cinquenta por cento a frequência de clientes de boates e “Inferninhos” do Distrito Federal, especialmente os que apresentam shows eróticos. É opinião dos proprietários, garçons e mulheres da noite. O esvaziamento se acentuou depois que foi iniciada a campanha de esclarecimento, do Ministério da Saúde, pela televisão³⁴⁴.

Este adendo que faço com as matérias do *Correio* – a partir das provocações de Bethynha sobre os “Inferninhos” – não é para validar sua narrativa, mas para colaborar no sentido de visões externas que apresentam as precariedades do lugar e abandono à segurança por parte do donos dos edifícios, uma diversidade de opções que atraem vários grupos e que possibilitam a sociabilidade de travestis e gays, e por fim, os impactos da AIDS sobre esses territórios.

Ainda que os espaços fossem de disputa e muitas vezes de inflexibilidade, em determinados momentos de tensão se transformavam em ambientes de solidariedade e cumplicidade. Muitos estavam ali para gastar seu dinheiro em diversão. Quando eu perguntei se aqueles que estavam ali eram michês, ela me disse que ficou sabendo que os militares que eram michês faziam programa no próprio Setor Militar Urbano. Embora não seja uma afirmativa, me parece algo que faz muito sentido, já que o Setor Militar Urbano (SMU) é muito próximo do Cruzeiro Center – região central de Brasília – e a quantidade de militares que frequentava a região era muito grande. O que não inviabilizava sua presença na prostituição no Setor Comercial Sul (SCS) – como concebido pelas travestis que incluem o Setor Hoteleiro Sul (SHS) –, CONIC, Conjunto Nacional e rodoviária.

³⁴² *Correio Braziliense*, n. 07985, 07 de fevereiro de 1985, p. 17.

³⁴³ *Correio Braziliense*, n. 08433, 09 de maio de 1986, p. 24.

³⁴⁴ *Correio Braziliense*, n. 07985, 07 de fevereiro de 1985, p. 17.

Com relação à rodoviária – “Feira do Cu” – Bethynha diz que parte dos michês eram de outros estados. Segundo ela, boa parte dos rapazes vinham de Goiânia e se destacavam pela sua beleza. O fato da capital goiana não ser distante de Brasília facilitava muito esse movimento em direção ao Distrito Federal. Ela relatou o envolvimento – por uma noite – com um rapaz de Cuiabá que conheceu no “Inferninho”. Bethynha segue explicando que esse envolvimento rápido tinha essa dinâmica fugaz porque eles também estavam interessados em ganhar dinheiro.

Quase todos os caminhos levavam ao Plano Piloto. A facilidade de acesso ao centro está presente em suas palavras. Ela saía do Valparaíso diretamente para o Setor Comercial Sul (SCS) e que a partir dali todo o percurso era feito a pé e que praticamente todos os lugares eram propícios à pegação e isso determinava a forma como as experiências se davam. Bethynha me explicou que muitos homens que frequentavam o Cine Ritz, após a exibição dos filmes e espetáculos, procuravam as travestis para programa, ou seja, o movimento na região era frenético. Talvez a definição de “Inferninho” esteja aí. Lugares recriminados pela sociedade e propícios para diversos tipos de atuação, com destaque a prostituição. Vale ressaltar aqui, que a parte subterrânea do CONIC recebia também o apelido de “Buraco Quente”.

A movimentação nos lugares de sociabilidade desses grupos era muito intensa. Não é possível, em partes, definir uma imagem dos tipos de homens que procuravam diversão com as travestis no Plano Piloto. A diversidade era imensa, de pedreiro a policiais militares, de políticos e trabalhadores do transporte, não havia empecilho para quem quisesse gastar seu dinheiro nos “inferninhos” do Setor de Diversões Sul (SDS)”, o que fortalecia a ocupação desses espaços na capital e movimentava o mercado sexual. Vale ressaltar aqui o fato de muitos comércios se adaptarem a essa prática predominantemente noturna.

Bethynha Surfistinha lembra que quando começou a fazer programas em Brasília os lugares já tinham suas denominações. Indiretamente, ela nos diz que esses espaços têm memória e que foram construídas por aquelas que vieram antes dela. Atualmente, quando vai ao trabalho, cujo escritório é no CONIC – não tem relação com a prostituição – ela rememora momentos em que viveu ali e conta para as amigas as diversas situações que já passou: “é aqui que eu ficava; dancei; apanhei; corri da polícia”³⁴⁵.

Ela lembrou que ali no CONIC havia dias em que as meninas não tinham nada ao chegar e ainda assim, bebiam muito, se divertiam e saíam com dinheiro. Essas fazem parte de

³⁴⁵ Trecho da entrevista concedida por SURFISTINHA, Bethynha. Entrevista III. [09-2022]. Entrevistador: Alexandre Magno Maciel Costa e Brito. Brasília, 2022. Arquivo MP3 (1h44m03s).

lembranças boas do que viveu, mas como a vida não é feita apenas de lembranças boas, segue dizendo sobre violências sofridas:

de cliente. Da polícia, já levei uma surra na 1ª DP (Delegacia de Polícia), acusada de uma coisa que eu não tinha feito, só que eu não abri minha boca para dizer que tinha feito. [Você não conseguiu se defender?] Não, porque foi o delegado que me levou para uma salinha. [Você lembra do nome desse delegado?] Não! Até hoje eu levo pessoas que a gente atende na 1ª DP. Aí eu digo: será que eles não lembram de mim, da minha cara? Mas não é por medo. O que eu não tenho de boas lembranças do Setor Comercial era o tempo que eu bebia, me drogava e me jogava na rua. Isso não são boas lembranças para mim, certo? Mas das meninas, do campo... sabe que o setor comercial foi revitalizado? Não tem mais fluxo, agora está na Asa Norte. Estão todas indo para a Asa Norte, tem até donas do ponto, não é só chegar e ficar. O Setor Comercial Sul na época que eu fui, não era só chegar e ficar³⁴⁶.

Bethynha ficou no Setor Comercial Sul (SCS) por aproximadamente 20 anos e teve excelente trânsito entre Morgana, Carla Facão e Savana. Ela conta que mesmo não trabalhando para Savana mantinha uma excelente relação, tanto é que Savana não cobrava diária para que pudesse trabalhar ali entre suas meninas. Havia uma relação de amizade. Em uma viagem para Cascavel, conheceu Carla Facão que ainda estava em sua transição e que mudaria em seguida para São Paulo. Tempos depois, já em Brasília, Carla voltou totalmente transformada, com destaque aos seios, que segundo Bethynha, ficaram maravilhosos.

Bethynha saiu da casa de Morgana e foi morar com Carla Facão, enquanto Sara seguiu seu próprio caminho em São Paulo. Ela se diz uma bicha zen e que por isso se deu bem com todas elas. O que não mudara nela foi a bagunça que fazia com o *pirelli* e com a bebida:

Sempre *pirelli*, sempre *pirelli*. Quando eu me colocava, os *pirellis* ficavam todos tortos. A bicha me arrumava. “Bethynha olha como seu peito está! Um baixo, outro alto”. Eu não quero mais nem saber. [...] As bichas lembram de mim! Quando eu bebia, eu era uma bicha louca, inconveniente, chata e queria que elas dissessem: “lá vem aquele viado”. Mas quando eu tinha dinheiro, não me gabando, eu sempre tirava o meu...³⁴⁷.

Em Cascavel ela conheceu um rapaz e para ficar próxima a ele passou a fumar maconha, mas não se deu bem com a substância. Quando voltou para Brasília teve seu primeiro contato com a cocaína, por meio de uma amiga travesti. Forçou a barra para que ela deixasse cheirar uma carreira. Mesmo sendo aconselhada pela amiga que aquilo não era algo bom e já tomada pelo álcool – colocada –, Bethynha não hesitou. Depois disso, se perdeu. O que ganhava com os programas ficava no Setor Comercial Sul (SCS), passou a atrasar as diárias, o que causou

³⁴⁶ Trecho da entrevista concedida por SURFISTINHA, Bethynha. Entrevista III. [09-2022]. Entrevistador: Alexandre Magno Maciel Costa e Brito. Brasília, 2022. Arquivo MP3 (1h44m03s).

³⁴⁷ Idem.

preocupação na cafetina, que dizia: “Bethynha, olha a rua!; Bethynha, o que está acontecendo contigo?”³⁴⁸.

Em seguida, ela conheceu a merla, onde fumava no cachimbo. O drama de Bethynha não parou por aí, porque o passo seguinte foi o *crack* – a pedra –, sempre com as meninas. Sobre esse momento, fez a seguinte declaração: “Sabe de uma coisa? Isso não é mais para mim, não. Estou ficando uma bicha velha, lerda, doida, sem nada”³⁴⁹. O uso de Substâncias Psicoativas (SPA) durante à noite, além da “rebordosa”, trazia uma ressaca moral muito grande porque se via sem nada, envergonhada. Sua resposta: “Isso vai ter que mudar”. Conseguiu retomar a vida com apoio do CREAS Diversidade da Secretaria de Desenvolvimento Social do Distrito Federal e o CAPs. Em meio às recaídas, ela sobreviveu e hoje evita lugares e situações. Ela diz que recusa convites de Danny Wonderful [para sair e se divertir] para evitar recaídas, “eu não me controlo”.

Seu depoimento serviu como alerta sobre a forma como me dirijo ao Estado, principalmente, nas generalizações. Se por um lado, houve momentos em que o Estado foi perverso com sua existência, por outro, houve momentos que, por meio de políticas públicas encontrou amparo e atenção, como no caso do tratamento, auxílio e amparo na luta contra as drogas. Bethynha devolve ao Estado o melhor de si, ou seja, ela se reposiciona sem anular a sua identidade travesti, na ajuda às pessoas que sofrem nas mesmas ruas em que andou.

Ainda sobre suas andanças, com experiências atreladas às de Danny, ela nos conta que praticamente todas as pessoas conhecem a amiga no Setor Comercial Sul (SCS) pelo apelido “Buceta”. Quando eu lhe pergunto o motivo, Surfistinha me diz que a amiga era tão audaciosa, que fazia ponto sem calcinha e com a “mala aquendada”³⁵⁰. Para ela, Danny sempre foi estrela, uma excelente amiga e companheira.

Sempre juntas, foram morar no Plano Piloto. Ela conta que o silicone de Danny ocorreu a partir de um programa com dois gringos, cujo o lucro foi de US\$ 2000,00 (Dois mil dólares americanos). Essa presença estrangeira no Setor Comercial Sul (SCS) tem relação com o movimento dos hotéis, algo mencionado durante as análises de reportagens do *Correio Braziliense*.

³⁴⁸ Idem.

³⁴⁹ Trecho da entrevista concedida por SURFISTINHA, Bethynha. Entrevista III. [09-2022]. Entrevistador: Alexandre Magno Maciel Costa e Brito. Brasília, 2022. Arquivo MP3 (1h44m03s).

³⁵⁰ Gabriela Costa Araújo, em sua pesquisa sobre Bajubá, traz a expressão “aquendar a neça”, que tem o mesmo significado de “aquendar a mala” ou “mala aquendada” como se refere Betinha Surfistinha sobre Danny Wonderful. Reitero que a expressão é muito comum entre a comunidade LGBTQIA+ no Brasil e significa esconder o pênis. Essa ação faz parte do cotidiano da grande maioria das travestis. ARAÚJO, Gabriela Costa. *Bajubá: memórias e diálogos das travestis*. Jundiá – SP: Paco Editorial, 2019, p. 88.

Ainda que, durante algum tempo, estivesse submersa no mundo do álcool e das Substâncias Psicoativas (SPA), não se permitiu curvar-se à ambição ou outros métodos que considerava inadequados, como por exemplo, dar a “Elza” – “nunca tive ambição, nunca tive ganância!; o que é meu é meu³⁵¹”. Ela diz isso no momento em que se refere ao uso de silicone ou hormônios, o que leva muitas travestis a investir na mudança corporal a qualquer custo: a partir de endividamento, “dar a Elza” ou qualquer outra forma de ganhar mais dinheiro. Outra questão que contribuiu para que ela não se hormonizasse foi a reclamação por parte de outras meninas, que relatavam estresse, dificuldade na ereção, e como ela mesmo disse: “eu gosto de ser o ativão!”³⁵².

Sobre o Setor Comercial Sul (SCS), faz a seguinte consideração: “foi um aprendizado muito grande, uma lição de vida que eu tive, uma visão das noitadas e da prostituição”³⁵³. Ela faria tudo de novo. Nesse momento da entrevista ela diz se arrepender do uso do álcool e das Substâncias Psicoativas (SPA) pelo fato de ter tirado ela da rota. Nos dias atuais, quando pensa na prostituição, sente um certo sofrimento e não arrependimento, pelo fatos de os homens acharem que elas são objetos, que podem usá-las de qualquer forma por pagarem o programa e que podem fazer qualquer coisa por pura satisfação e poder.

Quando eu pergunto se ela sente que a sua dignidade foi atacada naqueles momentos, ouço o seguinte relato:

A gente passa por agressão, tanto física como verbal. A gente é vista como marginal ali na rua. Há famílias que dizem que onde há prostituição, há tráfico, assalto e só coisas que não prestam. A polícia nunca dava razão para a gente. Sempre quem tinha razão era aquele safado que estava errado, que por ter uma família, um emprego, possuir uma casa própria e ser um homem sério, que diz ser digno daquilo que não é. A polícia dizia: o cara saiu da casa deles para vocês assaltarem [...], nada era levado em consideração, vocês chegam aqui para roubar³⁵⁴.

Essa opressão, também, tem relação com a imposição do poder masculino sobre o feminino. Certamente, a grande maioria dos clientes se vale do anonimato por serem casados, heterossexuais declarados e homens de bem, o que colabora com a invalidação de argumentos que partam das travestis quando precisam se defender. Isto é uma forma de fragilizar o grupo, como mencionado anteriormente. Esse sentimento é compartilhado com as travestis mais novas,

³⁵¹ Trecho da entrevista concedida por SURFISTINHA, Bethynha. Entrevista III. [09-2022]. Entrevistador: Alexandre Magno Maciel Costa e Brito. Brasília, 2022. Arquivo MP3 (1h44m03s).

³⁵² Idem.

³⁵³ Idem.

³⁵⁴ Idem.

especialmente, no que diz respeito aos perigos que rondam essa atividade, como o não uso de preservativos por exigência dos clientes.

Atravessar a Belém-Brasília, passar pela rodoviária e pelo Setor Comercial Sul (SCS) trouxeram experiências que hoje utiliza em seu trabalho na orientação de pessoas que se encontram em fragilidade social. Ela se reconhece nas experiências dessas pessoas, ao mesmo tempo que percebe que é uma estrutura bem sólida, que faz com que essas histórias pareçam repetidas, ainda que a vida no centro da capital não seja mais a mesma. As experiências que não foram boas servem de alicerce para a sua contribuição com a sociedade. Neste momento a entrevista ganha um tom de muita emoção. Bethynha com a voz embargada, chora. Ela se reconhece nas pessoas que estão em situação de fragilidade, principalmente pelo uso excessivo de álcool e Substâncias Psicoativas (SPA), algo que atrapalhava sua relação com a própria vida e com os outros. Isto faz com que acesse memórias dolorosas dos dramas que viveu no Setor Comercial Sul (SCS) e “Inferninhos”. Sobre este tempo ela nos traz o seguinte relato:

“Já passei por tantas coisas, por tudo isso. Mesmo sendo aquela bicha que não era de briga. foi só quando eu tive aquela experiência. Estou te contando que não vêm lembranças boas do meu tempo, do meu passado, de usar droga. Não foi uma experiência boa, porque tenho marcas no corpo, não é? [...] Muitas amigas antigas falam: Betinha, graças a Deus que você está aqui, porque você é insuportável, enjoadíssima. Mas, graças a Deus, sim. Já vi menina do CONIC, que assaltou um homem lá dentro, quando chegou no ponto, o cara matou ela. Perdi muita gente no caminho”³⁵⁵.

É impossível não trazer marcas das vivências no Setor Comercial Sul quando pensamos nas vivências de travestis no lugar. Na medida em que ela rememora, percebo o seu esforço em construir uma linha de raciocínio e de tentativa de organização das suas lembranças durante seus mais de vinte anos ali. As vezes eu sinto que há um distanciamento, como se ela se afastasse um pouco do presente em busca daquele momento vivido. Algumas lembranças vêm com muita força, como no dia em que Danny Wonderful recebeu um tiro, resultado de uma falsa acusação, algo já mencionado na tese.

Ela reclama que muitas coisas passaram despercebidas por ela devido o intenso uso de Substâncias Psicoativas (SPA) e álcool durante um certo período. Sobre isso, no diz: “Eu esquecia. Eu bebia muito! A gente bebia só conhaque. O que quisessem me fazer na rua? Não estava ali”³⁵⁶. Considero algo relevante para o registro, sobretudo, por não representar um

³⁵⁵ Trecho da entrevista concedida por SURFISTINHA, Bethynha. Entrevista III. [09-2022]. Entrevistador: Alexandre Magno Maciel Costa e Brito. Brasília, 2022. Arquivo MP3 (1h44m03s).

³⁵⁶ Trecho da entrevista concedida por SURFISTINHA, Bethynha. Entrevista III. [09-2022]. Entrevistador: Alexandre Magno Maciel Costa e Brito. Brasília, 2022. Arquivo MP3 (1h44m03s).

constrangimento, até porque, o destaque não é o vício, mas a força que ela encontrou para se livrar dos prejuízos à vida que essas substâncias trouxeram, e poderiam ainda trazer, caso continuasse. As referências da sobriedade de Danny em momentos importantes, ainda são muito fortes, na maioria das vezes, comparada a embriaguez de Bethynha, com o excesso de conhaque e entorpecentes.

A fragilidade que o álcool e as Substâncias Psicoativas (SPA) traziam só não foi maior porque não se viu sozinha. Muitas delas celebram a sua vida, principalmente, quando lembram como ficava inconveniente e insuportável nas noites que estava “colocada” – bêbada e drogada – e sem limites. Não recordar depois o que havia ocorrido, me parece um certo incômodo em sua narrativa. Ainda assim, ela consegue transformar essas situações em algo propositivo.

Ela traz um fato para a nossa conversa de extrema delicadeza em que reafirma os perigos que rondam à noite daquela região. Este acontecimento diz respeito a um assassinato de um rapaz durante um programa com uma das suas companheiras travestis em uma dessas noites mais frenéticas em que misturavam *trottoir*, bebidas e Substâncias Psicoativas (SPA).

Ela foi fazer um programa com um rapaz. Quando voltou, os caras o mataram dentro do carro. Nisso, a polícia começou [...]. Aí falaram que a gente só vivia juntas. [...] Nesse dia, todas nós estávamos bebendo. E quando a gente bebe, se a gente fala que a gente perde a consciência, tem gente que não acredita. Eu não tenho o que falar! Eu vou numa delegacia e vou falar o que? Eu digo que não lembro, não tem como eu dizer que eu lembro. Eu nem sabia que o rapaz tinha morrido ali. O homem morreu ali naquele estacionamento do Pátio Brasil! Voltando para o Setor Comercial, o rapaz foi morto ali. Ela ficou desesperada, a gente achou que ela tinha ficado meio louca. Ela também fumava com a gente. Eu perguntei para ela o que foi que aconteceu: ‘Uns homens vieram assaltar, ele reagiu, meteram a faca nele’. Você falou que a gente estava junto?: ‘Não! Só falei que a gente estava bebendo todo mundo junto!’ Mas eles queriam que colocassem a gente como testemunha³⁵⁷.

Novamente, as palavras de Bethynha reafirmam algo recorrente na história do Setor Comercial Sul (SCS) e que diz respeito ao tratamento recebido por travestis como pessoas desacreditadas e sem credibilidade. É como se a culpa fosse algo natural sobre elas. Não estou dizendo que essas pessoas estão isentas de culpas em certos eventos, tanto é, que a própria Bethynha traz isso com muita clareza e sem fantasias. Eu me refiro aqui à estrutura que (re)produz e legitima esse sistema de culpas e que dificulta o direito à defesa dessa população. Por isso o receio da maioria em procurar a polícia, e até mesmo, os equipamentos de saúde.

Ela lembra de um momento em que uns rapazes a levaram para o Setor de Embaixadas, “lá me bateram e me destruíram na porrada”. Outro evento foi durante um programa em um motel da cidade:

³⁵⁷ Idem.

Me pegou lá no setor comercial, me levou para um motel, após o programa, quando chegou em frente ao Conjunto Nacional. Ele me diz: “Muito obrigado”. Hã? Um homem imenso, forte. Disse: “olha, muito obrigado.” Eu digo sim! “É tchau, não tem, não vou te pagar”. E nesse dia ele estava se injetando, né? Desci do carro, mas quando foi na outra semana, ele vai descendo no CONIC para comprar droga. Estamos eu e minha amiga. Eu digo: Olha aquele homem que me deu o golpe. Cheguei pertinho dele: Oi, você lembra de mim? E minha amiga, já com uma garrafa na mão, pois eu havia contado o que tinha acontecido. Aí ele já me deu o dinheiro que me prometeu naquele dia. Me usou, abusou e não quis me pagar³⁵⁸.

Ainda sobre golpes sofridos, ela traz outro relato:

O homem gostou de mim, aí me abraçou e disse: “Vamos lá no CONIC tomar uma cerveja?”. Vamos! Quando ele abriu a carteira, cadê o dinheiro? Ele vira para mim: “cadê meu dinheiro?”. Você está doido? “Cadê meu dinheiro?”. Ele estava falando que eu peguei o dinheiro dele. A gente sempre levava a culpa³⁵⁹.

O fato de estarem na posição de desacreditadas, em muitas ocasiões, respondem de forma mais incisiva. Geralmente, a sociedade explora esses eventos de uma forma em que toda a culpa recai sobre as travestis. Vale ressaltar aqui como a imprensa colaborou, algo explorado nas matérias do *Correio Braziliense* em alguns casos, na culpabilização da vítima e na construção de uma representação negativa dessa categoria. O mesmo acontece quando analisamos documentos relacionados à ditadura, mas quando a gente olha para Bethynha, que traz referências dos anos 1990, o que se percebe é que essas bases da intolerância ainda são muito sólidas e que muitas coisas ainda permanecem.

Bethynha conta que presenciou situações de racismo em certas narrativas direcionadas à comunidade de gays e travestis: “Além de ser viado é preto”. Mas completa dizendo que o que pode ser feito é responder aos ataques, já que para a polícia sua voz não tem nenhum valor ou credibilidade. Ela chega a falar que se a polícia presencia esse tipo de ataque apenas ri da situação. Mas as ofensas não se limitam ao racismo. Há casos em que travestis que usam perucas são questionadas: “o viado não tem nem cabelo e quer ser mulher”.

Em uma de suas considerações, ela diz que transita entre o feminino ou masculino com muita tranquilidade, embora não deixe de se reconhecer como travesti. Esse transitar fluido, a partir de um curso oferecido pelo ONU, fez com que elaborasse outra concepção de si: ela se diz uma travesti não binária. Talvez isso explique como se localiza no mundo. Sem dúvidas nenhuma ela quebra paradigmas relacionados à travestilidade. Isso tem a ver com a questão de não se preocupar com as mudanças corporais, o que inclui o uso de hormônios e silicone

³⁵⁸ Idem.

³⁵⁹ Trecho da entrevista concedida por SURFISTINHA, Bethynha. Entrevista III. [09-2022]. Entrevistador: Alexandre Magno Maciel Costa e Brito. Brasília, 2022. Arquivo MP3 (1h44m03s).

industrial, não investiu em próteses e não se deixou intimidar por usar e abusar do *Pirelli* e sua aparência andrógina, algo que contou ao seu favor.

Ainda que muitas pessoas não concordem sobre seu posicionamento em relação à forma como se reconhece – travesti não binária –, ela segue defendendo o direito de pensar sobre si, o que demonstra autonomia sobre seu corpo e sua própria vida. Vale ressaltar que sua trajetória até chegar em Brasília, fez de Bethynha uma pessoa muito forte e decidida.

A entrevista com Bethynha Surfistinha foi um caminhar por um longo percurso, da sua infância em Belém do Pará até a suas experiências no Plano Piloto. Embora sua transição não esteja, em alguma medida, no seu corpo, já que abriu mão do uso de hormônios e silicone, ela está presente em cada passo que deu em sua vida, incluo aqui a construção de si a partir dos mecanismos de montagem da feminilidade, como o uso dos *Pirellis*.

Ela nos apresentou a rua e suas particularidades, revelando uma dinâmica do Plano Piloto na medida em que as margens tomavam o centro. Me refiro às margens para trazer a importância do deslocamento das pessoas que vinham de regiões periféricas do Distrito Federal e outros estados. Ao contrário de outras meninas, a sua montagem para a batalha – por conta dos recursos artificiais – tinham um tempo de duração, o que lhe causara vergonha quando saia do Setor Comercial Sul (SCS), seu local de trabalho.

Ela buscou ajuda profissional para se aceitar. Bethynha sentia necessidade de acessar espaços, de se encorajar, para além dos limites estabelecidos pelo centro do Plano Piloto. Com a idade ficou mais séria, contida, age com empatia quando ouve histórias atuais sobre os tratamentos recebidos pelas meninas em relação às cafetinas, se tornou um pouco conservadora, como se o desbunde não combinasse mais com sua realidade, mas não perdeu o bom humor ao se referir às novinhas: “Eu amei a juventude que passei (...) Eu não me troco por vocês, não. Vocês podem pegar todos, mas sempre vai sobrar um pra mim”³⁶⁰.

5.4 Considerações sobre a arte de cortar, costurar e vestir-se de cidade

Brasília é uma cidade ousada. Esta conclusão sobre a cidade parte da minha longa conversa com Danny Wonderful e Bethynha Surfistinha. Quando penso na ousadia da cidade, mais precisamente sobre o centro do Plano Piloto, estou me referindo às operações que se dão a partir das presenças e práticas de travestis entre os anos 1970 e 1990.

³⁶⁰ Trecho da entrevista concedida por SURFISTINHA, Bethynha. Entrevista III. [09-2022]. Entrevistador: Alexandre Magno Maciel Costa e Brito. Brasília, 2022. Arquivo MP3 (1h44m03s).

Embora as experiências relatadas ao longo desse capítulo remontem a última década do recorte temporal da tese, os anos 1990, a colaboração dada pelas entrevistadas extrapolam os período em duas direções, passado e presente: ao acionarem outras histórias do local, uma referência às travestis que vieram antes, elas nos mostram que a cidade também tem passado e memória; em segundo lugar, mesmo com tantas mudanças estruturais nas dinâmicas de ocupação, há aspectos que permanecem quase que intocáveis, como por exemplo, o *trottoir* noturno que costura a cidade por dentro, mais precisamente as regiões denominadas Setor Comercial Sul (SCS) e Setor Hoteleiro Sul (SHS).

Elas vieram de longe, Danny Wonderful da Bahia (Região Nordeste) e Bethynha Surfistinha do Pará (Região Norte). Esses dois aspectos que remontam suas histórias pessoais, fazem parte da diversidade cultural do Distrito Federal, resultado do movimento migratório em direção à Brasília. Ainda que em condições bem diferentes, ambas vivendo um processo de transição, é importante afirmar que a construção de si no caso das travestis não está presa a uma regra, porque não existe uma única forma de se fazer travesti. O desejo de mudar a vida – algo convergente em suas trajetórias – talvez fosse a principal substância existente entre as duas, mas os caminhos trilhados apresentaram outras possibilidades de transição, mesmo com o fins comuns, buscar a sua feminilidade na essência, algo de dentro para fora.

Assim como a transição vivida por travestis, a ocupação da cidade também é complexa e sempre em movimento, por conta de diversos aspectos: culturais, pluralidade dos grupos, recorte social e econômico, relações de poder, territorialidades, entre tantos outros vieses, o que coloca em xeque a ideia de homogeneidade sobre sua ocupação. Tratá-la com fixidez, eliminaria a possibilidade de entendê-la em seu movimento dialético.

Perlongher, em seu estudo, destaca a importância de novas metodologias para se compreender as sociedades “urbanas” complexas, o que nos ajuda a pensar outras perspectivas que dizem respeito às representações do Setor Comercial Sul (SCS) para travestis como Danny Wonderful e Bethynha. Sobre essas exigências, saliento duas delas:

1. Exigência de local: não poderá haver referências a um lugar único da prática social, mas a muitos, até como unidades latentes. A existência de lugar-território único pode ser deixada de lado, para se considerar a plurilocalidade da vida na sociedade urbana contemporânea, privilegiando os “espaços intermediários” da existência social, percursos, trajetórias, devires.
2. Exigência de homogeneidade: a etnologia urbana não pode se sujeitar a grupos cuja homogeneidade não está manifestada em instâncias de funcionamento real (não pode,

então, inventar falsas homogeneidades), mas procurará apreender unidades reais de funcionamento³⁶¹.

Em cada uma das entrevistas pude perceber que nem mesmo os mapas de Brasília – sem desconsiderarmos a importância desses documentos – davam conta da (re)criação e (re)apropriação desses espaços. Isso é algo muito significativo nas falas das pessoas entrevistadas. Ao se referirem aos locais em que batalhavam, de forma bem particular, apresentavam novas denominações, limites, trajetos e dinâmicas de funcionamento. Volto às palavras de Néstor Perlongher sobre não haver o “lugar único”³⁶², principalmente, quando a gente pensa em espaços, que dizem respeito às operações que se dão a partir da presença desses grupos, como apresentado nas referências aos estudos de Michel de Certeau.

O fato de termos uma apropriação desses espaços naquela região por segmentos bem específicos e predominantemente durante as noites, já nos mostra que essas vivências imprimem à cidade novos movimentos e dinâmicas. Há uma falsa impressão que estamos falando de lugares diferentes, mas os lugares são os mesmos, o que muda aqui é a noção dos espaços. Um mesmo lugar pode ser um espaço diferente em vários momentos do dia, a depender da sua apropriação. A forma como travestis atuam no Plano Piloto, sem se fixarem – uma espécie de nomadismo –, já confere a cidade mutações constantes em seu funcionamento e seus significados.

Assim, a cidade não fez nenhum favor às travestis no sentido de permitir suas presenças, porque elas também eram a cidade e, por isso, reivindicaram por meio de suas próprias vidas o direito à ela. Vale pensar o quanto as práticas do espaço estão presentes nas falas de Danny Wonderful e Bethynha Surfistinha a todo instante. Ao construírem uma linha narrativa que parte de suas memórias e as memórias do centro do Plano Piloto, bem como as vivências e experiências – algumas particulares, outras em grupo – elas recriam a cidade. Esse (re)criar não se trata de uma imaginação, mas de uma compreensão de que este tecido urbano faz parte da extensão de suas experiências.

Ainda considerando o cotidiano das travestis que batalharam nesta região entre os anos 1970 e 1990, o que se percebe no teor das entrevistas é que elas extrapolam as particularidades de cada uma delas e revelam a cidade crua, sem maquiagem e, de certa forma, espelhada nos hábitos coletivos. Essa questão é a que garante uma transformação mútua, ou seja, tanto às travestis quanto à cidade estão condicionadas à uma relação contígua.

³⁶¹ PERLONGHER, Nestor. *Territórios Marginais*. In: MAGALHÃES, Maria Cristina Rios (Org.). *Na sombra da cidade*. 1. ed. São Paulo: Editora Escuta, 1995. p. 90.

³⁶² Idem.

Por essa razão é importante considerar os caminhos trilhados por Danny Wonderful e Bethynha Surfistinha quando deixaram para trás suas cidades, suas famílias e de certa forma, suas histórias – não se trata aqui de dizer que o passado deixou de existir, tanto é que ele compõem suas narrativas –, mas de uma reelaboração das próprias vidas, algo fundamental ao movimento de transição de cada uma delas. As experiências acumuladas, impulsionadas por sonhos de dias melhores, fizeram com que suportassem às noites, cansaço, frio, fome, perigos, solidão, golpes, violências e tantos outros percalços, para se constituírem realmente no que tanto desejavam. Há sonhos que circulam no centro do Plano Piloto.

A sociedade vê o que lhe convém e por isso desconsidera a dimensão do trabalho quando se refere às travestis que batalham no Setor Comercial Sul (SCS). É preciso deixar bem claro aqui que não se trata de uma atitude inocente, já que por trás de tudo isso existe uma estrutura transfóbica e perversa. Ambas discorrem sobre o cansaço em algum momento, seja nas noites intermináveis da batalha, seja nos dezoito dias de estrada para chegar em Brasília, como no caso de Bethynha. Elas não atravessaram apenas seus respectivos estados, a cidade ou as noites, elas atravessaram os limites dos seus corpos, porque precisavam sobreviver.

Se pensarmos nos marcadores sociais, determinantes em suas trajetórias e as múltiplas opressões que as atacaram em várias frentes, fica cada vez mais evidente como a estrutura se organiza cotidianamente em seu processo de interdição, aniquilação e de torná-las subservientes. Existe uma estratégia de marginalização e extinção das possibilidades do reconhecimento de suas cidadanias, o que me faz voltar a questão relacionada ao não entendimento de suas atividades como um trabalho. Daí a importância de observarmos os marcadores sociais que atravessam cada uma dessas vidas e como a estrutura age sobre elas. Caberia aqui o pensamento de Kimberlé Crenshaw ao explicar a interseccionalidade:

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as conseqüências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento³⁶³.

Evoco aqui, também, o pensamento das professoras Sirma Bilge e Patrícia Hill Collins ao se referirem à interseccionalidade como ferramenta analítica, o que nos ajuda a compreender

³⁶³ CRENSHAW, Kimberlé. (2002). *Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero*. Revista Estudos Feministas, Ano 10, 2002, p. 7. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2002000100011>. Acesso em: 14/05/2023.

a experiência da exclusão vivida por alguns grupos. Sobre isso, ela traz o seguinte posicionamento:

O uso da interseccionalidade como ferramenta analítica aponta para várias dimensões importantes do crescimento da desigualdade global. Primeiro, a desigualdade social não se aplica igualmente a mulheres, crianças, pessoas de cor, pessoas com capacidades diferentes, pessoas trans, populações sem documento e grupos indígenas. Em vez de ver as pessoas como uma massa homogênea e indiferenciada de indivíduos, a interseccionalidade fornece estrutura para explicar como categorias de raça, classe, gênero, idade, estatuto e cidadania e outras posicionam as pessoas de maneira diferente no mundo³⁶⁴.

A partir dessa leitura, que barreiras se levantariam diante de Danny Wonderful e Bethynha Surfistinha para a construção do empoderamento e do reconhecimento enquanto cidadãs? Apesar de suas realizações pessoais numa luta constante contra o *CISstema*, ao observar que se tratam de duas travestis, uma negra e a outra indígena, cujas origens são Bahia e Pará, que não pertenciam a nenhuma classe abastada e que se prostituíam, para além de tantos outros marcadores, cabe aqui a reflexão do quão difícil foi para elas manterem-se vivas diante dos opressores. Suas narrativas, também são de dores e perdas, já que viram muitas de suas amigas morrerem.

Dentro do processo de sobrevivência, ocupação e ressignificação dos espaços, a margem ocupou o centro. Por se tratar de presenças tão pujantes, nem mesmo as tensões foram capazes de tombá-las: da escala policial, às fugas inesperadas dentro do Setor Comercial Sul (SCS); dos golpes aplicados por clientes, à rotina da submissão às cafetinas; de tudo que podia ser e não foi, como aquele dia que Danny levou um tiro e sobreviveu, ou quando Bethynha foi levada para o Setor de Embaixadas e sofreu espancamento. Juntas elas foram mais fortes, se acolheram e se protegeram.

O centro do Plano Piloto é mais diverso do que imaginamos, porém a segregação “estrutural” impera sobre certos lugares e isso nos mostra que, de alguma forma, isso interfere na apropriação desses espaços. A impressão equivocada que a maioria das pessoas têm é que a simples presença, por si só, é capaz de fomentar mudanças nesses lugares, ou seja, o espaço deriva da ação. Isso fica evidente quando observamos o tipo de atividade que se impõem sobre os lugares, como a prática sexual nos banheiros, o *trottoir* no Setor Comercial Sul (SCS), a prostituição masculina na Rodoviária, ou mesmo, nos lugares onde todo mundo se mistura e as fronteiras parecem por algum momento não existir, nos Inferninhos do Setor de Diversões Sul

³⁶⁴ BILGE, Sirma; COLLINS, Patricia Hill. Interseccionalidade. São Paulo : Boitempo, 2020, p. 35.

(SDS). Quem não gosta de um “Inferninho”? Danny e Bethynha adoravam, mas houve vezes que a coisa não deu certo: “tiro, porrada e bomba”.

O “Inferninho” era uma designação dada aos bares e boates do CONIC. Enquanto Brasília dormia, o local pegava fogo, talvez seja por isso que o local tenha recebido o apelido de “Buraco Quente”, prevalecendo aqui, uma referência de cunho sexual. Gente que vinha de diversos lugares da capital ou de outros estados iam para o interior do complexo e se esbaldava, afinal, havia possibilidades de interação e diversão para todos os gostos. Danny e Bethynha se referiram ao lugar como um espaço de pura diversão, mas também de batalha, dentro de uma lógica diferente dos *trottoirs*, talvez pela possibilidade de interagirem com seus clientes.

Bethynha traz uma informação que corrobora com discussões anteriores dessa tese, que é o caso do Cine Ritz, cujo boa parte dos frequentadores após a exibição dos filmes e espetáculos se embrenhavam nos espaços do Setor de Diversões Sul (SDS) em busca de aventuras. Quando eu me refiro ao lugar com possibilidades para todos os gostos, é porque havia um trânsito frenético de travestis, gays e michês – respeitando as categorias que a pesquisa se debruçou – com disposição para diversão. Se eram pagas ou não, dependiam do acordo.

Por incontáveis vezes, Bethynha e Danny saíram de lá colocadas, ali se ganhava dinheiro e se gastava também. Larissa Pelúcio³⁶⁵ em sua pesquisa, traz referência importante sobre a ocupação de espaços como os trabalhados por esta tese. Acerca desse tema ela aponta: “Os espaços de descanso e lazer como bares, padarias, fliperamas e boates são divididos por todos sem rígidas demarcações”.

Como fiz referência à arte de costurar para pensar esse capítulo, fico imaginando as operações – enquanto intervenções a partir da presença de grupos – realizadas sobre estes lugares. A presença de travestis costurou certos espaços, unindo tecidos urbanos, como no caso do Setor Comercial Sul (SCS) e Setor Hoteleiro Sul (SHS). A figura abaixo apresenta todas as suas quadras. Ela nos ajudará a entender como se apresenta a cidade nos estudos urbanos tradicionais, sem que haja alterações enquanto “espaço praticado”.

³⁶⁵ PELÚCIO, Larissa. *Abjeção e desejo: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de AIDS*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2009, p. 61.



Figura 55 – Ortofotografia Setor Comercial Sul (SCS).
Fonte: Companhia de Planejamento do Distrito Federal - CODEPLAN

Quando observada a prática do espaço – como na adaptação de uma Ortofotografia do Setor Comercial Sul (SCS) e de parte da Via S2 (destacada por uma linha amarela) abaixo, a Via S2 já não desempenha o papel de fronteira ou limite entre o Setor Comercial Sul (SCS) e o Setor Hoteleiro Sul (SHS), algo apontado por Danny e Bethynha, que reconhecem esses dois setores como um único local, denominado Setor Comercial Sul (SCS).

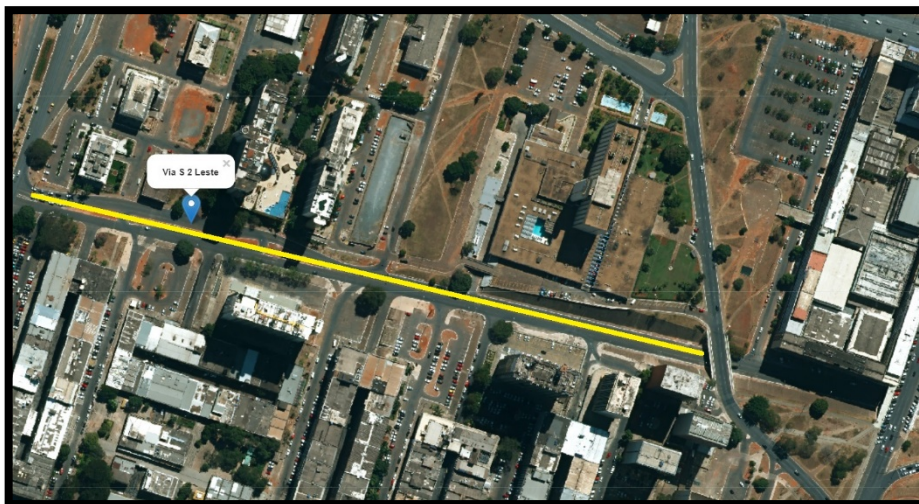


Figura 56 – Ortofotografia Via S 2 Leste.
Fonte: Companhia de Planejamento do Distrito Federal - CODEPLAN

Ainda que se trate de uma mudança informal, porque não altera o plano original da cidade, ela tem relevância porque representa a forma como essa comunidade vive esses espaços cotidianamente. Para colaborar com o entendimento sobre a planta baixa (original e a adaptada), siga a explicação a partir da seguinte imagem do local.

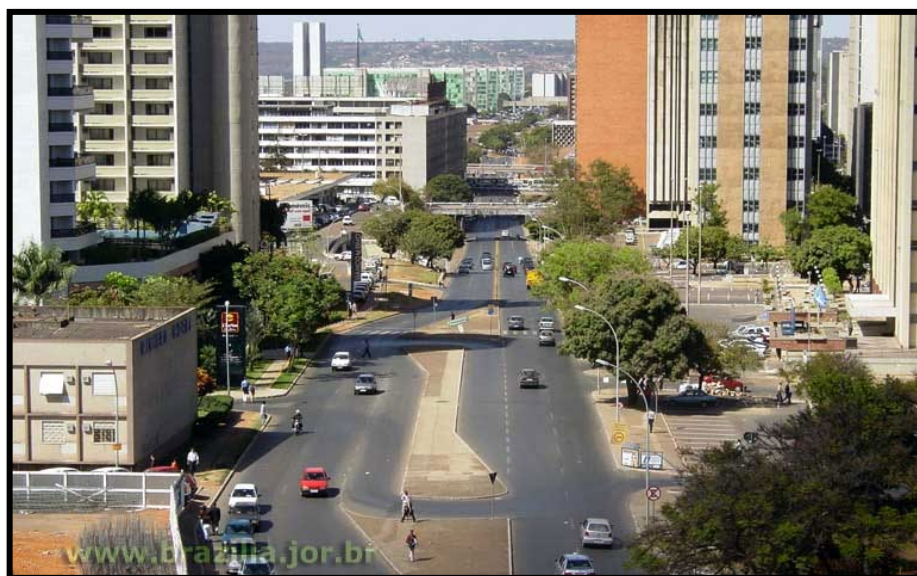


Figura 57 – Via S2³⁶⁶
Site *Brazilia*, 16 de julho de 2003.

Esta figura é uma imagem panorâmica que apresenta três pontos fundamentais no entendimento da região central do Plano Piloto. Temos à esquerda, a parte baixa do Setor Hoteleiro Sul (SHS), à direita, a parte baixa do Setor Comercial Sul (SCS), na parte central a Via S2, o CONIC ao fundo da imagem (canto superior esquerdo) e logo após, a Esplanada dos Ministérios e Congresso Nacional. Essa via tem uma relevância ao projeto urbano da capital, especialmente porque dá acesso à Praça dos Três Poderes.

Ao mudar o significado dessa região a partir das práticas do espaço, mostra a potência da presença de travestis durante a noite, que ao fazer seu *trottoir*, para além das práticas sexuais ou de sociabilidade, indicam o que é a cidade e como suas atividades alteram sua estrutura simbólica e de funcionamento. Esse detalhe é um ponto chave para se pensar nos “espaços praticados, e na própria “homotranscartografia” do Centro do Distrito Federal, porque por meio dessas informações se elucida como a ressignificação desses lugares traz um novo desenho ao mapa.

É inegável que a forma de apropriação que se dá pelo movimento – *flâneur* – foi a grande colaboradora para essa operação, embora não seja a única, porque se trata de uma cidade complexa, o que abre um confronto direto com interesses públicos e privados sobre os diversos locais. Por essa razão, ataca-se as pessoas e seus espaços de atuação, especialmente, no período da noite.

³⁶⁶ Imagem panorâmica do Setor Comercial Sul, Setor Hoteleiro Sul (SHS) e Via S2 extraída do site *Brazilia*. Disponível em: <http://doc.brazilia.jor.br/Vias/S2-via-de-servico.shtml>. Acesso em: 23/05/2023

Os estigmas criados sobre estes lugares estão presentes nas vidas e corpos dessas pessoas cotidianamente. Em uma referência obra de João do Rio, *A alma encantadora das ruas*, Robert Pechman³⁶⁷ traz as seguintes considerações:

A maldição que recaiu sobre as ruas vem, competentemente, corroendo a sua alma, seja na sua condição de fundamento da vida pública, seja na sua vertente da sociabilidade; quer na vertente da ação cidadã, quer na dimensão amorosa; seja na modernidade, seja na contemporaneidade. Tal maldição, contudo, não é fruto das artimanhas nem de bruxas, nem de feiticeiras e muito menos vem dos confins obscuros da sociedade. Ao contrário, tal elaboração imaginária nasce ali mesmo onde a sociedade contemporânea tem inventado fábricas sem trabalhadores, comunicação sem corpo, prazeres sem toque, cidades sem hospitalidade e onde o cidadãos são transformados em consumidores.

A rua maldita é fruto do mesmo imaginário que inventa condomínios fechados, ruas exclusivas, bairros isolados, casas fortificadas, cidades muradas. Apesar de estigmatizada, entretanto, a rua é ainda a única possibilidade de a cidade continuar a ser o lugar do convívio, da diferença, da hospitalidade, do acolhimento, e no limite, da vida em sociedade. Livre do preconceito, a rua é um convite à retomada da cidade, pois é justamente ali que esta atualiza seu repertório. É o que se observa em diferentes representações sobre a experiência urbana dos últimos anos, numa espécie de disputa de hegemonia entre diferentes discursos que apregoam, seja o terror, seja a possibilidade da festa, na rua.

O pensamento de Pechman, associado às vivências de Bethynha Surfistinha e Danny Wonderful, nos levanta alguns questionamentos importantes, sobre a quem interessa inviabilizar às presenças de travestis no centro do Plano Piloto e o porquê as suas vidas representarem um perigo à sociedade. Esses pontos, embora trabalhados ao longo da pesquisa, aparecem nas seguintes relações: com o Estado, em especial na segurança pública; nos interesses escamoteados de empresários que fomentam a especulação imobiliária na região do Setor Comercial Sul (SCS) e Setor Hoteleiro Sul (SHS); e por parte considerável da população, que interdita pessoas que não representam os padrões determinados, considerando-as como “desviantes”.

Quando a gente observa os desejos das entrevistadas com relação a vida em sociedade e na luta pela dignidade, algo que perpassa a toda sociedade, ou autor parece dialogar com elas, como no trecho a seguir extraído da citação anterior: “ (...) entretanto, a rua é ainda a única possibilidade de a cidade continuar a ser o lugar do convívio, da diferença, da hospitalidade, do acolhimento, e no limite, da vida em sociedade”³⁶⁸. Ao falar da rua, enquanto espaço habitado, ele abre sua narrativa às pessoas, que na verdade representam a “A alma da rua”, novamente uma referência a João do Rio.

³⁶⁷ KUSTER, Eliana; PECHMAN, Robert. *O chamado da cidade: Ensaio sobre a urbanidade*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014, p. 151-152.

³⁶⁸ Idem.

Aqui, o entendimento do conceito de “desviante” exige cuidado, para que não seja entendido a partir dos estigmas que a sociedade cisheteronormativa tenta a todo custo imputar sobre as travestis. Segundo Gilberto Velho:

O “desviante”, dentro da minha perspectiva, é um indivíduo que não está fora da cultura mas que faz uma “leitura” divergente. Ele poderá estar sozinho (um desviante secreto?) ou fazer parte de uma minoria organizada. Ele não será sempre desviante. Existem áreas de comportamento em que agirá como qualquer cidadão “normal”. Mas em outras áreas divergir, com seu comportamento, dos valores dominantes. Estes podem ser vistos como aceitos pela maioria das pessoas ou como implementados e mantidos por grupos particulares que têm condições de tornar dominantes seus pontos de vista. O fato é que não é o ocasional *gap* entre a estrutura social e a cultural, mas sim o próprio caráter desigual contraditório e político de todo o sistema sociocultural que permite entender esses comportamentos³⁶⁹.

Embora eu concorde com Gilberto Velho a cerca do conceito de “desviante”, sobretudo quando Danny e Bethynha trazem para suas narrativas questões que se alinham à sociedade, muitas vezes como estratégia ou porque acham adequado, algumas questões me parecem óbvias: a sociedade precisa da categoria “desviante” para o estabelecimento das relações de poder, bem como para a afirmação dos seus modelos, o que acreditam ser o “normal”³⁷⁰.

Porém, o intuito de “domesticar” e de “docilizar” suas presenças e encaixá-las em lugares escolhidos – estou me referindo ao tipo de visão e comportamento que pavimenta a estrutura social –, há um processo de desumanização constante e violento em curso. Nesse sentido, as travestis pertencem a uma das categorias, cujas próprias existências, não se encaixam nesse processo de dominação, o que resulta em enfrentamento às estruturas. Não podemos esquecer que no Brasil a violação de direitos humanos é algo histórico e recorrente. No que diz respeito à comunidade LGBTQIA+, os problemas se aprofundam de maneira preocupante. Sobre isso, a Associação Nacional de Travestis e Transexuais (Antra) traz os seguintes dados:

No ano de 2022, tivemos pelo menos 131 assassinatos de pessoas trans, sendo 130 travestis e mulheres transexuais, e 1 homem trans/pessoa transmasculina. Não foram encontradas informações de assassinatos de pessoas publicamente reconhecidas como sendo não binárias em nossas pesquisas desse ano.

Ressaltamos que a média dos anos considerados nesta pesquisa (2008 a 2022) foi de 121 assassinatos/ano. Observando o ano de 2022, com 131 casos encontrados, vemos que ele continua 8% acima da média de assassinatos em números absolutos. Número maior que a queda no número total de assassinatos que foi de 6% em relação a 2021.

³⁶⁹ VELHO, Gilberto. *Desvio e Divergência: uma crítica da patologia social*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979. p. 27-28.

³⁷⁰ O autor acerta ao colocar a palavra normal entre aspas para mostrar que essa visão vem da sociedade. Faço esse adendo para afastar qualquer tipo de equívoco sobre uso do termo aqui na citação. Porque o mesmo lido a alguém sem especificar o uso das aspas, altera o entendimento sobre a perspectiva que Gilberto Velho a respeito dos desviantes.

Desde o início desta pesquisa, 2017, o número de assassinatos anuais seguiu acima da média dos casos.

O ano de 2022 revelou ainda um aumento de 126% em relação a 2008, o ano que a ONG *Transgender Europe* (TGEU) inicia o monitoramento global e que apresentou o número mais baixo de casos relatados, saindo de 58 assassinatos em 2008 para 131 em 2022. De lá para cá, a cada ano, os números se mantêm acima quando observamos o dado inicial de análise.³⁷¹

As informações contidas no dossiê nos alertam para os riscos aumentados às pessoas travestis em nossa sociedade. Quando a gente analisa cuidadosamente as narrativas que compõem as entrevistas com Danny Wonderful e Bethynha Surfistinha é preciso se ater as múltiplas violências sofridas por elas no decorrer de suas vidas e o fato de estarem vivas para contarem suas histórias, tendo em vista que a média de vida, segundo a Antra, é de 35 anos³⁷², ou seja, superaram as expectativas da sua comunidade. Que força é essa que elas trazem dentro de si, mesmo experimentando todo tipo de violência?

Quando me refiro ao centro do Distrito Federal como cidade audaciosa, não se trata de um olhar sobre a cidade em si, mas de reafirmar que essa cidade enquanto espaço foi tomada, ressignificada pela audácia de pessoas como Danny e Bethynha. Contra esse *CISstema*, é uma audácia sobreviver, se reconhecer como cidadãos e não perder a gana de lutar pela felicidade. Envelhecer é uma audácia. As práticas do espaço estão inscrita em cada memória disponibilizada a esta tese. Todos os caminhos e decisões tomadas por elas colaboraram com o processo vivido por Brasília entre os anos 1970 e 1990.

Não titubearam em nenhum momento ao falar de questões delicadas, ao contrário da maioria das pessoas que dourariam a pílula para se promoverem. Elas estavam ali exatamente como eram e sabiam a importância de suas vivências para a construção daquele espaço. Confesso que não é algo fácil abrir suas histórias a um estranho, o que aumentou minha responsabilidade com cada palavra dita. Eram palavras cheias de sentimentos e de paixão, pois estavam ali como sujeitos cujas ações atravessavam cada canto da cidade e por isso viveram-na intensamente, se misturaram a ela – a cidade – e hoje ela é memória, como disse a própria Danny em sua entrevista: “(...) Você não sai do Setor Comercial Sul (SCS)”. Ao refletir sobre todas as experiências narradas aqui, me lembrei das palavras de Jorge Larrosa³⁷³:

A experiência é o que nos acontece, não o que acontece, mas sim o que nos acontece. Mesmo que tenha a ver com a ação, mesmo que às vezes aconteça na ação, não se faz a experiência, mas sim se sofre, não é intencional, não está do lado da ação e sim do lado

³⁷¹ BENEVIDES, Bruna G. (Org.). Dossiê assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2021. Brasília: Distrito Drag, ANTRA, 2023, p. 30-31.

³⁷² Idem, p. 44.

³⁷³ LARROSA, Jorge. *Tremores: escritos sobre experiência*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018, p. 68.

da paixão. Por isso a experiência é atenção, escuta, abertura, disponibilidade, sensibilidade, exposição.

Certamente eu também não sairei do Setor Comercial Sul (SCS), não aquele da minha infância e que ocupa minhas memórias mais ternas, mas esse apresentado a mim por Danny Wonderful e Bethynha Surfistinha. Realmente vocês transformaram aquele lugar em espaço e minha mente caminha por ele e o reconhece tal qual vocês me disseram. Agora crescido, aquele menino atravessa suas calçadas, se depara com as garagens, o pé de manga, encara a polícia e num tom quase que revolucionário, entra no CONIC pelos fundos, chego a sentir o calor dos inferninhos, o dia amanhece e eu nem vi a noite passar, mas o relógio do Banco de Brasília (BRB) já avisa que é hora de voltar, sigo até a rodoviária, cansado, volto pra casa. Suas palavras me trouxeram até aqui.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: HOMOTRASCARTOGRAFANDO O CENTRO DO DISTRITO FEDERAL

O conceito de “homotranscartografia” surge do desejo de compreender como a presença de gays e travestis impactou as estruturas existentes no centro do Distrito Federal nas décadas de 1970 à 1990. Muito mais do que mapear esses locais a partir de um olhar externo, era necessário buscar nas experiências dessas pessoas as múltiplas operações sobre a cidade. Toda essa percepção passa pelo entendimento de que os corpos que se lançam na urbes não são vazios de sentidos, tampouco têm seus sentidos encerrados em si, já que seus movimentos se inscrevem nos lugares entendidos como seus e os transformam em espaços.

A homotranscartografia também passa pelo meu olhar e no meu encontro com as fontes “escritas” e “orais”, onde se estabelecem diálogos complexos, porém ordenados. Manuela Link de Romero, ao tratar sobre as relações que se estabelecem na cidade e no papel do pesquisador, faz a seguinte consideração:

As experiências urbanas só podem ser corporais. Essa é mais uma pista acerca do método da cartografia: trata-se de produzir a partir de uma perspectiva de dentro da experiência, processual, necessariamente encarnada e afetiva, na qual pesquisar a subjetividade e a cidade não poderia se fazer senão por meio do corpo.

Então, o pesquisador e a produção do conhecimento acerca de seu objeto de estudo, de si e do mundo são instâncias inseparáveis. Trata-se de construir um *ethos* de pesquisa em que os afetos emergentes como efeito do encontro entre o pesquisador e o campo são fontes de conhecimento.³⁷⁴

No primeiro momento, como descrito anteriormente, me aprofundei nas leituras do *Correio Braziliense*, com destaque aqui, às edições referentes às décadas de 1970 e 1980. Além de identificar os lugares nos quais gays e travestis construía suas histórias, explorei como se alicerçavam suas representações no meio social. Tudo isso, conectado ao contexto histórico do período.

É inegável a importância dessa perspectiva apresentada pelo jornal no sentido de perceber a presença desses grupos no centro urbano da capital enquanto registros documentais. O estudo dessas fontes permitiram que pudéssemos acessar informações relacionadas às décadas de 1970 e 1980, um obstáculo temporal para esta pesquisa no que diz respeito, principalmente, às entrevistas. Antes de se pensar em uma homotranscartografia, o objetivo

³⁷⁴ ROMERO, Manuela Linck de. Cartografias de experiências urbanas: corpo, pensamento e cidade em movimento. Curitiba: Appris Editora, 2018, p. 55-56.

principal era tensionar as narrativas que construíaam uma representação negativa de gays, travestis, michês e seus espaços de sociabilidade, com as narrativas sobre si extraídas das entrevistas que arrematariam o trabalho. Nesse primeiro momento, eu tinha a convicção de que todo esse caminho metodológico traçado a princípio me possibilitaria compreender as práticas dos espaço no centro do Distrito Federal.

Ressalto que, mesmo que as experiências descritas nas entrevistas com M@na Vida, Danny Wonderful e Bethynha Surfistinha frequentemente apontem para direções distintas das trilhadas pelo *Correio Braziliense*, isso não diminui a importância dessas fontes escritas como registros históricos. Por essa razão é necessário o entendimento sobre sua relevância para aquele contexto: a primeira oferece uma visão abrangente da sociedade e de sua estrutura na relação com estes grupos, principalmente no que diz respeito às suas representações naquele período. A segunda, por sua vez, permite que essas pessoas, por meio de suas vivências, percepções sobre o mundo e sobre si controlem a narrativa de suas próprias vidas e nos proporcionem uma visão mais íntima da cidade.

A pesquisa na imprensa local revelou-se fundamental para o recorte espacial, pois incorporou elementos narrativos a cada um desses locais. Esse estágio da pesquisa nos levou a considerar a elaboração de uma cartografia do centro do Distrito Federal com base nas vivências desses grupo por meio das História Oral, indo além das informações disponíveis no *Correio Braziliense*. Sobre cartografar, Johnny Alvarez e Eduardo Passos trazem as seguintes palavras:

A pesquisa cartográfica é menos a descrição de estados de coisas do que o acompanhamento de processos. A instalação da pesquisa cartográfica sempre pressupõe a habitação de um território, o que exige um processo de aprendizado do próprio cartógrafo. Tal aprendizado não será aqui pensado como uma série de etapas de um desenvolvimento, mas como um trabalho de cultivo e refinamento. Aprendizado no duplo sentido de processo de transformação qualitativa nesse processo. Movimento em transformação. Tal aprendizado não pode ser enquadrado numa técnica e em um conjunto de procedimentos a seguir, mas deve ser construído no próprio processo de pesquisa³⁷⁵.

Ainda sobre o processo de pesquisa, vale recuperar aqui os direcionamentos de sua construção na prática. O levantamento das matérias se deu a partir das ferramentas de busca da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Os vocábulos ou expressões pesquisadas se baseavam na linguagem popular utilizada em referências a estes grupos: travesti, gay, baitola, homossexual, pederasta passivo, homossexual invertido, boneca, aids. Embora utilizados, na

³⁷⁵ ALVAREZ, Johnny; PASSOS, Eduardo. *Cartografar é habitar um território existencial*. PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (orgs.). *In: Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção da subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2015, p. 135.

maioria das ocorrências, de forma pejorativa, era preciso se apropriar dessa linguagem para a localização desses registros nas páginas do jornal, pois as representações construídas sobre essas comunidades, diziam mais sobre a sociedade do que sobre os próprios grupos.

Os resultados obtidos me chamaram a atenção em alguns aspectos: neles pude verificar grande parte dos locais nos quais a pesquisa iria se debruçar; as matérias, em sua maioria, não traziam um perfil positivo a respeito de gays e travestis, ou seja, quase sempre associadas à violência, desordem, aids ou delitos, mesmo quando não se tratavam de palavras pejorativas para as buscas; embora essa parte da pesquisa contribuísse para a identificação de locais e indivíduos, as fontes documentais escritas careciam de outro elemento que permitissem abordar de forma abrangente uma das questões centrais e fundamentais da tese: como ocorriam as apropriações e a construção de novos significados nos espaços do centro do Distrito Federal por parte de travestis e gays durante as décadas de 1970 a 1990?

A maioria das matérias apenas citavam os espaços como o lugar dos eventos narrados, como por exemplo, no caso de Cassandra e a denúncia de extorsão por parte de policiais militares na região do CONIC. O preenchimento dessas lacunas se deu a partir da utilização da imaginação histórica para a construção de uma outra narrativa diferente da utilizada pelo jornal e que privilegiasse a condição de Cassandra enquanto protagonista, algo pensado em outros momentos.

A primeira parte da tese é composta pelos três primeiros capítulos, – 1 - Cidade nervosa; 2 - Cidade escancarada: gays e travestis na cidade em movimento; e 3 - Cidade Diversão: do Conjunto Nacional ao CONIC, um curto caminho até o “buraco quente”. Apesar de ela trazer informações importantíssimas sobre os grupos estudados e a dinâmica dos locais, afirmo que apresentava limites na construção de uma homotranscartografia do Centro do Distrito Federal, porque para a minha proposta era fundamental a presença dessas pessoas.

Entendendo a cartografia como um meio de expressar as múltiplas visões de mundo e de espaço, o que daria conta do resultado obtido pela pesquisa. Porém, em meu ponto de vista enquanto historiador, para suprir as expectativas em relação à compreensão das “práticas dos espaços” sobre essa remodelação da cidade por estes grupos, seria necessário avançar em alguns aspectos, para além dos resultados alcançados a seguir: um mapeamento da presença de gays e travestis a partir de uma visão exterior – enquanto verdade – e como se dava a concepção desses lugares a partir dessas presenças.

O diálogo com essas fontes contou com diversos aportes teóricos, porém, destaco os que considero basilares: “práticas do espaço ou espaços praticados” (Michel de Certeau); “territorialidades itinerantes” (Néstor Perlongher) e “estigma e comportamento desviante”

(Gilberto Velho). Essas teorias além de contribuírem com a leitura e análise dos documentos, me fizeram refletir sobre a ausência dessas pessoas falando de si de forma mais contundente do que o que se via no jornal, algo relevante para o entendimento da construção do espaço. De alguma forma elas aguçaram meu olhar e inquietações sobre as dinâmicas de ocupação, a percepção em relação aos sujeitos e novos sentidos dados à cidade.

Na construção dessa tese, especialmente, pensando numa abordagem cartográfica, por uma escolha metodológica, na primeira parte me ative de forma mais incisiva sobre as narrativas presentes nas fontes documentais, principalmente, para o entendimento dessa presença e ocupação. Este trabalho com registros fragmentados, ou seja, matérias jornalísticas em vários contextos, ainda que permitisse a construção de conexões entre os diversos lugares citados, necessitava de algumas nuances dessas ocupações territoriais, e por essa razão, essa primeira parte não se preocupou na exploração dos mapas, algo superado na segunda parte da pesquisa.

A História Oral foi o meio encontrado para se propor uma mudança no entendimento dessas categorias, permitindo uma narrativa de dentro para fora, sobretudo para a percepção das mudanças sofridas pela cidade e pelos próprios grupos. Assim, trazer entrevistas para a composição dos dois últimos capítulos tornaria esse caminho metodológico bastante satisfatório, porque contribuiria com a ideia que se esperava para esta tese, principalmente por conta da visão de gays e travestis, que, ao falarem de si e da forma como suas comunidades ocuparam e compreenderam esses espaços de forma tão particular, revelariam essas formas da cidade, muitas vezes ocultas pelos padrões ditos como normais, a exemplo das fontes escritas pesquisadas.

Diferente da primeira parte, o teor das entrevistas viabilizou fazer uma espécie de jogo entre narrativas, caminhos trilhados, espaços ocupados e localização geográfica. Nessa fase da pesquisa os mapas contribuíram no entendimento dessa ocupação, como se mostrassem o caminhar de M@na Vida, Danny Wonderfull e Bethynha Surfistinha. Ressalto aqui que os tipos de mapas utilizados – ortofoto – além das localizações dos espaços na cidade, traziam uma espécie de impressão visual do lugar, algo facilitador na identificação dos lugares e na dimensão espacial das trajetórias.

Em cada um dos relatos notou-se que a visão de quem estava dentro desses espaços invertia a lógica “tradicional” das dinâmicas estabelecidas para se entender a cidade, ou seja, a visão alcançada por quem estava de fora e distante do contexto. As entrevistas serviram como uma lente de aproximação potente – que eu denomino homotranscartografia – que nos levou para dentro desses veios urbanos. Essa proximidade nos trouxe novas concepções desses

espaços, em que travestis e gays impunham limites, deslocavam fronteiras, estabeleciam regras de convivência e determinavam quem participaria ou não da sociabilidade.

Essa forma de organização permitiu que se construísse um tensionamento, entre a primeira parte da tese – que trazia basicamente o senso comum – e as narrativas construídas pelas travestis e gays na segunda parte, que de forma bem contundente em seus depoimentos, apresentaram o centro do Distrito Federal com novos contornos e dinâmicas de funcionamento. Esse tensionamento era algo esperado desde o princípio, porém a questão determinante para se pensar a homotranscartografia foi o novo desenho de cidade revelado por meio das vivências das pessoas entrevistadas.

A segunda parte, composta pelos capítulos “Cidade desviada, cidade transviada” e “Cidade ousadia: travestilizando o centro do Distrito Federal”, são compostos por três entrevistas com pessoas que viveram suas histórias no centro de Brasília: M@na Vida (homossexual afeminado), Danny Wonderful (travesti baiana) e Bethynha Surfistinha (travesti paraense). As vivências apresentadas por elas se misturavam à cidade na medida em que se apropriavam e ressignificavam os espaços. A combinação das histórias, imagens e mapas fizeram emergir outra concepção da cidade, mais viva e mais potente, quando comparadas à visão tradicional comumente apresentada.

Esses tensionamentos e novos posicionamentos sobre o centro de Brasília revelavam práticas do espaço que não se limitavam a uma mera ressignificação de alguns pontos específicos – sem desconsiderar suas importâncias –, com destaque aos microespaços: os banquinhos do Parque da Cidade, denominados “sofás da Hebe”, ou no castelinho, conhecido no meio LGBTQIA+ como Castelo de *Grayskull*.

As transformações avançavam a estrutura organizacional de Brasília, como por exemplo, no reconhecimento do Setor Comercial Sul (SCS) e do Hoteleiro Sul, como um único espaço pelas travestis: Setor Comercial Sul (SCS). Quando a gente observa cuidadosamente as palavras de Danny Wonderful isso fica muito claro: “A prática da vida no Setor Comercial Sul (SCS) era dentro do carro, na rua, nas garagens, em hotel”. A palavra hotel em sua narrativa não indica o Setor Hoteleiro Sul (SHS). Essa junção dos setores se dá, provavelmente, pela proximidade de ambos, separados por uma única via, a S2.



Figura 58 – Ortofotografia Via S 2 Leste.

Fonte: Companhia de Planejamento do Distrito Federal - CODEPLAN

O mapa indica exatamente essa divisão tradicionalmente concebida: acima da linha amarela (Via S2) temos o Setor Hoteleiro Sul (SHS), abaixo da linha, o Setor Comercial Sul (SCS). O significado da cidade é o sentido que se dá a ela, por isso a importância das entrevistas, porque a gente capta um sentido que vem de dentro, diferente dos sentidos do jornal. Quando me refiro ao limite das fontes pesquisadas na primeira parte, não se trata de uma crítica que estabelece um valor menor a elas, pois são importantíssimas. Trata-se de uma questão metodológica para aquilo que a tese deseja alcançar, que é o pulsar da cidade de dentro para fora, o que dá sentido à homotranscartografia.

Essa questão é extremamente cara à pesquisa, o que demonstra que esse resultado obtido através da apresentação do Setor Comercial Sul (SCS) por Danny e Bethynha, nos mostra que possivelmente esse entendimento não partiria de grande parte dos grupos que ocupam as ruas daquela região. Aqui vale ressaltar o quanto é interessante falar em “rua” numa cidade projetada para que ela não existisse. Pensando especificamente nos grupos das pessoas entrevistadas é possível afirmar que mesmo sem contar com essa informação, suas experiências construíram as ruas e esquinas em um constante desafio ao sistema, como nos mostra James Holston :

A descoberta de que Brasília é uma cidade sem esquinas leva a uma profunda desorientação. No mínimo, a percepção de que aquela utopia carece de intersecções várias significa que tanto pedestres quanto automobilistas precisam reaprender os códigos da locomoção urbana. Em sentido mais amplo, o fato pode sinalizar que “o homem multiplicado pelo motor” – para lembrar uma das pedras angulares do futurismo – por fim passou da utopia para a realidade. (...) Em Brasília, onde o balão ou o trevo substituem a esquina – não havendo, portanto, cruzamentos que distribuem os direitos de passagem entre o pedestre e o carro –, é nitidamente maior. O balanço de forças que daí resulta tende simplesmente a eliminar o pedestre: quem pode, usa o automóvel.

A ausência do rito de passagem das esquinas só vem indicar aqui um dos traços mais distintivos e radicais da modernidade de Brasília: ausência das ruas.³⁷⁶

Ainda sobre a Via S2, considero uma das respostas mais importantes da tese, porque na medida que Danny que Wonderful mostrava o que era o Setor Comercial Sul (SCS) em sua concepção, depois confirmado por Bethynha Surfistinha, pude entender as dimensões das “práticas dos espaços” – no plural –, só que na estrutura da cidade. É como se pedíssemos a elas que identificassem o lugar representado no mapa acima, a resposta certamente seria: “trata-se do Setor Comercial Sul (SCS)”.

Outra questão que ficou evidente nas formas de se apropriar a cidade, é que elas não se davam de forma homogênea quando pensamos categorias como gays, michês e travestis. Em termos de circulação, ocupação e participação, gays e michês tinham suas presenças facilitadas em praticamente todos os espaços delimitados por este trabalho. É como se pudessem ir e vir a qualquer momento, o que demonstra privilégios quando comparados às travestis.

Já as travestis, além de ocuparem lugares específicos, com destaque ao Setor Comercial Sul (SCS) – respeitando a visão que elas tinham da região –, onde eram obrigadas a desembolsar dinheiro às suas cafetinas para obterem o direito em determinados lugares da rua, restavam-lhes os inferninhos da capital para diversão ou garantia da sobrevivência.

Normalmente se romantiza suas presenças durante o *trottoir* como se fosse algo festivo e de “vida fácil” – como se costumam dizer por aí –, algo muito distante das vivências de Danny Wonderful e Bethynha Surfistinha. Uma questão evidente é que as vivências travestis estavam relacionadas, na maioria das vezes, ao trabalho, o que restringia sua apropriação de outros espaços. Geralmente suas presenças eram mais orgânicas nos espaços de batalha, a exemplo do Setor Comercial Sul (SCS) e em lugares que podemos caracterizar como híbridos – trabalho e diversão –, neste caso podemos destacar os inferninhos do CONIC. Os próprios homossexuais tinham ciência dos limites de atuação dos grupos, como nos lembra M@na Vida: “Eu quase não ficava dentro das garagens porque eram tomadas realmente por travestis”.

As entrevistas nos mostraram que cada grupo possuía suas particularidades na forma de tomar os espaços do centro do Distrito Federal como seus. Ainda que pareça desproporcional, quando pensamos nos lugares ocupados, é necessário atentar-se à heterogeneidade de como se opera essas ocupações, algo que se torna cristalino na medida em que se observa como se deram

³⁷⁶ HOLSTON, James. Cidade Modernista: uma crítica de Brasília e sua utopia. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 109.

as práticas do espaços. A tabela a seguir nos traz uma dimensão dessa ocupação espacial – visão geral – da área central de Brasília.

LOCALIDADE	ENTREVISTAS		
	GAY	TRAVESTI	
Cruzeiro	M@na		
Setor Militar Urbano (SMU)	M@na		
Parque da Cidade	M@na		
Setor Comercial Sul (SCS)	M@na	Danny	Bethynha
Setor Hoteleiro Sul (SHS)		Danny	Bethynha
Setor de Diversões Sul (SDS)	M@na	Danny	Bethynha
Setor de Diversões Norte (SDN)	M@na		
Rodoviária do Plano Piloto	M@na	Danny	Bethynha
Esplanada dos Ministérios	M@na		

Tabela 1 – Visão geral da ocupação da área central de Brasília por gays e travestis.

A desproporcionalidade citada anteriormente tem a ver com a quantidade de espaços, como se fosse um olhar superficial sobre um mapa cujo o interesse seria apenas informar quem ocupa as regiões específicas. Essas informações são importantes por registrarem o recorte espacial da tese, já com suas modificações, principalmente a partir dos relatos de M@na Vida em que apresenta a região do Cruzeiro e da Esplanada dos Ministérios, inseridas posteriormente no decorrer da teses.

Com relação ao Cruzeiro e suas proximidades, ele nos apresenta uma espécie tríade praticamente sem fronteiras: Cruzeiro Center, ARUC e Setor Militar Urbano (SMU). Estes lugares se conectam por meio das vivências estabelecidas ali, salvo suas particularidades, tendo em vista que compartimenta diversão e trabalho sexual, com ênfase à presença de gays e michês. A intensidade da ocupação nessa região é tão intensa que parece tratar-se de um mesmo lugar. Isso colabora com a ideia de que rua são as pessoas.

LOCALIDADE
Cruzeiro
Setor Militar Urbano (SMU)
Parque da Cidade
Setor Comercial Sul (SCS)
Setor Hoteleiro Sul (SHS)
Setor de Diversões Sul (SDS)
Setor de Diversões Norte (SDN)
Rodoviária do Plano Piloto
Esplanada dos Ministérios

Tabela 2 – Regiões inseridas a partir dos relatos de M@na Vida (Cruzeiro e Esplanada dos Ministérios).

M@na Vida nos trouxe uma cidade apropriada pelas vivências de gays, literalmente, em movimento. Como se fosse uma avalanche partindo do Cruzeiro Center até a rodoviária. Tudo se transformava naquele movimento, que não era só seu, pois seus passos eram iguais aos de muitas pessoas. Isso nos revela que as práticas homossexuais em relação a cidade são mais comuns, não que seja mais aceitas, mas que apresentam uma fluidez maior quando comparadas a outros grupos. A presença dos militares em sua entrevista tem importância no que diz respeito ao contexto histórico no qual se debruça a pesquisa (década de 1970 à 1990) que atravessa parte do período da ditadura civil militar no Brasil (1964-1985).

Em relação aos espaços compartilhados – Setor Comercial Sul (SCS), Setor de Diversões (SDS) e seus inferninhos, prevalecia uma espécie respeito aos limites, quando combinados à diversão e trabalho sexuais.

LOCALIDADE	ENTREVISTAS		
	GAY	TRAVESTI	
Cruzeiro			
Setor Militar Urbano (SMU)			
Parque da Cidade			
Setor Comercial Sul (SCS)	M@na	Danny	Bethynha
Setor Hoteleiro Sul (SHS)			
Setor de Diversões Sul (SDS)	M@na	Danny	Bethynha
Setor de Diversões Norte (SDN)			
Rodoviária do Plano Piloto	M@na	Danny	Bethynha
Esplanada dos Ministérios			

Tabela 3 – Espaços compartilhados entre gays e travestis.

Embora M@na Vida tivesse um bom trânsito, ele entendia como funcionava a dinâmica de ocupação estabelecida pelas travestis e por isso aproveitava com intensidade o que essa região oferecia. Vale lembrar aqui facilidade do acesso, o que contava ao seu favor e à forma como tomava a cidade cotidianamente. No que se refere à Rodoviária do Plano Piloto, mesmo fazendo parte dos espaços compartilhados, as vivências ali eram menos rígidas entre esses dois grupos, mas que precisavam de atenção na atuação dos michês da feira do Cu, algo levantado do Danny Wonderful em sua entrevista.

Danny Wonderful e Bethynha Surfistinha desafiaram as estatísticas e permaneceram vivas, cada uma a sua maneira. Como a vida também é encontro, ambas pertencentes a outras regiões do país, quis a existência que se tornassem amigas e atravessassem juntas as intermináveis noites no centro de Plano Piloto. Ao contrário de M@na Vida, passaram mais de 20 anos no Setor Comercial Sul (SCS). Seus relatos nos mostram que quando chegaram lá essa

estrutura apresentada por elas nas entrevistas, já existia, o que nos permite pensar a memória de quem veio antes delas.

Outro ponto importante trazido por elas é a força de uma apropriação espacial que se dá a partir de uma rotina – algumas com maior ou menor intensidade –, algo aplicado aos outros espaços, como a Floresta dos Susurros. É importante lembrar que homossexuais ocupam espaços na capital usufruindo do direito de ir e vir, já as travestis, se quiserem ocupar certos espaços para atuação e outras vivências têm que pagar, por isso que na maioria das vezes elas demonstram um comportamento mais assertivo em defesa de seus territórios de atuação.

LOCALIDADE	ENTREVISTAS	
	GAY	TRAVESTI
Cruzeiro		
Setor Militar Urbano (SMU)		
Parque da Cidade		
Setor Comercial Sul (SCS)		Danny Bethynha
Setor Hoteleiro Sul (SHS)		Danny Bethynha
Setor de Diversões Sul (SDS)		Danny Bethynha
Setor de Diversões Norte (SDN)		
Rodoviária do Plano Piloto		Danny Bethynha
Esplanada dos Ministérios		

Tabela 4 – Espaços de vivências de travestis a partir dos relatos de Danny Wonderful e Betinha Surfistinha.

Os espaços em que atuaram Danny Wonderful e Bethynha Surfistinha faziam parte de suas experiências cotidianas desde que chegaram à capital do Brasil. Com exceção da Rodoviária, todos os outros – Setor Comercial Sul (SCS), Setor Hoteleiro Sul (SHS) e Setor de Diversões Sul (SDS) ou CONIC, traziam a forte marca da presença das travestis ao longo da história, ou seja, marca construídas anteriormente às suas presenças, algo apontado nos documentos pesquisados e em suas narrativas, principalmente quando recuperam a presença de suas cafetinas.

Ao observar esses espaços duramente construídos, no caso específico desta tese, por gays e travestis, observamos que suas histórias se inscreveram nas histórias do Plano Piloto. Assim, ao pensar nessa tese enquanto uma homotranscartografia do centro da capital do Brasil, compreendo que sua construção só se tornou possível por entender a condição de protagonistas na construção desses espaços. Por isso a afirmação de que era necessário uma releitura das fontes por meio de suas narrativas, cujo meu entendimento desde o início era de que seria primordial palavras que contraditassem o que era defendido pelo senso comum.

M@na Vida, Danny Wonderful e Bethynha Surfistinha abriram suas vidas para que este trabalho acontecesse e para que outras histórias fossem contadas. Essas pessoas nos entregaram

o que havia de mais precioso em suas existências, que era a sede de sobreviver. Resistiram ao abandono, tiros, facadas, humilhações e silenciamentos, e mesmo assim nos mostraram que é possível enfrentar, buscar a felicidade sem perder a capacidade do afeto. Por fim, homotranscartografar a cidade foi uma ferramenta importante que permitiu ouvir suas vozes, conhecer suas vidas, desvendar a cidade e perceber que existe esperança no centro da capital do Brasil.

Homotranscartografia; Rotas que se encontram e se cruzam.

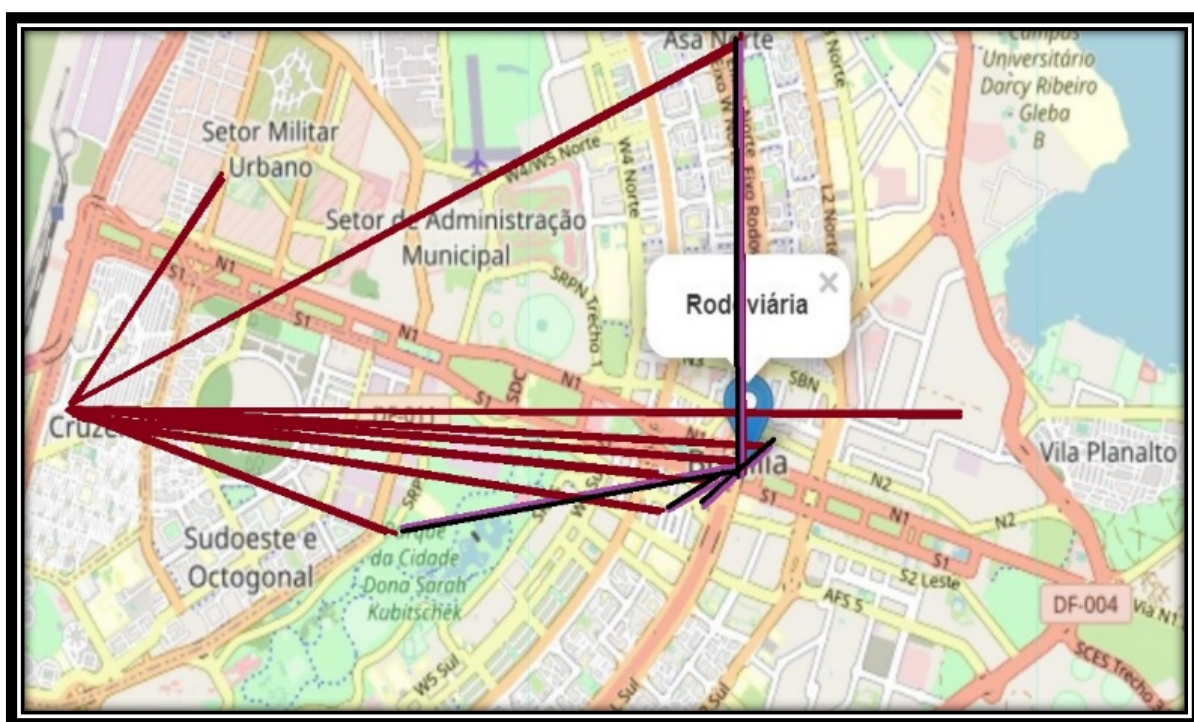


Figura 59 – Homotranscartografia; Rotas que se encontram e se cruzam (adaptação)
Fonte: Companhia de Planejamento do Distrito Federal - CODEPLAN



Caminhos trilhados por Danny Wonderful e Bethynha Surfistinha



Caminhos trilhados por M@na Vida

FONTES

Entrevistas

Entrevista concedida por WONDERFUL, Danny. Entrevista IV. [09-2022]. Entrevistador: Alexandre Magno Maciel Costa e Brito. Brasília, 2022. Arquivo MP3 (57m54s).

Entrevista concedida por VIDA, M@na. Entrevista I. [09-2022]. Entrevistador: Alexandre Magno Maciel Costa e Brito. Brasília, 2022. Arquivo MP3 (1h18m43s).

Entrevista concedida por SURFISTINHA, Bethynha. Entrevista III. [09-2022]. Entrevistador: Alexandre Magno Maciel Costa e Brito. Brasília, 2022. Arquivo MP3 (1h44m03s).

Entrevista concedida por CRISTYAN, Ágatha. Entrevista I. [02-2022]. Entrevistador: Alexandre Magno Maciel Costa e Brito. Brasília, 2022. Arquivo MP3 (18m28s).

Jornais

Correio Braziliense (DF) - 1970 a 2000. (Fundação Biblioteca Nacional - Hemeroteca Digital Brasileira)

Jornal de Brasília – 2015

Lampião da Esquina – 1978-1981.

Metrópoles – 2018.

Repórter – 1981. (Arquivo Nacional)

Dossiês

Arquivo Nacional – Ministério da Justiça e Cidadania - Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos. Dossiê.
BR DFANBSB AT0.0.0.38 - .

Arquivo Nacional – Coordenação de Documentos Escritos, Documentos do Executivo e do Legislativo, fundo Divisão de Segurança e Informações do Ministério da Justiça.
BR RJANRIO TT.0.MCP, AVU.528._

Arquivo Nacional – Coordenação de Documentos Escritos, Documentos do Executivo e do Legislativo, fundo Divisão de Segurança e Informações do Ministério da Justiça. Jornal “Repórter”. BR RJANRIO TT.0.MCP, AVU.528

Arquivo Nacional – Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos.
BR DFANBSB AT0.

Músicas

CAZUZA. Todo amor que houver nessa vida. Universal Music Ltda: 1988. Spotfy.

CAZUZA. O tempo não para. Universal Music Ltda: 1988. Spotfy.

PANDEIRO, Jackson do; VALE, João do. Rojão de Brasília. Universal Music Ltda: 2016. Spotfy.

RUSSO, Renato. Faroeste Caboclo. EMI Brazil: 1987. Spotfy.

Imagens

Acervo FBT

Administração Regional do Cruzeiro, 2023

Agência Brasília

Arquivo Nacional

Companhia de Planejamento do Distrito Federal – CODEPLAN

Correio Braziliense

Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2020.

Google,

Olhar Imagem

Revista Veja

Site Brazilia

TV Globo (Divulgação)

Vitrine Filmes

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Ângela; PORRO, Alessandro. *Cazuza: Uma vítima da AIDS agoniza em praça pública*. Revista Veja, Edição 1.077, 26 de abril de 1989.

AGIER, Michel. *Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2011.

ALBUQUERQUE, Marlon de. *O gosto do sexo sem rosto*. Brasília: Thesaurus, 2013.

ALONSO, Nilton Tadeu de Queiroz. *Do Arouche aos Jardins: uma gíria da diversidade sexual*. (Dissertação) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Língua Portuguesa, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, p. 99, 2005. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/14308/1/NiltonAlonso.pdf>. Acesso em maio de 2023.

ALVAREZ, Johnny; PASSOS, Eduardo. *Cartografar é habitar um território existencial*. PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (orgs.). In: *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção da subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2015.

ARANTES, Antônio Augusto. *A guerra de lugares in Paisagens paulistanas: transformações do espaço público*. Campinas: Ed. UNICAMP, 2000.

ARAUJO, Gabriela Costa. *Bajubá: memórias e diálogos das travestis*. Jundiaí – SP: Paco Editorial, 2019.

ARAÚJO, Gabriela Costa. *Bajubá: memórias e diálogos das travestis*. Jundiaí – SP: Paco Editorial, 2019.

ARNEY, Lance; FERNANDES, Marisa; GREEN, James Naylor. *Homossexualidade no Brasil: uma bibliografia anotada*. Cad. AEL, v. 10, n. 18/19, 2003.

ASSIS, Wagner de. *Agildo Ribeiro: o capitão do riso*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2007.

AUN, Eduarda. *O AVESSO DE BRASÍLIA AO AVESSO: manual colaborativo de ocupação do CONIC*; 2015; Trabalho de Conclusão de Curso; (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade de Brasília; Orientador: Liza Maria Souza de Andrade. Disponível em: https://issuu.com/eduardaaun/docs/caderno_o_avesso_do_avesso_eduarda. Acesso em julho em 2021.

BARCELLOS, Valeria. *Você me conhece porque tem medo ou tem medo porque me conhece?* São Paulo, SP: Monocó Literatura LGBTQ+, 2020.

BENEDETTI, Marcos Renato. *Toda feita: o corpo e o gênero das travestis*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

BENEVIDES, Bruna G.; NOGUEIRA, Sayonara Naider Bonfim (Orgs.). *Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2020*. São Paulo: Expressão Popular, ANTRA, IBTE, 2021. Disponível em:

<https://antrabrazil.files.wordpress.com/2021/01/dossie-trans-2021-29jan2021.pdf>. Acesso em julho de 2021.

BENEVIDES, Bruna G. (Org.). *Dossiê assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2021*. Brasília: Distrito Drag, ANTRA, 2023.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e história da cultura*. São Paulo: Braziliense, 2012, p. 214.

BENTO, Berenice. *A (re)invenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

BILGE, Sirma; COLLINS, Patricia Hill. Interseccionalidade. São Paulo : Boitempo, 2020, p. 35.

_____. *Desfazendo gênero: subjetividade, cidadania, transfeminismo*. Natal, RN: EDUFRN, 2015.

_____. *Homem não tece a dor: queixas e perplexidades masculinas*. Natal, RN: EDUFRN, 2012.

_____. *Transviad@s: gênero, sexualidade e direitos humanos*. Salvador: EDUFBA, 2017.

_____; FÉLIX-SILVA, Antônio Vladimir (Orgs.). *Desfazendo gênero: educação da diferença, masculinidades, feminismos e literatura*. Natal, RN: EDUFRN, 2015.

BORBA, Rodrigo. *O (Des)Aprendizado de Si: transexualidade, interação e cuidado em saúde*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2016.

BORRILLO, Daniel. *Homofobia: História e crítica de um preconceito*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina: A condição feminina e a violência simbólica*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2014.

BUTLER, Judith. *Gênero, trajetórias e perspectivas*. In: *Cadernos Pagu*. Trajetórias do gênero, masculinidades. Nº 11. Campinas: Pagu, 1998.

_____. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CÂMARA, Cristina. *Cidadania e orientação sexual: a trajetória do grupo Triângulo Rosa*. Rio de Janeiro: Academia Avançada, 2002.

CAMPOS, Catia Antonia da Silva Andreino (Org.). *Metrópoles e invisibilidades: da política às lutas de sentidos da apropriação urbana*. Rio de Janeiro: Lamparina, FAPERJ, 2015.

CANABARRO, R. P.; MEYRER, M. R. *Travesti: textos-vestígios na construção de uma identidade - Jornal Lampião da Esquina (1978-1981)*. Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 12, n. 29, p. e0106, 2020. DOI: 10.5965/2175180312292020e0106.

CARVALHO, Mario; CARRARA, Sérgio. *Em direito a um futuro trans?: contribuição para a história do movimento de travestis e transexuais no Brasil*. Sexualidad, Salud y Sociedad (Rio de Janeiro), p. 319-351, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1984-64872013000200015>. Acesso em agosto de 2023.

- CERTEAU, Michel de . *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense, 2011.
- _____. *A cultura no plural*. Campinas, SP: Papirus, 2012.
- _____. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- _____. *A invenção do cotidiano: Artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- _____; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. *A invenção do cotidiano: 2. Morar, cozinhar*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- CHAGAS, Nathália Novais. *Libertinagem projetada: livro-reportagem sobre a história das salas de cinema pornôs do DF*. 2013. 35 f. Monografia (Livro) (Bacharelado em Comunicação Social) – Universidade de Brasília - UnB, Brasília, 2013. Disponível em: <https://bdm.unb.br/handle/10483/6472?mode=full>. Acesso em agosto de 2023.
- COLLING, Leandro. *Que os outros sejam o normal: tensões entre movimento LGBT e ativismo queer*. Salvador: EDUFBA, 2015.
- CONNELL, Raewyn PEARSE, Rebecca. *Gênero: uma perspectiva global*. São Paulo: nVersos, 2015.
- CONNELL, Raewyn. *Gênero: em termos reais*. São Paulo: nVersos, 2016.
- COSTA, Patrícia Rosalba Salvador Moura. *Aracaju dos anos 90: crimes sexuais, homossexualidade, homofobia e justiça*. Aracaju: Editora Diário Oficial do Estado de Sergipe – Edise, 2016.
- CRENSHAW, Kimberlé. (2002). *Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero*. Revista Estudos Feministas, Ano 10, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2002000100011>. Acesso em maio de 2023.
- DÍAZ-BENÍTEZ, María Elvira; FÍGARI, Carlos (Orgs.). *Prazeres dissidentes*. Garamond Universitária, 2009.
- ELIAS, Nobert; SCOTSON, John L.. *Os Estabelecidos e os Outsiders*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- FACCHINI, Regina. *Sopa de Letrinhas? O movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos de 1990*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.
- FALEIROS, V. P. *O fetiche da mercadoria na exploração sexual*. In: Libório, R. M. C.; Sousa, S. M. G. *A exploração sexual de crianças e adolescentes no Brasil: reflexões teóricas, relatos de pesquisa e intervenções psicossociais*. São Paulo: Casa do Psicólogo; Goiânia, GO: Universidade Católica de Goiás, 2004.
- FARGE, Arllete. *Lugares para a história*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.
- FARIAS, F. R. *Atividades secretas em noites sombrias: memórias do universo dos garotos de programa*. R. Inter. Interdisc. INTERthesis, Florianópolis, v.10, n.1, p. 344-368, Jan./Jul. 2013.. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/view/1807-1384.2013v10n1p344>. Acesso em julho de 2023.

- FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.). *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.
- FIGARI, Carlos. *@s outr@s cariocas: interpelações, experiências e identidades homoeróticas no Rio de Janeiro – Séculos XVII ao XX*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2007.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I – A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 2012.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. São Paulo: Graal, 2012.
- FRY, Peter. *Para inglês ver: identidade e política na cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.
- _____; MACRAE, Edward. *O que é homossexualidade*. São Paulo: Brasiliense; Abril Cultural, 1985.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2014.
- GALEANO, Eduardo. *As palavras andantes*. Porto Alegre: L&PM, 2007.
- GOFFMAN, Erving. *Estigma – Notas sobre a manipulação da Identidade Deteriorada*. Tradução: Mathias Lambert. Versão Digital. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4216053/mod_resource/content/0/AULA%2012_Goffman%20-%20Estigma.pdf. Acesso em julho de 2023.
- GREEN, James Naylor. *Mais amor e mais tesão: A construção de um movimento de gays, lésbicas e travestis. Cadernos Pagu*. Revista semestral do Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu. Campinas, n. 15, 2000.
- _____. POLITO, Ronald. *Frescos Trópicos: fontes sobre a homossexualidade masculina no Brasil (1870-1980)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.
- _____. *Além do Carnaval: A homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- _____; TRINDADE, Ronaldo (Orgs.). *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo: Editora UNESP, 2005.
- _____. *Apesar de você oposição à ditadura brasileira nos Estados Unidos, 1964-1985*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- Guimarães João. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2001.
- GUIMARÃES, Dora Carmen. *O homossexual visto por entendidos*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.
- HOLSTON, James. *Cidade Modernista: uma crítica de Brasília e sua utopia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- JAMBEIRO, Othon. *A TV no Brasil do século XX*. Salvador: EDUFBA, 2001.

- JATOBÁ, Sérgio Ulisses. *As quatro escalas do Plano Piloto no planejamento urbano de Brasília*. CODEPLAN, Brasília em Debate, Brasília, nº 11, agosto, 2015. <http://www.CODEPLAN.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/03/Bras%C3%ADlia-em-Debate-11.pdf>. Acesso em julho de 2021.
- MAIOR JÚNIOR, Paulo Roberto Souto. *A invenção do sair do armário: a confissão das homossexualidades no Brasil (1979-2000)*. 2019. 306 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.
- KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto: PUC-Rio, 2012.
- KULICK, Don. *Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008.
- KUSTER, Eliana, PECHMAN, Robert. *O chamado da cidade: Ensaio sobre a urbanidade*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.
- LANCE, Daniel. *Além do desejo: literatura, sexualidades e ética*. São Paulo: É Realizações, 2015.
- LARROSA, Jorge. *Tremores: escritos sobre experiência*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2013.
- LEFEBVRE, Henry. *O direito à cidade*. São Paulo: Moraes, 1991.
- LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: ensaios sobre a sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica Editora; Argos, 2018, p. 80-81.
- MACDOWELL, Pedro de Lemos. *O espaço degenerado : ensaio sobre o lugar travesti na cidade modernista*. Orientadora: Rita Laura Segato. 2011. 99 f. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília (UnB), Brasília, 2011. Disponível em <https://repositorio.unb.br/handle/10482/9499>. Acesso em junho 2021 e fevereiro de 2022.
- MACRAE, Edward. *A construção da Igualdade: política e identidade homossexual no Brasil da “abertura”*. Salvador: EDUFBA, 2018.
- MARILAC, Luísa; QUEIROZ, Nana. *Eu, travesti: Memórias de Luísa Marilac*. Rio de Janeiro: Record, 2019.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Prostituição à brasileira*. São Paulo, Contexto, 2015.
- MORANDO, Luiz. *Enverga, mas não quebra: Cintura Fina em Belo Horizonte*. Uberlândia (MG): O sexo da Palavra, 2020.
- NASCIMENTO, Letícia. *Transfeminismo*. São Paulo: Sueli Carneiro; Jandaíra, 2021.
- NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. Projeto História, São Paulo: EDUC, 1993.
- ODARA, Thiffany. *Pedagogia da Desobediência: travestilizando a educação*. Salvador-BA: Editora Devires, 2020.

- OKITA, Hiro. *Homossexualidade: da opressão à libertação*. São Paulo: Sundermann, 2015.
- OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. *Nem ao centro nem à margem: corpos que escapam às normas de raça e de gênero*. Salvador - BA: Editora Devires, 2020, p. 77.
- _____. *Seguindo os passos “delicados” de gays afeminados, viados e bichas pretas no Brasil*. In: CAETANO, Marcio; JUNIOR, Paulo Melgaço da Silva (Org.). *De guri a cabra-macho: masculinidades no Brasil*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2018, pp. 127-145.
- PARKER, Richard. *Abaixo do Equador: culturas do desejo, homossexualidade masculina e comunidade gay no Brasil*. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana (Orgs.). *Pista do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre (RS): Sulina, 2015, 56-57.
- PELÚCIO, Larissa. *Abjeção e desejo: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de aids*. São Paulo: Annablume; FAPESP, 2009.
- PERLONGHER, Néstor Osvaldo. *O negócio do michê*. São Paulo: Editora Braziliense, 1987, p. 171.
- _____. *Antropologia das sociedades complexas: identidade e territorialidade, ou como estava vestida Margaret Mead*. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 8, n. 22, 1993, p. 89-97.
- _____. *O Negócio do Michê: a prostituição viril em São Paulo*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2008.
- _____. *O que é AIDS*. São Paulo: Editora Braziliense, 1981.
- _____. *Territórios Marginais*. In: MAGALHÃES, Maria Cristina Rios (Org.). *Na sombra da cidade*. 1. ed. São Paulo: Editora Escuta, 1995.
- _____. *Trottoir: A Territorialidade itinerante. Desvios*. São Paulo: Paz e Terra, 1986.
- POLLAK, Michel. *Memória, esquecimento e silêncio*. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989.
- _____. *Os homossexuais e a AIDS: sociologia de uma epidemia*. São Paulo: Estação Liberdade, 1990.
- PONTES, Diego. *Percursos sobre o corpo e a cidade*. Cadernos NAUI Vol. 4, n. 6, jan-jun 2015, p. 66. Disponível em: <https://nauui.paginas.ufsc.br/files/2016/03/Percursos-sobre-o-corpo-e-a-cidade.pdf>. Acesso em maio de 2022.
- POSSO, Karl. *Artimanhas da sedução: homossexualidade e exílio*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
- PRADO, Marco Aurélio Máximo, MACHADO, Frederico Viana. *Preconceito contra homossexualidades: a hierarquia da invisibilidade*. São Paulo: Cortez, 2008.
- PROST, Antoine. *Doze lições sobre a história*. Belo Horizonte. Autêntica. 2014.

- REZENDE, Rogério; SABOIA, Luciana. In: *Brasília e o espaço público: projeto e cotidiano no Setor de Diversões Sul (SDS), o CONIC*. In: VI Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Brasília, Universidade de Brasília - UnB, 2020.
- RIO, do João. *A alma encantadora das ruas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ROLNIK, Raquel. *Guerra dos Lugares: a colonização da terra e da moradia na era das finanças*. São Paulo, Boitempo, 2015.
- ROMERO, Manuela Linck de. *Cartografias de experiências urbanas: corpo, pensamento e cidade em movimento*. Curitiba: Appris Editora, 2018.
- SANTOS, Dionys Melo dos. *As travestis no cinema da Boca do Lixo e na pornografia digital*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Sociologia, UFSCAR - Universidade Federal de São Carlos. São Carlos - São Paulo, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/11583>. Acesso em outubro de 2021.
- SANTOS, Rafael Gonçalves dos. *As aparências enganam?: a arte do fazer-se travesti*. Curitiba: Editora Appris, 2015.
- SCHMIDT, Benito Bisso. *História LGBTQI+ no Brasil: atravessamentos entre militância e produção acadêmica*. In: COLAÇO, Rita de Cassia, VERAS, Elias Ferreira & SCHMIDT, Benito Bisso (Organizadores). *Clio sai do armário: historiografia LGBTQIA+* São Paulo, SP: Letra e Voz, 2021. p. 19-32.
- _____; WEIMER, Rodrigo de Azevedo (Orgs.). *Histórias Lesbitransviadas do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Taverna, 2022.
- SCOTT, Joan W. *A invisibilidade da experiência*. In.: Projeto História: revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Nº 0 (1981). São Paulo: EDUC, 1981.
- SERPA, Angelo. *Por uma Geografia dos espaços vividos: Geografia e Fenomenologia*. São Paulo: Contexto, 2019.
- SILVA, Hélio R. S.. *Travestis: entre o espelho e a rua*. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.
- SILVA, Joseli Maria (Org). *Geografias subversivas : discursos sobre espaço, gênero e sexualidades*. Ponta Grossa, PR : Todapalavra, 2009.
- SIMÕES, Júlio Assis; FACCHINI, Regina. *Na trilha do arco-íris: Do movimento homossexual ao LGBT*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2009.
- TADEU, Tomaz (Org.). *O Panóptico/Jeremy Betham*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- TREVISAN, João Silvério. *Devassos no Paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.
- VELHO, Gilberto. *Desvio e Divergência: uma crítica da patologia social*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.
- VERAS, Elias Ferreira. *Travesti: carne, tinta e papel*. Curitiba: Appris, 2019.

_____ ; PEDRO, Joana Maria. *Os silêncios de Clio: escrita da história e (in)visibilidade das homossexualidades no Brasil*. Revista Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 6, n.13, p. 90 - 109, set./dez. 2014.

WEIMER, Rodrigo. de Azevedo. *Homossexualidade masculina na “vila” Santa Luzia: comportamentos não-normativos e alegações para expulsão (Porto Alegre, década de 1950)*. Revista Aedos, [S. l.], v. 11, n. 24, p. 32–48, 2019.

WITTIG, Monique. *O pensamento hétero e outros ensaios*. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2022.

WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual*. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). *Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes 2012.

YORK, Sara Wagner; OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes; BENEVIDES, Bruna. *Manifestações textuais (insubmissas) travesti*. Revista Estudos Feministas, v. 28, 2020.. Acesso em 15/06/2020.

SITES E PORTAIS

Acervo Bajubá – Memórias LGBT.

<https://acervobajuba.com.br/desfiles-de-travestis-no-clube-dos-operarios/>. Acesso em março de 2022.

Agência Brasília. Cruzeiro, local de muitas histórias.

<https://www.agenciabrasilia.df.gov.br/2011/11/30/cruzeiro-local-de-muitas-historias/>. Acesso em julho de 2023.

Agência F4, de fotojornalismo.

<https://ims.com.br/titular-colecao/juca-martins/>. Acesso em abril de 2022.

ARAÚJO, Renato. Agência Brasília. Parque da Cidade.

<https://agenciabrasilia.df.gov.br/wp-conteudo/uploads/2016/12/ppps-parque-cidade-renato-araujo-agencia-brasilia.jpg>. Acesso em agosto de 2023.

Base Cinemateca. Descrição do filme “Louca por cavalos” (1986).

<http://bcc.gov.br/cartazes/450985#>. Acesso em abril de 2022.

CARONE, Carlos. *Videos revelam sexo explícito à luz do dia no Parque da Cidade*. Metrôpoles. 2018.

<https://www.metrosoles.com/distrito-federal/videos-revelam-sexo-explicito-a-luz-do-dia-no-parque-da-cidade>. Acesso em junho de 2023.

CARONE, Carlos. *Videos revelam sexo explícito à luz do dia no Parque da Cidade*. Metrôpoles. 2018. <https://www.metrosoles.com/distrito-federal/videos-revelam-sexo-explicito-a-luz-do-dia-no-parque-da-cidade>. Acesso em junho de 2023.

CODEPLAN. *Demografia em foco 7: evolução dos movimentos migratórios para o Distrito Federal: 1959-2010*. Brasília, 2013.

<http://geoservico.homologacao.codeplan.df.gov.br/>. Acesso em agosto de 2023.

Comissão Nacional da Verdade.

<http://cnv.memoriasreveladas.gov.br/index.php>. Acesso em abril de 2022.

Companhia de Planejamento do Distrito Federal – codeplan.Serviço WMS (Web Map Service) das ortofotos do Distrito Federal.

<http://geoservico.homologacao.codeplan.df.gov.br/>

Conjunto Nacional de Brasília

<https://www.conjuntonacional.com.br/shopping-conjunto-nacional>. Acesso em julho de 2021.

Conteúdo de cultura e arte. “*Acervo raro de Dulcina de Moraes e da Fundação Brasileira de Teatro é revelado*”. 2022.

<https://www.portalconteudo.com.br/post/acervo-raro-de-dulcina-de-moraes-e-da-funda%C3%A7%C3%A3o-brasileira-de-teatro-%C3%A9-revelado>. Acesso em agosto de 2023.

Correio Braziliense.

https://www.CorreioBraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2018/01/27/interna_cidadesdf,656064/floresta-dos-sussurros-no-parque-da-cidade-e-motel-a-ceu-aberto.shtml. Acesso em abril de 2022.

CPDOC-FGV • Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/superintendencia-nacional-de-abastecimento-sunab>. Acesso em outubro de 2021.

Descrição do filme “AIDS – Furor do sexo explícito” (1985).

<https://www.clubedocolecionador.com/produtos/aids-furor-do-sexo-explicito/>. Acesso em abril de 2022.

Dicionário Michaelis online.

<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/sacanagem/>
Acesso em outubro de 2021.

FOSTER, Lila. Lembranças de cinemas da capital. Revista Cinética. em: <http://www.revistacinetica.com.br/redacao.html>. Acesso em agosto de 2023.

Gays-Cruising.

https://www.gays-cruising.com/pt/cruising/banheiros_conjunto_nacional_brasilia_brasil_18320. Acesso em julho de 2021.

Glossário Gay.

<https://memoria.cidarq.ufg.br/uploads/r/t0tio/3/9/39118/ECO-PCUL-5-6.pdf>. Acesso em maio de 2023.

HELEN, Maria. Canção: Lamento de Força Travesti (2021). Intérprete: COSTA, Renna. <https://www.youtube.com/watch?v=03rqrtILoy4&t=3s>. Acesso em maio de 2023.

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional Superintendência do Iphan no Distrito Federal Secretaria de Estado de Cultura do Distrito Federal. Relatório do Plano Piloto de Brasília. Brasília – 2018.

http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/lucio_costa_miolo_2018_reimpressao_.pdf. Acesso março de 2022.

Jornal de Brasília. “*CONIC: sexo, drogas e Deus*”. 2015.

<https://jornaldebrasil.com.br/brasil/CONIC-sexo-drogas-e-deus/>. Acesso em maio de 2022.

JUNIOR, João Gomes. 40 anos do Adé Dudu: a história do Grupo de Negros Homossexuais. Portal Geledés. 30 jun. 2021.

<https://www.geledes.org.br/40-anos-do-ade-dudu-a-historia-do-grupo-de-negros-homossexuais/>. Acesso em agosto de 2023.

MAGGIO, Sérgio. Primeira boate gay do DF, *New Aquarius* vive no imaginário brasileiro. Metrôpoles, 2019.

<https://www.metropoles.com/tipo-assim/primeira-boate-gay-do-df-new-aquarius-vive-no-imaginario-brasiliense>. Acesso em abril de 2022.

Olhar Imagem.

https://www.olharimagem.com/search?I_DSC=richetti&submit.x=27&submit.y=9&I_DSC_AND=t&_ACT=search. Acesso em abril de 2022.

OLIVEIRA, Gabriel Goulart. Facebook Vitrine Fotos.

<https://www.facebook.com/vitrinefilmes/photos/a.183941448341575/1472278966174477/>. Acesso em março de 2022.

Ortofoto – CODEPLAN (Companhia de Planejamento do Distrito Federal)

<http://geoservico.homologacao.codeplan.df.gov.br/>. Acesso em agosto de 2023.

Portal Drauzio Varella.

<https://drauziovarella.uol.com.br/doencas-e-sintomas/sarcoma-de-kaposi/>. Acesso em abril de 2021

Portal IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/lucio_costa_miolo_2018_reimpressao_.pdf. Acesso em 26 de março de 2022.

PRADO, Caio. “Não Recomendado”. Álbum Variável Eloquente. 2014

https://www.youtube.com/watch?v=GsaR0TQNu_w. Acesso em maio de 2023.

Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios – PDAD – 2018 – CODEPLAN e Secretaria de Fazenda, Planejamento, Orçamento e Gestão do Distrito Federal, no ano de 2019.

<https://www.codeplan.df.gov.br/wp-content/uploads/2020/06/Cruzeiro.pdf>. Acesso em julho de 2023.

R7 – Cartão de Vistia: “Estrelíssima Rogéria: 5 décadas de espetáculo (2017).

<https://cartaodevisita.com.br/conteudo/18732/estrel-ssima-rog-ria-comemora-5-d-cadas-de-espet-culos>. Acesso em março de 2022.

R7 – Roberto Justus Mais.

<https://recordtv.r7.com/roberto-justus-mais/videos/lucinha-araujo-fala-sobre-a-morte-de-cazuza-e-a-crueldade-da-imprensa-10092018>. Acesso em abril de 2022.

Revista Caras. Personalidades: Hebe Camargo.

<https://caras.uol.com.br/perfil/hebe-camargo.phtml>. Acesso em abril de 2022.

RODRIGUES, Paulo Ricardo Aires; ANDRADE, Karylleila dos Santos. “*Pequeno Vocabulário Pajubá Palmense*”. São Carlos: Editora Scienza, 2023.

Disponível em: <https://editorascienza.com.br/ebook/pajuba.pdf>. Acesso em maio de 2023.

Site Brasília. Disponível em:

<http://doc.brazilia.jor.br/Centro/Setor-Comercial-Sul-b-via-S2.shtml>. Acesso em junho de 2022.

Site Brazilia.

<http://doc.brazilia.jor.br/Rodoviaria/plataforma-Rodoviaria-Brasilia-Mezzanino-lojas-servicos.shtml>. Acesso em junho de 2023.

Site Brazilia

<http://doc.brazilia.jor.br/Vias/S2-via-de-servico.shtml>.

Acesso em maio de 2023.

Site Brazilia

<http://doc.brazilia.jor.br/Vias/via-W3-sul-Avenida.shtml>. Acesso em agosto de 2023.

Site Free Ones. Descrição do filme “*O barco do sexo*” (1980).

<https://www.freeonesondemand.com/dispatcher/movieDetail?genreId=101&theaterId=14343&movieId=36475&locale=pt>. Acesso em abril de 2022.

STYCER, Maurício. Flávio Cavalcanti sabia deixar seu espectador na ponta da cadeira. Folha de São Paulo, 2022.

<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/mauriciostycer/2022/01/flavio-cavalcanti-sabia-deixar-seu-espectador-na-ponta-da-cadeira.shtml>. Acesso em junho de 2022.

Site Filmow. Descrição do filme “*Solar das taras proibidas*” (1984). Disponível em:

<https://filmow.com/o-solar-das-taras-proibidas-t94553/>. Acesso em abril de 2022.

Traducir Português. Dicionário Yoràbá. 2011.

<https://www.traducirportugues.com.ar/2011/02/diccionario-yoruba-portugues.html>. Acesso em abril de 2023.

YouTube. Clip Ney Matogrosso (1975). 2008.

<https://www.youtube.com/watch?v=FkuflcS5fPw>. Acesso em março de 2022.

ANEXOS

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

INSTITUTO DE CIÊNCIAS
HUMANAS E SOCIAIS DA
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA -
UNB



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Práticas do espaço nas noites de Brasília: apropriação e ressignificação do centro do Plano Piloto por travestis e gays (1970-1995),

Pesquisador: ALEXANDRE MAGNO MACIEL COSTA E BRITO

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 50019721.5.0000.5540

Instituição Proponente: Programa de Pós Graduação em História

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.923.776

Apresentação do Projeto:

Essa é uma pesquisa narrativa cujo título é "Práticas do Espaço nas noites de Brasília: apropriação e ressignificação do centro do Plano Piloto por travestis e gays (1970 – 1995)". Ela terá como estratégia de investigação as entrevistas narrativas em profundidade semiestruturada e sua realização será a partir de OUTUBRO/2021. Entre as técnicas utilizadas destaco a "entrevista episódica" e o "complemento de palavras". Essa metodologia de trabalho promove melhor interação, dá ao entrevistado maior liberdade de expressão e ao entrevistador, a possibilidade de incluir questões relevantes e que facilite a rememoração

O centro do Plano Piloto de Brasília é um dos lugares mais importantes da capital do Brasil. Planejado por Lúcio Costa na década de 1960, o ar funcional do centro da nova capital do país tinha como alguns de seus objetivos, ligar o centro à periferia por meio do acesso possibilitado pela Rodoviária de Brasília, ser um núcleo comercial, de diversões e hoteleiro, formando assim, uma organização urbanística inovadora, que se tornaria símbolo da arquitetura moderna. Nesse sentido, a maioria desses espaços foram imaginados como lugares de funcionamento diurno e de trabalho.

Porém, na ocupação e dinâmica social, ganharam outros sentidos quando travestis, e gays e suas práticas noturnas (sexo casual, prostituição e sociabilidade homossexual) se incorporaram à sua

Endereço: CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO - FACULDADE DE DIREITO - SALA BT-01/2 - Horário de
Bairro: ASA NORTE **CEP:** 70.910-900
UF: DF **Município:** BRASÍLIA
Telefone: (61)3107-1592 **E-mail:** cep_chs@unb.br

Continuação do Parecer: 4.523.776

rotina. A presente pesquisa tem por objetivo estudar a forma com que travestis e gays – segmentos transgressores e marginalizados – através de suas práticas cotidianas, ocuparam esses lugares e ressignificaram o projeto urbanístico

do centro da capital, incorporando novos sentidos ao centro de Brasília – Rodoviária e sua plataforma superior, o Conjunto Nacional de Brasília (SDN), Setor de Diversões Sul (SDS), Setor Comercial Sul (SCS) e Setor Hoteleiro Sul (SHS) e Parque da Cidade , dentre outros locais – de 1970 ao ano de 1995. Para tal, analisaremos durante a pesquisa, textos legais, periódicos e outros documentos relevantes, buscando a linha construtiva da instalação desse novo desenho/processo de ocupação e ressignificação do espaço brasiliense. Essa investigação também almeja construir uma narrativa histórica a partir de entrevistas com gays e que atuaram e/ou atuam nessa região da cidade, de maneira a problematizar as representações negativas que recaem sobre essas pessoas, que invisibiliza suas apropriações territoriais, suas existências e histórias, submetendo-as à violência simbólica e a violação de seus direitos básicos

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Construir uma narrativa histórica a partir da história oral de travestis e gays que ocupam as noites do centro de Brasília/DF em diálogo com as notícias sobre essas populações produzidas pelo jornal Correio Brasiliense, fontes policiais e diversos documentos produzidos ao longo desses 25 anos

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Conforme o autor, a pesquisa não oferece/oferecerá riscos às pessoas entrevistadas, tendo em vista que serão obedecidas as determinações e melhores práticas exigidas pelo Comitê de Ética em Pesquisa

Benefícios:

Com relação aos benefícios esperados com essa pesquisa, destaco: visibilidade do protagonismo de grupos sociais historicamente esquecidos e silenciados, especificamente aqui, pela história do Distrito Federal; contrapõe a narrativa preconceituosa e jocosa utilizada de forma recorrente contra travestis e gays na imprensa do Distrito Federal e em documentos oficiais que estigmatizam a referida comunidade e seus espaços de sociabilidade; contribui com a pesquisa histórica no Programa de Pós-Graduação em História da

Endereço: CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO - FACULDADE DE DIREITO - SALA BT-01/2 - Horário de
Bairro: ASA NORTE CEP: 70.910-900
UF: DF Município: BRASÍLIA
Telefone: (61)3107-1592 E-mail: cep_chs@unb.br

INSTITUTO DE CIÊNCIAS
HUMANAS E SOCIAIS DA
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA -
UNB



Continuação do Parecer: 4.923.776

Universidade de Brasília, principalmente, por trazer outros sujeitos e outras abordagens às produções acadêmicas do departamento

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa envolve realização de entrevistas com pessoas da comunidade LGBTQ de Brasília - pessoas essas que são frequentemente vitimizadas e objeto de ataques verbais ou físicos por parte de integrantes da sociedade inconformados com os avanços de direitos obtidos nas últimas décadas. Por isso, é incorreto afirmar que a presente pesquisa não envolve riscos - ela envolve riscos de expor ainda mais uma população já exposta a muitos problemas, privações e marginalizações. Sendo assim, o autor da pesquisa deve atentar para esse fato e elaborar estratégias mais amplas para proteção dessa população. O anonimato pode não ser suficiente para preservar a integridade dos participantes, haja vista que pode haver formas de identificação indireta ou formas. Assim, o pesquisador deve refletir sobre os riscos da pesquisa e elaborar estratégias para além da anonimização garantida no projeto.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os termos de apresentação obrigatória foram apresentados.

Recomendações:

Recomenda-se que o autor realize um novo mapeamento dos riscos da pesquisa e, com isso, reflita sobre a necessidade de adotar novos mecanismos de proteção aos participantes.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Este projeto foi aprovado pelo CEP/CHS. Recomenda-se que o autor atente para as sugestões emitidas neste parecer.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_DO_PROJETO_1786783.pdf	21/07/2021 19:30:55		Aceito
Folha de Rosto	Folha_De_Rosto_Assinada.pdf	21/07/2021 19:30:00	ALEXANDRE MAGNO MACIEL COSTA E BRITO	Aceito
Declaração de Pesquisadores	cep_CHS_instrumento_de_coleta_de_dados_atualizado.pdf	10/07/2021 13:00:28	ALEXANDRE MAGNO MACIEL COSTA E BRITO	Aceito

Endereço: CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO - FACULDADE DE DIREITO - SALA BT-01/2 - Horário de
Balro: ASA NORTE CEP: 70.910-900
UF: DF Município: BRASÍLIA
Telefone: (61)3107-1592 E-mail: cep_chs@unb.br

**INSTITUTO DE CIÊNCIAS
HUMANAS E SOCIAIS DA
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA -
UNB**



Continuação do Parecer: 4.923.776

Declaração de Pesquisadores	Cronograma_Atualizado.pdf	10/07/2021 12:57:51	ALEXANDRE MAGNO MACIEL COSTA E BRITO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	cep_CHS_tcle.pdf	10/07/2021 12:55:44	ALEXANDRE MAGNO MACIEL COSTA E BRITO	Aceito
Declaração de Pesquisadores	cep_CHS_carta_de_revisao_etica.pdf	02/07/2021 17:09:53	ALEXANDRE MAGNO MACIEL COSTA E BRITO	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Curriculo.pdf	02/07/2021 17:07:46	ALEXANDRE MAGNO MACIEL COSTA E BRITO	Aceito
Declaração de Pesquisadores	cep_CHS_modelo_termo_de_responsabilidade_pelo_uso_de_documentos.pdf	02/07/2021 17:04:54	ALEXANDRE MAGNO MACIEL COSTA E BRITO	Aceito
Declaração de Pesquisadores	cep_CHS_termo_de_aceite_institucional_revisado.pdf	02/07/2021 16:53:42	ALEXANDRE MAGNO MACIEL COSTA E BRITO	Aceito
Declaração de Pesquisadores	cep_CHS_carta_de_encaminhamento.pdf	02/07/2021 16:44:51	ALEXANDRE MAGNO MACIEL COSTA E BRITO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	cep_CHS_tcle_revisado.pdf	02/07/2021 16:38:53	ALEXANDRE MAGNO MACIEL COSTA E BRITO	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	cep_CHS_projeto_de_doutorado.pdf	02/07/2021 16:38:17	ALEXANDRE MAGNO MACIEL COSTA E BRITO	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

BRASILIA, 22 de Agosto de 2021

Assinado por:
MARCIO CAMARGO CUNHA FILHO
(Coordenador(a))

Endereço: CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO - FACULDADE DE DIREITO - SALA BT-01/2 - Horário de
Bairro: ASA NORTE CEP: 70.910-900
UF: DF Município: BRASILIA
Telefone: (61)3107-1592 E-mail: cep_chs@unb.br

ENTREVISTA I

Trecho da entrevista concedida por CRISTYAN, Ágatha. Entrevista I. [02-2022]. Entrevistador: Alexandre Magno Maciel Costa e Brito. Brasília, 2022. Arquivo MP3 (18m28s). Por razões éticas e para proteger a privacidade da pessoa entrevistada, foi decidido não incluir a entrevista completa. Essa escolha foi feita considerando a sensibilidade dos temas abordados, a confidencialidade da colaboradora participante e a natureza do campo de estudo explorado na tese.

Entrevistador: Boa noite! Poderia se apresentar, por favor?

Boa noite! Meu nome é Ágatha Cristyan, nasci em 07 de junho de 1989, no Distrito Federal.

Pesquisador: Qual foi o impacto em sua vida quando assumiu a sua identidade feminina diante de sua família?

Ágatha Cristyan: Primeiro eu fui me assumir com a minha avó, depois com minha família. Claro que, nenhuma mãe aceita, mas chegou a respeitar. No outro dia, automaticamente, já comecei a me vestir de mulher. Vestir-se de mulher foi a grande revolução que eu fiz.

Pesquisador: E nas ruas, como foi a experiência de assumir-se travesti?

Ágatha Cristyan: Não foi fácil, pois tinham muito preconceito, a gente sofria muito. Pior era dentro de casa, mas em casa eu tive apoio. Sofremos muito, principalmente nas ruas. Experimentei perseguições, violência física e xingamentos verbais, tudo isso era muito doloroso.

Pesquisador: Você fez programas no Setor Comercial Sul por intermédio de quem?

Ágatha Cristyan: Eu fui fazer programas em Brasília por intermédio de uma travesti conhecida no Setor Comercial Sul como “Buceta”. A primeira vez que fui pra lá, pensei: eu vou ganhar muito dinheiro, homem bonito, como eu era novinha, o que não aconteceu. Nos primeiros dias, até que foram bons, mas depois, não. A concorrência era grande, meu corpo era natural e não dava para competir com as outras que eram bombadas, com silicoes enormes. Aí ficou muito difícil. A concorrência era muita e a maioria dos homens só querem ativas e eu sou passiva.

ENTREVISTA II

Trecho da entrevista concedida por VIDA, M@na. Entrevista II. [09-2022]. Entrevistador: Alexandre Magno Maciel Costa e Brito. Brasília, 2022. Arquivo MP3 (1h18m43s). Por razões éticas e para proteger a privacidade da pessoa entrevistada, foi decidido não incluir a entrevista completa. Essa escolha foi feita considerando a sensibilidade dos temas abordados, a confidencialidade do colaborador participante e a natureza do campo de estudo explorado na tese.

Entrevistador: Primeiramente, obrigado por colaborar com esta pesquisa! Poderia se apresentar, por favor?

Me chamo M@na Vida, nasci aqui no Distrito Federal em 03 de fevereiro de 1980.

Entrevistador: Como era a sua relação com o Parque da Cidade?

M@na Vida: Eu sempre frequentei todos os lugares do Parque da Cidade. A Floresta dos Sussurros era um lugar maravilhoso e tinha uma pegação muito boa. O bar Pirraça também, lá os gays eram bem tratados e tinha muitos militares. Então a gente se divertia. Deixa eu ver, o barzinho chamado Gibão, o Alpinus, que tinha música ao vivo. Eu curti muito! De lá a gente ia pro Fortaleza, ou virávamos a noite ali, ou a gente ia pra Rodoviária, pro CONIC, ia para a boate New Aquarius.

Entrevistador: Você poderia fazer uma breve descrição do Parque da Cidade?

M@na Vida: Quem passa próximo ao Parque da Cidade e vê os estacionamentos não imagina o que acontece neles. Porém, quem frequenta sabe o que acontece. Ou seja, são muitos gays. Atrás de aventura, caçando, procurando parceiro ou até mesmo indo rir dos que já estão lá procurando alguma coisa. Sempre diferenciado. Quem frequenta o ?carro geralmente costuma sair com quem também está de carro, até pela segurança. Muitos se aventuram, descem dos carros e vão para Floresta atrás aquilo que procuram.

Entrevistador: Como você destacaria esse funcionamento do Parque da Cidade nas últimas décadas?

M@na Vida: Querendo ou não, continua a mesma coisa, praticamente, até hoje. A diferença daquela época para hoje é que antes era mais escondido. A gente fazia as coisas com medo do que podia acontecer. Hoje em dia já não existe mais esse medo, mas imagina você entrar num local que você praticamente não vê ninguém se você passar perto, e quando você entra, tem

mais de 100 pessoas passeando ou caçando uma sacanagem, e você encontra! Caminham para todo lado. Inclusive, você vê pessoas que são mais corajosas, se expondo realmente peladas, outros passam excitadas na sua frente, te cumprimentam já perguntando: “O que você quer?”, “O que você curte?”. Essa é a forma de abordagem. Até hoje é um lugar que gays tomam conta, até hoje é dominado por gays, independentemente de ser feminino ou masculino, ou se rotular com outras coisas, continua sendo um ambiente gay. Raramente você vê um hétero 100% naquele lugar, praticamente não existe. Se fosse hétero não estaria ali procurando alguma coisa, correndo risco na madrugada e se expondo, muitas vezes se escondendo com seu parceiro para não ser visto por outra pessoa que te conhece.

Entrevistador: Você narra sobre o parque com empolgação. O que te traz encantamento naquele lugar?

M@na Vida: É lindo ver o dia clareando, a gente beijando na boca naquele ambiente, na beira do laguinho. É sempre tranquilo. A gente sente à vontade lá, onde você pode ser você, porque não é só você que está ali na condição de gay, é o parque todo, durante 24 horas. A gente tem a impressão de que Brasília dorme, não é? Mas o Parque da Cidade não dorme.

Entrevistador: A Polícia do Exército (PE) adentrava o território do Parque da Cidade?

M@na Vida: Às vezes, sim. Os locais que eles mais iam eram o Pirraça e Barulho. Era onde eles sabiam. Eles queriam encontrar de tudo, porque do contrário, teriam que andar muito. Ficava longe dos ônibus, então eles não se arriscavam, porque a gente tinha um hábito que estragar os ônibus para eles não irem mais buscar ninguém ou não conseguirem levar os que eles pegassem. Esvaziar pneu, isso era uma coisa de bicha nova.

Entrevistador: Você poderia me falar, a partir da sua observação, como era a frequência de travestis no parque?

M@na Vida: As travestis frequentavam o parque da cidade, lindas! Muito bem maquiadas. Com peito do lado de fora. Se sentiam livres! Porém, a perseguição sempre existiu. Tem quem admire, que é o meu caso, mas tem quem critique, né! Era o que mais acontecia. [...] É no ambiente aonde elas eram cortejadas por gays, militares e pela polícia também.

Entrevistador: Como você se considera nos espaços de sociabilidade, especificamente em relação aos códigos de conduta estabelecidos pelos grupos frequentadores?

M@na Vida: Sou um gay alforriado.

Entrevistador: Você poderia falar um pouco sobre a Savana?

M@na Vida: [...] de peito, para época – e muito alta, só de você olhar, você já tinha medo dela”. Ela recrutava as gays novas para servir, buscar bebida, para ir atrás do homem para ela e pra ganhar dinheiro [...]. Por isso é que ficou essa situação de cafetinagem.

Entrevistador: Você frequentou os inferninhos do centro do Plano Piloto?

M@na Vida: Inclusive, eu trabalhei na New Aquarius. Com 12 anos, eu praticamente morava no CONIC. Eu ajudava na boate, e como sempre fui grandão, pois naquele momento tinha um corpo grande, me passava por um adolescente de 17 ou 18 anos. Eu entrava e como conhecia o dono e os promoters, andava em tudo lá dentro. Para mim era normal. Mas eles barravam as novinhas e não deixavam entrar com medo da polícia fechar o ambiente. Eu me escondia no escritório. Eu sempre vivi dentro da boate. Lá era diversão, mas os programas faziam parte, programas sempre! O cliente pagava bebida, pagava entrada sem saber que eu trabalhava no ambiente. Então, gerava dinheiro que vinha para mim.

Entrevistador: Você se sentia desprotegido no Conic?

M@na Vida: Lá era um refúgio. Se a polícia corresse atrás da gente, a gente corria para o buraco porque eles não desciam. Ficava esperando a gente sair pra poder nos pegar, porque era muita gay. Não tinha como agredir uma na frente de todas. Aí começavam as guerras, voava a garrafa, voava cadeira. Todas enfrentando o Estado, não é? Porque para sair na rua já era uma confusão, para pegar um transporte vestido de mulher, num período que ninguém escutava falar certas coisas sobre gays. Para a gente se impor, poder passar na rua, num grupinho, mesmo num ambiente que fosse nosso, de cabeça erguida, era difícil.

Entrevistador: Como as madrugadas terminavam no Setor Diversões Sul?

M@na Vida: Tinha um relógio gigante no prédio do BRB, que mostrava a hora em que a gente sabia que tinha que ir embora. Já tinha virado a noite, aquele sol batendo no rosto. De lá, a gente ia embora ou ia pra Esplanada dos Ministérios ficar bebendo. A Esplanada era para a gente poder completar a nossa *vibe*. Lá, a gente era livre. Os moradores de rua não andavam naquele lugar naquele período, mas as gays andavam. A Esplanada sempre foi protegida por militares. Tanto nos ministérios quanto nos quartéis, havia muitos deles conhecidos e outros desconhecidos. Nenhum passava batido. Todo mundo queria alguma coisa, todo mundo procurava alguma coisa.

Entrevistador: Como era a chegada na Rodoviária depois de uma madrugada no Conic?

M@na Vida: A Rodoviária era um babado! A gente tinha que bater boca com os passageiros em fila, um monte de gente pra pegar ônibus e quando a gente passava, que descíamos as escadas, já começavam a gritar. A festa do povo da Rodoviária eram as gays. A maior parte das vezes a gente fazia pegação, outras vezes era só discussão na hora de comer o pastelzão da Viçosa. Viçosa é Viçosa, né meu amor!?

Entrevistador: Como era a prática do banheiro na rodoviária?

M@na Vida: Quando você entra no banheiro, que você olha e acha que as pessoas estão mijando, eles estão se excitando para que você veja que eles estão excitados. Aí, cabe a você ir lá, investir ou não. Você não tem como fazer suas necessidades à vontade. Você é sempre observado. Ou é observado, ou está observando, ou está praticando alguma coisa! [...] Eu fazia a esperta. Ia para fora com a pessoa e me mandava para outro lugar.

Entrevistador: Você pode falar um pouco mais sobre essa prática?

M@na Vida: Entravam na cabine e adeus, mas ao diabo também, porque quando a polícia pegava ou os guardinhas da Rodoviária, era cacete, era vergonha! Todo mundo sabia o que você estava fazendo, porque eles não deixavam vestir roupa e retiravam do banheiro do jeito que você tava na hora do ato. Imagina aquele monte de gente na Rodoviária, pegando ônibus para ir trabalhar e você saindo pelado porque estava fazendo pegação no banheiro, era babado.

Entrevistador: Você achava que se tratava de uma prática arriscada?

M@na Vida: Todo mundo corria risco e todo mundo representava um risco, pois quem mexeu com uma, mexeu com todas, mexeu com um, mexeu com todos.

Entrevistador: E no mezzanino, era só pegação ou havia algo mais?

M@na Vida: Às vezes dava certo alguma coisa, mas na maior parte das vezes era só para a gente poder tentar curar um pouco da bebida da noite e depois ir embora. Ali já estávamos acabadas.

Entrevistador: Você pode descrever como era a prática da pegação na Praça da Alimentação do Conjunto Nacional de Brasília?

M@na Vida: Se eu fosse passar na praça de alimentação, quem estivesse ali procurando uma aventura iria me observar, se levantar e me procurar, ou até mesmo me convidar a sentar e assim

começava a pegação, que era bem discreta. Porém, muito frequente e forte. Toda hora tinha alguém querendo alguma coisa. Como a gente andava e já conhecia, sabia a mesa de quem a gente podia ir e onde ficava mais fácil encontrar alguém querendo alguma coisa.

Entrevistador: Me fale um pouco mais sobre o lugar, por favor?

M@na Vida: Alguns pontos eram mais fáceis para a gente, exemplo: perto da loja Ponto Frio, no subsolo do Conjunto, pois todos os banheiros na parte de baixo – do subsolo – eram de pegação. Quem queria frequentar um banheiro sem, ia nos próximos ao cinema e à praça de alimentação. O restante, quanto mais longe fosse das lojas mais importantes, era pegação.

Entrevistador: No estacionamento do *shopping* acontecia muitas coisas?

M@na Vida: No estacionamento acontecia muita pegação. Só que ali era mais complicado, porque estávamos num local em que a gente não tinha como se defender tanto. Ali, vamos dizer assim: você entrava num carro, às vezes um parente ou um amigo passava e olhava. Como a gente tinha medo de comentários, evitava. Tudo na época era mais escondido. Eu não tinha medo, mas a pessoa que andava comigo tinha. Então eu acabava protegendo-a. Às vezes eu me escondia. O ruim de ser conhecido é isso: quem vê a pessoa com você vai deduzir o que quer. E, no caso, eu não ligava por mim. Às vezes eu protegia a pessoa que estava comigo. Se falava muito que se fosse visto com viado, você era zoado no trabalho e pelos amigos. Às vezes chegava até a sua família. No meu caso, como a minha família sabia o que eu fazia e o que eu era, não tinha problema. Mas eu sempre zelei pela vida dos outros e os protegi. Se saísse com as outras e rolassem comentários, eram com coisas delas.

Entrevistador: Como descreveria sua relação com esses locais de sociabilidade e com as pessoas que os frequentavam?

M@na Vida: A princípio, foi onde eu me descobri. Para mim, era o quintal da minha casa, onde eu me sentia segura, onde eu podia ser eu mesma. Então as coisas importantes eram: fiz muitos amigos, algumas pessoas daquela época eu convivo até hoje, entendeu? Tive meus relacionamentos, foi lá que encontrei alguns parceiros que eu cheguei a morar com eles. Sempre foi para mim foi construtivo. Mas também já vi muitas pessoas, que para elas ali não foi um bom lugar. Porque era a nossa carência. Então a gente procurava muita das vezes o carinho que a gente não tinha de um familiar. A gente criava um novo ciclo, a gente ia atrás, todo mundo se abrigava no colo de outro. Às vezes nem era programa sexual, às vezes era conversar com o cliente que ele pagava para a gente, mas a gente também conseguia desabafar com ele, o que a

gente queria, a dificuldade que a gente passava no momento, como a gente estava se sentindo naquele período. Toda a vida é uma troca de carinho.

Entrevistador: Você considerava sua mãe uma grande parceira da sua vida?

M@na Vida: Ela sabia que era o que eu queria, não me criticava. Não é porque ela não gostava, mas ela fazia. Ela respeitava a minha vontade na época. Se era aquilo que eu queria, e se eu estava me sentindo bem, era o que ela fazia por mim. Meu primeiro brinco, meu primeiro furo na orelha quem fez a minha mãe! Eu, com 12 anos de idade, minha mãe colocou a argola, tirou da orelha dela e furou a minha. Já me aceitava como um filho gay. Em vista de algumas mães que querem cortar a orelha do filho porque não é uma menina, a minha me deixava me vestir e ser o que eu queria. Minha primeira lingerie foi minha mãe que me deu, comprou as dela e deu a minha. Engraçado! Eu falo engraçado, porque para mim é engraçado, é diferente que eu nunca vi uma mãe chegar com uma lingerie, dar para um filho vestir uma peça feminina. Não naquela época! Hoje pode ser que tenha, mas a minha, para aquela época, era moderna.

Entrevistador: O que fazia você se lançar com tanta força em direção aos espaços frequentados? Tinha relação com questões familiares?

M@na Vida: Das coisas que ouvi, o que meu pai me disse foi que mais me doeu. Durante uma discussão que tivemos, ele disse que daquele dia em diante eu não seria mais filho dele. Me senti abandonada por ele, mas acolhida pelo mundo. Foi um divisor para mim, o momento em que tive que tomar minhas próprias atitudes na vida. Agora vai ser do meu jeito, já que não tem mais como ser do dele. Foi nesse momento que eu realmente tomei as rédeas da minha vida e comecei a realizá-la.

Entrevistador: Podemos então compreender o Cruzeiro Novo como seu ponto de partida?

M@na Vida: “Cruzeiro sempre era nosso ponto de encontro para poder ir para os outros lugares [...] Então, a gente já começava a beber e a curtir no Cruzeiro”.

Entrevistador: E o Parque da Cidade, era um refúgio?

M@na Vida: Chorei incontáveis vezes a não aceitação do meu pai, sobretudo pelo uso excessivo de drogas e seu comportamento violento, me escondi do mundo e das dores. Caminhei, respirei e me senti amparado. O parque me acalentava sempre que a dor vinha.

ENTREVISTA III

Trecho da entrevista concedida por WONDERFUL, Danny. Entrevista IV. [09-2022]. Entrevistador: Alexandre Magno Maciel Costa e Brito. Brasília, 2022. Arquivo MP3 (57m54s). Por razões éticas e para proteger a privacidade da pessoa entrevistada, foi decidido não incluir a entrevista completa. Essa escolha foi feita considerando a sensibilidade dos temas abordados, a confidencialidade da colaboradora participante e a natureza do campo de estudo explorado na tese.

Entrevistador: Boa noite! Poderia se apresentar, por favor?

Boa noite! Meu nome é Danny Wonderful, venho de Governador Mangabeira, Bahia, e cheguei em Planaltina no ano de 1994. Tenho 45 anos e faz 09 meses que estou aqui no Val Paraíso. Você Aceita uma água, meu bem?

Entrevistador: Você poderia nos dar uma definição do que é ser travesti?

Danny Wonderful: Claro que sim, meu bem: ser travesti é a pessoa entrar e sair, saber respeitar os espaços dos outros e os outros respeitarem nossos espaços.

Entrevistador: Como era esse caminhar pelo Setor Comercial Sul durante o trabalho?

Danny Wonderful: Olha, eu gostava de ficar ali do lado do SENAC, em frente ao Bonaparte Hotel, é porque eu não sei o número das quadras até hoje. Eu sei que tem as quadras 1, 2 e 5. Ficava ali do lado do SENAC, depois eu descia e ia para um pé de manga que ficava em frente ao Bonaparte, depois para o lado do Riviera Brasília Hotel, ou também lá atrás, nas Lojas Americanas e no Museu dos Correios. No quadrado (...) antigamente era quadrado, não sei como é que se chama hoje.

Entrevistador: Você pode nos contar como se davam as batidas policiais no Setor Comercial Sul?

Danny Wonderful: Tinha arrastão no Setor Comercial toda quinta e sexta. Chegava aquele monte de policiais no camburão, numa van ou ônibus, pegava a gente, todas travestis e putas, botava dentro do camburão e ia para a 1ª DP. Fui várias vezes para fazer ficha. A gente tinha identidade, mas perguntavam se a gente estava sem documento. Entendeu? Mas com ou sem documento, eles nos levavam.

Entrevistador: Era fácil chegar ao Plano Piloto todas as noites?

Danny Wonderful: Não era fácil, ficava muito longe da minha casa, mas de uma hora de viagem. Quando tinha as vans, em 2000, era rapidinho para chegar, mas quando eu ia de ônibus tinha aquele povo te xingando, com cara feia e você calada.

Entrevistador: Mas com passar do tempo você se tornou conhecida? Algo mudou na relação com as pessoas?

Danny Wonderful: Depois de anos, quando eu ia e voltava: ‘Nossa, chegou a Nervosa!’. Tinha um rapaz que vendia as bebidas dentro do ônibus. Os bofes já me davam bebida: ‘Toma nervosa!’. Opa! cheguei aonde eu queria.

Entrevistador: Você foi movida por um sonho que te ajudou a enfrentar todos esses obstáculos?

Danny Wonderful: Pra você vê, quando eu cheguei aqui em Brasília, eu falei: Eu vou comprar uma casa na Bahia. Como Brasília me acolheu, hoje em dia eu amo, comprei aqui. Entendeu, tenho meu carro, minha casa. Então, sonho realizado, mas eu tinha esse sonho de ter, mas foi realizado. Graças a Deus e com sucesso.

Entrevistador: Você nos relataria um episódio de violência por parte da polícia?

Danny Wonderful: Era sexta feira, umas 10 horas da noite quando chega esse policial em uma van: “Vocês! Vocês!”. Nossa, deu uma cassetetada na minhas pernas que o silicone mondrongou, até hoje. [Pergunto onde havia acontecido] Na garagem que a gente descia pra fazer programa, no Setor Comercial Sul, no “Rato”, no “Buraco do Rato”. Pois é, estou lá, ficando com o cliente, quando eu olho pra cima, quem está descendo? Esse policial e outro magro que também odiava travestis e que não gostava que a gente descesse nas garagens para fazer programa. Aí ele me pegou, me bateu, eu fui em cima dele na época. Nossa, eu sei que apanhei tanto, me deu tanta paulada no corpo. Acho que ele pensa que o fato dele ser a lei, tinha o poder de fazer isso.

Entrevistador: Uma outra questão que eu gostaria de saber diz respeito aos golpes. Você já levou algum?

Danny Wonderful: Já, antigamente, quando os clientes davam cheques. Tinham aqueles que davam os cheques e depois sustavam. Não sei o que era, a gente ia no banco e não compensava. O cheque não entrava e a gente ficava com o pé atrás, entendeu? E quantas vezes minha gerente de Planaltina me ligava para falar o negócio do cheque e até dinheiro falso, quando tinha aqueles

envelopes que a gente colocava lá! A gerente ligava para dizer que tinha cédula falsa. Ainda bem que ela já me conhecia. Ela me via em Planaltina, ela já sabia do que eu trabalhava. Eu falava para ela: olha, amiga, esse dinheiro quem me deu foi o cliente. O cheque quem me deu foi o cliente e eu nem sabia que era falso.

Entrevistador: Em algum momento você me disse que havia levado tiro e facada, poderia falar um pouco mais sobre esse episódio? Foi no Setor Comercial Sul?

Danny Wonderful: Eu levei o tiro de um traficante. Eu vinha com 4 amigas rumo à Pollyelle e ele acertou em mim, o outro na minha amiga e o outro acertou na mulher dele, só que o meu foi mais grave. Tiveram que costurar o intestino grosso. Eu conhecia o rapaz, Bruno. Bruno era o nome dele. Ele era um rapaz até de boa, tranquilo, mas doidão de drogas, né?

Entrevistador: E você sentiu medo?

Danny Wonderful: Pior que não, porque quando a gente está nessa vida, a gente não sente nada. Não, você não vê nada. [...] só dá vontade de tomar água.

Entrevistador: A vida no Setor Comercial Sul era intensa. Quem era a dona do pedaço?

Danny Wonderful: Quem mandava era a Savana. A Carla Facão, inclusive, eu descia para ela. Eram as cafetinas. Havia brigas constantes entre elas. Savana não queria que as bichas da Carla descessem, e por isso, dava aquela confusão toda, tiro ou facada.

Entrevistador: Com relação à praça de alimentação do Conjunto Nacional de Brasília, você fazia algum tipo de pegação ou programa naquele espaço?

Danny Wonderful: Não, eu ia lanchar. Eu observava que geralmente eram os gays que predominavam naquele lugar. Entendeu? Eu vejo muitos gays indo para o banheiro. A gente observa os olhares e eles indo atrás dos bofes. Os bofes também gostam. Ali naqueles lugares, nós travestis não podemos entrar no banheiro masculino.

Entrevistador: E sobre fazer banheirão na Rodoviária, pode nos contar algo?

Danny Wonderful: Pois é, eu ia ao banheiro da Rodoviária quando chegava e quando eu saía do trabalho, ali da 716 norte. Eu ia caminhando por ali, caçando, não é? Porque a gente quando é gay, a gente caça demais. Eu ia para a Rodoviária e ficava olhando. Eu tinha um rapaz que era encarregado da Rodoviária e eu ficava com ele dentro do banheiro.

Entrevistador: Por meio da sua fala percebo que as práticas de sociabilidade, entre tantas outras, sofrem variações de acordo com o contexto e o espaço. Elas parecem contribuir com redes de solidariedade entre pessoas que compartilham os espaços. Gostaria de falar sobre isso?

Danny Wonderful: A prática da vida no Setor Comercial Sul (SCS) era dentro do carro, na rua, nas garagens, em hotel. Tinha uns amigos meus que trabalhavam ali na INFRAERO. Então eles falavam: Nossa, Danny! Eu vi o cara te pegando de jeito, hein! E tinha vez que ele dizia: Nossa! Eu vi tu pegando o cara de jeito. Aí eu ficava morrendo de vergonha.

Entrevistador: Tem alguma memória sobre travestis que ficaram pelo caminho? Você conheceu a Jéssica de Planaltina? Gostaria de compartilhar?

Danny Wonderful: Lembro-me sim, da finada Jéssica (Lobo Mau), que morava em Planaltina. Ela Foi assassinada, eu não vi o corpo, mas eu tenho lembranças dela. É isso, aquele corpão bonito. Nunca esqueci, quando eu andava nas boates lá do Conic, que ela chegava com aquela saia curta, descendo as escadas.

Entrevistador: Em algum momento você assumiu o lado da cafetinagem?

Danny Wonderful:... no Setor Comercial. Eu acho que é de tanto eu apanhar dessas bichas que me dá revolta, entendeu? Ali (no Setor Comercial Sul (SCS)), logo quando eu cheguei, era horrível: “você não vai ficar aqui”. Ai elas falavam: “não, é porque você paga pra Carla Facão”. Até as próprias putas: “você não vai ficar aqui”. Tinha uma tal de Kátia (cafetina), uma mulher de Sobradinho. Aí eu to no lugar que ela ficava, né? Ali no SENAC, perto da pista, tinha um banquinho. Kátia ficava ali com as putas dela. Quando dava 10, 11 horas da noite, ela ia embora e eu descia. Mas tinha vezes que eu ia pra lá, aí ela dizia: “olha Buceta [outro apelido como Danny era conhecida], pode sair daqui, procure seu lugar”. Aí eu descia mais pra baixo e ficava numa descida que dava acesso à garagem dos Correios. Aí fica ali de boa...

Entrevistador: O que te levou à prostituição? Sei que pode haver vários motivos, poderia narrar o principal?

Danny Wonderful: De doméstica, fui trabalhar no Norte Grill, era R\$ 170,00 o salário. Foi bom! É bom porque eu tenho uma história pra contar, se eu preciso desse valor. Onde que uma doméstica vai dar conta de pagar aluguel? Entendeu? De pagar aluguel, pagar as contas todas e juntar dinheiro para comprar um apartamento, comprar casa, fazer casa para sua mãe. Com certeza, não tem como.

Narrador: E sobre o uso de drogas, você tem alguma experiência que possa nos contar?

Danny Wonderful: Não uso não! Mas já usei. O Setor Comercial para mim foi uma escola, um aprendizado. Igual eu falo para minha amiga que mora aqui: cara, o Setor Comercial sai de você, mas você não sai do Setor Comercial. Você acha que vai ganhar tudo no grito? Não é assim que se toca, seja educada, seja fina, já estamos velhas. Entendeu? Ela fica puta comigo e diz: “Você já aprontou?”. Sim, já aprontei. Estou acabando de te falar que eu não sou santa, não fui santa no passado, mas é uma coisa que eu não quero mais na minha vida.

Entrevistador: Como encontrar Danny nesse universo que é o Setor Comercial Sul?

Danny Wonderful: Se tentarem encontrar a Danny, dificilmente acharão pelo nome. Lá, eu sou Buceta, fiz história naquele lugar. Causei. Ali tem história! Você chega ali e pergunta quem é Buceta, todo mundo te informa. Porque ali eu tenho uma história. Eu tenho uma história.

ENTREVISTA IV

Trecho da entrevista concedida por SURFISTINHA, Bethynha. Entrevista III. [09-2022]. Entrevistador: Alexandre Magno Maciel Costa e Brito. Brasília, 2022. Arquivo MP3 (1h44m03s). Por razões éticas e para proteger a privacidade da pessoa entrevistada, foi decidido não incluir a entrevista completa. Essa escolha foi feita considerando a sensibilidade dos temas abordados, a confidencialidade da colaboradora participante e a natureza do campo de estudo explorado na tese.

Entrevistador: Boa tarde! Gostaria que se apresentasse, por favor!

Boa Tarde! Meu nome é Bethynha Surfistinha, nasci em 1971 e venho de Belém do Pará. Eu sou uma mistura, já que eu tenho traços indígenas, mas corre sangue europeu nas minhas veias.

Apresentador: Que memórias você traz daquele período em que ainda estava no Pará?

Bethynha Surfistinha: Devido eu não poder me auto declarar – ser gay – dentro da minha casa, eu tinha muito medo do preconceito. A partir do momento em que eu fui vivenciando com outras pessoas, foi que eu comecei a entender que era isso que eu queria. Eu fui criando mais coragem para assumir minha sexualidade, dizer que eu era gay. Então dentro da minha casa [...], sendo o caçula da família, uma das pessoas mais paparicadas, as atenções eram para mim. Eu sentia que meu pai era um machista.

Entrevistador: Como foi sua primeira experiência em um bar gay?

Bethynha Surfistinha: Quando chegamos ao bar gay, pronto, senti uma liberdade. Então conheci um rapaz jovem, pois fazia pouco tempo que eu tinha me assumido. Eu era daquele lugar, mas foi a primeira vez que eu tinha ido a um bar gay. Senti que eu não estava só. Eu disse: "Vamos lá!" Aí, quando a menina não me deixava com o rapaz, eu dizia: "Você é gay?"

Entrevistador: Como surgiu a ideia de deixar Belém do Pará?

Bethynha Surfistinha: Sara estava passando por um processo de transição hormonal. Então ela me disse: "Bethynha, vamos embora para São Paulo?" Me subiu uma coisa e eu disse: Olha, eu vou pegar a minha pensão e vamos embora.

Entrevistador: Gostaria que falasse um pouco mais sobre essa saída do Pará!

Bethynha Surfistinha: Nós chegamos no posto e perguntamos: você está indo para onde? Maranhão! Leva a gente? Subimos no caminhão e fui deixando tudo para trás, Belém, Pará,

fomos embora. Eu saí sem nada, com a cara e a coragem, sem documento, sem nada! Nem com certidão, nem nada! Deixei a minha família para trás. Vamos! Chegamos no Maranhão, Açailândia, a primeira cidade que nós paramos.

Entrevistador: Foi tranquila a passagem pelo Maranhão?

Bethynha Surfistinha: Parecia que ia ser tranquila até a gente recusar sair com um caminhoneiro da região. Ficou revoltado! Ele começou a falar para os caminhoneiros que não nos levassem, não dessem carona, porque a gente não valia nada e que não nos conhecia.

Entrevistador: Ao chegar no Distrito Federal vocês foram para que lugar?

Bethynha Surfistinha: O caminhoneiro havia prometido nos deixar no Guará. Quando chegamos lá estávamos muito cansadas e fomos para a marquise de um prédio. colocamos nosso lençol e deitamos lá. Era difícil dormir, então a gente cochilava um pouquinho e acordava. De manhã bem cedinho uma senhorinha chegou e disse: “Minhas filhas você dormiram na rua? Eu vou à igreja e quando eu voltar levo vocês para comer alguma coisa.

Entrevistador: O que mais ela disse?

Bethynha Surfistinha: Fica aqui para o almoço, que meus filhos vão chegar! Uma olhou para a outra, é melhor a gente ir embora, a gente vai ter que ir embora. A gente não sabe a reação dela, que é uma senhorinha, a dos filhos, o que eles vão falar.

Entrevistador: Do Guará vocês foram para onde?

Bethynha Surfistinha: Mais uma vez pegamos carona e fomos parar na Rodoviária do Plano Piloto. Dentro do caminhão, Sara parecia ser a dona do lugar.

Entrevistador: O que ela fez?

Bethynha Surfistinha: Minha amiga viu as mexericas do rapaz, tinham dois sacos. Ela conversando e chupando o tempo todo.

Entrevistador: E ao chegar na rodoviária...

Bethynha Surfistinha: A gente estava com muita fome e ao mesmo tempo, cansadas. Eram muitas as incertezas. E outra coisa, a gente precisava tomar banho. Do nada, Sara parecia criar forças e então ela me disse: “Mulher, a gente tem que arrumar alguma coisa para comer”. Então pedimos na lanchonete e ganhamos aqueles salgados dormidos, mas que aliviaram a nossa fome.

Entrevistador: Além de comida, o que vocês encontraram na rodoviária?

Bethynha Surfistinha: A rodoviária foi um achado em nossa vida. Do nada, a gente avistou umas travestis descendo de um ônibus. Perguntaram de onde que nós éramos, foi quando eu disse que era de Belém. Então, uma delas faz o seguinte convite: “Vamos com a gente! Vamos levá-las para o ponto! Se ganharem alguma coisa, levaremos vocês para onde a gente mora”. A gente estava no ninho das cobras e não sabíamos. Uma deles pergunta se a gente bebia, pois caso fizéssemos algum programa, iríamos tomar um otizinho para comemorar. Todas ficaram muito colocadas. Como não conhecíamos nada da cidade fomos para o Valparaíso e voltamos, sem descer do ônibus. Ficamos desesperadas.

Entrevistador: Como foi a nova vida no Valparaíso?

Bethynha Surfistinha: Era um quarto para nós duas e se não desse certo o programa, Sara pagaria as duas diárias. Logo tudo se ajustou e os programas foram acontecendo e eu ganhei a confiança de Morgana, a dona do lugar. Sempre tive a colaboração das meninas na hora que eu ia me montar. Espuma para todo lado. Eu dizia: Gente, eu quero um quadril! E as ‘bichas’ diziam: “Vamos preparar um quadril para o ‘viado’”. Eles fizeram e fiquei parecendo uma sereia. Gente, que calor infernal é esse?

Entrevistador: Então a sua montagem era uma aventura?

Bethynha Surfistinha: Como eu era bem magrinha – eu era mais do que eu já sou –, eu botava algumas quatro ou cinco calças, umas por cima das outras, pra dizer para os homens que era aquele corpo. Quando tirava a roupa, ficava aquele grilo. Tinha homem que ficava olhando: ‘que diferença!’. Tinham homens que olhavam, mas que queriam bichas novinhas, viam pelo rosto. Tinham uns que iam pelo rosto, por queriam aquela juventude, né? Outros iam pelo corpo. Você sabe que tem homens que tem tesão por siliconadas.

Entrevistador: Como se deu a vida no Setor Comercial Sul?

Bethynha Surfistinha: Antes de eu chegar, Morgana era muito conhecida no Setor Comercial Sul. Ela frequentava os inferninhos e a New Aquárius. Naquele tempo ela já tinha ido para Europa e possuía uma grande fama. Se mexesse com Morgana e ela sáisse do Valparaíso com o carro cheio de puta a coisa não ia ser boa. O Setor Comercial Sul marcou minha vida. Eu ficava perto do Hotel Nacional, trabalhei perto dos Correios, na rua do Hospital de Base, mas a da rua do hospital foi o lugar que eu mais gostei. Eu sempre lembro dos momentos que vivi no

Setor Comercial e às vezes falo para minhas amigas quando passo nesses lugares: é aqui que eu ficava; dancei; apanhei; corri da polícia.

Entrevistador: Você apanhou de quem?

Bethynha Surfistinha: de cliente. Da polícia, já levei uma surra na 1ª DP (Delegacia de Polícia), acusada de uma coisa que eu não tinha feito, só que eu não abri minha boca para dizer que tinha feito. [Você não conseguiu se defender?] Não, porque foi o delegado que me levou para uma salinha. [Você lembra do nome desse delegado?] Não! Até hoje eu levo pessoas que a gente atende na 1ª DP. Aí eu digo: será que eles não lembram de mim, da minha cara? Mas não é por medo. O que eu não tenho de boas lembranças do Setor Comercial era o tempo que eu bebia, me drogava e me jogava na rua. Isso não são boas lembranças para mim, certo? Mas das meninas, do campo... sabe que o setor comercial foi revitalizado? Não tem mais fluxo, agora está na Asa Norte. Estão todas indo para a Asa Norte, tem até donas do ponto, não é só chegar e ficar. O Setor Comercial Sul na época que eu fui, não era só chegar e ficar.

Entrevistador: Você continuou com as espumas?

Bethynha Surfistinha: Sempre *pirelli*, sempre *pirelli*. Quando eu me colocava, os *pirellis* ficavam todos tortos. A bicha me arrumava. “Bethynha olha como seu peito está! Um baixo, outro alto”. Eu não quero mais nem saber. [...] As bichas lembram de mim! Quando eu bebia, eu era uma bicha louca, inconveniente, chata e queria que elas dissessem: “lá vem aquele viado”. Mas quando eu tinha dinheiro, não me gabando, eu sempre tirava o meu. Carla Facão nesse momento era minha cafetina e fica muito preocupada. Sempre me dizia: “Bethynha, olha a rua!; Bethynha, o que está acontecendo contigo?”.

Entrevistador: Seu problema era álcool ou tinha outras substâncias?

Bethynha: Primeiro a bebida, depois a maconha, parti para a merla e por fim, o crack. Fui ao fundo do posso, mas houve um momento em que disse para mim mesma: isso vai ter que mudar. Sabe de uma coisa? Isso não é mais para mim, não. Estou ficando uma bicha velha, lerda, doida, sem nada. Busquei ajuda no CREAS Diversidade e no CAPs.

Entrevistador: Você acha que acertou nas escolhas em relação ao seu corpo?

Bethynha Surfistinha: Eu sempre fui desse jeito, por isso nunca quis usar hormônios e nem silicone. Tem meninas pagam qualquer preço para terem aqueles corpões. Eu nunca tive ambição, nunca tive ganância!; o que é meu é meu. Vi muitas meninas reclamarem do

desempenho sexual depois do uso de silicones e hormônios, por isso fiquei nos *pirellis*, porque eu gosto de ser o ativão!

Entrevistador: Percebo que suas memórias passam pelo Setor Comercial Sul. Nesses momentos mais complicados, você sentiu sua dignidade atacada?

Bethynha Surfistinha: O Setor Comercial Sul foi um aprendizado muito grande, uma lição de vida que eu tive, uma visão das noitadas e da prostituição. A gente passa por agressão, tanto física como verbal. A gente é vista como marginal ali na rua. Há famílias que dizem que onde há prostituição, há tráfico, assalto e só coisas que não prestam. A polícia nunca dava razão para a gente. Sempre quem tinha razão era aquele safado que estava errado, que por ter uma família, um emprego, possuir uma casa própria e ser um homem sério, que diz ser digno daquilo que não é. A polícia dizia: o cara saiu da casa deles para vocês assaltarem [...], nada era levado em consideração, vocês chegam aqui para roubar. Já passei por tantas coisas, por tudo isso. Mesmo sendo aquela bicha que não era de briga. foi só quando eu tive aquela experiência. Estou te contando que não vêm lembranças boas do meu tempo, do meu passado, de usar droga. Não foi uma experiência boa, porque tenho marcas no corpo, não é? [...] Muitas amigas antigas falam: Betinha, graças a Deus que você está aqui, porque você é insuportável, enjoadíssima. Mas, graças a Deus, sim. Já vi menina do CONIC, que assaltou um homem lá dentro, quando chegou no ponto, o cara matou ela. Perdi muita gente no caminho. Muitas coisas eu não lembro por estar muito colocada. Então eu esquecia. Eu bebia muito! A gente bebia só conhaque. O que quisessem me fazer na rua? Não estava ali.

Entrevistador: Então os momentos de tensão eram grandes naquela região.

Bethynha Surfistinha: Olha que aconteceu com minha amiga travesti: Ela foi fazer um programa com um rapaz. Quando voltou, os caras o mataram dentro do carro. Nisso, a polícia começou [...]. Aí falaram que a gente só vivia juntas. [...] Nesse dia, todas nós estávamos bebendo. E quando a gente bebe, se a gente fala que a gente perde a consciência, tem gente que não acredita. Eu não tenho o que falar! Eu vou numa delegacia e vou falar o que? Eu digo que não lembro, não tem como eu dizer que eu lembro. Eu nem sabia que o rapaz tinha morrido ali. O homem morreu ali naquele estacionamento do Pátio Brasil! Voltando para o Setor Comercial, o rapaz foi morto ali. Ela ficou desesperada, a gente achou que ela tinha ficado meio louca. Ela também fumava com a gente. Eu perguntei para ela o que foi que aconteceu: ‘Uns homens vieram assaltar, ele reagiu, meteram a faca nele’. Você falou que a gente estava junto?: “Não!

Só falei que a gente estava bebendo todo mundo junto!” Mas eles queriam que colocassem a gente como testemunha.

Entrevistador: Em meio a essas confusões todas você conseguia receber seu dinheiro certinho?

Bethynha Surfistinha: Uma vez um rapa me pegou lá no setor comercial, me levou para um motel, após o programa, quando chegou em frente ao Conjunto Nacional. Ele me diz: “Muito obrigado”. Hã? Um homem imenso, forte. Disse: “olha, muito obrigado.” Eu digo sim! “É tchau, não tem, não vou te pagar”. E nesse dia ele estava se injetando, né? Desci do carro, mas quando foi na outra semana, ele vai descendo no CONIC para comprar droga. Estamos eu e minha amiga. Eu digo: Olha aquele homem que me deu o golpe. Cheguei pertinho dele: Oi, você lembra de mim? E minha amiga, já com uma garrafa na mão, pois eu havia contado o que tinha acontecido. Aí ele já me deu o dinheiro que me prometeu naquele dia. Me usou, abusou e não quis me pagar. Uma outra vez, homem gostou de mim, aí me abraçou e disse: “Vamos lá no CONIC tomar uma cerveja?”. Vamos! Quando ele abriu a carteira, cadê o dinheiro? Ele vira para mim: “cadê meu dinheiro?”. Você está doido? “Cadê meu dinheiro?”. Ele estava falando que eu peguei o dinheiro dele. A gente sempre levava a culpa.

Entrevistador: Para a gente encerrar, faça suas considerações finais sobre sua vida no Setor Comercial Sul.

Bethynha Surfistinha: Nessa vida no Setor Comercial Sul eu vi muita coisa ruim, vi racismo: “Além de ser viado é preto”. Outras vezes a ouvi da própria polícia: O viado não tem nem cabelo e quer ser mulher”. Mas eu também vi muita coisa boa, coisas que eu sinto saudades. Aprendi a me valorizar e a me respeitar. Eu sempre digo para as meninas mais novas: Eu amei a juventude que passei (...) Eu não me troco por vocês, não. Vocês podem pegar todos, mas sempre vai sobrar um pra mim.